REVOLUÇÕES CISPLATINAS

REVOLUÇÕES CISPLATINAS

TRABALHOS DO AUCTOR

RIOGRANDE DO SUL. Descripção physica, historica e economica.
CONSTITUIÇÃO DO RIOGRANDE. Opusculo.
PATRIA! Livro da mocidade.—***Adoptado pelo Conselho de instrucção publica do Riogrande do sul.***
DIREITO CONSTITUCIONAL BRAZILEIRO. Reforma das instituições nacionaes.—***Adoptado pelo referido Conselho.***
CODIGO FINANCEIRO DA REPUBLICA. Um projecto.
A LOGICA DAS REVOLUÇÕES. Pamphleto.

Em preparo:

REPUBLICA BRAZILEIRA. Homens e factos, segundo as lendas correntes e a historia imparcial.
RIOGRANDE DO SUL. 2.ª edição refundida e completa.
JORNADAS DE ANTANHO. Narrativas historicas.

PORTO — Imprensa Moderna

Bento Gonçalves

Pag. de rosto do
1.º vol.

ALFREDO VARELA

REVOLUÇÕES CISPLATINAS

A REPUBLICA RIOGRANDENSE

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
RUA DAS CARMELITAS, 144
1915

Á idolatrada memoria de minha Mãi

«Na suprema harmonia das cousas humanas, jamais devera desapparecer diante de nós, tudo quanto representa a irradiação sublime da intelligencia, os thesouros de um bom coração, o ideal, a poesia da vida. Todos esses dons ineffaveis, eu os vi um dia reunidos em uma natureza de eleição, aquella que na Terra se chamou — Rozita Varela. É esta a sua illustre Mãi.

. . . .

Vai já para 40 annos que se fechou na Terra o cyclo de sua existencia. Mas perdura a mesma, em meu espirito, a impressão que me ella deixou, — tanta era a distincção, a dignidade, a elevação moral, que nella resplandeciam.» — Carta de 1903.

BARÃO HOMEM DE MELLO.

AO MEU RIOGRANDE

Amado berço! ....
Em ti ouido, a ti vejo, de ti falo.
Tu, só, em meu sentido,
Noute e dia incessante me appareces.

FRANCISCO M. DO NASCIMENTO.

Ha mais de três decadas, um rapazito de 14 annos, inflammado no culto das tradições patrias, jurou a si mesmo dedicar-se á comprovação do que negava a chronica interesseira, para a qual eram homens destituidos em absoluto de toda e qualquer fé politica, os rebeldes de 1835. O adolescente creara-se no ambito da primitiva conspiração, presumia ter apanhado o que nella se tramava, grata confiança lhe segredando que era o verdadeiro ideal dos combinados, o que se propunha fixar.

Com a religião dos principios republicanos, bonissimo avô lhe havia insinuado outra nos sentimentos, a da suave memoria de uma creatura angelica, prematuramente desapparecida, e logo destinou o livro em projecto á sua querida morta. O imperio de circumstancias em que outros motivos de civico interesse o mantinham envolto em pugnas afincadissimas, por demais fizera preterir, entretanto, a homenagem piedosa. Hoje, porém, o voto do patriota noviço e do filho extremoso está em vias de saldar-se, senão com a gloria sempre cubiçada nos verdes annos, com a honra de cumprir-se na idade madura, a promessa da juventude.

Chegada esta hora de encetar o trabalho definitivo, o peregrino que a má sorte politica dirigiu á região longinqua, volve os olhos para aquella em que repousam os sagrados restos a que vai dedicar a offerenda de antigo empenho; e se o coração triste repete que

nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria, logo o alenta o espirito, com a doce philosophia da historia. Firmam seus melhores ensinos, que não deve nunca desesperar de si aquelle povo abatido, diante de cujos archivos o annalista depara em expressivas acções do passado — limpo, nobre, luzidissimo! — os materiaes constructores de um porvir semelhante.

E em face dos que temos em reserva, se elle um momento soltara duvidoso o cinzel com que gravava, em tosco, mas firme bronze, os fastos de tuas immorredouras façanhas, amado berço; retoma-o logo depois tranquillo, prazenteiro: revêl-as no espirito é confiar na tua resurreição e relembral-as é viver outra vez, — não com escravos, com a sombra dos heroes e dos livres. Soerguida, a mente baniu das vistas o lamentavel espectaculo transitorio, no enlevo do que perdura, num explendor de gloria; immersa agora no mais desvanecido jubilo, invoca a inspiração de altas lembranças nativas: — TERRE, ENVELOPPE-MOI DE TON GRAND SOUVENIR!

Yokohama. Japão. 30 de abril de 1911.

ALFREDO VARELA.

SUMMARIO

1.º TOMO

2.º TOMO

3.º TOMO

VIDE NOTA NO APPENDICE

CAUSAS PREDISPONENTES

> Les causes des révolutions sont toujours plus générales qu'on ne le suppose.
>
> GUIZOT.

REVOLUÇÕES CISPLATINAS

A REPUBLICA RIOGRANDENSE

O Imperio que os portuguezes fundaram nas Indias occidentaes, como o de Roma,[1] dividia-se em provincias de diverso typo hierarchico (as capitanias, geraes ou subalternas) e em governos militares. O Riogrande do sul teve a ultima categoria;[2] passou depois a gosar das outras duas, em diverso periodo da historia, mas, foi isto um simples facto nominal: effectivamente, nunca deixou de ser um presidio, um acampamento bellico, um confim onde as armas tiveram continuo exercicio e absoluta soberania.[3] O predito territorio representava para a nossa, o que a Gallia-maior, para a metropole do Tibre: séde da principal fronteira, com um *mar dulce* ao sul, termo das excursões sertanistas para a banda do polo, como o mar do Norte o foi, para os conquistadores do mundo, que ali padeceram o grande desastre de Germanico, quando ousaram transpor os limites que o destino fixava á actividade guerreira da epoca.[4] Fugindo a identicos ou analogos contratempos, os nossos antepassados se detiveram naquella barreira natural. Se, para o flanco direito, mais de uma vez, como as famosas legiões, ultrapassaram o Rheno americano, atraz do Arminio da Pampa; advertidos de uma prudencia que faltou áquellas, reverteram prestes áquem do Uruguay, — com o quê, se não extenderam o dominio da coroa, tambem não deixaram sobre os ermos da mesopotamia argentina, nenhum monumento funerario, attestante de catastrophe parecida á que anniquilou os companheiros de Varo.

A semelhança de que uso, vem tão a proposito, que ainda numa cousa os traços existenciaes da vasta communidade pristina se reproduzem na do Novo-mundo: para alem do meio-dia da região submettida por Julio Cesar, uma cidade sublimava entre as multi-

---

[1] Mommsen, «Droit public romain», III, 279.
[2] O geral dos auctores menciona só aquellas e esquece esta.
[3] Saint-Hilaire, «Voyage à Riogrande do sul», *passim*.
[4] Tacito, Opera, «Annaes», II, 24.

dões iberas o apego á *urbs* augusta — Sagunto — e por igual erguia o nome da Lusitania, entre os estabelecimentos hespanhoes, uma outra, tambem ao sul da nossa mais disputada extremadura — a Colonia-do-sacramento, onde se renovaram jornadas antigas, onde em uma phase dramatica se concentravam todas as palpitações da incipiente vida nacional: como em a primeira, momento houve de pugnas commoventes em que sabida a queda aziaga de muros lendarios, se abysmou em sombras a alma dos pais da patria, absorvidos em dolorosa unisonancia o complexo dos pensamentos da curia magestosa, cujos mais fortes espiritos, com a multiplicidade dos abalos, menos deliberavam, que se perdiam em vãs agitações: *ut, tot uno tempore motibus animi turbati, trepidarent magis, quam consulerent.* [1]

A circumstancia antes memorada teve influencia decisiva no desenvolvimento *sui generis* do paiz raiano. Se «essa eventualidade, como assenta em seu claro e rigoroso estylo o doutissimo João Ribeiro, assignalou desde o berço o caracter do povo», [2] que houve do molde militar prendas meritorias e muito do cunho peculiarissimo de sua evolução; firma tambem ella o grau das profundas perturbações que soffreu a correspectiva existencia material, sobremaneira entorpecidos os melhoramentos locaes. O que medrou entre o choque das batalhas e a devastação das tropas regulares ou irregulares, equivale a um milagre das forças economicas, impondo-se preponderantes a quaesquer outras, a despeito dos mil obices de arruinadora estatocracia; [3] obices aggravados por anemisantes vexames de um fisco ultra-roaz, [4] e outros infinitos onus de absurda e gasta machina administrativa, cujo perro andamento consumia, quasi sem proveito algum, a substancia da communidade, [5] coarctando, ainda por cima, os minimos tentamens de commum aperfeiçoamento. [6] Portentosa a riqueza do solo, rijos de corpo e alma os colonisadores, bastaram ao trabalho de algumas poucas gerações, mais as mercês do azar que os favores officiaes, para que triumphasse; vencidos com galhardia, não só os embaraços de uma auctoridade semi-barbara, como os que geravam os eternos conflictos de duas dynastias inimigas na Europa, prolongando em ultramar as pendencias e discordias peninsulares. De umas e outras calamidades viam-se os terriveis effeitos nas amplidões antes floridas, depois transformadas naquellas que a «Biblia» pintava assoladissimas: *desolatione desolata omnis terra.* [7] As energias vitaes eram, comtudo, para superar as maximas adversidades, qual se observou depois de soffri-

---

[1] Tito Livio, Opera, XXI, 16.
[2] «Historia do Brazil», 357.
[3] Saint-Hilaire, *passim.*
[4] Principe dom Pedro, Manifesto de 1 de agosto de 1822. Vide «Gazeta do Rio», de 20. Collecção em meu archivo.
[5] Pereira da Silva, «Historia da fundação do Imperio brazileiro», I, 63.
[6] Cit. Manifesto.
[7] Jeremias, XII, 11.

das as duras consequencias derradeiras, da velha competencia entre as côrtes de Lisboa e Madrid, ou mais justamente, as consequencias da imperdoavel ambição da primeira. Após «uma guerra injusta e desastrosa, como mal emprehendida, onde, alem da perda irreparavel de 3.000 cidadãos uteis, se esgotaram 50 milhões de cruzados» [1] (sacrificio cujo mais rude peso recaíu sobre o Riogrande); talentoso francez, decorridos apenas seis annos, consignava em seu livro de viagem, um assombro de pujante renovamento: «A face desta dilatada provincia mudou a ponto de se tornar desconhecida, aos olhos de quem a percorreu, antes da lucta do Imperio com a Republica Argentina. E hoje uma provincia indispensavel ao Brazil, porque é capaz sósinha de abastecel-o» de victualhas e outras provisões, «emquanto ella, em caso de necessidade, poderia dispensar o concurso das co-irmãs», pois que os naturaes «sufficientemente produzem o preciso para o seu consumo.» [2]

Mudada em verdade ficara sob todos os aspectos, cumpria reconhecer! De par com a economia material, a de especie moral executava reacções salvadoras, em nada inferiores ás que surprehenderam ao agudo estrangeiro, pois que, ao fim da propria guerra a que se refere, a provadissima gente, sem extravio de uma hora, se dispõe a dar um feliz remate á longa evolução preparatoria, assumindo corajosamente as arduas responsabilidades de adiantadissima reforma politica, que outros gremios da mesma raça não ousavam iniciar! De facto, quando se perdiam elles em compromettedoras hesitações, tolerantes com uma insufficiente solução constitucional e com a persistencia de obsoletas iniquidades, a mais nova das circumscripções da colonia recem-emancipada, a derradeira a incorporar-se á cultura occidental, a que mais docil se devia mostrar, por ter gemido como nenhuma, sob a acabrunhante carga da velha tyrannia; [3] resolutamente e abnegadamente se lança á frente de todas, escolhe para si a posição de mais risco, alinha-se na vanguarda do movimento reivindicador e liberal!

Exhibe o caso o solido fundamento do proloquio em que a sciencia, num de seus rudimentares ensaios, firma haver damnos que engendram bens. Não podiam ser mais revoltantes os que espalhara, a rumo de todos os ventos, a atroz concepção politica de antanho, e teriam elles exinanido o povo nascente, se o proprio giro natural dos acontecimentos lhe não propiciasse as mais fecundas compensações. Poude assim a funesta sementeira de espinhos caída em gleba prodigiosa, em vez da exclusiva colheita esperavel, multiplicar-se em asperrimos espinhos, sem lesar o grão da abundancia, do bem-estar, da prosperidade, da afortunada independen-

[1] «Observador», de 29 de outubro de 1832. Collecção em meu archivo.

[2] Arsène Isabelle, «Voyage à Buenos-ayres et à Portoalegre, par la Banda oriental, les Missions d'Uruguay et la province de Riogrande do sul, de 1830 à 1834», pag. 531.

[3] Saint-Hilaire, *passim*. Bento Gonçalves, Manifesto de 29 de agosto de 1838. Exemplar em meu archivo.

cia. A um escriptor de bom informe e claro engenho não escapou nem a dura condição das idades transactas, nem a desforra da natureza, ferida pelos artificios de inhumana prepotencia, de parvo desmazello, de tosca impericia.[1] A isso devemos (escreve), «que o embrutecimento ao qual eramos destinados pelos esforços de nossos oppressores, não fosse permanente; antes contra elles se revertessem, fazendo com que os males que o Riogrande tem soffrido desde que é Riogrande, hajam sido a causa do desenvolvimento da urbanidade e civilisação, que se observam nos filhos do Continente. O Riogrande em todos os tempos, foi obrigado a servir de instrumento com que os tyrannos de Portugal e Brazil satisfizeram seus ambiciosos caprichos; foi sempre a estalagem, a praça d'armas, das tropas com que o impio despotismo pretendeu esmagar a liberdade de nossos visinhos; e os riograndenses, sendo obrigados a servir em suas fileiras, adquiriram a destreza nas armas, exercitaram-se na tactica e disciplina militar». Descontavam-se os prejuizos com uma vantagem que de futuro havia de ter immenso prestimo e de que emanaria a que aqui se manifesta: dado «o genio hospitaleiro deste povo», incrementou-se fructuosa convivencia, de modo que «o trato familiar com os militares e pessoas de todas as condições», lhe trouxe por um lado, o que por outro lhe garantia «o seu natural engenho e agudeza, tudo concorrendo para o desenvolvimento e civilisação da mocidade», favorecida ainda, sob certo aspecto, por um valioso coefficiente de policia. Deparar-se-vos-á elle em «relações de commercio, amisade e consanguinidade com os nossos visinhos», que muito cooperaram para a «diffusão das idéas democraticas»; tamanha se mostrando que «com pasmo se ouve conversar e dissertar um simples soldado, sobre politica, sobre os differentes direitos do homem, sobre o regimen particular das sociedades, sobre diversas fórmas de governo, como se tivessem dado annos ao estudo do direito publico ou politico». Ajuntai ao que originaram estes factores de melhoria, o que defluiu da pratica de uma virtude corriqueira: «o serem os nossos patricios amantes do trabalho, pelo qual, ajudados da fertilidade do paiz, tem conseguido possuir fortunas consideraveis, com as quaes tem podido com grandes sacrificios mandar seus filhos mendigar por paizes extranhos, aquellas sciencias que poderiam sem custo ter no seu, ou pagar com grande dispendio a mestres, afim de que estes lhes dèm educação mais que primaria». Do concurso de quanto ficou summariamente exposto, «vem o nosso estado de progresso social, nosso amor á liberdade e independencia, dahi nasce a grande opposição que o Brazil em nós tem encontrado para nos incutir idéas re-

[1] João Francisco Lisboa, Obras, III, cap. XII. No immediato, o illustre maranhense, tal qual o escriptor do sul, attribue «ás leis eternas do aperfeiçoamento e progresso incessante da humanidade, e ao favor visivel da Providencia» o «surgir, galhardo um grande povo», «do seio de tantas miserias».

trogradas», sob cujas inspirações ainda «no seculo 19 pretende marchar» [1]

O auctor, de muito credito e merito no assumpto, aponta e commenta pela maneira constante do supramencionado resumo, as faustas e infaustas consequencias de uma situação social de physionomia singularissima. Conclue-se de sua doutrina, que apesar do muito que fazia para detel-o, até mesmo para retraíl-o a atrazados periodos, um Estado oppressor e expoliativo, o Riogrande proseguiu avante. Conclue-se que os mais deploraveis antecedentes não o prostravam, nem desanimavam: que, lucros e perdas computados, conseguira apurar um saldo benefico, inexistente em outras partes do Brazil, o que nelle antepunha obstaculo de monta ao fomento de transcendentes mudanças politicas e impediu o brado unisono de «*Republica ou Federação*», [2] emquanto que no sul tudo a isso encaminhava; sendo natural, até certo ponto, não se comprehendesse, no Imperio, o que melhores luzes tornavam de evidencia na fronteira do mesmo com o Rio da Prata, isto é, que «foi o resultado do progresso social» «o que nos impelliu no dia 20 de setembro de 1835, a romper um silencio vergonhoso, e a fazermos sentir ao governo do Brazil, que se não cança impunemente a paciencia de um povo livre: foi o resultado do nosso progresso social que levou os nossos patricios a correrem armados, a affrontar todos os perigos da guerra», para «darem a si, a seus filhos, e a todos seus descendentes, a liberdade, e á Patria, sua prosperidade e independencia !» [3]

Desta sorte se manifestou, desta sorte se justificava o magno evento que abrilhanta os nossos annaes, grandioso episodio que sobremodo illustra a America portugueza, magnanimo rasgo de fortaleza de animo, que só encontra parallelo condigno na imperterrita defeza do norte contra os batavos, ou, ao centro, nas fabulosas expedições dos «bandeirantes», [4] que tiveram nos gauchos, os lidimos continuadores, tanto no genio cavalheiresco, [5] em o amor das aventuras e emprezas, de que procede a opulencia de nosso patrimonio territorial, quanto parecidos no impetuoso ciume nativista, sentimento aliaz, que nuns e outros havia de correr fado mui diverso. Pois que, se a fidelidade ou fraqueza de Amador Bueno da Ribeira o conteve em S. Paulo, integro persistiu nos descendentes que os heroicos exploradores disseminaram nos desertos do sul — tronco do Riogrande vindouro —, sobrepondo-se neste a todas as resistencias, mormente depois de refrescados os estimulos de semelhante pendor, nas aguas lustraes do liberalismo do seculo, ao in-

---

[1] «Povo», de Piratiny, «jornal politico, literario, e ministerial da Republica riograndense», de 3 de Outubro de 1838. Collecção em meu archivo.

[2] Idem, idem.

[3] Idem, de 6 seguinte.

[4] Francisco de Sá Brito, «O vinte de Setembro de 1835», opusculo inedito, copia no meu archivo.

[5] Cit. Arsène Isabelle, 535, 536.

2

fluxo do qual se geravam as esperanças de melhor commercio entre as creaturas, de mais digna vida civica, que já entre nossos maiores tendia a ser a plena irmandade livre.

Difficil a tarefa de explicar tão rapido amadurecimento de uma consciencia collectiva, tão sublime firmeza em povo extremamente joven, tão prolongado esforço em communidade de mesquinho vulto numerico. A theoria da Revolução, antes reproduzida, de um dos conspicuos representantes intellectuaes da grande epoca, deixa em clara luz muitos aspectos até agora obscuros do arduo problema historico, e espero esclarecer os que ainda permaneçam indecifrados, com ajuda de um methodo fecundo, que ainda não logrou a confiança de que é merecedor.

Banindo em absoluto aquelle para o qual os phenomenos da categoria dos que me occupam, constituem um producto do arbitrio humano, nunca admitti o que interpreta como effeitos de um cego determinismo, todos os actos e factos de predicamento individual ou social. A verdade scientifica figura-se-me a encontravel em um meio termo, quero dizer, no processo positivo de investigação, que se apoia em solidos fundamentos scientificos, genialmente resumidos em profundo conceito philosophico: — As modificações quaesquer da ordem universal se limitam á intensidade dos phenomenos, cujo arranjo permanece inalteravel. Concepção é esta que concilia o que ha de legitimo, nas que foram mencionadas acima, por quanto erra a escola, que submette *in totum* aos caprichos da vontade individual, os referidos phenomenos, como erra a outra escola, competidora da primeira, no reduzil-os *in totum* a uma expressão das leis superiores e reguladoras do mundo organico e inorganico. A ellas se acham subordinados, mas indesconhecivel é, no estado actual de nossos conhecimentos, que as leis naturaes, se são immutaveis, tambem são modificaveis, o que nos permitte uma certa interferencia reformadora, como dilucida espontaneas reacções, — circumstancias que mudam em grau, a marcha das cousas, retrotraindo-as, paralysando-as ou accelerando-as, dentro de limites de variação proprios a cada departamento da natureza, — variação que tem o maximo de amplitude na orbita que nos é propria, na orbita humana. [1]

Quelli che s'innamoran di pratica sanza scienza, son come'l nocchiere, ch'entra in naviglio sanza timone o bussola, che mai ha certezza dove si vada». [2] A sciencia de bom quilate, para mim, é a que exarou o paragrapho antecedente. Desconhecer principios que dominam o da historia, como outro qualquer campo de investigação, é mergulhar no empirismo grosseiro e infertil do que tenta, sem leme e bitacula, pôr em rumos certos a quilha, para surdir avante, fazer proveitosa viagem, lançar a ancora em calmo surgidouro, o que só nos é licito depois de bem regrada navegação e com os in-

---

[1] A. Comte, «Philosophie positive», IV, 48.ª lição; «Politique positive», II, cap. 7. Pierre Laffitte, «Philosophie première», 6.ª lição.

[2] Leonardo da Vinci, «Frammenti letterari e filosofici», 65.

dispensaveis aprestos. Desejoso de que a minha modesta jornada espiritual obtenha esse exito, claro está que observarei estrictamente o que para elle é mister, segundo a impressionante lição do insigne artista-pensador. Conseguintemente, antes de proceder ao exame e desenho dos successos que se prendem ao memorado e memoravel dia 20 de setembro, tratarei de pesar com justa medida, primeiro, os modificadores de acção espontanea, quer os do meio physico e economico, quer os do meio social, interior e exterior, que agiram sobre a população da Pampa brazileira, predispondo-a a innovações radicaes do systema politico vigente; depois, os modificadores de acção systematica, internos e externos; em ultimo ponto, a somma de causas determinantes da ruptura da paz publica, occasionando a explosão revolucionaria, — a que precederam symptomaticos abalos, tambem descriptos, antes do relato do grande movimento que erigiu a Republica riograndense.

O CONTINENTE

Um escriptor, [1] descrevendo «o retalho da Peninsula que a historia fez Portugal, separado do corpo geographico a que pertence», nota quanto «desde logo se vê como a vontade dos homens pode sobrepujar as tendencias da natureza». A observação quadra perfeitamente ao remoto pedaço do Imperio lusitano, sito para a parte meridional do Brazil, onde tambem o esforço dos individuos dominou as circumstancias locaes e modificou o que pareciam inclinadas a instituir. De facto, a occupação, que foi descendo pela costa, ao chegar á Laguna, afastada por ũa marinha inhospita — terra e costa pouco «amorosa», segundo um manuscripto antigo [2] — prolongou-se até a Colonia-do-sacramento, sem nunca deter-se. A outra, a promovida pelos sertanistas, teve sorte semelhante: pararam elles nos campos geraes do Paraná, quebrado o vigor dos exploradores, ante a densa mattaria — «um medonho deserto de mais de 600 leguas, que serve de retiro a indios selvagens» [3] — e cuja espessa vegetação suppuzeram ir do sul de Curityba ao Uruguay, sem interromper-se.

Desanimando, largaram os rumos do meio-dia e metteram-se com empenho brioso pelos do quadrante de sueste, por onde a vegetação, menos basta, deu-lhes caminho para os hespanhoes confinantes, pela beira-mar. Foram sair em Lages, terras altas, a que seguiam outras, além, de todo planas, sobre o Atlantico. De ahi

---

[1] Oliveira Martins, «Historia de Portugal», I, 23.

[2] Do começo do seculo XVII, na opinião de Varnaghem. «Revista do Instituto», LXII, 1.ª parte, 25.

[3] Saint-Hilaire, «Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil», 352. Vide tambem officio de Luiz de Vasconcellos, na «Revista do Instituto», IV, 135.

para diante o terreno se abria livre ás incursões da conquista, se acaso encaminhada pela banda do rio da Prata: daquella, de onde á custo desceram, os obstaculos não podiam ser maiores: desertos cortados de caudalosos rios e bosques immensos, a que punha remate uma fragosa, dura, asperrima vertente. Ao chegarem ás abas meridionaes do chapadão que trilhavam, o terreno lhes fugiu aos pés, de golpe: como se estivessem em uma immensa «tribuna», [1] divisaram em baixo os paredões multicores descendo a pique, aos abysmos recamados de verdura luxuriante, de em meio da qual se ergue a crespa morraria subjacente, margeada pela cinta de fulvas areias da praia oceanica, erma e desvestida.

Passo não foi achado senão muito para o sul, aonde a serra se inclina rapidamente para oeste, descobrindo um declive a custo praticavel. Por ahi, a facão e machado, correu a linha serpenteante da primeira «picada», aberta uma vereda que se diria do inferno, tantos os penhascos, sanjas ou caldeirões, de que existem ainda os vestigios, na chamada «serra Velha».[2]

Tudo, conseguintemente, apartava os portuguezes e attraía os seus rivaes de ambos mundos. Estes, com os jesuitas, se foram estabelecendo sem embaraço de monta; corridos a ferro e fogo, de Guayra, pelos vicentistas ou paulistas, transferiram-se ás missões de entre Paraná e Uruguay, vadeando após o segundo rio e estendendo-se para léste até o Taquary e a Vaccaria. A natureza lhes fadava um commodo transito para estabelecimento de um dominio que tudo facilitava e garantia, quanto contrariava as pretenções dos visinhos do norte, que se determinavam a levantar os seus definitivos marcos, junto á ribeira do grande estuario da America austral. Para oppor-se-lhes, o lusitano havia de cruzar um sertão bruto, de centenas de leguas, luctando com a espessura das florestas e com a cheia dos infinitos cursos de agua. Entretanto, se em força lograssem vencer tamanha somma de obstaculos e puzessem em perigo a conquista espiritual, preparatoria da que ambicionava o governo de Madrid, os governadores, seus representantes, poderiam amparar os padres, com uma opportuna diversão, sem um sacrificio serio. Transpondo em barcas o Prata, qualquer tropa de Buenos-aires, ganho o lombo das coxilhas a oriente do rio Negro, alcançaria a pé enxuto o invasor, antes que tivesse ultrapassado as portas do recinto da vasta catechese.

Tão em casa se consideravam os hespanhoes nesta parte do continente colombiano, que avistados pelo sul os portuguezes, com a fundação da Colonia-do-sacramento, logo se dispuzeram a enxotal-os, de commum accordo com os consocios de roupeta, e ao partirem as forças da margem fronteira para expugnar-se o posto, foi da zona occupada por estes ultimos um forte contingente em coadjuvação e consta o papel mui principal que teve na façanha. A despeito, porém, da configuração adversa do solo, quanto

---

[1] Lindman, «A vegetação no Riogrande do sul».
[2] Celebrisada por José Garibaldi, em suas «Memorias», cap. XXV.

favoravel á previsa entrada dos missionarios, vanguarda silenciosa dos que imporiam o avassallamento á Hespanha, de todas as terras a levante do Uruguay; a energica vontade dos que falavam outra lingua firmou a presente constituição geographica do Riogrande do sul.

Os hespanhoes, cerceando o ambito da Colonia, fechavam o caminho ás planicies interiores: a seu turno, os jesuitas, que se tinham apossado do curso daquelle rio, por onde faziam o seu trafico mercantil, cobriam-nas pelo norte. Depois de assentarem explorações no valle do Jacuhy, procuravam por essa volumosa caudal chegar á barra de S. Pedro, com o proposito de ficarem senhores da bacia oriental, como o eram, já, da occidental, á sombra da bandeira de Castella. Mas, infelizes em tudo que intentaram no rio da Prata, com o objectivo de assegurar um dominio que tarde os preoccupava, os lusitanos foram mais afortunados na outra extrema do disputado territorio. Historío em outro lugar a demorada e lenta operação collectiva que effectuaram, por si ou por seus descendentes, em três quartos de seculo e com a qual se firmaram os padrões actuaes, assignaladores da peripheria da antiga provincia, hoje Estado federal: cumpre-me descrever tão somente o que é a obra que resultou dos gloriosos esforços de benemeritos antepassados, a cujo forte alento deve o Brazil um de seus mais importantes territorios, — o que teve a principio o nome de Continente de S. Pedro ou do Riogrande, capitania de El-rei, Continente, por abreviatura, e afinal Riogrande do sul.

Segregada da America lusitana a sua porção mais austral, pelos estorvos naturaes supracitados, a vasta parede separatoria não se ergue apenas como uma difficuldade a superar: expressa uma linha de profunda distincção, por quanto vereis que essa, a que me refiro, «fórma uma zona mediana» entre o Brazil propriamente dito e as regiões platinas. [1] Os estadistas se afadigaram por alcançar na meta fugidiça (o monte de Santo Ovidio), [2] o que entendiam ser o *limite natural*, quando não está por ali: está no Riogrande, porque é nelle que finda a natureza brazileira e começa a extranha. Isto é uma verdade, sob o aspecto topographico, e até mesmo geologico, botanico e zoologico.

O relevo muda em absoluto. O do sul da Republica, qual bem o desenha Witte, [3] resume-se em poucas palavras: a serra do Mar, alta cadeia de montanhas, soleva-se abruptamente na região do Rio-de-janeiro, estendendo-se para o meio-dia, parallela á linha littoral do Atlantico, e a poucas milhas, formando a borda exterior do grande planalto. Este massiço de montanhas, cuja altitude geral é de cerca de 1.000 metros, dilata-se por S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e morre para além de Florianopolis, immergindo no mar, antes de alcançar o Riogrande do sul. Permanecem apenas

[1] Elysée Reclus, «Geographia do Brazil», 31.
[2] Gabriel Soares de Souza, «Tratado descriptivo do Brazil», 99.
[3] Pag. 14.

algumas elevações que as vagas não conseguiram remover, da antiga linha da costa, que no actual municipio de Conceição-do-arroio, parece se inflectia para sueste, marcando-lhe o contorno os grupos de collinas, montanhas então, que se erguem nos municipios da antiga Setembrina [1] e Portoalegre, e com os quaes as serras do Herval e Tapes talvez formassem um systema, soerguido por sedimentação todo o terreno que hoje constitue o valle do Camaquã, praias occidentaes da lagoa dos Patos, margens do S. Gonçalo, e peninsula do Estreito, bem como a que lhe fica fronteira e se prende por um isthmo á Republica do Uruguay.

O naturalista, eu creio, viu claro, em rapido exame da conformação geographica. A serra do Mar «desapparece de nossas vistas», antes dos limites do Estado; o que nelle tem commummente essa denominação, e, depois, a de serra Geral, não é mais a cordilheira que, a começar da capital federal, acompanha o chapadão brazileiro, cosendo-se com elle, de espaço a espaço, sem entretanto confundir-se de todo com os ingremes taludes que exprimem a sua physiomia commum, para as latitudes de que me occupo. A serra, ao contrario, até Santa Catharina, conserva a que é propria a este genero de accidentes naturaes: as escarpas da immensa planura defrontam contra-escarpas da serrania, que progride a rumo do sul, entre ella e a orla de beira-mar, em multiplices desnivellamentos bruscos, succedendo-se por todas as bandas os acclives e declives rapidos, os valles profundos, os apertados desfiladeiros, as meias laranjas ou vivos alcantis, que se afinam em bicos pronunciadissimos, ainda que raro em agulhas.

Para além, principalmente para dentro das raias do Estado, a saliencia descomplica-se: desapparece a bem dizer o que resai antes da crosta do globo, na chaneza inferior e a par da que lhe fica eminente: some-se-lhe de todo o anteparo e fica descoberta «a borda externa da região do planalto». [2] Este, sósinho agora, empina-se, desdobrando-se em paredões a prumo, intermeados, de longe em longe, de contrafortes, que representam papel identico ao das pilastras de sustentação na architectura, — gigantescos botaréus, que amparam a massa colossal daquelles, e a que os filhos do paiz deram o nome de «aparados». A não ser nos escassos pontos em que o grande plano vertical se interrompe, quebrando o onduloso pannejamento da cortina, aquelles vivos resaltos de que fiz menção, arcobotantes que reforçam a immensa muralha, e pelo fio dos quaes entre mortaes despenhadeiros colleiam os trilhos de passagem; a não ser nos referidos casos, a rechã em que surde o Uruguay, conserva este caracter até fenecer, abaixando-se gradativamente e suavemente até a beira deste proprio rio, perto da sua grande volta para o sul, nos confins da Argentina.

---

[1] Viamão.

[2] Expressão de Witte, que a emprega com impropriedade antes de a sua descripção attingir a zona em que a mesma convem perfeitamente.

Ha em mais de um sitio, espigões que se alongam, em linha normal, da supposta serra;[1] ha outros em que o abaixamento do primitivo relevo[2] deixou de pé, collinas, morros, serros, em grupos ou solitarios, e, ahi, reproduz-se em pequena escala o espectaculo das zonas torturadas que ficam á septentrião da ilha de Santa Catharina. Mas, fóra disto, domina, sempre a mesma, a configuração indicada. Isto é, a configuração de amplissimos terraços, sobre paredões verticaes de 50 a 100 e mais metros de altura, o que constitue «uma das feições mais caracteristicas do panorama»;[3] terraços esses que diminuem, quando a «serra» de repente gira para oeste, succedendo ás perpendiculares quasi ininflexas do alto a baixo, as linhas quebradas, dos varios degraus, que dão accesso á região superior, ou substituidas as primeiras por extensas diagonaes das brandas ladeiras accessiveis.

Ainda que distincta a estructura, não é de todo diverso o planalto riograndense, do que lhe fica immediato ao norte: é antes o seu derradeiro prolongamento, sobre a bacia do Prata. A «terra que no cimo faz uma planura graciosa», contrasta em absoluto, no entanto, com a que a circunda em baixo; se para o lado de Missões, os planos superiores e inferiores por fim se mesclam nos mesmos niveis, é innegavel que as comarcas que os naturaes conhecem pela classificação geral de «campanha», pertencem á formação da Pampa, «celebre por seus gigantescos mammiferos fosseis».[4] O *facies*, não sendo identico, é, ao menos, de extrema analogia: as planicies abertas e largas, com um tapete esmeraldino, quasi sem falhas. O nosso primeiro geographo escreveu: «Esta terra é muito baixa ...e toda coberta de herva verde, muito boa para mantença da criação de gado vaccum e de toda a sorte».[5] É o painel de um reduzido trecho,[6] com os dous traços mais geraes de todos os outros da baixada riograndense, como de toda a que continúa até os contrafortes dos Andes. Só ha uma differença sensivel no aspecto, que

---

[1] Réclus, «Geographia do Brazil» (traducção de Ramiz Galvão, 357), diz muito justamente: «A depressão transversal cavada entre o mar e o Uruguay deixou de pé, como barranca de um rio, o rebordo do planalto septentrional, e esta vertente abrupta, cadeia de montanhas em uma de suas faces, é chamada vulgarmente serra».

[2] Witte, «Relatorio final», 14.

[3] Witte, 210.

[4] Wappaeus, «O Brazil geographico», 57.

[5] Gabriel Soares, «Tratado descriptivo do Brazil», 97. Igual parecer na obra citada em a nota seguinte. Vide pag. 96.

[6] O que pintou Simão de Vasconcellos, mais largamente, pode servir para dar uma idéa de todo o territorio: «Daqui em diante (*de 30 graus e um quarto*) até o rio da Prata, seguem-se as campinas já ditas, cheias de immensidade de gado, caça, cavallos, porcos montezes, e muitos outros generos, que andam a bandos: e na mesma fórma, multidão de especies de formosas aves. São retalhadas estas campinas de ribeiras de agua, e adornadas de reboleiras de arvoredo, que as fazem vistosas, e habitação aprazivel para a vida humana». Vide «Chronica da companhia de Jesus no Estado do Brazil», 31.

ainda mais realça o que antes registrei, deixando bem patente que no Riogrande se acha o territorio de transição, [1] entre os verdadeiros campos da Pampa e os do sul do Brazil: o desnivellamento é maior do que na Republica do Uruguay, maior ainda do que em Corrientes, no Entre-rios e nos «lhanos» de Buenos-aires. Muito menores, entretanto, do que nos alti-baixos de «Cima-da-serra», denominação gaucha da zona ainda typicamente brazileira [2] do norte do Estado: «os campos do planalto são muito mais dobrados do que os de baixo»: «a altitude é muito variavel». [3] O chão nunca tem relevo que se compare, por exemplo, ao convisinho, pelo norte, na comarca de Palmas, o da serra do Trombudo, [4] nem com o do sul, o da «costa da serra»; [5] mas «o planalto é mais marcadamente accidentado (insiste Lindman), [6] tem «uma paizagem ondulada mais pronunciada e a sua superficie é mais abundante em terreno rochoso». «A campanha, pelo contrario, prosegue o auctor que citei, é menos ondulada ou até inteiramente plana». Quer dizer, observase uma progressão crescente na amplitude das curvas do terreno que vai paulatinamente tendendo a uma horisontalidade quasi uniforme.

Não ficam aqui as dessemelhanças topographicas. «A serra Geral é a divisora das aguas que correm para oéste, para o Uruguay e Paraná, das que vertem para éste, para o Atlantico». [7] Esta definição, que representa uma verdade geographica relativamente ao Brazil meridional, encerra um grave erro quanto ao Riogrande, como já observava o saudoso Camargo. «Ha um phenomeno digno de notar-se, relativo ao systema orographico comparado com o hydrographico: a serra Geral não estabelece a divisão ou *divortium aquarum* das duas grandes bacias em que se divide a provincia. Pelo contrario, os rios da bacia do Jacuhy ou oriental penetram além da serra, tendo seus mananciaes nos terrenos altos da pro-

---

[1] Herbert Smith, «Do Rio-de-janeiro a Matto-grosso», 127. Lindman, 68.

[2] Typicamente paranáense, diria melhor. A provincia deste nome já constitue cousa algo diversa e uma zona tambem de transição, apesar de que ainda superem alli, a outros quaesquer, no que respeita á phytogenia, os aspectos da America portugueza, ao centro e norte. Vêde, por exemplo, o topico a seguir, de Saint-Hilaire: «As plantas dos *campos geraes* têm algumas com as da capitania do Riogrande; conservam mais relações, porém, com a vegetação das partes septentrionaes do Brazil». A zona de passagem, comtudo, é a que acima assignalei, qual ainda confirmo com um lugar do celebre naturalista, relativo ao extremo-sul de territorio visinho: «A Flora desta parte da provincia de S. Paulo fórma o começo da transição, da das provincias tropicaes, á vegetação do Riogrande». — «Aperçu», 349 e «Voyage dans les provinces de S.t Paul et de Sainte Catherine», I, 450.

[3] Lindman, «Vegetação no Riogrande do sul», 93. (Traducção de A. Löfgren).

[4] Estado do Paraná.

[5] Lindman, idem. «Nome com que distinguem a zona da fralda da serra», no Riogrande do sul.

[6] Idem, 308.

[7] Witte, 16.

vincia, que ao primeiro lance de vistas dir-se-iam pertencer á bacia do Uruguay». «Cruzando a serra Geral, com o nome de coxilha Grande, atravessa toda a provincia de norte a sul uma elevação de terreno que estabelece perfeitamente a divisão das aguas das duas bacias em que esta se divide». [1]

Tal é perfeitamente a realidade que escapou a Witte; a importancia deste facto, entretanto ficara manifesta, já por 1588, a quem colligiu ou forneceu os dados sul-americanos para a organisação do mappa de Christiano Sgrothenus, [2] em o qual occorre o mais antigo desenho que conheço, do systema orographico em questão. O cartographo obteve informes tão seguros, que fixou o traço perfeito do extenso accidente; se é certo que o assentou mal, no que respeita ás latitudes septentrionaes, prolongando-o muido além de 28°, admira a precisão com que o registra. Firme e claro o relevo se esboça um pouco acima de Montevidéo e depois de pender ligeiramente para nordeste, recurva-se para o poente, afim de deixar livre o curso do Camaquã superior, após reganhando as bandas do norte até o Pinheiro-marcado, [3] municipio da Cruzalta, aonde gira para o rumo geral do levante, até morrer na orla da chapada, no campo dos Ausentes, — volta esta que Sgrothenus marca a primor, apenas com o engano de a situar para dentro dos tropicos, evidente confusão da coxilha com a serra do Mar. [4] Quanto ao divorcio das aguas, porém, não ha nada a corrigir no vetustissimo mappa-mundi.

Sob o aspecto da constituição do solo e sub-solo, as differenças não se mostram menos accusadas, entre as duas metades do Riogrande, uma dellas com as caracteristicas do horisonte geologico do Brazil, a outra com as do Prata.

Nas terras altas, persistem as condições que apresenta a natureza morta na parte austral da Republica. Por um lado, a constituição intima da serra maritima continúa analoga nas do Herval e Tapes, isto é, montanhas «compostas na maior parte de granito e rochas gneissoides, frequentemente cortadas por diques de rochas eruptivas antigas e muitas vezes envolvendo velhas camadas sedimentares»; [5] por outro lado, a planura septentrional «consta inteiramente de terreno basaltico» — phenomeno geognostico a que parecem alheias outras partes do Brazil, segundo um auctorisadis-

---

[1] «Quadro estatistico e geographico do Riogrande do sul», pag. 10.

[2] Collecção Rio-Branco.

[3] Max Beschoren, «Topographia da região missionaira», 122.

[4] E não se diga que a representação exacta, que memoro, corresponda a mero acaso, riscada a linha sinuosa das collinas com o arbitrio usual em cartas de terra ignota. Traz nomes, esta, que provam a familiaridade com as reconditas regiões do valle do Jacuhy, como attestam as referencias ao Taquary e ao afastadissimo e insignificante Ingahy, perdido lá para o meio de Cima-da-serra.

[5] Witte, 14. Vide tambem Réclus, 357.

simo auctor;[1] — apresentando-se a crosta, nas fraldas da rechã, com os mesmos componentes da serra antes mencionada, quer dizer, como «um grez de formação terciaria, frequentemente interrompido ou não», por grossas ou finas lavas daquella natureza, isto é, do sobredito basalto;[2] grez este «frequentemente endurecido e parcialmente vitrificado», pelo contacto com a mencionada rocha eruptiva, que «ergue, muitas vezes, pinturescas muralhas, torres e saliencias, proximo ao plano superior dos elevados cumes».[3]

Na metade meridional do Estado, excepto nas serras mencionadas, que se entrelaçam nas cabeceiras do Camaquã, mantida ahi com algumas variantes secundarias a natureza que ellas têm,[4] o solo representa uma vasta obra multi-secular de paulatina sedimentação, originada a effeito de forças dynamicas identicas ás que parece terem contribuido para todas as formações pampeanas. Suppõe Lindman[5] que a differença de nivel concorreu para assegurar á parte norte, o planalto, uma idade geologica mais avançada do que a parte sul. «Houve talvez (diz) um praso immenso, durante o qual rolava as suas ondas sobre a campanha, o mar, cuja costa norte era formada pela actual *costa da serra*, e cuja acção ainda se revela nos grandes blocos de grez na fralda da serra e nas rochas que, como ruinas de castellos e de bastiões, ainda se avistam na campanha. Neste mar estavam como ilhas as actuaes cadeias das montanhas de Itapuã, serra do Herval, serra dos Tapes etc., separadas por estreitos canaes e (como ainda hoje a costa léste do Brazil) expostas á acção directa do oceano».[5] É a hypothese já antes formulada por Herbert Smith[6] e Dreys,[7] e que o exame de vestigios da fauna maritima, e o das linhas de maré, apoiam de maneira bastante segura, como a existencia dos mesmos fosseis que registra Wappaeus approxima geognosticamente, da argentina, a planicie riograndense.

Ha ainda uma formação que á primeira vista sobremodo distingue o Riogrande de outras provincias visinhas, do Brazil meridional; mas, com melhor observação se reconhece que a diversidade é mais apparente que effectiva. Refiro-me á de beira-mar. Todo o littoral do Estado é de origem oceanica,[8] e isto lhe empresta uma physionomia que impressiona o forasteiro, convindo notar entretanto, que quasi toda a orla marinha da vertente do Atlantico, dentro do paiz, tem identica formação. A differença existente é apenas sensivel em grau; o que se produziu acolá em menor escala, ahi se operou em grande, não só quanto aos phenomenos relativos á

---

[1] Frederico Sellow, «Annaes da provincia», 2.
[2] Idem, idem.
[3] Witte, 212.
[4] Frederico Sellow, idem, 30.
[5] Pag. 308.
[6] Pag. 47.
[7] Pag. 8.
[8] Réclus, 361.

estructura dos solidos, como quanto aos de ordem hydrographica. Se considerarmos estes, por exemplo, é de ver-se de relance que, por igual, de Santos ao norte de Santa Catharina, «a estreita fita de terras baixas que separa a fralda da serra, do oceano, é totalmente formada de depositos marinhos», [1] e que aonde as anfractuosidades da linha da costa se alargam para dentro das praias, essas bolças foram sendo cerradas pelo cordão de areias trazido pelo mar. Constituiram-se assim as lagoas que abundam no littoral, como, entre outras, as que margeiam o sul do cabo de Santa Martha, e a chamada lagoa Feia, mais para o norte, no Estado do Rio-de-janeiro, em tudo semelhante ao tracto de terreno descripto. [2] Ultrapassado o Mampituba, circumstancias analogas reproduziram as mesmas consequencias na ordem da natureza; só muito para diante é que tem physionomia algo original. Refiro-me ao que se nos depara depois das lagoas catharinenses e riograndenses, que «se succedem á pequena distancia da costa, umas completamente isoladas, outras unidas por via de canaes e despejando-se no mar por meio de barras que se abrem na estação das chuvas e se fecham no tempo secco». [3]

«Por traz desta primeira enfiada de lagunas littoraes, accrescenta Réclus, formou-se outra, mais irregular, que se liga pelo Capivary a um mar interior, de cerca de 9.000 kilometros quadrados de superficie, denominada lagoa dos Patos». [4] «Na parte meridional do Estado prolonga-se outra lagoa separada do mar, a lagoa Mirim — lagoa Pequena;—muito grande tambem, não teve este nome senão por comparação com a lagoa dos Patos. Esta desenvolve-se de norte a sudoeste, entre os dois Estados, Riogrande do sul e Uruguay, numa extensão de quasi 200 kilometros». [5]

As duas mencionadas massas de agua, como o territorio que a léste e oeste as circumda, imprimem á paizagem do Estado um caracter especial, que muito se approxima em alguns pontos ás das severas praias de Suez, e tocam a alma de maneira singular pela vastidão que têm. [6] Nasceram como as outras, eu creio, desconfir-

---

[1] Réclus, 296.

[2] Idem, 250.

[3] Nalgumas, este movimento de formação originado pelo mar, é contrariado apenas de longe em longe, rompendo as crescidas aguas interiores, o banco que foi estabelecido com o tempo, por aquelle, como uma especie de parede divisoria; até que de novo se restabeleça, ficam assim transitoriamente em contacto, a lagoa e o oceano. Em Mostardas, a abertura da barra se effectua todos os annos, quasi sem excepção.

[4] Pag. 361.

[5] Idem, idem.

[6] Silveira Martins, cuja idolatria pelo Riogrande foi fervente, conversava a bordo de um vapor, na lagoa dos Patos, explanando com eloquencia as bellezas e meritos do seu berço querido. Não sei quem ousou uma comparação, que pareceu amesquinhal-o e o tribuno, num brado de orgulhoso arroubo patriotico, retorquiu triumphante, expressa por aquella sua grande bocca sonorosa *(os magna sonaturum)* uma retumbadora

mada em muito, por estudos mais modernos, a theoria de Herbert Smith. Pensa elle que o Jacuhy desaguava no Atlantico, para os confins da Republica visinha, não sendo os dous grandes lagos mais que a continuação do alveo actual daquelle rio, separado do mar, a oriente, por uma estreita peninsula, que desappareceu por depressão. Ao passo que se afundava a linha da costa, uma outra, um banco de areia, a substituiu, seccionado este no Riogrande pela força das aguas interiores, que firmes se escoaram por ahi, cavando a barra unica da bacia oriental.

Witte admitte a immersão da costa, que presuppõe a hypothese do outro naturalista: figura-a, elle, todavia, no sentido de léste para oéste, primeiro, e, depois, para sudoeste, parecendo-lhe que as Lombas, como a morraria dos contornos de Portoalegre e a serra do Herval, são os remanescentes da catastrophe primitiva. A configuração horisontal, nessa epoca, devia quebrar a linha nordeste-sudoeste do littoral onde ao depois apontou a barra do Capivary, e seguir para além, pela «costa da serra», submersa a quasi totalidade da baixada, qual tambem conjectura Lindman. [1] O trabalho maritimo que então se foi effectuando, de modo a produzir as condições locaes que os europeus descobriram no seculo XVI, isto é, uma zona de infima altitude «que não se vê de mar em fóra senão de muito perto», [2] e que provavelmente surgiu na ordem imaginada por Herbert Smith.

«A peninsula, diz, foi-se tornando menor, á medida que o movimento de depressão ia continuando. Mas esta mudança dava-se de vagar, e simultaneamente occorria outro processo. Na ponta meridional da peninsula, que constantemente minguava, havia um baixio, que marcava o ponto da terra submergida. Neste baixio as ondas e correntes amontoavam materiaes de construcção, que neste caso era a areia, e quando as aguas levantaram-na á altura da preamar, veiu o vento e apanhou-a, amontuou-a em dunas e transportou-a para formar morrarias. Assim, como a peninsula de terra firme ia adelgaçando-se a mais e mais, iam trabalhando ondas e ventos, até que nada mais ficou da terra original: o lugar da primitiva peninsula rochea foi occupado, do lado do mar, por uma peninsula de areia.

O lado occidental ou de terra foi coberto menos completamente, porque ondas e ventos não podiam ali exercitar-se, e o Jacuhy e seus braços traziam tão pouca terra e areia, que não podiam cor-

---

phrase, que correu mundo entre nós e presta-se a dar uma idéa de nossas amplas aguas mediterraneas: «A minha terra é tamanha, que tem dentro de si um oceano!»

[1] O illustrado padre A. Schupp («Annuario», XVI, 173) estampa em apoio da theoria, o achado de uma vertebra de baleia, que consigna Hermann v. Ihering; e outro, de ostras fosseis de origem maritima na Barra-do-Ribeiro, que devemos ao dr. José Raphael de Azambuja, distincto lente da escola militar de Portoalegre.

[2] Gabriel Soares, 97.

responder á depressão: assim uma lagoa ou bahia ficou dentro da linha de areias. Em um lugar, o mar e os ventos trabalharam imperfeitamente, e ficou uma brecha na linha dos morros de areia, pela qual a agua da lagoa communicou-se com o oceano, atravez da peninsula; mares e correntes foram aprofundando o canal, até que formou-se o rio Grande. Neste canal tinha a lagoa sangradouro sufficiente, e a antiga emboccadura, ao sul, foi-se enchendo gradualmente de areia, e afinal tapou-se de todo. Deste modo a parte meridional da lagoa tornou-se mera bahia, e, por não haver correntes que conservassem-na aberta, o sedimento accumulou-se em sua parte septentrional, até que chegou á tona dagua e formou terrenos lisos e alagados, que se estendiam quasi transversalmente; um estreito canal que ficou junto á terra alta, a oeste, é o actual rio S. Gonçalo. A parte meridional do antigo lago, assim cortado do resto, ficou sendo a lagoa Mirim, e a parte septentrional é a lagoa dos Patos». [1]

Estes aspectos não são os unicos de quantos evidenciam que «o Riogrande do sul constitue um todo geographico distincto». [2] A flora tambem lhe empresta realce particular, não encontravel ao norte do Uruguay.

Como nas terras que terminam á margem direita do rio e na sua parte mais alta, a vegetação, em as da esquerda, se apresenta com o luxo das grandes mattas tropicaes: ha no chapadão «uma zona de montanhas em florestas, que rivalisam em belleza e imponencia com as dos Alpes do Rio-de-janeiro e que de um modo digno terminam a região das mattas virgens do Brazil» [3] A mais meridional é a da serra dos Tapes; [4] mais acima fica a da serra do Herval. Mui semelhante a ambas mostra-se a flora que ensombra a maior parte dos cursos dagua, que derivam na planicie, assaz robusta havendo sido a do valle do Jaguarão, como se pode ainda apreciar em um affluente, o Jaguarão-chico ou Guabejú, onde jaz de pé uma soberbissima amostra do que foi destruido nesta bacia secundaria da fronteira. [5] A mais notavel, porém, acompanha o magestoso valle do Uruguay, por obra de 600 kilometros, carregada em todos os rumos, a espessura, de ricas essencias variadissimas. Entre 1835 e 1845, e muito depois, permaneceu quasi illesa, respeitada pelos homens: começava no Ibicuhy, subindo pelo seu valle superior ao do Ijuhy, cujas margens acompanhava até a confluencia, deixando livres os campos da Cruz-alta, a léste, e os de Missões, a oeste, e dominando toda a ver-

---

[1] Pag., 48, 49.

[2] Réclus, 31.

[3] Lindman, 175.

[4] Idem, 72. Lindman reconhece a identidade existente entre a vegetação desta e das mattas virgens do norte do Brazil.

[5] O outro Jaguarão-chico, affluente mais ao sul, dispõe de uma orla de matto incomparavelmente mais fraco.

tente norte do planalto, até o rio Uruguay, em uma facha de terras immensamente larga, a qual, a oriente de Passofundo, descia para o sul, até mui perto da riba do Jacuhy. A basta columna de bosques, da beirada do planalto, em cima e por todas as encostas, se prolongava para o ponto de partida, entestando, no chamado «monte Grande», com as selvas missioneiras, já mencionadas. Para a banda opposta, a do mar, coroava o massiço, desde as latitudes de 30 e meio a 30 graus, ás que coincidem com a extrema catharineta, onde, menos espessa, alcançava a grande matta (antes descripta), pelo rio Pelotas e outros mananciaes do referido Uruguay, cingindo — a septentrião, levante e sul — uma dilatada zona de campos, que outro ramo da alta vegetação divide em duas, no valle do rio das Antas: os campos de S. Francisco e os da Vaccaria. [1]

Devastado o arvoredo secular, com a colonisação, na «costa da serra» e valle do Ibicuhy, conserva em outros pontos, a magestade augusta de priscas eras e seu denso volume impressiona ainda hoje aos observadores. Notai o que escreve um delles: «o grande desenvolvimento da matta do littoral, no interior do Riogrande, diz Lindman, [2] é um facto singular, pelo vivo contraste que estabelece com os campos circumvisinhos»: para elle o apparecimento do primeiro, ao pé do segundo, «em alternação repetida dentro de regiões estreitas, é phenomeno tão admiravel, como a figura de Janus, de rosto duplo, dos povos antigos». E finda o illustre sueco as citadas considerações, com o seguinte juizo, que dá uma perfeita idea da exuberancia, «grandeza, altura e densidade da matta virgem» ainda hoje existente, apesar das colossaes derrubadas, iconoclasticas devastações de uma soberba galeria de magnificos exemplares botanicos, que a ferro e fogo hemos consumido, nos ultimos 50 annos. [3]

---

[1] Esta derradeira denominação abraçava os campos de Lages, no periodo colonial primitivo.

[2] Pag. 178.

[3] No tempo da Revolução, as «picadas» eram em limitado numero. Em S. Francisco existia só a serra Velha, chegando-se á Vaccaria pelo passo das Antas (o de cima), onde existiu uma guarda. Destes campos ia-se aos do Passofundo, por uma «picada» que não era muito antiga, cruzando o campo do Meio. Para a banda da Argentina, toda a immensa extensão de matta (interrompida a oeste pelas duas «picadas» proximas, que substituiram a unica, historica, de S. Martinho), só deixava transito livre no Butucarahy. Havia, é certo, um trilho, que da colonia de S. Leopoldo alcançava a Vaccaria, mas, era tão pouco praticavel, que os colonos o puderam manter sempre vedado, com receio de incursões das partidas «farrapas» de Cima-da-serra. (Vide «Apontamentos» do teuto-brazileiro E. J., no meu archivo). O trilho a que se faz referencia, fôra aberto por Mabilde, no anno de 1840, segundo Hermann Ihering, «Os indios do Riogrande do sul», no «Annuario», x, 113.

Para Missões é que existia mais facil accesso pela matta; além da entrada, já dita, de S. Martinho, diversas «picadas» asseguravam a passagem do lado do Ibicuhy. Só se penetrava ali, entretanto, ou por Cima-da-serra ou pela parte de Alegrete; muito depois é que se formou a longa «picada do Canabarro», de que bastante se falava ha uns vinte

«Quando se vê como uma vegetação florestal gigantesca, rica e variada ferve de força vital num e mesmo lugar onde a flora campestre, pela maior parte, é modificada no sentido xerophilo, de distribuição hesitante e laxa (ou rala), comprehende-se que as diversidades nas condições vitaes exteriores devem ser tidas como pequenas e insignificantes em relação ás grandes diversidades na natureza dos vegetaes que ellas produzem. Impõe isso um conceito elevado especialmente a respeito da gigantesca capacidade de producção e de resistencia da matta virgem, porque esta formação, tão possante e rica, parece ultrapassar as condições exteriores em que vive. Pode-se affirmar que ella, mesmo por sua força intrinseca, crêa e conserva as condições naturaes indispensaveis para a vida florestal», diz Lindman. A impressão que lhe ella incutiu foi tamanha, que não hesita em pronunciar-se, por maneira que surprehenderá a muitos que desconhecem a variada natureza do Estado e o figuram exclusivamente composto de planicies nuas: «Depois de minha visita ao Rio-de-janeiro (1892), com excursões ás afamadas florestas das montanhas do Corcovado e Tijuca, universalmente celebres tanto pela sua belleza como pela riqueza vegetal, considero as mattas virgens do Riogrande do sul não só comparaveis com as que mais ao norte cobrem a serra do Mar, como até inteiramente semelhantes a ellas em dimensões, força vital, *habitus* e madeiras communs, ainda que nessas faltem muitos dos elementos mais particulares da flora silvicola tropical». [1]

Faltam esses, vicejam outros, que enriquecem a vegetação, fixando contrastes novos, cujo complexo põe fóra do quadro geral da botanica brazileira, a desta parte da Republica. Minguam algumas essencias vulgares nos tropicos, mas abundam as que não tem representação ali: a flora typicamente paranaense, os bosques de araucarias, e os grupos arbustivos que se não encontram em zona alguma do Brazil e pertencem exclusivamente á Pampa.

Aquelles, os pinheiraes infinitos, dominam em S. Francisco de Paula, onde a sua densa fronde por vezes lembra um verde mar levemente agitado, e se prolongam por quasi todas as latitudes correspondentes para oeste; mas na linha inferior da fralda da planura escasseiam e por fim deixam de ornar a paizagem, com a sua possante armação symetrica. [2] Da mesma sorte, o tajuvá e o louro não se nos deparam alem da serra do Herval, e os cedros não passam da serra dos Tapes. [3] Em compensação, por toda a parte surge o arvoredo proprio da immensa depressão, cortada ao centro pelo rio da

---

annos e de que hoje ninguem faz menção, desmattada de todo a zona em que corria.

Estas circumstancias locaes tiveram poderosa influencia no curso da guerra civil. Ha algumas notas interessantes a respeito, na obra de Evaristo de Castro, «Noticia descriptiva da região missioneira», *passim*.

[1] Lindman, 177.

[2] Hermann Ihering, «As arvores do Riogrande do sul», no «Annuario», VIII, 166.

[3] Idem, idem, e Lindman, 324.

Prata, [1] que *ab incolis Paraná vocatur.* [2] Generalisam-se os grupos em que se entrelaçam a coronilha, a tarumã, o mata-olho, o salso, o cinamomo: reboleiras de espinilhos entrançam os finos galhos aqui e ali, bastos e viçosos abrem-se os sarandyzaes.

Quanto ao tapete dos campos, affirma Lindman que é sensivelmente o mesmo: «A differença de altitude não é sufficiente para produzir dessemelhança entre as vegetações dos diversos niveis»: [3] «as formações campestres combinam com as do terreno baixo, tanto pelo caracter e physionomia, como pela essencia das especies communs». [4] O auctor não visitou a parte mais singular e significativa da Pampa riograndense; conheceu apenas um recanto, em que aliaz, teve encontro com «grandes affinidades [5]» entre esta região e a que se dilata «ao redor de Buenos-aires», descobrindo «semelhanças», não só quanto «á configuração», «á altitude» e «qualidade das terras», «como tambem na physionomia da vegetação, e em certos e communs elementos floristicos».

Se a guerra civil lhe não houvesse tolhido o accesso ao interior da campanha, seguramente não professara aquella theoria, a respeito da vegetação das campinas, ao menos de um modo tão absoluto. Em primeiro lugar, o modo porque ella se associa diverge gradativamente, do planalto, para o chão liso da «savana» portenha. «A par da matta virgem, diz Lindman, e de conformidade com o que se conhece de outras regiões vegetativas, o Estado possue tambem outras mattas isoladas, de pequena circumferencia, como os *capões* nos campos e as mattas de anteparo ao longo dos rios, ou mattas baixas, especialmente nos terrenos brejosos. Estas ultimas formações, que não podem ser separadas da matta virgem por divisas distinctas, são distribuidas sobre todo o Riogrande do sul e paizes circumvisinhos, continuando, muito além dos limites da zona florestal». [6] Isto é verdade, com algumas restricções, que passo a expor. No Paraná, ao sul do Iguassú, a associação do alto arvoredo é analoga á do de Cima-da-serra, aliaz com uma circumstancia não encontravel para o meio-dia do Uruguay superior: os «campestres» apparecem cobertos de faxinaes, que os armentios, reconcentrados nas mattas, pelo inverno, tosam avidamente. No Riogrande, tal vegetação descoincide com os «campestres», que constituem «potreiros» naturaes, rasos e limpos, quasi sempre recamados de pasto rasteirinho, a que a humidade da matta circumdante refresca e converte em alfombra virente, branda como o velludo. No Paraná quem vai da matta ao «campestre», deixa um cerrado e embrenha-se noutro, apenas de especies menos robustas e menos corpulentas; no Riogrande o contraste é profundo e radical. Vêde-o aqui: «A estrada sai inteiramente

---

[1] Lindman.
[2] Collecção Rio-Branco, Mappa de Arnoldo van Lageren, de 1630.
[3] Lindman, 95.
[4] Idem, 96.
[5] Idem, 67.
[6] Idem, 175, 176.

da floresta e entra em terreno aberto. A transição faz-se de chofre e de surpreza, que se diria ũa magica. Para quem vem de cavalgar na floresta sombria e calada, salta-lhe aos olhos um mundo novo, — mundo de paizagens largas, abertas, de luz que caracola, de ventos que varrem victoriosos, mundo onde cada planta e animal que vemos, differe dos da floresta». [1]

O outro facto a que alludo é o do agrupamento, nos chamados «capões», que é a configuração typica das chapadas do norte, dando a muitas extensões a apparencia de um intermino parque inglez, em que os lindos taboleiros de relva se matizam de moutas, dir-se-ia combinadas por um artista de summo bom-gosto, traçando, os Glazious a serviço de Flora, as mais bellas fantasias.

Para a campanha, os sobreditos «capões» não só constituem excepção, como diminuem a sua frequencia a pouco e pouco, no avanço da planicie, para as bandas do polo, e por fim desapparecem de todo: incommum em nosso antigo districto de Entre-rios, rarissimo no Estado oriental, a Pampa de Buenos-aires talvez não conte um só delles. Mas, não é unicamente quanto aos phenomenos associativos, a proximidade ou afastamento dos typos vegetaes, que se observa a relativa mudança e depois absoluta opposição dos scenarios: é que tambem as essencias brazileiras vão escasseando, para a fronteira, e, depois della, milagre julgo o encontro de vestigios da floresta que predomina nos elevados niveis, a que fiz referencia. Notai o parallelo que traça Herbert Smith, entre os «mattos redondos» do meio-dia do Riogrande e os da «costa da serra», que examinou: «Os capões são apenas punhados de floresta, raras vezes de mais de um kilometro de extensão, dando quasi sempre em ladeiras, nunca em terrenos alagados, e, ao que parece, de todo independentes dos cursos dagua. Algumas das arvores que nelles se vêm, differem das do matto geral; ha poucas palmeiras ou grandes trepadeiras, e os fetos limitam-se a umas doze especies, de sorte que o *facies* é distinctamente menos tropical, — menos brazileiro, se assim me posso exprimir». [2]

Pois na grande planicie, o espectaculo é parecido. «Até onde existem campos, o Brazil do sul produz tambem vegetação arborescente, de fórmas diversas e em differentes graus de perfeição», affirma Lindman. [3] Se ao douto botanista fôsse mais familiar a nossa lingua, até mesmo sem a experiencia requerivel para nitidas descripções da campanha adivinharia a verdade das cousas, em palestra com um gaucho: no falar-lhe, o «estancieiro» ou o «peão», de «campos sujos» e «campos limpos» não escapara a seu agudo engenho o sentido exacto, [4] quanto á provincia, da classificação vulgar.

---

[1] Descripção de um «campestre», em H. Smith, 126.
[2] Idem, 130.
[3] Idem, 176.
[4] Assim me exprimo, porque o auctor não o desconhece de todo (vide pag. 116 de sua notavel obra), e, sim, apenas, o merito que tem para o perfeito assento da botanographia riograndense.

Procedendo a mais aturado informe ficava sciente de que na campanha se desestimam os primeiros e se cobiçam os ultimos, porque despojados estes da «vegetação arborescente», que o talentoso auctor suppõe continua em todos os «campos do Brazil do sul». [1] Ha pelas extremas delle, sobretudo, tapetes de um verde uniforme e de uniforme estructura vegetativa, que se desenrolam a perder de vista, tonalidade esta predominante na uberrina campina uruguaya, onde, por exemplo, se riscardes uma linha recta, de S. Luiz a passo de *Los Toros*, cidadesita nascente, só a 60 leguas castelhanas para dentro do paiz encontrareis a predita vegetação: a gramma rasteirinha e succulenta occupa todo o horisonte botanico, visivel ao espectador que marcha nesse rumo!

Não sei se foi sempre assim e aqui se me desvenda o valor do ensino de Alexandre Humboldt, segundo o qual «o conhecimento do caracter da natureza das diversas regiões está relacionado com a historia da humanidade e intimamente ligado á sua civilisação». Porque nos «potreiros» riograndenses, onde o peso do gado é superior ao que comporta o retalho de terreno cingido de cerca, se observa que, devorado o alimento natural que existe e desnudado o solo pela profunda sega assim operada; deixando-se a gleba em repouso, a vegetação soe reflorescer em puros grammados, excluida a de categoria arborescente, que antes dominava. Talvez a superabundancia dos grossos rebanhos, que se multiplicaram em numeros fabulosos, modificasse a flora local, cerceando, com a manducação e o piso, as especies lenhosas de porte reduzido, as vassouras, macegas, etc., que em grandes manchas, visiveis alhures. [2]

Pensou Lindman descobrir uma exacta conformidade em a natureza dos campos dentro do Riogrande do sul, quanto uma grande desconformidade entre elles e os das zonas centraes ou septentrionaes

---

[1] Lindman, 98, 99.

[2] Depois de escripto o que acima ocorre, deparou-se-me em Azara, uma observação em tudo semelhante á do pensador teutonico, apoiada em exemplo igual ao que o texto registra. «Falei, diz elle, das campanhas onde não ha nem homens, nem rebanhos, ou nas quaes figuram poucos, ou que se povoaram recentemente. Mas, nos prados ou pastagens frequentadas desde muito pelos pastores e rebanhos, hei constantemente notado que os *pajonales*, ou lugares replectos de grandes hervas, diminuiam diariamente, e que essas plantas eram substituidas pela relva e por uma especie de cardo rasteiro, muito denso e de diminuta folha: de sorte que se o gado se multiplica, ou se decorre um periodo um pouco dilatado, as grandes hervas que o terreno produzia naturalmente desapparecem.

....

Tenho observado tambem, mil vezes, que em torno das casas ou em todo lugar em que o homem se estabelece, nascem immediatamente malvas, cardos, urtigas e muitas outras plantas cujo nome desconheço, mas que não encontrara nos sitios desertos e algumas vezes em trinta leguas ao derredor de mim. Basta que o homem frequente, mesmo a cavallo, um caminho qualquer, para que brote sobre suas ourelas algumas dessas plantas que ahi não existiam antes e que se não enconfram nas campanhas visinhas». — «Voyage dans l'Amérique méridionale», I, 101, 102.

do Brazil. Se a lição quanto á primeira parte de seu enunciado provoca reparos que, *data venia*, ousei fazer, a segunda é perfeita e mui demonstrativa da capacidade observadora do moço illustre, gloria da Scandinavia erudita: «A transformação da vasta região campestre, de um typo tropical, para um temperado, é mais saliente do que a da matta. Com os campos do Riogrande para exemplo, como typicos para o Brazil austral, podem-se estabelecer as seguintes differenças como as mais importantes. Nem todos os districtos ou lugares do *habitat* que a população denomina *campos* são necessariamente os mesmos ou dependentes das mesmas condições exteriores. Os campos que vi entre 13° e 35° de lat. s. e 39° e 57° de long. occid. (Greennwich) podem apresentar as mesmas especies caracteristicas e os mesmos quadros vegetativos em distancias de milhares de kilometros. Mas, em conjunto, a matização predominante, no sul, é a das sociedades vegetativas ricas em graminaceas; pelo contrario, a das arvores anãs e arbustos, é a predominante no norte, onde constituem a vegetação mais caracteristica e especificamente particular do alto Brazil os *campos cerrados* e as *chapadas*. Esta vegetação alto-brazileira é caracterisada por vegetaes lenhosos, baixinhos, quasi atrophiados e outros perennes, sub-arbustivos com caules e folhas rigidas, em grande numero distinctos por troncos lenhosos, subterraneos e reduzidos, muitas vezes com flores grandes e brilhantes. Este é um typo campestre que indiscutivelmente é *edaphico*, quero dizer, dependente da qualidade do terreno (as lages do alto Brazil e pedregulhos de quartzo, torrões de oxydo ferruginoso e fragmentos de schisto). Esta formação torna a apparecer nos campos arbustivos do Riogrande, porém com a differença de serem os seus elementos extremamente pequenos, e, não se elevando, portanto, a moutas entrelaçadas, caracteristicas de um *campo cerrado*, — differença que, segundo informações de viajantes, parece operar-se no Estado do Paraná, onde colloco o limite norte, approximado, do districto sul-brazileiro. Os campos do Brazil austral são, por isso, *campos limpos*, sempre, ou *chapadas*.

. . . .

Ao mesmo tempo soffre a chapada tropical uma outra transformação, durante o seu avanço para o sul: as graminaceas tornam-se cada vez mais predominantes, não em numero de especies, que antes diminue, mas, em numero de individuos e em sociabilidade.

. . . .

Já Martius apontou igual differença entre a parte tropical do planalto brazileiro, *regio oreas*, e a região temperada ao sul daquelle, *regio napaea*. A vegetação graminea, nesta *regio napaea*, diz elle, parece-se mais com os *prados europeus*, e suas graminaceas, *magis dense stipata*, não são tão fortemente misturadas com outros elementos, como a *massa variegada de hervas e subarbustos*, ainda tanto o é para o sul, nos Estados visinhos de Paraná e Santa Catharina. O mesmo auctor, porém, demonstrou tambem que já dentro da *regio oreas*, isto é, na sua parte sudoeste (as pastagens de S. Paulo) ha uma differença a notar, pelo augmento do numero de individuos das graminaceas e pelo desenvolvimento de tapete graminaceo, pa-

recido com os *prata arida* da Europa, aliaz de crescimento mais alto, —e suas observações provam com segurança que já ali começa aquella formação, que tem uma tão grande distribuição para oeste (os *pajonales* do Paraguay e do Gran Chaco) e para o sul (os campos paleaceos). Por este typo de campos, que aqui denominei *campus pseudo-novalis*, *campus calamo-scoparius* e cuja abundancia em graminaceas plumosas e compostas (as sociedades que denominei *sparto-calami-erianthi* e *stereo-caules-corymbosi*), a vegetação do Riogrande possue componentes que se distinguem pela grande sociabilidade e pelos grupos puros, traço que em geral inexiste nos campos tropicaes». [1]

Attente-se ainda com rigor e cuidado para o complexo dos factores de differenciação, que se notará não ficarem incluidos nos quadros topographico, geologico, botanico, todos os aspectos da natureza, em que o Riogrande se destaca nitidamente, por traços inconfundiveis, no vasto painel da Republica. A propria fauna é dupla, é nacional e platina, como registram as monographias de um illustre scientista, a quem muito devemos pela constancia de seus valiosos estudos. Hermann von Ihering, a quem me refiro, diz haver encontrado na distribuição desse departamento, mais ou menos a que se lhe deparou nos vegetaes. [2] Segundo elle, o *cebus* não ultrapassa as fraldas do planalto, indo o bugio, entretanto, até a serra do Herval; outros mammiferos, a pacca, por exemplo, não descem para a fronteira, além do relevo dos Tapes. De outra parte, considerando a fauna da Pampa, se a viscacha [3] não é mais vista para aquem do rio da Prata, repontam varios exemplares daquella, nos campos que começam no estuario e acabam na serra Geral: a nutria platina (a lontra), o mão-pellada, etc., e, passando á ornithologia, a avestruz magellanica, [4] ornato da campanha, estupidamente perseguida, o tajã, [5] bello e utilimo typo de alado, que tende a desapparecer pelo mesmo motivo, como igualmente o tamanduá, aliaz prestando todos os três animaes os melhores serviços á agricultura. [6]

Conseguintemente, qual assenta Elysée Réclus, já citado e ainda aqui reproduzido, «o Riogrande do sul constitue um todo geographico distincto, quasi uma ilha: o Uruguay a oeste e ao norte dá-lhe limites definidos, e se ao territorio das antigas Missões que a Republica Argentina disputava ao Brazil tivesse sido tirado este ultimo, o Riogrande não ficaria preso aos outros Estados senão por uma especie de pedunculo». Com relação ás outras circumscripções

---

[1] Pag. 326, 327, 328.
[2] «Os mammiferos do Riogrande do sul», no «Annuario», IX, 97.
[3] Réclus, 363.
[4] Dreys, 78.
[5] Pronuncie-se com aspiração, como no hespanhol, o j.
[6] A biotechnia, entre nossos orgulhosos civilisados, pouco mais vale que a dos selvagens. Não é de pasmar, todavia, considerado o estreito aproveitamento que tem o proprio sêr humano. A educação mais faz por o degradar ou anniquilar, que para desenvolvel-o e dignamente coordenal-o com as outras forças da natureza.

da Republica, ahi «a mudança parece estender-se a tudo. E' differente o clima, — mais frio, chuvas menos frequentes, a estação da secca mais fortemente contrastada com a das aguas. Após chuvas grossas, cada valle entrecha uma corrente, que muitas vezes não dá passagem á gente, nem á cavallo, e horas mais tarde sécca de todo, deixando apenas profundos fossos, de lados perpendiculares, que o viajante tem de evitar com desvios de milhas e leguas. Estes cursos dagua constituem a feição constante e assignalada dos campos até Montevidéo, e não me occorre ter visto alhures cousa semelhante». [1] De facto, o quadro meteorologico em absoluto é outro: não tem precisamente aquella physionomia brusca de que nos guarda uma reminiscencia a obra do dr. Xarque, para diante citada, porquanto (a julgar pelos unicos dados existentes, os da tradição) variou, amenisando-se alguma cousa, tendendo a mostrar-se mais estavel. Talvez isto se désse pela mesma causa que aponta Lindman, nas alterações encontraveis agora no ambiente da capital-federal. Segundo auctor que menciona, «o clima do Rio-de-janeiro se tornou mais brando, com o rarear das mattas: antes quasi não havia differença entre o tempo secco e o das chuvas, como hoje ha; naquelle tempo chovia todo o anno e as trovoadas eram não só mais numerosas como tambem mais violentas». [2]

O do Riogrande do sul, para o eminente sueco, que apoia as suas conclusões em todos os registros até o presente colleccionados, aliaz mui escassos, a média da temperatura annual oscilla entre 18 e 19 graus centigrados, [3] mui visinha da casa que rege a atmosphera, no valle do Prata, onde as médias de Montevidéo e Buenosaires são respectivamente as de 16.8 e 17.2, com extremos que montam de 37.8 acima e 2.3 abaixo de zero. No Riogrande é excepcional o extremo que mencionei por ultimo e mais commum o outro, que paira além de 30 graus. [4]

A precipitação é moderada, por vezes brusca e forte, podendo verificar-se em todos os mezes do anno, diz o auctor em questão; e accrescenta que succede ter forma diluvial. E' o que se presenceia quando sobrevêm o que chamam na campanha «bombas dagua», phenomeno que Arthur Montenegro, tão cedo roubado ás letras patrias, com erro julgava peculiar ás bacias do Quarahy e Ibi-

---

[1] Herbert Smith, 128.

[2] Pag. 226. Quanto ao Riogrande é este igualmente o parecer de João Carlos Moré. «Nosso clima, diz elle, tem soffrido, ha alguns annos, grandes modificações, os invernos, por exemplo, começam mais tarde e são menos rigorosos que outrora. Esta differença, que é sensivel, sem duvida, é devida, ao augmento das populações e por conseguinte ás culturas, que hão occasionado immensas derrubadas de florestas». «De la colanisation dans la province de St. Pierre de Riogrande do sul», 33.

[3] Lindman, 136.

[4] Ayres do Casal de certo modo contraría o que consta do texto, mas, naturalmente, porque dominavam mais os frios, em seu tempo, do que depois: «O clima é temperado, participando *quasi igualmente* do calor e do frio». «Corographia brazilica», I, 96.

cuhy;[1] notavel sobre todas a de 1822,[2] no Guahyba, que dizem ter arrancado do sitio uma ilha de alluvião, fronteira a Portoalegre.

«O verão é quente, diz ainda Lindman, e bastante secco; o inverno, ora caracterisado por vento e chuva, ora por sêcca e geada, raras vezes por neve; ambos dão uma certa periodicidade a uma parte da vegetação campestre».[3] Estas duas estações são as unicas definidamente pronunciadas. A bem dizer não ha primavera, nem outomno; depois de já começados os frios, abre-se uma estação intermedia, o chamado veranico ou veranito de maio, de temperatura edenica.

Os dias em geral conservam a moderação de que fala a obra de Lindman;[4] é preciso dizer, entretanto, que se trata aqui de ũa moderação toda relativa: a verdade é que se distinguem pela marcada intensidade dos phenomenos que lhe são proprios, tanto o estio, como o inverno. E não só nisto se mostram severos, como por um outro rigor, que surprehende, com a inopinada rudeza do golpe. Refiro-me ás celeres mutações que abatem, por vezes fulminam, os organismos exoticos, quanto concorrem para tonificar a fibra dos de procedencia caseira, affeitos á variação atmospherica desde a infancia.

O clima é de reconhecida irregularidade;[5] o thermometro, de repente, da escala média se precipita na superior ou na inferior, conforme a quadra do anno. Um exemplo destes saltos no apparelho registrador observou-se em 1906; pela noute de 13 de janeiro, em plena epoca das mais escaldantes caniculas, os campos da Vaccaria se viram polvilhados de uma espessa geada, invisivel a sua formosa verdura por muitas horas, sob os alvos lençoes translucidos do meteoro.[6] Analogas quedas da columna de mercurio acompa-

---

[1] «Notas para o mappa do Riogrande do sul», 14.

[2] Camargo, «Quadro estatistico e geographico», 54.

[3] Lindman, 137.

[4] Pag. 136.

[5] H. Smith, 229. Camargo, 45. A. Jahn, «As colonias de S. Leopoldo», 50. Irregularidade relativa, como se deprehende de uma pagina de Lindman («Vegetação», 71), para o qual, «segundo o padrão europeu», as condições climatericas não são de modo nenhum excentricas ou exageradas em sentido algum» e «são, não sómente muito uniformes e firmes, como até muito agradaveis para o homem». «O Riogrande do sul, diz elle, está situado entre latitudes que correspondem aos paizes mediterraneos, no hemispherio norte. O isothermo para o centro do Estado (mais ou menos na latitude de Portoalegre) é, por isso, o mesmo que para a Hespanha do sul, a Italia do sul e a Grecia, e a impressão do clima do Riogrande do sul faz lembrar aquelles paizes».

[6] Dignos de menção, dous outros exemplos. Encontrei o primeiro, em Saint-Hilaire; em inverno rigoroso, como o de 1820, teve ensejo de assistir a uma festa em Portoalegre, durante a qual os homens vestiam roupa branca. (Pag. 40). O segundo, se me deparou em Beaurepaire Rohan: «O calor que sentimos durante grande parte deste trajecto, circumstancia mui favoravel á nossa marcha, igualava o dos melhores dias do verão, e

nham, é certo que raramente, mais intensos phenomenos de congelação, como os de 1885, entre outros, que foram notaveis, ainda que não sem precedentes na campanha, como informaram a Lindman. [1] — O auctor assistiu a uma, de grandes proporções, em Jaguarão, na decada de 1870-1880; o que se não vê é a frequencia que costumam ter, para a «parte alta da provincia», onde «se faz sentir a estação invernosa em toda a sua força e intensidade»: onde «os campos, lagos e lagoas ficam cobertos por camadas de gelo, e só depois da acção do sol, quando este astro alcança o seu zenith, é que começa a dissolução». [2] Caxias, ainda ha pouco, apresentava o aspecto de uma villa européa, no coração do inverno: densas camadas de gelo recobriam os telhados e ruas, como estradas e devezas, nos arredores; accentuada a semelhança pelos bastos grupos de pinheiros que a circumdam, os quaes lembravam os do velho mundo, toucados aquelles, como sóem ser estes, pelos flocos alvinitentes, que bailam ao vento, na galharia. [3]

O clima do Brazil meridional, desde Lages para a fronteira, muda completamente. Antes dessa latitude, o Paraná, ao norte do Iguassú, é uma Nice americana, quanto á doçura e regularidade do céu. Direi até mesmo que me parece muito superior ao da famosa estação de inverno do Mediterraneo, porque occorre menos sensivel o resfriamento, que, para a tarde, se verifica, tanto ali, como no referido Estado brazileiro. Para o sul, ha em Cima-da-serra typos de clima sob a influencia dos quaes a tuberculose não progride, se o enfermo a tempo se transporta a esses incomparaveis refugios. [4] Ha typos de clima que rivalisam com os mais salutiferos do mundo; falta-lhes, entretanto, a constancia na média benigna que distingue ambos os que acima se mencionam. A ineffavel impressão sentida em dias aprazibilissimos, em que a suavidade do firmamento diffunde nas compleições mais indifferentes, um mavioso deleite; primor é de que se não acha desprovida a natureza local. Mostra-se mais avara, porém, do que a da região proxima, ao norte; de commum esse mimo, é passageiro: em geral formosos os dias, quasi sempre, comtudo, com uma crispação no ar, que contrasta com a ininterrupta amenidade que têm os do Estado de que fiz menção.

Interessante notar é que o mais bello tempo não no conta a cha-

---

entretanto, estavamos no coração do inverno», diz elle a 1.° de julho de 1846, no centro do Riogrande do sul, em Santa Maria. (Vide obra citada para diante, pag. 395).

[1] Pag. 131.

[2] Camargo, 45.

[3] Lindman registra como uma verdadeira tempestade de neve, a que caiu na noute de 27 de julho de 1879, no valle do «dageado» de Santa Cruz, e parece ter tido esse caracter o phenomeno, pelos dados que colhi pessoalmente na fazenda do fallecido capitão Felisberto Soares, typo de riograndense, em quem se reuniam as mais bellas das antigas virtudes da raça.

[4] A citada zona de Caxias, S. Francisco-de-Paula, etc.

mada boa estação. Enthesoura-o o inverno, para que lhe perdõem o natural destempero. Como um rosario de gemmas rutilantes, desfiado pelos dedos ignotos de uma fada bemfazeja, se inicia, com a alva por vezes, uma festa no espaço, que dura muitos dias, substituidas pelos mais gratos risos, as sombras tragicas e fuzilantes ameaças.

No periodo de que trato, reinam os ventos do quadrante do sudoeste, como no estio os do quadrante opposto. O pampeiro embrusca o pavilhão das nuvens: toca-as por diante, em cavalgadas loucas, que abalam a gleba e alagam-na com os pesados aguaceiros, rijas bategas ou chuvas torrenciaes, desencadeiada em furia a procella. Finda a explosão da colera meteorica, o sol reaponta, mas os seus raios chegam incompletos sobre os planos encharcados: grossas *cumulus* enluctam a cupula superior ou criva-se ella de *cirrus*, largas manchas negras ou cinzentas, que mantêm carrancuda a paizagem.

Ronda o vento para oeste, firma-se nesse rumo, o espectaculo se transforma: o minuano opera como um fantasioso magico. Gelado no cume dos Andes, sopra um frio picante, mas, desannuvia, dissipa as humidades, afasta os vapores deleterios, subtilisa a atmosphera, então de uma côr igual, matiz uniforme a que nenhum outro se casa, — um divino azul fascinante, de nimia transparencia e limpidez, diluida a casta, intensa claridade, sem sombra que de leve a macule: a luz em sua pureza ideal!

Disse que o clima contrasta com o do Brazil austral e é mais violento. Em verdade, a calma estival supera a de Santa Catharina, Paraná, S. Paulo e excepcionalmente a do proprio Rio-de-janeiro. Nota-se, um dia ou outro, 40 graus á sombra, e até um pouco mais, [1] por algumas horas, e «no valle do Uruguay se faz sentir em todo o rigor». [2] Os effeitos da canicula sobre o homem, cumpre advertir, não se irmanam, entretanto, em caso algum, aos das regiões tropicaes. A transpiração é copiosa, com a ardente atmosphera, sem que o organismo se derreie e acabrunhe, como naquellas, e sem que soffra jamais as inclemencias do estio do Algarve ou de Andalusia. «Rarissimas vezes e por periodos curtos manifesta-se certo calor incommodativo», [3] a não ser em Portoalegre, onde tem chegado a produzir insolações, não indo estas, porém, ao numero das que annualmente assignalam as folhas de Nova-York ou Buenos-aires. O phenomeno opposto, sim, é de effeitos muito particulares. Lede o que escreve Dreys: «No Riogrande, bem que ás vezes o thermometro de Réaumur desça apenas a zero, não ha

[1] Vide «Notas para estudo e determinação do clima do Riogrande do sul», no «Annuario», *passim*. Lassance, «O Riogrande do sul», 5.

[2] Viceja, ahi, parte da flora tropical. O bambú é ũa maravilha, a canna de assucar, de grande porte, e o café cultiva-se com proveito, o que tambem se observa não só nesse valle, tambem nos da encosta léste do planalto de Cima-da-serra.

[3] Lindman, 128.

creatura humana que não extranhe o frio daquella latitude, o qual produziu em nós uma impressão mais incommoda do que um frio mais intenso das regiões européas». [1]

Em summa, com um clima intermedio pela exposição do solo, que não dispõe de anteparo natural algum, para abrandamento ou quebramento das brisas cortantes, que sopram sobre elle, da cordilheira americana ou das cercanias do polo, nem para o das pesadas aragens do norte e nordeste, que sobremodo lhe elevam a temperatura; o Riogrande é nisto, e em tudo, uma terra de passagem, das calidas comarcas tropicaes, para as frescas pampas do meiodia, como perfeitamente define Herbert Smith: «A transição, deve dizer-se, é maior ainda do que parece. Physicamente é aqui o extremo do Brazil, e entramos no Estado oriental. Plantas e animaes, paizagens, a propria vida, industrias e commercio do Brazil ficaram atraz. Politicamente o Imperio [2] vai algumas centenas de kilometros adiante: socialmente todo o resto da provincia gravita para as Republicas platinas». [3]

Não fôra licito a espiritos cultos, forrados com o que tem de mais seguro a sciencia moderna, despresar no estudo da ordem collectiva, os coefficientes de modificação que provêm do *habitat* do homem, quando para o fim do seculo XVIII já impressionavam a observadores despreoccupados, qual se verá no capitulo seguinte. No presente, esbocei a largos traços o que é o nosso meio cosmico: em o immediato, será estudado o que resultou do mesmo, em suas relações com os povoadores, e, portanto, a influencia que, atravez delles, innegavelmente veiu a ter nas occorrencias da historia local, — em tudo confirmatorias do magnifico, seguro e admiravel reparo do naturalista inglez.

---

[1] Pag. 71.

[2] O livro de H. Smith foi editado antes da queda da monarchia.

[3] Pag. 127.

A GENTE ASSIGNALADA[1]

Os primeiros povoadores foram os portuguezes da Laguna, originarios de S. Vicente.[2]

Tinham noticia lisonjeira das terras; indo «ao centro da campanha a resgatar algum gado e cavalgaduras»,[3] maravilhou-os a largueza do sitio, rico de armentios e por onde corria a voz de existirem metaes preciosos. Voltaram atraz deste, mas fugiram, sentindo, perto, rumor de uma força das «reducções»,[4] que persistentes ganhavam terreno para o lado do mar.[5]

Rapidas haviam sido as entradas, mas, obtivera-se, de relance, uma segura visão que os sertanistas depois completavam:

«Subida a serra se compõem aquellas terras duma aprazivel vista, com campos mui dilatados, cruzados todos de varios corregos de crystallinas aguas, que correndo para léste, formam varios rios caudalosos, que sem duvida irão desagoar no grande rio da Prata; ha tambem nelles muitas madeiras, bons mattos, e grande numero de pinhaes.

Logo a subir se topa com gados que chegam sómente acompanhando o caminho até a cruz chamada dos Tapes, por uma que ali acharam

---

[1] Inutil observar que trato da que foi auctora dos acontecimentos descriptos, como inutil observar que esta será a minha attitude mental: «Com rosto descoberto, sem pejo nem empacho, direi verdadeiramente tudo quanto disser, dos naturaes». Gaspar Fructuoso, «Saudades da terra», 6.

[2] Paulo de Brito, «Memoria politica sobre Santa Catharina», 15. Almeida Coelho, «Memoria historica», 4.

[3] «Noticias praticas da costa e povoações do mar do sul», por Manuel Gonçalves de Aguiar, 300.

[4] Idem, idem.

[5] «Noticias praticas» de Francisco de Sousa e Faria, 239. Idem de Christovam Pereira, 258.

os primeiros abridores, mas entrando para dentro se topa um grande numero do dito gado em campos mui dilatados, que vão confinar com uma grande serra, em uma grande distancia que se mette de per meio com as terras das aldeias dos P. P. da Companhia.

....

Além do referido com que a natureza formou e creou aquellas terras, tem admiraveis paragens para creações de gados, e tem mais a excellencia de serem tão salutiferas, que em todo o tempo que gastei naquelle sertão não houve uma sangria, nem me morreu mais que um homem, que já entrou mui doente. São tambem muito fartas de todo o genero de caça, mel e pinhão, e mui ferteis para todo o genero de plantas». [1]

De serra abaixo o que contavam não era menos attractivo:

«Compõe-se este paiz dum clima muito ameno, saudavel, e criador de riquissimas e ferteis terras em que produz em grande maneira, e com vantagem mui crescida todos os fructos da Europa, assim trigos, como vinhos, linho e toda a casta de fructas, que póde causar inveja ás de qualquer parte do mundo, com perto de cento e cincoenta legoas de campanha até o Riogrande, toda cruzada de rios, revestidos de soberbos e vistosos arvoredos, que servem de sombra ás suas correntes compostas de riquissimas e salutiferas agoas, nascidas duma serra, [2] que começando do Maldonado [3] vai cortando a campanha, correndo ao nordeste até altura de Castilhos, a qual com riquissimos, e amenos valles pelo meio, dá generoso logar a que se possa cruzar, e communicar duma a outra parte.

Em Castilhos, ou pouco mais adiante, correndo ao noroeste vai buscar as cabeceiras do Riogrande, e logo da parte do norte se torna a restituir á costa, [4] e a vai acompanhando até S. Paulo, deitando pelas suas fraldas da parte do mar vistosos e apraziveis campos em distancia de 80 legoas desde o Riogrande até a villa da Laguna, que cruzam tres caudalosos rios, nascidos da mesma serra. O primeiro chamado Taramandy na lingua do gentio, 30 legoas distante do Riogrande a que se segue o segundo, 20 legoas mais adiante chamado Ibopetuba, [5] e logo em distancia de 15 legoas se segue o terceiro a que chamão Araranguá, todos dagoa doce e nestes meios abundancia de lagoas, e mattos com providencia de lenhas, e vistosos campos.

E tornando ao Riogrande não digo é uma das mais vistosas cousas, que criou a natureza, por não parecer encarecido». [6]

Christovam Pereira, cujo nome conserva em um cabo ou ponta da lagoa dos Patos, a geographia local, que tanto lhe deve, prose-

---

[1] Christovam Pereira, 3.ª pratica, 258.

[2] E o relevo que, para diante, tem hoje o nome de coxilha Grande e que entra no Brazil, separando as aguas dos rios Negro e Jaguarão.

[3] Na região dos pampeiros, nome que os lusitanos, como se depreende de José da Silva Paes, davam aos primeiros occupadores da margem norte do rio da Prata, fóra dos limites da Colonia-do-sacramento. Os habitantes desta tinham o nome de colonistas.

[4] Refere-se á linha da escarpa do planalto, que suppõe ser o prolongamento da referida coxilha.

[5] O Mampituba.

[6] Christovam Pereira, 2.ª pratica, 307, 308.

guia na descripção, escrevendo que as aguas escoadas pela barra do Riogrande puchavam para o norte mais de 60 leguas «e que nas suas cabeceiras entravam varios rios, com muitos mattos, e terras muito vistosas onde se podiam fazer muitas povoações, e rendosas fazendas, e por noticia de algum gentio se affirmava haver nellas abundancia de ouro, e pedras de valor». [1]

Muito vistosos, em verdade, eram os sitios. Não cediam em belleza aos que o sertanista menciona no topo ou pelas immediações do que chama serra. É um theatro de magias deslumbradoras. «Ao alto, o rochoso terraço», diz Lindman, «exposto ao calor ardente do astro do dia», descaindo o terreno para o sul em fórma de vasto muro, sobre o valle em baixo, «dominante de lá uma vista immensa sobre campos illuminados pelo sol». Ao longe, como ilhas de um mar ceruleo, os «capões azulados»; [2] proximo, nos planos inferiores, o manto verde-negro da floresta primitiva, cobrindo as «montanhas solitarias e ingremes, que pela borda dos taboleiros fixam limites verticaes á floresta» e de onde, mudada a sua textura, colga-se a mesma sobre os abysmos, cortados de «cursos de agua», em cujas margens vão assentar longas «muralhas perpendiculares de matta», a que se superpõe uma outra, porque «todas estas partes do bosque ficam litteralmente escondidas, sob perfeitos reposteiros de cipós», de trama e apparencia magnificas. [3]

---

[1] 2.ª pratica, 309.

[2] Pag. 196, 197.

[3] Segundo o illustre naturalista scandinavo, é este «um dos aspectos mais imponentes que a vegetação silvestre exhibe em primeiro lugar ao observador»; «por seu typo homogeneo, opina elle, por sua enorme extensão, sua riqueza em especies e exuberante desenvolvimento», representa «um dos mais caracteristicos phenomenos naturaes do Riogrande».

Lindman tambem julga dignas de especial menção algumas «samambayas palmiformes», que aliaz não constituem specimens particulares á provincia botanica da fronteira. Dellas se ostentam formosos typos nas mattas do Rio-de-janeiro, desde a anã, até o garboso xaxim, «uma belleza do reino vegetal», com «a apparencia de uma palmeira», diz Lucio Cidade, que generosamente se lembrou de baptisal-a com o nome de «*Varela sublimata*, por ser o maior dos fétos da terra gaucha» («Annuario», anno XVI, 111).

Prevaleço-me da opportunidade, para uma publica e justa mostra de eterno reconhecimento, mas, de passagem, devo notar que pouco durou a gloria, que, magnanimo, me havia reservado, no espolio das pesquizas riograndenses, de que é intelligente e douto cultor, — benemerito, portanto, em paiz alheio a este genero de investigações. Graciano de Azambuja, o cultissimo fundador daquella excellente publicação, observou logo parecer-lhe que o xaxim já estava descripto e classificado como uma *dicksonia sellowiana*, e confirma-o, qual acabo de ver, a auctoridade de Lindman.

Consolo-me com o melhor destino da linda planta, gracioso ornamento de ourelas ou clareiras da nossa matta. Lucio Cidade a julgou digna de fixar o nome de quem a sua ampliadora gentileza teve por «emerito republicano e eximio patriota», e estampou esta «homenagem a seu acrysolado

As trepadeiras «estendem-se de um modo incrivel; sobem, para se deixarem cair, diffundindo-se em largas e pesadas massas de folhagem pendente. A héra da Europa, que chega a cobrir casas e torres, mal poderia dar uma fraca idéa dos jardins suspensos do Riogrande, como, por exemplo, os que delineia a sombria verdura das *bigoniaceas*, que se balouçam em festões de dezenas de metros e em enormes cumulos de roseas corollas, ou de *ipomaeas*, quando forma alterosas paredes de um denso mosaico de folhas, ornamentado com as conhecidas flores em vermelho, azul ou branco; ou, ainda, quando no painel se agrupam algumas *sapindaceas*, que em arcos leves sobem de galho em galho, até os ultimos raminhos das frondes eminentes, á maneira de umbella», «para da sua peripheria tornarem a cair, em grinaldas floridas e perfumosas». A sociedade das referidas sarmentaceas, conclue o nosso botanico, «pela ordem de seu crescimento e formosura de typos, imprime a estes districtos florestaes, um cunho de vida, movimento, explendor. Nas mattas dos cipós, se encontram scenarios de belleza natural tão surprehendente e encantadora, que me faltam palavras para a descrever, e tal é que, muitas vezes não acredita o homem achar-se em meio de uma natureza selvagem, mas, sim, num dos mais explendidos e artisticos jardins, executado com o mais requintado e apurado bom-gosto». [1]

Em nenhuma outra latitude da America portugueza, os colonos encontrariam terras que emparelhassem, em donaire, com essa, de que fala com enthusiasmo o naturalista, poisque, de facto, «quem não viu o Riogrande, não viu o que ha de mais bello no Brazil». [2] Imagina-se, com o registral-o, que, descoberto, para logo em multidão accorressem os advenas, attraídos pelas seducções do espectaculo. Entretanto, a verdade é que permaneceu em abandono. Só o missionario comprehendia a nova maravilha, e o rei de Portugal ou o de Hespanha deixavam perdido e inculto, o territorio que depois disputariam, como joia «preciosissima», [3] para a coroa que tinham á cabeça. Fôra de crer que a sêde insaciavel das pepitas de ouro e das gemmas finas, é que puzesse todas as attenções além, se os roteiros sertanistas não nas apontassem, na zona confinante com os padres. Ao contrario, porém, davam como encon-

---

amor pelo Riogrande do sul». Eu não sei se o illustre Frederico Sellow, tragicamente morto na flor dos annos, ao serviço da sciencia, alimentava preoccupações politicas ardentes ou se abrazava na religião do paiz natal; estou certo, entretanto, de que pode e deve merecer um lugar dos mais distinctos, na galeria dos estudiosos das cousas riograndenses, a que com «acrysolado amor» se votou perto de 20 annos, deixando, não ephemeros ensaios desvaliosos, quaes os do primeiro favorecido com uma honra insigne, mas, imperecíveis contribuições para a constituição de nossa historia natural.

[1] Pag. 196, 197.

[2] Dr. Krauel, ministro da Allemanha. «Jornal do commercio», de 6 de setembro de 1896.

[3] Pizarro, «Memorias historicas», IX, 327.

traveis umas e outras, [1] e não erravam, porque, no que concerne ao cubiçado metal, se os rios não carreiam os thesouros communs no grande planalto do centro do Brazil, do que não ha mais duvida é que os cursos de agua, do interior do Riogrande, descem de uma chapada que modernamente os entendidos classificam de *região do ouro:* «existindo, occultas, riquezas nunca presentidas, e talvez quasi fabulosas», para dentro de seus limites, «segundo todas as probabilidades». [2] A garimpa não descobrira á beira das correntes, farto premio para seu trabalho; o mineiro, porém, não só o que proporciona a jazida do precioso minerio, «rica, e talvez riquissima», [3] como as «agathas, chalcedonias, jaspes e amethistas», que «se encontram em extraordinaria proporção». [4] «E estas pedras, realmente preciosas, diz Réclus, não representam, comtudo, as unicas opulencias da zona; o Riogrande do sul contêm, por assim dizer, um resumo das riquezas da Terra: ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, ferro, kaolim, e carvão». [5] «Sería difficil encontrar no mundo uma area de igual extensão tão favorecida pela natureza, para o desenvolvimento das artes industriaes, e das manufacturas, como essa provincia», já havia escripto Nathaniel Plant, accrescentando palavras em tudo concordantes com as do sabio an-archista geographo, uma das mais puras e mais solidas glorias da sciencia franceza: «Flanqueada em sua fronteira occidental por excellentes rochas ricas em metaes, os valles de seus rios, abundando em extensas camadas de carvão de pedra, mineraes de ferro e jazigos calcareos; atravessada por navegaveis rios de éste a oéste, como o Jacuhy e o Ibicuhy, e o grande Uruguay marcando os limites da metade de sua circumferencia, forma isto um tão poderoso complexo de vantagens naturaes, que este paiz parece destinado...... a tomar uma figura conspicua no vindouro progresso do mundo».

Constituiria um problema historico incomprehensivel aos modernos, esta condição de terra senão ignota, escusa ou vedada a exploradores tenazes, que arrancavam de S. Paulo e levando comsigo os marcos divisorios do Brazil, depunham-nos *sponte sua* para além da linha de Tordezilhas, no seio da America hespanhola, onde fundavam Mattogrosso, quasi ao sopé dos Andes: melhor, onde deixavam fundada a nova patria, que fixa em caracteres immortaes a epopéa dos bandeirantes, de cuja magnitude se occupava não ha muito, o alado estylo de Arthur Orlando, [6] escapando unicamente a este agudo e primoroso talento, o que occorre de mais extraordinario na empreza daquelles heroes, que é consistir

---

[1] Manuel Gonçalves de Aguiar, «Noticias praticas, da costa e povoações do mar do sul», 300, 301, 302.
[2] Bredel, «Relatorio sobre as jazidas metalliferas de Lavras», 130.
[3] Bredel, relatorio cit., 132.
[4] Reclus, 358.
[5] Idem.
[6] «Os bandeirantes», *passim.*

a delles uma das maximas obras puramente collectivas e extra-officiaes, uma operação que, pela iniciativa e resultado, pertence exclusivamente e totalmente ao povo trabalhador. Constituiria, digo, um problema insondavel, se um manuscripto não revelasse o que os trazia afastadiços. O governo detinha os terriveis desbravadores de selvas fechadas e chapadões asperos, com receio de fraquear, pelo sul, a muralha de separação, que resguardava o centro da colonia, de possiveis surprezas do castelhano. Com o facão em punho e a roçadeira, os bandeirantes foram atacar os armazens de captivos que os jesuitas lhes tinham propiciado em Ciudad-real e Xerez, e que haviam transferido para as ribas do Uruguay: audacia não é de certo o que lhes faltava para proseguir, que sobradas provas abundam do que valiam, e ahi, ao celleiro de indios domesticados, se juntava a promessa de pingue mineração. Eram, em vez de um, dous thesouros, que os pesquizadores, mais tarde, acharam em abandono, attonitos e sem poderem dar com os motivos da incuria ou indifferença, em gente insaciavel e incançavel, como a de que trato. Christovam Pereira desvenda estes obscuros mysterios, da maneira mais satisfatoria: ainda pelo primeiro quarto do seculo XVIII, ao tratar-se de estabelecer communicação por ahi, aberta na matta uma «picada» que désse transito á Colonia, a idéa encontrava resistencia, que explica, a meu vêr, a attitude esquiva de quem se não detinha diante do estranjeiro, para o lado de oéste, e para o do sul o não houvera respeitado, se ordens superiores não contivessem a onda conquistadora dos audazes paulistas.

«A esta diligencia, diz o sertanista, foram sempre oppostos varios moradores das ilhas de Santos, Parnaguá, e Curityba, e da mesma sorte os da villa da Laguna, e de Santa Catharina, estes porque vivendo retirados, ou por crimes, ou por outros iguaes motivos, como regulos sem obediencia nem temor algum de justiça, receiosos de que com a abertura do novo caminho perderiam as suas liberdades, o faziam impossivel: e aquelles, porque sendo senhores dalgumas limitadas fazendas, que ha nos campos de Curityba, temiam o ficar com muito menos valor, e por seguirem a sua opinião, publicando com arestos falsos de paulistas antigos serem aquelles sertões impraticaveis, querendo tambem persuadir-nos, que sendo aquellas terras confinantes, com as aldeias dos padres castelhanos, poderiamos ser invadidos pelo gentio nellas aldeiado». [1]

Por fim, a energia de um homem desassombrado acabou com esta velha reserva:

«Contra todas estas opposições resolveu o general Antonio da Silva Caldeira, mandar penetrar o dito sertão, principiando desde Riogrande de S. Pedro, e a esta diligencia despachou ao sargento-mór Francisco de Sousa e Faria, mandando-lhe assistir com todo o necessario por conta da Fazenda real, e dando-lhe ordens amplas, para que as camaras da todas

[1] A 3.ª pratica, 255, 256.

as villas, e capitães-móres dellas lhe dessem toda a gente, e o mais que lhes pedisse».

Rasgou-se o bosque, estabeleceu-se o elo, entre o territorio já perlustrado e o que estavam occupando os visinhos; tinha, porém, amortecido para ali, o furor da busca dos metaes, como o das grandes caçadas humanas, o trafico vermelho, predecessor do negro: o Riogrande pouco adiantou. A vez era do centro do Brazil, onde o revolvimento das entranhas da terra, sobremodo aurifera e diamantifera, chegava ao auge. [1] Entretanto, não ficou de todo perdido este ultimo grande esforço dos gloriosos sertanistas, reaes fundadores da unidade nacional, diante de cujas «interminaveis peregrinações, caímos em uma especie de estupor, inclinado o espirito a acreditar que esses homens pertenciam a uma raça de gigantes». [2]

Viu-se pelos annos immediatos. Aos «primeiros habitantes» que por ahi «transitaram, das villas de Santos, S. Vicente e de S. Paulo» e que se fixaram «muito antes do anno de 1680», como «agricultores»; [3] seguiram-se outros, de mais perto: a população da Laguna destacou, para dentro, varias mais numerosas turmas de colonos, que logo depois assistiram á creação do presidio, junto á barra. Os militares ficaram acantonados na peninsula, os paizanos indecisos pairaram por Viamão. A superficie do solo punha-os numa alternativa: «tiveram que escolher entre o campo e a matta». [4] Esta não podia consentir então o que fez o emigrante de Allemanha, para o fim do primeiro quarto do seculo seguinte; poude elle agredir impune a grossa vegetação, porque os tempos eram outros: 90 annos antes, o grupo colonisador, scindido a custo do littoral catharineta, era reduzido de mais para tamanha empreza.

Nem ousou elle expôr-se no meio de uma das duas vastas clareiras, á esquerda ou direita do rio das Antas, onde o indio remisso á conversão, tocado de occidente pelo avance dos padres, recebia mal o branco; circumstancia que mostrava perigosa a permanencia em zona que as feras de grosso porte já de per si tornavam de segurança mui precaria. O alienigena parou unicamente e estabeleceu-se, nas paragens em que as grandes aguas de Viamão e da lagoa dos Patos oppunham forte e serio obstaculo a uma immediata escolha, no interior, de sitios para pouso. Lavradores na maioria, contentaram-se com o que se lhes deparava e cujos meritos pareceram de muito realce: «Doces as aguas todas até a barra do Riogrande, os ares os mesmos de Buenos-aires, e com muita mais

[1] Oliveira Martins, «O Brazil e as colonias portuguezas», 78.

[2] Saint-Hilaire, «Voyage dans les provinces de S. Paul et de Sainte Catherine», I, 24.

[3] Pizarro, «Memorias historicas», IX, 335. Entraram principalmente paulistas, mas, tambem mineiros, segundo reza a tradição, ainda que menos precisa quanto a este caudal, cujo volume parece insignificante, comparado com o outro.

[4] Lindman, 304.

vantagem a sua fertilidade, porque os veados, e mais caça é como o gado, — o peixe tanto, que pode carregar frotas, e que nos lagamares se apanha só com cestos». [1] «Depois, addita o chronista, são pouco habitadas de gentio, e só ao pé da serra, e antes de chegar a ella se vêm bastantes fumaças de gentio bravo».

Foi esse o acampamento dos gastadores do exercito pacifico, que deram exemplo aos que ampliaram ou restauraram o patrimonio territorial da coroa: aos que mais tarde, «braço ás armas feito», romperiam o mysterio da campanha. Quando chegou a vez delles, largaram aqui, ali, acolá, os grãos da sementeira humana, que fructificaria viçosa para diante: desertores ou isemptos por adimplemento do prazo de serviço — ou guardas, que se collocavam ás margens do oceano de verdura, e nellas permaneciam como ostras em rochedo, que o vai-e-vem das ondas hespanholas nunca mais arrancou —, os habitantes da Pampa propriamente dita, nos primordios da civilisação do Continente, saíram em geral das fileiras, como viveriam nellas os que se lhes seguiram.

Um sertanista divulgara «as qualidades das terras».

> «São as mais destas, campos, e por alguns rios tem algumas madeiras boas, e de toda a casta. O gado, que ha nellas é só da outra parte do rio chamado de Buenos-aires. Dizem-me, que indo-se por um rio dentro, a que chamam Cabopoana, por onde pode navegar a maior sumaca, ou patacho, se vai matando da mesma embarcação o gado preciso para o sustento, e que este rio corta por toda a campanha até dar perto dos castelhanos». [2]

Não se embrenharam por ahi á falta de barcos, nem precisaram delles, aliaz: a guerra lhes propiciou ensejo de em zona mais accesivel devassarem o que a chronica dizia ser uma amplidão rica em semoventes, que além-mar, e aquem, tanto valiam, por sua rareza nos mercados da Peninsula e do Brazil central, já frequentado. Conhecidos os planos, a poente da lagoa Mirim e de seu canal de descarga, que tomaram por um rio; a pouco e pouco se situaram por essas redondezas, de feição surprehendente e impressionante para os reinoes. Não nos resta vestigio das sensações que assaltaram a essas almas rudes, em face do quadro, para ellas muito extranho: a homogeneidade do scenario, para quem, na metropole, nascera em um variadissimo, e estivera vivendo, pouco antes, em outro, de topographia assaz heterogenea. Gente habituada a theatros exiguos, na costa da velha Iberia ou do continente sul-brazileiro; com qual assombro não contemplava a largueza dos horisontes, que de certo lhe pareceram os da propria Terra!

---

[1] «Noticia» de Manuel Gonçalves de Aguiar, 298.

[2] «Noticia pratica dos mares do sul», 298.

E' a primeira referencia historica a tracto de terreno bellamente descripto pelo dr. Alcides Cruz, riograndense de intelligencia e coração, que muito se vai distinguindo, pela sua cultura e amor ao estudo das cousas patrias. Vide «Esboço geographico da Encruzilhada», 131.

Tem as vastas steppes, eu sei, algo que desconcerta, que impregna de tristura, que gera funestas sombras na consciencia do forasteiro: o grande silencio e a grande uniformidade. Mas, o deserto entre nós tinha e tem feitio mui diverso: «nas planicies riograndenses não ha a monotonia das planicies argentinas»; [1] ainda que pouco variado, escreve Saint-Hilaire, o aspecto da campanha não fatiga, como os immensos ermos de Goyaz e Minas», [2] e em outro lugar, onde apenas se estendem curtas pampinhas, escreve ter-se-lhe deparado, em a natureza, «um ar de vida e jucundidade, que jamais vira, depois de sua estada no Brazil», dissipando-se com elle a tristeza que o acabrunhava. [3]

Não cança, a paizagem, e é ao contrario provída de condições mui attractivas, de peculiares encantos, a que seguramente não fôram insensiveis os recem-chegados. Pelo grato abalo dos modernos contempladores bem podemos julgar do que tiveram os antigos: facil é imaginar o grau do enlevo que haveria nas commoções dos que a miravam e remiravam, na integridade primeva de todos os attributos essenciaes, que fazem da zona um trecho original do globo; pelos extasis de quem a teve por berço e a conhece intimamente, como um em que se abysmou o auctor, na antemanhã de deliciosa jornada, em diligencia, na companhia de outros... «Quando a mais tenue claridade se irradiava no céu, eramos no plano visinho á cidade. [4] Rodava o vehiculo e respiravamos o fresco ambiente matinal, repassado das emanações do solo. Olhamos em torno e não sei que raro e singular encantamento me possuiu, porque a paizagem era quasi de todo indistincta e fugitiva: tudo em meias tintas, mal se entrevendo o campo, sob a luz indecisa, ainda não vencedora da sombra. Mas, que tons de côr, vagos, quanto interessantissimos, naquella visão da madrugada! A cada instante que corre, a immensa campina muda de aspecto: nevoas se dissipam, a claridade desce aos espaços mais sombrios, a pouco e pouco destaca-se, com o nascente colorido, a configuração do terreno, e a natureza se mostra paulatinamente, como se em pinceladas successivas, um artista invisivel fôsse traçando a pintura inegualavel! De tudo, entretanto, o que mais nos captivava era o escutarmos, em meio daquelle acordar da planicie, uma como remota musica, indefinivel e poetica, a que ouso chamar — a voz da

---

[1] Virgilio Varzea, «Garibaldi in America», 118.

Saint-Hilaire diz cousa parecida, comparando o territorio de Missões com o do Uruguay: «A paizagem é infinitamente mais variada que nas immediações do rio da Prata. Lá é preciso achar um arroio para ter a sensação de algumas arvores; aqui bosquetes de diversas fórmas persemeam as pastagens e a campanha se assemelha a um vasto jardim». Pag. 363.

[2] «Voyage à Riogrande do sul», 213. Todas as citações de Saint-Hilaire, em que não haja menção de outra, entenda-se que me refiro a esta obra.

[3] Idem, 15.

[4] Jaguarão.

Pampa —, mixto de todos os sons: primeiro pipillar dos passarinhos, querulos das grandes aves, mugir do gado, ouvidos de mui longe e que se agrupam em accorde harmonioso, numa surdina que parece evolar-se da propria Terra, pois que o descampado estava em socego e na apparencia ermo, em solidão completa!» [1]

Isto, é preciso notar, são toques de magia, que desatam as scismas, pelo surgir do astro-rei ou quando se afunda no occaso. A mysteriosa symphonia matinal ou a mimosissima aria vespertina contrastam sobremodo com o *intermezzo* pujante e grandioso, do sol em toda a sua plenitude.

De facto a luz americana dardeja por estio e inverno, singulares explendores, que se não casam com o recolhimento daquellas horas, e que, muito ao contrario, incitam, pelo trabalho, á confusão com a machina do mundo, de que é o Riogrande uma das mais portentosas officinas. «O ar de jucundidade que reina em todo este paiz, diz Saint-Hilaire, provêm até certo ponto da idéa de riqueza e abundancia que engendram tão excellentes pastagens, mas provêm ainda mais da côr do céu, que é de um terno azul, extremamente agradavel á vista, e da luz, que sem offuscar, qual nos tropicos, espalha em tudo um tom vivaz e um brilho desconhecidos, para o norte da Europa». [2] Ora, a alegria, como a tristeza, tem o seu valor social. O estado de consciencia a que allude a penna fiel do scientista francez, por uma parte desperta o intenso carinho pelo afortunado sitio em que a existencia corre aprazivel; [3] por outra, abre o espirito á novidade, á iniciativa, á empreza: o homem acabrunhado pelo peso da melancolia é um sêr semi-morto; com os toques de vigoroso jubilo, a alma tem impetos batalhadores e a vida se expande como um hymno marcial.

No recanto que mencionei, foi que teve lugar, segundo todas as probabilidades, a tomada de posse do interior, porque foi por elle que a fronteira se dilatou para o sul. O portuguez do reino ou da colonia achou-se ahi com um resumo preciso e exacto da physionomia commum do paiz que passava a ser o seu e tinha de

---

[1] «Riogrande do sul», 16. O auctor, neste livro, ensaiou descrever as paizagens nativas. Era de esperar o mallogro, em se tratando de assumpto que requeria um pincel amestrado e calido, á dextra, e á mão sinistra, uma palheta irisada. Reproduzo um de meus pallidos esboços, em falta de cousa mais adequada ao proposito expresso no texto, e tambem, devo dizel-o, porque o escolhido, mereceu as honras da menção, em noticia assignada pelo nosso grande Taunay. Para os corações puros, tudo é puro, assentou Paulo, e a esses me dirijo, affirmando não haver a minima sombra de assomo inconfessavel no que faço e sim uma rendida mostra de profunda saudade. Tocante é para os vivos, o que interessou, fosse de relance, aos extinctos, queridos ou benemeritos.

[2] Pag. 213, 214. «Deus ao fazer esta terra, de certo sorria!» ouvi dizer a um velho desembargador, José de Araujo Brusque, finissimo cavalheiro e um dos mais bellos representantes de grande familia provinciana.

[3] Pizarro, «Memorias historicas», IX, 329.

ser o de seus filhos e netos: por toda a extensão visivel, cobertos de gramma, os prados e collinas, onde ruminavam, aos milhares, as manadas de animaes equinos e vaccuns, que constituiriam o maior cabedal do povo nascente.[1] E estes dous factos, as grandes pastagens, a que se refere o naturalista, e a abundancia dos gados, determinaram o genero de trabalho que se tornou o predilecto, dentro de poucas decadas: a criação em forte escala.[2]

Raros ainda os armentios á léste do mediterraneo local, a princípio cuidou-se mais do meneio da gleba virgem, iniciada a cultura e colheita do pão, germen dos largos trigaes, que, com o trato dos rebanhos de lanigeros, constituiu a industria principal dos adventicios, no alvorecer da economia riograndense.

Eram «habeis lavradores»,[3] de boa origem, esses. O visconde de S. Leopoldo, enganado por Pizarro, vulgarisou idéa opposta: para elle, o Riogrande havia participado das espumas sociaes que Portugal exhudava para a grande colonia americana.[4] Arthur Orlando, apoiando-se em João Francisco Lisboa,[5] diminue muito, quanto ao Brazil em geral, o valor desta macula de origem;[6] quanto á provincia em particular, extranho é, que o illustre paulista não descobrisse a aliaz patente leviandade do monsenhor. Intenta divulgar que a base da população se compoz de degradados,[7] depois de haver-se referido a uma circumstancia que torna absolutamente improvavel, ou, melhor, impossivel, esta genesis social. O chronista não designa decreto algum estabelecendo o exilio para a nossa capitania; cita, apenas, o que se expediu relativamente a Santa Catharina, mandando «commutar para a ilha o degredo do Maranhão e Pará». Ora, o decreto é de 30 de junho de 1794 e confessa Pizarro que «attenta a bondade de seu clima, prohibiu o decreto de 20 de novembro de 1797, essa commutação, ordenando que os réus merecedores de degredo para o Brazil, se destinassem para a capitania de Mattogrosso, rio Branco, Negro, e Madeira, sitios de climas menos favoraveis, e cuja povoação precisava promover-se».[8] Ora,

---

[1] «E' notavel por aqui a bondade da herva, diz o padre Vasconcellos, os campos não tem fim, o numero do gado são milhões e milhões; donde só pelos couros se mata, e se carregavam muitos navios delles, deixando a carne por inutil». «Chronica da companhia de Jesus», 98. 2.ª edição.

[2] «Riogrande do sul», 4.

[3] Pizarro, IX, 340.

[4] Sobre a obra mais notavel do senador paulista depara-se-me esta passagem em papeis de Almeida: «Accelera a recepção e remessa do archivo do amigo general João Antonio e com elle os *Annaes da provincia*, pelo calumniador visconde de S. Leopoldo, que muita falta me faz para confrontação e elucidação de factos que desfigura». Vide carta a Antunes, de 10 de outubro de 1860. Meu archivo.

[5] Obras, II, 246.

[6] Obra cit., 5.

[7] «Memorias historicas», IX, 335.

[8] Idem, idem, 277.

em primeiro lugar, não consta que haja existido, antes ou depois, texto de lei transferindo ao Riogrande os referidos condemnados; em segundo, não é crivel que houvesse algum, pelos proprios fundamentos attribuidos ao decreto de 20 de novembro, revogatorio do de 17 de junho. Se o clima da ilha de Santa Catharina, em que corria dominarem «molestias graves», [1] foi considerado de uma «bondade» que desconvinha aos chamados criminosos; não é de admittir-se fossem remettidos para o que o proprio Pizarro chama «o paiz delicioso do Riogrande». [2] Muito menos é de admittir-se que passassem de Santa Catharina para elle, durante a epoca em que vigorou a lei dos desterros, porquanto a mesma teve a curta duração de 3 annos e pouco mais de quatro e meio mezes. Em tal espaço de tempo e com as diminutas communicações que existiam, escasso numero deve ter entrado. Antonio José Gonçalves Chaves, que rebateu victoriosamente as affirmações de S. Leopoldo, garante que no Riogrande do sul se conheceram apenas dous degradados. [3]

Mais para diante, voltarei sobre o que consta das excellentes «Memorias» do illustrado brazileiro-adoptivo; [4] basta-me agora deixar bem assente, quanto á genealogia da população, o que importa á materia principal deste livro. Isto é, apurar quaes os componentes biologicos que a metropole introduziu ahi, modificações que acaso soffreram a influxo do meio, typo que resultou, e sua influencia no desdobramento do phenomeno politico em estudo.

O nucleo que por scissiparidade se havia destacado para o sul, principalmente da Laguna, avultou com o sedimento que foi deixando o fluxo e refluxo das expedições militares ou aventureiras, de S. Paulo e Minas, bem como, por outro lado, com os hespanhoes e portuguezes da Europa, que se entrelaçaram. Uns e outros produziram tambem algumas computaveis mesclas, no encontro com os indigenas, [5] e rapido se adaptaram ás novas circumstancias com que se viam em contacto. No cadinho americano as mudanças se operavam com tamanha celeridadade, que se o primeiro, o paulista, já constituía um sêr á parte no quadro da ethnographia do reino, o segundo, o mineiro, um pouco menos differenciado, não era mais um portuguez do velho continente; e este proprio, como o seu visinho de além da raia, transpostos os mares, em poucos annos (como ha animaes que largam a pelle e refazem uma outra), dir-se-ia que adquiriu um novo *habitus*, a que breve correspondeu nova compleição physica e outra vida moral. Uns e outros, entretanto, ainda

---

[1] Idem, idem, 276.

[2] Idem, idem, 328. «Provincia......... não só bella, pela bondade do clima, que convida á vivenda, mas procurada por novos colonos pela fertilidade». Pag. 329.

[3] «Memorias economo-politicas sobre a administração do Brazil», a 5.ª

[4] Chaves, de cuja cultura ha excellente menção em Saint-Hilaire (pag. 84 e 92), veiu da Europa e fixou-se em Pelotas, durante o periodo colonial, circumstancia que dá aos seus informes um grau de innegavel segurança.

[5] Virgilio Varzea, «Annuario do Riogrande do sul», XXII, pag. 137.

que em grau inidentico, participavam desse valente espirito de aventura, que sobretudo distingue na historia a capitania de S. Vicente, com os feitos dos «bandeirantes»; esses homens de ferro, cujo papel na evolução do Riogrande bem pode ser assimilado ao do que representaram os rudes e masculos barões da metropole, na idade média — os *riqui homines qui tenebāt terra*, para empregar uma expressão do tempo —, [1] os grandes batedores da raça em territorio mahometano, que exploravam o terreno e se firmavam nelle, por sua iniciativa propria assignalando o caminho ás vindouras tropas do principe, o sitio dos arraiaes militares: os precursores, em summa, de mais regular estabelecimento, que outros radicariam. Como a differenciação operada com os choques da guerra e existencia diversa fixaram no lusitano um typo nacional, em meio do mundo peninsular; o embate com as forças vivas e mortas nos sertões do Brazil primitivo, imprimiu uma individualidade propria, nesses formidaveis «bandeirantes, que marchavam a pé, de surrão ás costas, sem conduzirem comsigo outra vestimenta que camisa e calças de algodão, chapeu de palha, armados todos de facão ou machado, e alguns de armas de fogo, com que se defendiam contra os indios ou apresavam os animaes de caça»; e que «acaudilhados por personagens distinctos por seu saber, coragem, fortuna, maneiras e palavras, organisaram essas expedições, que investiram contra o sertão, affrontando o que se pode imaginar de obstaculos e privações», e domando-os «todos», assim como «todas as monstruosidades physicas, todos os accidentes geographicos». [2]

Mas, um acontecimento historico introduziu na sociedade que se desenhava, um modificador a cujo peso se restabeleceram, de certo modo, os caracteres intrinsecos da raça: quero dizer, a contribuição açoriana, pelas proporções que teve, retrouxe o caudal ethnico á sua quasi pureza originaria. [3]

Dei noticia alhures das causas e modos por que se produziu o exodo, e digo que foi tal o effeito da grande entrada de ilhéos, porque se geraram com elles, sensiveis effeitos do que observa Theophilo Braga, uma das maximas figuras do archipelago e uma das maximas individualidades do paiz, certamente apoiando-se em Spencer: [4] que nas possessões longinquas perduram os costumes de um povo, quando no paiz de origem ha muito se obliteraram. Os casaes açorianos traziam comsigo, em toda a plenitude, não só o rijo arcabouço, e a valente musculatura, como a feição intima, puro ainda o complexo de condições pessoaes e collectivas que caracterisavam o portuguez-velho, archaicas havia muito na Europa continental. [5]

---

[1] Barros, «Historia da administração publica em Portugal», I, 396.

[2] Arthur Orlando, «Os bandeirantes», 10. Vide tambem Saint-Hilaire, «Voyage dans les provinces de S. Paul, etc.», I, 24.

[3] Saint-Hilaire, 143. Quanto ás providencias reaes sobre a materia, vide Paulo de Brito, «Memoria politica sobre Santa Catharina», 22.

[4] «Sociologie», III, § 578.

[5] «Riogrande do sul», 353.

Traziam integro o patrimonio; enriquecido, porém, com o desenvolvimento autonomico e o influxo extranho. Este foi o da gente do norte, [1] que refrescou o sangue peninsular, propiciando-lhe novas achegas do que já o tinha modificado em seculos transactos, ao serem transfusas aquem dos Pyrineus, por via dos barbaros, as ondas do sangue que vitalisava as hordas da Germania-mater. A fibra physica e moral, que caldeada ao sol do meio-dia em parte se tinha afinado e ao mesmo tempo tornado mais fragil, retemperou-se em mais genuinas fontes de origem commum; ao passo que o ponto da terra em que se reencontravam as duas caudaes, imprimia a uma e a outra — e, portanto, ao producto de ambas — ainda mais firme robustez e mais dura resistencia.

Virgilio Varzea, com o talento que desenvolve na indagação historica de tudo o que se relaciona com «o patrio ninho amado», pondera com justeza quão forte devia ter sido o papel modificador do solo vulcanico, em o temperamento do reinol transferido a estas ilhas, ameaçadas pelas forças telluricas, ou pelas circumdantes, do oceano. Se indesconhecivel o effeito da radical transfiguração que a vida maritima operou no portuguez, com o inicio da epoca das grandes navegações; ha de convir-se que algo de parecido, ao menos, foi o que nelle se produziu, embarcando nas praias da terra-firme, para fixar o destino sobre o archipelago descoberto em 1431. Que é elle mais que uma esquadra de galés e caravellas, ancorada no mar largo, sob o açoute continuo dos ventos rijos, [2] varridas completamente as toldas, por temiveis tempestades? [3] O navio balança á mercê das ondas, tangido pela raiva dos meteoros; uma ilha dessas, de quando em quando, oscilla á semelhança do lenho entregue á espuma das vagas furiosas: o desabrido tufão nas aguas, tem um simile, em terra, na muralha em que ellas se empinam sobre a costa, em maremotos arrazadores: os bufos infernaes do cyclone têm-no, e formidando, nos roncos e sacudidas volcanicas. [4] A contemplação quasi permanente destes soberanos rompantes da natureza ha de cavar sulcos profundos na alma humana: a lucta com as calamidades tem por força que dar á contextura do caracter uma inclinação activa e batalhadora. Observando a um japonez que em sua terra se passa, de uma borrasca, a um terremoto, e desfe a outra violencia do céu, destemperado sempre, como é o solo: respondeu-me: «Isto faz forte o homem» (textual). Faz; qualquer que seja outra circumstancia, acaso a isto impropicia, a não ser que labore em grau capaz de annullar os effeitos tonificantes, que apontei. Por exemplo, escreve Accursio Ramos que ao «clima dos Açores é devida em grande parte a indolencia que se nota nestes povos». [5]

---

[1] Os flamengos, segundo Accursio, «Archipelago dos Açores», 116.

[2] «E a violencia delles que concorre para que não seja o clima das ilhas um dos mais agradaveis do mundo», diz Accursio, pag. 79.

[3] Idem, 80.

[4] Virgilio Varzea, «Santa Catharina», 25, 26.

[5] Accursio, 119.

Melhor diria, que se nota em uma fracção delles, visto como o seu proprio livro reconhece que o facto se verifica, entre os das classes abastadas e que por isso tem o nome de altas. Ora, são estas, em qualquer ponto da terra, avessas ao trabalho, e é dellas que fala, pois firma adiante que «a classe baixa é muito laboriosa», [1] — laboriosa e emprehendedora, porquanto «se entrega á agricultura» e tambem «á vida do mar». Isto é, continúa a ser o portuguez de antanho, nas fainas da existencia, como em tudo o mais: «E esta classe a depositaria da maior quantidade das tradições da linguagem, poesia popular, usos e costumes da mãi-patria». [2] Os trajes são os de epoca antiquissima, no reino. «E não só esses trajos, mas a propria lingua se tem conservado aqui sem notavel alteração. Quem, tendo percorrido as provincias do continente do reino, visitar os Açores, conhecerá facilmente que neste archipelago se fala mais correctamente que em qualquer outra parte a formosa e abundante lingua portugueza, sendo os idiotismos em numero mais diminuto, e ouvindo-se mui raras vezes, mesmo entre os menos illustrados, algumas palavras corrompidas». [3] Ora, não foi a aristocracia de raça, ou a mercantil, que urgida pela fome, emigrou, de 1747 a 1752: foram os membros da «classe baixa laboriosa», composta de individuos de constituição vigorosissima, «altos e bem proporcionados» ou «superiormente robustos», com «feições regulares, barba abundantemente povoada, e olhos bem rasgados, revelando sua natural vivacidade»: «mulheres geralmente altas, elegantes e formosas». [4]

Disse que o açoriano se havia mantido na linha da primordial actividade lusa: era essa a lavoura, o marear e a guerra. Constante naquellas duas primeiras operações, consuetudinarias na raça, dil-o o auctor citado mui remisso á ultima: «Odeia a vida militar». [5] Aborrece-a, porque a metropole só lhe apparecia sob a figura extorsiva do imposto, que por vezes o levava ás insurreições. [6]

A muitos se antolha coadunavel o apego á terra, com a tyrannia, depressiva e roaz; o ambito em que floresce a usurpação e mingua a liberdade, para esses é sempre um grato painel. Engano! isso não constitue uma patria e sim uma prisão. Aquella é um complexo mais nobre: é o «territorio habitado por um grupo de familias so-

---

[1] Pag. 125.

[2] Idem, 125.

[3] Idem, 130.

O visconde de Castilho faz identica observação: «Repara na fala antiquada dos insulanos populares, aquelle portuguez quinhentista que ainda ali se escuta ao povo da cidade e das montanhas, aquella louquela tão outra da que se pragueja na Mouraria». «Ilhas occidentaes do archipelago dos Açores», 51.

[4] Com a vivacidade que lhe nota Accursio, se mostra de accordo Castilho, que «julga o açoriano em geral intelligentissimo».

[5] Accursio, 131, 132. Castilho, obra cit., 53.

[6] Idem, 130.

lidarias». [1] Quando falta esta ultima condição, que alarga o vinculo da sociedade mais elementar, em outro mais amplo, a nacionalidade pode ser um aggregado que o civismo apoie; casos ha, porêm, em que pode ser mais que justificada até a desestima. Em que pode ser justificada até a propria repulsa, e isto quando, com a complicidade de todos, a patria se transmuda em absoluto, de symbolo e causa de união, em patrimonio de alguns, girando os publicos negocios em torno dos interesses de uma algida *bureaucracia*, que faz a guerra e impõe a paz, conforme convem aos politicos profissionaes, aos fornecedores e bolsistas, em summa, aos compadres da *societas sceleris* que sóe cobrir o seu contrabando, com a bandeira nacional. A do açoriano não era ainda esta abjecta creação do industrialismo torpe; o soldado que a encarnava, porém, era o brutal esbirro de prepotencia soez ou a viva representação de ũa ameaça permanente, aos fructos de penoso trabalho, e por isso, como no continente, o detestava ao longe, no seio do archipelago. Heis de vel-o em theatro apropriado mostrar-se á altura dos velhos annaes e exceder em muito o que já lhe reconhece Accursio Ramos, e não é pouco. Quero dizer, aptidões para a justa a ferro e fogo: «no campo de batalha, diz, é fiel á disciplina e dá provas de valor», [2] ainda que infenso á farda. Reenamorando-se della, na America, que fará o solido ilhéo, plantado sobre os pés, como uma rocha, que os vulcões patricios estremecem, sem arrancar?

Em «poucos annos de novo meio e clima, de vida nova», mudou em um «typo originalissimo: a população riograndense, tão differente de outras da Europa e America, e até mesmo do Brazil». «O pesado ilhéo, ao pouco tempo, não era mais reconhecivel no lesto gaucho, dominando o cavallo com a maxima destreza, trocados os habitos sedentarios, por um viver entre o arado e as aventuras da campanha semi-deserta, a indole refractaria ao serviço militar, pelo enthusiasmo guerreiro, o modo de ser pacato e tranquillo, pelo de livre franqueza e espontanea vivacidade. Novas terras, novos usos!» [3]

O que um maravilhoso vate adivinhou e estimou de longe, «a dupla vantagem de uma terra virgem e de uma raça antiga», «de um grande passado historico» que se reflectia do outro lado do oceano e prolongava acolá o «continente civilisador», reunindo «a luz da Europa ao sol da America»; [4] é o que deparou Garibaldi, em um de seus mais bellos effeitos. O sublime *condottiere*, em arroubo de juvenil transporte, descobre o enthusiasmo que o invade, ante o espectaculo do renovamento da creatura, confundida intimamente com um meio em plena primavera da evolução, e ao definir os seus contactos iniciaes com o Riogrande do sul, exclama:

[1] «Patria, livro da mocidade», 1.
[2] Pag. 125. Vide tambem Castilho, «Archipelago dos Açores», 16
[3] «Riogrande do sul», 32.
[4] Vide Oliveira Lima, «Formation historique de la nationalité brésilienne», 1.

«É a mocidade da natureza, é a manhã da humanidade!»[1] Um mundo novo em tudo, verdadeiramente, dentro do qual a mudança para melhor, a benefica transformação das creaturas tinha que produzir-se ineluctavelmente, como se produziu, e como se produz, sob o imperio de analogas circumstancias, no proprio reino vegetal.[2] «Os costumes conservados naquelle isolamento, em meio dos mares, refloriram, deparando-se-lhes campo adequado á sua melhor expansão».[3] As circumstancias em que os homens tinham avultado a sua estatura moral, reencontravam-se agora em ultramar, e até mesmo as aventuras se reproduziam, passando, quasi identicas, das chronicas velhas ás modernas. Em solo propicio «se desenvolveram com a maxima largueza os bons costumes tradicionaes do Portugal heroico. A estada nas ilhas parecia um sonho: defronte um do outro, se encontravam em plainos da America, os dous antagonistas da Peninsula: — o debate pelas fronteiras, o empenho em disputar contestados dominios, recomeçou com tamanho vigor, que ninguem julgaria terem annos e annos distanciado os contendores. As jornadas de Aljubarrota e Valverde repetiram-se, não com a magnitude historica de outrora, nos resultados, mas em nada inferiores ás antigas, na grandeza epica das acções».[4]

«Dentre as qualidades, pelas quaes as raças se podem avantajar umas ás outras, parece que a principal é a adaptação. As raças, da mesma sorte que os individuos, ou se adaptam ás novas condições de existencia ou desapparecem»,[5] pondera o doutissimo Arthur Orlando e reproduz esta magnifica e soberba pagina, de outro grande espirito do paiz: «O que a observação scientifica dos nossos dias nos ensina, é que nenhuma raça no mundo iguala a portugueza como aptidão physiologica para se adaptar a todas as condições imaginaveis da existencia terrestre. E a raça privilegiada, é a unica que teve o dom de annullar a seu favor as mais inclementes influencias climatericas: o acclimamento universal é o seu apanagio. O portuguez é o preferido no serviço das baleeiras norte-americanas,

[1] «Memorias», 46.
[2] Lindman, 182.
[3] «Riogrande do sul», 353.
Não ha neste dizer uma theoria inspirada pelo bairrismo. Azara legou-nos um quadro preciso destas favoraveis disposições encontradas pelos alienigenas. Firma a respeito dos povoadores da bacia do Prata, que «com breve reflexão conheceriam as suas muitas vantagens sobre os europeus, visto como seu paiz lhes franqueia liberdade, igualdade, facilidade de ganhar dinheiro por muitos modos, e ainda de comer quasi sem trabalho nem custo, porque os comestiveis são bons, muito baratos e abundantes». E accrescenta que «não nos sujeitam as leis, sem vigor, por ditadas de mui longe, nem as contribuições, que constituem cousa mui pouca»: «o unico que alguma vez pode incommodal-os é a paixão ou impertinencia de algum commandante». Vide «Descripcion é historia del Paraguay y del Rio de la Plata», II, 369.
[4] «Riogrande do sul», 355.
[5] «Pan-americanismo», 198.

e, nesse posto, o vemos imperterrito arrostar os frios glaciaes das costas da Islandia. Na zona torrida, a mais mortifera da Africa, o encontramos sempre a prumo, robusto, inabalavel, jovial e altaneiro. Lá onde nenhuma outra raça medra, o portuguez prospera. Lá onde os soberbos colossos louros, os bellos Apollos do Norte, ruem por terra, derretendo-se como cera molle ao calor de uma temperatura média annual de 28°, o portuguez campeia impavido e implanta duradoura prole. A elle pertence a palma dos dotes masculos na tarefa dos cruzamentos. Ao passo que o anglo-saxão, ao fusionar-se com a raça preta, não dá senão productos detestaveis, vemos sair da união do portuguez com quaquer outra raça, magnificos specimens, que se perpetuam indefinidamente». [1] Pois bem, esta maravilhosa plasticidade é um merito que não sacrificou ao seu desenvolvimento, nenhum outro, do capital ethnico, sob qualquer céu, e muito menos ao transportar-se o lusitano, para os confins da Pampa. O preclaro scientista paulistano cita como exemplo da formosa persistencia dos caracteristicos do typo estudado, o caso, na Africa, da «familia dos Sousas, formando extensa tribu, que se assignala por seu nunca desmentido vigor physico e sua rara intelligencia commercial». No velho Riogrande poderia mencionar mil outras, que se distinguiram na fundação das vastas propriedades ruraes e dos grandes labores gauchos, ao mesmo tempo que defendiam as antigas ou criavam as novas fronteiras. Ali o valor economico do povo emigrado se ampliou, com a adquisição dos novos processos do trabalho, que se intensificou, innegavelmente, como teve augmento sob o aspecto da iniciativa, — circumstancias que lhe revolucionaram a existencia material e moral. Não se deixou ficar, o homem, no que a industria era antes; á rotina agricola e aos lanificios, foi aggregada a labuta campestre e o preparo das carnes salgadas, e como a *ferrugem* atacasse os trigos, soube aproveitar, com uma previdente intuição commercial, a queda subita da criação ao norte do Brazil, para dirigir para lá o trafico do tassalho. Mais ainda: rendosa a «estancia», com o exito das «xarqueadas», largou de todo os plantios, então relativamente improductivos, pela exclusiva existencia pastoril, no interior, — fabril, em dous pontos unicos, á margem do S. Gonçalo e do Jacuhy, centros em que os gados se reduziam a conservas exportaveis. [2]

Na sua primeira phase industrial, o Riogrande, com uma popu-

---

[1] Dr. Luiz Pereira Barreto.

[2] Segundo José Saturnino da Costa Pereira não foi esta dupla circumstancia unicamente que matou o plantio dos trigos e sim tambem o facto dos «americanos do norte, e outras nações, introduzirem no Brazil, farinhas a melhor mercado do que a poderiam dar os moleiros que comprassem o trigo vindo do Riogrande». Vide «Apontamentos para a formação de um roteiro das costas do Brazil, com algumas reflexões sobre o interior das provincias e suas producções», 4.

lação de 40:939 habitantes, [1] fazia transitar, em 1804, pela barra da capitania, o excedente do trabalho local, por um valor de 930 contos de réis, valor esse que doze annos depois, elevada a população a 74:232 almas, subia a 1.844:653$150 réis. [2] Não disponho de dados estatisticos que me permittam fazer um parallelo com o balanço da producção exportada pelo reino, nos mesmos annos, mas posso estabelecel-o com o de annos proximos, o que basta para o effeito. Portugal, com uma população de 3.042:025 habitantes, enviava ao exterior 34.899:223$440 réis em 1805, trafico que onze annos depois, em 1816, descia a 30.547:540$775, como descera a população a 2.959:000 creaturas. Ora, temos assim que para uma producção exportavel que individualmente correspondia no Riogrande do sul a 49$855 réis, na primeira hypothese e de 38$704, na segunda, occorriam na metropole, totaes que não ultrapassavam os numeros seguintes, respectivamente: 11$472 réis para 1805 e 10$323 para 1816. [3] É certo que Portugal atravessava um periodo de sérias provações, mas, se a comparação se fizer com um outro povo, que figura com brilho no certamen do trabalho universal — o japonez —, ver-se-á que apesar de apparelhado este á moderna, o quociente do seu commercio para o exterior não alcança o da capitania brazileira, nem mesmo no ultimo anno de que existem dados. Em 1908, por exemplo, a exportação, no Imperio do Sol Nascente, foi de 378.245.673 *yens*, o que corresponde, *per capita*, apenas a 10$855 réis de nossa moeda actual. [4]

Causas de toda ordem, e entre essas as economicas, actuaram na genesis da Revolução. Superam as ultimas, a todas as mais; as de categoria moral, porém, não podem ser despresadas no presente balanço. Convém, pois, mais directamente, e sobretudo no que interessa ao thema deste livro, emprehender o estudo da alma do povo que foi habitar no Riogrande e nelle conseguiu notaveis progressos. Antes, comtudo, obriga-me o methodo adoptado a consignar o tributo de raças extra-peninsulares, nessa formação ethnica.

Falei de mestiços, por via de cruzamento com indios. Estes, no periodo historico em exame, eram os carijós, na costa, tapes,

[1] Mappa e correcção de Paulo da Gama. Traz a população de 1803, que completei com a correcção de 2,5 % para augmento annual, o que é calculo modesto, como observou Graciano de Azambuja, o doutissimo fundador do Annuario do Riogrande do sul.

[2] Magalhães, «Almanak de Portoalegre», 73.

[3] Os dados relativos a Portugal, que são de Balbi, me foram obsequiosamente fornecidos pelo erudito Oliveira Lima, ex-ministro do Brazil em Bruxellas, a quem tanto devem as nossas letras. A população em 1805, é calculada sobre a de 1807, com o desconto preciso, por me faltarem dados quanto áquelle anno, e feito o mesmo desconto na fórma do calculo anterior, para o caso do Riogrande. Quanto a 1816, mantive sem alteração o numero que Balbi registra.

[4] O Imperio em 1908 dispunha de 51.741:853 almas.

em Missões, charruas e minuanos, no centro da campanha. Resumo alhures o que sabemos de taes gerações de indigenas; tratarei aqui, apenas, da influencia que puderam ter, na composição das que sobrevieram, de pelle branca. Foi diminuta, como disse: enlaces esporadicos, de escassa valia na massa da população, em sua quasi totalidade de proveniencia latina.

Com a primeira tribu seguramente nenhum se produziu; a «Noticia», de Manoel Gonçalves de Aguiar, escripta em 1721, diz que as terras da costa «são pouco habitadas de gentio, e só ao pé da serra, e antes de chegar a ella, se vêm bastantes fumaças de gentio bravo, *mas este não commercia com ninguem*».[1] De certo é o que, com a entrada definitiva dos portuguezes, uns quatorze annos depois, ganhou a beirada superior do planalto e se conserva esquiva até hoje, desapparecendo do Riogrande, aonde só accidentalmente surge, na Vaccaria, e pullulante ainda, nas encostas da serra do Mar, em Santa Catharina.

Os guaranys das «reducções», muito mais numerosos, apesar do contacto em que ficaram, desde 1800, com a gente da capitania, não parece que tenham estabelecido com os brancos um intenso commercio sexual: os indios, supponho, conservaram-se mais ou menos puros até o exodo de 1828. De outra sorte, incomprehensivel o exito de Fructuoso Rivera: se a mestiçagem houvesse de muito avultado, seguramente não arrastava, como arrastou, a população inteira, traz si. As affinidades com os naturaes de léste, reteriam, pelo menos, boa parte dos habitantes, nas aldeias.

Com os selvagens da campanha se devem ter produzido phenomenos que nos escapam, visto a pobreza das chronicas, mas que nos é licito presumir fundadamente, até certo ponto. Sobresaem dous logo, no primeiro relance, cujo merito estabelecerei: firma a tradição platina, por um lado, que os charruas, hostis aos hespanhoes, viviam em paz com os portuguezes; a tradição que estes firmaram, assenta, por outro lado, que a mesma paz existiu com os minuanos. Mais do que relações tranquillas e benignas: alliança formal.[2] Ora, entre si a pactuaram as duas nações cavalleiras, o que poz naturalmente não só uma, como ambas, em relativo convivio, periodico ou permanente, com os colonos europeus de nossa raça. Não é de crer que pelo aspecto da nupcialidade avultasse mais neste caso, do que no anterior, o quadro dos registros a fazer-se: as uniões deviam ser limitadas a muito menos do que foram pelo norte do Brazil, ainda que não penso que fossem tão

[1] Isto entre Mampituba e o porto do Riogrande. Vide pag. 299, 300. Sobre as margens daquelle rio e do Tramandahy não existiam mais indios. Vide pag. 297.

[2] Almeida Coelho, «Memoria historica da provincia de Santa Catharina», 135. Segundo Thomaz da Costa Correia Rabello da Silva, não só os charruas, tambem os minuanos hostilisavam as «estancias» dos hespanhoes na campanha do Riogrande do sul, os quaes as foram desoccupando, ao tempo que os portuguezes iam firmando seus estabelecimentos. «Memoria sobre a provincia de Missões», na «Revista do Instituto», II, 156.

restrictas, como alguns escrevem. O facto de não repugnar a pessoas de nota, convence que foram mais frequentes do que esses taes garantem, e é corrente haver casado, Raphael Pinto Bandeira, a primeira vez, com uma indigena, assegurando interessante versão que o leito de noivado do temerario guerrilheiro o armou elle com os seus adereços de montaria: os arreios gauchos, sob o cortinado azul do firmamento, cujas vaporosas gazes envolveram em mysterio, a confusão no amor. [1]

Restricta, quanto á mescla, a influencia dos incolas primitivos, entendo que foi consideravel a outro respeito: grande ha de ter sido a mutua penetração dos costumes, a dupla corrente dos mais civilisados para os mais rudes e destes para aquelles, a osmose nacional tendendo a irmanal-os em um nivel commum; com innegavel ganho para os segundos em doçura no trato e melhora nos commodos da vida, o que os primeiros, num convivio em certos pontos inferior, rapidamente perdiam em policia e cultura. Perdiam, visto que a rusticidade augmentava, assim como a descomprehensão de necessidades da existencia urbana até ahi sentidas, as quaes impunham sacrificios, mas, estimulavam ao labor e progresso. [2] Ganhavam, porém, e muito, por outro lado: além de assimilarem varios misteres, que permittiram o emprehendimento de nova industria, a pastoril, com o meneio do cavallo, do laço e as «boleadeiras», para chegarem-se os gados «chucros» ás «estancias», os portuguezes houveram de seus toscos alliados, arbitros das communicações na campanha solta, um favor inestimavel, o renovamento de uma grande lição havia muito desaprendida: — a do preço, valor, e merito da liberdade. [3]

---

[1] O mais celebre fructo destas approximações, entre as duas raças, foi o illustre general José de Abreu, pai dos tenentes-coroneis José Ignacio da Silva Abreu e Claudio José de Abreu, partidarios, ambos, da Revolução.

Do primeiro nos legou uma biographia o saudoso Rio-Branco («Revista do Instituto», XXXI, 62, 3.° trimestre), em que ha um engano quanto á origem do heroe, que Coruja corrige, no «Anno historico sul-riograndense», 78.

[2] Esta phase é estudada em volume que, nos da serie desta obra, resumirá a evolução dos homens de nossa raça, na fronteira, desde os primordios. No presente, occupo-me apenas do desenho dos mesmos, no periodo de desenvolvimento a que haviam attingido, quando se preoccuparam com as reformas politicas. Inutil observar que passaram por estadios varios de cultura. Esta não se improvisa em nenhum de seus graus.

[3] Digno de registro, para a historia futura das relações entre os brancos e os vermelhos, o que consta de um nobilissimo acto do governo da Republica riograndense. Havendo-se dado um choque entre as duas raças, no Passofundo, ficaram algumas crianças em mãos dos primeiros. Sabedor do facto, por informe do general Bento Manuel, então commandante das divisões da direita e centro, ordenou a este, em data de 1.° de março, o ministro Almeida, que recolhesse os «bugrinhos», para serem *adoptados pela nação*. Que os «tratem acima do vulgar», aconselhou, para «convencer a nossos concidadãos, do apreço que lhes deve merecer aquella

Com a perversão das opulencias transitorias, sob chatins coroados, ciosos de seu imperio e depois meros economos do vasto collegio de jesuitas, que abrangia todo Portugal; o forte povo do reino ou ensandecera sob a ferula do professor de batina, e vivia de joelhos no beaterio, ou mourejava, mais para o pagamento dos tributos e dizimos, do que para a sua casa, e, nesta ou na igreja, a sua attitude era a mesma: a da submissão sem limites. O systema educativo da milicia de santo Ignacio varrera do paiz as noções de altivez e autonomia individual, que a disciplina monarchica sempre antes respeitara, e que então, a influxo das novas tendencias espirituaes, igualmente banía. [1] Ainda que em boa parte livres dos maximos exageros do despotismo fradesco e civil; as levas de emigrantes que se tinham tresmalhado pelas ilhas; não escaparam ao embarcar, nas praias do continente, aos tentaculos da theocracia, por essa epoca em termos de organisação definitiva. Desenroscaram-se traz elles e cingindo-os ao longe, o archipelago nada mais representou breve que a extensão, para oeste, da area em que prosperava a regedoria politico-sacerdotal da metropole. Educado para recebel-a, na escola em cujos bancos imperavam os methodos de Loyola e continuadores (e fóra della, completada a preparação com a virga ferrea do absolutismo dynastico); o açoriano curvou-se, como os que tinham ficado além: como todos, como o reino em peso. Felizmente, a forte distancia e rudeza do accesso lhe consentiram ter ali um asylo em que o sacrificio foi menos devastador, do que em terra firme: ao menos, muitos thesouros moraes da raça, se não outros, mantiveram-se intactos. Ora (notei já), os costumes que conservados naquelle isolamento, em meio dos mares, tanto tinham reflorido, [2] ainda mais refloriram, transposto o Atlantico: no solo riograndense, «se desenvolveram com maxima largueza os bons costumes tradicionaes do Portugal heroico», [3] depois que o encontro com a vida selvagem da Pampa acordou nas almas os sentimentos, as tendencias, que os rudes lavradores e marinheiros contemplavam activas nos indios com quem tinham pratica: nesses indios, em cujo aspecto admiravam a belleza do individuo que se não degradou na dependencia, nem ergueu iguaes acima de si. A mascula condição do autochtone, se despojada a viam de requintes preciosos, achavam-na sobremodo attractiva, pelo que tinha de nobre na sua independencia. — muito logica e

---

raça infeliz e arrepiarem o caminho da sua conducta, acerca da mesma, *até hoje considerada como uma horda de feras*, do que provêm a guerra que nos faz, e a nenhuma esperança de catechese». Vide o «Povo» de 4 daquelle mez.

As ultimas palavras do grande republico justificam assaz o alto pensamento que buscou realisar a generosa alma de Rodolpho Miranda, em sua curta passagem pelo ministerio da agricultura, lançando as modernas bases da incorporação dos indigenas, á nacionalidade brazileira.

[1] Oliveira Martins, «Historia de Portugal», II, 89.

[2] «Riogrande do sul», 353.

[3] Idem, 355.

natural, pois era a que as tradições remotissimas noticiavam como a primitiva dos antepassados da Peninsula, em tempo em que a coroa nada mais representava que um symbolo de soberania, sendo o rei o mais vigoroso, o mais esforçado trabalhador na guarda da fronteira e o simples chefe civil de uma nação de homens livres.

A onda vermelha entestava, sem confundir-se, com a dos brancos, quando em ligeiros bergantins assomou pela volta do mar uma terceira, sombria como uma negra nuvem de tempestade oceanica: a que uma aragem do inferno — o trafico vergonhoso e maldito — soprava para as praias da America portugueza. Felizmente, ainda que Manuel Antonio de Magalhães tenha por notorio e «publico que em todas as colonias e mais paizes adjacentes do Brazil, se não pode passar sem escravos», [1] a verdade é que no Riogrande as entradas foram a principio muito fracas.

Primeiro, porque a natureza da industria que se tornou principal, dispensava o grande concurso de trabalhadores, que a lavra das terras e minas reclamava em outras comarcas visinhas ou remotas; [2] como o proprio encanto achado na faina campesina transformava a prole do «estancieiro» em sua melhor ajuda, no «costeio» dos armentios. Além do interesse que as proprias familias encontravam no vigoroso desporte que breve constituiria uma paixão succedanea das touradas peninsulares; os gados mansos precisos ás matanças eram relativamente em escasso numero: «Ha muitas fazendas, diz Magalhães, todas alçadas, e a maior parte dos fazendeiros, ainda os mais ricos, apenas têm a quarta parte do gado manso», e só esse é que vai «aos curraes e rodeios, que se costumam fazer». [3] — Só o fabrico do tassalho requeria maior tributo de braço servil; em limitada somma, porém.

---

[1] «Almanak da villa de Portoalegre», 48.

[2] Esta circumstancia não escapou ao agudo Saint-Hilaire, observando uma pequena zona criadora, ao norte de S. Paulo. Vide «Voyage dans les provinces de S. Paul et de Sainte Catherine», I, 162.

A recente lei de 1750, «que prohibiu totalmente a escravidão dos indios», citada no «Thesouro descoberto no rio Amazonas» (parte 2.ª, cap. 8) e a anterior bulla *Immensa pastorum principis*, de 20 de dezembro de 1841 (João Francisco Lisboa, Obras, II, 316), em que Benedicto XIV comminava «severas penas e censuras ecclesiasticas» aos perseguidores e captivadores daquelles (ambas estas medidas promulgadas pouco depois da occupação do Riogrande pelos vicentistas da Laguna e de mais do norte); não houveram impedido nos remotos sertões do sul o que os povoadores faziam alhures, se a supramencionada circumstancia não tornasse dispensaveis os muitos braços na industria que se estabeleceu nas campanhas do sul. — junta a essa, de ordem economica, uma outra ainda. Refiro-me á que resultou do escasso numero dos habitadores, ante duas tribus mui guerreiras e relativamente mui bem apparelhadas para a lucta: as duas tribus cavalleiras desta parte da Pampa, que, em vez de escravas, foram alliadas dos adventicios.

[3] Cit. «Almanak», 46, 47.

Não só isto. Depois da tomadia de Missões, como depois ainda, com a emigração de indigenas, da provincia de Entre-rios, para a margem

5

Segundo, porque andava caro, com o incessante contrabando dos captivos para o rio da Prata, onde obtinham melhor cotação nos mercados. «Antes que para Montevidéo laborassem semelhantes negociações, se vendiam os escravos na America por metade do que hoje correm, e comprando-se quatro a dinheiro, o mesmo vendedor confiava outros quatro por tempo de um anno ao agricultor, o que era de uma grande vantagem, mas depois que a ambição dos homens fez laborar aquellas negociações clandestinas para os dominios hespanhoes, jamais o pobre agricultor poude conseguir um escravo fiado, além de terem subido cento por cento do antigo preço». [1] Assim a desnecessidade minguava a procura na zona pastoril e na agricola a citada circumstancia do valor «fazia com que a pobreza jamais pudesse comprar um escravo», [2] escreveu Magalhães, legando-nos uma clara prova do alto nivel do bem-estar geral, poisque assim destaca a situação real dos que classifica de indigentes ou despecuniados.

Com o eterno engano, fatalissimo aos povos, de que o governo deve ser a providencia zeladora e protectora de tudo, quando seu papel na economia publica é sempre de funesta perturbação, até mesmo quando parece favorecel-a ou transitoriamente a favorece; Magalhães requer ao principe reinante, muna de superiores ordens o governo local, afim de que «possa obrigar os fazendeiros a fazerem em suas fazendas os precisos rodeios nos seus gados». [3] Pois, «apesar das grandes despezas que se precisavam fazer», [4] «em peões e cavallos e ser preciso annos continuados para se concluir» o trabalho rural; [5] sem constrangimento e de sua propria iniciativa — alta lição que os politicantes olvidam e fazem olvidar comsigo, ao povo que exploram! — sem lei ou estimulo auctoritario, sem «ordens superiores», os particulares, com o progresso do commercio das carnes, por si mesmos alargaram o trato dos rebanhos, multiplicando as encerras em que se amansavam e facultavam maiores «desfructes» annuaes. Trouxe a elevação do nivel mercantil, a urgencia de braços, para os supprimentos requeridos pelas praças em carestia, e como do velho continente as levas emigratorias não davam quanto as circumstancias impunham, nem os forneciam pelo vil preço que a cubiça desejava: recorreu-se á fonte aonde os ia buscar toda a America: «á costa de léste», em Africa, terra em que aliaz já começava a haver «grande falta», [6] sendo tamanhas como eram as *razzias* dos piratas negreiros.

---

esquerda do Uruguay, a effeito dos desmandos locaes; os fazendeiros da parte oeste da provincia, que não tinham escravos, tomaram «peões» guaranys. Vide Saint-Hilaire, 316.

[1] «Almanak» cit., 48.

[2] Idem, 47.

[3] Idem, 46.

[4] Idem, 46.

[5] Idem, 47.

[6] Idem, 48.

A mingua na «carne do Ceará» e consequente alta da sulista só chegou a termos de ter profunda repercussão na economia publica, umas duas decadas antes da phase revolucionaria. Na metade da segunda, porém, foi prohibido o trafico, logo em 1831, ainda que continuasse clandestino, como provam esforços varios para cohibir o illegal commercio. No sul, a convite do presidente Manuel da Cunha Galvão, a «sociedade do Continentino» abriu campanha contra a immunda mercadoria, [1] coadjuvada a mesma pelas folhas, unanimes na denuncia do contrabando de africanos e em grande vozeio quando os pretos boçaes logravam descer, a titulo de «ladinos», ou na costa do Albardão ou em Castilhos.

Difficil averiguar a quantos montavam os que foram introduzidos até 1835. O censo de 1814 dava á capitania 70.656 habitantes, dos quaes 20.611 escravos. [2] Para diante, os dados estatisticos ainda mais escasseiam, sobretudo com relação a estes, para ajuizarmos com segurança da composição dos elementos ethnicos que concorreram para o levante de 20 de setembro. Ha meio, todavia, de apurar alguns numeros approximativos; o censo de 1846 bem pode servir para avalial-os, porquanto, se é certo que houve a porcentagem de augmento fatal nos povos jovens, de situação economica apropriada ao progresso da natalidade, tambem influiu para o despovoamento, nos dez annos anteriores, a devastação da guerra e a emigração, de que sempre anda acompanhada. Não é de crer que esse lapso de tempo assaz largo tivesse valor eliminatorio inferior ao da revolta federalista. Ora, ainda que durasse menos de um quarto do tempo que durou a primeira, os abalos predecessores e seguintes ao rompimento da guerra bastaram para reduzir municipios inteiros a solidões, passando, de alguns, ao Estado oriental, copiosos grupos de familias, até hoje, 16 annos depois, abrigadas na região, para onde se produziu o impressionante exodo de 1892. O de 1835, cuido eu que contrabalançou o que a massa da população pode ter ganhado no decennio, de modo que, sem muito erro, podemos receber, como verdadeiros então, os dados relativos ao referido censo, do anno posterior ao da paz.

Desta sorte encontra, o historiador, a luz de que estava precisado. Segundo a estatistica em que vou apoiar o calculo, a população da provincia subia, em 1846, a 149.363 almas, não havendo discriminação quanto a livres e escravos. Como, porém, consta do censo de 1847 que aquelles não passavam de 118.882, sem arbitrio pode computar-se, como existente o numero de 30.481 captivos, que é a differença encontravel entre a estatistica de um e outro anno [3]

Ministra-nos, entretanto, este resultado, apenas defficiente esclarecimento, porquanto, por meio delle nada colhemos com relação ao que importa ao nosso problema, isto é, o *quantum* da mes-

[1] José de Paiva Magalhães Calvet, Apontamentos. Meu archivo.
[2] Camargo, *Appenso.*
[3] Camargo, 75.

tiçagem, de que só ha numeros, no primeiro censo mencionado. Nelle se verifica que os «livres de todas as côres» montavam em 1814 a 5.399. Assim, para uma população caucasica de 35.991 individuos:[1] uma somma quasi igual a 6.6, oriunda evidentemente do cruzamento, por que os indigenas estão cotados á parte; eram a esse tempo 8.655. Se a relação se manteve até a guerra civil, os mestiços se contariam, no total, por uns 18.000.

Qual a parcella do autochtone e qual a do adventicio, de pelle negra, é impossivel distinguir com rigor. Que a deste era insignificante até então, dous factos o deixam perceber com segurança indesmontavel. O primeiro, não é bem o que denominei, é um elemento de presumpção, de conjectura, mas que para mim denuncía uma circumstancia, cujo merito vai ser apreciado. As chronicas do Riogrande estão cheias de uma referencia, que muito se repete, traduzindo um temor obsidente: o de uma insurreição de escravos. A voz corre de quando em quando, segue-a um pavor geral nas familias, prepara-se á defeza a sociedade branca: ainda em 1864 occorreu uma séria tropelia na fronteira, justificada, por seus auctores, como ũa medida precaucional.[2] Se a raça preta, a esse tempo, tivesse a convivencia, em que depois entrou,[3] com o circulo de seus amos e senhores, o receio não tinha explicação, em provincia onde a gente não morre de caretas: a persistencia delle attesta que o alheiamento era profundo, e, portanto, fracas as approximações sexuaes, mormente sendo faceis os contactos illicitos com o elemento indigena, que mui longe estava de merecer o desapreço em que caíam os pobres escravisados.

O segundo facto a que alludi é o que resulta desta passagem de Saint-Hilaire: «Na capitania do Riogrande, os habitantes do campo, filhos ou netos de homens das ilhas dos Açores, são brancos de raça pura, emquanto que os camponios hespanhoes são pela maioria mestiços de europeus e de indios».[4]

O depoimento é precioso e decisivo, para a formulação de um juizo seguro, não só pelos termos que nelle constam, como pelas circumstancias que o acompanham: o naturalista entrou por Santa Catharina e saíu pela fronteira do Chuhy, reentrando no territorio do Riogrande pelo districto de Entre-rios, de onde passou ao de Missões e de lá foi á capital, isto é, conheceu *de visu*, todas as zonas da capitania, excepto Cima-da-serra, que estava a bem dizer despovoada ainda. A viagem, effectuada em 1820-1821, fornece-nos

---

[1] Excluem-se neste calculo os recemnascidos, indescriminados nas tabellas.

[2] Vide autos de processo e prisão por supposto levante dos escravos das «xarqueadas», na cidade de Jaguarão.

[3] A desprevenida convivencia parece que de todo se estabeleceu para o fim do primeiro quartel do seculo 19.°, como attesta uma passagem de Saint-Hilaire, adiante citada, mas o facto pouco pode ter modificado até 1835, a ordem dos phenomenos que expõe o texto.

[4] Pag. 217.

claros e precisos informes, de que, com outros, podemos induzir como sendo o seguinte o estado da evolução local das raças: as caudaes de tres origens permaneciam em presença umas das outras, sem se confundirem, havendo mesclas em numeros tão reduzidos, que o observador não as distinguiu entre os brancos, que declara de sangue extreme. — Não devia ser tanto assim. Na lagoa dos Patos, as aguas são por metade salgadas e doces por outra metade. Na zona em que visinham uma e outra, se o navegante recolhe um pouco do liquido e o leva aos labios, o gosto, nem é das primeiras, nem das segundas: é intermedio. Entretanto, a linha sinuosa da espuma destaca, bem nitido, o espaço que occupam: igualmente puras na apparencia, as referidas aguas, em toda a extensão daquelle mar interior, quando de facto existe em parte a mistura e por aquella maneira se torna sensivel. Eis a imagem do que contemplou o velho botanico e que exprime a realidade ethnographica de que nos deixou aliaz um magnifico e inestimavel bosquejo. [1]

O grau de mestiçagem tinha baixado, após a phase inicial da colonisação portugueza, descendo ainda mais, depois da aventura de Fructuoso Rivera, que levou para o Estado oriental, a quasi totalidade dos indios mansos. [2] Mas, se o concurso biologico dos vermelhos e pretos não foi consideravel, já mostrei que algo apresenta sob o aspecto social, no que á primeira raça concerne; quanto á segunda, a influencia é dessas que saltam aos olhos, bastando assignalar aqui um facto importantissimo: as criadas pretas representavam o papel de nutrizes da infancia, mui preferidas pela robustez admiravel, e meiguice, no trato das crianças. O que nestas se infiltrou assim, em dezenas de annos, transfundindo um pouco da natureza physica dos africanos, como bastante da sua natureza intima, penso que entra em conta na formação de um povo e que só o inexperto sociologista despresaria esses factores. Não creio possa ter como secundaria ou indifferente, a circumstancia que nos proporcionou amas de raça exuberante de força, em vez de nos haver ministrado impuras ou desmaiadas. Pode muito bem dar-se o facto de que passe á ligeira sobre o assumpto, por se prender a um problema obscuro e serem tenues os effeitos apparentes que dimanam do aleitamento; parece-me, todavia, que lhe merecerá

---

[1] Depois disto escripto encontrei passagem em que o scientista expõe a situação real, que tracei: «população *quasi* sem mistura». Pag. 315.

[2] Eram estes das tribus tapes. Quanto ás outras, sei que dos charruas, que se haviam espontaneamente recolhido ao paiz visinho, voltaram os sobreviventes em numero de um reduzidissimo esquadrão, que constituiu o primeiro do corpo de Jacintho Guedes. Sei tambem, por um documento relativo ao começo da guerra civil, que existiam alguns minuanos, todos na brigada de Netto, ao proclamar-se a Republica.

Fóra dos restos destes tres grupos não existiam senão os indios da matta virgem do norte, sem contactos com a communidade riograndense e que esta distinguia pelo nome de «bugres». Não entraram de nenhuma fórma na composição do povo de cujo estudo me occupo e por isso não me detenho na referencia a elles.

attenções o desvendar que, em mais de uma face da vida nacional, se percebem tons moraes, com reflexos até mesmo no physico, que extremam e apartam do lusitano, o typo brazileiro, sem duvida nenhuma advindos da raça preta, cuja nativa bondade o regimen servil não conseguiu destruir. Della provêm, por exemplo, uma doçura e um languor contagiosos, que deram á mulher de entre nós, um não sei quê, de graça exotica: o segredo, em summa, que uma palavra nascida em nossa lingua, depois de nossa frequencia com esses proprios africanos, traduz expressivamente por — feitiço — nas creaturas, e que as torna sobremodo mimosas e captivadoras. [1]

Suppõe Assis Brazil que as causas impeditivas de frequentes contactos, que influiram «em parte» sobre o «cruzamento de brancos, com africanos e indigenas», inexistiam, quanto ás relações com os visinhos do Prata. Para elle, «o contingente hespanhol não foi tão insignificante como em geral se pensa. Os hespanhoes dominaram por largos espaços de tempo em grande parte do territorio da provincia, além de que em reciprocas invasões os dous povos se visitaram diversas vezes. Não obsta a meu vêr (accrescenta), a consideração da rivalidade tradicional existente entre ambos, porque jámais antagonismos politicos perturbaram assumptos de procreação». [2] De certo e prova assaz a segurança de tal juizo, o facto, entre outros, do enlace de Bento Gonçalves, com uma senhora platina, apesar de viver de armas na mão sobre a fronteira; como prova o casamento de Domingos Moreira, [3] com outra, malgrado a sua estadia na linha por onde quasi sempre começavam as hostilidades, e o que se diz quanto a ambos, se pudéra dizer de muitos mais. A maxima penetração de uma raça, na outra, provinha, entretanto, de circumstancias mais poderosas, que o consorcio de duas vontades ou sympathias: provinha das entradas guerreiras e das emigrações pacificas. Por um lado, o diluvio daquellas soía deixar

---

[1] Inutilmente procurei salvar do olvido o nome de alguns dos representantes desta raça infeliz, que se bateram galhardamente pela Republica. Affirmou-me o venerando José Custodio Alves de Sousa que o mais notavel dos lanceiros libertos chegou ao posto de capitão e era conhecido pela antonomasia de Espalha. Um contemporaneo delle, das mesmas cores, alcançou no Uruguay os bordados de general: Timotheo Apparicio.

Da epoca pre-revolucionaria, encontro esta menção, no precioso diario de Saint-Hilaire: «Chuhy, 3 de outubro de 1820. — Depois de ter almoçado, despedi-me do capitão Manuel Joaquim de Carvalho, que me cumulou de gentilezas e que me acompanhou a cavallo, até o arroio S. Miguel. Este homem nada mais era que um simples soldado, mas, fez taes prodigios de valor, que, em um paiz onde não ha quasi senão brancos, subiu, malgrado sua cor, ao grau de capitão». Era um mulato, coberto já de cabellos brancos, e chefe de uma guerrilha acantoada no antigo forte de Santa Thereza, segundo se lê quatro paginas antes. Vide as de numeros 136 e 140.

[2] «Historia da Republica riograndense». Pag. 14.

[3] Presidente da camara municipal de Jaguarão que proclamou a Republica. Este honrado e distincto patriota era filho do Rio-de-janeiro e negociante na referida villa, onde morreu a 15 de agosto de 1852.

em territorio extranho, sedimentos humanos que modificavam a ethnogenia correspectiva; por outro, as translações originadas pelas causas economicas, faziam refluir, de uma a outra parte, levas de individuos, que assentavam definitivos penates e com o andar do tempo se confundiam na massa das populações preexistentes. Para a banda do Brazil, assignala a tradição que vieram casaes das ilhas Canarias, no proprio periodo da entrada dos açorianos, alojando-se, os primeiros, nos campos de Piratiny e Jaguarão; como affirma que se fixaram outros hespanhoes, no centro da provincia, fundando a actual cidade de S. Gabriel e occupando as cercanias da Bocca-do-monte, pelo «rincão» que delles tomou o nome de Biscainho.[1] Mais tarde, os immigrantes de raça castelhana correram em maior numero para outros lados; assegura-nos Saint-Hilaire que «foi depois da insurreição das colonias hespanholas, que a villa» do Riogrande «começou a florescer e que nella foram construidas a maior parte das casas um tanto consideraveis que por ali se viam» em 1820.[2] Mais recentemente, assistiu elle a uma das migrações, de origem bellica: «Não sómente os indios, escreve, se têm refugiado entre os portuguezes; emquanto estive em Samborja, vinham diariamente homens brancos de Corrientes, e de San-Roque e de outras villas de Entre-rios, apresentar-se ao coronel Paulette e pedir-lhe licença para procurarem collocação em estancias portuguezas».[3]

O mais vigoroso factor de cruzamento, deve ter sido, entretanto, um outro, tambem proveniente de estimulos da ordem economica. Sabemos que desde o periodo colonial se produziu um grande movimento na industria da criação: magnificos os campos das comarcas orientaes da Cisplatina, os riograndenses ou brazileiros trataram de fundar ahi, grandes estabelecimentos, que exploravam, com os que possuiam aquem da raia. Os fazendeiros permaneciam ora de uma banda, ora da outra, e comprehende-se quanto uma situação desta natureza deve ter contribuido para a mescla das duas raças, e o mais ligeiro exame permitte verificar, ainda hoje, até que ponto o phenomeno se produziu.

Qualquer que tenha sido o affluente ethnico de origem castelhana, por grande até mesmo que haja sido, o valor que represente nada é, historicamente, em parallelo com os caudaes de outra procedencia, que imprimiram um cunho inapagavel em nosso povo e fizeram delle até o fim do terceiro quartel do seculo XIX, um producto da civilisação lusa; é certo, porém, que refundido nas forjas

[1] Eram vascos, segundo Saint-Hilaire, 431.

[2] Pag. 81.

[3] Idem, 360. Sobre os desta segunda provincia argentina, diz: «Os homens de Entre-rios, que vi em Samborja, são notaveis pelo avantajado porte, brancura da tez, grandeza e belleza dos olhos» e «impressionantes pelo aspecto audaz e determinado, que todos elles têm». Este retrato coincide em absoluto com o dos guapos e formosos guerrilheiros orientaes, que conheci em menino, varias vezes sob o tecto e á propria meza de meu avô.

ibero-americanas, de que lhe proveiu em parte o que ó grande Vicente Lopez chamou — *galana virilidad.* [1] Fortaleza de animo era cousa herdada de avoengos exemplares, nas lides da guerra ou da paz; o brioso desempeno, que Euclydes Cunha realça no seu estudo do gaucho riograndense, [2] esse, de algum modo lhe veiu do contacto com os descendentes do Cid campeador: o rico e duro metal daquelles rebrilhou como em priscas éras, sobredourado com os explendores da bizarria hespanhola.

Outro coefficiente de modificação ethnica entrou em actividade, pelo fim do primeiro quarto do seculo passado. Carlos von Koseritz, o grande jornalista teuto-riograndense, em um estudo, qualificou, a essa, de a epoca da chegada dos homens de olhos azues, [3] insciente de que o traço physionomico que suppoz peculiar á raça germanica, occorreu vulgarmente no sedimento açoriano, talvez pela moderna transfusão de sangue do norte da Europa, que antes se memora. Os allemães, a que se refere o mais talentoso e illustrado dos que até hoje fixaram o destino no Brazil, dirigiram-se á provincia, desembarcando a rumo da Real-feitoria, em virtude de um contracto do governo imperial, com um certo major Antonio Schaeffer, «o qual achando opposição na Europa, obteve no Hanover e Mecklemburgo o conteúdo das prisões, trazido para o Brazil, então muito desconhecido, e assim o tal agente, para obter a sua commissão de réis 200$000, por cabeça, introduziu no Riogrande do sul a afamada quadrilha dos ladrões de igrejas, facto tão bem descripto na imprensa (1859-1860), pelo major João Coelho Barreto e Eudoro Berlinck». [4] De «1823 a 1825, fundou-se S. Leopoldo». «Vieram em 1824 tantos e tão continuamente os colonos (da Prussia-Rhenana, Palatinado, Bade, Austria, etc.), que o terreno da ex-feitoria se tornou insufficiente e por isso foram estabelecidos os colonos, na maioria, pelas picadas da Estancia-velha, Costa-da-serra ou Ilhéos, Campobom, Sapyranga, Verão, Herval, Dous-irmãos, Travessão, Quarenta-e-oito, Bomjardim, Café, Nova, Capivara, S. José do Hortencio, Cadeia, etc., até o Cahy». [5]

Estes emigrantes não devem ser equiparados em cousa nenhuma á gente collecticia de Schaeffer, [6] vegetação espuria, logo desbastada, do bom e honesto garfo teutonico, enxertado na arvore ilhoa. Muito longe de trazer á terra de adopção a desordem das primeiras levas, as que se lhe seguiram e persistiram nella, fundaram na «costa-da-serra» o paraizo assim descripto por Lindman: «Subindo de Portoalegre ao planalto proximo, ao norte, pa-

---

[1] Volume VIII, 559.

[2] «Os Sertões», *passim.*

[3] «As quatro epocas do Riogrande-do-sul. *Kulturhistoriker*». Esta interessante recomposição ideal da historia foi estampada no «Jornal do commercio», de Portoalegre, por 1882 ou 1883.

[4] Exposição manuscripta de E. J., distincto teuto-brazileiro. Meu archivo. Vide tambem A. Jahn, «As colonias de S. Leopoldo», *passim.*

[5] Cit. Exposição manuscripta.

[6] Idem. idem.

rece fraco o declive, e para alcançar a eminencia, por exemplo, pela colonia de S. Leopoldo, temos que atravessar regiões bastante extensas de pendente muito suave, terreno irregular com alternação de campos cultivados, matta baixa, e um ou outro resto de matta deixada no estado virgem. Assim é o districto que encontrei ao redor de Hamburgerberg. Ahi a serra ainda não tem o caracter grandioso e selvagem que adquire mais para oeste. A altura dos Dous-irmãos é uma cumiada que sobe docemente, terminando em dous picos baixos, visiveis, porém, de Portoalegre, que dista dahi 45 kilometros. Estas partes da antiga colonia foram por isso faceis de cultivar e nenhumas escarpas inaccessiveis deram asylo a mattas maiores e contínuas. O quadro variadissimo das vivendas dos allemães, dos seus jardins, casas de negocio, moinhos, igrejas, etc., tem por moldura uma paizagem onde á gravidade do planalto se allia o mais risonho encanto. Muitas vezes parecia-me estar transportado para as montanhas patrias, e tanto as côres como as linhas do terreno, bem como o ar fresco, puro e reconfortante, me produziam a impressão, ora de um austero quadro do norte, da Europa, ora de uma paizagem das regiões animadas e idyllicas da Thuringia: pastios e cultivados verdejantes, trepando pelas encostas de amplos serrotes; morros com densos *capões*, erguendo-se sobre um fundo de montanhas, mais altas e distantes; aqui se devisam as roças orvalhadas e frescas, destacando-se, núm tom verdemar, de um fundo de nuvens plumbeas, emquanto os arroios, cheios, sulcam os caminhos; acolá a vista, offuscada pelo brilho do sol, procura abrigo sob as copas escuras e sob as abobadas sombrias das arvores das florestas...» [1]

A população que assim retransformou a zona da matta virgem primitiva, hoje pesa de maneira indiscutivel na economia do Riogrande do sul, a que tem dado um concurso material inapreciavel, e tambem ethnico, de grande valor, distinctos os teuto-brazileiros por um civismo em nada inferior ao dos filhos de portuguezes., muitos havendo figurado na ultima guerra interna, de 1893, e na externa de 1864, que conta na galeria de seus heroes um riograndense oriundo de allemães: o bravo coronel Niederauer. Na que me occupa, «dividiu-se a população em dous campos, sendo um composto de catholicos, tendo por chefe Klingelhöfer e seu filho, o valente Germano, por parte dos republicanos; e o outro, de protestantes, tendo á sua frente o dr. João Daniel Hillebrand, por parte dos legalistas», [2] — diz Adalberto Jahn, esquecido, aliaz, de um nome que figurou com muito brilho entre os primeiros, o de Hermann de Salisch.

A mistura, porém, que ainda hoje é escassa, era absolutamente nenhuma em 1835. Os colonos, por muitos annos, viveram de todo segregados, como haviam vivido antes os naturaes de Africa, e sendo os contactos sexuaes de allemães com brazileiros infinita-

[1] Pag. 181, 182.

[2] «As colonias de S. Leopoldo», 10. Vide tambem Sellin, 94.

mente menores, porque, além do numero baixo das entradas até então, o isolamento era a bem dizer total. Dividiram-se, como acima exponho, durante a grande guerra civil; a circumstancia não alterou, comtudo, a mutua posição das duas raças: mais soldadas uma á outra do que amalgamadas, o que originou, por vezes, situações de intima hostilidade, agora de todo finda. Ha quem sonhe com um «perigo allemão» e o auctor já participou de taes receios, convicto, por factos, depois — factos eloquentes —, de que a autonomia do paiz nunca soffreria desmedra, por desleal conducta dos que generosamente hospedou. [1]

---

[1] E' digno de séria meditação tudo o que escreve um pensador e patriota, da ordem de Sylvio Romero. Creio, todavia, que no seu «Allemanismo no sul do Brazil», o eminente homem de letras revela excessivos alarmas, por lhe faltarem dados sufficientes, para o estudo do problema. Já participei de taes receios, repito, e não escondi nunca minhas sinceras prevenções, hoje desapparecidas («Riogrande do sul», *passim*). Quanto á minha terra, ao menos, a verdade é que os filhos dos teutonicos se mostram de um civismo qual acima exaro, e por vezes assaz melindroso, como se viu em circumstancia a que allude Sylvio Romero (pag. 39). Sabido é que alguns individuos originarios da velha Germania, entenderam exaltal-a, na decada de 80, deprimindo os naturaes, que cognominavam de «havanos». Pois bem, antes que os descendentes dos portuguezes se lembrassem de reagir, os proprios brazileiros oriundos dos insultadores se incumbiram de tomar algumas exemplares desforras, em varios conflictos, que provocaram, e em que levaram a melhor. Não contentes com essa demonstração de solidariedade nacional, fundaram um gremio, o «Havana-club», que floresceu emquanto duraram essas ephemeras rivalidades.

O «perigo allemão» nunca existiu para nós, durante o tempo em que avultavam as agglomerações coloniaes, que tanto nos dão que pensar, depois que cessou o affluxo de novas levas emigratorias. Pode elle, ou outro semelhante, existir de facto, se nós mesmos nos incumbirmos de pôr a *patria em perigo*, persistindo em uma politica suicida, que me dispenso de caracterisar — que «nos arrasta a cumprir muito em breve o mesmo destino da Turquia», na phrase de outro critico de talento — *, e cujo primeiro fructo, hoje como hontem, foi sempre o de estancar as fontes do sadio individualismo, que se ia desenvolvendo entre os povoadores do Brazil, mercê das especiaes condições da evolução moral que se operava nos europeus transplantados da metropole ao meio americano, — individualismo que Sylvio Romero julga preciso estimular, para que se forme, sob outro modelo mais favoravel, aquillo de que mais precisamos, para nos libertarmos do «perigo allemão» ou «yankee», ou de duendes parecidos: «CARACTER». ** No Rio da Prata, abundam nucleos de allemães, inglezes, italianos, muitos de grande opulencia e força; entretanto, nem a vasta Argentina, nem o pequeno Uruguay se assustam com isso. E'

* Osorio Duque Estrada, «Registro literario», no «Correio da manhã», de 2 de dezembro de 1912.

** Figural-vos o que a este respeito iamos conseguindo, pelo que attesta **João da Silva Lisboa**, no «Correio do Rio-de-janeiro», de 10 de maio de 1822, completado **o** que diz, com as mostras de livre actividade, de que está cheia a historia colonial e de que registro nesta alguns traços. O jornalista assignala a benefica influencia (que attribue ao clima), observada sobre «o caracter», «não só dos oriundos» do **Brazil**, «mas tambem dos emigrados». — Vide collecção em meu archivo.

É certo que conserva a zona colonial germanica, ainda hoje, mais o aspecto observado pelo scientista sueco, do que o natural em taes latitudes; nisto não descubro mal nenhum, todavia. Se desse passamos ao aspecto propriamente social, ahi se nos deparando um prolongamento, em parte, da Allemanha; muito do que se attribui á voluntaria persistencia nos costumes originaes e repudio dos nossos, é imputavel a incapazes administrações, que não facultaram as vias de accesso, os meios de penetração, de uma communidade na outra. Baste assignalar que o habitante das «picadas» mil vezes prefere fazer o gasto com o estipendio de velhos soldados de seu paiz originario, que por vocação se improvisam em professores, a mandar as crianças da familia para as aulas gratuitas do mestre-escola do governo riograndense, em extremo inferior áquelles ou sem o preparo exigivel em semelhante zona.

A dictadura local gaba-se de empregar um quinto de sua renda com as despezas da instrucção publica, occultando o que existe debaixo desse apparente amor á cultura: a maior parte da quota se desvia em clandestinas torrentes de peita ou suborno eleitoral, e pouco é o que vai fertilisar a sementeira das idéas; assaz mofina hoje a espiritualidade riograndense e muito inferior ao que foi, em recentes periodos do extincto Imperio, como por igual inferior ao desse tempo, o sincero desejo de a estimular. [1]

Nada mais julgo necessario accrescentar em estudo da natureza do presente, para o fiel registro da linhagem do povo que foi auctor da grande operação politica de 1835 a 1845. Quaesquer que sejam as luzes que possa estabelecer uma penna mais destra, acerca de sua genealogia, assentará a mencionada vasta experimentação historica (se factos precedentes já o não tinham comprovado), assen-

---

que apesar das devastações do industrialismo, que se generalisam ali e alhures, vivem ainda as qualidades affirmativas da raça, que constituem o melhor alicerce de uma e outra nação; recebido com o sorriso do desdem, no seio dellas, o que aquem da raia anda a preoccupar-nos, em os ultimos annos. Abandonemos as sendas erroneamente seguidas; sobretudo, ergamos o coração, desanuviemos a mente, fortaleçamos o brio, que hospede nenhum sentirá inclinações de sobrepôr-se a nós ou de mandar dizer para a terra de seus maiores, que a nossa é *res nullius*.

Ou isto, ou entrarmos na lista das communhões de que fala Jay, conforme leio numa folha antiga: «Os povos, que não sabem defender a sua independencia, e liberdade, merecem perder tanto uma, como outra; os contemporaneos os despresam, e a historia não lhes tem sympathia». — «O vigilante», de 18 de fevereiro de 1831, collecção em meu archivo.

[1] Vide o muito que Assis Brazil nos conta a respeito, na sua «Dictadura, parlamentarismo, democracia», 149, e José Verissimo, nas «Impressões do sul» («Jornal do commercio», do Rio, em 1912). Consta existir inedito um formidavel e brilhante libello do provecto educacionista Ulysses Cabral, que põe em menores a obra rachitica dos responsaveis pela decadencia da instrucção publica, na capitania do moderno governo absoluto, instituido por obra e graça de Augusto Comte.

tará, digo, em fundamentos de granito indestructiveis, a excellencia da combinação resultante das circumstancias apuradas, que engendraram o remodelo da massa emigratoria, no ambiente riograndense. Tal vasou-se, em meio incomparavel, a população energica do Continente: o bronze rijissimo do portuguez de lei, com accrescimo de materia extranha que o aprimorou e laivos de outra que não no degradaram, como ainda com os tenues vestigios de raças mais coloridas, reforçantes da belleza e vigor ou augmentativas dos attributos moraes do exemplar humano primitivo.

Los portuguezes mueren de amor, disse o inegualavel e portentoso Cervantes, dando conta da ternura do povo. O de que me occupo, segundo o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, pessoa muito familiarisada com a terra, não dispunha de uma tão rica sentimentalidade. «O clima do Riogrande, escrevia em 1783, não deixa de ser favoravel, e de ordinario constitue robustos os seus moradores: é verdade que para isto não concorre menos o pouco melindre com que são creados, a maior parte do tempo expostos ao rigor delle, sem outro abrigo que o das insignificantes e dispersas habitações, que é notorio; costumados a trabalhos violentos, posto que adaptados ao seu genio, quaes são: andar muitas vezes acceleradamente a cavallo, laçar, matar e preparar as rezes, que devem servir para o sustento diario e xarque, como tambem vigiar em campo aberto sobre a conservação dos animaes cavallares e vaccuns, em que consiste a sua principal riqueza. Estes exercicios communmente, ao passo que cream aos homens robustos, os costumam a uma certa indifferença dos prejuizos e incommodos dos seus compatriotas». [1]

Recente a fundação da colonia, que, depois, elevada a governo semi-autonomico, o general veiu a reger, poude elle apreciar com segurança apenas dous agentes de publica transformação, que aliaz considera com muito bom senso e justeza: o ambiente e a fórma de trabalho, que fizeram dos primitivos continentistas, o que haviam sido os rijos e toscos filhos do Lacio, pastores de grossos rebanhos e lavradores de trigo, como aquelles. Não havia tempo ainda para ajuizar de um outro, que tambem alterou sobremodo os romanos, tornando-os aptos para o papel que representaram depois: a acção das continuas guerras.

...stan con l'arma in man sempre ai confini. [2]

Ora, esta, foi immensa e felizmente o estudo do militar portuguez tivemol-o nós completado, por um seu successor, que, pre-

[1] «Reflexões sobre o estado actual do Continente de S. Pedro», na «Revista do Instituto», x, 240.

[2] Ariosto, «Orlando furioso», xxxiii, 101.

sidiu cem annos após, aos destinos locaes: o provecto Homem de Mello, varão assignalado, sob cujas alvas cãs ainda hoje freme um cerebro joven, de pujante vitalidade.

«Lançando as vistas sobre os acontecimentos que constituem a historia do Riogrande-do-sul (escreveu elle) [1] o observador sente-se logo impressionado por um facto singular e unico.

Ha mais de um seculo, as gerações ali se succedem, nascendo e crescendo em feitos contínuos, de guerra, retemperando o seu vigor e energia nas rudes provações dos campos de batalha.

Dir-se-ia que a essa população, cheia de intelligencia, estremecida de patriotismo, a Providencia marcara a grande missão de ali ficar, de arma ao hombro, postada na extrema meridional do Imperio, guardando intemerata a honra da nação.

Estabelecidas ali, em frente uma da outra, as duas populações guerreiras, portugueza e castelhana, o sentimento de rivalidade das nacionalidades, a imperiosa necessidade de delimitar-se definitivamente a posse territorial de cada uma dellas, trouxe luctas contínuas que influiram poderosamente nos habitos e costumes dessas regiões».

Tinha por força que modificar profundamente, não só o physico da raça, como a sua alma, e, portanto, sentimentos, inclinações, theorias, methodos, o ascendente de circumstancias em que collaboravam o meio cosmico descripto e uma existencia collectiva qual a que historio alhures, e que Gama Rosa igualmente assignalou, com maestria e concisão, medindo, muito depois dos auctores citados, os effeitos da concorrencia vital em nossas disputadas fronteiras, no quasi permanente combate *pro aris et focis*, segundo a propria expressão desse agudo espirito. [2]

Aberto apenas o registro dos passos iniciaes do nascente povo, nas taboas destinadas a constituirem o seu melhor patrimonio e legitimo orgulho, inexistiam os annaes por meio de cujos dados se pesasse o valor da selecção guerreira, como ainda outros indispensaveis para o desenho do perfil moral que teria: o estudo perfeito do que Homem de Mello aponta, sem aprofundar, a impermanencia dos habitos e costumes que se haviam tornado tradicionaes, depois de cessadas na metropole as competencias raianas. Tão superficial era o conhecimento dos novos, que o escriptor de nossa primeira psychologia expõe como dominante, uma tendencia imaginaria, supposta, positivamente irreal. O sereno aspecto do camponio ante accidentes singelos ou graves da vida quotidiana, tem-no elle por uma tal qual dose de humano descaso pelos semelhantes. Ora, difficil é conciliar o deprimente conceito, com outro mui exalçante, firmado por uma tradição inconteste. A de uma nobre hospitalidade e de um activo concurso fraterno, em todas as operações do tra-

---

[1] «Revista do Instituto», XL, 191.

[2] Estudo sobre a «Historia popular do Riogrande», de Alcides Lima, em uma revista do Rio-de-janeiro.

balho, seja na colheita do producto das lavouras, seja no beneficio dos gados, seu aparte ou marcação. E se a alguem parecerem insufficientes os exemplos que indiquei, do benigno temperamento dos habitantes da terra, posso, na mingua de chronicas assaz copiosas, abonar o que digo, com um, que recolho do *folk-lore* gaucho.

Desencaminha-se em uma fazenda, um «petiço» de estimação. Mau era o «estanciero»: attribuiu o caso a desleixo do guardador, menino escravo, a quem ameaçou com o mais severo castigo, se não achasse o animal. Corre elle aterrado os campos, baldadamente: cai a noite e ainda desencontradiço o fugitivo. Adensa-se a escuridão; difficil a procura: volta a furto, penetra na senzala. Para que? O innocente julga praticavel agora a continuação da pesquiza: conseguira trazer comsigo a bolça de couro de um fumador e um côto de vela. Abre a primeira; com um pedaço de tabaco em rôlo, encontra o procurado isqueiro: bate a pedra, brilha o fogo nas accendalhas, vê contente a luz no pavio, que retem commovido entre os dedos, e recomeça o fadario, atravez das encerras, curral, «mangueira» grande e pequena, cercados da horta ou dos trigos, «potreiros» visinhos e remotos, emfim pela solta amplidão da campina deserta, — sempre sem resultado. Forçoso retornar, e o desgraçado, ainda que o silencio lhe encha a alma de pavores, caminha passo a passo, com o côto a acabar-se á dextra e á sinistra o fragmento de fumo, que distraído conservara comsigo.

Acorda de manhãsinha, chamado pelo «matteador» do amo, que pedia contas do perdido animal. Tremulo vai á sua presença e expõe o mau exito que o retivera fóra de portas, até noute alta. A narrativa da diligencia lhe não assegura o perdão: é arrastado para o açoute e este se consumma com tamanha barbaridade, que a fragil criança tomba exanime, succumbe estendida nas «estacas» do supplicio, como Christo na cruz.

Deserto era o sitio, duvidoso o castigo, mas o assassino ainda assim preveniu-se, para completo resguardo da quasi infallivel impunidade; tratou logo de pôr em segredo a prova lamentavel de sua terrivel fereza: como não houvesse tempo bastante para abrir-se outra cova mais apropriada, fez dilatar a de um grande formigueiro proximo, escondendo ao fundo o corpo do sacrificado, antes que o pessoal saísse dos ranchos e muitas fossem as testimunhas do crime, limitadas agora a um só homem, da absoluta confiança do cruél fazendeiro.

Na madrugada immediata, ou tangido pelo remorso que lhe tirasse o somno, ou obrigado por urgencia do serviço, poz-se de pé, cedinho, distanciadas ainda no horisonte as primeiras barras do dia: o alvoroto no terreiro foi immediato, com a severa expedição das ordens, no distribuir as tarefas. Absorveu calado, após, as «cuias» que o escudeiro fiel lhe passava, com uns longos olhares examinadores, ainda que não hostis, porque o devotamento nos dessa humilde condição, se mantinha em todas as circumstancias, boas ou más, como quaesquer que fossem as qualidades ou defeitos, no objecto de apego e cega reverencia.

Findo aquelle primeiro desjejum, partiu sombrio o dono da

casa, com alguns, direito a uma roça que deviam limpar, e, por malaventura, observou, aos poucos passos, que seguira instinctivo, pelo peor dos trilhos: o que cruzava rente á improvisa sepultura do pretinho victimado. Não quiz retroceder, comtudo; partiu avante e ao descer de uma collina, estacou subito, como estacaram todos os da sua companha.

Aquelle cuja ausencia fôra notada, sem se lhe dar nenhuma attenção, ainda que muitos dos creoulos e africanos tivessem presenciado o afã em que andara immerso pela noute antecedente, rutilando a espaços, ao longe, o seu lumezinho, como o de um errante pyrilampo do estio; aquelle ausente da senzala, ali estava sem roupas, á bocca do passageiro sepulcro. Silentes viram-no todos, a sacudir as formigas que o cobriam, como viram que, ao pôr elle os olhos nos espectadores, saltou rapido sobre o «petiço» que perto delle pastava, cavalleiro e ginete desapparecendo, nos vapores da indissipada cerração matinal.

Desde ahi o infeliz «Negrinho do pastoreio» foi objecto de um culto na Pampa brazileira, considerado pelas populações incultas, como propicio aos que «campeiam» cousas extraviadas; buscando estes ultimos o seu favor, em solitario recanto livre de ventos, onde ingenuos depunham, como voto, um fragmento de candeia e outro de fumo, cousas que dizia a lenda haverem sido vistas nas mãos do beatificado, em a noute que precedera a subida ao calvario, e que suppunham serem gratas a elle.

Ou serve a colheita destas creações da alma popular, no que tem de mais expressivo, para alicerce de generalisações como a que arrisco, ou fixal-as em bastos volumes representa uma dispendiosa inutilidade, senão ridiculo emprego do tempo, no labor de um homem de letras. [1] Eu entendo que é do maximo proveito resguardal-as do esquecimento, porque estampam, nua de atavios

---

[1] Prova de que tem muito prestimo os estudos a que recorri e que é seguro o emprego que delles fiz, a seguinte passagem de Saint-Hilaire: «Não ha no Brazil paiz em que os escravos sejam mais felizes do que nesta capitania. Os senhores trabalham á par dos escravos, * conservam-se menos afastados delles e lhes mostram menos despreso. O escravo côme carne á discreção; não se veste peor do que alhures; nunca anda a pé; sua principal occupação consiste em galopar nos campos, o que é um exercicio mais são que fatigante; em summa, faz sentir aos animaes que o cercam uma superioridade que o consola da baixeza de sua condição e o levanta um pouco a seus proprios olhos». Cit. obra, 56.

* Diz em outro lugar: «Ninguem neste paiz se envergonha de trabalhar» (pag. 442), juizo que corrobora mais tarde um ministro da Republica riograndense, falando no «amor habitual que os habitantes deste paiz têm pelo trabalho» — Instrucções da secretaria da justiça, de 15 de junho de 1837, expedidas por Antonio de Siqueira Pereira Leitão. Meu archivo.

Considerai as duas circumstancias mencionadas, unicamente, e comprehendereis um mundo de cousas obscuras, nos destinos da communidade que produziu a Revolução, como o mundo de cousas que a distanciam da sociedade colonial brazileira. Daquellas, o proprio alevantado espirito de Saint-Hillaire divisa algumas sem as comprehender, de longe que seja, como por exemplo, o que se contêm á paginas 267, 268.

Vide Nota ao fim deste volume.

ou disfarces, a vida moral de uma epoca — precisamente a de que nos fala Sebastião Xavier — e o traço que recordo, creio-o eu de molde a desvendar antes a opulencia, que a pobreza da fibra intima, dos velhos «guascas cabelludos». [1] Não podia ser dotada da escassez de sensibilidade presumida na antiga chronica, a gente que idealisou a santificação do martyrio da raça preta, nesse tocante episodio; quando, por outras bandas do planeta, assistiam fechados, os corações, ás scenas mais duras e crueis do captiveiro, em parte nenhuma a exuberancia sentimental de um povo transfundindo-se em piedosas narrativas, como a anterior, celebre no agiologio da fronteira. [2] O que reputa uma inclinação inaltruista (no que a sua observação tem por si a auctoridade de Saint-Hilaire), [3] ha para mim effeitos de uma dupla causa. Por um lado, do contacto com o indio e por outro, do que mantinham com o ambiente, os naturaes. Sabemos que aquelle encontrava um dos mais bellos traçós da nobreza viril, na attitude de absoluta serenidade de animo, ante as mais sérias catastrophes ou os mais terriveis perigos. Se a explicavel imitação predispunha os colonos a essa apparencia, a natureza tambem contribuía para firmar e desenvolver as condições moraes, que a originam. [4] «A força do espirito humano cresce na solidão», opinou Ruskin, [5] e direi que robustece mais que tudo os attributos do caracter, imprimindo uma especie de *patine* veneranda, na figura de um despretencioso varão de invios termos ou ao chefe de uma tribu remota: quantas vezes as magestosas exterioridades de um grande rei! Não quebra, entretanto, o progresso das inclinações benevolas, a não ser que preponderem, em tal meio, factores que lhe sejam adversos. — o que não acontecia no Rio-grande.

Se os dous auctores do parecer que commento, avistassem, firme e alheio ao que se passava em torno de si, em dura e cruenta guerra civil, o bravo general Juan Ramon Balcarce, filho da civilisação platina a que em muito pertencia e pertence a nossa, da fronteira,

---

[1] Sá Brito, carta a Almeida, de 14 de abril de 1841. Meu archivo.

[2] Tenho noticia de que Appollinario Portoalegre preparou um estudo sobre esta curiosa lenda, de que só poude publicar o 1.º volume, que, infelizmente, nunca me veiu ás mãos.

[3] Pag. 76.

[4] A natureza morta e a viva, conviria accrescentar, com o apoio de uma bella observação de Pandiá Calogeras, o talentoso mineiro que em verdes annos já occupa o lugar de um de nossos parlamentares de mais auctoridade, de mais intenso, de mais variado labor, e que ainda nas horas vagas produz obras de vulto, como a que cito. Diz o eminente contemporaneo: «O viver a cavallo explica numerosas caracteristicas da existencia da Pampa: a impetuosidade, a segurança do viver sobre si, a audacia, o entrevero, a rapidez nas concepções, a habitação isolada, *a gravidade*, o espirito concentrado». Vide «O Brazil e seu desenvolvimento economico», no «Jornal do commercio», do Rio-de-janeiro, n.º de 8 de novembro de 1912.

[5] «Pages choisies», 155.

se o contemplassem, impassivel ante horrores adivinhaveis e alguns formosamente descriptos pela mui poderosa penna de Sarmiento; traçariam o seu perfil, como o de ũa natureza moral, da ordem da que memoram.

No entanto, que erro! Ulysses, ao approximar-se do santuario de Penelope, enxerga o cão fiel. Morrendo no abandono, como que resiste ás forças destruidoras da longa velhice, para rever o ausente e ainda que seu dono esteja para todos irreconhecivel, não se engana a sublime agudeza do ternissimo Argos. O «cão languidamente estendido ergueu a cabeça e dispoz-se á escuta», de cima das miserias, onde «ignobilmente jazia» o companheiro que «o proprio Ulysses criara e cuja posse não pudera desfructar, porque tinha partido para a santa Ilio». «Quando sentiu a approximação do heroe, agitou a cauda e deixou pender as orelhas; mas, faltou-lhe a força para lançar-se adiante de seu senhor».

O episodio não encontra nenhum outro que o supere em belleza, nos muitos, verdadeiramente assombrosos, das duas creações do maximo genio literario da Grecia. Pois bem, o Homero que grave amanhã no metro da epopéa, os grandes rasgos da campanha libertadora em que a Argentina se cobriu de louros inexcedidos na America do sul; não necessitará de recorrer á fantasia, para igualar ou transcender o quadro helleno, a que fiz referencia e que não podemos lêr sem um doce enthusiasmo. Ulysses — ainda livre dos perigos da justa indispensavel para a reconquista de Ithaca usurpada, não se nega á commoção que o invade — Ulysses, ante o aspecto do seu antigo favorito, «não pode reter uma lagrima», premio bem merecido pelo velho amigo, que succumbe, ao dar a ultima prova de uma constancia perfeita, «após vinte annos de apartamento!»[1] Aquelloutro guerreiro, é no meio das peripecias de uma vigorosa refrega, que expande as demonstrações de apego, por outro animal de sua confiança e estima: «conta-se delle, que na batalha de Tucuman, chorou, ao vêr agonisante, o cavallo que tinha montado!»[2]

O general portuguez podia enganar-se; era de esperar melhor entendimento no reputado naturalista. Aquelle ao menos conclue ter sua origem, o que chama indifferença, dos habitantes do paiz, — na vida aspera que levavam: o endurecimento da alma provinha, para elle, das rudes lides campesinas, no alvorecer da sociedade continentista. Saint-Hilaire tira a sua illação de outras circumstancias; sem mencionar a que, segundo seu livro, embotava a sensibilidade de todos os brazileiros — o espectaculo da escravidão —, considera que o de continuas matanças de gado, ainda mais contribuía no Riogrande para o phenomeno, reaggravadas as causas do mal, por uma abundancia de animaes cavallares, que tornavam facil a sua substituição e concorria para a nenhuma piedade com que eram tratados. Ora, ninguem sustentará que a mor-

[1] Odysséa, canto XVII.

[2] Vicente Lopez, «Historia de la Republica argentina», VIII, 151.

tandade das rezes, para fim industrial, corrompa mais o sentimento, que o exercicio da caça, mero prazer na culta França, «que tende a disseminar-se cada vez mais», — annuos os extensos massacres de avesinhas canoras e gentis quadrupedes, que attingem a proporções apreciaveis em alguns cifras modernas. O numero das licenças para as batidas, cresce por esta maneira, segundo informantes mui seguros: «de 125.153 em 1844, subiu a 186.497 em 1854, depois a 293.468 em 1864 e a 417.950 em 1895». [1] Querem significar as apontadas estatisticas, que os compatriotas de Saint-Hilaire se tornem de anno a anno mais impiedosos e deshumanos?

Apreciado o valor do que allega o eminente scientista, quanto ao gado vaccum, passo a considerar o que registra quanto ao outro, o cavallar, e ahi me parece que o engano ainda é maior. O que revelaria uma dolorosa ou monstruosa insensibilidade, fôra o tratamento brutal imposto aos animaes, pelo pervertidissimo gosto de agonial-os, cousa de que não constam noticias bastantes para uma generalisação, nem as consigna o auctor em causa. O que gerava, pois, a meu vêr, a severidade mencionada, menos que a vontade, era o methodo barbaro, em uso, [2] e esse nos deve merecer alguma benevolencia, sabendo-se que não era melhor o empregado pelos governantes, com as proprias creaturas humanas. Era com semelhante processo terrorista que o rei de Portugal e Brazil pelos annos da visita do naturalista, procurara domar os «independentes» do Uruguay... Saint-Hilaire se abysma de que pela fronteira «narrem ter-se perdido um navio, ter-se afogado a equipágem, como se contassem acontecimentos que não interessam a ninguem» [3] e entra logo em frageis, desarrasoadas particularisações. Entretanto, affirma que era de «uma conhecida bondade» o snr. dom João VI [4] e sabido é que não exhibiu nenhuma commoção, ao scientificarem-no dos actos de extremo rigor, que as auctoridades tinham empregado, para ensino e dominio das viris populações de Pernambuco. Ao contrario, não deixou perceber a minima «piedade» EFFECTIVA E PROVADA. Se mostrou o «pesar» de que fala um ministro estrangeiro, [5] com a selvageria e crueldade de Luiz do Rego; não deu passo algum para o substituir e ainda que Oliveira Lima allegue

---

[1] Yves Guyot et A. Raffalovich, «Dictionnaire du commerce, de l'industrie et de la banque», 818, 819.

[2] O systema de amestrar e guiar o gado equino, por via da brandura, é moderno na America do sul. Quando tentaram pela primeira vez introduzil-o na provincia, ahi pela decada de 70, se me não engano, occorreram scenas em extremo comicas, que ridicularisaram muito o propagandista do methodo, o professor Jacome; apparecendo criticas em prosa e em quadrinhas gauchescas, de que se pode ter uma idéa com as «Cartas de Chico Diabo a Martim Gravata» e o «Narciso Cavallino», acompanhado este ultimo folheto, de gravuras, com as desastradas proezas de equitação do reformista.

[3] Pag. 76.

[4] Pag. 428.

[5] Oliveira Lima, «Dom João VI», II, 823.

não lhe parecer destituido de sinceridade o sentimento manifestado pelo soberano, [1] bem desmascara o quilate que tinha, um dialogo do mesmo, com o representante diplomatico da Russia. «E mister esperar que breve estará apaziguada a rebellião, comtanto que vossa magestade ao lado do gladio da justiça haja por bem empregar a clemencia que o caracterisa», diz Balk-Poleff; ao que, a doce alma do rei prompto retorquiu, cortando a conversa e a infantil esperança do moskovita, com esta secca e decisiva sentença, que executaria fiel e gelidamente o ferocissimo algoz mandado ao Recife: «--*Sim, sim, mas é preciso castigar!*» [2] — Tal e qual se praticava com as bestas insubmissas, na Pampa; e dom João nascera na Europa, havia sido creado entre mimos de palacio e exemplos da fidalguia, entre o incenso das infinitas missas, a edificante audiencia dos sermões santificadores e as amadas melopéas do sacratissimo canto-chão: nunca tivera o deploravel ensejo de desprimorar a sua commovida natureza intima, com as scenas americanas... [3]

Não elaboro um panegyrico, nem preciso fazel-o; bastava-me transcrever e contrapôr ao de um forasteiro, a opinião de outro, que adoptou, como sua patria, o Riogrande do sul: Almeida, para quem a «nossa gente é optima». [4] Aprofundo uma questão que merece esclarecida, para termos explicação de outras, e ainda porque com especialidade descomprehendo quanto publíca, a este respeito, um sabedor da ordem e do merito de Saint-Hilaire. Maravilha se me antolha que, depois de traçar os pronunciamentos que critiquei, bosqueje desattento duas paizagens antigas, de innegavel poesia, como de grande estimulo a fecundas reflexões, e nenhuma vantagem philosophica apure das mesmas. Christão e mystico, despercebido, transporta o espirito do leitor á Palestina dos patriarchas,

---

[1] Idem, idem.

[2] Idem, 851.

[3] A «bondade», como a civica dedicação do grande rei, bem podem ser equiparadas ás de um seu grande representante em Missões: Francisco das Chagas Santos. O microcosmo em que este imperava, era, *mutatis mutandis*, um espelho reduzido do macrocosmo em que resplandeciam as virtudes do estadista coroado. A unica differença real entre elles é que o riograndense era sujeito de alguma instrucção e o portuguez não dispunha de nenhuma; com a vantagem este, porém, de se haver cercado de uma pleiade de individuos de preparo, por meio dos quaes o seu reino apparentou ser um centro de cultura, e de facto deixou traz si um apreciavel espolio artistico, e outro menor, de ordem literaria. Em tudo o mais se pareciam á maravilha, até mesmo na bonacheirice, mais apparente do que effectiva: o monarcha segou a messe liberal de Pernambuco, absolutamente com a mesma dureza de alma com que o seu cabo militar devastou Corrientes: «horriveis excessos» ás ribas do Uruguay (Saint-Hilaire, 331), que nada deixavam a desejar, comparados aos das margens do Beberibe e Capiberibe... (Vide nota 63.ª dos «Primeiros abalos» e a que lhe corresponde no appendice).

[4] Carta ao presidente Antão, de 19 de fevereiro de 1860. Meu archivo.

e não tem olhos para vêr, o que claramente e nitidamente desvenda a outrem, sob as tendas do deserto!

«A estancia em que fiz alto, nada mais é que misera cabana, sem movel nenhum». «Quando entrei, a dona da casa, assaz bem composta, se occupava da costura», «e, ainda que timida, respondia ás perguntas que lhe fiz». Estabelecido o conhecimento inicial, o recemchegado «mostrou o desejo de que lhe servissem carne» e o riograndense «no mesmo instante, foi procurar nos campos uma vacca, abateu-a, deixando ao soldado» da companha do viandante «reservar os pedaços que lhe conviesse, sem até mesmo volver os olhos para o que fazia e sem admittir lhe falassem em pagamento». Relatado o que presenciou, ajunta Saint-Hilaire: «Asseguram-me que este homem, que assim procedeu, não é rico, e sua vivenda, como o vestuario, o que descobrem é a indigencia». [1]

Percorridas algumas leguas, avistou outra habitação, o caminheiro, e «segundo o systema que observava, mandou á frente de si o camarada, para pedir ao dono do sitio em que devia pousar, a licença de o fazer sob seu tecto, e foi perfeitamente recebido», «na estancia de José Bernardes». «A casa (descreve elle) é coberta de colmo»: «baixa como o são todas as outras, e construida, como essas, com alguns paus entrecruzados, recobertos de terra cinzenta, que é a de todo o paiz. O interior se compõe da *sala* e da camera do proprietario, separada a primeira, da segunda, apenas por uma cortina. A sala muito asseada, ainda que sem janellas e tendo como unicas alfaias duas cadeiras guarnecidas de couro, um leito de madeira, igualmente assim adereçado, como é costume em toda a parte, ũa meza, e, emfim, um estrado, sobre o qual trabalha a dona de casa». [2] Tudo é modesto, ou antes mesquinho, convindo assignalar que o estranjeiro pizava as mais agrestes latitudes do Riogrande do sul: uma campanha nua, onde a propria lenha faltava, sendo mister, para a provisão da lareira, fazer nada menos que «duas jornadas» de marcha. [3] Com toda esta penuria, os incidentes da hospitalidade no «rancho» do gaucho, decorrem urbanissimos, irreprehensiveis, modelares: o forasteiro se vê cercado de miudas quão preciosas attenções, que realça a encantadora singeleza com que se dispensa o favor, confessando elle que «é impossivel ser melhor que José Bernardes». Ao despedir-se, apresenta-lhe o camponio as copiosas victualhas para o proseguimento das peregrinações do botanico e isto com absoluta «recusa de qualquer uma retribuição», [4] o que aliaz acontece em toda a viagem, [5] pois «se encontram frequentemente» os que «á mais cordial hospitalidade reunem uma delicadeza por assim dizer innata». [6] Nada esclarece, todavia, o famoso

---

[1] Pag. 124.
[2] Pag. 125.
[3] Pag. 126.
[4] Idem, idem.
[5] Pag. 145.
[6] Seweloh, «Reminiscencias da campanha de 1827», pag. 445.

homem de sciencia, nem mesmo o que teve lazeres para ouvir, do generoso, cordial, ingenuo continentista, — confidencia que vulgarisa, desacompanhada dos precisos commentarios, no seu valiosissimo livro. José Bernardes informa-o de que está sob a ameaça de uma vil expropriação, projectada pelo secretario do pachá da capitania, e, apesar de muito considerado pelos mandões, como amigo pessoal do rei, Saint-Hilaire nem se offerece como um poderoso medianeiro, que podia ser, nem espontaneamente concorre para evitar a tropelia revoltante, — *insensivel* á menção das calamidades que estereotypam as seguintes mui commoventes expressões, de biblico resaibo, com que o perseguido remata a narrativa: «Depois do dia em que perdi minha mãi, não pode haver outro mais triste para mim, do que aquelle em que eu deixe a choupana que me viu nascer!» [1]

---

[1] Pag. 126. No que escrevi não ha o minimo intuito de desmerecer o illustre sabio a quem tanto devemos; mostro apenas quão facil á nossa fragil natureza, é incorrer no peccado, severamente punido naquella famosa passagem evangelica: *quid autem vides festucam in oculo fratris tui, trabem autem, quæ in oculo tuo est, non consideras?* (Lucas, VI, 41). Saint-Hilaire não poude julgar a fundo do nivel ethographico da terra que pisava, porque, assenta o arabe, para um homem conhecer bem outro homem, é mister que comam juntos um alqueire de sal. Se o agudo Saint-Hilaire se demora na intimidade de uma «estancia», veria que menos era o theatro de uma existencia de vigorosa actividade, que um centro de intensa vida moral. Grosseira é a casca de arvores junto das quaes transita quem não nas conhece e crê serem identicas a muitas de igual apparencia: mais avisado lenhador descobre de sob o rugoso e feio involucro a perfumada essencia do sandalo ou a do aromatico sassafraz. Foi um destes amestrados devassadores de reconditos segredos que, visitando Rioja, pelos tempos coloniaes, ministrou a Vicente Lopez, elementos para uma deliciosa pagina de sua magnifica obra. Nella o ethnographo pudera vêr quanto a similitude de situações engendra costumes e pendores analogos, porquanto, nos «lhanos» dessa parte da Argentina e nos da nossa terra, ao outro extremo da Pampa, a sociedade apresenta uma physionomia commum. Mais nos trilhos da cultura geral do occidente, as cidades continentistas já tinham perdido parte dos pristinos relevos que se conservavam na capital da provincia citada, mas, na campanha se observava um cosmos differente. Em cada agrupamento rural, em cada «estancia», eram vulgares, vulgarissimos os encantadores aspectos resumidos pelo eminente publicista portenho: o que além floresceu, por igual entre nós floriu, com os mesmos primores, os mesmos ingenuos toques e a mesma poesia. «Até esse instante (inicio do movimento de 25 de maio), diz o historiador, a população da cidade da Rioja tinha em seu seio familias distinctas, que conservavam todavia os accidentes daquella cultura innocente, bondosa e de primitiva candura, que torna tão grato o convivio com esses residuos de caracter infantil, que os velhos costumes e as velhas tradições caseiras deixam em lugares apartados de provincia, onde se assentou em seus principios o lar de uma colonisação selecta». (x, 121). A força da causa de que se aponta esse lisonjeiro resultado, analogos effeitos gerou nos campos do Riogrande, onde persistiu por algumas decadas depois da guerra civil, uma communidade em tudo semelhante, algo «antiquada», como a riojana, mas

Se as classificações literarias do occidente correspondessem ás do extremo-oriente, Saint-Hilaire sería forçado a dizer, á guiza dos japonezes, que neste poema de ternura, se desenhavam em resumido quadro as virtudes familiares e civicas, que põem em clara luz, não só a inestudada *psychè* do gaucho, quanto a *alma mater* de toda a historia local.

Os factores que estabeleceram ña nova existencia collectiva, para os portuguezes, no Riogrande do sul, permaneceram os mesmos, sem mudança apreciavel, até a Revolução, e foi aquella quasi identica, em toda a immensidade da Pampa. De sorte que, se não dispomos de muitos depoimentos coevos, que se prestem cabalmente ao exame que ora me occupa; é facil colligir, além, alguns que sirvam ao meu proposito e que esclareçam o assumpto. Darwin, mestre da observação impeccavel, subministra-me ajuda valiosa, em paginas immortaes, que não hei visto aproveitadas, para o fim a que ora as destino. Tratam, eu sei, do Estado oriental, mas não supponho que haja arbitrio em cital-as, porquanto, o Riogrande-do-sul (segundo a perfeita definição de Oliveira Lima, em suas admiraveis conferencias da Sorbonne), a esse tempo era uma zona do paiz, «uruguaya de costumes, ainda que brazileira de origem». [1]

---

com os «arrancos de pura e legitima nobreza», que ostentava ella, — nobreza ainda tosca, innegavelmente; com uns attractivos donaires e particulares rasgos, entretanto, que descobriam no singelo trato campesino as linhas moraes caracteristicas de uma educação caseira de primeira ordem, á sombra de tradições que constituiram o melhor thesouro de nossa raça.

[1] Formation de la nationalité brésilienne», 206.

«A campanha do Uruguay... não se differença notavelmente da do Riogrande. Tambem é quasi insensivel a passagem de um paiz para o outro. Typos, vestuarios, aspectos das cousas continuam quasi os mesmos». Eis o que publicou em suas «Impressões do sul», que viram a luz no «Jornal do commercio», do Rio-de-janeiro, outro eminente membro de nossa Academia, reputadissimo homem de letras e pessoa de grandes prendas moraes. Esta observação de José Verissimo reforça o que diz o primeiro auctor citado, quanto outra de seus bellos apontamentos de viagem enfraqueceria o que escrevo sobre o conjunto da paizagem riograndense, se me não fosse possivel contrapor-lhe uma justissima ponderação. Causou desillusões ao critico emerito, em primeiro lugar, porque em parte faltou a este um bom *cicerone* ou melhor estudo no assentamento do plano da excursão, e, em segundo, porque se dispoz a contemplar o territorio atravez de reminiscencias literarias, que lhe faziam antever espectaculo diverso do actual, no Riogrande-do-sul. De facto não é o mesmo, porque *«il paesagio è il volto amato della patria»* e muda com ella, muda com a sua historia. Vêde a Laconia: physicamente, mais ou menos é hoje o que era no tempo de sua gloria: se, porém, versardes a descripção que della faz quem a percorreu, depois que foi pisada e ultrajada pela planta dos tyrannos de gorro vermelho, positivamente não encontrareis senão desillusões.

A que possuimos, de Chateaubriand, enche-nos de melancolia: desap-

Se entre a nossa e a população do Uruguay mediavam differenças, essas não eram essenciaes, e, a serem contadas, mais favoreciam á nossa, do que á visinha.[1] Leves matizes de secundaria impor-

---

parecida a livre Sparta, parece que a propria natureza mergulha nos tristes pensamentos que o captiveiro e a fallencia moral imprimem no rosto ou na alma das creaturas!

O provecto escriptor brazileiro, avistando o gaucho pela primeira vez, nelle «pareceu sentir algo de artificial, senão muito de mostra ou impostura». Ha bastantes annos não frequento os meus compatricios do interior; pode bem ser que tenha rasão José Verissimo: é possivel que a apparencia que lhe quadrou mal, como cousa fingida e desgeitosa no actual provinciano, se explique pela mesma ordem de motivos, que fazem a creança cantar no escuro, para que acreditem no seu destemor. O riograndense, apesar de suppostas eleições, de etiquetas republicanas e adornos constitucionaes,* tem a intima consciencia de que vive em opprobriosas cadeias, e como o infante de que falei, tenta enganar-se e aos outros, com os ares despachados, com o desassombro do tempo em que era senhor de si.

Dolorosissimo é o lembral-o, depois de 15 de novembro, mas, antes do 13 de maio, quantas vezes surprehendido nas senzalas um parecido quadro moral? O sêr humano abatido, que se esforça, para manter os que o rodeiam, na illusão em que elle proprio deseja enganar-se, — comédia pungente, que torna mais nitidas, visiveis, notorias, as sensações da extrema abjecção em que caíu e ainda mais avulta nos pulsos do infeliz o estigma das cadeias que procura esconder ou esquecer!...

[1] Não deprime no minimo, este juizo, a nobre população oriental, a que o auctor está vinculado pelo sangue e por uma intensa e crescente sympathia. Registro um phenomeno social innegavel, se bem que transitorio, e hoje de todo passado. O Uruguay constitue uma nacionalidade de pouco vulto na America, sob o aspecto da grandeza do territorio: sob o aspecto moral, hoje, nenhuma outra se lhe avantaja, raras se lhe emparelham e a nossa muito tem que aprender, muito que imitar, nessa gente mascula, em cujo caracter brilham todas as qualidades affirmativas que distinguem os herdeiros de Pelayo.

Ao tempo de que se fala no texto, o conceito que exaro nada tem de parcial. Se a maioria do povo uruguayo estava longe do que pinta Azara («Descripcion», I, 367) ou Vicente Lopez («Historia», *passim*), tudo indica que as condições sociaes eram inferiores ás do Riogrande, — *tomadas as cousas em grosso*, o que Saint-Hillaire attribue á maior mescla e convivio com os indios: — «Os habitantes da capitania do Riogrande devem sua superioridade sobre os deste paiz, ao facto de se terem conservado até o presente sem mistura de sangue indio» (pag. 267), escreve sobre as margens do Daiman e no Salto reitera o seu juizo: «Os homens da capitania do Riogrande... são infinitamente superiores aos hespanhoes, porque a maior parte de entre elles são de raça pura» (pag. 268). No Riachuelo, volta ainda ao mesmo thema: «Os habitantes de Montevidéo são talvez superiores aos de Riogrande e Portoalegre, mas os camponios desta parte da America se acham certamente abaixo dos da capitania do Riogrande, ainda que os costumes de uns e outros tenham muitos

* Leia-se «O Riogrande», de Maciel Junior, uma das mais bellas esperanças do meu Estado, moço já notavel pelo talento e cultura, como pelo caracter e coração. A pintura que faz, ainda que usando pinceis benignos, confirma em muito o que diz S. Romero, em «Castilhismo no Riogrande-do-sul», *passim*.

tancia, aliaz, que não quebravam a unidade fundamental do quadro ethnographico, applicavel em tudo á provincia de origem portugueza, o que o naturalista nos deixou sobre a provincia de origem hespanhola.

Os gauchos, disse o auctor da «Origem das especies», «são extremamente polidos; nunca bebem, sem o convite a que participeis do que vão tomar. E curioso verificardes quanto a mesma identidade de circumstancias produz costumes quasi analogos. No Cabo da Boa-esperança se pratíca a mesma hospitalidade e quasi a mesma etiqueta. A differença de caracter que existe entre o hespanhol e o hollandez se revela em seguida, no facto deste jamais fazer uma só pergunta a seu hospede, fóra do que exigem as regras mais severas da polidez, emquanto que o bom filho de Hollanda inquire de onde vem, aonde vai, o que faz, ou até mesmo que numero tem de irmãos, ou de descendentes». [1]

---

pontos de contacto. A differença provém, eu creio, de que na capitania do Riogrande, os habitantes da campanha, filhos e netos de homens das ilhas dos Açores, são brancos de raça pura, emquanto que os camponezes hespanhoes são em grande parte mestiços de europeus e indios, e aquelles cujo sangue não é mesclado, adoptaram, por imitação, os costumes da maioria» (pag. 217).

Quanto aos habitantes de Montevidéo, no que concerne á superioridade delles sobre os nossos homens urbanos, diz «talvez» no citado texto e ainda o repete em outro («Aperçu», 372), mas, naquella obra traça para diante um retrato em que descobre a impressão que lhe deixou a culta população da capital uruguaya, indubitavelmente mais avançada do que a dos nossos principaes centros provincianos. Eil-o: «Os homens de Montevidéo pela maior parte se apresentam com distincção, mostram-se graves, menos affectuosos que os brazileiros, e de uma polidez mais fria; as suas maneiras, entretanto, algo tem de mais nobre e mais distincto» («Voyage à Riogrande do sul», 205). Por igual, não mostra duvida alguma quanto á superioridade, da mulher platina, em as graças physicas, amenidade e policia. (Idem, *passim*). John Mawe, que tambem visitou a vistosa e bella cidade, no começo do seculo passado, não é menos lisonjeiro, com um e outro sexo. (Vide «Travels in the interior of the Brazil», 12).

Numa cousa os dous povos estavam perfeitamente ao mesmo nivel: no brilho do caracter, que, segundo Arsène Isabelle, era igualmente «cavalheiresco», tanto nos riograndenses, quanto entre orientaes. («Voyage à Buenos et Portoalegre, par la Banda orientale, les Missions de l'Uruguay et la province de Riogrande do sul, de 1830 à 1834», pag. 535, 536). E noutra já se tinha firmado a primazia, hoje indiscutivel, dos ultimos sobre os primeiros: o adiantamento do trabalho, no que concerne ás industrias dominantes. A «estancia» e a «xarqueada» do Rio da Prata, sob o aspecto economico, de modo nenhum podiam ser comparadas ás do Continente, onde o trato do gado, o fabrico do tassalho e aproveitamento de artigos connexos eram muito inferiores ao que se praticava entre os visinhos. (Vide, quanto ao de que é preciso prova, o Relatorio do marquez de Lavradio, na «Revista do Instituto», IV, 481, 482; «Le maté et les conserves de viande», de Louis Couty, 2.ª parte).

[1] «Voyage autour du monde au bord de la Beagle», *passim*.

Não ha um retoque a produzir neste painel do naturalista; e em tudo pode servir para o apreço moral de nossa população, muito semelhante, direi melhor, quasi identica á sua lindeira. Entretanto, como não quero imaginem que favoreço os meus com os gabos liberalisados a extranhos, sem prova de que merecidos, citarei palavras de uma penna que se não poderá acoimar de parcial: A «hospitalidade sem limites que recusa toda paga e que vemos dispensada com a fina graça que a torna aceitavel sem o minimo escrupulo», [1] é acaso differente, mais para o norte da provincia Cisplatina? Ouça-se Nicolau Dreys, depois de uma visita a Porto-alegre, cujos arrabaldes amoroso descreve, maravilhado com a abundancia de tudo: «Tambem preciso é declarar que a indole dos habitantes se harmonisa com a profusão da natureza; todos aquelles productos de uma terra prodiga, sollicitados por cuidados continuos e esclarecidos, parecem propriedade commum; qualquer passeante, que queira satisfazer a sêde ou a vontade de saborear tão seductores presentes da pomona local, pode entrar na primeira chacara, que lhe aprouver, e pedir o que lhe agradar; achará logo em todas as partes obsequiosa promptidão em o servirem, e os refrescos appetecidos lhe serão apresentados com um desinteresse digno dos tempos patriarchaes; os costumes generosos dos donos assim o têm determinado: é a idade de ouro reproduzida em novo eden, num canto do mundo. [2] Raros costumes de hospitalidade, cuja franqueza e generosidade presenciamos e experimentamos pessoalmente! cuja lembrança se conserva intacta num coração grato! sem duvida, vós ainda subsistís, se as desconfianças reciprocas, filhas das divergencias politicas, se o estrondo das armas rivaes, não tem pervertido sentimentos tão liberaes!» [3] Celebra Darwin a intrepidez e ar-

---

[1] Darwin, obra cit., *passim*.

[2] «Poder-se-ia suppor (accrescenta) que a liberalidade do riograndense é o resultado da abastança, que pouco se importa com as demasias; mas muito longe estaria da realidade quem explicasse assim as obras da beneficencia local. Não é sempre o superfluo que dá o riograndense; ás vezes, é o necessario, quando acha em qualquer outro, maior urgencia de precisões; caracter especifico da verdadeira caridade, é que nós presenciamos muitas vezes em nossas excursões na provincia. Em geral, não ha calculo nem ostentação no bem que faz o riograndense; elle serve ao seu semelhante, porque assim é seu costume, e esse é seu gosto; quantos individuos têm encetado a carreira do commercio, unicamente com o abono de um xarqueador ou de um estanciero? quantos outros se têm tirado de apertos, com os auxilios que nobremente lhes prestaram esses homens de grande coração? Se a fortuna vem ajudar sua benefica intervenção, elles se pagam com a felicidade alheia; se a sorte é contraria, elles perdem, pois a sua palavra é inviolavel». Pag. 175, 176.

[3] «Noticia descriptiva da provincia do Riogrande do sul», 94, 95.

Dreys escrevia em 1839. Compare-se com o que consta das «Memorias» de Garibaldi, ao referir a sua chegada a Piratiny. Depois de uma rapida noticia a respeito do Riogrande do sul, assim conclue: «Caucasa é a sua população, de origem portugueza, e de uma hospitalidade homerica. Ali não carece o viajante dizer ou pedir nada. Entra em casa,

dideza dos gauchos uruguayos. Por igual esse outro viajante europeu exalta os meritos praticos das massas congeneres da provincia visinha. «A posição topographica do riograndense, diz elle, tem-no de contínuo conservado com as armas na mão desde o principio da colonisação, e o tem constituido em estado de guerra quasi permanente, pois que até hoje a paz não tem sido para elle, em tempo algum, senão um armisticio mais ou menos duradouro. Dahi devia necessariamente seguir-se a introducção de costumes bellicos a que alguns successos, obtidos nas guerras precedentes, accrescentaram certa opinião de superioridade individual que harmonisa com as predilecções patrioticas de que acabamos de falar: o certo é que as guerrilhas do Riogrande, empregadas contra o estranjeiro nessas guerras, adquiriram uma reputação de firmeza e de coragem que o inimigo mesmo não desconheceu. A coragem do riograndense é fria e perseverante: acostumado desde a infancia a vêr correr o sangue, a morte, com suas fórmas hediondas e a cada passo se reproduzindo a seus olhos, já lhe não pode causar espanto, assim como tambem a vida parece ter perdido alguma cousa de seu preço». [1]

Saint-Hilaire, commedido sempre, calmo, frio em suas apreciações, qualifica de «insigne intrepidez» [2] a dos continentistas e uma folha da capital do paiz estampava em 1822 esta lisonjeira passagem: «...a respeito de valor, consulte-se á divisão de Voluntarios de el-rei, [3] que é composta de vencedores dos vencedores das batalhas de Iena, Marengo e Austerlitz, e elles dirão se viram a seu lado, em terra alguma da Europa, quem excedesse em valor, coragem, e denodo, aos portuguezes da capitania do Riogrande do sul, em quem tiveram que reconhecer, elles mesmos, superioridade». [4]

Occorrem outras opiniões, sobre o assumpto — os habitadores da Pampa — : destituidas sempre, comtudo, de qualquer fundamento, posso dizel-o, de alma imparcial. Uma eminente personalidade brazileira, o mais qualificado de nossos contemporaneos,

---

vai direito ao quarto dos hospedes; apparecem os criados sem ser preciso chamal-os, descalçam-no, lavam-lhe os pés. Demora-se o tempo que quer, sai quando lhe parece, não se despede, agradece quando quer, e apesar disto não obsta a que os viajantes que se lhe succedem não tenham igual recepção». Traducção de Bernardo Taveira Junior, 46.

[1] Dreys, 177, 178.

Comparar igualmente, com o que publicou outro europeu, portuguez este, o auctor do «Almanak de villa de Portoalegre»: «A tropa miliciana desta capitania é seguramente a melhor do mundo, para o paiz em que estamos, muito valente e desembaraçada; sua alteza real della pode confiar tudo: a maior parte dos soldados são pobres e casados, e no seio das suas familias tratam das suas agriculturas, ou daquelles modos de vida que cada um tem; se ha guerra, elles promptamente e com gosto marcham ás fronteiras». Pag. 53.

[2] «Voyage dans les provinces de St. Paul et de Sainte Catherine», II, 255.

[3] A divisão que foi para a capitania, ás ordens de Lecor.

[4] «Correio do Rio-de-janeiro, n.º 117.

espirito versadissimo nas chronicas alheias e caseiras, tinha uma dessas a que alludo. Com a eiva, no animo, encontravel em toda uma escola, que o aulicismo do começo do seculo transacto desviara na torrente de seus viciosos informes, perguntava-me, não ha muito, em palestra inesquecivel: « — Por que se jactam de gauchos, os do Riogrande?» E accrescentava: Sempre ouvi dar a esse nome uma significação de barbarie, relembrante de Artigas... Trarei á collação, depois, outra agra referencia ao mal inspirado e inditoso lidador do povo uruguayo, que se me deparou, de envolta com um juizo parecido ao de Rio-Branco, (acima citado) e como o delle, erroneo, a respeito de um typo de civilisação, inferior, se quizerem, — que no Continente nada teve de soez ou rasteiro, todavia. [1] Devo manifestar, desde já, porém, que seus titulos de nobreza, ainda que modestos, não deslustrariam os pergaminhos da mais fina das genealogias. Basta o que extractei, para o provar, para fazer a solemne apresentação dos singelos camponios americanos, no scenario da historia, sob os auspicios do austero cultor da sciencia, originario da Grã-Bretanha.

O grande mestre de philosophia natural, affeiçoado ao rigorismo da educação peculiar á sua raça, desadora a da Australia, onde aliaz fluctua a bandeira da patria, mas confessa o encantamento indissipavel que se lhe deparou entre as victimas de interesseiro vituperio, — «os gauchos, habituados a todas as intemperies das estações»; [2] gente forte e boa, sobre a qual escrupuloso ainda voltou no seu livro, para lavrar, na hora da despedida, um parecer definitivo, que ninguem invalidasse, no tribunal da posteridade: «Durante os seis ultimos mezes, eu tive ensejo de estudar o caracter dos habitantes destas provincias, diz. Os gauchos, os camponezes, [3] são bastante superiores aos moradores das cidades. O gaucho, invariavelmente, é muito obsequioso, muito cortez, muito hospitaleiro: nunca vi um exemplo de grosseria ou má acolhida. Cheio de modestia quando fala de si mesmo ou de seu paiz, é ao mesmo tempo bravo e audaz». «Sem duvida nenhuma, o extremo liberalismo que reina em estas regiões, acabará por engendrar excellentes resultados». [4]

Produziu, de facto, os melhores que eram de prever. «O que

---

[1] Escripto quando o Brazil ainda não havia perdido o seu grande ministro das relações exteriores e o auctor um amigo que extremecia.

[2] Quanto ao Riogrande, diz-se a mesma cousa em Saint-Hilaire, 20, e Moré, 22.

[3] Esta classificação é a que sigo, de accordo com Granada, «Vocabulario rioplatense», 225. Outros, como Bonpland, Saint-Hilaire, Azara e o proprio Dreys, imaginaram que os gauchos constituiam uma raça á parte, semi-nomade, enganados os viajantes, provavelmente, pelo encontro com alguns exemplares de brancos decaídos, inclinados de facto á vida errante. Mas, a esses, despresavam aquelles, dando-lhes o nome de «gauderios» ou «caranchos».

[4] «Viagem» cit., pag. 45, 46, 77, 121, 125, 167, 169, 210, da traducção franceza.

mais me impressiona depois que estou nesta capitania» (a do Riogrande do sul), escreve outro estimavel naturalista, é o ar de liberdade que tem os que encontro, o expontaneo desencolhimento que apresentam nas maneiras: não têm elles a languidez que caracterisa os habitantes do interior;[1] seus movimentos são mais vivos, ha menos requinte na polidez, em uma palavra, são mais homens», [2] — e homens que «se mostram extremamente zelosos, todos, de sua igualdade e de sua dignidade», conforme exara Darwin, que gaba, tambem, a grande temperança dos gauchos orientaes, [3] quanto a gaba, em os nossos, o exacto e minucioso Dreys, affirmando que «entre os riograndenses», «a sobriedade é uma virtude de tradição». [4]

Tinha que ser assim. Illogico fôra esperar outra cousa, da passagem dos europeus a estas remotas comarcas, até onde mal chegava, no principio da colonisação, o braço do poder civil, acabrunhante e desmoralisador na metropole. «O potente Jupiter, arrebatando a liberdade ao homem, despoja-o da metade de sua virtude»:[5] restituindo-lhe, em parte que seja, aquelle divino bem, por força o põe no goso dos attributos moraes que com elle havia perdido e sob cujo influxo floresceu a situação analoga á que foi retratada por um bispo de Tucuman, com as seguintes expressões: «Verdadeiramente que nesta terra andam as cousas trocadas, porque toda ella não é republica, sendo-o cada casa». [6] Por que era assim, no Riogrande? Porque nos immensos descampados, a existencia ordinaria fazia das moradas uma tribu á parte, dentro da qual as imposições de estreita communidade, se por um lado apertavam os vinculos, por outro alargavam o ambito da fraternidade. O habito do labor e das provisões communs, da defeza mutua, do apoio de um a outros, num circulo, propende o individuo a elevar-se acima do egoismo dos grandes centros urbanos, e a vida quotidiana o exercita a prodigalisar, com o tempo, a todos, o que já lhe é vulgarissimo fazer, no gremio, mais restricto, da familia, ou dos

---

[1] Do Brazil.

[2] Saint-Hilaire, 21. Descreve os riograndenses do campo como sendo «em geral brancos, altos, bem feitos, dotados de cabellos castanhos e faces coloridas».

Sobre o typo urbano, eis as suas palavras, quanto ao da capital e da segunda cidade da capitania: «Já disse que a população de Portoalegre se compõe principalmente de brancos, que os homens eram em geral avantajados de corpo, bem feitos, que tinham bonita pelle», etc. (pag. 49). «A população do Riogrande sobe a mais ou menos dous mil individuos, entre os quaes ha muitos europeus e sómente um curto numero de mulatos. A raça, ahi, é geralmente muito bella; os homens são bem feitos e de uma figura agradavel» etc. (pag. 88).

[3] Nota Darwin que é «talvez em consequencia de sua dieta exclusivamente animal que os gauchos, como todos os outros carnivoros, podem abster-se de nutrição por largo espaço de tempo».

[4] Pag. 213. Azara diz na cit. «Descripcion», (I, 371): «A embriaguez sómente se nota entre os mais despresiveis».

[5] Homero, «Odysséa», canto XVII.

[6] Frei Vicente do Salvador, «Historia do Brazil», 9.

limitados agrupamentos sociaes. Offerecer o tecto, brindar com a meza, supprir o caminhante, depois, com a maleta das viandas e o cavallo de refresco, [1] por vezes um dos melhores; veiu a representar assim uma virtude corriqueira, fonte e origem de mais extensa, ampla e fecunda solidariedade.

No seu interior ou fóra delle, o riograndense se achava em scenario propicio ao engrandecimento das qualidades que haviam nascido no lar. Se deixado o suave regaço materno circumvagava pela «estancia»; daquella escola tinha transito para outra — a da industria campeira —, que correspondia a um verdadeiro e soberbo entreinamento, altamente robustecedor do physico, a magnifica herança do portuguez do continente, e, sobretudo, do das ilhas, reservatorios de incremento da antiga pujança da raça, quasi integra, quando se povoou o Riogrande. Não ha favor no que diz Saint-Hilaire; o pesado minhoto ou o tosco açoriano, irreconhecivel em poucos annos, no bello centauro das fronteiras americanas. [2] Boa a estatura; fornido de musculos; pelle tostada, mas descoberta a alvura nitida, [3] ali onde os movimentos ageis do individuo deixavam á mostra, por instantes, o que o sol não escurecera; branquissimos os dentes, nas arcadas geralmente completas; castanhos os olhos expressivos, raro azues, e muitas vezes sombrios como a treva; fartos os cabellos, de commum longos, á nazarena em os homens (mais longos ainda, distribuidos em duas tranças, nas mulheres): o riograndense constituiu — por excellencia — o typo da especie humana liberto das cadeias e lentejoulas da existencia artificial dos centros ultra-civilisados. Chapéu conico, de largas abas, sobre a fronte, erguida e ampla, que a moderna escola da humilhação a nome da sciencia, curvou submissa; lenço de côres a adejar-lhe ao pescoço, como um pendão senhoril; recoberto o thorax com o caracteristico poncho-pala; nos membros inferiores, a «bombacha» ou o «xiripá», sobre as bragas de renda; nos pés, as «russilhonas» ou as «botas de potro», a cuja retaguarda trilavam as esporas de rozeta curta ou retiniam as desmesuradas «chilenas»: este monumento vivo de hygiene racional, no corpo e na alma, tinha apparencia de impressionante galhardia, e posso dizer que de extranha e rara formosura: a lindeza forte, que não ostenta, por certo, as puras linhas classicas, nem é um modelo singular, mas, que surprehende pela relação cabal entre a creatura e o meio, de modo que o sêr animado e a paizagem se casam numa harmonia

---

[1] Darwin, *passim*. Moré, 23. Saint-Hilaire, *passim*. Chaves, «Memorias», a 5.ª

[2] Vide a opinião de Saint-Hillaire, «Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil», 360 e A. d'Orbigny, «L'homme américain», *passim*.

[3] Não se cança de gabar a extrema brancura dos riograndenses, o naturalista Saint-Hilaire, e isto em muitos lugares da sua «Viagem» na capitania. Por exemplo, 43, 49, 267, 268. Dreys igualmente exalta a «côr alva» dos mesmos, realçada pela dos cabellos, «preta» ou castanha, e «avermelhado das faces». Pag. 173.

perfeita, indicio de um estado conforme ás leis naturaes, um estado de perfeito equilibrio, sadio portanto, e feliz. Bem assentes as plantas nos estribos de picaria, levemente pendido o busto para diante, no solto galope do animal, a attitude do gaucho podia ser qualificada de exemplar e irreprehensivel. «Nada mais elegante !» disse Alcides d'Orbigny, [1] juizo que mostra não ser excessivo o encomiador caseiro; mas, os effeitos estheticos, se tem valores apreciaveis na evolução de um povo, os de ordem moral pesam mais. «O gaucho a cavallo é homem superior», disse alguem; [2] comprehende-se o que semelhante dominio addicionava a este conjunto de vantagens, alongando o campo de acção, augmentando o poderio, dando á creatura maior confiança em si mesma; como restringindo as distancias, destruindo barreiras isolantes, servindo para approximar, ou desapproximar, de harmonia com o que conviesse: para a formatura no appello official ou para pôr-se á distancia da auctoridade: — para o golpe da aggressão gloriosa ou para a retirada libertadora. O cavallo era um reino, o arnez rutilante de pratas, um throno; a conquista de um e outro, um mundo de impressões novas: sobreposto á montada, teve-se por erguido a uma dignidade suprema, sem outra que se lhe sobreponha, e livre como o rijo vento que sopra no inverno pelo quadrante de sudoeste: na Pampa intermina, o soberano senhor de si mesmo, — «um monarcha !» como soía dizer ufano...

O exemplar feminino corre parelhas com o do Adão do paraizo brazileiro. «As mulheres são muito alvas e viçosas», [3] «em geral bonitas», [4] «lindos» os «olhos e cabellos negros» ou de matiz «castanho-escuro», «fina a tez e esmaltada de rosas a face». Ainda que no longinquo sertão, á beira de Missões, se revelem algo esquivas; na parte opposta, mais frequentada, «todas palestram» com o viajor, «dispensam-lhe gentilezas», «em nenhuma casa se escondem», como era commum no Brazil, e «de nenhum modo se assemelham ás camponias» de França. [5] Nos centros urbanos, assevera Oliveira Lima, apoiado em Luccock, serem as donas «bem conversadas», com os dotes de «maior desembaraço, mais sentimento de responsabilidade e mais instincto de sociabilidade, do que as suas patricias fluminenses». [6] O nivel a que attingiu a companheira do homem, se está «infinitamente distante do das européas», «é infinitamente superior ao das capitanias centraes», [7] e bem se pode avaliar, pelo desenvolvimento das relações collectivas, nas principaes localidades; dizendo o auctor citado, ainda com o testimunho de Luccock, que «a vida no Riogrande nada tinha de desagra-

---

[1] «L'homme américain», 63.
[2] Dreys, 198.
[3] Saint-Hilaire. Vide Sellin, «Geographia do Brazil», 104.
[4] Oliveira Lima, «Dom João VI», tomo I, 115.
[5] Saint-Hilaire.
[6] Oliveira Lima, I, 115.
[7] Saint-Hilaire.

davel ao tempo de el-rei dom João VI» e que «a convivencia parecia mesmo mais franca do que no Rio»: «a animação social superior á da capital».[1] De facto, é o que se infere de outro depoimento estranjeiro; Saint-Hilaire teve convite para dous saraus em Porto-alegre, que podem servir, não só para um bosquejo do perfil feminino, como para o da existencia culta, no seio do territorio. Segundo elle, «as damas executaram musicas ao piano e cantaram ao som da guitarra, com muito bomgosto»;[2] «entretinham as praticas, em companhia dos cavalheiros, sem enleio», «em tom discreto e com emprego de maneiras polidas», que aliaz declara «ter achado em todas as pessoas da sociedade», «retribuindo» aquelles «com muitos miramentos» á obsequiosa attenção do sexo mimoso. Em summa, para o naturalista falta á mulher do sul, a «graça», que é uma como flor de alta civilisação, bem como «a vivacidade da franceza»; mas, este dom, tem-na ella superior á mulher das capitanias do centro, como superior se lhe mostra no trato, e ainda em possuir «um pouco de idéas mais». Tal conjunto de vantagens é o que explica o apreço do naturalista, ao vêr-se na primeira das duas

---

[1] Oliveira Lima, I, 114.

Não é demais registrar aqui alguns outros dados a respeito, que facilitem o julgamento do meio social, em que se produziram os successos da presente historia. Saint-Hilaire descreveu a «estancia»; leia-se tambem o que diz da casa de um burguez rico, assim como o que viu em outras, de medianas posses: «É ella mal distribuida, como todas as moradas portuguezas. As alcovas são ainda reduzidos gabinetes obscuros, contiguos a grandes cameras; quanto ao mais, está alfaiada com todo o luxo de nossas bellas casas de Europa, e em qualquer parte se poderia citar a sala de recepção, como um modelo de elegancia. Desde que aqui nos achamos, a meza não tem sido servida com menos opulencia. Um vinho do Porto delicioso brilha nas garrafas e copos de crystal, apresentadas as iguarias em pratos de faiença ingleza extremamente fina, e os postres em porcelana. O complexo do regalo é excellente, ainda que excessiva a profusão de manjares; em quasi cada um dos serviços retiram como dous terços do que é offerecido, sem que lhe hajam tocado». Isto, foi em hospedagem na cidade do Riogrande; e alhures, no lar de gente de posição mais modesta, se excluidas estas pompas, diz, todavia, o que se vai lêr: «Em toda a parte ha poucos moveis, mas, não me posso furtar ao pendor de admirar os leitos», em que «a roupa branca é muito fina», e que são «guarnecidos de musselina bordada», e de «colxas de damasco», para uns, de «saraça», para outros. Quanto á meza, registra que «a carne é succulenta e de bom gosto»: «por toda a parte nos brindam com vinho e pão excellentes».

[2] Não é o unico lugar em que Saint-Hilaire exalta a bella disposição dos naturaes para a cultura esthetica. Depois de contemplar a igreja de Viamão, que o surprehendeu, pondera que «se póde julgar pelos templos do Brazil, do que seria capaz este povo, se dispuzesse de meios de instrucção multiplices, e alguns bons modelos sob os olhos» e reconhece quão inferiores as igrejas das villas do interior da França. «Não devemos concluir disto, (termina) que o sentimento artistico é mais commum e maior nos brazileiros, do que o é entre nós, e que que se elles se entregam um dia á cultura, custar-lhes-á menos trabalho e esforço?» Pag. 21.

festas caseiras que registra: — «Depois que estou no Brazil (confessa elle) ainda não assisti a uma reunião semelhante».

Comtudo, o que visivelmente o impressiona melhor, na Eva continentista, é o «muito bomsenso», que, diz, «por vezes excede» o dos homens, e, em outro lugar, celebra esta virtude, em conciso louvor, que representa, só por si, a mais completa das homenagens, ás filhas, irmãs, esposas e mãis dos futuros paladinos da liberdade na fronteira: «o seguro discernimento que distingue as senhoras do Continente». [1]

«A vida independente do gaucho, não ha negar, tem grande encanto», observa Darwin, [2] e referindo-se á primeira noute que passou no campo, accrescenta que «tudo, nella, deixou em seu espirito, vestigio que nunca mais se apagará». Ora, se tanto o commove o espectaculo das terras mais ao sul, aliaz mui parecidas, qual embellezo o seu, ante a poesia da existencia campesina, para aquem da linha divisoria, onde o scenario é rico de aspectos variadissimos, que faltam acolá?

José da Silva Paes, no relance da tomada de posse, delle se enamora, declara ingenuo o bem que lhe quer: não o poude mais esquecer! [3] Se o adventicio, de curta estadia, o ama entranhadamente, como se desinteressára, delle, o nativo, que ali contemplava o lar de seus pais e antepassados, que ali erguia o proprio, mais tarde revendo-se no dos filhos e netos, continuadores seus? O carinho do fundador de nossa primeira *urbs*, antecipava a primor, o amorosissimo extremo de todos; no coração deste soldado, para nós illustre, deu o rebate inicial, o apego que desperta o Riogrande: vehemente paixão na raça viril a que o brigadeiro portuguez descerrou as portas da vindoura morada, luzida, prazenteira, opulenta de galas!

Tragico, por vezes, qual já disse, quando ronca o sueste nas praias, batidas com furia pelas vagas eversoras, que tragam de um sorvo o lenho desprecatado e sacodem além, sobre a secca areia da costa, a possante nave, ou quando é o sudoeste que estruge, varridos os plainos do interior pelos bulcões desabalados, semelhando nos ares as cargas de cavallaria que, em uma centena de combates, farão retumbar por um seculo o solo subjacente; tragico, por vezes, o theatro, noutras, estala, crepita, sibila, com rigores meteoricos diversos que traz comsigo a visita da brisa purificadora dos Andes, — para depois serenar, deixando pelo caminho uma divina luminosidade, fulgores de ouro sobre o azul, ou de prata, nas sombras, qual rapida proa em vasto oceano, phosphorescente a esteira, sob a calma, por noutes equatoriaes! Os antigos adoravam o vento que mais alimpa o valle do Nilo, das pestilencias do rio

[1] Saint-Hilaire, «Voyage a Riogrande do sul», 40, 49, 75, 88, 124, 141, 363, 422, 443.

[2] «Viagem», 73.

[3] Correspondencia official. Revista do Instituto, *passim*.

transbordado; [1] se este gesto fôra imitavel, deviamos nós erguer um altar ao minuano, o saneador por excellencia da atmosphera que respiramos, quando o inverno estende o funesto lençol das humidades, por sobre as amplidões da campanha enxarcada. Inimiga dos impetos com que sobrevem o pampeiro, altisonante, brusco, incivil — potro indomado, na braveza da carreira em desatino —, a crespa aragem ergue-se pela mesma quadra do anno e não longe, quasi visinha, puxando ao norte mais 45 graus. Nesses dias, os mais bonitos que conta a região, o ambiente é todo elle brilho de transparentes crystaes, afogueia-se o colorido das cousas, dulcissimo o azul do firmamento. Aliaz não é incommum, este espectaculo, no palco dos rudes assomos, para traz descriptos: risonho quasi sempre o céu, «mimoso o solo», [2] antes porfiam aquelles rigores a enriquecer o painel com alguns contrastes de severa tonalidade, que a minguar-lhe as lindas notas attractivas e dominadoras.

O gaucho «desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa», [3] disse Euclydes Cunha e esta observação corresponde ás circumstancias ainda actuaes, porque da porta do «rancho» ou da «casa grande» da fazenda, é com embellezo, com olhos de enamorado que contempla a terra querida, ou a veja com os atavios quotidianos ou assista ás alternativas de magestosa procella e sublime bonança, que antes mencionei, e que lhe parecem não sómente os caracteristicos da Patria, como os da historia local. No entanto, no passado é que seu amor ao paiz teve lisonjeiro realce: nesse tempo, não podia viver longe do sitio onde nascera: nunca emigrava, [4] a não ser para o Uruguay, contiguo

---

[1] Dupuis, «Origine de tous les cultes», II, 20.

[2] Antonio Vicente da Fontoura, officio de 15 de junho de 1842, a José Mariano. Meu archivo.

[3] «Os sertões», 116.

[4] Saint-Hilaire, «Aperçu d'un voyage dans l'intérieur du Brésil», 361.
Hoje é tudo o contrario: a emigração é grande e cada vez maior. Certo está longe de merecer o minimo reparo a saída da gente, em virtude das novas condições da existencia moderna. O que impressiona é a que se expatria espontaneamente, ou para fugir ao doloroso espectaculo de aviltante despotismo ou para a procura em terra extranha, das garantias, que existem no sul apenas como uma dadiva dos mandões, e isto com tamanho escandalo, que a folha official da dictadura positivista, apregoava ainda ha pouco os meritos da tolerancia com que consentia no surto de uma candidatura federalista, sendo este, pois, não o fructo das urnas livres e sim um favor liberalisado pela prepotencia! Aliaz, não é este o mais grave aspecto do problema local, porquanto os proprios direitos civis mais elementares vivem como viviam em tempo do absolutismo, isto é, sempre que não se torna possivel uma dispensa na lei, em favor dos apaniguados do governo, com ou sem detrimento dos que não commungem na missa official. Para estes, aliaz, o meio unico de fugir a uma azeda má vontade, senão a negro zelo pharisaico, é a stricta observancia da theoria que um antigo esculpiu em famoso symbolo de Nikko: o dos tres simios, preceituando NÃO VÊR, NÃO OUVIR, NÃO FALAR, e que resume *a sciencia do bem viver*, hoje, na terra dos livres «farrapos».
Eis um conjunto de males que só agora se está desvendando ao paiz

e mui semelhante, uma especie de prolongamento da terra-patria. [1]

Difficil, senão impossivel, o deparar-se-nos um camponio que falasse do Riogrande, com indifferença; ao referir-se-lhe, deixava patente nos olhos as satisfações do desvanecido: se longe, notarieis na mudança da physionomia, o golpe immediato da saudade, breve nostalgia fatal, se não «ensilhava» o «pingo», como elle morrendo pela querença! Algo mais, porém, que as circumstancias da natureza, abalava a alma do gaucho e o retrazia á casa: o fogão.

Nas habitações antigas, o papel soberano do lar attinge a uma importancia que tudo avassalla: a morada como que se restringe a elle e delle recebe o nome. [2] Centro do culto ou recanto da existencia caseira, em noutes hybernaes; observareis, todavia, que o convivio por ali é transitorio, no velho mundo: em o novo, muito diverso! Em lugar algum, como na fronteira, concorreu tanto para uma intensa intimidade, obra tambem, em parte, do generalisado pendor para uma bebida tonica de primeira ordem, — o matte. [3]

O fogão entre nós teve influencia politica, porque estabeleceu a igualdade entre amos e servidores; teve-a, sobretudo, como ara de civismo. Recostados os naturaes ao brazeiro humilde, em pleno chão, nesse aconchego se trocavam todas as idéas relativas ao tempo presente e despontavam seguidamente as que relembravam o passado: os velhos, com especialidade, não o esqueciam nas palestras, attentos os infantes. A principio a menção aos annaes repetia de contínuo os mesmos assumptos. A historia era curta ainda; tinha, comtudo, accentos epicos, de quando em quando, a voz dos narradores: entre versões mui apagadas, a praças indomaveis do Reino e do Oriente, corria animadissima a chronica de hontem, a das resistencias da Colonia-do-sacramento, suas vicissitudes de explendor e miseria. Breve era mister o goso da vantagem de uma segura memoria, para reter e reproduzir o quadro amplo de um batalhar constante, — que fixa em algumas paginas o escriptor distanciado, nitidas para si as linhas mais pronunciadas dos acontecimentos, ao passo que, nos relatos populares, elles se complicam, accrescidos com a multiplicidade quasi infinita dos episodios. Faz-se a historia do primeiro com a sêcca ordem-do-dia, traçada pelos chefes militares, com o que viram, elles, e os sub-commandantes, — meia duzia de espectadores; a do povo inculto vertem-na dos labios, ainda por vezes palpitantes de commoção, — os proprios numerosos auctores da proeza ou as victimas do desastre collectivo. A daquelle é mais sabia; a de este, pelo que digo, mais viva, mais impressionante.

Para justificar a sua altaneira attitude, um parlamentar, depois illustre entre os mais illustres, bradou na camara temporaria, que

---

inteiro e o que deu lugar a recente critica na imprensa da capital-federal, onde uma folha, que nada tem de partidaria, disse que para seus proprios filhos, o Riogrande se havia tornado «uma terra de maldição!»

[1] Vide nota ao fim do volume.

[2] Fustel de Coulanges, «La cité antique», cap. IV.

[3] Teschauer, «A herva-matte na historia e actualidade», vide «Annuario», XXIV, 297.

«saíra dos fogões gauchos, com a bandeira da liberdade nas mãos !» Descobriu assim a influencia que estudo.

O pendão tricolor tremeluzia nas chammas, para o moço tribuno, como para todas as almas novas, presas á narrativa das façanhas a que faltou até hoje um Homero, para lhe consagrarem o renome, em um poema de dramatica sublimidade; mas, o das quinas, — inescriptas ainda as legendas patentes no que tremulou á ponta das lanças farrapas — por igual fazia estremecer o coração de nossos antepassados. Quando se avisinharam as éras de encaminhar a outro destino a actividade civica, até ahi dedicada, por assim dizer, á fundação do Riogrande do sul, isto é, encaminhal-a á conquista dos foros impressos no estandarte que Silveira Martins desdobrou ousado na capital do Imperio, acordando um recinto adormecido com os eccos da maior campanha dos fastos liberaes do Brazil; quando se tornou opportuno coroar a obra, pondo-lhe na cimalha o escudo das garantias populares então mais cubiçadas: o riograndense passou em revista na mente o que tinha aprendido, com os velhos, na lareira paterna e sentiu crescer e recrescer-lhe, no intimo, um nobre orgulho. A patria natal, que o visinho cerceara, ampliada se via pelo esforço delle; o solo inculto e bravio, um centro de vasta labutação: se lhe faltavam requintes civilisados, a espontanea cultura local fizera, da campina erma, da coxilha nua, do matto selvagem, a doce mansão onde o estranjeiro recebia impressões de paraizo. [1] Pobres de alfaias os «ranchos»; notaveis apenas os «apeiros», cujo chapeado scintillava, unico luxo campesino, e, com o brilho mais puro da gloria, as armas, prêsas ao alto das paredes, — ou arrimadas a um canto, mais á mão, nos periodos convulsos, em que nas quebradas repercutiam os appellos incessantes aos esquadrões civis mal descançados.

Este orgulho ainda não foi justamente medido, como factor da vindoura guerra separatista. Tal era elle, que o vexame das invasões dos «patrias» não foi perdoado á monarchia, e as feridas que abriram, cicatrizaram tão somente depois que a prova dos faceis triumphos, em condições menos vantajosas, consolou os animos, com a publica demonstração de que a derrota era explicavel, qual se via assim, ou pelos desacertos ou pela incapacidade absoluta dos guias militares impostos por dom Pedro I. Orgulho agastadiço e exclusivista... «Reina entre os naturaes do Riogrande, um espirito de nacionalidade summamente melindroso», affirma Nicolau Dreys, receiando elle, entretanto, que se «estreitasse nos limites do provincialismo». [2] Esqueceu o viajante que o sentimento que se restringe, intensifica-se, ganha forças, augmenta de proporção: isto explica a energia do que se espraiou em 1836, quando cessaram as contemporisações ou hesitações dos chefes, e, livres, se expandiram as tendencias mais generalisadas na massa anonyma e que no fundo eram as reaes tendencias, indefinidas a principio, quanto depois luzentes no complexo das populações.

---

[1] Dreys, 94, 95.
[2] Pag. 176, 177.

Escriptor ha que não logra atinar com a genesis do tentamen de independencia com a republica, [1] e, um phenomeno claro, clarissimo, a quem instruido em melhor philosophia da historia; explica-o elle como arbitrio de poucos ou cousa que não sobreexcede a este mesquinho conceito. Tanto queriam o Riogrande para si, para si tão somente, os nossos maiores, que, aberta mais tarde a lucta, bem que fosse profunda a divisão politica, um sentimento que a tudo supera, irmana ainda os contendores: queixa-se Almeida, no campo republicano, [2] no campo imperialista igualmente se lamenta Antonio Eliziario — do bairrismo — que supporta o dominio extranho, como o brioso «bagual», mordendo o freio: [3] que supporta a contragosto o dominio de quem, privado das «honras do baptismo na mesma pia», [4] se ergue ao nivel dos naturaes, ainda que a adopção se justifique e se imponha com uma folha de serviços inestimaveis, qual a que apresenta, para figurar entre nossas mais altas illustrações, o mineiro de origem, que citei, varão excelso de Plutarcho. Combinai o vigoroso pendor, com outro de igual vehemencia, o embellezo, o enthusiasmo, pela formosura da terra e delicia do viver sob aquelle ceu: combinai o encantamento que geram com as desvanecidas recordações que suscitam, reduplicando a paixão patriotica, e todo o segredo historico se vos desvenda. Assenta o eruditíssimo Capistrano de Abreu que o Brazil, propriamente dito, finda no planalto do Paraná; em dizel-o, o auctorisado publicista obedeceu ao intuito de segregar uma região que reputa funesta á unidade das outras, que compõem o paiz, antipathicas, a elle, as campinas em que lhe parece avistar ululante ainda a sombra de Artigas; [5] mas, a verdade é, especialmente no que respeita ao passado, que firmou uma observação de merito irrecusavel. Sem conhecer *de visu* a nossa terra, adivinhou-a, coincidente o juizo do desaffecto, com o de um amoroso, erudito em cousas nossas, o qual disse que, relativamente ao Brazil, o Riogrande é um mundo á parte. [6] E note-se,

---

[1] Alfredo Rodrigues.

[2] «Pensamentos». Manuscripto em meu archivo.

[3] Officio datado da margem do S. Gonçalo, em 1838. Archivo publico.

Rodrigo Pontes, na sua «Memoria» assignala tambem a circumstancia que aponto: «*O provincialismo o mais elevado é a paixão politica dominante do riograndense*, QUALQUER QUE SEJA O PARTIDO QUE ELLE ABRACE».

[4] Palavras de um discurso de Ferreira Vianna, relativas ao illustre conselheiro Francisco Antunes Maciel, em que o insigne orador manifestou a communidade de origem de ambos, facto de que sobremodo se orgulhava. Comparai este pronunciamento sobre um adversario, na camara do Imperio, com outro, tambem de um riograndense e sobre a mesma pessoa, no congresso da Republica actual. Assim tendes um facil meio de julgar o que é a eloquencia no seio de um parlamento livre e o que é a arte de falar na curia de uma Roma escravisada e decadente. — «Annaes do congresso», dezembro de 1901.

[5] Prefacio á reedição da «Nova Colonia», XXXIV.

[6] Assis Brazil, 4. Vide tambem Straten-Ponthoz, «Le budget du Brésil», I, 97, 98.

Coteje-se este parecer com o de José Verissimo: «Pela sua situação geographica, pelas condições muito peculiares do seu desenvolvimento

abundam os conceitos de toda procedencia, confirmatorios de que nem um, nem outro, anda com o erro. Um delles já citei; é decisivo: Saint-Hilaire não só attesta o vigor da raça que encontrou no sul, menciona a differença profunda que nella se lhe deparara, depois de visita a outras provincias. Que origem teve diversidade tão radical? O genero de industria, as guerras, o sustento principalmente; esses factores, porém, desacompanhados do influxo do meio, por certo não produziriam as modificações que puzeram em admiração o naturalista francez. De effeito assim comprovado quanto ao physico, o destaque ainda teve maior peso no que se refere á evolução cerebral, não em esta ou aquella peça do apparelho: em todas as que compõem a engenhosa machina physiologica. A menção do aperfeiçoamento em algumas bastará para esclarecimento da these; o leitor se incumba de induzir as que eu deixe sem estudo.

A terra não é só a base da estatua humana: em muito é o seu molde. [1] Dizei-me o feitio da vossa, e dir-vos-ei de infalliveis traços da natureza dos que a povoam, affirmaria seguro de si um philosopho sagaz. A que nos fadou um destino bemfazejo, desimprime das almas o sello da traição, que a brenha, o desfiladeiro, a montanha, lhe insinuam, como ũa arma para a offensiva sem perigo e para a defensiva intangivel. A planicie obriga ao combate cara a cara. A influencia que a circumstancia ha de ter no caracter, com o augmento do valor e da lealdade, nitidamente o expoz o nobre, limpido estylo de Assis Brazil; e Euclydes Cunha, com o delle, todo nervos, em contracções e distensões elasticas, variada ao infinito a attitude, arriscada ás vezes, do manejador da penna, sem que as linhas se lhe desvairem ineximias no desenho, — Euclydes Cunha traçou um quadro que houvera sido completo, se lhe fosse mais familiar o assumpto, e, se, além disso, o houvesse encarado com algumas luzes da historia.

Se na formosa pagina distinguisse, avisando o leitor que tratava unicamente do gaucho de hoje, poucos retoques a fazer-lhe. Limito-me a apontar um, para que se reconheça que forçou o pincel, com a obsessão de enumerar os contrastes. «O gaucho, diz, [2] o *peleador* valente, é, certo, inimitavel numa carga guerreira; precipitando-se, ao resoar estridulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo; atufando-se loucamente nos *entreveros;* desapparecendo, com um brado trium-

---

historico, pelo seu proprio encerro em si mesmo determinado pela difficuldade da sua penetração pela via maritima, o Riogrande do sul teve no Brazil uma evolução á parte e criou-se, portanto, uma feição particular».

O imperio das circumstancias que se lhe depararam, parece de tal força ao segundo escriptor, que não hesita em formular este juizo, ainda hoje: «Não duvido crer que, se o grande estado do extremo sul, á sua situação geographica juntasse a situação economica e cultural de S. Paulo, elle de si mesmo acabaria desligando-se da União brazileira».

[1] Meditai o que ensina Aristoteles, na «Politica» VIII, II, § 12), theoria que dizem de auctor moderno.

[2] «Sertões», 111, 120.

phal, na voragem do combate, onde espadanam scintillações de espadas; transmudando o cavallo em projectil e varando quadrados e levando de rojo o adversario no rompão das ferraduras, ou tombando, prestes, na lucta, em que entra com despreoccupação soberana pela vida. — O jagunço é menos theatralmente heroico; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume esta feição romanesca e gloriosa».

Que o terrivel heroe que illustrou, trazendo-o das «caatingas» obscuras para a clara luz das exedras, onde os professores pasmam de certo amanhã, ante esse vigoroso producto da mestiçagem; que o jagunço elle o apresente superando o outro typo do parallelo, no que representa como adversario de summo risco, para quem incauto o accorrilha e acossa, vá! Dal-o como sobreexcellente, na constancia, creio exagerado, e opponho ao seu modo de vêr, este outro, que é de proficiente conhecedor, mais para diante de novo trazido a pretorio: «A coragem do riograndense é fria e perseverante», [1] escreveu Nicolau Dreys.

O inditoso polygrapho annotou com a firmeza de mão visivel no mais ligeiro de seus ensaios, quaes as differenças entre esse typo ethnico e outro, celebrisado nos «Sertões» — o mattuto; differenças oriundas, ao sul e norte, das naturezas em extremo dispares, logo circumvistas no terreno, ao relancear moroso de uma inspecção distraída. Fechado em si mesmo, o segundo reconcentrou energias, que o outro dissipa na vida aventurosa, tanto a da brincalhona labuta campesina, como a dos acampamentos da fronteira: um e outro valente, mas a bravura do mattuto, na «tocaia» pertinazmente repetida aos flancos, á frente, á retaguarda do inimigo; a do gaucho é a ruidosa carga entre alaridos provocadores ou simplesmente ironicos: com uns longes, em muitos episodios, das cortezes investidas em que a cavallaria da velha Gallia disputava a palma da gentileza aos seus pares da Inglaterra, nos campos de batalha. Para o tempo de que trato, ainda a policia guerreira não havia atingido a todo o primor que distinguiu a nossa, durante o decennio illustre; vereis, entretanto, que a «nova Troya» [2] não desmereceu o nome da antiga, em a nobreza do pugnar: os plainos em que assentavam os muros de Priamo, se não prestam ao emprego da emboscada, como systema de aggressão favorito, e por igual, já o notei, os que se desdobram na renascida Ilio. Abriam-se lá as portas, voavam os carros de combate, empenhava-se a refrega, como a mutação da scena em theatro aberto: no Riogrande a mesma cousa se presenceava. Se a encosta, além de uma coxilha, escondia por minutos os esquadrões na abalada offensiva; descaindo em longas ondulaçõs aquem, o terreno deixava-os logo a descoberto, dentro do tempo sufficiente para a ordenação da contracarga, e affrontavam-se, peito a peito, as hostes contrarias. A assemelhação que ouso aprofundar, legitimando o desvanecido parallelo do vate portoalegrense, é tão cabivel, que terei ensejo de reproduzir inci-

[1] Pag. 178.
[2] Marçal Figueira, Poesia epica.

dentes de sainete homerico, em o vasto painel dos maximos recontros. No tumulto dos conflictos, entre gregos da Europa e gregos da Asia-menor, se destacam os da ala dos temerarios; lançam na imprecação toda a sorte de desafios, que, sempre indespresados, realçam o thema dominante no torneio militar, com os ornatos da fantasia de cada um, na contínua iniciativa dos duellos pessoaes. Mudai os olhares, no ambito da historia; transferi-os ao Riogrande, entre guerreiros de bigode e guerreiros que o baniram, para gravar na face o signo dos idealismos politicos que a timidez ou o interesse recatam e a hypocrisia mascára; transferi os olhares ao Continente e se vos depara o mesmo impeto aventuroso. [1] Como nas acções decantadas em sublimes estancias do poeta divino, a floresta das armas se desadensa, alarga-se a clareira em cujo centro dous se batem, e alguns contemplam, — fero o aspeito, excitados no morticinio, incapazes, todavia, de pôrem a espada na balança, em favor de um ou outro, senão ás vezes para salvamento do desfavorecido na contenda: nunca jámais para abater deslealmente, em beneficio do amigo, o heroe que sobre elle tem primazia.

Falei na jovialidade que se mesclava, não raro, até com os perigos mais extraordinarios. Era geral. Coavam-na pelos corações, os toques ridentes, os matizes claros, nas gazes finas do espaço, na seda das ramarias, na verde alfombra das varzeas, no liso ou turvo espelho dos frescos arroios, ora, roncadores, ora, apenas murmurantes. Direis que perduram estes mimos e não abalam com intensidade analoga o riograndense de hoje? É que a sã emanação exterior se lhe detem á superficie da pelle, impenetravel a elementos respiratorios de valia; a consciencia de que vive numa cadeia, torna-o quasi de todo inapto á absorpção dos favores do ambiente: o pensamento do homem escravisado é negro, seja a clausura um calabouço putrido ou um palacio de fadas. O despotismo colonial, se o compararedes á inquisição positivista, é um explendor de liberdade. [2]

---

[1] Na Argentina, os «unitarios» raspavam o bigode, aparando a barba, na fórma da primeira letra do nome do partido; os «federaes» mantinham o bigode, conforme decreto do general Rozas. Os republicanos do Riogrande do sul, em geral, o faziam supprimir, conservando uma pera, que usava então Bento Gonçalves. Dahi por vezes appellidarem «bigodistas» aos servidores do Imperio.

Isto, entretanto, era um costume de origem exclusivamente popular. O governo decretou, primeiro, o tope nacional (decreto de 6 de novembro de 1836), e depois, o laço republicano (vide Annuario do Riogrande do sul, VIII, 198 e XI, 198). A adopção do ultimo occorreu em data que desconheço; concluo ter-se dado, officialmente, de um despacho de Almeida, no «Povo» de 30 de março de 1839.

[2] Refiro-me ao primeiro periodo da occupação, aquelle no qual a auctoridade ainda não havia cerrado as malhas, e antes da hora em que a metropole tudo moldou á sua propria imagem, como registra uma phrase lapidar de Oliveira Lima. Este notabilissimo cultor das letras historicas, depois de brilhantemente descrever as occorrencias proprias á evolução do norte do paiz, até o apparecimento dos hollandezes, observa com agu-

Vestida a redondeza por ondé os olhos se dilatavam, com semelhante louçania, a constancia da tristura era impossivel. O lar sempre em festa, despreoccupado o passadio nas «estancias»; o trabalho uma diversão, — como uma escola perfeita, para o preparo á viril existencia civica desse periodo, cuja actividade militar possuia o seu *jeu de la guerre* no taboleiro dos curraes e «mangueiras», ou no serviço dos «rodeios», aonde resumidas todas as traças das campanhas gauchas, para dentro e para fóra da linha divisoria. Em viagem pelo interior, o continentista nunca perdia o socego dalma; esta apenas se lhe agitava mais, na visinhança da habitação, com as pressas de chegar. Assim mesmo, ao recolher as laxas redeas, gritando repentino um rasgado *upa!* ao seu alasão; mal interrompia a toada das cantilenas, com que tratava de mitigar as durezas da marcha ou com que punha em ensaio as coplas ainda ineditas, que recitaria no teroléro das rasgadas «tyrannas», — por vezes as de um madrigal que lhe fizera bailar na imaginativa improvisadora, quem sabe que gracil figura, entrevista lá ao fundo attraente de um conhecido «rincão !...»

Lembranças como esta ou de perdas na familia, eis as unicas, em verdade, que lhe entenebreciam a mente descuidosa. As que citei e uma outra, só desanuviavel — era a regra — pela vingança exemplar: a das offensas recebidas, se ellas tocavam á honra. Aqui o melindre tinha forças que pareciam inquebraveis e que só a disciplina republicana conseguiu adormecer, soprando na alma dos farroupilhas a nobre emulação das desforras, com o revide de cordial generosidade. Antes disso, o perdoar considerava-se uma vergonhosa fraqueza e um exemplo vos facultará a unidade necessaria, para medirdes, em um caso, a magnitude tragica das desaffrontas.

Conta-se que na juventude, o depois preclarissimo general Antonio Netto, ao vir do Estado visinho para Bagé, em companhia de varios patricios, não só os viu inopinadamente assassinar, como soffreu a imposição de atroz vexame: ao transporem o rio Negro, a guarda oriental do passo do Valente, não sei a que pretexto, fez uma descarga, que immolou os viajores, salvo apenas o sobredito tenente de milicias, que foi preso. Não só preso; sujeito á barbara tortura: os auctores do attentado metteram o fino «estanciero» nas «estacas», [1] todo o resto do dia e a noute seguinte. Pela manhã o soltaram.

---

deza que o honra, uma circumstancia de vulto. «Ao sul do Brazil (diz), o aspecto social era bem diverso: na apparencia mais desorganisado; em realidade, mais livre». «Não é fóra de proposito admittir (accrescenta mais adiante) que a seiva das velhas tradições portuguezas de liberdade, em certa maneira havia rejuvenescido no meio virgem da colonia, e que, para isto contribuindo poderosamente a independencia da vida aventurosa, essas tradições se puzeram a reflorecer». — Cit. «*Formation historique*», 67, 110, 112.

[1] Neste supplicio, o paciente fica amarrado pelos pés e mãos a quatro hastes de madeira, cravadas no chão, e com o corpo suspenso, a alguns centimetros de altura.

Estava elle quasi desarticulado: roxos os punhos e a zona dos tornozelos. O brioso moço, cuja formosura gosava de fama que chegou até nós e que foi encanto de muitas mulheres do tempo, mal poude recobrar-se teve só uma idéa: a de um solemne despique, que desaggravasse os manes das victimas e sobretudo que lavasse, com o sangue, as manchas da sua forçada ignominia. O «parelheiro», [1] em marcha, desconhecia o agilimo ginete, que o montava: descaídas as tersas pernas vigorosas, molles os dedos que de ordinario retinham vigilantes as bridas e impunham o dominio do sêr mais intelligente, ao que os estupidos qualificam de irracional... Não era o relaxamento muscular obra unicamente do martyrio padecido; tinha o joven tenente as suas fibras de boa têmpera. O tormento esteve a ponto de desconjuntar aquella armadura de aço, mas estava integra, e o que a mantinha desaprumada era a contensão das energias subsistentes, num pensamento que ainda se não elaborara e para o concebimento do qual toda a vitalidade de um organismo se punha a concurso, na tempestuosa alma do cavalleiro, passo a passo, no caminho solitario: — o plano da desforra! Se fôsse pendencia entre iguaes, as hesitações desappareciam... Entre elle e gente collecticia, da peor especie, ultrajante a hypothese de enviar um cartel: a qual desses repugnantes degradados, escoria dos quarteis, distinguir o homem bem nascido, com a preferencia immerecida de fazer que partilhassem do mesmo terreiro, as plantas do mercenario e as esporas de ouro do paladino?

Subito, faiscou-lhe o olhar, um fremito varonil fêl-o senhor de si mesmo; cravadas as agudas rozetas no ventre do animal, desfilou este, vertiginoso como uma flexa, que vibra ainda depois de fincada no alvo longinquo: vibrava elle tambem das crinas aos jarretes, quando estacou sobre a cancella de casa, saltando-lhe de cima o humilhado «campeiro», depois de uma louca disparada.

Precisava chegar sem demora: prompto o programma que architectava, urgente pôl-o em pratica, antes que os estygmas da vergonha se desvanecessem invindicados!

O programma era este: iria com Pedro Marques, e com alguns de seus clientes, offerecer combate ou esmagar a peso de espada os indignos responsaveis pela deshumana brutalidade e criminosa tropelia, — descendo elle, o filho de uma familia principal, até os miseraveis que se aproveitaram do numero, para a morte de innocentes e para uma aviltante demasia. De boa guerra a tiveram os atrevidos estranjeiros: com melhor haviam de pagal-a! Iria, com a sua, dar uma terrivel e inesperada lição, e como as circumstancias da provincia lhe impunham indispensaveis acautelamentos; convinha-lhe prudentemente cobrir-se das consequencias legaes da algara, com um alibi proveitoso: este sería, como foi, dar um baile em Bagé, na data da expedição.

Dito e feito. Aprasando-se o dia immediato para a empreza,

[1] Um dos luxos deste fidalgo camponez era a escolha dos animaes de seu serviço, pelo geral cavallos de corridas ou parelheiros, como por ali os nomeiam.

os que a deviam effectuar, um a um deixaram o *pagus* do sul, ao descerrarem-se as portas do salão da casa paterna de Netto, para a festa projectada. O famoso guerrilheiro do Camaquã congregou no arrabalde a partida, cujo commando assumiu o tenente Netto, escapo de em meio dos pares do baile, ao vêr todos entregues á dança. Impostos os companheiros, do plano da investida, partiram, devorando a trote e galope, as quatro leguas que os separavam do destacamento militar e pela calada da noute o official de milicias impetuosamente caíu sobre a guarda, como um condor sobre rebanho distraído. A surpreza se produziu como se ideara: foi completa.

Não o foi menos a vingança! Impraticavel a resistencia, ante o inopinado do ataque, os orientaes se viram dizimados, sem excepção alguma. ou antes, com excepção de um, que, malferido se deixou ficar sobre o terreno e assim escapou á sorte infausta dos outros camaradas. [1]

Temos sobre a meza do analysta um *specimen* de selvageria, tarda sobrevivencia de horas primitivas? Não. Por uma parte, era a justiça que se improvisava, em sociedade que não na garantia regular; por outra parte, era um gesto do pundonor vigente, que se desobrigava. Netto jamais foi cruel; havia no que fez o que lhe impunha a legislação espontanea da Pampa: o seu *wergeld* não fixava outras compensações para os ataques de uma desclassificada quadrilha de ferrabrazes, contra um cidadão inerme; e as de ordem moral, que novos costumes introduziriam, só mais tarde, como disse, firmaram um codigo benigno. O então actual era esse, e cumpriram-se á risca os seus dictames; não por qualquer pendor sanguinario, que estava longe de guiar o magnanimo proclamador da Republica. Teve em seu poder, depois do combate do arroio Grande do Herval, [2] o adversario mais odiado pelos «farrapos»; ao chegar elle ao acampamento, a brados votaram muitos pela morte do prisioneiro. João Manuel, ao ter noticia de que o tinham em mãos os republicanos, alvitrou o não poupassem, por ser «aquelle facinoroso», diz, «o homem que maior mal tem feito a nosso partido, e que se acha coberto de innumeras mortes praticadas desde largo tempo». Sciente de que havia fugido, accusando-se de connivencia a um correligionario, manifesta não ser a culpa só delle e sim «tambem de Netto por o não fazer fuzilar logo que o recebeu», o que reputa um «rasgo de mal entendida humanidade». [3] Este, pois, se inclinado á severidade, condemnasse á morte o personagem que todos

---

[1] Narrativa traçada com os informes do officio de Barreto ao ministro da guerra, em data de 5 de setembro de 1834, e os que me foram ministrados pelo desembargador José de Araujo Brusque, que examinou os autos, no cartorio da ouvidoria da comarca. Houve inquerito em virtude de reclamação diplomatica.

[2] O de 28 de dezembro de 1836.

[3] Cartas de Montevidéo, a Almeida, em 3 e 25 de fevereiro de 1837. Meu archivo.

Para que se aprecie todo o merito da firmeza magnanima de Netto,

consideravam um flagello da Revolução, teria para seu indulto perante a historia, as unanimes representações dos companheiros de classe e até mesmo o parecer do general em chefe, mas, seguindo o generoso impulso de seus proprios sentimentos, poupou o implacavel inimigo, como poupou os numerosos prisioneiros de S. Felippe, que teve ordem de passar pelas armas, por haverem-as tomado contra a Republica, em hypothese que esta punia com a pena ultima. [1]

Restabelecendo o sitio de Portoalegre, Netto dirige-se aos seus companheiros politicos, por uma fórma que traduz melhor do que eu o posso fazer, a grandeza de alma que possuía. «Derrotada completamente a melhor força, que restava aos retrogrados, pouco nos falta a vencer, para banirmos de nosso solo aos infames satellites da tyrannia. Compatriotas! o mais terrivel inimigo, com que ora temos de luctar, em nós existe: é refrear os excessos de paixões irritadas pela perversidade de nossos inimigos. Sei que vos sobeja rasão, no ardente desejo de vingança, que vos devora, pelas iniquidades, traições e injustiças, de que haveis sido victimas e milhares de patriotas, que hão inermes succumbido ás mãos de seus verdugos; porém meditai o turbilhão de males, a que seremos arrastados, se dermos desenvolvimento a particulares vinganças». «E' pois forçoso (diz adiante), que os patriotas, que vencendo mil difficuldades, têm sustentado a causa da liberdade, tributem mais este sacrificio no altar da Patria». E desapprovando a desaffronta pessoal, o illustre chefe militar insinúa que caminho devem seguir, conforme eram seus «ardentes desejos» e o que «ufano» esperava de homens de «caracter docil e generoso»: — «Fazerem respeitar os actos emanados das auctoridades constituidas, deixando-as livremente exercerem a missão de que estão incumbidas, certos de que não deixarão impunes os verdadeiros criminosos». [2]

---

cumpre accrescentar mais alguma cousa. A morte do chefe inimigo era considerada uma necessidade publica de tal ordem, que, ao saber da fuga do mesmo e connivencia que menciono acima; José Carlos Pinto, encarregado de negocios da Republica, no Rio da Prata, e pessoa das mais distinctas no circulo politico da epoca, dahi immediatamente se dirigiu a Almeida, pela maneira que se vai ler, expressão, a sua, dos sentimentos dominantes, a respeito do incidente. Referindo-se ao suspeito, diz a Almeida que «esse traidor, esse patricida, e venal, pague com a vida os males que vai causar á nossa Patria com a escapula dada» ao terrivel antagonista: «o Deus da America bemdirá a mão que vingar a Patria e a Liberdade, vendidas por esse infame». «Este periodo (ajunta com uma firmeza de Brutus) se o não puder cumprir, ao menos lhe rogo que faça presente a quem puder mandal-o effectuar, na certeza de que o meu coração não sente a menor commoção quando tal pronuncia e peço que seja esta a minha sorte, se um dia me tornar indigno do nome de Americano Livre». Carta de 25 de fevereiro de 1837. Meu archivo.

[1] Os aprisionados em fileira, depois de soltos, mediante palavra de honra de se absterem da guerra. Decreto de 5 de fevereiro de 1839.

[2] Proclamação de 21 de agosto de 1837. Araripe, Documentos. «Revista do Instituto», XLV, 214. Relato em outro volume as circumstancias que originaram este appello.

Netto nunca se mostrou cruel: foi um modelo de perfeição cavalheiresca impeccavel, nos dez annos da grande guerra civil, durante a qual os liberaes da Côrte o olharam como um «joven de esperanças» e por fim o nomeavam de a «estrella do sul!» [1]

Se isto constituia um «*lunar*» visivel na physionomia moral do riograndense, apresentava elle outro, a ter-se em conta o parecer de um emerito conhecedor das cousas gauchas. Segundo Chaves, «não é facil retel-os aturadamente em um exercito, menos que não seja por principios de honra. Como soldados, tão denodados são no ardor do combate, como faceis a desertar, estando as tropas em inacção, e envergonham-se, se não resistem completamente a qualquer partida, que os persiga: a falta de execução nas leis tem de algũa maneira auctorisado este vicio perigoso, que se poderá extirpar com o tempo, e com a exacta observancia dellas». [2] O juizo é confirmado, nesta passagem de Saint-Hilaire: «Em geral os homens desta capitania são extremamente corajosos; referem-se delles mil rasgos que exhibem a maxima intrepidez. Sempre se acham promptos para os ataques repentinos mais temerarios, e, ao mesmo tempo, é difficil sujeital-os a uma disciplina regular. Sem o minimo esforço deixam, para combater, a casa e a familia, mas, depois da victoria, querem voltar aos lares: não desertarão jamais por effeito de covardia: quotidianamente desertam, comtudo, porque os deixam em inacção». [3] Este facto, aliaz, se tinha uma certa explicação em tendencias populares, que tornavam os homens avessos aos liames permanentes da fileira; tinha outra no abusivo systema de destacar os milicianos e deixal-os confinados em guarnições desprovidas de tudo, sem paga regular por muitos annos. Saint-Hilaire cita caso edificante, que traz luz ao phenomeno supra. Referindo-se a pessoa cuja estancia havia sido destruida na guerra anterior, diz: «Este homem, como a maior parte dos habitantes da capitania do Riogrande, tem feito diversas campanhas contra os hespanhoes, e, ainda que simples miliciano, tem passado quasi toda a vida a servir ao rei». [4] Ora, imaginai, com aquella exacção, da parte do governo, em dever que lhe incumbia e não convinha olvidar, se é possivel conseguir a permanencia de voluntarios no arduo serviço de campanhas quasi contínuas, deixando elle de ser urgente... Se as circumstancias impunham, se a Patria corria perigo, não desouviam os nossos, o clarim de chamamento ás bandeiras reaes; o proprio Saint-Hilaire nos ministra um exemplo memoravel, ao serem convocados os continentistas, para se opporem á offensiva em que se perdeu Artigas, e a citação illumina perfeitamente a natureza do quadro moral que engendrava o pendor

---

[1] «Jornal do commercio», de 10 de março de 1842.

[2] «Memorias», a 5.ª

[3] Pag. 140. Tambem o confirma uma carta de Canabarro a Almeida, de 15 de abril de 1859: «Como vmcê. sabe, a nossa guarda nacional assim como é prompta para se pôr á frente do inimigo, é remissa para o serviço de destacamento». Meu archivo.

[4] Pag. 315.

Antonio Netto
(Maturidade)

Pag. 96

em estudo: «Quando, antes da acção de Taquarembó, o conde da Figueira lançou um appello aos habitantes da capitania, foram pela maior parte desertores os que se reuniram a elle, não se lhe apresentando tão somente porque vissem o seu paiz ameaçado, sim, tambem, porque o conde se compromettera a deixar áquelles que o seguissem, livre o regresso ao seio de suas familias, quando o inimigo fosse vencido». [1] O livro do notabilissimo francez contribue com os dados mais preciosos, para o assento da psychologia desta commum inclinação. «No começo da guerra (escreve, ao tratar de Missões), enviaram para ahi 300 soldados da ilha de Santa Catharina; mas, exceptuados elles, são os milicianos da provincia os unicos que a tem defendido contra o inimigo e pode-se dizer que fizeram a guerra á sua custa, porque, no espaço de onze annos, nada mais receberam que dous annos e meio de soldo e um só uniforme. Não deixaram, entretanto, de permanecer sobre as armas, longe de suas familias e casas, e de fornecer gado vaccum e cavallar, que não lhes é pago». [2] Mais adiante, observa: «Quando um dos Estados da Europa está em guerra, todas as provincias fornecem soldados, e por conseguinte, se a nação se torna bellicosa, toda ella o é por igual. Não se verifica o mesmo no Brazil, a fronteira meridional desta região ha muito tempo não gosa senão de curtos intervallos de paz; salvante, porém, a somma de algumas tropas que enviaram S. Paulo e Santa Catharina, todos os soldados que hão feito a guerra contra a Hespanha, têm sido tirados desta capitania. Nenhuma recruta forneceram as provincias do centro, ou as do norte». [3] «Resulta disso (ajunta) que, emquanto os habitos desta capitania se tem tornado completamente militares, os povos das outras provincias caíram na inercia e na molleza». [4] É o que succedia, de facto, mas a vantagem que aponta, arrastava o provinciano a defender-se, quanto possivel, dos encargos da vida em acampamento, ganhando as moradas e resistindo de armas na mão, se lhe pretendiam impôr o serviço innecessario. [5] Assim mesmo,

[1] Pag. 140.

[2] Pag. 393.

[3] Pag. 104. E o recrutamento chegava por vezes a excessos verdadeiramente insupportaveis! Consta de um discurso de Bernardo Pereira de Vasconcellos, nada menos que isto, quanto á campanha de 1825-28: «É fama que mesmo as creanças de 12 annos não são isemptas de recrutamento no Riogrande!!! *(Apoiados)*. Não se attende ao amparo da desvalida viuva e da invalida velhice!!! *(Apoiados)*». Sessão de 11 de maio de 1827.

[4] Cit. pag. 104.

[5] Os encargos, além do já exposto, podem bem avaliar-se, pelo que vou mencionar: vêde o que representa o esforço de tamanha leva, para uma exigua população, que em 1819 se computava (Camargo, *Appenso)* em 79.137 almas: «As tropas estacionadas sobre a fronteira da capitania são em numero de 3.000, compostas de milicianos do paiz e de uma legião de paulistas. O soldo desses homens está com um atrazo de vinte-e-sete mezes, e ha tres annos vivem exclusivamente de carne, em maneira de *assados*, e isto sem pão, nem farinha e nem sal». Pag. 30.

o naturalista francez poude exprimir-se por fórma que se vai ler, em face de um dos muitos, que existiam além da fronteira. Visitando o arraial sito ás margens do Arapey, viu ali 300 milicianos de Riopardo; «ha um anno que se acham aqui (affirma), e, até o presente, não se lhes deu nenhum soldo, nenhuma vestimenta, e nada mais, para nutrir-se, que a carne de vacca, que é fornecida pelos estancieros da visinhança e que não é paga. Todavia, só um escasso numero de praças têm desertado. Na hora presente, a nação portugueza é talvez a unica que seja capaz de dar taes exemplos de obediencia e fidelidade», [1] — e a gente que lhe mereceu o louvor era «pela maior parte casada!» [2]

Os generaes republicanos instituiram os licenciamentos, por vezes em massa, de maneira a casar as conveniencias particulares, com as publicas, e as deserções rarearam, podendo servir de modelo, infinitamente superior ao ultimo que transcrevi, a disciplina e constancia mostradas na famosa retirada de Cima-da-serra, da qual a familia do auctor viu uma força, que tornou ao municipio de Jaguarão neste infimo estado de miseria: os pobres «farrapos», quasi todos, traziam, como os pastores biblicos, algumas pelles de carneiro em torno da cintura, para minorar o escandaloso effeito de uma absoluta nudez.

Explicado, se não desculpado, o defeito que aponta Chaves, remato as presentes considerações, com a passagem de outro digno e culto advena, que corrobora em muito o que antes expendi a proposito dos preconceitos publicos relativos á vingança, e contribue para mostrar que não tinha raizes em uma generalisada inclinação á violencia. «Com estas disposições moraes, escreve, com a familiaridade das armas e a continuidade dos espectaculos sanguinarios que a cada passo fere a vista do riograndense, podia-se pensar que os homicidios são frequentes na provincia; todavia, não é assim, e a estatistica dos tribunaes não revela, em tempos ordinarios, mais crimes no Riogrande, e talvez menos, do que nas outras provincias do Imperio, tomando por base o calculo da população. O riograndense deixa-se difficilmente estimular pelas questões de interesse que tantas contendas suscitam em outros lugares; poucas precisões tem, e a sociedade a que pertence está organisada de tal fórma, que nunca essas precisões podem chegar a ponto de o levar

---

[1] Pag. 281. Vide Nota, no appendice.

[2] Idem, idem. Que sempre havia uma causa qualquer, explicativa do phenomeno criticado por Chaves, temos ainda uma prova no seguinte juizo de dom Diogo: «De toda a mesma tropa (da capitania) é indispensavel afastar a idéia de servir a pé, porque os habitantes, acostumados a andar desde criança a cavallo, e não mandarem nem pretos a um recado desmontados, têm em um grande despreso serem alistados na infantaria e artilharia a pé, *quando aliaz se prestam voluntariamente para assentar praça nos corpos de cavallaria, nos quaes, ao contrario do que succede naquelles*, SÃO MUI RARAS AS DESERÇÕES». Officio a Linhares, de 17 de abril de 1810. Vide tambem o de J. da S. Brandão, de 25 de abril de 1839, a João Antonio. Meu archivo.

ao crime: [1] excluida a necessidade, restam então as excitações moraes, e a este respeito cumpre observar que, aquelle que quer viver amigo do riograndense, basta respeitar seu melindre, sua honra, suas affeições, isto é, o que merece, em todas as partes, o respeito das pessoas cordatas; offendel-o nesses sentidos é expôr-se á sua vingança, e sua vingança é a morte. A certeza mesmo de tal resultado não é talvez indifferente para a conservação da ordem publica, pois que, quem tiver medo do castigo, abster-se-á da offensa; e não ha nada mais facil», [2] e o saudoso dinamarquez, notai-o, faz praça de sua imparcialidade nestes julgamentos, exclamando: «Honrados habitantes do Riogrande! nós vos havemos retratado com as feições que em vós tivemos occasião de estudar: as recordações da gratidão não sobrepujaram a consciencia dos factos. Entregues hoje ao desterro como nós, reduzidos pelos furores das discordias civis a buscar em terra estranjeira o exercicio das virtudes hospitaleiras que tão pouco vos custava debaixo de vossos tectos hereditarios, não temos nada que vos pedir, nada esperamos de vós, senão vossa approvação. Temos a convicção de ter dito a verdade sobre o caracter que vos distingue, e a verdade nos dispensava de uma adulação tão longe de nossos gostos, como de vossas necessidades». [3]

Mas, onde a poderosa influencia da Pampa exhibe o maximo de seu imperio, é no circulo das idéas. Mostra-o cabalmente uma pagina que vou aproveitar, afim de que se julgue do abalo que tiveram as que antes existiam. O auctor, [4] depois de bosquejar o summo abatimento da metropole, prosegue: «Pois bem, um successo historico, em pouco tempo muda, para alguns milhares de portuguezes, este quadro nosologico, em um outro, de lisonjeira saude, de força, de alegria, de benevolencia, em summa, de eucrasia physica e moral: — a colonisação do Riogrande do sul, cujo exito nos faculta uma dessas experimentações sociologicas, que illuminam com uma claridade dissipadora de todas as trevas, o estudo a que ora me proponho.

Duruy observa o que succedera na sociedade romana, em a qual o Estado, por muito grande, vira o cidadão perder-se em seu seio e o homem reencontrar-se, «com o sentimento da dignidade «humana, superior a toda lei positiva». «O individuo escapou ao «Estado, porque o Estado se achava muito longe; acima da cidade,

---

[1] Mostra-se aqui sagacissimo e capacissimo o viajante. E que observava na «estancia», onde «o patrão, habitante do local e tomando parte, com sua familia, no trabalho commum, se julga o responsavel pelo bem-estar de todos», e constitue aquella «grande officina», que Le Play julgava tão apta a garantir a «paz social». Vide «La Constitution de l'Angleterre», I, 253.

[2] Dreys, 178, 179.

[3] Idem, 181, 182.

[4] Paulo Hellenos, «Tabulas novas», *passim.*

«se veiu a formar como que uma patria simplesmente humana, «onde o homem teve consciencia de sua personalidade, porque ti«nha a responsabilidade de si mesmo».

Cousa parecida succedeu em minha terra natal.

Entregues a si mesmos, na quasi an-archia da Pampa semi-deserta, longe dos terrores de um pulpito abastardado e livre do esbirro absolutista — sem lei, nem rei, pode dizer-se —, os povoadores da capitania breve attingiram a condições de dignidade pessoal, que os viajantes estranjeiros admiravam, reconstituido o caracter na vida trabalhadora e autonoma, sendo notavel a segurança de que se gosava na vasta campanha, onde os representantes da auctoridade só de longe em longe passavam, quasi sem outra interferencia no seio da communidade, que não fôsse a da colheita das taxas e a chamada ás fronteiras, por tempo de conflictos internacionaes, — epocas estas de tropelias e escandalos, encaminhadores ao apaixonado liberalismo, de que deu provas exuberantes, depois da independencia, a forte alma popular».

Ora, no conceito do auctorisadissimo Darwin, já registrado por mim, «sem duvida nenhuma esse extremo liberalismo» que veiu a expandir-se nestas regiões, acabaria por engendrar excellentes resultados, e não foram elles obtidos unicamente para o lado das qualidades praticas de que acima se faz menção: a autonomia, por igual, desata a vontade e a intelligencia. A esphera dos raciocinios de um frade, de um servo, de um subdito conformado com a tyrannia, abraça um campo limitadissimo: o raio de sua actividade esbarra com o circulo que o encerra, a regra da ordem, o mandamento do senhor, a lei despotisante, reservado aos que por cima delles pontificam, dirigem, governam, o monopolio do pasto intellectual. Os privilegiados só o propinam, aos que subordinaram, depois de havel-o sujeitado a processos de adequada preparação, com os quaes, como lhes convém, reduzem o trabalho digestivo dos cerebros — deixai que assim me exprima — ao minimo possivel, ingerido e logo assimilado o alimento espiritual contrafeito. No individuo entregue a si mesmo, em vez de involução, ha evolução, em vez de amesquinhamento, ha pujança e desenvolvimento normal.

Quando Alexandre I da Russia, sobrepondo a sua opinião á de Schwartzemberg e á de todos os estados-maiores, fez abalarem os alliados sobre Pariz, antes que Bonaparte a soccorresse; se Augereau, acampado em Lyon, com um corpo de exercito, se precipita para o norte, irrompe de improviso sobre o flanco esquerdo dos invasores, ameaçando cortal-os da base de operações, seriam elles forçados a deterem a brilhante investida e as aguias do generalissimo dos francezes cobririam com as azas do genio militar, a capital ameaçada. Não o fez; porque? Porque, observa Henrique Houssaye, o marechal de 1814 não calçava a bota de 93![1] Haviam decorrido mais de vinte annos; destes, a maior parte consumira-se, para os antigos voluntarios, sob o guante de ferro de um tyranno

[1] «1814», pag. 235.

coroado: tinham os pés nos borzeguins palacianos ou nos cothurnos da bronca soldadesca, reduzidos a cabos de esquadra, os maravilhosos cabos de guerra da Revolução.

De onde se vai a iniciativa, foge celere o progresso. E a iniciativa é o indicio por excellencia, como é o fructo, da vida solta, que aviva a intelligencia, para que indique os meios de vencer os obstaculos e garantir utilidades: para que suscite, ao menos, a adquisição de regalos, o goso e encanto do viver, nos longos vagares dos periodos de forçada inactividade. No deserto, quem se não move, succumbe; a inercia, nos centros habitados, harmonisavel com a vida: nas solidões, é companheira da morte.

Não se lhe mostrou propenso, o portuguez trazido a estas remotas paragens, que, por felicidade sua, ficaram entregues a si mesmas, algumas decadas, como já registrei. Só do esforço proprio dos recemvindos ficou a depender o bem-estar de cada um, que aliaz custava pouco, porque segundo Southey, «nenhuma terra do Brazil reune tantas vantagens naturaes».

«Ao sul, escreve, compõe-se a terra de montes e valles, com bastante diversidade de bosques; são excellentes os pastos, a agua nunca falta, e o clima favorece a cultura de cereaes». [1] O desenho nada tem de excessivo no louvor, mas, nem tudo eram encantos e mimos da natureza. «A terra é fria, mui destemperada por causa dos ventos impetuosos que durante a mór parte do anno, reinam, com grandes aguaceiros, tempestades de raios, trovões e pedras», affirma o dr. Xarque, [2] com a grave addição de que «abundam aquellas paragens de feras, e em particular de tigres que ali se multiplicam mais, pela abundancia de bezerros e de outros animaes de que se cevam. Por isso, são tantos que cada dia se deixam vêr dos caminhantes. Tem seus trilhos para as aguadas como os armentios. São tão crescidos que parecem terneiros de anno, com o corpo mais grosso, cabeça grande e redonda como a dos leões de Africa». O primeiro auctor, de pincel assaz firme, em quasi tudo é exacto; o segundo parece não menos serio: percebe-se, porém, que recebeu as impressões, como assaltam ellas no silencio ou na borrasca, em immensos descampados. Por mui forte que seja o animo do explorador, ha reconditos abalos nas fibras intimas, que não se lhe transluzem: crê delinear a realidade integra e sai-lhe ella da penna com uns laivos, se não impregnada, de subjectivismo. Entretanto, os retoques a dar na paizagem, muito diminutos: esmaecer os tons apenas e reduzir as proporções dos objectos, cuja perspectiva a commoção ampliara. Impossivel qualquer parallelo entre o rei do Atlas e a besta meã da America; agora, o doutor mencionado não exagera a immensidade do numero, que em certas zonas era fabuloso, ainda nos prodromos da guerra civil, arredios após, os tigres, com o transito contínuo dos bandos em armas e diminuidos sobremodo a effeito de caça dizimadora. Outra cousa

---

[1] «Historia do Brazil», VI, 151.

[2] Gay, «Historia da Republica guaranytica», 833.

em que convem emenda é no carregado das cores, no esfumar os céus, que representa em quasi perpetuas revoluções e cortados de permanentes meteoros. Já expuz a physionomia dominante, não julgo de precisão insistir; a verdade innegavel, comtudo, é que o estylo do velho auctor, em um ponto é, como dizem em hespanhol, muito *grafico:* no escrever que a terra é «mui destemperada». Isso, perfeitamente; não podia usar de epitheto que melhor corresponda ás circumstancias vigentes na capitania. Hyppocrates, porém, notou que os climas bruscos fortalecem, quando os contactos com elle se tornam continuos e habituaes.

Antes de o serem, a selecção produz seus mortiferos dramas, não ha duvida nenhuma; não ha duvida tambem de que não deviam contar muitos, apesar de tudo, as familias dos musculosos e ossudos aldeões de além Atlantico, ahi estabelecidas. A mortalidade sabemos que era exiguissima e a longevidade cousa absolutamente vulgar; zangas do espaço conheciam-nas elles, e os rigores encontrados de novo, eram ao menos desprovistos do que os torna peores na Europa: a humidade do ar. No Riogrande é puro, é limpo, é pelo geral isempto de vapores funestos. «É terra eminentemente secca»; [1] com o minuano a que tanto me hei referido, os phenomenos da podridão se entorpecem: ante a magestade da natureza illuminada por um sol incomparavel, apagam-se as velas do hediondo festim; a brisa mumificadora põe termo, emquanto dura, á orgia dos necrobios. Os portuguezes, em lugar de perder, ganharam. Ganharam com a melhora do ambiente e com a melhora no trabalho. Já teve esta ultima especie a necessaria menção; preciso accrescentar agora, todavia, aos meritos apontados, um outro: a exclusiva industria agrícola, reafirma os tecidos, engrossando-os; o exercicio equestre dá-lhes elasticidade, afina-os, sem damno algum, com os resultados de todo genero que já foram descriptos, graças a um trecho de outro livro. [2]

Tudo concorre, tudo consente, tudo conspira, no Riogrande do sul, para a genesis, preparo e florescimento do typo humano que nelle representou um papel historico. Assaz o patenteia quanto hei expendido e quanto ainda accrescento, com a derradeira menção de um quadro antigo, de que pouco antes dei um extracto: «Em geral o terreno é chão e sem arvores. [3] Nelle ha muitos rios, lagoas e sanjas que servem para aguadeiros de muita vacca e cavallos que se hão criado e multiplicado em campos tão extensos por centenares de leguas, e sempre cobertos de crescido pasto para toda a sorte de animaes. Ahi todo o anno os pagãos têm á mão a caça, as raizes, fructas sylvestres e em tanta abundancia que sem cultivar a terra, e mudando de sitio de tres em tres mezes, encontram com que sustentar suas familias».

---

[1] Dreys, 210.

[2] «Riogrande do sul», do auctor. Vide pag. 46 do presente livro.

[3] Nesta passagem o dr. Xarque contradiz Southey, mas é facil harmonisal-os. Havia e ha bosques immensos para o norte, em parte desconhecidos ainda; para o sul, tambem, sobretudo á margem dos cursos de agua: ahi, entretanto, o campo limpo é a regra, o caracteristico da Pampa.

Mostra o dr. Xarque existir na zona que descreve, tudo o que era essencial, para que o povoador se tornasse forte, valente, e até feliz, com a relativa despreoccupação que a vida podia ter, sem os perigos da abastança que enerva e sim com as vantagens da que guarda comsigo os habitos da diligencia e uma sufficiente gymnastica das faculdades superiores.

O cavallo existia, mas era forçoso domal-o; o boi se propagava a milhares por anno, mas era forçoso vencel-o; e para que esta rica fazenda se não minguasse com prejuizo que convinha impedir, era necessario dar caça ao tigre, ás onças, como ás jaguatyricas e ao mão-pellada, afim de que não desapparecessem os rebanhos de menor vulto. Por outro lado, a gleba era e é ouro de boa qualidade, fusivel ao choque do alferce ou do arado, mas, indispensavel o labor severo do braço, por via de cuja perseverança os maninhos e enxaras se volveriam, como se volveram, em copiosos plantios, douradas as varzeas com os queridos trigos.

Desta sorte, tudo se reuniu para que a synergia do ambiente se não mallograsse, no que era apto a produzir, e produziu. Um golpe de machado na fronte de Jupiter deu nascimento a Minerva; no caso de que me occupo, o glorioso parto não se produziu tão summariamente: sem arranques panegyristas é legitimo escrever, entretanto, que a raça guerreira, como a deusa, surgiu de ponto em branco e ainda mais abundante em armas do que ella. A variedade e numero das que usavam no sul, motivo foi de espanto para o capitão-general marquez de Alegrete, que exaltava o desembaraço e maestria do gaucho, no manejo dos communs aprestos aggressivos, como em os que lhe eram proprios, — o «laço» e «boleadeiras charruas», a lança americana, em que se tornou eximio. O que surprehendia o fidalgo lusitano nada mais era, aliaz, que a capacidade luctadora de sua propria gente, — que reacordava no Brazil: a tenaz sobrevivencia do que recolhera de mais precioso na herança barbara e no espolio immenso dos romanos, redivivo o que de melhor deixaram, no Continentista, que a um e outro se parecia!

Darwin abona a positiva modestia do gaucho. No Uruguay, talvez assim fosse; no Riogrande, era apparencia ou commedimento. No fundo, uma soberba real, magnifica, porque não era a autolatria, a vangloria dos meritos individuaes: era, com a discreta consciencia daquella progenie desvanecedora, a altivez de saber-se nascido ali e filho de tal Patria, — o sentimento, em summa, que, persistente ainda, muitos annos depois, um portuguez, no calor de famosas manifestações de publico enthusiasmo, por motivo da chegada de Silveira Martins, a Portoalegre, resumia nos versos finaes de uma producção poetica, dizendo ao tribuno idolatrado...

> Tu, que antes de ser um brazileiro,
> Tens orgulho de ser — um riograndense! [1]

[1] Poesia de Francisco José da Motta. Recitada por elle no meio do povo, depois que o grande orador, por uma questão do seu programma liberal, renunciou ao posto que tinha, no ministerio de 5 de janeiro.

A PRESSÃO DAS CIRCUMSTANCIAS

Estimada a valia dos anteriores coefficientes de modificação, tempo é de realçar os que provieram do meio social, não deixando em minguada luz nenhuma parcella da pressão das circumstancias, internas e externas, que concorreram no explosir da mina, que transtornou a ordem vigente, no Brazil austral. Decorre de uma lei de mecanica, generalisada para os phenomenos de natureza collectiva, que tende a quebrar-se a unidade de qualquer systema, em que suas varias partes não operem mutações exactamente communs. Ora, tal era a situação dos varios elementos componentes do Imperio, com especialidade em o que se refere a elle e ao Riogrande, deixando havia muito de corresponder-se, as curvas representativas das translações que effectuavam, na marcha politica ou espiritual; absolutamente incombinaveis o atrazo do primeiro, com o adiantamento do segundo, como observam os topicos do periodico de Piratiny, reproduzidos além, e como se infere de topicos de um escriptor de escola opposta.

Segundo este, o pendor separatista manifestava-se por fórma inilludivel. Não era um simples sonho de ideologos, anhelo de alguns exaltados patriotas ou plano de escondida ambição: era tudo isso, mas era tambem uma tendencia profundamente universalisada, que tinha raizes profundas na consciencia popular. Nella se apoiava a solapadissima propaganda subversiva, cujos effeitos aponta com uma grande individuação, depois mencionando o grau de energia a que attingira um sentimento publico, que, só por si, perfeitamente descobre quanto se achavam enfraquecidos os laços moraes entre a parte e o todo, quanto a primeira se distanciava do segundo, quanto uma cultivava inclinações e affectos compromettedores da existencia do outro.

«A este fatal demagogismo, assenta Rodrigo Pontes, deve juntar-se outras causas, pelas quaes agglomeradas, e combinadas como

foram, mui naturalmente se explica a sedição de 20 de setembro de 1835. Entre essas causas tem não pouca influencia o provincialismo. *Em nenhum lugar do Brazil se exaltou o provincialismo ao ponto em que chegou no Riogrande do sul.* O PROVINCIALISMO O MAIS ELEVADO É A PAIXÃO POLITICA DOMINANTE DO RIOGRANDENSE, *qualquer que seja o partido que elle abrace».* A auctor cita exemplos. Ora, vê-se uma camara, como a de Alegrete, negar a posse a um juiz, porque não era da terra, querendo fosse investido no cargo o dr. Francisco de Sá Brito, porque nella nascera; ora, vê-se um deputado, como Domingos José de Almeida, propôr se exija do governo central, que nomeie tão sómente para presidir á provincia, quem seja filho da mesma: indicios que o arguto escriptor já havia enumerado, com outros, em discurso de 1840, brilhante resumo dos themas que desenvolveria em sua posterior «Memoria». [1] Ao particularismo, já innato, outros factores de differenciação aggravavam sobremaneira a crise da integridade nacional, como, por exemplo, «a visinhança com Estados governados democraticamente, cujo idioma, usos e costumes são quasi os nossos», [2] e afere-se todo o merito que o coefficiente supramencionado representava, considerando, na devida fórma, até onde ia essa propinquidade, a que intimas relações encaminhava, não só no terreno já estudado por outro auctor, [3] como em uma pratica, de commum emprego, observada por José Mariani. Verificou este presidente, com a comprehensivel extranheza, que as precatorias eram recebidas e cumpridas, reciprocamente, pelos juizes da provincia e do Uruguay, girando de terra a terra, como se fossem expedidas dentro das mesmas raias, e os pretorios estivessem sujeitos ao mesmo dominio e soberania.

Intuitivo é que o conhecimento de tal situação diffunde uma luz intensa, sobre factos ainda alguns inexplicados, inexplicaveis outros, sem a consciencia nitida de tão preciosa circumstancia, que, conglobada com mais algumas, de valor identico, auctorisam conceito assaz confirmativo da these ora em exame: o vinculo de origem prendia o Riogrande ao Brazil, mas, a existencia inteira passava-a elle com a Cisplatina; conceito em que se incluía estoutro: o laço politico, mais era fructo da inercia, do que de movimentos solidarios ou da associação consciente. Ao contrario, visivel era, naquelles, que, pouco a pouco amortecidos por um lado, se iam estabelecendo por outro, isto é, que se traduziam em augmento de familiaridade, com a ex-provincia brazileira.

Esta chegou a ser a maior possivel e reflectia-se na propria linguagem: os naturaes nunca se referiam á Banda oriental, como se fosse cousa que houvesse necessidade de distinguir muito especialmente. «Vim da provincia», «vou á provincia», eram

[1] «Memoria historica, sobre as causas e acontecimentos que mais immeditamente precederam a sedição de 20 de setembro de 1835, na cidade de Portoalegre, capital da provincia do Riogrande do sul». 1844.

[2] Discurso no parlamento, em sessão de 12 de setembro.

[3] Vide prefacio.

expressões consagradas e correntes, qual se outras terras não existissem para elles, com a supradita classificação. E o uso assaz patenteia, a par do trafego social estreito, da nossa com a zona visinha, a desconnexão em que permaneciam as demais divisões territoriaes do Brazil, com a situada na fronteira. Ora bem, vulgar espectaculo é este, na chronica das familias: o filho de uma, que cresce no exclusivo aconchego de outra, perde-o a primeira, se um acontecimento qualquer não reaperta os liames relaxados pela falta de convivencia. Se tal vemos no seio da sociedade mais energica de quantas constituimos, que extranho succedesse o mesmo com um dos membros da communhão nacional, em cuja vida tudo contribuía para desvinculamento analogo áquelle e para a consequente genesis de fortes ligações com uma familia politica de proveniencia diversa?

De se não ter considerado factos desta ordem, resulta em muito a escassez de nossos conhecimentos relativos á historia provinciana. *Exempli gratia*, o auctor anonymo de uma publicação montevideana filia o levante de 20 de setembro, ao de 25 de maio, e este aspecto do problema ainda se não estudou entre nós, qual é de bom methodo fazel-o; o que tentarei, bem que a novidade do assumpto e a mingua de fontes instructivas difficultem aprofundal-o, no modo que convem. [1]

Não é possivel conhecer de todo os effeitos que produziu no Riogrande, territorio contiguo, de relações incessantes, a Revolução platina. Sendo os naturaes, «ao mesmo tempo, amigos das instituições livres e enthusiastas da causa dos povos», [2] não é de presumir que os sentimentos publicos ficassem impassiveis, em face do mais que impressionante espectaculo que exhibiam as nascentes e proximas nações do meio-dia da nossa America — já não digo impressionante desde o grito da liberdade, em 1810, mas, desde o soberbo esforço da *Reconquista* — e se os corações permaneceram fechados aos exaltamentos de uma natural sympathia, tinha que bradar nelles fortemente o interesse.

O fluxo e refluxo das populações, ora alargando-se para o norte, ora distendendo-se para o sul, com a repetida variação da linha de limites, deixavam no vai-vem, um pouco, melhor, muito, de cada uma, na zona da outra; sendo sempre a penetração, devo assignalar, mais forte do nosso lado para o de lá, do que o inverso. Não é um germem de solidariedade que até hoje se não mediu? Facil de avaliar, entretanto, com a seguinte ponderação: os naturaes do Riogrande montavam a tal numero no departamento de Serrolargo, que, consultado pelo governo do Imperio sobre a raia preferivel, opinou Bento Gonçalves se pactuasse a troca do que chamavamos districto de Entre-rios (o terreno circumscripto pelas

[1] «El 25 de Mayo». Supponho ser de Perez d'Arcey, pela dedicatoria do exemplar offerecido ao «Povo», de Piratiny. É de 1839 a edição.

[2] Arsène Isabelle, «Voyage à Buenos-aires et à Portoalegre, par la Banda oriental, les Missions d'Uruguay et la province de Riogrande do sul, de 1830 a 1834», pag. 535, 536.

aguas do Uruguay, Ibicuhy e Quarahy, quasi despovoado), pelo referido departamento.[1] Ora, é crivel que a densa população de nossa raça, ahi radicada, e em geral possuidora de «estancias» na Cisplatina e no Riogrande ao mesmo tempo; presenceasse como scena que em nada lhe importava, o que ia decidir de destinos em parte communs? Mais tarde, durante a longa paz do Imperio, guardada a fronteira por forças regulares, houve quasi ininterrupta participação de nossa gente em contendas orientaes, qual se viu no grave exemplo de 1864. Como admittir corressem para ella com descaso, quando a terra-patria jazia em certo modo indivisa e as raias quasi eram despercebiveis? Quando o solo de um e outro povo, como os negocios e até os pretorios, em boa parte se confundiam?

Facto que ignorava e cuja noticia devo á gentileza de Rio-Branco, o mais erudito de nossos chronistas vivos, poz-me na pista de veio inexplorado, passando conjecturas minhas para o numero das que a historia legitima.[2] Esse facto, que é sobremodo glorioso para nós, augmenta os laureis do Riogrande, com uma palma, das muitas que a posteridade agradecida votou aos heroes de maio, como augmenta soberanamente a nossa comprehensão do passado.

Ninguem desconhece o valor que teve, na emancipação do continente americano, a victoria de Artigas em «las Piedras», a 18 de maio de 1811, quando a sorte das armas fazia experimentar duras provas aos liberaes do Prata. Pois na parte do vencedor se vos depara um trecho, que passa despercebido, para a maioria dos leitores brazileiros; o chefe dos orientaes assignala «a força com que o patriotismo mais decidido electrisou a todos os habitantes desta campanha, que, depois de sacrificarem fazendas gostosamente, em beneficio do exercito, o brindam todos com suas pessoas, em termos taes, que se poderia dizer serem tantos os soldados com que pode contar a patria, quantos são os americanos que a habitam, nesta parte della».[3] Não sei de historiador que haja assaz meditado o que se contém no valioso topico, que cito, da parte do chefe dos independentes; julgo eu que o modo por que foi redigido, torna admissivel a seguinte indagação: a referencia abraça ou exclue a numerosissima colonia brazileira, de que antes se falou? A insistencia com que Artigas emprega o vocabulo *todos* e o haver no documento a menção de *americanos* e não de orientaes, unicamente: faculta, pelo menos, o ensejo á hypothese affirmativa. Vereis, porém, que sobram tradições sufficientes, para extinguir qualquer duvida e para robustecer o achado que me communicou illustre contemporaneo; vereis que occorrem sobejantes elementos de convicção, que vou examinar.

A interferencia dos nossos se destaca dos successos, ainda que pobres os archivos. Primeiro, com a sabida presença de Francisco

---

[1] Vide o documento respectivo no Archivo publico.

[2] Adiante faço apparecer esse preciosissimo dado historico.

[3] Carlos Ramirez, «Artigas», 257.

Bicudo na conjura de Paysandú (anterior ao regresso de Artigas, profugo em Buenos-aires); a qual foi descoberta, escapando aquelle e sendo encarcerados a maior parte dos compromettidos. [1] Não só a desse brazileiro, Pedro José Vieira, que tambem o era, appareceu filiado aos trabalhos secretos de Soriano. [2]

Mais relevante ainda é o facto de caberem a este humilde personagem (e a um outro, obscuro como elle, Venancio Benavidez), as honras da iniciativa, dando elles dous, com mais 80 ou 100, a 28 de fevereiro de 1811, o famoso «grito de Asencio», que começou o movimento insurreccional nos campos de Montevidéo. [3] A Vieira coube igualmente a primazia na vantagem inicial, a tomada incruenta da povoação supramencionada, já figurando elle como segundo chefe dos escassos reveis, [4] que breve, sob seu mando, ascendiam já a 400 batalhadores. [5]

Em seguida, outro nosso concidadão, de avultada familia riograndense, surge em campo: «Manuel Pinto Carneiro, criador bemquisto e influente», que com o futuro general Julian Laguna

---

[1] Bauzá, «Dominacion española», III, 97.
[2] Idem, 103. Vide Vieira, officio a Almeida, de 22 de abril de 1840.
[3] Idem, 104.
[4] Idem, idem.
[5] Idem, 110.

A derradeira menção que fazem, de Vieira, os auctores platinos que conheço, firma haver elle pertencido ao numero dos officiaes que, por dissidencias ulteriores com Artigas, passaram a Buenos-aires. Consta-me alguma cousa mais. Vieira serviu na Argentina, com a graduação de coronel, até 1825, anno em que deixou o serviço da Confederação, apresentando-se ás auctoridades do Imperio, que lhe deram posto nas linhas de defeza da Colonia-do-sacramento, onde «se recommendou por sua boa conducta». Ahi foi ferido, como registra uma relação assignada pelo official maior da secretaria militar de Montevidéo, em data de 7 de abril de 1825. (Vide «Imperio do Brazil», de 13 de maio de 1826, collecção em meu archivo). *

Não sei explicar documentadamente porque agiu qual acima exponho. Affirma-se na folha mencionada que «não quiz permanecer naquella Republica, por ser portuguez, e passou para esta provincia» (a Cisplatina). Ha confusão, Vieira era riograndense; presumo que a sua conducta tenha obedecido a causa que vou expôr. Pouco antes e pouco depois do rompimento de hostilidades, o exaltamento publico foi extraordinario em Buenos-aires, mostrando o povo a sua ira, pelos modos mais offensivos e deprimentes. «Portuguezes», intitulavam ali aos filhos do Imperio, a modo de insulto, e de certo Vieira a isso alludiu, afastando-se, depois de algum grande vexame, que o melindrou profundamente e o predispoz a ir fazer causa commum, com os compatriotas. Que não foi mudança nas idéas, tiro eu certeza do facto que, já velho, prestou o seu concurso ao governo republicano de Piratiny, em cuja comarca habitava, depois da paz de 1828: concurso attestado por estas peças do meu archivo: cit. officio a Almeida, outro a I. Guimarães, de 10 de abril de 1840, o deste a C. Campello, de 11, e o «Noticiador», de 2 de julho de 1834.

* **Tambem consta de Theotonio Meirelles da Silva, «Apontamentos para a historia da marinha de guerra brazileira», III, 101.**

sublevam os visinhos de Belem. [1] Francisco Bicudo reapparece com uma força, em Soriano, tendo parte saliente no combate de 4 de abril, em que foi repellido bravamente o commandante hespanhol Michelena. [2]

Não só isto. A intervenção militar do principe regente não diminue o enthusiasmo dos riograndenses e brazileiros, sob as armas, junto de Artigas, em favor da liberdade americana. Surge com Diogo de Sousa, a alferena portugueza, nos campos do Uruguay, e nem as côres da Patria conseguem abalar os firmes partidarios. Abre-se a nova lucta e nella figuram Pedro Vieira, já á testa de 800 milicianos; Manuel Pinto Carneiro, que corre a oppôr-se com 952 ao «famoso Maneco» — Manuel dos Santos Pedroso, um dos conquistadores das Missões — fazendo-o recuar para o Jarao; e Francisco Bicudo, «cujo valor e serviços se hão mencionado», [3] o qual atacado por 200 homens, se entrincheirou em Paysandú, com 50 de cavallaria, — episodio que além de bello, muito elucida. O inimigo, que era superior, tambem dispunha da vantagem de estar bem provido de munições, motivo pelo quê conseguiu entrar na praça, «passando sobre os corpos de seus defensores». A opposição foi de tamanho desespero, que «só 8 homens ficaram com vida, da parte dos patriotas. Bicudo e seus demais companheiros morreram bizarramente, defendendo a cidade que se haviam proposto custodiar»; [4] como cincoenta annos depois succumbiria, ahi mesmo, outro heroe de nossa banda, Azambuja, em dura e pertinaz resistencia contra o exercito de João Propicio Menna Barreto, commandante em chefe do exercito do Imperio: tal o extremo com que no Riogrande esposavam os animos viris, as causas do visinho povo!

A participação dos riograndenses é, porém, o solitario impulso de poucas almas generosas, é o puro exaltamento de alguns cavalleiros, enamorados do bem, que correm em soccorro dos opprimidos? Vieira, Carneiro e Bicudo representam blocos erraticos, em o vasto lençol dos gelos homogeneos, que por nossa parte acaso circumdavam o pertinaz caudilho? Pairava elle na Pampa, com a sua tribu heroica e pervigil, como um sêr de todo indifferente aos nossos compatriotas e no abandono de uma frieza universal?

Não creio. Vicente Lopez, ainda que reconhecendo como explicaveis as tentativas de estabelecimento do regimen monarchico, em as ex-colonias de Hespanha, certifica-nos de quanto isto era impraticavel, porque «o sentimento republicano era universal nas classes médias e populares da capital» do antigo vice-reinado, «e em todas as provincias». [5] Os proprios irmãos do general realista Tristan,

---

[1] Bauzá, III, 111.

[2] Idem, 116, 117.

[3] Idem, 201.

[4] Idem, idem.

[5] Vicente Lopez, «Historia de la Republica argentina», IV, 292. Sturmer, ministro da Austria, no Rio, em 1820, dizia que as idéas

escreviam-lhe, dizendo: «A America toda ha concebido a idéa de sua liberdade; está bastante esclarecida a este respeito, e detesta tudo o que não conduza a este objecto». [1] Possivel é que estas correntes politicas dominantes no Prata, não tivessem reflexos na provincia que convivia quasi exclusivamente com a gente de lá? Não se trata de méra conjectura; Rodrigo Pontes attesta quanto era forte, não só o natural arrastamento, como o provocado pela disseminação de publicações revolucionarias, em lingua hespanhola, que os riograndenses, pelo geral, possuiam quasi como a sua: provocado por esta propaganda (que então desconhecia fronteiras, que então reuniu todos os servidores da «causa americana») e tambem pelo directo aliciamento. O que fariam mais tarde Rivera e Lavalleja, tentou Artigas, por via das partidas que tinha mais em contacto com os portuguezes do Continente: «o governo do Rio-de-janeiro accusava-as de fomentarem a fuga de seus escravos, [2] e que seduziam a seus habitantes com idéas de independencia e até com a offerta de apoio e alliança militar». [3] Ora, ainda que Armitage considere Artigas «intrepido e talentoso», [4] Saint-Hilaire põe em duvida a capacidade do guerrilheiro, mas, não lhe nega a que poderia crear difficuldades na fronteira: «não dispunha de outro», tinha, entretanto, «um talento particular para fazer-se querer pelos indios e habitantes dos campos»; [5] opinião que reforça a de um chronista santafézino, que o declara favorecido por uma presença

---

republicanas são aquellas «*que tout habitant du Nouveau Monde nourrit au fond de son cœur*». Oliveira Lima, «O movimento da independencia», na «Revista americana», n.º 1.º, 48.

[1] Vicente Lopez, IV, 208.

[2] Saint-Hilaire confirma este ponto. Pag. 42.

[3] Vicente Lopez, IV, 322.

Não só Artigas fazia activo proselytismo entre os elementos do povo da nação visinha. A «Gazeta mercantil» de Buenos-aires allude a outro, que motivou reclamações do governo portuguez: «O objecto dessa communicação é transmittir ao governo, que alguns officiaes do exercito da Banda oriental, * infringindo as mais sagradas obrigações de sua classe, e compromettendo do modo mais detestavel a alta dignidade e interesses desses povos, trataram de seduzir a officiaes do exercito portuguez, indo até o extremo de offerecer-lhes recompensas em nome deste governo, sempre que arrastassem a seus designios, outros individuos de sua nação». O gabinete do Brazil pediu garantias de que fosse cortado «o progresso de males de tamanha transcendencia» e o da Argentina ordenou a Sarratea, «que averiguasse os factos e remettesse os culpados á capital». Vide n.º de 22 de janeiro de 1813, em Vicente Lopez, IV, 323.

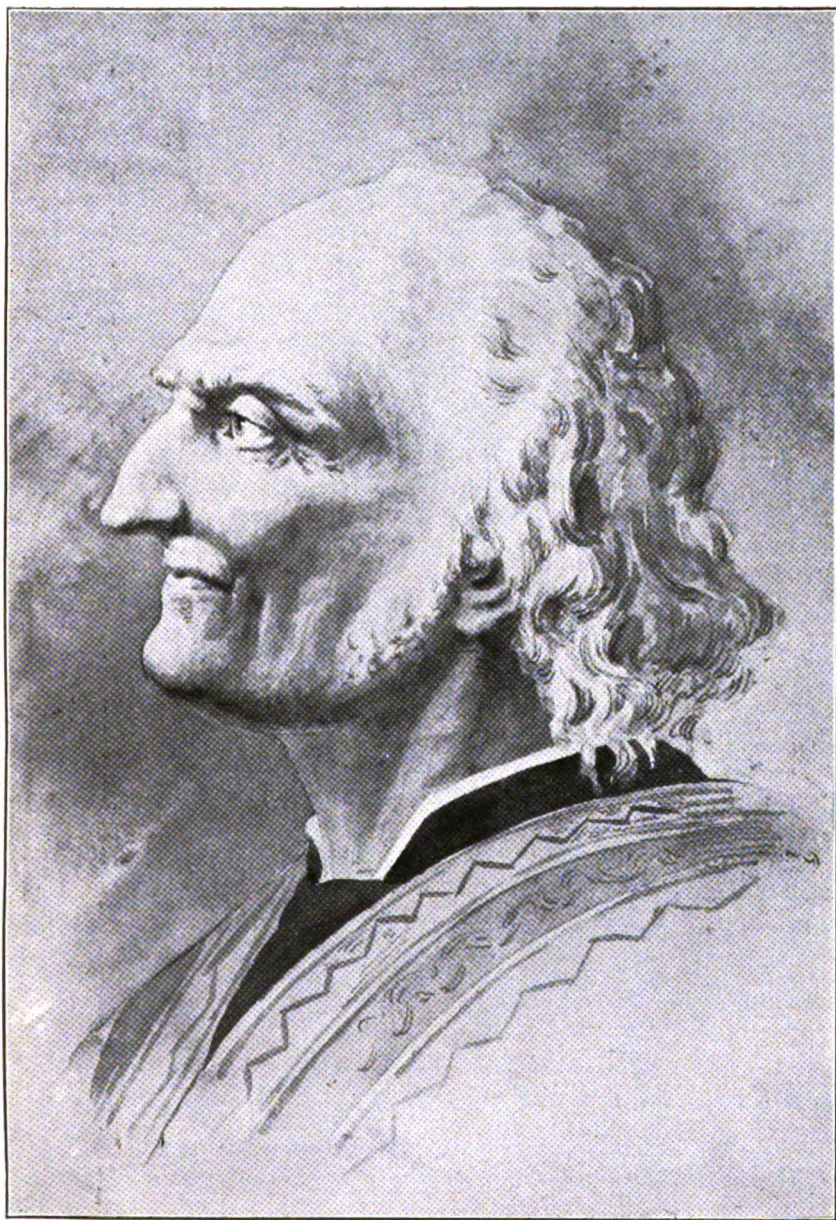
Dom Diogo, em officio ao conde de Aguiar, de 11 de setembro de 1812, refere-se ao sobredito proselytismo, mostrando confirmados seus anteriores avisos: «Effectivamente já vai minando com preludios antecipados», diz.

[4] «Historia do Brazil», 48.

[5] «Voyage à Riogrande du sul», 29.

* Tropas de Buenos-aires, que estavam sobre o rio Uruguay.

Artigas

Pag. 111

sympathica. «Homem como de 50 annos, de aspecto agradavel e popular», escreve este. [1]

Prova um documento insuspeito, que não falharam de todo os passos que deu ou fez dar, no sentido acima exposto: prova elle que obteve adhesões numerosas, e de effeito decisivo, em encontro memoravel do levante oriental. Refiro-me ao de San-José, descripto noutro lugar, em que dom Joaquim Gayon y Bustamante, foi batido e forçado a render-se á discrição do inimigo. O acontecimento não foi por certo nenhum grande combate; comtudo, além de que garantiu vantagens materiaes innegaveis, representa nesta guerra, um phenomeno de todo novo, de merito inapreciavel. Bem examinado como episodio bellico, era invulgar, posto assim, como ficou, em feliz confronto, um bando sem disciplina, com a tropa de linha. O seu valor effectivo, porém, ainda é outro: o de ser o combate de San-José a primeira victoria militar inescurecivel, dos sublevados. A repulsa de Michelena ém Soriano, nada mais constitue que um esforço de reveis descobertos, para escaparem ao castigo: em 25 de abril, é a revolução, já uniformada, que carrega sobre os aquartelamentos de uma praça defendida por homem de fileira, de accordo com as regras da escola da guerra: que carrega e crava triumphante o estandarte dos livres, em um baluarte do despotismo colonial.

Pois bem, essa victoria, de indespresavel merecimento pratico e de immenso alcance moral, levou-se a cabo muito principalmente com o concurso que nelle prestaram os liberaes continentistas. Opportuno descobrir agora o padrão de nobre serviço até hoje desconhecido e a que fiz uma velada referencia. Achou-o Rio-Branco em officio n.° 94, datado de Samborja, a 3 de junho de 1811, em que consta a seguinte communicação do coronel commandante de Missões, a dom Diogo de Sousa:

«O tenente-coronel hespanhol Joaquim Bustamante apresentou-se-lhe e contou que perfidamente foram atacados pelos insurgentes, elle e o tenente-coronel Diego Ferrera. Que entre os insurgentes *havia muitos soldados riograndenses* «ao serviço de Buenos-aires, e que *a não serem estes, que mais vivamente o forçaram*, tivera resistido a todos os outros, sem embargo do grande numero». [2] Os hespanhoes eram 96 homens e tiveram, depois de grande resistencia, de render-se em San-José». [3]

[1] Vicente Lopez, v, 182. Referencia aos «Apuntes», de Urbano Iriondo, 21.

[2] Esta parte entre aspas assim se acha no documento, indicando ser uma repetição integral do informe. Gryphei o que mais importa á minha these.

[3] Vide «Livro de registro da correspondencia dos capitães-generaes do Riogrande do sul», que foi adquirido *em Pariz*, facto que revela o abandono em que tem andado os nossos monumentos historicos.

O que se contêm na menção supramencionada confirma-o de todo em todo um officio de dom Diogo, a Linhares, em data de 3 de junho de 1811, existente no archivo de Portoalegre. Vide «Revista do Instituto», XLI, parte 1.ª, 345.

O importante diploma hoje pertence ao archivo do illustre ministro das relações exteriores. O extracto que elle proprio me forneceu, accrescenta que o chefe hespanhol, batido em boa parte por filhos da provincia gaucha, escapou de mãos de alguns delles: «Bustamante conseguiu evadir-se perto do Uruguay. Entre os que o escoltavam havia 4 desertores da Legião riograndense». [1]

O glorioso concurso, distincto sobremodo na primeira phase da guerra, desapparece na segunda, eu sei. Em vez de auxilio, Artigas encontra opposição, da parte dos antigos alliados, que cerram fileiras junto ás tropas regulares dos lusitanos, e comprehende-se porque. O lidador oriental teve de invadir o Riogrande, para melhorar-se nessa offensiva, e o insulto ao territorio por certo arruinou a sympathia, já abalada pelos conflictos deploraveis que surgiram entre os liberaes de uma e outra banda do Prata. A effeito destas e da politica infertil que se tinha adoptado na beira septentrional, divisões inteiras de compatricios haviam passado á meridional, abandonando Artigas: que admira perdesse elle a adhesão dos riograndenses, convencidos provavelmente de que o caudilho, antes cooperador da harmonia patriotica, passara a ser um obstaculo á união, para a garantia da liberdade continental ?! Accresce que no anno 16, a propria causa americana no que representava como tendencia a uma nova expressão politica, se achava na sua mais séria crise, e espiritos houve, dos de mais vulto, que a tiveram por muito compromettida ou de todo compromettida, submettendo-se alguns á solução do problema da independencia, por via de um principe estranjeiro. [2]

Depois ainda, urgido pelo imperio de circumstancias para elle por outra fórma indominaveis; o famoso guerrilheiro, ameaçado, preparou-se para uma lucta a ferro e fogo. Não só tomou disposições militares para uma offensiva, em que se não daria quartel, como prescreveu o confisco das propriedades dos portuguezes [3] — medida que veiu a ferir quasi exclusivamente os filhos da referida capitania —, que foram logo despojados de seus bens moveis e semoventes, a bem dizer em todos os departamentos da provincia

[1] Note-se, o pendor para intervir nas campanhas platinas, não se manifestou unicamente com relação a Artigas; tambem de certo em favor dos caudilhos de todos os territorios visinhos. Nada tenho averiguado ainda quanto a Corrientes; [*] no Entre-rios, porém, Saint-Hilaire deixa presumir o que houve, dizendo que muitos portuguezes *de Europa* haviam desertado das tropas reaes e serviam ás ordens de Ramirez. (Pag. 239). Um dos cabecilhas deste (e depois seu adversario, passando a apoiar o ascendente portenho sobre o littoral), o coronel Gregorio Piriz, era filho de um paulista residente no Arroio-de-la-china, segundo Saint-Hilaire, 389.

[2] Vicente Lopez, v, 300. Mitre, «Belgrano», *passim*.

[3] Berra, «Bosquejo historico de la Republica Oriental», 460.

[*] **Sabido é que Lopez Chico era brazileiro (Antonio Diaz, «Historia politico-militar de las Republicas del Plata», I, 150), mas, não sei se já havia passado a Corrientes, na epoca de que trato.**

oriental;[1] descobrindo-se a palpitação violenta e desabalada dos temores de seu chefe, pela sorte da bandeira que a representava, em officio por elle expedido ao cabildo de Montevidéo, ao se reabrirem as hostilidades com o Reino-unido. «Em tão criticos momentos (escreveu), deve revestir-se de toda energia e não guardar a minima condescendencia. Seja immediatamente fuzilado, o que conspira contra a patria, e o hespanhol, portuguez ou americano que se advirta de suspeito e capaz de prejudicar-nos, remetta-me-o seguro, que eu o porei em termos de nada tentar».[2] Acarretou este criterio, particulares rigores contra a lusa nação, que muito desabonaram a Artigas. Na pressa de uma prompta investida, em guerra á morte, conseguintemente sem o preciso exame, e com innegavel injustiça por vezes, os seus cabos semearam o lucto e a desolação por onde passaram.[3] Gerados por ordem sua ou não, tamanhos males, o que é certo é que ninguem pergunta, ao sentir o peso delles, quem o real auctor desses terriveis casos de imperiosa necessidade: do que se sabe e do que se cuida é do effeito que causam, quando se generalisam, tomando a feição de um aggravo collectivo. E na hypothese reavivaram em toda a plenitude a primitiva rivalidade nacional, existente entre lusos e castelhanos.[4]

Desmerecido por muitos de seus erros e ainda mais pela activa campanha de seus adversarios, o perfil primitivo do paladino liberal, cujos vigorosos traços esbatia o esfuminho de uma critica inflexivel ou impiedosa, quando não os salpicava de vermelho, para que o retrato do heroe dos orientaes aterrasse os lares, como veronica sangrenta de um redemptor pelo assassinio; arrastado a

---

[1] Registro as consequencias do systema de guerra firmado pelo general Artigas, nos acontecimentos da provincia brazileira, sem formular sobre elle o meu juizo, que occorre em outro volume. Não é demais assignalar aqui mesmo, entretanto, que as tropas que ameaçavam a autonomia do povo oriental, se não iniciaram, praticaram a guerra barbara, que Artigas inaugurou, o que foi um grave erro de sua parte, como o foi o de sua *terca* resistencia a qualquer pensamento de rasoavel harmonia com a gloriosa cidade, que encabeçara o movimento libertador e fizera por elle benemeritos sacrificios. Isto, porém, constitue materia debatida alhures com a precisa opportunidade e onde se verificará — nitidamente — que pode caber contra o chefe dos orientaes a critica de patriotas platinos; a nossa, de modo nenhum, porque incorremos nas faltas que lhe imputam os historiographos brazileiros, sem terem, as nossas, a desculpa ou attenuantes de que estão acompanhadas as do grande luctador gaucho.

[2] Bauzá, III, 619.

[3] Diogo Arouche de Moraes Lara, «Memoria da campanha de 1816», na «Revista do Instituto», VII, 127.

[4] Saint-Hilaire, 241.

Reacção em sentido contrario á deploravel acção que gerou a politica empregada pelo infortunado guerreiro, tal sendo ella, contra os visinhos de além e de aquem da linha, que a proclamação de Lecor, dirigida ao Uruguay, «assegurava que o proposito de seu soberano não era outro que libertar os orientaes, *e os riograndenses*, dos insultos do caudilho Artigas». Vide Berra, 467.

uma lucta extrema, em que lhe pareceu desaso o escolher meios, para oppôr-se a ambições absolutamente despojadas de escrupulos, e em se tratando do salvamento proprio e dos bravos que o seguiam; constrangido a precipitar-se no coração do territorio que o supprira com o concurso de numerosos legionarios, para evitar, no seu, a nova irrupção portugueza: Artigas fez, dos amigos da primeira hora ou dos que o miravam com sympathia, os peores e mais encarniçados inimigos que teve no *dies iræ*, quando sublevados contra a sua supremacia, os explicaveis rancores dos liberaes argentinos, e a cubiçosa e acautelada malevolencia da monarchia lusitana. Temerosos os primeiros de que se constituisse em um definitivo embaraço ás tentativas em que se debatiam, para firmarem a sua organisação interna, acabaram por aborrecel-o cordialmente; e, por seu lado, não menos cordialmente o aborrecia a côrte do Brazil, *primò*, porque temia a sua visinhança, *secundò*, porque, victoriosa no seio do governo a idéa de extender a linha dos limites até o grande rio austral, a sombra do caudilho nas pampas do Uruguay, apparecia como a imperterrita affirmação de uma consciencia incorruptivel e indomavel.

De facto, não foi só o secreto anhelo do engrandecimento de seu dominio, que propelliu o gabinete real á politica intervencionista: foi por igual o que consta de uma peça do punho de Belgrano, em que confessa o convencimento em que se achava, de que «o verdadeiro motivo da vinda das tropas portuguezas ao Prata, é precaver de infecção o territorio brazileiro». [1]

Por que se preoccupavam tanto no Rio-de-janeiro, com a «peste politica» que se alastrava nas colonias de Hespanha? Porque as de Portugal, logo depois erguidas á categoria de reino, tinham entrado, qual mostra Garret, em hora climaterica, — hora que coincide com aquella a que chega a minha narrativa. «Nestas inconsistentes circumstancias do Brazil, o rodeava por toda a parte a conflagração geral do continente americano; em tal crescimento de abusos, de privilegios, de esforços retrogrados, a civilisação crescia victoriosa em derredor de seus limites, e destruia todos esses erros e absurdos que lhe entravavam a estrada triumphal. Só o Brazil parecia estacionario e impassivel quando, situado no meio da Ame-

---

[1] Bauzá, III, 599.

Garret vai mais longe do que se diz no texto: declara ser este o fim exclusivo dos movimentos militares que se effectuaram. Como se verá, entende que a guerra se produziu com o unico proposito de afastar para longe o exemplo e «evitar o contagio» do mesmo, e em uma nota accrescenta: «Tal foi a verdadeira causa da fatal guerra de Buenos-aires, que tão funesta foi ao commercio portuguez».

O capitão-general do Riogrande não esconde os temores em que se acha, de que se estendam á provincia «os principios revolucionarios e terrorosos da junta de Buenos-aires» e que venham «a inquietar-nos essencialmente». Vide officios de 24 de novembro de 1810, de 3 de fevereiro de 1811, de 12 de julho do mesmo anno e o já citado de 11 de setembro de 1812.

rica, todos os raios do grande circulo americano pareciam dever convergir para elle, como para o centro. Não! a electricidade já faisca por suas provincias, já estala por suas cidades; aquelle sussurro precursor das grandes commoções politicas começa já a sentir-se; os ministros imbecis despertam emfim: declara-se a guerra aos novos Estados; trata-se de afastar para longe o exemplo, de evitar o contagio.

A pacificação da Europa veiu a ponto para ajudar os projectos do ministerio braziliense: a flor dos batalhões portuguezes, aguerridos por tão longa campanha, audazes por tanta victoria, é obrigada a desertar das bandeiras da honra e independencia nacional, para ir alistar-se sob o estandarte da invasão illegitima, da usurpação absurda.

Estas briosas phallanges costumadas a vencer, vencem apesar da extranheza do clima e dos inexplicaveis obstaculos que em todo o genero se lhe punham de diante.

«*A revolução já imminente no Brazil foi espaçada por algum tempo*». [1]

Que houvera marchado (ao menos no Riogrande) par a par com aquella á cuja frente Artigas figurava como lidador indefesso e inditoso: que houvera seguido os mesmos rumos, denunciam-no os factos referidos, que, seguramente, encaminhavam a outros mais decisivos, se a caudal vertiginosa do movimento libertador se não enturva, com a vasa das ambições impuras ou se não pollue com o veneno dos exclusivismos perigosos.

Se aquellas e estas não se combinam para gerar uma grande calamidade, ou por outra, se Artigas aceita o accordo que lhe offereciam de Buenos-aires e concerta as ancias de autonomia de sua terra, com a politica fecunda que se esforçava por instituir, a mais culta cidade da bacia do Prata; se o aceita, a bandeira que alçou á ponta da lança emancipadora, ter-se-ia mantido invencivel. Completos, nobremente, seus destinos pessoaes, a obra que houvesse erguido fructificaria, reagindo sobre as sociedades visinhas e attraindo-as ao que, com acendrado apego e escassa luz, chamara «*el sistema*». Tal porvir lhe estava reservado, certamente, porquanto, malgrado conhecidas adversidades, e até mesmo depois dos erros iniciaes, comprova esta historia que os povos do sul não se lhe mostraram indifferentes, e auctor de notorio monarchismo, não esconde, antes confessa a extranheza que lhe causa, o facto de *não produzir no Riogrande*, o systema vigente no Imperio, *a attracção que aquelle exercia*.

Assim precisamente se exprime Rodrigo Pontes, em sua «Memoria». Descomprehendia elle o phenomeno, por não perceber que a propria politica lusitana indirectamente cooperava para man-

---

[1] «Portugal na balança da Europa», 44. «*La mine est chargé, il ne faut que l'étincelle qui l'allume*», diz Marschal, officio de 17 de junho de 1821. Vide F. de Mello, «Um diplomata austriaco no Brazil», no «Jornal do commercio», de 28 de fevereiro de 1913.

ter mui activo o fermento autonomista, por manha ou por egoismo estendendo as mãos aos insurrectos das Provincias-unidas, no que legitimava a attitude em que se haviam collocado estes e punha sob uma pessima luz a em que se mantinha a dita politica, no Uruguay. «Não deixa de encerrar profunda ironia (diz o erudito historiador de dom João VI, no seu incomparavel trabalho sobre o reinado desse principe) que os fernandistas, isto é, os partidarios da legalidade, fossem a um tempo vaiados em Montividéo e perseguidos pelos portuguezes, ao passo que estivessem os revolucionarios no favor dos invasores, mostrando-se portanto ahi o gabinete do Rio em extremo liberal, quando no Brazil o regimen dominante nas provincias era, na essencia, o mesmo obsoleto que prevalecera nas capitanias e em tantos casos se assignalara pelo arbitrio e vexames. O jogo era pelo menos arriscado, tratando-se de experiencias novas para a politica portugueza numa provincia limitrophe, donde podia irradiar-se o contagio para a enorme massa que ao lado dormitava na sua apathia», [1] — mais apparente, que real, como se deprehende da presente narrativa.

A verdade é que, malgrado todo esse conjunto de influencias ultimas, contrarias ás primeiras, que determinavam o pendor da provincia do Riogrande a destacar-se da constellação do Cruzeiro, se todas as estrellas que a compõem não seguissem a mesma rota dos grupos sociaes da Pampa; a verdade é que a «infecção» fôra dessas que dormem no fundo do organismo desprecatado e subito irrompem em febres symptomaticas. A nosographia da que me occupa, encerra particularidades em extremo reveladoras da natureza precisa da enfermidade, que os pathologos politicos de todo desdenharam, não sei eu porque. Notai.

Invadida a provincia pelo exercito alliado, occorreram circumstancias, adiante referidas, que lhe crearam as mais adversas disposições, na população rural. Estas circumstancias mudaram depois. Alvear, o intrepido, talentoso e seductor cabo de guerra bonaerense, havia antes da guerra emigrado para o centro do Riogrande, recebera ahi generosa hospitalidade, e, por não esquecer o beneficio, quanto por uma habilissima politica, tudo empenhava para o grangeio das sympathias, em provincia que os alliados esperavam conquistar para a causa platina. [2] Assim é que alguns dos fructos appetecidos pelo destro general poude colhel-os elle dentro em pouco; raros ainda, é certo, mas indicativos de que a semente caíra em terreno apropriado. Depois da batalha de 20 de fevereiro, dirigia-se Alvear, lentamente, a S. Gabriel, quando aconteceu o que consta de um documento firmado pelo chefe do estado-maior. Depois de dizer que entre a ultima data e a de 26, vespera da em que entraram na povoação, foram recolhidos 150 desertores allemães das tropas do Brazil, prosegue

[1] Oliveira Lima, II, 608. Vide tambem Saint-Hilaire, 252.

[2] «Diario de Portoalegre», de 2 de agosto de 1827. Collecção em meu archivo.

por esta fórma o boletim da campanha: «Varios visinhos que haviam abandonado o inimigo, apresentaram-se tambem, e os officiaes dom Francisco Rocha e seu filho, os alferes Machado, Jeronymo e Araujo, que offereceram seus serviços, para contribuirem a que se formasse uma Republica, deste Continente». [1] Isto se dava em 1827; em 1828, Rivera faz a sua audaz irrupção em Missões: igualmente com a idéa que motiva as adhesões referidas, surgem outras, explorando ardilosamente o astuto caudilho, o sentimento do commum, que sabia penetrar, como poucos. Segundo consta de documentos coevos, do ensaio de fundação que Rivera tentava, participaram homens de reconhecido civismo, como Boaventura Soares. O brioso official, á frente de uma guarda, no Mariano Pinto, tinha tentado embargar o passo ao invasor: [2] elle, porém, soprou-lhe no ouvido, que vinha lançar os esteios de um novo Estado democratico, para cuja constituição tratou logo de convocar uma assembléa, e o ardente moço, com outros, se lhe uniu, [3] seguindo alguns a sorte das armas orientaes até muito depois de 1835, como orientaes seguiram a das nossas, qual se os dous povos se não pudessem separar de todo, e, luctando, quizessem deixar, um no campo do outro, os penhores antecipados, para o trato da realliança vindoura. Com esta sonhavam os conspiradores, depois de 1832, affirma, a bem dizer unanime, a tradição do Imperio. O que se passou em 1827 e 1828, porém, é um pheno-

---

[1] Titara, «Memoria do grande exercito libertador», 142.

[2] Gay, «Historia da Republica guaranytica do Paraguay», 619.

[3] Conforme consta de carta do tenente-coronel Manoel da Silva Pereira do Lago, remettida ao ministerio da guerra a 9 de dezembro de 1829, por Manuel Jorge Rodrigues: além do capitão Boaventura, haviam adherido a Rivera os capitães Fabiano Pires de Almeida e Antonio Castanho de Araujo, os tenentes Antonio da Costa Pavão e Antonio Paim Coelho de Sousa, o furriel Seraphim, «hoje alferes» (todos do 24.º regimento de 2.ª linha) e o alferes Francisco de Paula Xavier, de S. Paulo, commandante do districto de S. Miguel, no sobredito anno de 1829. Junto á carta se vê a seguinte nota: «Paizanos que serviram á Patria * quando ali Fructuoso Rivera, foram oito: cirurgião Marcelino Lopes, Francisco Borges do Canto, presidente do Congresso, ** Alexandre do Val, Francisco Fernandes, José de Sousa Nunes, Vicente Alves de Oliveira, Albino de Lima». A lista por força é deficientissima: San Vicente («Correspondencia», de Gabriel A. Pereira, I, 113) diz que «o exercito» de Rivera «consta de 2:000 praças» e não podiam ser todas das aldeias dos indios. Parte dos brazileiros o abandonaram depois, naturalmente quando viram frustrar-se a sua fundação, mas deviam ser mais do que enumera Lago. Na citada «Correspondencia, Gabriel A. Pereira (I, 114) affirma que se bandearam para o conquistador de Missões «todos os soldados que acompanhavam o coronel Alencastro», chefe brazileiro que tinha commando na zona; e, Lavalleja, em carta a Pedro Trapani, de 28 de junho de 1828 (vide «Constitucional riograndense», de 17 de setembro) noticia que quando Oribe alcançou Rivera (quer dizer, ao invadir Missões), «já se lhe tinham unido mais de 200 portuguezes». ***

* Isto é, que serviram á causa dos independentes, segundo a linguagem do tempo.
** Convocado pelo general Rivera em Missões.
*** Nome que no rio da Prata davam aos brazileiros, antigamente.

meno mais que comprobativo, e, se pudesse haver duvida quanto ao merito dos indicios, para que se firme o diagnostico da grande irritação publica, tem ella que ceder o passo a convicções seguras, posta no debate a palavra de uma auctoridade insuspeita. Corresponde o que vou expôr a um curioso episodio das minhas pesquizas historicas.

Achava-me na formosa estancia de Felicissimo José Martins, procer da Revolução, em busca de informes, quando me lembrei de lêr-lhe Araripe, pondo em registro os commentarios do ancião. Volvia eu as paginas, dividindo a attenção entre a obra versada e o que apanhava, aqui, ali, da bocca veneranda. Em certa passagem, algo occorreu, porém, que fez subir de ponto a descontinuada quanto commovida audição do adolescente: leve sorriso de benevolo desdem frisou os labios do tenente-coronel farrapo, ao tempo que os repousados olhos verdes se animavam de tenue fulgor, e a chamma intima fugaz lhe diluia as tintas da rosa, na face, — alva como a dos teutões do cyclo de Siegfrid, «esses gloriosos e bons cavalleiros», «que praticam a honra e as virtudes, o mais que é possivel, tal qual agiam todos os seus antepassados», e tal qual era costume no continentista de que falo, e nas gerações a que pertencia.[1] Recordo como se o contemplasse agora, meditativo a remirar para a sua esquerda, o desdobramento das coxilhas nataes, que das cercanias da casa, sita em um alto, progridem para nascente, como para poente, e de sobre as quaes a relva, ora em um sentido, ora em outro, vai estendendo as verdes telas ondeantes, que se mesclam além com o setim do horisonte azul turqueza.

Inquiri da causa de seu incomprehendido gesto. Meneou a cabeça (a que tinha sobreposto um gorro, que dava ao seu typo uns longes do perfil garibaldino), agitando-se-lhe brandamente as longas mechas de cabello branco, que desciam por sobre os ouvidos e fontes do patriarcha.

A passagem era aquella em que o historiographo imperial, a quem devemos o inestimavel serviço de provocar entre nós uma como renascença dos estudos relativos á Revolução, escreveu que faltara a esta um ideal politico. Á minha pergunta, Felicissimo Martins respondeu com esta referencia a Araripe: «Não sabe o que diz; eu era republicano desde 1817».[2]

[1] «Niebelungen», canto XX.

[2] Muito justificado o desdem de Felicissimo, pelo juizo do escriptor, que, de facto, ou se mostra contradictorio ou apaixonado, quando trata deste aspecto da Revolução, que aliaz viam bem nitidamente, outros, no proprio tempo, como se verificará do que estampava o «Diario do Rio-de-janeiro», seguro apreço dos acontecimentos do sul: «No Riogrande pleiteiam ha dous annos, o throno constitucional e a democracia».* E não é só no que a isto concerne, que o referido chronista se revela insufficiente; á par do que expendeu o «farrapo», eu posso dar a ler o que me escrevia um «caramurú»: «Recebi o livro que me remetteu, escripto pelo

* N.º de 16 de fevereiro de 1838.

A menção do supradito anno aguçou a minha curiosidade: «Por que diz 1817?» — «Eu lhe conto», disse, e fez-me uma breve historia de sua vida, que aqui resumo ainda mais.

O pai o destinara á carreira do mar. Entregou-o meninote ao capitão de um barco, que abria velas para o norte. Com a contrariedade das brisas, demorada foi a navegação; lançando o ferro no porto do Recife, encontraram, os de bordo, novas mui extraordinarias. Tinha havido uma revolução em terra; fôra vencida; iam executar os condemnados. O jovenzinho desceu do escaler á praia, no momento algido da reacção furiosa: affirmou-me Felicissimo Martins ter avistado com horror, nas portas da cidade, tiras longas de carne, cortadas no corpo de republicanos, e fixas em pregos, como exemplos, afim de se corrigirem no povo as tendencias reveis; affirmou-me ter assistido ao enforcamento dos patriotas, como a outras atrozes barbaridades... «Desde então, aborreci a monarchia!» foram as palavras com que rematou a sua perturbadora e interessante narrativa, o fazendeiro riograndense.

As confidencias continuaram, após, asseverando-me elle, que se os argentinos não interviessem no Uruguay, em a campanha de 1825, o Riogrande se alçaria em armas, fazendo causa commum com os orientaes;[1] e que até mesmo depois, fôra provavel a adhesão ás bandeiras republicanas, se uns e outros não commettessem atropellos deshumanos, violencias despropositadas.

Não se me impute o vezo de traçar uma narrativa tendenciosa, realçando mui de industria certos factos, com o fim de facilitar a comprovação da minha these. Euclides Cunha, peregrino espirito cujo rapido occaso lembra o do sol, quando o astro foge ás nossas vistas, mas deixa traz si o céu engalanado, com todas as refulgentes pompas das tardes meridionaes; Euclides Cunha por certo nunca teve a idéa preconcebida de alterar os successos, de sorte a favorecerem uma theoria que jamais o preoccupou. Notai, entretanto, que não escapava a seu agudissimo engenho este rumo

---

Araripe, livro por mim visto quando foi publicado; mas que pouco li, por ficar admirado de ver escriptas tantas inexactidões». **

Em verdade, em tal numero são ellas, que me recordo de o haver assignalado pela seguinte fórma, em episodio de minha adolescencia. Fazendo resaltar os meritos da Revolução, em palestra com Miguel Lemos, este me interrompeu seccamente, com a embofia de superhomem, mui commum nos «sabedores» positivistas e que neste sobreexcede á de todos, pela attitude com que sóe inculcar a sua auctoridade sacerdotal: «Leia a monographia de nosso compatriota Araripe». Ao que foi retorquido acto continuo: «Já li ha muito. A essa posso eu refutar, com os proprios documentos que consigna em appendice». O *doctor in cunctis* não insistiu, porque não admitte discussões: *ensina* e *exemplifica*, unica e exclusivamente.

[1] Naturalmente, porque assim a lucta, de intestina que era, se cambiou em guerra internacional violenta, caracter que aliaz perdeu, como demonstro.

** **João Luiz Gomes, carta de 5 de abril de 1895. Meu archivo.**

da opinião liberal no Brazil: «Os *exaltados*, no Rio, tornam-se quasi socios dos orientaes rebeldes, escreveu elle. O fracasso do marquez de Barbacena, em Ituzaingo (20 de Fevereiro de 1827), no recontro desigual com o exercito de Alvear, provoca-lhes singulares jubilos» [1] Ora, se o effeito se sentiu na capital, cidade longinqua, que era de esperar na fronteira, já fascinada uma vez, com as campanhas pela liberdade, no alvorecer do seculo? Lá, chegavam os eccos apagadissimos das refregas, entre as phallanges dos que batalhavam pela sua autonomia e os batalhões dos que anciavam manter a usurpação; tinha-se bem sob os olhos, no sul, o impressionante espectaculo: era ou não de commover?

Cumpre observar que o maravilhoso escriptor fluminense registra apenas os sentimentos que deixavam transparentes os «exaltados», ante as peripecias da guerra, favoraveis ao «inimigo». Pois a julgar por um topico do «Constitucional riograndense», é de concluir-se que os «moderados» não se distanciavam muito daquelles outros politicos do Brazil, no apreço das occorrencias da guerra. [2] Eu o reproduzo: «Dá-se por certa a noticia que Rivadavia reassumiu a presidencia da Republica argentina (diz a pacatissima folha), e que a consequencia desta mudança é ser mandado Alvear substituir a Lavalleja. Esta noticia deve inspirar no animo de nossos concidadãos a mais plausivel alegria, fundada na esperança de novos successos, que todos devem ser em beneficio de ambos os Estados.

Os habitantes de nossas fronteiras exultarão de prazer com esta mudança. Lavalleja tinha-se feito odioso a todos os povos; não aspirava senão á dignidade de dictador: bom foi este successo, quando não sua patria teria de arrepender-se tarde, da sua demasiada confiança num militar, que mais imitava o cruel Pizarro do que seguia os bons costumes do seu honrado predecessor. Alvear tinha-se feito amado de amigos e contrarios; o seu governo militar nas nossas fronteiras inspira nos povos mais confiança do que terror».

A evolução moral de um só homem, que logo depois seria o

---

[1] «Da Independencia á Republica», 32.

Esse estado de alma já se observava um anno antes. Alludindo á tomada do forte de Santa Thereza e á proxima saída ao mar da esquadra de Brown, diz o «Imperio do Brazil», de 4 de março de 1826: «...o que muito estimamos por fortes rasões, primeira porque dá nisso um motivo aos *liberaes* para se regosijarem na esperança de um feliz resultado a favor dos seus co-revolucionarios», etc., etc.

Segundo Pascual («Apuntes», I, 340) ao dar-se o dissidio entre Lecor e Brown sobre a marcha das operações, allegou o primeiro, «entre outras rasões» para evitar uma batalha, «a falta de patriotismo de que padecia o exercito de seu mando». Em população que sempre o patenteou ardente e apaixonado, parece-me o facto assaz comprobativo do estado de alma que procuro definir.

Bem claro o mostravam a Arsène Isabelle, pouco depois: «Os brazileiros affirmam a quem os quer ouvir que» essa «não era uma guerra nacional». Obra cit., 85.

[2] N.º 3 de 1828. Collecção em meu archivo.

microcosmo da sociedade riograndense do tempo, resume de modo expressivo as alterações que se produziram com o contacto entre as forças republicanas e as imperiaes. Refiro-me a Bento Gonçalves; ao folhear as «Reminiscencias» de Seweloh, [1] que tratam desse guerreiro, o leitor desprecatado encontra-se com um personagem desconforme com a tradição vulgar: com um soldado colerico e farfalhoso, enchendo os acampamentos com o seu bellico vaniloquio. Isto se deprehende da narrativa do official estranjeiro, ainda que logo depois não esconda elle que era o nosso compatricio um homem «bondoso e respeitavel», como se individuo tal pudesse manter-se jamais nas indiscretas attitudes com que o apresenta aos leitores. Ha, pois, qualquer coefficiente de animosidade ou magua pessoal a desfalcar neste juizo; por vezes um facto secundarissimo desperta prevenções, que alteram a commum imparcialidade. Saint-Hilaire, por exemplo, assignala sua despreferencia por certos corpos militares do Brazil, que encontra no Uruguay, como sympathia por outros, porque nestes o saudavam com respeito e naquelles a altaneria provinciana se esquivava de fazer a sua mesura a uma pessoa desconhecida, ainda que illustre. Felizmente, para o rebate do que é preciso nas paginas de Seweloh, possuem as chronicas a resposta de Bento Gonçalves ao marechal Brown, papel em que a modestia do coronel desmente em absoluto o que aquelles dizeres têm de deprimente: defende-se e aos seus companheiros de armas, com uma reserva digna dos maiores elogios. [2]

Mas, se as «Reminiscencias» pouco valem, como documento para a psychologia de um de nossos typos militares mais estimaveis; são muito de aproveitar-se em outro sentido, como contribuição para o estudo das variações da alma popular, nesse atormentado periodo.

Seweloh certo não inventou os pronunciamentos ruidosos de Bento Gonçalves, no inicio da campanha; vendo sua terra invadida, naturalmente figurou-se-lhe que Lavalleja havia erguido os pendões para «tornar a bella Patria dos continentinos, a desolada terra dos tempos de Artigas», [3] e dahi os seus brados de agastamento e vingança. Passados os horrores da invasão, elle, como todos, entrou na corrente de sentimentos que Pascual memora: «A ultima guerra entre o Imperio e o governo de Buenos-aires havia familiarisado orientaes e argentinos com os riograndenses, da provincia de S. Pedro do sul, e desta quasi intimidade tinham nascido relações que perigosas se podiam tornar para a tranquillidade do Imperio, naquella vasta e pastoril provincia, não mui destramente governada, por esse tempo». [4]

---

[1] Pag. 460, 461.

[2] «Amigo do homem e da patria», numeros 137 e 138 de 1830. Collecção em meu archivo.

[3] Antonio Vicente da Fontoura, carta de 20 de janeiro de 1842.

[4] Vol. II, 65. Estas relações existiam, com os orientaes ao menos, desde muito e assumiram um mais especial caracter ao participarem elles,

Assim o que Seweloh entendera ser uma ostentadora soberba e palavrosa ferocia, nada mais havia sido que a passageira expansão do animo ulcérado pelas scenas escandalosas da vanguarda inimiga, as quaes fizeram dizer do seu chefe, que «a humanidade nunca achou nelle o menor agasalho».[1] Mudada a conducta dos alliados, substituidos os processos da devastação inicial, pelos de bom governo, que um generalissimo honrado e affavel, ainda mais avantajava aos olhos das populações, agora desreceiosas; o odio primitivo tinha de ceder o passo, como cedeu, á sympathia que sempre despertam os legionarios de um ideal superior. A opinião quanto ao proprio Lavalleja, mostra a ordem dos successos havidos, que cambiou de todo; decerto porque se foram diffundindo seguras noticias dos pormenores da invasão. Attribuiu-se-lhe, por exemplo, a responsabilidade do que acontecera em Bagé, sabendo-se depois que tinha feito sua entrada, sem o minimo atropello, e que havia sido o general Lucio Mansilla o auctor dos desatinos.[2] Com informe do que se lhe imputava, das vozes que corriam a seu respeito, o chefe dos orientaes, encetando as operações do anno 1828, deu arrhas de si, mais que tranquillisadoras, numa proclamação aos «habitantes do Continente», em que se emprega uma linguagem que desprevine os povos alarmados e colericos. O general, nesse papel, fazia solemnes declarações quanto aos seus nobres sentimentos e altos principios; assegurava um sacro respeito ás familias, e aos homens pacificos, que não fugissem ao contacto do exercito e se conservassem em suas casas; lamentando as desordens passadas, dizia-se tão inimigo dellas, como do despotismo, e que «para manter a disciplina, não trepidara em sacrificar a officiaes seus; affirmava que as armas da Republica não manchariam com a licença, as «glorias que adquiriram e tinham sabido manter». Não só os tranquillisava com as promessas de uma guerra em tudo regular e humana, como explicava ser, essa, uma guerra promovida pela «ambição desmedida e injusta do imperador», fazendo praça de que «nem elle, nem o exercito republicano, eram inimigos dos brazileiros». E com estas palavras o general abundava em outras, que tudo legitimariam aos olhos da população, até mesmo os desvarios cujo pessimo effeito buscava destruir: «*Fazemos a guerra, com sentimento, e para defender a nossa liberdade...*»[3]

Que esta, de facto, era a bandeira dos independentes, que não tinha a campanha um caracter humilhante para o paiz, que este

---

com os riograndenses, dos mesmos acampamentos e das mesmas labutações, na guerra da independencia, contra a guarnição portugueza de Montevidéo. Desde ahi é que a «intimidade» ficou estabelecida de maneira mais perigosa, para a futura evolução do Imperio que surgia.

[1] «O amigo do homem e da patria», de 12 de julho de 1828.

[2] Vide no meu archivo a precisa communicação, em data de 20 de janeiro de 1827, de um negociante da localidade, creio que originario da Galliza, pelo estylo da peça.

[3] Folha solta espalhada na provincia. Exemplar no meu archivo.

não a devia receber como uma guerra propriamente nacional, [1] eis uma convicção que se foi rapidamente generalisando, a partir do anno anterior, qual torna patente uma carta de Pedro Trapani, amigo e agente de Lavalleja em Buenos-aires, e datada desta cidade, a 13 de dezembro de 1827: «Pelo que toca a noticias, só tenho a dizer-lhe, que se os portuguezes continentistas se acham agora na mesma disposição que mostravam depois da batalha de Ituzaingo, a respeito de idéas liberaes, você entrará *á rufo de tambor* e só terá que fazer uso da politica *indicada* e na que estamos accordes». [2] A carta, qual se vê, confirma em absoluto o parecer de Felicissimo Martins, divergente a sua revelação, da que é constante do papel acima, apenas em pensar, este, que depois das brutalidades praticadas em Bagé, anteriores a 20 de fevereiro, se produzira o retraímento dos riograndenses; concluindo-se de Trapani, ao contrario, que, muito depois ainda, se mostravam inclinados a seguir a revolução. Filho do lugarejo assaltado com reprovadissimo vandalismo, aquelle patricio, mais cedo do que outros, presenciou as reacções do patriotismo offendido, tomando como um phenomeno commum, o que fôra sentimento seu e dos que visinhavam com as victimas da descabellada irrupção. A prova temol-a nós, em o que já expuz, e no que ainda exporei.

Ha uma peça official que descobre não haver escapado ao governo imperial, a situação commovida e perigosa da provincia. É o decreto de 19 de maio de 1825, creando uma commissão militar, «para punir os *rebeldes* e desertores». Não se referia aos sublevados da Cisplatina, porque para esses, no mesmo dia, e antes do decreto citado, [3] já se mandara estabelecer um tribunal marcial: logo, havia outros, no Riogrande. [4] Pereira da Silva no «Segundo periodo do reinado de dom Pedro», pagina 71, descrevendo o exito feliz da passagem de Lavalleja, como o prompto incremento da pujança revolucionaria, logo manifestada, após a victoria inicial, diz: «Seu dominio cada vez mais se firmava no solo, e os habitantes validos, da Cisplatina, quer da visinhança do Jaguarão, [5] quer das margens do Ibicuhy...... [6] corriam pressurosos a tomar armas, e servir no exercito de Lavalleja». [7]

---

[1] Quanto se tornara impopular, outra vez, a guerra, mostra-o expressivamente uma carta de 8 de maio de 1828, dirigida a dom Gabriel A. Pereira (vide «Correspondencia» deste, I, 24), por um patriota oriental muito esclarecido e distincto, dom Francisco Magariños: «El poder del Brazil está tan debilitado, *por la ninguna fuerza moral que encuentra en los pueblos*, que el emperador no tendrá otro recurso que amainar».

[2] Saldias, «Historia de la Confederacion argentina», I, 362.

[3] Diz o texto do proprio decreto de 19.

[4] Botafogo, «Balanço da dynastia», 93. Veiga, «Primeiro reinado», 162.

[5] Zona de quasi exclusiva população brazileira.

[6] No coração do Riogrande do sul.

[7] Barbacena affirma que muitos aceitaram empregos conferidos pelos alliados. Vide carta, a pag. 276 da «Vida do marquez de Barbacena», por

Não indica o bom senso que era contra rebeldes desta categoria, que se erigiu a segunda commissão militar, creada a 19 de maio? Não faz crer que já se previa muito provavel uma leva de broqueis entre continentistas, semelhante em tudo á do anno 11?

A hypothese é mais que licita, mas, no caso occorrente não é preciso recorrer a supposições; basta usar de precisos informes coevos, como fiz, expondo o que consta nos annaes platinos e em tradições nossas. O que ficou registrado assaz demonstra a tendencia do espirito publico em toda a zona da fronteira, e texto de que ora me vou servir, confirma, de maneira inilludivel, o valor historico que acima attribuo ao decreto que baixou naquella data. Segundo apuramos do voto que deu no conselho-de-estado, o visconde de S. Leopoldo, em 27 de agosto de 1828, um dos motivos que o induziram a dispôr-se pela paz[1] foi o de ter-se noticia do «desgosto geral, a desesperação e partidos que se manifestavam na provincia de S. Pedro».[2] E nas «Memorias» esclarece este pensamento, consignando o seguinte: «Tanto o ministro de estranjeiros, como o imperador, declararam[3] quanto se fazia necessario que se terminasse a guerra, para se atalharem os planos subversivos e as machinações para agitar o paiz, e sobretudo o Riogrande».[4] *Jam proximus ardet Ucalegon*...

Tal preluzira na sua mente a suprema urgencia da situação politica interna, que o imperador, o proprio dom Pedro, expunha «*a necessidade de fazer-se a paz*, QUAESQUER QUE FOSSEM OS SACRIFICIOS E CESSÕES!»[5]

Aliaz é muito de admirar como conservou cerrados os olhos por tanto tempo. Barbacena, senão grande militar, era politico bastante esclarecido, e num grave documento lhe significara que na campanha da Cisplatina, em que ia figurar como «adalid» do Imperio, «não se tratava da conservação ou conquista de uma provincia, mas da existencia da realeza ou do triumpho da democracia».[6] A lucta, de facto, propendia claramente a assumir esse caracter, qual o patenteiam as circumstancias já expostas e symptomas decisivos; qual ainda se observa nas entrelinhas de um artigo do «Compilador brazileiro», folha cujo apparecimento parece se ter dado em Montevidéo, porque na cidade platina de certo os redactores se julgaram mais ao abrigo da censura e da policia imperiaes.

A. A. de Aguiar, pseudonymo, segundo me informam, do proprio filho do marquez.

[1] S. Leopoldo era partidario da continuação da guerra e retenção da Cisplatina. Vide suas «Memorias», «Revista do Instituto», XXXVIII, 19.

[2] Cit. volume da «Revista do Instituto», 45.

[3] Na sessão do conselho de estado de 27 de agosto de 1828.

[4] «Memorias», cit. vol., 20. Foi isto na referida sessão de 27 de agosto.

[5] Em sessão do conselho de estado, em janeiro ou fevereiro de 1828, segundo S. Leopoldo, cit. vol., 18.

[6] Memorandum ao imperador, a 2 de outubro de 1826.

Os sobreditos redactores, depois de auctorisarem a sua palavra com algumas de Camões,

> Mettido tenho a mão na consciencia,
> E não falo senão verdades puras,

estampam, em o numero 1 da tiragem: «Não tratamos de espraiar nossas luzes, porque muito bem conhecemos que nenhum cabedal desta natureza possuimos; nem tampouco tememos que os escriptores venaes do projectado ɪɯdəɹıo[1] do Rio-de-janeiro, nos condecorem com os epithetos de revolucionarios, anarchistas e demagogos, porque só temos em vista offerecer ao publico as lições que as pessoas illustradas houverem de communicar-nos, e o que pudermos extrair dos periodicos, tanto nacionaes, como estranjeiros: emfim diremos a verdade, ella sempre será nosso guia e o nosso apoio».

Depois desta apresentação, a folha, segundo nos informa Zinny, insere um «artigo debaixo da epigraphe *Buenos-aires*, com referencia ao n.º 72 do *Correo nacional* desta cidade, em data de 26 de junho, em que se annunciava como sabido por via de cartas fidedignas do Rio-de-janeiro, ser destituida de todo fundamento a noticia de que a assembléa se decidiria pela continuação da guerra; cousa que o *Compilador* desmente, porque a assembléa convocada não era constituinte e representativa da soberania da nação; era um conselho que não tinha voto decisivo em nada; era um congresso de supplicantes, que pediam e não determinavam, que aceitavam e não estatuiam, etc. Diz mais que em Buenos-aires existe um governo sabio e justo, que dá a cada um o que lhe pertence, menciona os combates de Sarandy e Rincão-das-gallinhas, em que os representantes do imperador desejavam vêr derramar o sangue brazileiro, porque não se acharam nelles, e conclue, bradando: «E tu, oh, desgraçado Brazil! Até quando supportarás que persistam em teu seio tão crueis abutres? Bem conhecemos que o Brazil está condemnado a ser despoticamente governado (como ora o é) por bachás europeus! Mas, como se illudem esses vandalos! Os brazileiros já fizeram conhecer a esses mariolas, nos campos de Pirajá, Cabrita, Funil e Itaparica, que amam a liberdade de sua patria. E qual será, pois, o brazileiro, por mais degenerado que seja, que ao saber de semelhante traição, logo não grite: Vingança!

. . . .

Parece-nos estar ouvindo a voz geral: fóra *o primeiro e ultimo Velhaco:*[2] *organizemos um governo salvador, que afiance a nossa felicidade:* — porque todas as vezes que os governos têm por objecto (como o actual) escravisar o povo e sujeital-o ao despotismo, ha

[1] A palavra Imperio estava escripta assim.

[2] Allusão do articulista ao que diz o proprio dom Pedro em carta ao rei, seu pai, de 14 de fevereiro de 1822: «Só velhacos acham sem proveito um governo sem Constituição». Vide «Cartas autographas do principe real», na «Revista do Instituto», LXI, parte 1.ª, 157.

este o direito innegavel de accusal-o e organisar seus poderes politicos, do modo que julgue mais conveniente, para resguardar a sua dignidade e conseguir sua prosperidade; sem que nos possa elle intimidar com a grande esquadra que tantos dias de gloria tem facultado á Republica argentina, e nem tampouco igualmente com o aguerrido exercito que no dia 12 de outubro de 1825 foi batido e derrotado completamente pelos bravos de Sarandy, cujos feitos obrigaram o mui alto e poderoso imperador e defensor perpetuo a pedir vergonhosamente, paz! paz!

Brazileiros! a hora é propicia! Lembrai-vos que o velhaco está nas cordas, e que jurastes — independencia ou morte! Este juramento não se cumprirá, emquanto exista entre vós o renegado Pedro! Mostrai ao universo inteiro que sabeis pesar e guardar a santidade de vossos juramentos». [1]

Prevejo o commentario acerrimo que suscitará o desvendamento das circumstancias que passaram despercebidas até agora e exponho á luz da critica historica. Os que tenham o criterio de Alfredo Rodrigues hão de lançar immediatamente o anathema sobre a minha theoria, como o fez elle, quando exarei as vislumbraveis intenções de Bento Gonçalves, nas manobras em torno da posse de Araujo Ribeiro. [2] A esses e aos que pretendam fazer da ordem dos acontecimentos o que appeteceriam as idéas e sentimentos dos que a contemplam, atravez dos annos; cumpre advertir com serenidade, que o annalista procede a fiel registro e encadeia successos, commentando-os taes quaes os documentos e tradições os revelam, interpretados uns e outras, por via de bom methodo logico. Cumpre advertir-lhes ainda, que a moral evolve comnosco, sendo ás vezes, da mais estricta, de uma epoca, aquelle proceder que, ás vistas de outra, merece uma severa tacha. Quero com isto declarar que parecerá felonia a tendencia ao abandono das bandeiras, a quem não aprofunde o que era, o que podia ser, o pensamento intimo dominante na sociedade então actual. O da nacionalidade era por certo menos vivo do que o da liberdade; os despotismos seculares dissolvem o sentimento da patria e são impropicios a ornamentar com os prestigios provocantes de amor e enthusiasmo, o ergastulo de um povo inteiro: *neste, se as fibras da alma se lhe não polluem, o que fica é o latente anhelo pela emancipação pessoal, seja como fôr e de que modo fôr.* Depois, não esqueçam os partidistas do estreito civismo, que se o proprio José Bonifacio classificava de «bestial a guerra» contra os povos do Prata, [3] essa mesma idéa a respeito della haviam de nutrir, mais hoje, mais amanhã, as multidões contemporaneas, que no Imperio se achavam quasi universalmente dominadas pelo espirito liberal; [4] não esqueçam os par-

---

[1] N.º de 22 de julho de 1826. Vide Zinny, 32.
[2] «Bento Gonçalves da Silva, seu ideal politico», 6.
[3] Carta a Drummond. Vide Raffard, «Cousas do Brazil», 224.
[4] Pereira Pinto, «Confederação do Equador», 138.

tidistas de estreito civismo, que no continente colombiano, depois de 1810, soprava a aragem de uma vasta fraternidade, que abalara as fronteiras e confundira nações, senão em um mesmo esforço, em identicas palpitações renovadoras, tendo o que chamavam AMERICANISMO uma significação mais lata do que sóe parecer a incultos ou mal informados. [1]

Se a frieza que os desacertos da invasão fizeram nascer em alguns, a tempo não cedeu o passo a um grato alvoroço, generalisando-se as adhesões; deveram-no os que estavam entregues a este pensamento politico e a este proselytismo ostensivo, primeiro, á rapida e inesperada assignatura da paz, segundo, deveram-no os alliados ao facto de não terem posto em pratica em hora propicia o que Alvear ia fazendo com tanto exito, quando o retiraram do commando, isto é, deveram-no á demorada inobservancia da «politica indicada», de que fala Trapani, — de certo a politica de attracção e libertação, que tambem Rivera, com grande tacto soube apresentar e realisar, na provincia de que se fez capitão-general. [2]

---

[1] Arthur Orlando que, ao contrario, brilha entre os que se destacam pelo grande luzimento espiritual e grande largueza da illustração, assenta que «o pan-americanismo teve seu inicio na concepção pan-latinista do fogoso Bolivar», * e podia accrescentar que esse conceito, antes de ser uma altissima formula politica, havia sido um intenso e vulgar sentimento, que um ex-ministro de Bento Gonçalves traduziria a seu modo, deixando patente que a lucta riograndense não era só uma empreza particularista: «a Causa Santa em que estamos empenhados», disse elle em 1840, «é a da liberdade universal do continente americano». **

Indicio de outra natureza, mas, muito expressivo, das tendencias dessa epoca ainda não bem estudada, o que se pode vêr em letras de José Clemente Pereira a dom Juan Ramon Balcarce, general argentino de quem trato em outra passagem, e a dom Thomaz Guido, em 30 de novembro de 1828. Eis a interessante peça: «Tenho a distincta honra de accusar a recepção da carta que v.v. ex.as me dirigiram com data de 16 de outubro, communicando-me a grata noticia de haver sido ratificado pelo governo dessa Republica o tratado preliminar de paz celebrado entre ella e este Imperio, e por tão feliz acontecimento que deve trazer aos dous Estados o principio vital da sua solidez e progressivo engrandecimento, *e talvez o primeiro annel donde deva partir algum dia a formidavel cadeia de um* SYSTEMA CONTINENTAL AMERICANO, dirijo a v.v. ex.as as minhas sinceras felicitações e aceito com prazer as que me enviam». ***

Se um ministro de dom Pedro e brazileiro adoptivo, influenciado pelo ambiente, chegava a ter dessas elevadissimas inspirações na ordem internacional; que extranho fôra que povos colindantes estreitassem por diverso modo, os elos que aquelle achava desejaveis, — meselando-se uns e outros no esforço e sacrificio pela commum liberdade e autonomia, que todos ardentemente ambicionavam?

[2] Uma correspondencia de Buenos-aires, para o Rio-de-janeiro, em data de 13 de junho de 1826, firma com rigor o que era o plano argentino. Diz: «Os *criollos* daqui, levam dous objectos em vista: 1.º, inspirar prin-

* «Pan-americanismo», 17.
** Carta de 12 de março, de J. da S. Brandão a Almeida. Meu archivo.
*** João Moraes, «Guerras do sul», 35.

Gay, que exerceu um cargo ecclesiastico em Samborja, celebra a maravilhosa conquista que o caudilho soube effectuar em poucos mezes, chamando a si quasi toda a população da zona: «de caracter humano e propenso á doçura, diz o padre, Rivera tratava-a com suavidade, tomando conta a seu bel prazer das sete Missões orientaes». [1]

É tempo de concluir o exame deste imperscrutado assumpto. Se a communicação do egregio Rio-Branco veiu dar-me uma prova inestimavel, quanto á longa extensão da parte que tiveram os rio-grandenses no movimento de maio — de que o dos «patrias» é a penultima phase e o dos «farrapos» é a derradeira — a valiosissima confidencia do conspicuo revolucionario bagéense illumina sobremodo este obscuro scenario. Por vezes na Pampa, em noute de um desencadeiado temporal, a faisca de electricidade incendeia a atmosphera, prenhe de nuvens espessas, que se diria pousarem no terreno. A treva lugubre entreabre-se; fulge, logo extincto, um corisco, e no morrer do clarão fugitivo, o campo se delineia, sob o véu de prata, que caíu dos céus: sem falha de um contorno, nitido o relevo de tudo. Num rapido volver de olhos, o espectador fica senhor do theatro, antes em densissima sombra: estacara indeciso; pode agora proseguir na viagem.

Para mim, não mais incertezas. Estou habilitado a marcar os pontos de referencia, que me permittam, como a qualquer historiador, emprehender o traço do itinerario espiritual da aspiração autonomista. Vivia latente desde muito na alma do Riogrande; a catastrophe ingloria da guerra de 25 a 28 apressou a logica mudança do calor virtual em calor effectivo, pondo em fogo-vivo a paixão revolucionaria que caldeiou os corações, até definir-se na formula de 1836.

A cadeia dos successos que logicamente se desenvolviam, quebrou-se com a prompta paz de 1828, feita em condições taes, que Bernardo Pereira de Vasconcellos a considerava uma «nodoa» e Limpo de Abreu uma «ignominia»: mas a influencia dos antecedentes memorados persistiu, não escapando isto ao visconde de

---

cipios democraticos, aos habitantes do Brazil, de sorte que se os deixarem tomar folego em Montividéo, elles penetrarão immediatamente no Continente, e irão até o Rio-de-janeiro, se possivel fôr; 2.º, é o desejo de obterem uma compensação pela perda do Alto-Perú (de que Sucre os ha esbulhado), reunindo ao seu territorio a provincia oriental». (Vide «Imperio do Brazil», n.º de 12 de julho de 1826). Esta mesma folha, n.º de 26 de fevereiro do anno citado, transcreve do «Nacional», de Buenos-aires, um topico, em que se vê claramente sob que inspiração as melhores classes do povo argentino, se dispunham a entrar em campanha. Eil-o: «O povo americano do Brazil é opprimido com insupportaveis contribuições ordinarias, e extraordinarias para occorrer ás novas necessidades, que creou a guerra, ou antes, os caprichos, e a ambição, do imperador, que vão envolver em uma guerra funesta *a povos naturalmente amigos, e que aspiram a um mesmo objecto*». Vide collecção em meu archivo.

[1] Pag. 620.

S. Leopoldo, como não escapara a Pascual. Nos seus «Annaes» se refere aquelle ao «prurito republicano que se inoculou» no Riogrande do sul, ao tempo da campanha oriental.[1]

Se o velho historiador possuisse os dados de que hoje dispomos, não só reconheceria quanto contribuiram para o movimento de 1835, esses dez annos que o precederam, como os anteriores, a partir de 1810. E faço ponto a estas considerações, com uma rememoração que me não parece desinteressante ou inopportuna, visto como revela a forte persistencia de certas impressões, nos recessos da alma popular, cujos segredos ficam cerrados aos historiadores frivolos ou incapazes, que limitam as suas pesquizas aos archivos officiaes.

A 22 de janeiro de 1820 amargava o indormescivel Artigas, em Taquarembó, o golpe mortal na empreza heroica, e, um lustro depois, a 19 de abril, os continuadores do foragido de Curugayty recomeçaram o edificio nacional interrompido naquella data. A semente que lançou aos regos da gleba, rasgados pelo seu instinctivo quão ardente civismo, para a messe da liberdade; não se perdeu, e o brado constante dos antigos companheiros do velho luctador — *viva la patria!* — encrespava na mesma furia autonomista, a bocca dos independentes de 1825. E o destino de todos os emprehendimentos conformes á ordem natural das cousas: por vezes desfavoraveis circumstancias de momento, os sacrificam: depois, em melhores, recomeça a obra, já noutras mãos, para a victoria definitiva.

Não estava longe, a da causa da independencia do Uruguay, por uma circumstancia, que vou explicar e que se presta a uma opportuna approximação historica. O grande esforço collectivo operado nesse paiz, tem sido quasi uniformemente considerado pelos escriptores, parciaes ou prevenidos, um levantamento de «massas inorganicas e barbaras», tal e qual o que mais tarde se veiu a propallar quanto á Revolução de 20 de setembro. Para elles, de nada mais se tratava, que de um desaggregamento anticivilisador, em que as populações rudes e grosseiras do campo se alçavam, repellindo o natural predominio da gente culta, fixa nos grandes centros povoados. Contra essa theoria, no que concerne ao Riogrande, presumo reunir alhures a sufficiente somma de rasões, que de todo a pulverisam; e quanto ao Uruguay, direi algo que me parece digno da attenção do genero de historiadores a que acima faço referencia.

Não ha um desses, de que se não possa apontar um precon-

---

[1] Pag. 334, da 2.ª edição.

Ao mesmo phenomeno allude Pereira Pinto no vol. II, pag. 156. «Tantos capitaes dissipados, diz elle, tão enormes despezas, e tantas perdas, principalmente no mar, pelo vergonhoso corso, e pirataria, que só do commercio costeiro desta provincia (a do Riogrande), sem falar das outras, roubaram-se 22 embarcações; *emfim, do prurido republicano que ali se inoculou*, cujos funestos effeitos ora sentimos». Vide «Collecção de tratados».

ceito, sobre a situação social que apreciaram. Entretanto, um celebre pensador, absolutamente imparcial e despojado de qualquer prevenção, offerece muito bom aso, a uma theoria que nos arrima a conclusões muito diversas, do que as expostas quasi unanimemente. Falo do egregio Darwin, que sustenta da maneira mais positiva serem «os gauchos ou camponezes, muito superiores aos habitantes das cidades», [1] modo de vêr comprovado pelo seguinte. Logo depois da queda de Artigas, Saint-Hilaire atravessou a Cisplatina e certificou-se nas campinas do interior, que a população estava de todo vencida, mas, de modo nenhum submettida de bom grado aos portuguezes. Apesar de «terem elles assegurado a tranquillidade na margem esquerda do rio da Prata», segundo o naturalista; apesar de «fornecer um modelo de prudencia e doçura, a administração que ahi estabeleceram», [2] o povo da campanha supportava a consequencia dos erros nacionaes que tinham propiciado a entrada e usurpação dos estranjeiros, e vêde o que pairava nitido, na consciencia de todos: entre os *gauchos ou camponezes*, «repudiar-se-ia como um absurdo, a idéa de pertencer definitivamente aos portuguezes». [3] Qual attitude observava, a esse tempo, a *nata* da sociedade povoadora de Montevidéo; qual attitude a da *flor* da cultura uruguaya? Vivia de rojo aos pés do vencedor, mais pressurosa do que elle, em firmar definitivamente a sorte da provincia, chumbando-lhe para sempre as cadeias, aos degraus do throno do rei ou do imperador! Artigas, representante supremo e figura primacial de entre os inconvertidos e inescraviṡaveis das planicies; Artigas, pois, a despeito dos erros que lhe imputam (alguns reaes, outros fantasticos), apparece diante da posteridade, com os laureis de «las Piedras» e com os padrões de uma resistencia mal conduzida — insensata mesmo, se quizerem — mas, inquebrantavel emquanto houve elementos de combate, e, digamos com imparcialidade, heroica e benemerita; Artigas, dizia, assim apparece, emquanto o patriciado ou a burguezia da capital se curvam ante o juizo inexorabilissimo, com a vergonha de uma evitavel abjecção. Porque podia receber com uma dignidade resignada o proconsul de dom João VI, sem se desmerecer em açodamentos de cortezanismo; sobretudo, sem acompadrar-se com os inimigos do profugo, para a reedição das versões do descredito, cujos themas, de certo mais infamavam os invasores, de que o proprio caudilho então recolhido ao Paraguay. Mandava o pudor civico restringir aos lares o apreço do profundo dissidio em que haviam ficado duas fracções da nacionalidade oriental; pungente

[1] «Viagem», 167.

[2] Pag. 261. «O general Lecor» (vide o mesmo auctor, pag. 252), «fiel ao seu systema de favorecer o partido dos insurrectos, porque era o mais numeroso», tudo fazia para attrail-o, ainda que para isso fôsse mister prejudicar ou perseguir os chamados godos, os hespanhoes de Europa, e de facto se mostrou humano, por virtude propria e tambem por um fructuoso calculo, de que se fala em outro lugar.

[3] Saint-Hilaire, 241.

era vêr, entretanto, que quando o chefe de uma se mantinha em silencio, entre os bosques de um paiz remoto, muitos de seus compatricios de Montevidéo lhe profanavam o nome, em face das hostes do inimigo commum.

Não consta que Artigas deixasse nunca transparecer o minimo enfado, sciente do descripto espectaculo, no refugio que voluntario escolhera e onde voluntariamente se conservava.[1] Do que não ha duvida nenhuma é que os espiritos avessos ás compromissões e desfallecimentos dos homens, em face da prosperidade da opressão, e sympathicos á intratavel firmeza de alma dos que se não rendem, desafiando todos os riscos e desgraças; do que não ha duvida é que os espiritos fortes legitimariam e sanccionariam o justo assomo daquelle ancião, se, indignado murmurasse com o soccorro de uma passagem evangelica, ao vêr que nem o respeitavam, nem esqueciam, os debeis de caracter: «Porventura dirá o pó o teu louvor, ou publicará elle a tua verdade ?!» — O que a da historia podia gravar em letras indeleveis é que o pó se acamava ás plantas do representante militar da usurpação e retratava-se na villeza da louvaminha infecta que reproduzo:

«Quem é este que a nós vem magestosamente, com augusto e juvenil aspecto, doce e affavel e com ar esbelto e heroico, a quem se rende o affecto entre perturbações de prazer, como na presença do Anjo do Senhor? Não se pode duvidar! E' o grande Pedro I!

Seu ar marcial; seu olhar expressivo, indica sua presença. Por um impulso do mais singular amor, se acha no sublime throno, e apoiando a esquerda sobre a sua fulminante espada, depoz com a inclyta dextra seu imperial diadema para o collocar sobre a configurada, sua predilecta — Montevidéo!

O simulacro se identificou com o simulacro, como prova de o estar tambem o original com o original. É um facto, Senhor! Vossa Montevidéo vos ama, e pode dizer como o esposo: eu sou de meu amado e meu amante me pertence!»[2]

Artigas, ao contrario; na mais extrema das miserias, Beaurepaire Rohan o defrontou invariavel e irreprehensivel, quanto sereno e bondoso: digna «imagem de um monumento historico em

---

[1] Por muito tempo se acreditou que Francia retinha Artigas em uma especie de prisão. O exame attento dos papeis publicados por Fregeiro («Artigas, estudio historico», 187 a 201) faria repudiar como incurial semelhante versão, se documentos e publicações de melhor informe, não a arruinassem de todo. Vide em Zinny, 42, a prova de que o caudilho nem quando chamado pelos seus compatricios, já independentes, quiz deixar o Paraguay.

[2] Mensagem do cabildo de Montevidéo a dom Pedro I. («Balanço da dynastia», 90). Deu motivo á expansão rhetorica do cabildo, a offerta que lhe fez dom Pedro, de seu retrato, como se vê da portaria assignada por Estevam Ribeiro de Resende, em 6 de novembro de 1824. (Vide «Imperio do Brazil», de 11).

ruinas». [1] O nosso compatricio dirigiu-se ao «guerreiro tão terrivel, dantes, nas campinas do sul», falou-lhe de sua antiga fama, e, este, «cheio de reminiscencias de gloria», risonho inquiriu do forasteiro: *Entonces mi nombre suena aun en su país?* [2]

A resposta-viva tinha-a elle presente, na visita do illustre militar, e se outro viajante, tambem illustre, que andava em estudos, não longe das selvas em cujo seio escusa aflava as unhas a horrida panthera de Assumpção; se esse transpuzesse as fronteiras, poderia contar ao hospede de Francia, um grato episodio dos campos de Belem, testimunhas dos feitos do Cid oriental.

Quasi um anno certo depois da ultima batalha e da completa ruina, no tempo em que os poetas de beira-rio, ao norte do Prata, entoavam loas ao fino Lecor, e as mensagens da adulação sacudiam os thuribulos ao pé do solio de dom João ou de dom Pedro; os indios musicos da companhia de guaranys, tirados de Missões pelos portuguezes, davam uma serenata a Saint-Hilaire, chegado ao acampamento realista. O bom gosto dos aborigenes surprehendeu o homem de sciencia, mas o que o moveu a especial reparo, foi a circumstancia em que, retribuindo a gentileza com o brinde de algum dinheiro, logo depois os viu, em festa intima, repetir estancias extranhamente subversivas: viu-os «a cantar um hymno composto, durante a guerra, em honra de Artigas», [3] o bizarro «*protector de los pueblos libres!*»

Entre as duas celebres datas — a da crucificação e a da ressurreição da Cisplatina — mediaram successos que iniciavam no Brazil o periodo «constitucional». Rompeu o movimento emancipador da cidade do Porto, que repercutiu no paiz, mas que na capitania não teve a virtude excitante da revolução de maio e sómente em alguns patriotas teve o poder de evocar as ardentes inspirações que a ultima suscitara. Entre os militares, sim, foi grande a effervescencia politica, desde os centros povoados do Continente aos mais remotos confins da Cisplatina. [4] Effectuado o movimento da guarnição do Rio-de-janeiro, a 26 de fevereiro, [5] que forçou o rei a baixar o decreto com a previa acquiescencia ás Leis fundamentaes que fossem votadas em Lisboa, jurando obedecer-lhes o monarcha, como tambem mandando prestar-lhes juramento em todo o paiz: assim o fizeram immediatamente os elementos militares aquartelados em Montevidéo. Em principios de abril já eram conhecidos no Riogrande do sul os termos do sobredito decreto e

---

[1] Carta do tenente-general a dom Carlos Ramirez. Vide «Artigas», 430.

[2] «Viagem de Cuyabá ao Rio-de-janeiro, pelo Paraguay, Corrientes, Riogrande do sul e Santa Catharina, em 1846». «Revista do Instituto», IX, 387.

[3] «Voyage a Riogrande do sul», 286.

[4] Idem, 250, 427.

[5] De 1821.

como as auctoridades se não apressassem em dar-lhe cumprimento, sublevou-se a guarnição da villa do Riogrande, depondo o sargento-mór Matheus da Cunha Telles, magnata portuguez, [1] e em Portoalegre, se as cousas não chegaram a esse extremo é porque o governo local se poz de accordo com os militares liberaes.

Com a ausencia do conde da Figueira a capitania era regida por um triumvirato, de que faziam parte o tenente-general Manuel Marques de Sousa, ouvidor Joaquim Bernardino de Sena Ribeiro da Costa e Antonio José Rodrigues Ferreira, vereador mais antigo do senado da camara. [2] Eis como Alcides Lima conta o' choque havido entre estes altos funccionarios, remissos ou desidiosos na pratica de uma solemnidade que se reputava de urgencia, de summa importancia para a causa publica: «A tropa e povo amotinam-se e exigem em altos brados o juramento immediato da Constituição no memoravel dia 26 de abril de 1821. Pelas duas horas da madrugada estavam na praça, em frente á residencia do governo, o batalhão de infantaria e artilharia armado e municiado de polvora e balas, conduzindo 2 boccas de fogo. Ao som do rebate reuniram-se-lhe immediatamente todos os corpos existentes em Portoalegre e fizeram comparecer á sua presença o ouvidor da comarca, o juiz de fóra, o conego vigario-geral e o desembargador Luiz Correia Teixeira de Bragança. E depois obrigando-os a irem trazer o governo interino, a camara e o clero, fizeram jurar a Constituição no meio da praça, ao raiar da aurora, que foi salvada com 21 tiros.

Inaugurava-se assim por um acto de energia popular, o desmoronamento do antigo regimen», conclue o talentoso publicista. [3]

Contra o derradeiro topico citado protesta um auctor que se achava no territorio da capitania e não longe do theatro dos acontecimentos. Segundo Saint-Hilaire, «a pequena insurreição que se produziu em Portoalegre não foi obra do povo e sim das tropas, estimuladas pelos commerciantes», [4] que na capitania eram quasi

---

[1] Idem, 458.

[2] José dos Santos Viegas, «Governo da provincia do Riogrande», «Revista do Instituto», XXIII, 593.

O governo interino tomou posse a 2 de outubro de 1820, diz esse trabalho.

[3] «Historia popular do Riogrande», 182, 183. Recebido posteriormente, com o aviso de 23 de junho de 1821, o regio decreto acompanhado das «bases da Constituição portugueza», a junta governativa fêl-as jurar, «com a devida solemnidade». Vide officio da mesma, de 18 de agosto seguinte.

[4] Pag. 462.

Affirma, entretanto, pessoa de auctoridade, que estudou os archivos do sul, ter sido «o principal motor do tumulto de 26 de abril», o padre José Rodrigues Malheiros Trancoso Soutomaior, que por isso foi preso e seguiu a 21 para o Rio-de-janeiro á disposição do governo real. Dezoito dias antes tinham sido embarcadas para a cidade do Riogrande, para serem distribuidas pelas fronteiras, as praças do batalhão de artilharia e infantaria que tomara parte no referido successo. — Vide Homem de

todos europeus.[1] De facto, se tivermos em conta as preciosas indicações colligidas nas paginas do eminente scientista, chegaremos á convicção de que os paizanos se conservaram alheios ao movimento armado das duas povoações do extremo-léste. O povo, ainda que satisfeito com a idéa de que se lhe vai conceder uma Constituição, permanece em completa serenidade e não se desafoga em mostras do minimo enthusiasmo, assegura elle e pondera: «Não me canço de admirar a calma com que esta gente realisa suas revoluções». [2]

Esta passividade em face do que occorre no Rio-de-janeiro, em varios pontos do Brazil, na metropole, e em contraste com a activa ingerencia na revolta do anno 11, tem facil explicação, para quem julgue este aspecto moral, atravez de uma theoria organisavel com os muitos dados que hei reunido, para demonstrar a escassa ou nenhuma afinação entre a alma riograndense e a das populações que habitavam as zonas acima referidas. O que occorria para além das fronteiras do norte da capitania, dentro della tinha que passar inteiramente despercebido ou só lograva repercutir ahi com uma excepcional demora. Não convem, entretanto, antecipar juizos que decorrem faceis, de um ligeiro volver de olhos, sobre os factos que vou expôr, demonstrativos de que naquelle illusorio silencio da terra gaucha se elaboravam as forças intimas de que em breve seriam sentidas as primeiras trepidações, as ulteriores sacudidas e por fim a grande erupção.

Com o regresso do velho monarcha, ficou o reino americano confiado a seu primogenito. Sondaram-no os filhos do paiz, que almejavam a separação.[3] O principe tinha desejos de acompanhar os desse partido; faltando-lhe, porém, a convicção de que dispuzessem de força para pôr em pratica um projecto de independencia, vacillou, e resolveu-se a partir, como as côrtes lhe ordenavam.[4] «Não obstante, os patriotas determinaram-se a fazer um esforço, e logo em 4 de outubro appareceram proclamações, declarando o Brazil independente, e dom Pedro, imperador». [5]

Não sei se por estar no concerto ou se a effeito de simultaneas iniciativas emancipadoras, ou ainda se em consequencia do decreto de 18 de abril, promulgado pelas côrtes, que dispunha sobre a ins-

---

Mello, «Indice chronologico dos factos mais notaveis da capitania, depois provincia de S. Pedro do Riogrande do sul», na «Revista do Instituto», XLII, 2.ª parte, 134.

[1] Saint-Hilaire, 467.

O depoimento de Antonio Bernardes Machado tira todas as duvidas. Segundo elle, foram «os corcundas que promoveram as desordens de 26 de abril, e 1.º de agosto», «não obstante a disposição do povo contra elles». Vide sua carta, de 10 de setembro de 1821, a João Soares Lisboa, na «Gazeta do Rio-de-janeiro», de 23 de outubro.

[2] Saint-Hilaire, 461, 462.

[3] Armitage, «Historia do Brazil», 38.

[4] Armitage, 39.

[5] Idem, idem.

tallação de juntas governativas no Brazil; a 16 do citado mez de outubro, pela manhã, o coronel Antero José Ferreira de Brito, de accordo com outro official, Antonio Manuel Correia da Camara, [1] dirigiu-se aos notaveis de Portoalegre, e aos commandantes da tropa, com o annuncio de que o senado da camara, auctoridade ecclesiastica, todos os corpos de linha e milicianos, e uns 300 homens do povo, armados, estavam promptos para na madrugada seguinte proclamarem um novo governo, na praça publica. [2]

A tentativa da capitania do Riogrande, como a do Rio-de-jeneiro, não teve effeito pratico. A do centro se viu renegada pelo principe; a do sul, abortou com as promptas providencias do ajudante de ordens do governador da zona. O dito ajudante recebeu denuncia de dous dos que haviam tido convites para a empreza e foram confirmadas as communicações dos mesmos, pelo vigario-geral. Relatando o successo, diz Alcides Lima: «Acabava de chegar a Portoalegre, nomeado capitão-general do Riogrande, donr João Carlos de Saldanha, que tomou posse do governo a 20 de agosto de 1821. Saldanha era um portuguez dedicado a dom João VI. As idéas modernas de systema representativo tinham sido aceitas por elle unicamente por que dom João VI a ellas se submettera. Aulico do rei, elle procurava servil-o ainda mesmo contra os interesses do povo que governava. Chegando a Portoalegre exactamente na occasião da crise provocada pela sêde de liberdades politicas, pretendeu vencel-a, subjugal-a. Immediatamente conquistou a antipathia do militarismo, que de novo poz-se alerta. Desta vez, porém, o militarismo nem conseguiu reunir o povo». [3]

A verdade é que a vida de Saldanha, no sul, devia dar aos homens do tempo impressões muito diversas. O retrato que traçou delle Saint-Hilaire é de attraente galhardia. «O general Saldanha, sobrinho-neto de Pombal, é tão distincto pelo seu illustre nascimento, como pelo seu merito proprio. Tem uma figura nobre, bellos olhos e muita doçura na physionomia. É considerado um excellente militar e a graduação a que chegou, ainda que não pareça ter mais de trinta-e-cinco annos, certo lhe assegura a mais bella das carreiras. Sabe o francez, o inglez e o hespanhol; é polido sem affectação e dispõe de maneiras distinctas. Sua amabilidade, seu espirito conciliador e sua brandura *o tornaram o idolo dos soldados e da gente do paiz*. Sua meza é prodigalisada a todos os officiaes e vive no meio delles como entre seus pares». [4]

Que era espirito aberto ás novas correntes politicas, temos no

---

[1] Depois consul do Brazil em Buenos-aires e encarrregado de negocios no Paraguay, postos em cujo serviço obteve o titulo de conselho, antes do movimento de 20 de setembro, a que adheriu, occupando varios lugares de representação diplomatica. Vide Antonio Eleutherio de Camargo, biographia de Camara. «Revista do Instituto», XL, 505.

[2] Proclamação de Saldanha, de 27 de outubro de 1821. Meu archivo. Era a terceira tentativa, segundo consta deste papel.

[3] Pag. 184.

[4] Pag. 247.

que diz o naturalista as bastantes seguranças, como em o facto de se deparar no acampamento do luzido official-general o que Saint-Hilaire registra com estas significativas palavras, acerca dos officiaes portuguezes: «Parece, desgraçadamente, que as idéas ultra-liberaes tem assaz penetrado entre elles»;[1] e mais adiante consigna o estado dos animos, pela seguinte maneira, ainda mais expressiva: «Foi-me facil perceber quanto as idéas revolucionarias se tinham infiltrado no seio das tropas européas».[2]

Não é de crer pretendesse vedar a expansão desses mesmos principios, em Portoalegre, quem, num arraial, as deixava correr á solta entre militares e até mesmo quando nelle transluzia que «o proprio general Saldanha não estava longe de as partilhar».[3] Ao contrario do que estampa o douto contemporaneo, de chegada á séde do governo de que tinha sido investido e de onde ainda se conservava ausente em inspecções pelo interior, ao produzir-se o levante; Saldanha, no acto da posse,[4] expediu uma proclamação em que deu boas arrhas de um decidido amor ao systema que se pretendia inaugurar, não só declarando ser «constitucional de coração muito antes de existir a Constituição portugueza», como convidando os habitantes do Riogrande do sul a ajudal-o na defeza do novo regimen, contra absolutistas acaso existentes.[5]

Saldanha era homem assaz conhecido na capitania.[6] Pode-se avaliar do credito de que gosava, pela recepção que teve, depois do referido successo. O proprio recemchegado a qualificou de «acolhimento verdadeiramente fraternal» e na sua retribuição aos sentimentos que lhe manifestavam, chegou a dizer «que dava uma idéa» dos seus, «assegurando» aos povos, «como fazia pela sua palavra de honra, que presava menos a vida, que a gloria de ser capitão-general delles».[7]

Foi de certo a confiança geral inspirada por este brilhante militar que baldou o tentamen de Antero. Não sómente na capital

---

[1] Pag. 250.

[2] Pag. 427.

[3] Idem, idem.

[4] A 21 de agosto affirma Coruja nas annotações a Viegas, declarando haver encontrado essa data no livro de posses da camara de Portoalegre. Confirmam a que traz Alcides Lima, a proclamação e ordem-do-dia de Saldanha, annunciando o inicio de seu governo. Meu archivo.

Viegas diz que foi no dia 2, fundado em folha de pagamentos do cargo de capitão-general.

[5] Cit. proclamação.

[6] Cit. carta de Antonio Bernardes Machado, de 10 de setembro.

Vê-se deste documento, que havia elementos determinados á creação da junta, no acto da chegada de Saldanha, «sempre desconfiados, e prevenidos contra o governo de um general», os «constitucionaes exaltados»; mas, prevaleceu a opinião dos «moderados, os quaes fundados na boa nota que havia do dito general, queriam (e com rasão) se experimentasse o seu governo». «O desejo de acharem um apoio contra a anarchia que se preparava, o fez olhar pela maioria como um libertador».

[7] Proclamação de 27 de outubro de 1821. Meu archivo.

todos o abandonaram ou lhe negaram o seu concurso, francamente apoiando as auctoridades constituidas, sem demora cheia a «sala do governo», de pessoas em armas, das varias classes sociaes; como tambem em armas accorreu ás portas da cidade o povo de Viamão, a prestar-se ao ajudante de ordens, para que se mantivesse o bastão em quem de direito.[1] Quando a 23 chegou Saldanha, que a 21 tivera aviso da projectada mudança, pouco teve que fazer, para dissipar os vestigios do acontecido, limitando-se o futuro duque a remetter, preso, para a Côrte, o auctor mais em evidencia do falho pronunciamento, sob a guarda de official da mesma patente, o coronel Manuel Carneiro da Silva Fontoura. Mais tarde ordenou que seguisse o mesmo destino o tenente-general Manuel Marques de Sousa, por suspeita de que estivesse connivente com os conspiradores, do que, aliaz, se manifestava incerto, rogando ao principe real houvesse por bem dispensar ao velho heroe «a continuação de sua benevolencia», attentos «os seus muitos annos e longo serviço».[2] A crer-se, porém, em um abaixo-assignado que enviou para o Rio-de-janeiro, com as firmas de «quasi 200 pessoas, todas de caracter e as mais principaes da capital»: ao ultimo deportado «e toda a sua familia» se devem attribuir «as commoções» havidas e a seu tempo expostas.[3]

O tentamen de Antero não correspondia a um impeto rebelde de poucos militares de Portoalegre; tinha ramificações como a facção de abril, na villa do Riogrande, onde os combinados se agitaram com igual má sorte, tudo isto fazendo «parte integrante do mesmo plano».[4] Saldanha, em face do intentado, premuniu-se, mas, não se mostrou em nada infenso ao espirito liberal, a que o coronel riograndense procurara servir ou do qual procurava servir-se, consoante os seus e os interesses de sua familia e circulo em que imperava a mesma. Precaver-se de um insulto, não é reagir, e a prova deu-a o general no proximo mez de novembro, observando uma conducta liberalissima e creio que sem precedentes até essa hora. E aqui menciono duas provas do allegado. A primeira deu-a Saldanha,[5] «quando para aconselhar-se sobre cousas de ponderação de seu governo, chamou a si uma duzia de pessoas das mais queridas, e honradas, e bemquistas do povo, cujos pareceres seguiu exactamente, e cujas pessoas continúa a ouvir·

[1] Proclamação de Saldanha, de 27 de outubro de 1821. Meu archivo.

[2] Officio de 3 de novembro de 1821.

[3] Idem, idem.

[4] Officio de 25 de novembro de 1821.

[5] Carta de Antonio Bernardes Machado a João da Silva Lisboa, em data de 10 de setembro de 1821. Vide «Gazeta do Rio-de-janeiro», de 23 de outubro.

«E por esta fórma (accrescenta o missivista) que já vimos desapegar-se do cachaço da Fazenda do Estado um par de sanguesugas, que ha mais de 10 annos lhe chupavam descaradamente o sangue, sem haver poder ou força que dali os lançasse. Agora já podemos sem receio lançar nossas cartas no correio, porque já á testa daquella delicada repartição está o

com grande applauso publico», resa um papel do tempo. A segunda eil-a explicada com as proprias palavras do general: «Havendo recebido recentemente, pela repartição de ultramar, as instrucções com que se devia dirigir, assim como os povos desta provincia», resolveu, «attentas as circumstancias destes Estados do Brazil, E Á CONTA QUE CUMPRE TER COM A OPINIÃO PUBLICA E VONTADE RASOAVEL DOS CIDADÃOS, *mandar consultar pelas diversas camaras, os mesmos povos, a respeito de suas precisões em geral*», de modo que «*manifestassem seus sentimentos* SOBRE A FÓRMA DE SEREM GOVERNADOS QUE LHES ACTUALMENTE MAIS CONVIESSE, *para assim o fazer constar á auctoridade superior*, dirigindo-se «elle» para o mesmo fim, a todos os chefes das corporações militares». [1]

Não ficou ahi a sua patriotica boa-vontade de governar de harmonia com as aspirações coevas: «no observar as vicissitudes dos criticos tempos actuaes, em que mais do que em outro os accidentes se succedem com tanta rapidez em todos os generos, *se convenceu de que na epoca era moralmente impossivel poder supportar um só individuo, nesta provincia, o peso dos negocios e do regimen publico*»; e *motu proprio* pediu a creação da junta que se entendera obter por via de um arremessò militar. Mais ainda, juntou ao requerimento as maiores instancias, para que o principe regente «se dignasse de conceder» ao Riogrande, o que já tinham obtido Pernambuco e Minas, «permittindo a seus povos a nomeação livre de um governo representativo ou provisorio, emquanto a assembléa da nação não legisla sobre tão importante materia». [2]

Em dispôr as cousas para annullar os propositos de Antero e dos que o tinham acompanhado, Saldanha não se mostrou em nada um reaccionario. Historía elle cabalmente o processo machiavelico de que se lançara mão, afim de chegar a resultados talvez pessoaes; não podemos duvidar de sua sinceridade, sabido o procedimento que observou, ante a commoção de 22 de fevereiro de 1822, que, mui diversa da fragoada em outubro anterior, foi um levante genuinamente popular, espontaneo e não artificialmente provocado. Documento com assignatura do general, dirigido ao principe-regente, informa-nos das occorrencias occasionadas pela indignação que produziram no sul, os decretos numeros 124 e 125, das côrtes.

«Entre as provincias, que compõem o vasto e dilatado Imperio braziliense, tem um distincto lugar a fertil e salutar provincia do Riogrande de S. Pedro do sul (diz); lance vossa alteza real um

---

nosso honrado collega Manuel da Silva Lima. Já vemos os magistrados despacharem promptamente e com agrado ás partes (muito pode o exemplo ou talvez o medo). Já se respeita o direito de propriedade, deixando-se de tirar ao lavrador, contra sua vontade, o que se precisa para o serviço; o mesmo com os commerciantes, em cujas lojas, pede de favor o intendente, o que precisa, quando não ha dinheiro, segurando o pagamento neste ou naquelle tempo».

[1] Officio de 28 de novembro de 1821.

[2] Citado officio de 28 de novembro de 1821.

golpe de vista para a sua historia particular, e veja se os habitantes têm degenerado dos briosos exemplos que lhes deram seus avós, os paulistas e mineiros.

Considere vossa alteza real attentamente os successos guerreiros desta provincia desde 1777 a 1820, e veja se as suas gloriosas acções são inferiores ás que praticaram na India os Pachecos, os Gamas, e os Albuquerques, e no Brazil os Vieiras, Camarões, e Henrique Dias.

Os bravos provincianos do Riogrande de S. Pedro, não só reganharam os lugares que criticas circumstancias tinham feito abandonar, como dilataram em diversas occasiões, e com felizes resultados para as suas armas, as ferteis campinas de que hoje se compõe a sua provincia». «Estabelecidos estes principios, era impossivel que» ella «não seguisse o brilho e norma, na sua politica regeneração, dos seus irmãos de ambos os mundos, em tudo quanto fosse compativel com sua honra e dignidade» e por isso «os honrados habitantes de S. Pedro do sul viram com horror os impoliticos e intempestivos decretos das côrtes, numeros 124 e 125». «Afortunadamente, nos movimentos de sua colera, tudo correu a bem»: aquelle anjo tutellar, que sempre com suas azas beneficas escudou esta provincia, permittiu que se achassem reunidos nesta capital, os eleitores de parochias, convocados para dar cumprimento aos citados decretos das côrtes e nomear a junta governativa da provincia, e quando juntos em assembléa principiavam suas respeitosas funcções, eis que se apresentam consideraveis auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, e immenso povo, clamando e protestando, não só de viva voz, como por meio de fortes representações por escripto, nas quaes vinham tambem assignadas as mais conspicuas auctoridades, civis e militares, de toda esta vastissima provincia, contra a pratica dos mencionados decretos. Vendo os eleitores que a assembléa se convertia em tumulto, e que os gritos se faziam ouvir de toda a parte pedindo um governo representativo, tal qual conviesse á provincia; vendo que a salvação do povo é suprema lei, e que a opinião geral, essa rainha do universo, se tinha inteiramente manifestado; ultimamente, vendo que, recusando-se elles aos votos geraes do povo, era dar asos a elle obrar informe e tumultuariamente, annuiram a tão justas reclamações, e pediram novos poderes para nomear a junta governativa». Descripto o jubilo de todos com o deliberado, instrue-nos o officio de que «logo uma voz unanime e geral de approvação auctorisou os eleitores para esta tão digna, como honrosa tarefa, e com toda a franca liberdade, religioso silencio e tranquillidade», «concluiram a sua commissão»:[1] «a soberana vontade destes habitantes lhes outorgou amplos poderes para elegerem um governo compativel e analogo ao do Brazil», e tal fizeram, no mesmo dia sendo «installado na provincia um governo representativo, composto de nove membros, a saber: um presidente, um vice-presidente, dous secretarios

[1] Officio de 12 de março de 1822.

das repartições da guerra e civil, e mais cinco membros, ficando ao presidente as attribuições de general das armas, e com a presidencia da junta da fazenda publica e da junta da justiça, por assim se manifestar nos desejos da tropa e povo». [1]

Os successos a que allude o capitão-general merecem contados, porque representam o primeiro impeto verdadeiramente popular, que se presenciou no Riogrande do sul, em favor da causa das reformas politicas emprehendidas em Lisboa. Desde «os acontecimentos de 1.º de agosto, diz Antonio Bernardes Machado, o povo andava em continua fermentação»; [2] sete mezes depois, os animos se tinham ido exacerbando a ponto de romperem de golpe todos os laços da disciplina colonial: como se vai ver, despertava de maneira vivacissima a consciencia publica. A 16 de fevereiro, foi que «o senado da camara de Portoalegre recebeu ordem para convocar os eleitores, afim de procederem, no dia 21 do mesmo mez, á nomeação das pessoas que deviam compôr a junta provisoria da capitania», [3] e na data prescripta se reuniram elles, na fórma da lei. Mas, tudo fazia prever que os comicios não correriam em paz, occorrendo, como occorriam, dissidencias mui sérias, nessa até ahi socegadissima communidade: o povo e a tropa se tinham constituido em duas facções, absolutamente antagonicas. Aquelle oppunha-se á execução do decreto de 29 de setembro, ao passo que a classe militar, a quem «a mesma convinha», tomara o outro partido, nisto «reforçada pelo escrupulo dos eleitores, que diziam não ter poderes para se afastarem do decreto» em que as côrtes de Lisboa dispunham sobre os novos governos das capitanias. [4] com o visivel proposito de rebaixar o Brazil «da categoria de reino» e «fazel-o voltar atraz», «na alta empreza da sua regeneração». [5]

Abertos os trabalhos, não tardaram a produzir-se «os mais violentos debates entre o povo, tropa, e eleitores». [6] Estava a multidão persuadida (e tinha motivo para isso, affirma Antonio Bernardes) de que dous dos ultimos, pessoas de vulto, os desembargadores Luiz Correia Teixeira de Bragança e José da Matta Bacelar, «estavam subornados pelos corcundas, para se oppôrem á vontade do povo», [7] e este, num assomo de justa colera, partiu sobre elles dous, correndo-os á pedra, das ceremonias comiciaes. [8] «Nunca vi o povo desta capital tão furioso» (escreve testimunha de vista); e com effeito grandes males teriam acontecido, se a prudencia, e

---

[1] Officio de 6 de março de 1821.

[2] Cit. carta de Antonio Bernardes Machado, de 10 de setembro.

[3] Homem de Mello, «Indice chronologico dos factos mais notaveis da historia da capitania, depois provincia de S. Pedro do Riogrande do sul», 135.

[4] Carta de Portoalegre, em data de 27 de fevereiro de 1822, ao «Correio do Rio-de-janeiro». Vide n.º de 15 de abril.

[5] Officio da junta, de 6 de março de 1822.

[6] Cit. carta de Portoalegre, de 27 de fevereiro.

[7] Idem, idem.

[8] Idem, idem.

vigilancia do general Saldanha não tivesse prevenido a tropa, ordenando com penas rigorosas, que nenhum saísse armado, fóra do quartel».

«Duraram os debates até a noute, (accrescenta) e nada se fez, até que se assentou de dar-se parte desta collisão ao general, o qual serenou o povo, que acompanhou a camara a palacio, dizendo-lhe que no outro dia tudo se havia de fazer em ordem.

Com effeito, no dia 22 appareceu a resposta do general, em que elle declarava, que como militar nada podia decidir, contra as ordens do congresso, e que recommendava se não fizessem desordens». [1] Como Saldanha resguardava apenas a sua responsabilidade, e se limitara, quanto ao mais, a uma pacificadora advertencia, sem dar mostra nenhuma de querer intervir directamente no conflicto; a junta eleitoral e a camara entraram num accordo, para que fossem evitadas «as confusões e assuadas». [2] Para isso ficou estabelecido entre ambas corporações, effectuar-se uma solemnidade que devia ter impressionado muito os contemporaneos, pela sua absoluta novidade. Portoalegre assistiu a uma perfeita scena das velhas democracias, que terminou da maneira mais sympathica e lisonjeira.

Reunido novamente o concurso que findara no aspero dissidio já relatado, foram escolhidos em virtude da combinação, dous procuradores, um pelo povo, Antonio Bernardes, outro pela tropa, o brigadeiro Felix de Mattos, os quaes ficaram incumbidos de pleitearem oralmente a causa de uma e outra parcialidade, em *forum* improvisado, «todos jurando estar pelo que decidissem nesta ajustada fórma. [3] Iniciando-se o certamen sob tão fagueiros auspicios, logrou victoria cabal o tribuno do elemento civil, «depois de muitos debates, e objecções». Antonio Bernardes «teve o gosto de ver» os militares «concordarem com o seu parecer»: surgindo, porém, uma questão de ordem legal, que esteve a ponto de impedir outra vez o entendimento entre os paizanos e a classe armada: ponderaram os da junta parochial que, «como eleitores, não podiam afastar-se do decreto». [4] Aqui, por felicidade, povo e tropa espontaneamente se uniram no mesmo pensamento, exercitando pela primeira vez, depois de seculos de despotismo, um verdadeiro acto de soberania, qual foi o de conferirem aos sobreditos eleitores «novos poderes», afim de que livremente organisassem o governo, não conforme preceituara o congresso da metropole e sim conforme o queria a expressa vontade da communhão riograndense. [5]

«Assim se concordou, e creou um governo provisorio com poder sobre todas as auctoridades da provincia, e obediencia á sua alteza real, a el-rei, e ás côrtes, e dito, e feito se lhe deu posse, não obstante faltarem dous membros», que estavam ausentes. [6]

[1] Idem, idem.
[2] Idem, idem.
[3] Idem, idem.
[4] Idem, idem.
[5] Idem, idem. Officio da junta, de 6 de março de 1822.
[6] Cit. carta de 27 de fevereiro.

A solemnidade se realisou, com «grandes regosijos»,[1] no consistorio da Santa casa de misericordia, «presente o senado da camara, presidido pelo dr. juiz de fóra, Caetano Xavier Pereira de Brito».[2] Foram eleitos — Saldanha, para presidente, o marechal João de Deus Menna Barreto, para vice-presidente, e, para os lugares de vogaes ou deputados, o brigadeiro Felix José de Mattos, desembargador Bacelar, padre Fernando José Mascarenhas Castello Branco, Manuel Alvares dos Reis Louzada, Francisco Xavier Ferreira, brigadeiro Ignacio José da Silva, a quem coube o posto de secretario dos negocios militares, e Manuel Maria Ricalde Marques, a cujo cargo ficou o dos negocios civis, sendo designados dous outros membros do governo, para os casos de supplencia: Antonio Bernardes, que representara o povo, e o advogado Feliciano Nunes Pires.

Feita a resalva que lhe impunha a sua condição de homem de fileira, em tudo Saldanha se revelou absolutamente solidario com o movimento liberal que se operava: ainda que fugisse a iniciativas, como era de esperar-se e comprehender-se, não negou o seu apoio até mesmo áquelles passos de justa resistencia, ás tentativas recolonisadoras das côrtes. Mas, agindo assim, nunca esqueceu que era patriota lusitano, certo, como lhe parecera a principio, de que tudo o que se praticava não tinha em mira lesar a integridade nacional: certo de que se manteria intacta «a união portugueza de ambos os mundos».[3] Quando verificou que o Brazil mudara de rumo, como viu na «Gazeta do Rio-de-janeiro», de 6 de junho, que estampou os decretos de 1.° e 3 do dito mez, proclamações do principe e discurso do orador dos procuradores geraes das provincias, que sufficientemente o esclareceram;[4] quando viu que o rompimento com a metropole era inevitavel, requereu, primeiro a dom Pedro, depois aos collegas de governo, o dispensassem das commissões que desempenhava na America. Adheria «á alta empreza da regeneração» do paiz e do mantenimento de sua «categoria de reino»,[5] dentro de uma só nacionalidade, dentro da sociedade commum aos dous hemispherios; mas, repudiava e tinha o direito de repudiar o projecto que de facto a fragmentava, assegurando não só a independencia do Brazil, como a total separação, sob uma corôa diversa.[6] Intrigas se engendraram, que fizeram

---

[1] Idem, idem.
[2] Coruja, «Anno historico», 80.
[3] Officio da junta de 12 de março de 1822.
[4] Idem de 27 de julho de 1822.
[5] Idem de 6 de março de 1822.
[6] Saldanha explica nobremente a sua situação moral, em officio ao governo provisorio, de 23 de agosto. Diz-se elle «cheio da mais acerba magua por não continuar a empregar-se com todas as suas forças no serviço destes povos, que tantas e tão repetidas provas lhe tem dado de confiança e de amor». Tomo a resolução, de demittir-me (prosegue), «sem comtudo recear que alguem se atreva a taxar-me de ingrato para com os mesmos povos, que acabam de mudar de systema, e ainda quando

gerar no seio do povo a desconfiança contra o presidente do governo provisorio, representando elle até, a esta junta, por via da camara municipal, afim de que Saldanha fosse arredado da capitania, no interesse e segurança da mesma;[1] tudo induz a crer, entretanto, que houve abuso e excesso nas medidas empregadas contra o futuro duque, cuja conducta me parece haver sido a mais generosa que lhe permittia um estricto e escrupuloso lealismo.

Disposto a apeal-o do poder, o vice-presidente do governo provisorio se prevaleceu de uma revista das milicias, para approximal-as da capital, a 24 de agosto, com o pretexto de que recebera avisos escriptos, de que «uma facção» pretendia embaraçar as eleições do dia immediato, para a assembléa legislativa e constituinte; e de que essa facção era apoiada por Saldanha.[2] Isto feito, convocou os collegas a sessão extraordinaria, e dando conta do que dizia saber, propoz que fosse acto continuo deposto o general suspeito, «ou aliaz que o governo responderia pelas desordens que houvessem, porque elle se retiraria da capital naquella mesma noute». Não se deixaram, nem intimidar, nem convencer, os outros membros da administração, porque, em primeiro logar, lhes pareceu perigoso abrir lucta com um official de prestigio, eleito unanimemente cinco mezes antes, existindo como existia um partido que alguns imaginavam em entendimentos com elle;[3] em segundo, porque «não apresentara o vice-presidente taes cartas de avisos sobre a existencia da facção» de que acima se trata.[4] E que não passava tudo de um inconsistente boato, mostrou-o nesse mesmo dia, com a mais perfeita ingenuidade, o ex-capitão general. Emquanto deliberavam em junta, compareceu o accusado, que «apresentou uma carta anonyma em que o avisavam de que os milicianos entravam na capital, na madrugada seguinte», ignorando-se o destino com que vinham. Aproveitou a circumstancia o brigadeiro Felix de Mattos, para esclarecimento das cousas, face a face interpellando Saldanha, a respeito do que corria, sobre a tal conjura, e suas intelligencias com ella. «Não hesitando na resposta, afiançou» elle «pela sua honra, não haver novidade, estar tudo em socego, e serem effeito da intriga as vozes que se espalhavam: — que para mais firmar a confiança do governo, propunha que no dia seguinte, emquanto durassem os trabalhos das eleições, estivesse o governo em sessão permanente, os commandantes dos corpos em palacio, e os dous sargentos-móres, filhos do vice-presidente, nos quarteis, ao cuidado da tropa, e com ordem de não se moverem, sem lá ir

---

houvesse ou haja quem me faça tal injustiça, na collisão de parecer ingrato, ou de faltar aos meus juramentos, e á minha honra: não posso hesitar na escolha». Vide «Gazeta do Rio», de 12 de dezembro de 1822.

[1] Isto foi em data de 15 de julho. Vide Homem de Mello, cit. «Indice chronologico», 135.

[2] Officio da junta, de 29 de agosto de 1822. «Gazeta do Rio», de 12 de dezembro.

[3] Idem, idem.

[4] Idem, idem.

em pessoa o mesmo marechal vice-presidente». Não contente com a lisura de toda a conducta que observava, e se dispunha a manter, «pediu licença para se retirar da sessão, depois de insistir com o governo que lhe aceitasse a demissão dos cargos», para que fôra nomeado. [1]

«Retirou-se com effeito, e o vice-presidente instou que o general fosse deposto», «mas o governo, firme no seu procedimento, julgou que uma tal deposição, e em tal momento, infallivelmente produzia a desordem que convinha evitar»; [2] e agiu com o maior acerto, porque no dia seguinte se effectuaram as eleições, na melhor ordem, conservando-se o general, durante todo o tempo dellas, em sociedade com seus companheiros de governo, qual tinha elle proprio alvitrado, e apresentando de novo, em sessão de 28, o seu requerimento de dispensa e assignatura dos necessarios passaportes para Montevidéo. O que houve depois em nada contradiz a antecedente noticia do papel de Saldanha nos successos de 1821-1822, pondo fim aos expedientes em que, de boa ou má fé, julgaram compromettel-o, a carta régia de 8 de agosto. [3] Por ella, o principe concedia licença ao general, para que se retirasse ao Rio-de-janeiro, seguindo o mesmo para ali, a 29 de setembro, «acompanhado sempre do coronel Manuel Carneiro da Silva Fontoura», portador da sobredita carta régia e ajudante de ordens do governo provisorio. [4] Este chamou de Missões o general José de Abreu, para o commando interino das armas, assumindo a presidencia da junta o vice-presidente, cujo filho, o sargento-mór Gaspar Francisco Menna Barreto foi expedido á Côrte, com um officio directamente endereçado a dom Pedro, e incumbido o mesmo official de dragões de prestar informes a sua alteza, «sobre algumas particularidades», attinentes «ao estado actual desta provincia». [5]

Com a partida do illustre portuguez, mui pouco adiantou a marcha constitucional que vira começar e a que presidiu da maneira já historiada: [6] eis o que se conclue dos monumentos coevos, de todo corroborados pelos do periodo subsequente, que estudarei para diante.

Entrementes, precipitavam-se além os successos em que Antero pretendera ter uma parte primacial. Ao chegar ao Rio-de-janeiro, mais feliz do que na sua terra, viu-se apoiado e logo solto. Tanto elle, como o seu collega Manuel Carneiro, intervieram na jornada de 9 de janeiro, falando o ultimo em nome do Riogrande do sul, e unindo os votos da provincia ao da população fluminense, no appello ao principe, para que ficasse no Brazil.

O movimento da independencia que se alastrava por algumas

---

[1] Idem, idem.
[2] Idem, idem.
[3] Officio da junta, de 28 de setembro de 1822.
[4] Idem, idem, e officio do seguinte dia 30.
[5] Cit. officio de 30 de setembro.
[6] Vide nota no appendice.

provincias, extendeu-se por fim á do extremo-sul do reino; pela primeira vez, as aspirações politicas da zona, que haviam tendido a vibrar de harmonia com as do Rio-da-Prata, se coordenaram com as do novo Imperio.

Sem ter conhecimento da agitação que encabeçaria José Clemente, a camara de Portoalegre, em data de 1.º de fevereiro de 1822, envia a dom Pedro as suas supplicas, para que não deixasse o Brazil.[1] E sabendo do «Fico» e da parte que nelle espontaneamente havia tido o mencionado Manuel Carneiro, não só ratifica abundantemente quanto este expendeu no solemne acto de 9 de janeiro, como se espraia em novas manifestações de sincero enthusiasmo, nisto imitada pelas camaras do Riogrande[2] e Riopardo.[3] Logo depois nomeia o governo provisorio da capitania, um de séus membros, para ir ao Rio-de-janeiro, verbalmente expôr á sua alteza os sentimentos publicos, já expressos nas anteriores manifestações de firme adhesão.[4]

Convocado o conselho de procuradores geraes das provincias, a nossa promptamente adhere ao projecto, designando o seu representante,[5] e ainda com a mesma boa vontade se pronuncía a respeito do acto convocatorio de uma assembléa nacional.[6] O governo provisorio, em seu officio, communica ao principe a exultação publica universal, com o annuncio do faustoso successo, o que, por sua parte, tambem lhe fazem saber varias camaras e «pagos». A primeira edilidade a declarar-se é a de Portoalegre,[7] depois as do Riogrande,[8] Riopardo[9] e villa nova da Cachoeira,[10]

---

[1] Officio da camara ao principe, em 18 de março de 1822. «Gazeta do Rio», de 23 de maio.

[2] Idem, idem, de 24 de abril de 1822. Cit. «Gazeta» de 23 de maio.

[3] Officio da camara ao principe, de 9 de março de 1822 e acta da sessão de 2 de março. Cit. «Gazeta», de 23 de maio.

[4] Officio do governo provisorio ao principe, em 15 de março de 1822. Cit. «Gazeta» de 23.

Foram escolhidos para representar o dito governo, Francisco Xavier Ferreira, em primeiro lugar, e «como segundo delegado», o major José Joaquim Machado de Oliveira. Os discursos que ambos dirigiram ao principe foram impressos na mesma «Gazeta», n.º de 28 de maio.

[5] Foi eleito a 19 de junho para o cargo de procurador da provincia o vigario geral Antonio Vieira da Soledade. Constam da «Gazeta do Rio», de 15 e 19 de outubro de 1822, os discursos que pronunciou a 10 e 12, na presença de Dom Pedro, em nome de seus constituintes.

[6] Bandos do governo provisorio, em 13 e 17 de julho de 1822.

Officio do governo provisorio a José Bonifacio, de 13 de julho de 1822 e bando do mesmo dia. Cit. «Gazeta», de 27 de agosto, e 9 de outubro.

[7] Officio a José Bonifacio, em 13 de julho de 1822. Cit. «Gazeta», de 27 de agosto.

[8] Officio da camara ao principe, em 17 de julho de 1822. Cit. «Gazeta», de 24 de agosto.

[9] Idem, idem, em 3 de agosto de 1822. Cit. Gazeta», de 14 de dezembro.

[10] Idem, idem, em 17 de agosto de 1822. «Gazeta», ci*

seguindo-se-lhes os votos collectivos, em reuniões populares, das capellas de Cassapava[1] e S. Gabriel de Batovy.[2]

Emfim, a 4 e 6 de outubro chegaram á capital as noticias do decisivo grito da independencia, a 7 do mez anterior, e de que estava designado o proximo dia 12, para a acclamação do imperador do Brazil. Os dous portadores das communicações, um sobrinho de Francisco Xavier Ferreira e um snr. Palmeiro, andaram carregados em braços, pelos «enthusiasmados cidadãos da capital», que viram «a 11 publicar-se com explendor um bando», á frente «da camara, tropa, e musica, acompanhando o ex.mo snr. governador das armas Menna Barreto»; bando este que por todas as ruas chamava o povo a reunir-se pela immediata manhã, na praça publica, em frente a palacio.

Ás nove, já formado o corpo de guaranys e o 1.º de milicias, compareceram o governo provisorio e a camara municipal, que occuparam o centro da vasta area: «formou-se o circulo», sendo pelo juiz de fóra lido «um eloquente papel», depois do quê foram proferidos os brados que consagravam a nova dignidade, na pessoa do principe regente. Terminado este acto, o concurso se dirigiu aos «paços do concelho, onde o juiz de fóra correu o véu ao augusto retrato de s. m. imperial, cuja presença deu motivos a novos, e altos vivas». «Tomando assento com a camara» os membros do governo provisorio, «logo o cidadão do estandarte o apresentou á janella, e o juiz de fóra gritou tres vezes, e saudou o nosso immortal imperador, o que a tropa ali postada, e os cidadãos repetiram com enthusiasmo». Recolhido o estandarte, «fez-se o auto de acclamação, no qual juramos preito e homenagem a s. m. i. o snr. dom Pedro de Alcantara. Assignaram muitos cidadãos de todas as classes, mas por ser muito dia, levantaram-se o governo e camara»; encaminhando-se um e outro gremio, com a massa popular, á igreja matriz. «Celebrou-se missa solemne», em que «orou com eloquencia o vigario de Taquary». «Concluida a festividade, o governo e camara» se dirigiram a palacio, «e houve cortejo, concluindo-se o acto ás duas horas da tarde.» As cinco horas saíu á rua uma procissão, «e ao recolher, cantou-se o *Te Deum*»; seguiram-se as «luminarias, estando dispostas» as cousas para que durassem «nove dias, e tres mezes as festas publicas».[3]

A narrativa é resumo de outra, de pessoa que pertencia á administração local, mas, julgo que exprime com verdade o uniforme estado dos espiritos, o subido grau de calor nos sentimentos geraes, que batiam a compasso, irmanados todos os filhos do paiz, no que

---

[1] Officio de Fidencio José Ortiz da Silva e outros, ao major commandante da capella, em 12 de agosto de 1822. Cit. «Gazeta», de 8 de outubro.

[2] Abaixo-assignado, em data de 15 de agosto de 1822. «Gazeta», cit.

[3] Carta do brigadeiro Felix José de Mattos a Francisco Xavier Ferreira, em data de 12 de outubro de 1822. «Gazeta do Rio», de 16 de novembro. Vide igualmente o officio do mesmo dia, de João de Deus Menna Barreto a José Bonifacio.

nessa hora, para o Brazil em peso, era um pensamento redemptor. Se a acclamação, no pensar de muitos estabelecia no paiz um systema de governo que longe estava de ser o que desejariam, unanime era a crença de que assim mais facilmente se punha termo á crise da independencia; o que Felix José de Mattos exprimia, com o dizer que «a acclamação de s. m. nivelou todos os espiritos a um só partido», [1] sendo identico este modo de julgar do general que tivera parte nos successos do sul, e o do seu collega, que agira em commum com os patriotas de Minas, qual exponho em outro lugar. [2] Dreys, que se achava na provincia, em 1822, attesta haver sido grande, em verdade, a «exaltação» do «espirito de nacionalidade, summamente melindroso», que «reina entre os riograndenses». [3]

Rotos pela maneira mais expressa os laços de vassallagem, abriu-se, para logo findar, a chamada «guerra da independencia», que obrigou a mover as tropas regulares e as milicias do Riogrande, sobre a divisão lusitana, senhora de Montevidéo e disposta á resistencia. O Continente viu-se embalado em modilhos nacionalistas, que fizeram esquecer por algum tempo os canticos liberaes dos obscuros e humildes Tyrteus provincianos, cujos accentos já ensaiavam-nos elles á surdina, com o primeiro resalto do enthusiasmo nos corações, — mal contido este, pelas circumstancias que de todo sacrificaram no Uruguay, a surprehendente revolução de maio.

A guerra despertou enthusiasmo, não ha nenhuma duvida. Enganar-se-ia, comtudo, enganar-se-ia redondamente, quem imaginasse que o concurso prestado ao principe, foi o que proclamam os escriptores officiaes ou officiosos. Tudo induz a capacitar-nos de que em muitos houve a leal adhesão ao novo throno e que no maior numero se notou simultaneidade de esforços dos patriotas de outras tendencias, com aquelles citados em primeiro lugar, porque as circumstancias assim impunham, e prova esta reserva, não só na provincia, como fóra della, o systema de *trucs*, para que se appellou, afim de provocar o *espontaneo* e *universal* assentimento...

Dous delles parecem-me extremamente curiosos e extremamente reveladores de occultos manejos, ainda até hoje sem registro, supponho. O primeiro é uma especie de programma, fornecido aos secretos collaboradores [4] do que havia de passar á historia com o nome de «unanime acclamação dos povos», e logrou illudir até mesmo aos mais expertos de nossos investigadores. Eil-o, na integra:

---

[1] Idem, idem.

[2] José Maria Pinto Peixoto.

[3] Pag. 176.

[4] Segundo leio em publicação de Alfredo Rodrigues, o emissario enviado ao sul, pelos organisadores do Imperio, foi o commendador João Rodrigues Ribas. Vide «Biographia de Almeida», 5.

«Os snrs. Emissarios deverão combinar as suas operações por tal fórma que o **Principe Regente** seja acclamado **Imperador Constitucional do Brazil** no dia 12 de outubro pelos Governos, Camaras, Povo, e Tropa das Cidades, ou Villas a que vão dirigidos. Para facilitarem o bom resultado das suas Commissões procurarão enthusiasmar os Povos sobre a necessidade, e vantagens deste passo, affixando as Proclamações que julgarem necessarias, mandando usar dos laços nacionaes, e dando muito valor ao tope da confederação. Nas Camaras devem fazer lavrar Actas circumstanciadas de que o Povo, e Tropa daquelle Lugar declaram solemnemente a sua Independencia, e que por ella protestam dar a vida, e que acclamam **Primeiro Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro,** hoje **Principe Regente,** e Defensor Perpetuo do Brazil, por vontade unanime do mesmo Povo, e Tropa, fazendo sempre a declaração de que o Mesmo Senhor prestará previamente o juramento solemne de — jurar, guardar, manter, e defender a Constituição Politica que fizer a Assemblea Geral Constituinte do Brazil. Logo que os Governos, Camaras, e Tropas lhes tiverem declarado, que estão conformes em dar o passo sobredito, as persuadirão que enviem immediatamente os seus Procuradores a esta Côrte, para se reunirem, e encorporarem (sendo desta Provincia) com a Camara desta Cidade no dia 12 de outubro: e sendo das outras Provincias para felicitarem o **Imperador do Brazil** pela sua elevação ao Throno; farão todos os possiveis esforços para que no mesmo dia 12 de Outubro se arvore em todos os lugares do costume, a nova bandeira Nacional: e que os Vivas que se devem dar em todos os actos sejam os seguintes: «**Viva a Nossa Santa Religião. Viva a Independencia do Brazil. Viva a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brazil. Viva o Imperador Constitucional do Brazil o Senhor D. Pedro I. Viva a Imperatriz do Brazil, e a Dinastia de Bragança, Imperante no Brazil. Viva o Povo Constitucional do Brazil**». [1]

A outra peça de pyrotechnia politica é um não menos arteiro boletim, nestes termos:

«O Deus da Natureza fez a America para ser Independente, e Livre: O Deus da Natureza conservou no Brazil o Principe Regente para ser Aquelle, que firmasse a Independencia deste vasto Continente. Que tardamos? A epoca é esta. Portugal nos insulta... a America nos convida... a Europa nos contempla... o Principe nos defende... Cidadãos! Soltai o grito festivo... Viva o Imperador constitucional do Brazil, o Senhor D. Pedro Primeiro». [2]

«Muitas vezes o que não se vê em uma grande crise (assenta Vicente Lopez), que fica latente debaixo dos successos, é da maior importancia e de mais graves consequencias, que aquillo que occorreu á vista dos espectadores». [3] Tal se pode escrever, a proposito da parte visivel e da parte occulta, da «grande crise» da inde-

---

[1] Exemplar em meu archivo. Quanto estes papeis inclinam a pensar naquelle memoravel julgamento do illustre Rivadavia! «El sistema de gobierno que en el Brasil se trabaja por establecer ó radicar (diz elle), se sostiene principalmente por la influencia de la Europa y elementos del sistema colonial...» Vide em Zinny, 490, carta de 14 de março de 1830.

[2] Exemplar em meu archivo.

[3] Vol. x, 186.

pendencia. Mais tarde, o que se passou entre bastidores, veiu a publico, tornando-se conhecido o que com cuidado se recatava, ou que, pela propria natureza que tinha, devia ficar na sombra. Tal se pode escrever a respeito do retraímento ou reserva, como das publicas manifestações de um povo cujo temperamento politico o futuro duque de Saldanha verdadeiramente tinha adivinhado, quando estampou o que consta de sua proclamação de 20 de agosto: «Nem um momento hesito em persuadir-me, diz elle, que a provincia de S. Pedro do sul ha de breve merecer a admiração e respeito de todos os nossos compatriotas, pelos principios verdadeiramente constitucionaes dos seus habitantes».

Que se não enganava, sobejam elementos para o comprovar na historia subsequente, e a rota que teriam os successos por ella mencionaveis, desvenda-se em uma interessante e valiosa peça do tempo.

Como já expuz, Antero de Brito promovera uma revolta contra a auctoridade do capitão-general Saldanha, morta no seu nascedouro. Mezes depois, os membros da propria junta governativa se pronunciaram contra o dito brigadeiro, porque, segundo elles, se mostrava contrario á causa do Brazil. João de Deus Menna Barreto, como presidente, e seus companheiros, explicando os acontecimentos, em officio para o Rio-de-janeiro, mostram quão difficil lhes fôra resguardar a capitania de qualquer iniciativa dos affeiçoados de Saldanha, como de outros individuos de que tratam, fazendo referencia a um «terrivel partido», existente no sul.

Qual era, esse? Segundo carta já mencionada, de Antonio Bernardes, o povo depois de 1.º de agosto de 1821, se dividira em tres partidos: «o 1.º é o dos corcundas», «o 2.º é o dos constitucionaes exaltados, que sempre prevenidos, e desconfiados, contra o governo de um general, queriam á chegada do que se esperava para governar esta provincia, se installasse uma junta provisional, e o 3.º, o mais cordato, é o partido dos constitucionaes moderados, os quaes fundados na boa nota que havia do dito general, queriam (e com rasão) se experimentasse o seu governo».[1] Qual dos tres merecera a amarga menção dos novos regedores da provincia? Não podia ser o alistado em primeiro plano, porque os absolutistas logo se sumiram da arena politica, repellidos por Saldanha, e só reappareceram nella, depois, em tentamen que chefiavam, note-se bem, os proprios filhos do nomeado heroe riograndense, um dos signatarios da sobredita communicação. E claro igualmente que estes não alludem aos agitadores da terceira categoria, porque o governo provisorio existente era expressão politica desse gremio, conforme consta da correspondencia de Antonio Bernardes. Logo, nos achamos diante do outro, em que procurou apoiar-se Antero, que o coronel tinha buscado sublevar, e com o qual elementos sociaes de seu circulo, mais tarde ageitavam allianças e conluios, de que adiante darei noticia.

---

[1] Cit. carta de 10 de setembro de 1822.

Positiyamente, a junta governativa se queixa dos «constitucionaes exaltados», de cujos passos, depois da «guerra dos patrias», reapparecem vestigios, a partir das eleições de 1828, em Portoalegre. Como sabemos, a pressão exercida pelo governo provincial, com descarado emprêgo da força publica, foi tamanha, que na Côrte, ao proceder-se á verificação dos poderes, houve idéa de annullar diplomas de representantes do Riogrande á camara temporaria. [1] Mas, o que importa registrar, na ordem das considerações que estou produzindo, é que ao surgirem protestos contra irregularidades da meza da capital; explodiu um tumulto de caracter *sui generis*, que nos deixa a descoberto a discriminação politica que se estava gerando, outra vez, com as leviandades de dom Pedro. Nelle se salientaram, entre os que resistiam ao abuso, o dr. Marciano Pereira Ribeiro e Antonio Maria Calvet; dizendo-se que, «no meio desta confusão de vozerias indistinguiveis, se perceberam as seguintes expressões — *fóra, republicanos!*» e que «após, se seguiram vivas, á sua magestade imperial, á Constituição e á independencia», conforme se pode lêr em uma das folhas da provincia. [2]

Positivamente, a junta governativa se queixa desse partido, cuja secreta orientação, feitos e gestos, é natural que não conste dos fastos officiaes e da historiographia que nelles se baseia; mas, cuja marcha para diante, com o tempo se torna perceptivel na ordem dos successos, depois que começou a «formar-se progressivamente um accúmulo de descontentamentos, e de aversão a um dominio tão oppressivo», aversão que, segundo vaticinio do «Nacional» de Buenos-aires, logo depois confirmado, faria «levantar breve um clamor bem forte»: «os povos só esperam uma voz

---

[1] Imagine-se na provincia a impressão deste contraste: o que ocorria entre nós e no Uruguay, em materia de comicios. Dil-o perfeitamente San Vicente, patriota oriental, em carta de 16 de julho de 1828, a Gabriel A. Pereira (vide «Correspondencia» deste, I, 119): «O governo, ao mandar proceder a eleições, vai agir com delicadeza e desprendimento: aos cidadãos de influencia e relações toca o disporem as massas, de modo que os eleitos sejam capazes de salvar a nação».

Entre nós ainda depois de 7 de abril proseguiram os anteriores desmandos, nos periodos eleitoraes. No de 1833, tamanhos foram os escandalos, que o «Observador», folha sympathica ás classes dominadoras da provincia, aceitou uma correspondencia em que espirito independente profliga quanto se praticou de attentatorio ás leis, na escolha dos eleitores parochiaes de Portoalegre. O auctor do escripto diz que foi «o acontecimento tão extraordinario, e imprevisto, que, a seu ver, não tem recurso na mesma Constituição. Por isso (accrescenta), não é sem fundamento, que muitos são de opinião, que o nosso edificio social ainda subsiste no seu primeiro estado de rudez e de imperfeição, *se não se encaminha para a sua demolição...*» Vide n.º de 27 de março.

[2] «Constitucional riograndense», de 11 de outubro de 1828. Collecção em meu archivo.

que os chame a vingar seus aggravos, e a recuperar os seus direitos», accrescenta. [1]

A existencia de semelhante partido, isto é, do que preoccupava o marechal Menna Barreto, como a seus collegas da junta, e provocou as sobreditas scenas e consequentes manifestações de lealismo dynastico; a existencia de semelhante partido, dizia, prova não só que a indifferença dos riograndenses pela sorte do reino, entrevista por Saint-Hilaire, era mais apparente do que effectiva, como que proseguia na sombra a evolução sopitada pelas causas já expostas. Não se commoviam tanto quanto alguns achavam de esperar-se, não se commoviam como outros filhos da America portugueza, porque, para elles naturalmente ainda não tinham surgido «os verdadeiros principios constitucionaes», capazes de os arrastar a uma agitação politica, digna das paixões energicas da fronteira.

A que medrara um pouco, em 1822, tinha findado tão depressa, que Manuel Jorge Rodrigues, commandante das armas, em officio de 29 de dezembro de 1829 declara mortos os sentimentos publicos nascidos com os successos que tiveram logico desfecho a 7 de setembro e desapparecido na provincia o «enthusiasmo nacional».

Não só faltavam ao acto historico daquelle anno todas as condições requeriveis para o effeito, como desacertos memorados em outro lugar contribuiram para matar o que havia surgido. O movimento nacional por excellencia — á luz da marcha politica do extremo-sul — a meza da communhão em que a nossa provincia reparte, sem a minima reserva mental e na plenitude de alma, o pão da fraternidade, com os religionarios de todas as outras, associados ao mesmo rito de sincera fé; esse movimento verificou-se mais tarde, a 7 de abril de 1831. Teve elle retumbancia excepcional no Riogrande, e explica-se porque; vinha dar satisfação ao sentimento que Dreys vislumbrou com tendencias a estreitar-se nos limites da terra natal, com tendencias a superar o apêgo que acaso existisse pela grande nacionalidade, isto é, a restringir-se no amor á pequena, no exclusivo carinho pela patria menor: o que traduz pelo vocabulo — «provincialismo». [2] Poderia haver sido o 7 de setembro, o grande dia collectivo, e o regimen, a arca da alliança, se a conducta immediatamente ulterior, do principe reinante, não persuadisse que se mudara apenas o rotulo de um odioso mando, «dizendo-se que o Imperio do Brazil caminhava para o absolutismo, que lançava suas vistas sobre as fórmas antigas, que todas as suas acções eram de um liberalismo de apparato». [3]

---

[1] Vide «Imperio do Brazil», de 8 de fevereiro de 1826. Collecção em meu archivo.

[2] Pag. 177.

[3] Vide o commentario a este juizo, no «Imperio do Brazil», de 9 de maio de 1826. Collecção em meu archivo.

O «Grito da rasão» (n.º 59 de 1824) diz: «Ha perto de 4 annos que nos dizemos livres, porém até o presente esta liberdade não tem pas-

Ora, tal systema certo inspirava a mais viva antipathia ao commum das creaturas, desde que outras, menos susceptiveis de lhe sentirem os horrores, revelam o nojo e aborrecimento que lhes produzia élle, ou pelo menos as reprovações severas que provocava, até mesmo ainda nas vesperas da revolta de 1820.

Lède-me estas. «A historia da chegada da côrte ao Rio-de-janeiro, e dos trese annos que lá se demorou, escreve Garret, formaria mais escandalosa e vergonhosa chronica, do que os mais repugnantes capitulos de Suetonio e Tacito». «Subitamente uma nuvem de grandes, de magnatas de todas as ordens e gerarchias invadem suas terras, maltratam, roubam, affrontam e fazem sentir aos povos do Brazil todas as *doçuras* e bençams de um governo *paternal* e *legitimo*».[1] E na previsão de futuro e excessivo gabo a algumas me-

---

sado de nome, ou de alguns papeis escriptos». «O povo até agora melhoria alguma tem achado no systema liberal; porquanto ainda subsistem todos os males, e vexames antigos, além de muitos outros não menos consideraveis, que a elles se tem ajuntado». «Emfim tudo se acha no primitivo estado do despotismo, ou para falarmos francamente, todas as cousas tem ido de mal, a peor».

Por estas e outras theorias, o cit. «Imperio» (n.º de 6 de novembro) aconselha o collega a «mudar de titulo» e a chamar-se *Grito da licença*, pois que «esta licença, sempre encoberta, debaixo da reclamação da liberdade politica, é o unico alvo destes famosos innovadores, que mettendo debaixo dos pés a respeitavel sancção dos seculos, pretendem erguer sobre as ruinas de tudo quanto ha de mais sagrado, um templo á frenetica Deusa dos republicanos».

Curioso é notar o que objecta o orgam official, á certa passagem da folha opposicionista. «Uma multidão consideravel de escravos, mandados vir de Africa (observa a segunda), entra diariamente nos nossos portos, os quaes parecendo á primeira vista mui necessarios para o progresso da nossa agricultura, é um grande mal que introduzimos entre nós, á custa de muitos sacrificios, e crimes, sobre o quê já ha muito se deveria ter dado algumas providencias». Observai agora o que oppõe ás previsoras advertencias de um patriota esclarecido e de um nobre ethnico o tardigrado dogmatismo das *altas classes conservadoras*, cujos oraculos saiam a publico, em paginas da tribuna do governo. O «Imperio» reprova «a grita contra a introducção de escravos, *havendo a experiencia já mostrado que nenhuma outra casta de gente, á excepção da africana, poderá supportar a influencia do clima do Brazil*, tão analogo ao da Africa. *Os europeus perdem suas forças debaixo do nosso céu abrazador*, e se nos vissemos em circumstancias de chamar os seus braços, *que vantagens tiraria a agricultura brazileira, sendo preciso habituar os europeus a trabalhar em um terreno, cuja superficie é tão desigual ao da Europa: a dar-lhes um alimento igual ao do seu paiz: e a offerecer-lhes emfim um salario em proporção ao da Europa?*» (Vide n.º de 8 de novembro de 1824).

E são estas camadas sociaes que em todo tempo (hontem, como hoje) pretendem á fina força implantar no espirito alheio um cego respeito á competencia de que se reputam investidas, para o digno meneio dos negocios collectivos!...

[1] «Portugal na balança da Europa», 42, 43.

didas de escasso ou nullo effeito, especialmente immediato, disse mais: «Só no artigo tributos, pagava o Brazil dez vezes menos; quanto aos melhoramentos, o que saíu a lume foram, em *projecto*, os planos de dom Rodrigo, e em execução os palacios dos Lobatos, e as *operações* de Targini». Eu adivinho a objecção laudatoria: quem deprime as vantagens obtidas é um agitador constitucional. Como destruir, comtudo, a justiça do adherente fiel? Saint-Hilaire diz terminante:[1] «Ha 14 annos que o rei chegou ao Rio-de-janeiro e o ministerio nada tem melhorado...» Oliveira Martins, que não participou das luctas em que teve parte aquelle escriptor, não pode ser posto em suspeição. Os seus juizos, no entanto, mui concordantes com os de Garrett. «Quando dom João desembarcou (diz) com os seus duzentos milhões de cruzados, com mais de quinze mil servos tauxiados de fitas e cruzes, conselheiros, desembargadores, marquezes, condes e commendadores, monsenhores e conegos, e dona Maria I douda — os brazileiros, no pasmo natural diante da farandulagem apparatosa da côrte, embriagaram-se, acreditando-se elevados a grandes alturas.

Pouco a pouco foram, porém, vendo quanto valiam esses esplendores da metropole. Os mandarins que sugavam Portugal, apenas sabiam devorar tambem o Brazil. Parecia, primeiro, que a capital portugueza passara para o ultramar, e com ella todas as virtudes e qualidades, verdadeiras ou suppostas, dos portuguezes da Europa; e via-se agora que portuguezes e brazileiros eram ambos victimas de uma familia de roedores dourados e fardados. A nuvem de gafanhôtos que desde o XVII seculo devorava tudo em Portugal, pousava agora no Brazil para em casa o digerir mais á vontade. Os brazileiros, com a educação forte e natural do trabalho, começaram a perceber que não podia represental-os nem dirigil-os esse mandarinato portuguez; e que nada havia de commum entre elles e a côrte, composta de "um principe fraco e boçal, governando em nome de sua mãi louca; de uma princeza intrigante, prodiga e desregrada de quem vivia separado pelas suas constantes infidelidades; e de um rapaz estouvado e ambicioso,..[2] A desordem, a immoralidade, a baixeza,[3] a dissipação da côrte;[4] a venalidade dos

---

[1] Pag. 428.

[2] Gervinus.

[3] «A moral da côrte era a mais baixa», escreve tambem Armitage («Historia do Brazil», 10) e Saint-Hilaire, amigo do rei, diz que era «corrupta» («Voyage dans les provinces de S. Paul et de Sainte Catherine», I, 281). Face a face do principe regente, a mesma cousa ousa proclamar em discurso, o representante do Riogrande do sul, Francisco Xavier Ferreira («Gazeta do Rio» de 28 de maio de 1822) e repete-se no proprio orgam official, onde apparece (n.º de 4 de abril do mesmo anno) uma correspondencia da Bahia, com allusões ao «pestilento bafo de uma côrte tão corrompida, como a portugueza, até que sobre nós descesse o genio da liberdade». Para finalisar, o proprio dom Pedro qualificou a côrte de seu pai, de «desregrada», no manifesto de 6 de agosto!!!

[4] Tamanha era a dissipação, que dom Pedro, no discurso de aber-

mandarins, a subserviencia aos inglezes, e por fim a empreza do Uruguay (1817), fizeram rebentar um protesto antigo, para abafar o qual já em vão se declarara reino o Brazil (1815), unido a Portugal». [1]

A abertura dos portos, o britamento dos monopolios em favor da metropole, certo contavam na folha dos «serviços» de el-rei, sem poderem ter o prestigio de pôr na sombra as negras paginas escriptas com o sangue dos martyres, cuja derradeira desenhava o perjurio do soberano e o massacre da praça do commercio, acto de feroz e imperdoavel barbarismo. A vantagem daquellas medidas geraes, ao contrario, é que ficavam eclypsadas pelo torpe fulgor de factos mais sensiveis, de impressionante iniquidade, de revoltante abuso. [2]

O ultimo julgo-o grande e clamoroso descaro. Por ordem de dom João VI foi toda a moeda metalica do banco do Brazil recolhida ao cofre particular do rei, que se retirava para além-mar, deixando elle a bem dizer fallido, [3] o estabelecimento a que o seu governo devia somma excedente a todo o capital de sua creação, [4] com o que foram logo suspensos os pagamentos. [5]

A despeito do que inculcam os apologistas de hontem e de hoje, a despeito do que inculcam em parciaes louvores, estavam patentes aos olhos de quantos observavam as cousas publicas, «os horrorosos paineis» de que se mostrava assustado, sobremodo assustado, o proprio principe dom Pedro, considerando «arduas e desgraçadas as circumstancias» em que o deixaram no Brazil e parecendo-lhe que ellas o punham a pique de um «vergonhoso sacrificio», em «meio de ruinas»...

Que podia pensar o povo, quando sua alteza se manifestava por maneira tão severa e desconsolada? Não era por certo de attraíl-o a perspectiva de que a nova côrte, fundada pelo filho, pudesse continuar o que havia sido a outra, importada pelo pai, a despeito do que resam em contrario, sobre ella, as loas modernas. Esquecem os seus auctores, que a partida do rei, em lagrimas só elle, enxutos os olhos de todos e evidente a glacial indifferença da generalidade dos subditos; bem mostra que a memoria destes guardava indelevel a lembrança do arbitrio e bastardia da administração a que presidira.

Em verdade, todo o panegyrico se esfarela diante deste indesmontavel depoimento historico: «Quando o rei embarcou, estava profundamente commovido; o povo não deu nenhum signal de

---

tura da assembléa constituinte, disse: «A despeza da casa de meu augusto pai excedia de 4 milhões; a minha não chegava a um». Botafogo, 5.

[1] Oliveira Martins, «O Brazil e as colonias portuguezas», 103.

[2] Vide Armitage, 10. Saint-Hilaire, «Voyage à Riogrande do sul», *passim*.

[3] Fala do throno de 3 de maio de 1823.

[4] Amaro Cavalcanti, «Meio circulante nacional», I, 42.

[5] Candido Baptista de Oliveira, «Systema financial do Brazil», 57. Pandiá Calogeras, «La politique monétaire du Brésil», 35.

pesar». [1] A noticia é de um amigo, mui devoto da pessoa do retirante: é de Saint-Hilaire, que antes de volver ao Rio-de-janeiro prenunciara o «despreso» de que via ameaçado o chefe da dynastia. [2] Sabem todos, entretanto, da sensibilidade de que a raça é dotada. Gelavam-na o conhecimento do que se passara nos bastidores do palco real; o sangue dos martyres pernambucanos; os enormes dispendios no Rio da Prata; a fantastica desproporção entre os recursos do paiz e as exigencias do fisco; o peso inutil de um systema administrativo iniquo; a selvageria da chegada; o escandalo da volta; a convicção de que «sua magestade, saindo do Brazil não deixava nelle outros elementos de governo, senão auctoridades despresadas e desgraçadamente pela maior parte despresiveis, tropas detestadas, e infelizmente, pela má conducta de muitos de seus membros, merecedoras da geral execração»: [3] — sobretudo — o surto e progresso de aspirações ainda indecisas e tenues, mas, puras e velozes como as aguas que descem das serras. Perdem-se ellas, na immobilidade dos tremedaes inuteis, se o terreno lhes embaraça o curso, em baixo; se, porém, um feliz abalo cosmico, ou o trabalho dos homens, transforma a superficie impropicia, o liquido, destruida a repreza, prosegue livre, mudando um fio em regato, em ribeiro, em rio, que vai á méta, antes vedada, e confunde as ondas com as do oceano. «A revolução existia cheia de vigor no coração do Brazil: o minimo impulso, levissimo toque faria rebentar num instante todas as comportas apodrecidas, que reprezavam a torrente da civilisação». [4]

Se na Côrte da monarchia as chagas visiveis de um regimen decadente o tornavam hediondo, no Riogrande creara elle, por fim, uma situação irritantissima, segundo a maneira de julgar de um animo sereno, amigo e parcial de dom João VI, de quem me quero servir quasi exclusivamente na pintura da epoca, visto o indiscutivel merito de sua absoluta insuspeição. O illustre viajante expõe o que ouviu em Missões e na «costa da serra». Lá, «arrebatam os gados para alimento das tropas, assegurando-se-lhe geralmente que o producto annual de todas as vaccas da antiga Republica jesuitica em destrôço, não basta para as rações que se distribuem, e esses

---

[1] Pag. 486.

[2] Pag. 428.

[3] Conselheiro Sylvestre Pinheiro Ferreira, «Cartas sobre a revolução do Brazil», a 8.ª.

Da gente que ficou a servir com dom Pedro se diria nas côrtes de Lisboa, que encaminhava o Brazil a «uma bancarrota quasi infallivel». Isto, afirma-se, «por effeito do desgoverno e delapidações de um ministerio corrompido». E uma folha do partido da independencia, que apoiava o principe, commentando o discurso a que alludo, a seu turno faz uma declaração que confirma aquelle juizo: «O soberano povo do Brazil não só não tem culpa das delapidações, do desgoverno, mas tem a queixar-se das violencias e despotismo do mesmo corrompido ministerio». Vide «Correio do Brazil», de 9 de maio de 1822. Collecção em meu archivo.

[4] Garret, 46.

fornecimentos nunca se pagam.[1] Em S. Xavier o estancieiro que hospeda o naturalista, declara o proposito de abandonar o paiz, afim de subtrair-se aos vexames: seus bois e cavallos vivem requisitados e tomam-lhe, como aos lavradores da visinhança, um grande numero de novilhas para o municio dos soldados. Todos os portuguezes se queixam dos sacrificios a que os obrigam» «e é evidente que deveriam já ter tido um termo».[2] Na Estiva, entra o francez em fazenda onde ouve as vozes da colera popular, que se generalisa. O riograndense «queixa-se a brados dos abusos de que são victimas constantes os agricultores desta capitania, particularmente elle, e muito espera das côrtes. Acontece seguidamente que os officiaes tomam os cavallos e bois dos fazendeiros, promettendo devolvel-os da estancia visinha, e o proprietario não os revê nunca mais. Algumas vezes roubam-nos, mais communmente levam-nos para muito longe e os abandonam, quando não os podem mais fazer andar, ou então cortam-lhes a ponta da orelha e tornam-se por isso propriedade real».[3]

Descriptos os insupportaveis desmandos, o estranjeiro appõe com justiça o seguinte commentario: «Como tudo se faz por via de arbitrio e violencia, não se observa nenhuma regra nas requisições e aquelles que têm o direito de impol-as não se dão ao trabalho de se dirigir ao commandante, o qual unicamente estaria no caso de prescrever um equitativo repartimento de semelhante onus: apoderam-se dos animaes dos agricultores, que lhes parecem necessarios, ou daquelles que acham em caminho pelos campos, e assim todo o peso do sacrificio recai sobre os proprietarios visinhos das estradas.

Disse eu alhures que tomavam posse nas estancias, do gado preciso para o municio das tropas e que por muitos annos não no pagavam. Actualmente, vai-se além. Tempo ha que arrebatam deste districto bastantes rezes, para Belem ou capella de Alegrete,[4] e adoptou-se um excellente meio para que os donos não fatiguem a ninguem, com as suas reclamações: não se lhes dá nem mesmo um recibo».

Eis aqui finalmente o exacto e completo juizo do naturalista. sobre o misero estado do Riogrande do sul, ao romper o levante constitucional do Porto: «Os abusos chegaram ao cumulo, ou, melhor, tudo é abuso; confundidos os diversos poderes, o dinheiro

---

[1] Saint-Hilaire. Pag. 356. O viajante não encontra esse clamor só nessa fronteira. Avisinhando-se da de S. Thereza, ouve as mesmas queixas. «Este homem (diz elle, referindo-se a um habitante da zona) clama vigorosamente, como muitos outros, contra os vexames que commettem os militares, que usam da violencia para se apoderarem dos cavallos dos estancieiros, e em seguida os vendem; por vezes, tomam as vaccas nos campos, matam-nas para comer um par de libras de carne e abandonam o mais». Pag. 124.

[2] Pag. 218.

[3] Pag. 444, 445.

[4] Postos militares dos portuguezes.

e os favores decidem de tudo. O clero envergonha a igreja christã. A magistratura nem tem probidade, nem honra; desgraçados ha que apodrecem nas prisões, sem julgamento, sujeitos a processos interminaveis, e sendo contradictorias as leis, de qualquer maneira que o juiz decida, pode achar sempre escusa em uma lei qualquer. Os empregos se multiplicaram ao infinito, as rendas do Estado dissipam-nas os funccionarios e os favoritos, as tropas não têm paga, os impostos se assentam ridiculamente, todos os empregados malbaratam, o despotismo dos subalternos attingiu o paroxysmo, o arbitrio introduziu-se em tudo e a fraqueza marcha a par da violencia». «Emfim, chegou-se á perfeição de reprimir todos os sentimentos elevados, a abafar a honra e a delicadeza no seio de uma nacionalidade naturalmente engenhosa e magnanima». «Não é de pasmar que os brazileiros rejubilem com o vêr chegar a epoca de ũa mudança qualquer; é antes maravilha que tenham por tanto tempo soffrido a tyrannia que os opprime. Os habitantes desta provincia, entre outros, prestaram serviços na guerra, todos elles, durante um grande numero de annos, e quasi nunca receberam soldo. Emquanto concorriam com suas pessoas nas fileiras, tomavam-lhes seus cavallos, bois, carretas; não se lhes pagava nada e suas familias ficavam expostas aos vexames e rapinas de subalternos e chefes: entretanto, a um grande numero desses homens não se lhes ouve até mesmo murmurar. Pode-se dizer com inteira verdade, que os francezes não supportariam sem revoltar-se, a centesima parte do que aturam com tamanha paciencia os habitantes da capitania do Riogrande». [1]

Não pode haver exagero neste austero julgamento, declarei já, porque em muito o confirma o presidente Salvador Maciel, ainda em 1828, (*signal de que os antigos abusos continuavam, depois da independencia*, notai bem): «Os males inseparaveis de uma guerra prolongada, e assoladora, tornam o quadro actual da provincia, pouco lisonjeiro; todavia, a benefica influencia da paz (debaixo de cujos auspicios se installa este sabio conselho) e as virtudes que adornam os riograndenses, restituirão em breve a esta bellissima provincia o seu brilho e prosperidade.

. . . .

A guerra, e antigos abusos, inherentes a esta provincia, têm mallogrado até agora, todas as diligencias empregadas, para que seja geral e religiosamente observado o § 22 do artigo 179 da Constituição, e precisam-se medidas terminantes, para que os habitantes do campo, não continuem a ser incommodados, senão quando

---

[1] Pag. 428, 429, 454, 455. Todos estes «attentados», «com horrenda infracção do sagrado direito de propriedade», se confessam no decreto de 21 de maio de 1821 («Gazeta do Rio», de 26), em que o principe regente estatue alguns remedios para semelhantes males. Inutil dizer que tudo se reduziu a mais um, naquelles «papeis escriptos», a que allude com desconsolo o «Grito da rasão».

indispensavelmente o serviço do Imperio o exija; e que em caso algum elles sejam lesados em sua propriedade, de qualquer natureza que seja». [1]

O proprio dom Pedro referiu-se com acrimonia «á continuação dos velhos abusos, e o accrescimo de novos, introduzidos, parte pela impericia, e parte pela immoralidade e pelo crime», sob o sceptro do monarcha lusitano. [2] Como sinceramente ou rasoavelmente casar este isempto juizo, com as apologias que entendem desconhecer mazelas que nem o filho de dom João VI escondia?!

Entendeu-se que era de sazão a mentira, para arranjo do scenario em que se produziu o acto official da independencia, e reconhecemos, com facilidade, as vantagens que della tiraram os interessados em dar-lhe uma certa apparencia. Manter o embuste na historia, ainda hoje, antolha-se-me uma fraude repugnante e inepta; mais sensato e mais honesto aceitar os factos com a «nudez forte da verdade», sem encobrir torpeza alguma acaso existente, com «o manto da fantasia». A emancipação nunca a devemos nós ao principe-regente; estava feita: «era uma consequencia necessaria e inevitavel da revolução de Portugal». [3] Melhor, estava feita desde que, entrando os exercitos de Bonaparte em Lisboa, reduziram o reino europeu a um proconsulado do grande usurpador: independente da metropole «já se achava o Brazil desde 1808». [4] Levissimo toque, em rapido instante, escreveu Garret, bastaria para desconjuntar o Imperio de dom João e erigir o novo, que alguns projectavam, ou uma Republica, que outros queriam. «Esse instante não tardou». [5]

O soberano, bem que de espirito detençoso e ronceiro, percebeu que se avisinhava a desmembração dos vastos dominios de sua corôa. Dahi o induzimento ao primogenito, seguramente impressionado com o que occorrera na sessão do conselho-de-estado em que se assentou o regresso da côrte a Lisboa. Foi de abalar-lhe o animo o vaticinio do clarividente Sylvestre Pinheiro Ferreira, o egregio Turgot lusitano: «Sendo eu o ultimo a falar, comecei refutando esta ultima razão (a formulada pelos que sustentavam a conveniencia de manter a séde do governo na antiga metropole); e procurei demonstrar que, bem pelo contrario, do

---

[1] Fala do presidente perante o conselho geral da provincia. Vide «Constitucional riograndense», n.º 57 de 1828.

Nesta propria folha, n.º 59, appareceram umas glosas ás palavras do presidente, contidas no ultimo paragrapho citado. Eram da lavra de Lourenço Junior de Castro, portuguez de origem e posteriormente membro activo do partido caramurú, o que dá a seus juizos uma grande insuspeição. Figuram no appendice.

[2] Manifesto de 6 de agosto de 1822.

[3] Memoria do principe de Metternich, em Oliveira Lima, «Formation», 174. Discurso de Castro Silva, na camara temporaria, vide «Observador», de 16 de agosto de 1834.

[4] Oliveira Martins, «O Brazil e as colonias», 104.

[5] Garret, cit. obra.

momento em que sua magestade deixasse o Brazil, se devia considerar este paiz como separado de Portugal...... e portanto irremissivelmente dissolvida a monarchia portugueza».[1] Desconveiu a maioria do conselho; o rei, porém, abriu-se com o filho na sabida confidencia.

Com o impulso paterno que o atirava para a frente da prevista revolta, a que, por outra parte, alguns homens habeis o attraíam, o principe herdeiro, que já lhe estava inclinado, resolveu-se.[2] «Vale a pena demorarmo-nos a descriminar bem o valor dos actos de dom Pedro? pergunta Oliveira Martins. Afigura-se-nos que não. Elle era um instrumento, mais que um agente. Governavam-no mais as condições das cousas, do que se impunha aos elementos sociaes. O proprio modo, absolutamente opposto, por que é julgado, demonstra a verdade desta opinião. A independencia do Brazil era um facto necessario, como consequencia da historia anterior, e não o acto voluntario de um homem. Esse facto é o importante, secundaria a intervenção quasi passiva do principe. A ambição que o impellia não tinha ao seu serviço uma intelligencia brilhante nem culta; era apenas um cego instincto de gloria apparatosa, e de irrequieta desenvoltura, um amor da intriga, uma paixão do poder, que o genio da mãi lançara no espirito dos dous filhos».[3]

Diante da bandeira que esposou com um vigor que o honra, enrolaram a sua, os varios partidos que se esboçavam e comprehenderam a necessidade da commum cooperação de todos, pelo triumpho uniforme da autonomia, nas varias regiões do paiz.

Deram-lhe apoio franco, mas não se lhe entregaram sem condições, como talvez esperou. Ao contrario, entenderam conservar-se em guarda e vigilantes, pois que motivos havia para uma cautelosa reserva. Um dos principaes foi este.

Depois de prestarem os melhores serviços á causa nacional, no momento de firmar-se definitivamente e expressamente a independencia do Brazil, os Andradas a compromettiam por uma politica que breve excedeu em vexames á do proprio absolutismo: «o serviço de espionagem» por exemplo, «era levado a maior rigor do que nunca o fôra sob o regimen despotico de dom João».[4] Reaes e unicos directores do que surgia, em vez de instaurarem um systema que firmasse a harmonia collectiva, restabeleceram em seu favor o que o antigo tinha de peor, usando á mão larga de processos arbitrarios contra os elementos radicaes, que, ou

---

[1] Cit. carta.

[2] Sylvestre Pinheiro Ferreira. A 3.ª carta consigna opinião esclarecedora das secretas disposições do principe. Tratava-se da idéa de o mandar para Lisboa: «Se me é licito adiantar a minha particular conjectura, sua alteza não parte. Elle não o quer». «Foi sua alteza apalpado pelos partidistas da independencia (diz Armitage, pagina 38), e consta prestara favoravel attenção aos promotores deste plano».

[3] «O Brazil e as colonias», 108.

[4] Armitage, 64.

porque foram reprimidos ou porque se contiveram no curso da lucta pela unidade nacional, não se queriam mais submetter e oppunham depois resistencia aos excessos dos ministros, sobremodo auctoritarios.[1] Fieis a seu ideal, os perseguidos almejavam pôl-o em pratica, no que era possivel: a poderosa familia que acariciava o que lhe era proprio, e que pretendera instituir *per fas et per nefas*, não escolheu meios para firmar o predominio e esmagar os companheiros de poucas horas antes, na campanha emancipadora,[2] com olvido daquelle generoso programma exposto por José Bonifacio, na hora de seu advento politico: «Senhores, (disse) este deve ser o dia da reunião de todos os partidos, da reconciliação geral entre todos. Não nos lembremos mais do passado; desappareçam odios, inimizades, e paixões: a patria seja a nossa mira. Completemos a obra de nossa regeneração com socego e tranquillidade, imitando a honrada e gloriosa conducta de nossos irmãos de Portugal e Brazil».[3]

O exclusivismo da talentosa trindade paulista podia ser benefico, entretanto, se o aggravo ás pessoas, se desculpasse com a necessidade dos tempos, e com a urgencia da força governativa, por bem de resguardar-se o programma regenerador, de que em parte a mesma se incumbira e de que em outra parte se devia incumbir a assembléa da nação. Reunida esta, porém, verificou-se que não poderia deliberar, como era da competencia de um congresso soberano. «Os Andradas gosavam então de toda a preponderancia e aproveitando-se do predominio que exerciam no *Apostolado*, do qual dom Pedro era presidente, ali discutiam todas as materias que tinham de ser submettidas á assembléa; e até se asseverou que elles mesmos lembraram o plano de a dissolver, no caso de ella pretender subtrair-se a este systema de dictadura».[4] Vê-se do exposto, que por imbuidos de semelhante doutrina, é que os mentores do chefe do Estado o induziram a restringir o poder constituinte, declarando o principe, alto e bom som, que se reservava o direito de approvar ou não a Lei fundamental.[5] O que isto significava para os reaccionarios, breve ficou de todo manifesto, em successo que produziu profundo alarma no Riogrande do sul e estremeceu a consciencia juridica de todo o paiz.

Dous filhos do marechal João de Deus Menna Barreto, presidente da junta governativa, o tenente-coronel Gaspar Francisco e o major José Luiz, officiam-lhe a 19 de junho,[6] com a subversiva notificação de que tinham resolvido marchar com toda a tropa,

---

[1] Oliveira Lima, «Formation historique de la nationalité bresilienne», 165.

[2] Pereira da Silva, «Historia da fundação do Imperio brazileiro», *passim*. Mello Moraes, «A independencia e o Imperio do Brazil», 104.

[3] Discurso ao crear-se a junta governativa de S. Paulo. «Gazeta do Rio», de 24 de julho de 1821. Collecção no meu archivo.

[4] Armitage, 82. «Imperio do Brazil», n.º de 4 de março de 1826.

[5] Armitage, 80.

[6] 1823.

que commandavam, afim de na praça publica e em presença de todas as auctoridades civis e ecclesiasticas, ratificarem e ampliarem o juramento de inabalavel fidelidade *á pessoa do imperador.* [1]

A insubordinação era de immensa gravidade; obteve, comtudo, a acquiescencia do governo local. Realisou-se, com estrondo, o acto de caudilhagem militar, assignando-se um termo em que — aberta a assembléa constituinte — homens de farda e funccionarios civis prestavam solemne juramento de «fidelidade, amor, respeito e adhesão ao Augusto Imperador», e «á Constituição, que fizer a Assembléa Geral Constituinte e Legislativa do Brazil *na conformidade em que a jurou S. M. Imperial, isto é, se fôr digna delle* e do mesmo Brazil *e por ella tiver o mesmo Augusto Senhor o* VETO ABSOLUTO». É certo que dom Pedro, obedecendo á deliberação do congresso, mandou abrir devassa, suspendeu do exercicio do cargo os mais compromettidos, removeu para fóra da capital o presidente do governo provisorio, demittindo, com passaportes que o forçavam a saír da provincia, o secretario da mesma junta, Bernardo Avelino Ferreira de Sousa, conhecido poeta. [2] Ninguem se tranquillisou com isto e a verdade é que o rumo dos acontecimentos contribuia para tristes vaticinios. Na propria data em que o correio entregava em Portoalegre a portaria, ordenando essas providencias castigadoras, o imperador montava a cavallo e num rompante absolutista dissolvia a assembléa dos representantes, a 12 de novembro de 1823.

A atrevida attitude dos retrogrados aliaz muito antes começara a inquietar os animos. Fiz notar que o povo assistiu, de longe, ás ceremonias constitucionaes do anno 21 e direi agora ter sido tão pronunciada a esquivança, que, no Riopardo, a esse tempo centro urbano importante, concorreu exclusivamente o officialismo, ao cortejo que saíu á rua, para o previo juramento da vindoura Carta fundamental. Ainda que generalisada a fria espectativa a que me hei referido, não deixou de causar impressão, entretanto, que alguem, na provincia, se negasse ao preceito, com as rasões que deu para escusa o remisso, conhecido parente dos promotores do seguinte motim de junho. Convidado por Lecor, a prestar a sua adhesão solemne ao diploma politico que estava a decretar-se, a pessoa em questão respondeu que se submetteria á forma de governo que pretendessem introduzir as côrtes, mas que tinha promettido ser fiel ao rei e não prestaria outro juramento, emquanto lhe o não tivesse elle permittido. [3] O auctor das declarações era o

---

[1] Pretextato Maciel, «Generaes brazileiros», I, 157.

[2] Portaria de 6 de outubro. (Vide officio do governo provisorio, de 14 de novembro de 1823). Com a saída do marechal Menna Barreto, coube a presidencia da junta ao brigadeiro José Ignacio da Silva, a secretaria militar, que este desempenhava, ao major José Joaquim Machado de Oliveira, convocando-se para a falta entre os vogaes, o reverendo Thomé Luiz de Sousa. (Vide officio do sobredito governo, em data de 2 de dezembro seguinte).

[3] Saint-Hilaire, 462.

coronel Sebastião Barreto Pereira Pinto e fôra o lance interpretavel como um arranco de cavalheiresco respeito a compromissos do pundonor militar, se o monarcha o não tivesse já desobrigado, dando exemplo de acatamento á vontade do povo, da maneira mais expressa que é possivel.

Successos ulteriores esclareciam a conducta de Barreto. O circulo a que estava ligado o commandante de dragões, por tendencias, como por laços de familia, era o que pouco depois se exhibia no desmando imperialista acima registrado, e que, antes delle, se procurava radicar na direcção collectiva, por via de actos de prepotencia, que gerassem o terror nas fileiras liberaes. Vêde um exemplo.

Tardava a promettida reunião da primeira assembléa nacional; alarmados com isso, alguns patriotas disseminaram uma proclamação, do punho de um delles, o padre Antonio Pereira Ribeiro, vigario de Taquary, instando pela convocação immediata dos eleitos do povo. Declarava o papel que «o governo representativo é o systema que temos adoptado todos os brazileiros», e alludindo a notorias tramas liberticidas, inquiria: «Não salta aos olhos ser a este systema repugnante o poder que se quer dar ao chefe da nação, de um veto absoluto, ao que fôr resolvido e determinado pela assembléa? Não é concentrar novamente no throno todo o poder politico, querer-se, officiosa mas illegalmente, outorgar semelhante attribuição ao executivo?» Exposta a doutrina dos patriotas liberaes, o padre se dirigia ao soberano, esclarecendo-o e desvendando os secretos estimulos do aulicismo egoista. «Sem outra mira, outra ancia mais que a sua fortuna particular», «finos aduladores, astutos cortezãos», «que habilmente aproveitam as occasiões», «para illudirem a boa fé» «daquelle que nelles confia; inspiram-lhe (com o especioso pretexto de amor, respeito, e dever á sua augusta pessoa, á sua alta dignidade) idéas de despotismo, para serem tambem pequenos despotas e pescarem depois a salvo nas revoltas aguas da discordia!» «Alerta, brazileiros!» exclamava. «Procuremos arrancar a mascara a nossos occultos e crueis inimigos; façamos-lhes guerra por toda a parte onde os sentirmos encastellados». «Talvez possam elles fazer sobreestar o movimento da grande machina, e paralysar seu medramento; não conseguirão, porém, levar ao cabo seus damnados intentos». «Alerta, brazileiros!»

A peça, escripta com elevação, premunia o leitor contra erroneas interpretações, porquanto affirmava expressamente não ter em vista «a guerra contra as auctoridades publicas» e sim «dizer francamente a sua magestade imperial, que nas actuaes circumstancias só a Constituição pode ser a egide capaz de salvar a sua alta pessoa, e toda a imperial dynastia, dos horrores da licenciosidade da anarchia, e, ao seu povo, dos golpes do despotismo». [1]

Pois bem, apesar do caracter que tinha a publicação, a despeito do decreto vigente sobre a liberdade de imprensa, foi o padre

---

[1] Folha solta. Exemplar no meu archivo.

mettido em prisão, na companhia de Lourenço Junior de Castro, que «disseram correio», e tambem na de Antonio Candido Ferreira, *porque leu o papel*, sendo mandados, os tres, para a fortaleza da ilha das Cobras, de onde saíram em 22 de agosto, cinco mezes depois do curioso delicto!

A perseguição fôra obra do coronel Gaspar Francisco Menna Barreto, filho, como já disse, do presidente da junta governativa, e cunhado do juiz da comarca. O terror que diffundiu foi de tal ordem, que outro membro da mesma junta, citado como testimunha, denunciou ter noticia da existencia da incriminada proclamação, por havel-a visto lêr em casa, por pessoa que estava sob seu tecto... Nomeada esta, João Pereira Vianna, negociante de Pelotas, a policia se lhe poz no encalço activamente; não logrou, por fortuna, descobril-o, tendo assim relativo descanço a consciencia do infeliz violador das sacras leis da hospitalidade.[1] Mas o episodio é dos mais typicos de que se possa valer o chronista, para retratar não só a «ordem constitucional» que surgia, como os processos a que estavam habituados os prohomens do velho regimen, determinados a prolongal-o, com o imperador, depois do rompimento dos liames de sujeição á metropole e mentiroso fim do periodo colonial.

Decretada a Constituição, tudo continuou a concorrer para a persistencia dos «sinistros boatos», de que falara o vigario patriota: para aggravar até mesmo «as desconfianças» suscitadas pela duplice conducta do imperador, oscillante entre os impulsos de uma vontade indomada e o seu papel, fixo na Carta de 25 de março.

«O facto de tanto demorar o governo a pratica da Constituição, não convocando a reunião da assembléa legislativa do Imperio prestava fundamentos a suspeitas de que elle não desejava sinceramente o regimen representativo, e de que a Constituição fôra apenas um laço destinado a serenar e illudir o povo, que desde a dissolução da assembléa constituinte se manifestava ancioso de obter o regimen parlamentar e representativo».[2] Por outro lado, os absolutistas reproduziam a leva de broqueis do anno anterior. A liberdade de imprensa desapparecera e aproveitaram-se da meia-luz em que vivia o paiz, para o livre proseguimento de seus trabalhos em prol de uma nefanda obra, contra a qual os liberaes não dispunham do que era necessario para um vigoroso rebate, que acordasse o povo. Acabaram enviando claras petições a dom Pedro, para que reassumisse o poder omnimodo e fosse annullada ou suppressa a Lei das leis, notabilisando-se pela franqueza da linguagem, as de S. Paulo e do Ceará, com a circumstancia de haver sido tra-

---

[1] Antonio Candido Ferreira, «Manifesto ao respeitavel publico». Folha solta, em meu archivo.

[2] Pereira da Silva, «Primeiro reinado», 21.

çada a da segunda provincia, á insinuação de Conrado Niemeyer, commandante das armas!

Peor ainda do que o effeito gerado pela indebita e suspeita immiscuição dessa auctoridade militar, foi o que teve no Riogrande o pronunciamento de Montevidéo, capital da visinha Cisplatina e séde de uma forte guarnição de 2.000 veteranos. Cabildo e syndico (num clamor de escravos, deliberados a conseguir o esquecimento de que haviam servido á liberdade, com os patriotas de 1810) reclamavam, a 17 de dezembro,[1] em «memorial cheio de baixezas repugnantes», a volta do suspirado regimen do arbitrio.[2] O imperador mandou um ministro desenganar os namorados incorrigiveis do despotismo, «declarando positivamente que só queria o regimen constitucional». O que os factos demonstraram depois, comtudo, é que secretamente os applaudia: incitava até á imitação, poisque, depois de agir como registrei, em cubiçados galardões lhes deu uma publica prova de sua alta estima. No dia anniversario do chefe da nação, entre 40 individuos de merito duvidoso, receberam as insignias da nova ordem honorifica do Imperio, Conrado Niemeyer, o syndico e membros do cabildo uruguayo, bem como o cidadão Teixeira de Freitas, de Itaparica, que se mostrava, quaes esses outros, devoto da soberania illimitada do principe.

Suspensa a Constituição já o estava. «De facto o imperador concentrara todas as attribuições auctoritarias e de arbitrio», diz um chronista amigo do throno.[3] «Continuava-se em toda a parte a soffrer um governo absoluto, conquanto outorgada, proclamada, e jurada em todo o Imperio, a Constituição politica».

Tambem a crença geral era a de que o principe se precipitava, com o Brazil, no vortice das revoluções...

A de Pernambuco foi logo vencida, unicamente por falta de uma cabeça militar que a dirigisse, promovendo uma rapida offensiva ou uma defeza capaz. Esta bastava. Se resistem, com alguma firmeza, os patriotas da Confederação do Equador, a solidariedade fôra talvez geral. Creio mesmo que irrompera unanime a revolta, no seio da nação escandalisada com o inteiro descaminho de dom Pedro, se um acontecimento já previsto não arrastasse a synergia collectiva a outro alvo, empregando-a no amparo da «honra nacional». Como em 1811, ia sacrificar-se na fronteira o movimento politico: a nome dos interesses da corôa, os riograndenses, como todos os brazileiros, entravam em guerra aberta contra o espirito de autonomia dos orientaes, esquecendo a delles, que estava seriamente ameaçada, ou, antes, muito compromettida.

Finda a guerra, o Riogrande viu-se em ruina. Além da perda nas vidas, preciosas algumas, a fazenda publica ficara quasi aniquilada. Despovoara-se a campanha, talada systematicamente pelas partidas do inimigo, ainda após a assignatura da paz. Depois

---

[1] De 1824.

[2] Berra, «Bosquejo historico da Republica oriental do Uruguay», 516.

[3] Pereira da Silva, cit. obra, 9.

mesmo de 27 de agosto de 1828 emprehendiam incursões, que tocaram adiante de si, em tropas immensas, milhares de cabeças de gado existente ao norte do rio Jaguarão e conduzido para o departamento contiguo de Serrolargo.

As entradas continuaram até o fim do anno citado. Em novembro, Servando Gomez, com uma força, levantou 13.000 rezes; outro tanto fez o capitão Francisco Oribe, segundo informes de Bento Gonçalves ao ministro da guerra, o coronel Antero de Brito. [1] Rivera deixou Missões em fim de dezembro, levando um comboio relembrativo de uma dessas migrações da Asia central, em que um povo nomade arrasta comsigo todos os seus haveres. Para cima de 60 carretas, [2] «com estatuas de santos, com ornamentos e sinos das igrejas», com todo o trem caseiro dos habitantes, [3] transpuzeram o Ibicuhy, seguidas por 20.000 animaes vaccuns, quasi todos pertencentes ás estancias ou burgos guaranys, montando o colossal rebanho a mais de 80 milhares, [4] ao cruzar a caravana os limites meridionaes do districto de Entre-rios.

Deixam traz si o deserto, as nações de que falei. Assim ficava o antigo dominio dos padres, a oriente do Uruguay: uma solidão de todo desoccupada, errantes para outras terras, as ovelhas da catechese, — «parte alliciada, parte forçada, a povoação inteira das sete missões !» [5]

Nessa fonteira, dispunha o exercito de «um corpo de infantaria, de outro de milicias e de algumas tropas de Alegrete, Portoalegre e Missões». Estacionavam no primeiro dos lugares citados, sob as ordens do coronel Bento Manuel Ribeiro, que «não incommodou a retirada de Rivera». «Sómente depois que este tinha passado além de Alegrete, tratou de lhe tomar a dianteira em Touropasso, o que fez deixando a infantaria na referida villa». [6]

Segundo o padre Gay, á conta de quem corre este e o anterior informe, o coronel brazileiro contentou-se com o facto de receber de dom Fructo «umas rezes magras de Missões para municio; e pela meia noute mandou marchar de retirada a tropa de Missões que não enxergava aonde ia, dispersou as outras tropas, e elle mesmo se retirou para Alegrete».

Como esqueceu o dever de militar e patriota ? Receio do outro,

---

[1] Relatorio, em data de 15 de agosto de 1834.

[2] Gay, «Republica guaranytica», 620.

[3] E os escravos existentes, diz Bento Gonçalves (Relatorio de 15 de agosto). Antonio Diaz affirma que tambem levantou Rivera «os artigos do commercio», pondo-se em marcha, «*con el gran arreo*, de las haciendas entrosadas», (I, 153).

[4] Perto de 90.000 diz Bento Gonçalves e Antonio Diaz (I, 153) eleva a somma a «100.000 animaes».

[5] Gay, 620. Antonio Diaz tambem declara que parte dos indios marcharam constrangidos pelo general: «se tinham resignado a seguil-o, com a esperança de recuperar a sua propriedade», mesclada a de uns com a de outros, no saque universal, (I, 153).

[6] «Republica guaranytica», 621.

não podia ser: dispunha de força armada regular e a de Rivera era pouca. Pacto entre ambos, uma dessas connivencias de fronteira, tão communs no sul? Impossivel descobril-o, sobretudo em alma como a do futuro brigadeiro; a conjectura, baseada no feitio moral commum, quantas vezes falhou, na interpretação das acções que a sua hoje provada amoralidade produziu!... O que é certo é que, posta de parte a multidão sem meios de combater, o gaucho em retirada dispunha de gente muito inferior em numero e que a do cabo imperial apresentava mais esta vantagem, de peso decisivo na guerra: «Os officiaes e tropas brazileiras ardiam para atacar o caudilho invasor, por causa das mulheres, e seus filhos, que levava, porque muitos indios missioneiros se achavam incorporados ás tropas brazileiras, segundo me têm narrado varios officiaes que se achavam presentes, debaixo de cuja responsabilidade faço esta narração». Do que não ha duvida é que «deixou Rivera levar livremente não só os objectos acima referidos dos sete povos de Missões, como mais de 60.000 rezes de fazendeiros brazileiros estabelecidos entre Ibicuhy e Quarahy».

Isto é o que consigna o padre. O ladino homem da igreja percebeu ter havido garabulha, em todo esse pouco limpo episodio, mas parece que não tem rasão, quando attribue a exclusiva responsabilidade do que aconteceu, a Bento Manuel. Tenho em meu archivo uns *Apontamentos*, do punho do coronel Manuel Antunes da Porciuncula, que privara com o caudilho oriental, invasor de Missões, e assim relata o criminoso concerto: «O general Barreto foi mandado com uma forte cavallaria para batel-o; porém, apenas se approximou, entrou em negociações com Rivera, tendo força mais que sufficiente para batel-o, de cujas negociações deu-se o caso de Rivera se retirar com muitas mil rezes e com grande população de indios daquella comarca, deixando-a quasi completamente despovoada......... ficando a gemer com esse grande mal a infeliz provincia de S. Pedro do Sul!» E de accordo mais ou menos, com Antunes, se pronunciou Osorio: «Pertenci á força de cavalaria (1.600 homens) [1] que em dezembro de 28 marchou de Bagé e que em dias do mesmo mez esteve na margem direita do arroio Touropasso, em frente ao general oriental Fructuoso Rivera, que conduzia os povos e espolio de Missões. A nossa força era superior em tudo á de Rivera e podiamos tel-a derrotado, porém o general Barreto mandou uma commissão de officiaes superiores a Rivera, que voltou em seguida. A nossa força marchou para Ibirocay, aonde recebemos um auxilio de rezes de córte, que nos restituiu o general Rivera, com cujas rezes nos fornecemos dous dias, pois ha outros

---

[1] Osorio era inimigo pessoal de Barreto, mas creio exacto o seu computo. Segundo carta particular, estampada no «Constitucional riograndense», de 17 de janeiro, e datada de Ibirocay, a 23 de dezembro anterior, a divisão do marechal se compunha da seguinte fórma: 3.° regimento da 1.ª linha, e 20, 22, 23, 24 e 40 da 2.ª. Achava-se a força a uma legua do inimigo e parlamentavam diariamente.

Marechal Barretto

Pag. 166

tantos a nossa força não tinha comido!»[1] Finalmente, existe referencia ao successo, do proprio Bento Manuel, que varre a sua testada, de qualquer uma responsabilidade nesse crime; diz elle que, ao tempo em que Rivera tratava de saquear Missões e seduzir os povos, Barreto o substituiu por José Antonio Martins, ignorando os motivos que teve para fazel-o, e conclue: mas, «afianço, quaesquer que elles sejam, jámais serão bastantes para expurgar a honra nacional do vilipendio que então soffreu».[2]

Extincta de golpe, na fórma exposta, a famosa creação dos jesuitas, inutil qualificar a importancia da sangria que padeceu a nascente communidade da provincia, que Antunes,[3] qualifica de «infeliz», dizendo haver ella «ficado a gemer com esse grande mal». Berra eleva os expatriados a 5.000 familias,. 10 a 12.000 o total dos individuos.[4] Ha exagero, porque o censo de 1814, feito com um relativo esmero,[5] os computou em 7.951. Se no calculo demographico, somos forçados a jogar com um coefficiente de augmento notavel, as novas immigrações, tambem temos que considerar um muito importante, de decrescimo, as guerras, que dizimaram os homens validos: Artigas attraíu talvez a metade delles e a outra metade muito concorreu para os resultados da campanha, junto dos portuguezes, estando em armas ainda em 1821 «toda a juventude guarany».[6] O effeito de categoria opposta foi em verdade extraordinario; em consequencia da tyrannia de Ramirez, os «povos» obtiveram um poderoso reforço, de origem argentina: «todos os habitantes das aldeias de Entre-rios passaram» «a este lado do Uruguay», disseminando-se entre as provincias oriental e continentista, constando a Saint-Hilaire que montavam os retirantes «a pouco mais ou menos 7.000». O incremento da nossa população pode avaliar-se por isto: só pelo vau do Quarahy, de agosto de 1820, a janeiro de 1821, entraram «mais de 3.000» aborigenes, havendo «muitos outros» penetrado em nossas Missões, pelo alto Uruguay, e não ficando a oriente do mesmo rio, senão «alguns velhos e enfermos absolutamente impossibilitados de trasladar-se ao estranjeiro».[7] Ora, apesar de que o censo de 1821 tinha verificado na dita «provincia uma população india de 3.000 individuos»;[8] admissivel é que a proveniente das provincias occidentaes do rio repuzessem o nivel do total, em o que era sete annos antes. Desta maneira, podemos concluir que a raça, desfalcada de alguns centos de combatentes pela guerra de 1825 a 1828, formava, quando ao fim do segundo anno a seduziu e ar-

---

[1] Apontamentos em meu archivo.

[2] Officio de Bento Manuel á camara do Alegrete, no «Recopilador» de 20 de maio de 1835.

[3] Apontamentos cit. Meu archivo.

[4] «Bosquejo historico de la Republica oriental del Uruguay», 680. O calculo segundo Antonio Diaz (I, 153) é de que foram de 8 a 10.000 almas.

[5] S. Leopoldo, «Annaes», 262.

[6] Saint-Hilaire, 356.

[7] Idem, 346.

[8] Idem, 284. «Aperçu», 376.

rastou o ex-tenente de Artigas, seguramente um complexo que andaria pela metade da cifra maior que consigna Berra: pelo ultimo grande exodo a massa dos guaranys pode ser contada, com muita probabilidade, em uns 6.000 indigenas, cuja perda é imputavel á evidente inexacção ou mysteriosa cumplicidade do commandante da divisão brazileira, destacada em nosso territorio de Entre-rios.

Uma estatistica de 28 de outubro de 1827 manifesta apenas um total de 1.847 habitantes, dos quaes eram em numero de 436 as pessoas do sexo masculino, contadas dos 10 aos 70 anos. Ha indubitavel deficiencia neste antigo trabalho, como ha no anterior, porquanto é impossivel que Rivera conseguisse o effeito que conseguiu em sua patria, entrando ali com as escassas duas centenas de primitivos legionarios e com aquellas quatro mais, de indios aptos pela idade, para o exercicio das armas. Devia ter elle regressado com ũa multidão de facto imponente em seu conjunto, porque sabemos que o governo até então adverso, o governo que o tentara prender, pelo braço de Manuel Oribe, transigiu com o profugo, sob o imperio da necessidade: revogado o decreto de infamia e banimento, o general, que estava fóra da lei, se viu coberto de premios, sendo addido ao exercito nacional, o do feliz guerrilheiro aventuroso. Não podiam ser tão poucos, qual se deprehende do recenseamento de 1827, repito; eu julgo haver considerado só os habitantes aldeados, não os ruraes, porque os indios constituiram a força principal do caudilho, nas posteriores revoluções, como «seus soldados mais fieis», sobrevivendo poucos á fortuna de Rivera, declinante com a derrota do Arroio-grande e empallidecida de todo com a de Indiamuerta, em 1845, no proprio sitio do seu revez de 1816.

Alguns dos retirantes de Missões voltaram, tocados pela nostalgia ou no reponte de infortunios, que lhes fizeram doce o passado, com a desaprazivel vida em solo estranjeiro.[1] Poucos seriam, visto como ha certeza de que em 1833 compartiam da nossa communhão apenas 377, porção cujo exiguo numero attesta a magnitude lamentavel do despojo e a responsabilidade dos que o toleraram. O caudal ethnico de que a sua grave falta nos privou, é de tamanho valor, que o espirito deslembra a verba do prejuizo material. Entretanto, a cifra era indespresavel: nada menos que tudo o que restava da civilisação jesuitica se viu reduzido a botim ou a ruinas! Feito o inventario, a herança usurpada subia a milhões de boa moeda, industriosamente accrescida com o saque da comarca do Alegrete, ás barbas do impassivel fronteiro que tinha por ali o Imperio!...

Juntai a esse, o de Bagé, que foi completo, por igual devastados os depositos do governo, os estabelecimentos de commercio e os particulares,[2] como foi completo o saque nos gados do municipio

---

[1] Affirma Bento Manuel que a *maior parte* dessa gente regressou aos lares, mas, dizem o contrario dados officiaes constantes do texto. (Vide sua carta á camara do Alegrete, no «Recopilador», de 20 de maio de 1835).

[2] Berra, 609.

de Jaguarão.[1] Juntai a parcella attribuivel á presença dizimadora do exercito imperial, em tudo exacto continuador das praxes de fornecimento, legadas pelo reino e descriptas por Saint-Hilaire.[2] Juntai ainda o extravio, com o abandono, pelas familias, dos seus teres, nas estradas da campanha, «espantosa a emigração» para o littoral com a offensiva de Fournier.[3] Juntai, finalmente, os valiosos damnos no mar, com os corsarios, que só no dia 15 de maio de 1827 apresaram 3 brigues carregados, ao saírem a barra;[4] e alcançareis a somma fabulosa de nossos terriveis sacrificios materiaes. Nada representavam, entretanto, em face daquelloutro e em face especialmente das agonias intimas do desastre, — para os que nunca mesclaram as suas secretas aspirações politicas aos vaivens da guerra e nella viram exclusivamente o dever civico elementar. Ao destroço da fazenda privada e commum superava em proporções humilhantes o golpe moral: o desdouro, a macula na honra publica. Ainda com os bordados vistosos de generalissimo polluidos com o pó de Ituzaingo, o marquez de Barbacena tinha grata e amena entrada em salões da Europa, a par da régia pupilla que lhe confiaram, consolada a sorte impropicia do cabo de guerra, pelos triumphos mimosos do cortezão. Quando elle seguiu em jubilo para novas emprezas, todos, no sul, cabisbaixos consideravam a vergonha da ultima, em que abrira portas largas á assolação geral e afundara os brazões continentistas, «acostumados a vencer»,[5] nas sabidas ignominias da sua deploravel campanha. O soffrimento dos povos, já de si grande, sentia-se aggravado, com o desprazimento de saberem, os provincianos, que em boa parte foramos nós mesmos os auctores de nossa derrota, padecendo evitavel enxovalho o territorio nacional.

Imagina-se o espinho! «A posição topographica do riograndense tem-no de contínuo conservado com as armas na mão desde o principio da colonisação, e o tem constituido em estado de guerra quasi permanente, pois que até hoje a paz não tem sido para elle, em tempo algum, senão um armisticio mais ou menos duradouro. Dahi devia necessariamente seguir-se a introducção de costumes bellicos a que alguns successos, obtidos nas guerras precedentes, accres-

---

[1] Não só nesse. Affirma-se no «Constitucional riograndense» (n.º de 3 de dezembro de 1828) que «depois da publicação da paz», «levaram das immediações do passo do Rosario, perto de 30.000 rezes» e o que teriam levado antes pode-se imaginar pelo que honradamente confessa Vicente Lopez (x, 93). No Tahym «arrearam tudo», diz J. J. do Amaral a Bento C. da Camara, officio de 29 de maio de 1828. Meu archivo.

[2] «Os generaes, officiaes e soldados commettiam incriveis abusos quando viajavam, coagindo a população a lhes fornecer tudo de que haviam mister». Antonio Augusto de Aguiar, «Vida do marquez de Barbacena», 149.

[3] Almeida, «Necrologio de Bento Gonçalves». Meu archivo.

[4] Correspondencia de Almeida, no meu archivo; carta de Polydoro José da Costa. As graves perdas no oceano são computadas em outro lugar.

[5] G. A. Pereira, II, 23.

centaram certa opinião de superioridade individual que harmonisa com as predilecções patrioticas de que acabamos de falar». [1] A superioridade se vira duramente ultrapassada e desluzida!... Pouco importavam as vantagens do inimigo, em 1825 e 1826, circumscripta a contenda ao terreno da Cisplatina, cujo levante inspirava secreta sympathia e não tinham animo de combater, fria a compleição moral dos soldados, incapazes agora de manejar como antes as armas de Carumbé, Samborja, Arapehy, Catalã, Ibirocay, de tantas façanhas, nos annos, ainda bem proximos, de 16 a 20. [2] O que lhes pesava na alma como um dantesco e insupportavel manto de chumbo, era a lembrança das entradas inimigas no coração da provincia e não ter havido quem lhe coordenasse um esforço, um só, que fosse! para varrer, em golpe irresistivel, como uma rajada de tempestade, os arraiaes da invasão!

Ainda se não dissipara da memoria dos homens a marcha triumphal dos hespanhoes em 1762, profanada assim como em 1827-28 a casa commum; mas, pouco se envergonhara a primeira geração do recúo sem lustre dos portuguezes, não só porque ainda minguadissima, como porque a hoste invasora era de pujança improporcionada com os recursos militares disponiveis. Cevallos poude imprimir no orgulhoso Continente as maculas de sua passagem devastadora; logo depois, ao menos, o solo que conspurcou, se viu dignificado e limpo inteiramente, — feito o expurgo memoravel, na chamma da gloria começante, accesa com as pedras de ferir, batidas com vigor sobre os arcabuzes, na reconquista da villa-mater, em Tabatingahy, Santa Thecla e S. Martinho!

A irrupção artiguista fôra uma vaga subversora que veiu batendo as praias do Uruguay e se dilatou para dentro da Pampa riograndense, para logo recolher-se ao largo. De lá refluiu, uma segunda vez, trouxe rapidos estragos, para recuar, de todo, quebrando-se-lhe a furia na antemural das columnas cerradas de Taquarembó. Os bravos legionarios da moribunda liberdade oriental deixaram impressos com violencia os signaes de sua passagem, mas o da colera dos riograndenses, com a violação de sua estremecida Patria, ainda perduravam na reminiscencia dos aggressores, quando Saint-Hilaire os visitou, repetindo elle as queixas manifestas dos vencidos, que culpavam especialmente aquelles, do «encarniçamento e animosidade» com que foram atropellados. O scientista attribue estas paixões á «rivalidade nacional», [3] por desconhecer as reaes tendencias da provincia, como tambem até onde ia

---

[1] Dreys, 177, 178.

[2] Os povos, de facto, mostravam-se tão remissos, que Abreusinho, para poder organisar a sua força voluntaria, aliaz insignificante, teve de recorrer a expedientes usuaes nas guerras antigas, do cyclo de Raphael Pinto Bandeira. Isto é, ao convite para as entradas, com o serviço militar pago á custa das prezas feitas sobre o territorio inimigo! Possuo documento que é assaz instructivo e inclina á indulgencia pelo que de identico fizeram entre nós os alliados. Vide appendice.

[3] Pag. 241.

o melindre do patriotismo que a aviventava e que foi severamente vexado pela imprevidencia de Artigas.

Os elementos politicos que buscavam progredir tiveram grande impulso. Toda a gente de civismo extremoso, que até ahi se mostrava alheia ás agitações faccionarias, ao termo da campanha volvia os olhos para ellas e ainda sem saber como e porque, bem claramente, vibrava em estremecimentos, que breve geravam um malestar pronunciadissimo. «O apaixonado patriotismo dos riograndenses», a «que se deve a conservação integral do territorio, e de sua existencia politica, apesar de tantas e tão contínuas guerras que o tem assolado», no dizer de um auctor;[1] esse apaixonadissimo patriotismo recresceu de amores pela terra querida. E pendor do coração humano o terem nelle maior vulto os sentimentos pios, quando padece ou jaz em perigo o objecto de suas dilecções e desvelos: a ternura ampliou-se, — como tambem a colera, a maguadissima colera contra os reaes causantes de sua extrema e dolorosa ruina.

Não eram estes por certo os orientaes, que haviam levantado a cerviz, erguendo ao alto os broqueis de Artigas e correndo em massa ás fileiras insurrectas, contra os liberticidas, que à couce darmas os tinham forçado a escondel-os, á espera de melhores tempos, nos «ranchos» a meio-combustos, da sua campanha opprimida. Tudo, nelles, era mais que legitimo! Não ha crime que a defeza e reconquista da liberdade não santifiquem: até a vasta pilhagem de 28! Aliaz, nada mais representava que um effeito de maré contraria. Viajante houve que fez esta observação em 1820: os portuguezes, aproveitando a circumstancia do armentio não ter signal ou marca e achar-se *alçado*, ordenam «batidas, por praças de linha», operando assim «apanhas muito consideraveis».[2] Ora, não entra na partilha de fazenda *pro indiviso* quem não é co-proprietario, nem credor da mesma. Isto, no entanto, não era tudo; o sobredito viajante aponta um aspecto apenas das depredações executadas: faz-se idéa de todas as outras, tendo em mente a sem-cerimonia com que as tropas, até mesmo no Riogrande, consumiam despejadamente o que era da fortuna alheia!

Um attentado em geral nos revolta; se, todavia, nos segreda uma voz intima que o provocamos por injustiça igual ou parecida, o animo inquieto se acalma, desde que uma completa perversão nos não abafou de todo a consciencia moral. Os naturaes bramiam indignados, nos primeiros instantes, com a vista das tropas de gados que marchavam para os campos inimigos; sabiam em furor que o estado-maior dos alliados estabelecera o saque dos rebanhos, como um meio de pagar os serviços de guerra, a officiaes e praças que nenhum outro recebiam ou mui diminuto obtinham:[3] mas, no fundo do coração, lhes bradava a verdade que isso era apenas o resarcimento de vastos esbulhos anteriores. Sommados os de Ar-

---

[1] Dreys, 177.
[2] Saint-Hilaire, 246.
[3] Vicente Lopez, x, 93.

tigas, com os de seus compatricios, ultimamente, por certo não ultrapassavam os nossos; seriam muito menos até, escreve informador da maxima idoneidade, garantindo que «os portuguezes, desde o inicio da guerra [1] tinham arrebatado aos hespanhoes um numero prodigioso de rezes» [2] e adiante precisa a cifra, com informes de quem mais apto para dál-os: [3] «os portuguezes se apoderaram de um milhão de cabeças de gado nas estancias hespanholas e foi preciso prohibir as xarqueadas nos arredores de Montevidéo, para que o paiz não fosse reduzido á mingua» ! [4]

Se com fundamento se não podia volver contra os visinhos, o justo rancor, em impetos de ira irreprimivel; contra alguem tinha que desafogar-se. A logica dos sentimentos descobre a marcha que tiveram os da epoca. Entre dous individuos que se perfilam na arena, para solver uma pendencia de honra, satisfeita esta, de commum se reconciliam. O vencido aceita a mão que longanime lhe estende o vencedor, mas, nunca jàmais perdoará ao seu companheiro de armas, que lhe serviu de testimunha, se este, por desidia ou descarinho, ou deslealdade, é o causante real de sua posição inferior no terreno e se lhe cabe a auctoria da derrota que soffreu.

No dominio da psychologia individual, eis como as cousas se passam. Podiam occorrer de maneira diversa, na ordem collectiva ? Compõe-se esta de sêres cuja trama intima apresenta um encordoamento desemelhante ? Se historiador algum pode admittir que houvesse felonia, na direcção da campanha de 1825, podia o povo daquelle tempo pensar com igual serenidade e equanimidade ? Depois, e os outros agentes de irritação, que o commoviam e nos quaes se patenteava o nenhum zelo dos responsaveis pelas operações militares ? Nós contemplamos em calma o desenrolar dos successos; em calma não podiam assistir a elles os que presencearam o matadouro de energias no Livramento, o desbarato das guarnições com a acephalia no quartel-general, o desmantêlo militar completando o civil. Houve meios de oppôr desculpas, ante a censura geral ? [5]

Foi o imperador ao sul. Podia ser o remedio a tantos males... A pompa annunciava o advento de um Deus, resolvido a implantar a ordem no cahos: appareceu e sumiu-se ! Em vez do milagre e do salvamento, a persistencia no delirio: a corrida louca atraz de Alvear, com o incauto Barbacena, o marechal de dom Pedro e o penhor da victoria, que afundou o exercito em desastre inesquecivel ! Mais ainda: após a tragedia de 20 de fevereiro, a noute sombria do Cacequy, preludio da confusão sem remedio, — e sem indulgencia possivel, nem desculpa aceitavel !

---

[1] A de 1816-20.

[2] Saint-Hilaire, 82.

[3] Matheus da Cunha Telles, o contractador da arrecadação dos dizimos. Tocava ao governo uma parte dos animaes «arreados».

[4] Saint-Hilaire, 89.

[5] Vide officio do marechal B. C. da Camara a Barbacena, de 11 de junho de 1827. Meu archivo.

No painel da historia, por ser mais largo, perde-se de vista muita cousa cuja sensação arripia, subleva, move a brados: no da vida quotidiana, nada escapa ao coração do homem ferido pela desgraça, que sente borbulhar dentro de si, as ondas de amargo resentimento. O que a moral de ordem vulgar taxara de inadmissivel falta de dever, olvido de uma activa solidariedade, esquecimento dos naturaes desvelos do bem-querer, não podia em hypothese alguma indultar a ethica social: para o Riogrande, a desidia, a inepcia, a leviandade, por fim o descaso, não podiam ter, não tiveram escusas.

O descaso, sobretudo! Após a doentia agitação que logo acaba no collapso do passo do Rosario, a inactividade absolúta de Lecor, — outro mimoso do principe — como a persistente ausencia deste... Ha tempo de repousar e ha tempo de labutar, um e outro leriam na «Biblia». O sacro livro, com recamos de ouro, illuminado a primor, insinuava no animo do imperante a descançada e grata doutrina da primeira parte do versiculo: insinuava-a por igual, no organismo de quem lhe volvia as paginas com a dôce mão entre as rendas finas do punho, a mão aristocratica do visconde da Laguna, o quasi-soberano, o «governador perpetuo da Cisplatina», segundo as capitulações de 21! Ha tempo de labutar; não era o que fluia: corresse o Riogrande mais uma vez a sua antiga sorte: hoje, como sempre, que mais lhe cumpria ser que um campo de batalha? A côrte pairava longe, muito longe, preservado o Brazil de maior insulto, pelos bosques do Uruguay e pelas terras alagadiças ou areientas de beira-mar, que «cobriam» a quasi totalidade, o mais vasto e o mais conhecido quinhão da herança bragantina...

Cobriam, mas separavam! Tamanho era o apartamento, que os proprios representantes do poder superior, os delegados da metropole, vencidos pela pressão do ambiente, relaxavam os liames que os prendiam á auctoridade do centro. O vice-rei Luiz de Vasconcellos, condemnando o despotismo de alguns, censura-os em geral a todos pela insubordinação e independencia, — que o meio nelles gerava e produzia.[1] Não mudaram as cousas depois: o Imperio representava, a bem dizer, um mytho, para as populações da fronteira. Tirante fugazes contactos, do povo, de uma e outra parte do paiz, na feira de Sorocaba, de mais nada sabiam, os riograndenses, dos brazileiros em sua quasi totalidade: eram dous impenetrados mysterios, que visinhavam. As relações descontínuas e frias, resumidas ao que disse e a estas outras: em epoca de chamada ás armas, o forçado alojamento, e na do imposto, o peso das extorsões. As primeiras estabelecidas com a descortezia semibarbara, estereotypada em expressivas paginas de citado naturalista; as segundas tinham o feitio de uma suave *razzia*, que completava, com *amenidade*, a depredação seguinte ás visitas militares.

---

[1] Alcides Lima, «Historia popular do Riogrande», 141.

A situação do Riogrande do sul perante o Imperio ainda comportava outro genero de considerações, — convem assignalar.

Aberto o famoso debate de 1835 na assembléa provincial, pediu a palavra Dias de Castro, intimo de Pedro Chaves, como este membro activo do circulo governamental, e declarou estar convencido de que não existia a conjura denunciada pelo presidente, para scindir, do Imperio, a provincia meridional, resumindo assim o seu pensamento sobre semelhante annuncio: — Não acreditava na existencia de partido com esse proposito, (discreteou) nem temia tal separação, porque só possivel quando as cousas estivessem preparadas; «que então, forçoso era confessal-o, todo o Brazil daria esse passo e chegaria aos destinos para que a natureza creou a America». [1]

Não comprova o que foi reproduzido, a instavel condição das convicções, até mesmo entre aquelles que mais se jactavam de imperialistas, como era o caso de Dias de Castro, membro de conhecida familia conservadora? Ora, em terreno movediço, qual esse, adivinha-se o effeito que traria comsigo a disseminação de uma certa ordem de publicações estimulativas de correntes moraes que as circumstancias espontaneamente engendravam. Por uma, julgai de muitas: «Olhemos para o nosso estado de finanças, snrs. redactores, *elle não seria desgraçado*, SE NÓS FOSSEMOS SÓS: este anno, sem duvida, chegam os nossos reditos a oitocentos contos de réis, quando nossas despezas ordinarias, organisados todos os corpos de primeira linha, não avançam a seiscentos; porém, as continuadas sangrias, como judiciosamente ponderaram v. v. m. m. em seu n.º 6, vão intisicando nosso thesouro: uma letra de 24 contos para as despezas de Santa Catharina, uma ordem para se supprir com 2 contos mensaes á mesma provincia, e proximamente um saque de 40 contos; e outros que já se esperam, vão reduzir-nos ao estado mais deploravel: nossa divida publica não se paga, e nosso dinheiro se evapora...» [2] Que effeito em terreno movediço, qual esse, o de taes observações, insertas ingenuamente na «Sentinella da liberdade», [3] que perguntava em 1833, ao expender o seu juizo sobre um projecto do conselho geral: «Quem diria aos primeiros fundadores da provincia...... que havia de chegar em tão pouco tempo ao grau da extensão e riqueza em que actualmente se acha, quasi sem auxilio, e entregue a seus unicos recursos?!» A folha era monarchica e reconhecia o abandono, como o progresso do Riogrande, *que bastava a si mesmo*. Que reflexões fariam os que tinham desapêgo pelo throno e desadoravam uma união, de vantagens contestaveis? Que effeito produziria semelhante desamor, em a «natural tendencia dos habitantes da nossa provincia, para tudo quanto

[1] Sessão de 28 de abril.

[2] N.º de 19 de maio de 1832.

[3] Vide «Observador», n.º 76, de 23 de janeiro de 1833. Collecção no meu archivo.

se approxima a espirito de aversão decidida á vassallagem»: «a tendencia que domina nos corações de todos os continentistas, para a liberdade?»[1] Que effeito originara, onde eram desconhecidos os beneficios da quasi fallida sociedade politica e os maleficios se tinham tornado mais que evidentes?

«Ha muito desenvolvia o governo imperial uma parcialidade immerita, um despreso insolente e revoltante, respeito á nossa provincia. O sangue que derramámos na guerra com as republicas platinas, o sacrificio das vidas de nossos irmãos, a destruição de nossos campos, a ruina das nossas fortunas, as prodigiosas sommas que nos extorquiu, à nós, os mais sobrecarregados e quotisados durante aquella lucta desastrosa, não nos valeram a menor deferencia da parte daquelle governo injusto e tyrannico.

Eramos o braço direito e tambem a parte mais vulneravel do Imperio. Aggressor ou aggredido o governo nos fazia sempre marchar á sua frente: disparavamos o primeiro tiro de canhão, e eramos os ultimos a recebel-o. Longe do perigo dormiam em profunda paz as mais provincias, em quanto nossas mulheres, nossos filhos e nossos bens, presa do inimigo, ou nos eram arrebatados, ou mortos, e muitas vezes trucidados cruelmente. Sobre povo algum da Terra carregou mais duro e mais pesado o tempestuoso aboletamento: transformou-se o Riogrande numa estalagem do Imperio!

Exhibiam certamente as provincias a quota respectiva, onde incluiamos a nossa para as despezas da guerra; mas o arbitrio nos tirava com violencia em gado vaccum e cavallar, e em exigencias de todo o genero, mil vezes mais do que cumpria quotizar-nos proporcionalmente.

Reduzida a oito mil homens a força de primeira linha do exercito, só ao Riogrande coube sustentar cinco corpos dessa força, além de um corpo de guardas policiaes.

Não nos pagou o governo imperial o que se nos tirou a titulo de compra, ou de emprestimo, e muito menos resarciu as nossas perdas, occasionadas por um estado de cousas de que só elle era culpado.

Uma administração sabia e paternal nos teria indemnisado de sacrificios taes e de tão pesadas cargas pela abolição de alguns impostos e direitos: o governo imperial, pelo contrario, esmagou a nossa principal industria, vexando-a ainda mais.

A carne, o couro, o sebo, a graxa além de pagarem nas alfandegas do paiz o duplo do dizimo de que se propuzeram alliviar-nos, exhibiam mais quinze por cento em qualquer dos portos do Imperio. Imprudentes legisladores nos puzeram desde esse momento na linha dos povos estranjeiros, desnacionalisaram a nossa provincia e de facto a separaram da communhão brazileira.[2]

---

[1] «Constitucional riograndense», de 12 de setembro de 1829.

[2] E isto quando por esse tempo (1828) o governo de Buenos-aires supprimia os impostos de exportação sobre as carnes salgadas e couros! Vide Vicente Lopez, x, 300.

Pagavamos todavia oitenta réis do dizimo dos couros e mais vinte por cento sobre o preço corrente, nós que já eramos vencidos na venda destes generos, pela concorrencia dos nossos visinhos, nos mercados geraes.

Repetidas representações de nossa parte sobre este assumpto foram constantemente despresadas pelo governo imperial.

Tirou-nos o decimo do gado mular e cavallar e o substituiu pelos direitos de introducção ás outras provincias. Nós o pagavamos oneroso em Santa Victoria, escandaloso em rio Negro, insupportavel em Sorocaba, pontos precisos do transito dos nossos tropeiros, aos mercados de S. Paulo, de Minas e da Côrte.

Era, o Riogrande uma provincia da primeira ordem se se tratava de concorrer para as despezas geraes; entrava quasi na ultima quanto á sua representação no congresso geral. Tinhamos rendimentos bastantes para sustentar um tribunal de segunda e ultima instancia, um tribunal que nos era garantido pela Constituição do Estado, e entretanto nos era preciso procurar na Côrte os recursos judiciarios naquella instancia, com enormes sacrificios. Em vão representamos para que se augmentasse o numero de nossos deputados á assembléa geral, e se creasse uma relação em nossa provincia.

Em um só anno sacou sobre o nosso thesouro a espantosa somma de oitocentos contos de reis; foram quasi equipolentes a esta quantia os subsequentes successivos saques, que para o diante contra nós se fizeram. Baldadas foram as vehementes representações da junta da fazenda provincial, expondo a penuria em que a guerra deixara o nosso thesouro, e pedindo a cessação deste esbulho revoltante e indecente.

Montava a vinte e quatro contos de réis o supprimento annual que faziamos á provincia de Santa Catharina, além de outros avultados saques a favor dessa provincia. O thesouro da provincia de S. Paulo nos devia uma somma avultada, o governo imperial a deu por satisfeita, não obstante haver já concedido áquella provincia os direitos dos nossos animaes introduzidos para a mesma provincia.

A quem poderemos persuadil-o? O Riogrande que amplamente suppria e sustentava outras provincias, que satisfazia prompto e generoso ás repetidas e immoderadas requisições de seu governo, que amontoava annualmente em seus cofres as copiosas sommas de seus facultosos rendimentos; o Riogrande, cheio de ouro e de recursos, só podia dispôr, em virtude de uma lei assassina, da mesquinha quantia de cento e onze contos trezentos e cincoenta mil réis, para fazer frente ás numerosas precisões e despezas provinciaes.

Alimentavamos os outros na abundancia, e pereciamos de miseria, sustentavamos o fausto, as extravagancias de ministros delapidadores e não podiamos satisfazer ás mais urgentes exigencias da sociedade em que viviamos; e para cumulo de affrontas, recebiamos de mãos extranhas e como por esmola, a miseravel quantia que de nossos proprios cofres nos concediam.

Preciso fôra havermos renunciado a todo o sentimento de honra, de decoro e natural dignidade; termos descido finalmente o ultimo

escalão de uma raça humilhada e embrutecida, para soffrer tantas injurias, sem as haver repellido». [1]

Voltai agora para o quadro da provincia irritada, o jorro de luz destas revelações esclarecedoras. Uma é de Saint-Hilaire, que depois de visitar o quartel de uma legião formada de elementos de outra origem, frequenta além um acampamento riograndense: «O coronel [2] diz-me que seus soldados pouco sympathisavam com os paulistas, [3] e que, havendo um muito bom hospital em S. José, [4] e ali nenhum, os doentes preferiam permanecer no campo, em condições muito más, a se deixarem transportar para o meio dos paulistas, onde estariam bem». [5] A esquivança funda-se em má escolha no alistamento dos ultimos? De modo nenhum; o francez descreve-os «notaveis pela decencia da farda, porte militar, submissão e tranquillidade. Tive grande prazer na conversa com esses homens», conclue. [6] Entretanto, o convivio que para este é attractivo, para os visinhos provincianos é causa de positiva «aversão». [7]

Ora, haviam sido os vicentistas, «os intrepidos exploradores das florestas brazileiras», [8] os primeiros devassadores do nosso territorio, forte havia sido a sua quota entre os primitivos occupantes, e representavam elles a unica gente da America lusitana com quem o Riogrande entretinha regular commercio pessoal, — não tratando eu, bem se vê, de Santa Catharina, que não nos era extranha: matriz e depois uma especie de arrabalde da Cidade riograndense, tambem ella cortada profundamente do resto do Imperio, pelo abysmo do mar e muralha abrupta da serrania. Se entre duas secções do paiz, em que se verificava a maxima intimidade então existente, o desapêgo se approximou ás raias da intratavel antipathia, que pendor ao affecto pudera existir entre a zona do extremo-sul e as regiões do extremo-norte? «Sem falar do Pará e Pernambuco, a capitania de Minas e a do Riogrande, já menos distantes, mais differem entre si, que a França e a Inglaterra», diz o auctor da *Flora brasiliæ meridionalis*, addindo, quanto a S. Paulo e ao sobredito Riogrande, que «o afastamento dos habitantes das duas capitanias, uns pelos outros, não deve admirar, *visto serem os costumes delles* INTEIRAMENTE *diversos*». [9]

Lançai sobre as sombras do problema historico o jorro de claridade que emana deste e outros parallelos: «Quando o viajor entra na capitania do Riogrande, é elle de golpe impressionado pela

---

[1] Bento Gonçalves. Manifesto de 1838, pag. 3 e 4. Exemplar no meu archivo. Vide tambem no mesmo archivo os fundamentos do decreto da Republica, de 9 de abril de 1838.

[2] Comandante dos dragões no Salto, provincia Cisplatina.

[3] No summario do capitulo, Saint-Hilaire escreve: *Aversão dos soldados do Riogrande, pelos soldados paulistas.*

[4] Na Cisplatina.

[5] Pag. 268.

[6] Pag. 263.

[7] Pag. 254.

[8] Decreto da Republica, de 7 de agosto de 1838. Meu archivo.

[9] Pag. 301, 268.

belleza de seus habitantes, frescura da tez, colorido de que é animada, como pela vivacidade de movimentos, ar de completo desafogo e de liberdade, que mostram nas maneiras. O systema colonial, tendendo a isolar as provincias, tem posto entre seus habitantes, differenças mais sensiveis do que as existentes na Europa entre os da maior parte das nações limitrophes. Essas differenças occorrem ainda com muito maior expressão no Riogrande, porque vive sob outro clima: porque outro nutrimento, regimen diverso, outros sitios, nelle fizeram nascer outros costumes e outros habitos. Assim, por exemplo, os mineiros se inclinam ás idéas contemplativas, por seu temperamento algo hypocondriaco e existencia inactiva: os homens da capitania do Riogrande, que vivem uma vida exterior e quasi animal, são quasi de todo alheios aos sentimentos religiosos. [1] Na capitania de Minas, os casamentos são raros, e as mulheres, prisioneiras no interior de sua casa, nada mais constituem que as primeiras escravas dos maridos: na do Riogrande, as senhoras não se occultam, as uniões legitimas apparecem mais commummente, e os costumes são mais puros. [2] Os mineiros ás vezes commettem crimes, por via da traição: os outros praticam-nos com audacia. Os primeiros mostram-se doces, polidos, affectuosos, communicativos: os ultimos têm modos bruscos e rudes. A rara intelligencia dos mineiros, facilidade de aprender, ancia que têm de instruir-se, são traços geralmente conhecidos; quando eu viajava em terra delles, era continuamente interpellado, cada qual anhelava saber qual o objectivo de meus trabalhos, indagava ora a respeito de nossas artes, ora a respeito de nossas leis, ora a respeito de nossa historia: na capitania do Riogrande, desde que se saiba galopar sobre um cavallo indomado, atirar o laço, lançar as boleadeiras, castrar um touro, matar um boi e carneal-o, nada mais se pretende saber. [3] Fraco é nos mineiros o espirito creador, mas imitam facilmente e têm uma grande aptidão para todas as artes e para todos os officios:

[1] «Em toda a capitania do Riogrande não ha nenhum convento», registra em outro livro, «Voyage à Riogrande do sul», 81, livro este em que ainda registra o pouco respeito ou descaso dos assistentes, durante os officios divinos, numa igreja do Riogrande (pag. 64), como a geral indifferença do povo no tocante a idéas religiosas *(passim)*. Arséne Isabelle, por seu lado, escreve que «as igrejas eram muito simples e pouco frequentadas». (Pag. 493).

[2] Tambem assim mostra pensar uma folha que me consta estava a cargo de um estranjeiro, o dr. José Marcelino da Rocha Cabral, pessoa que observa existir «ainda entre os continentinos», o «amor á pureza de costumes». Vide n.º 1 do «Propagador da industria riograndense». Collecção em meu archivo.

[3] Reproduzindo este trecho, o «Propagador da industria riograndense» ajuntou-lhe esta nota: «Se Saint-Hilaire viesse hoje ao Riogrande, outras seriam as suas expressões; elle teria a admirar na provincia uma notavel mudança no sentido da civilisação e da industria; e tanto mais notavel, quanto ella tem sido operada em menos de 13 annos, e só pelo genio e capacidade de seus habitantes». Vide n.º de 13 de novembro de 1833.

na capitania do Riogrande, ao contrario, as artes são desdenhadas, e a maior parte dos operarios são estranjeiros.[1] Ainda que orgulhosos da patria delles, os mineiros a deixam sem difficuldade: os habitantes do Riogrande jámais abandonam seu paiz, porque sabem que, além, fôra preciso, de quando em quando, andar a pé, e porque em nenhuma outra parte achariam com tamanha abundancia, a carne, de que fazem a sua exclusiva nutrição.[2] Os mineiros despendem os cabedaes ostentosamente: os filhos do Riogrande têm muitas vezes uma fortuna consideravel, mas, ao vêl-os, nas suas habitações e maneira de viver, crêr-se-ia estarem reduzidos á indigencia. A capitania de Minas se empobrece, a do Riogrande se opulenta. Os mineiros têm uma coragem ordinaria: os homens do Riogrande se distinguem por um valor brilhante, e, sob um chefe emprehendedor, facilmente operariam conquistas,[3] em todas as latitudes onde não fossem contrariados nem nas predisposições nem nos habitos».[4]

Agora illuminai ainda o quadro com as ensinadoras reverberações de outra revelação. A da pagina já citada, em que Dreys deixa transparecer as suas duvidas, quanto á natureza do civismo dos riograndenses, que suspeitou exclusivista, no que se refere aos vinculos existentes com a patria grande:[5] isto é, que suspeitou in-

---

[1] Vide nota ao fim do volume.

[2] A rasão é fraca. E por que não emigravam para Corrientes ou Entre-rios, onde encontraveis aquellas vantagens, ou até mesmo para Lages e Curitybanos?

[3] Quanto a esta parte do juizo de Saint-Hilaire, a mesma cousa dizia o marquez de Alegrete, que commandou a capitania, sendo o parecer de tal maneira lisonjeiro, que evito reproduzil-o. (Nota em meu archivo).

[4] Saint-Hilaire, «Aperçu», 361. Em outro livro, ainda escreve sobre as differenciações que, além de outras causas, a «natureza e clima do paiz» introduziram entre os colonos portuguezes: «Nós reconheceremos de quanta força dispõe esta ultima influencia, se compararmos os habitante do Riogrande do sul e os de Santa Catharina. Uns e outros partiram igualmente das ilhas dos Açores e mais ou menos pela mesma epoca. Dispersos em immensas campanhas cobertas de pastagens, os primeiros se tornaram criadores; foram conduzidos os outros a um paiz de florestas, situado á beira-mar: não se podiam prolongar ao longe sem grandes labutas; hão sido pescadores. Forçados a correr incessantemente em busca de suas vaccas ou touros, os colonos do Riogrande se acostumaram a permanecer de contínuo a cavallo; os colonos de Santa Catharina têm vivido embarcados. Aquelles, respirando o mais puro dos ares, galopando sempre nos campos, alimentando-se com abundancia, da carne de seus rebanhos, têm adquirido uma força e uma intrepidez admiraveis; a pelle de que são dotados se lhes embellezou com o atavio das mais bellas côres. Os outros, que tiveram para nutrir-se, unicamente peixe, mariscos, farinha de mandioca, e que por vezes respiram os miasmas de um solo brejoso, longe estão de haver conseguido um muito grande vigor e deixam ver, frequentemente, uma face amarellecida e languido aspecto». — «Voyage dans les provinces de St. Paul et de Sainte Catherine», II, 255.

[5] Pag. 177.

clinado a alheial-os do Brazil, em virtude desta poderosa tendencia centrifuga, agindo com força extrema na Pampa: «A conformidade de vida, de habitos e de gostos que opera a fusão de todos esses povos». Posta a *psychè* da provincia sob a claridade induvidosa dos factos que no momento examino, julgo não haver o minimo arbitrio em affirmar, sem hesitações, que tiveram elles um soberano imperio no subsequente levante de 20 de setembro.

Darei prova documental do acerto com que se fazem as presentes inducções da historia. Por ora, basta-me rematar o que expunha, com uma observação opportuna, de merito convencedor excepcionalissimo. O preparo secular para o desmembramento a tal ponto havia amadurecido, que Rivera, em 1828, ao escrever de Itú, ao governo provisorio do Uruguay, afim de lhe dar as arrhas de sua fidelidade, declarava que a soberania da provincia oriental fôra «o unico objecto da invasão de Missões, em sua origem, e a do CONTINENTE, *quando se concebeu que não era difficil...*» [1]

Feita com o possivel rigor a somma das forças de pressão interior e exterior que actuaram sobre o Riogrande e predispuzeram de maneira invencivel, a collectividade, á posterior explosão revolucionaria; não pode esquecer-se, na parcella correspondente ás de categoria externa, o computo mais seguro das tensões que provinham da parte do Brazil. Nesta hypothese, cumpre reconhecer que ia em vertiginosa marcha para a casa dos maximos, o ponteiro do manometro politico.

Desbotadas as illusões de regeneração do paiz, com a independencia, os filhos das verdes campinas meridionaes, além de a saberem desmerecida com o vergonhoso trafico e aceita a autonomia ao preço de 2 milhões esterlinos; [2] tinham-na como nominal, predominante hoje, qual hontem, sobre os naturaes, o elemento exclusivamente luso. [3] O espectaculo apresentava ainda este misero traço de amargo desengano: tendo imprimido á machina administrativa um impulso para diante, pouco depois a cegueira do principe tocava a alavanca do governo ao inverso: firme para traz!

Como succedera em hora consecutiva á promettedora chegada do pai, as esperanças prestes se dissiparam: licito era calcular, com os desatinos do filho, o real «effeito para o Brazil, de sua nova posição politica». «Pesados e violentos tributos, vexações de toda ordem e guiza, vieram logo», — com o advento de dom Pedro, como com o de dom João. «As esperanças do Brazil esvaeceram-se; escravos, opprimidos como dantes, só tinham mudado de condição em ter mais perto o oppressor», [4] escreve Garret, quanto ao conjunto do paiz em 1808, e o mesmo se pode repetir em 1822, convindo

[1] Berra, 678.

[2] «Este acto nunca o perdoaram a dom Pedro, os brazileiros». Oliveira Lima, «Formation historique de la nationalité bresilienne», 178.

[3] Vide para diante, carta de Netto a Silva Tavares, em 1840.

[4] «Portugal na balança da Europa», 43.

accrescentar que, no segundo caso, o oppressor era mil vezes mais caprichoso do que o rei dulcamara, que a nação vira partir, sem um gesto de ternura. Não só caprichoso; selvagem, nos impetos da vontade, que tinha excessos de energia, menos humana que animal.[1] O imperador possuia condições pessoaes de attracção, de que era pobre o seu progenitor, mas, o «escandalo de sua côrte, não somente neutralisava o effeito salutar de sua presença, como produzia maior somma de mal que de bem», segundo imparcialissimo informe do ministro da Austria.[2] Isto era o menos, entretanto. O peor é que sendo indispensavel «conservar o systema representativo», «unico meio de manter a união das provincias e realisar o amalgama das mesmas»,[3] a corôa mostrava tendencias incompativeis com o seu papel na engrenagem constitucional e descobria qualquer cousa que assustava a uma geração profundamente liberal. «Se quereis conhecer o homem, dai-lhe mando»;[4] eis o que o deste fizera conhecer: — Em primeiro lugar, a ordem para o massacre de 22 de abril.[5] Não havia absoluta certeza desta sanguinaria façanha, allega-se,[6] mas, havia, depois disto, a dolorosa noticia de que arrasava com o recrutamento, as provincias do norte, para castigo do liberalismo revel; que dissolvera a patas de cavallo a primeira assembléa do povo, atirando insultante censura á segunda; que mantinha em desterro homens do escol do paiz, alguns delles seus mais addictos collaboradores; que tinha approvado infames villanias, como as do tenente-general Antonio José Coelho.[7] Mais ainda: dom Pedro, ou o seu governo, promovera um verdadeiro periodo de publico terror, de 22 a 29, diz Evaristo da Veiga, e, do periodo seguinte, diz Mello Moraes que era a pressão do «despotismo mais feroz».[8]

Como se não bastassem estes erros, aggravava-os, deixando

---

[1] Oliveira Lima, «Formation de la nationalité», 212.

[2] Idem, 199.

[3] Palavras do citado ministro da Austria.

[4] Dom Francisco de Mello, «Obras», Apologos dialogaes, o 1.º

[5] Armitage, 22.

[6] Categoricamente affirma ter sido dom Pedro o auctor da ordem, a «Historia de Portugal, por uma sociedade de homens de letras», VIII, 346, e não tenho mais duvida alguma, depois da leitura das cartas de Sylvestre Pinheiro. No artigo em que o «Correio do Rio-de-janeiro» procura indultal-o, percebe-se a positiva convicção do auctor, de que o principe era o principal responsavel. Vide n.º de 22 de abril de 1822, collecção em meu archivo.

[7] «Reinado de dom Pedro», de Pereira da Silva, 112. «Ordenara que em varios pontos, e em dias festivos, se passasse revista aos corpos e regimentos de milicias», ceremonia a que «concorreram os mineiros desprevenidos», e «os officiaes encarregados das revistas, apenas consideraram chegada a opportunidade, puzeram em execução um plano secreto, que ninguem suspeitara; prenderam uns, e os recolheram aos quarteis, amarraram outros, e os levaram ao tronco; grande parte foi conduzida ás cadeias: baixaram depois instrucções do commandante das armas para se remetterem para a Côrte todos esses desgraçados afim de servirem nos corpos e regimentos que deviam marchar para o sul do Imperio».

[8] «Independencia», 86, 131, 215.

impune a horrida immolação, pela asphyxia, de 253 presos, os chamados «anarchistas do Pará»;[1] como o frio holocausto dos recrutas suspeitos, da terra de Alencar, «mais de mil», [2] de que duas quartas partes morreram a bordo, á mingua, e uma outra quarta parte ao chegar a seu destino. A acção negativa do imperador tornava ainda mais odiosa a sua acção positiva, deixando que funccionassem a livre arbitrio dos proconsules de farda, as inexoraveis commissões militares, que encheram de lagrimas os lares do Norte, e não cobrindo com o manto da clemencia imperial, a forca ou outro genero de supplicio imposto a dezeseis patriotas, entre esses Frei Caneca e Ratcliff.

O primeiro, «um dos monges carmelitas mais intelligentes e corajosos, arvorou-se em principal censor das inclinações absolutistas do imperante e em interprete das verdadeiras doutrinas constitucionaes», escreve Oliveira Lima. Pagou com a vida, o civismo que o abrazava; executados elle e seus companheiros de infortunio, mas, o sangue vertido (adverte o illustre diplomata) foi, como sempre e como não podia deixar de ser, mais que funesto a quem não soube exhibir a sufficiente indulgencia, com as idéas politicas de seus adversarios.

A abdicação surgiu no horisonte, no dia em que se realisou o supplicio inutil do religioso em quem se encarnara o espirito democratico e que havia escripto em um de seus apaixonados pamphletos: — «Quando a Patria geme, os olhos do patriota se cerram a

---

[1] Armitage, 72. Eis o que foi o horripilante crime do Pará, em data de 20 de outubro de 1823: «Mettidos no porão do navio *Palhaço*, 257 brazileiros, sem crime, nem processo; na noute do dia 20 para 21 deram, pela escotilha, algumas descargas de mosquetaria sobre esses infelizes presos, incommunicaveis no fundo de um porão e inteiramente desarmados; e como os tiros dados quasi perpendicularmente não sortissem todo o effeito desejado, fecharam-se as escotilhas, para que os que infelizmente não morreram logo das balas, soffressem ũa morte mais tormentosa, suffocados pela falta de ar e fumo da polvora; ao amanhecer do dia 21, desses 257 infelizes, apenas estavam semi-vivos 4, que, parece, a providencia milagrosamente reservou, para nos referirem, com horror, a ancia, a afflicção com que acabaram seus companheiros! Este attentado, o mais barbaro de toda a historia do Brazil, *ficou totalmente impune! O official, delle accusado, entrando em conselho de guerra,* ANTES QUE FOSSE CONDEMNADO, *foi condecorado, pelo governo e incumbido de uma commissão honrosa;* e, em consequencia, os vogaes do conselho *tiveram de o absolver!*» (Vide o depoimento de um contemporaneo, o dr. Sergio de Sousa Mello, em Veiga, 86).

Governo que *sancciona* um crime de tal magnitude — «crime que offendeu á nação toda», no dizer de Odorico Mendes — *elle proprio* é quem constrange o historiador a *sanccionar* igualmente o brado de um povo inteiro, a voz inilludivel e justiceira dos que vêm nas inequivocas mostras de approvação official, equivalencias inequivocas de uma positiva cumplicidade — senão anterior, ulterior — que envolve na mesma sentença condemnatoria, os auctores e assclladores da inenarravel monstruosidade, que imitamos, ha pouco!...

[2] Pereira da Silva, «Reinado de dom Pedro», 12.

tudo: aos vagidos de seus filhos, ás lagrimas de sua esposa, ás lamentações de seus parentes. Cheio o coração de pio amor pela Patria, nega tributo a outros affectos; todas as paixões nelle se calam: fala unicamente o civismo. Se a Patria faz trovejar a sua voz imperiosa, o civismo não hesita, não se retarda, marcha a pé firme e brioso o coração: a côr da physionomia não se lhe altera, nem com a vista dos vulcões, nem com a dos cadafalsos...»[1]

Ratcliff, o segundo citado, representa um sacrificio mais negro ainda, porque nelle ha traços de desforra pessoal. O preso, lusitano de nascimento, consta que quando funccionario em Lisboa, «se offerecera para redigir o decreto de banimento da rainha» dona Carlota Joaquina,[2] senhora que um «despota, joven e vingativo»,[3] desaggravava, com abuso do poder constitucional que lhe fôra commettido.[4] A sua victima não fraqueou, nem assim: «Despotas, tyrannos, flagellos da triste humanidade, eu vos declaro um odio eterno! Podeis sujeitar-me o corpo ao garrote, detêl-o encerrado em um calabouço, fazer-lhe infligir todos os tormentos que vos possa suscitar a vossa fantasia, fertil em crueldades, mas nunca podereis escravisar a minha alma, que não respira senão o amor da liberdade, da justiça, e da humanidade e cujo ultimo voto será ainda por ellas, e por minha cara e infortunada PATRIA». «Penso e escrevo, eu, sob os ferros do absolutismo. Sou prisioneiro de estado, não me posso quasi mover: não curvo todavia, a minha cabeça», disse,[5] e sciente da sentença condemnatoria, gravou nas paredes do carcere a prophecia, logo verificada, de que não succumbia comsigo, a força moral em que fiava tragicas esperanças essa alma, que se proclamara livre e ainda o era, no oratorio da agonia:

A morte em que me offende? Além da campa
Reverdece a virtude, e não se extingue
Sob o cutelo de feroz tyranno.

A deshumanidade de dom Pedro ficou assaz comprovada. O coronel mandado para bater os revolucionarios de 1824, Francisco de Lima e Silva, escrevia ao governo, em officio de 13 de fevereiro de 1825, que «tendo mediado» «mais de tres mezes, desde que depuzeram as armas, até a execução dos primeiros réus, e havendo-se já feito alguns exemplos, parece mais conforme com o systema

---

[1] Oliveira Lima, «Formation de la nationalité», 187.

[2] Armitage, 120. Castro Silva o affirma categoricamente. «A cabeça de Ratcliff devia ser levada de mimo á sua augusta mãi», disse o distincto deputado, referindo-se a dom Pedro. Vide discurso, em sessão de 1832, no «Observador» de 6 de setembro.

[3] Palavras do Ratcliff, na prisão, escriptas á margem de um livro. «Revista do Instituto», LV, 250.

A sanha imperial se mostrou tão descomedida que, segundo o «Noticiador» (n.° de 17 de julho de 1834, collecção em meu archivo), «certo desembargador», que «desempatou», para que ficasse sendo «de morte a sentença de Ratcliff, *teve despachos em premio de tal serviço!*»

[4] Armitage, 120.

[5] Palavras de Ratcliff. Cit. «Revista», 259, 260.

constitucional mandado adoptar por sua magestade, que todos os que se acham comprehendidos nos crimes de rebellião sejam julgados pelos tribunaes de justiça». Mais adiante ajunta, para que o principe refuja á tremenda responsabilidade, ao horror dos assassinios judiciarios de 1817: «A acceleração com que se procedeu contra alguns, que, parecendo, á primeira vista, criminosos, e que, depois de justificados, foram julgados innocentes, excitou o rancor das familias e amigos destes infelizes contra o governo»; palavras de que resalta, como observa Luiz F. da Veiga, «ter o digno general, senão certeza sobre a *não criminalidade* de alguns dos justiçados, *duvida* sobre a sua criminalidade». [1] Conrado Jacob Niemeyer, presidente da comissão militar que «ceifara» o Ceará, por fim bradava: «Clemencia! Senhor; só um geral e generoso perdão é o mais efficaz e ultimo balsamo que poderá cicatrizar tão profundas chagas!» [2]

Foram ambos desouvidos. Como antes, «foi repellida a amnistia ampla promettida pelo almirante Cochrane aos dissidentes» da ultima provincia, «não se acolheram as supplicas do general Lima, a favor de alguns compromettidos», diz «o conselheiro Pereira Pinto, monarchista de coração e de idéas, e moderadissimo»: [3] não se commoveu o principe, nem mesmo com a attitude do militar em cujo animo «duro, cruel, arbitrario em extremo», [4] chegara a ter entrada a doce piedade. O predito, o coronel Niemeyer, e os outros, que sollicitavam mais benignas disposições moraes, a resposta que indirectamente obtiveram, foi esta: o ministro da marinha, em aviso de 17 de setembro de 1824, determinava ao almirante Cochrane, «que não admittisse convenção ou capitulação alguma, poisque se não devia dar quartel a rebeldes». [5]

Trata-se de um puro acto do ministro? O magnanimo imperador, de seu proprio punho, ratifica em outro, a santa doutrina, e mostra que a sua *sensibilidade* não era inferior á dos mencionados officiaes-generaes... Aplaca a universal consternação com um sangrento sarcasmo, em que não sabe o sentimento humano o que mais revolte, se a bestial frieza de um temperamento sultanesco ou o delirante impudor com que ousa attribuir a si mesmo os mais finos dotes do homem educado, quem pisava aos pés toda a cultura da melhor civilisação peninsular e enveredava pela da bysantina, — selvageria putrida, com recamos de policia mimosa. Dom Pedro, qual um de seus predecessores romanos da decadencia, que cercava de gentilezas a victima designada, emquanto dos desvãos do palacio traiçoeiro, marchavam a furtas, punhal apertado entre os dedos, o bando de sacrificadores; dom Pedro tem o desplante de expedir o decreto de 7 de março de 1825, grave documento que não quizeram lêr sequer os juizes do facil tribunal em que os seus delictos

---

[1] «Reinado de dom Pedro», 158, 159.
[2] Idem, 12. Veiga, «O primeiro reinado», 156.
[3] Veiga, 167.
[4] Pereira da Silva, «Reinado de dom Pedro», 12.
[5] Antonio Pereira Pinto, «A confederação do Equador». «Revista do Instituto», XXIX, 139, 140.

foram tidos por simples leviandades de moço estouvado, merecedoras de amplo esquecimento. [1] Eis na sua integra a monstruosa peça:

«Querendo dar um publico e assignalado testemunho de quanto tem sido dolorosa ao meu paternal coração a necessidade, em que me constituiram os rebeldes da provincia de Pernambuco, de fazer recair sobre elles a espada vingadora da lei, conciliando a satisfação, que exige a justiça, com os principios de equidadade e clemencia: hei por bem, tendo ouvido o meu conselho de estado, e usando da regalia que me compete pelo art. 101, § 9 da Constituição do Imperio, determinar o seguinte: 1.º *Que sejam promptamente executados todos os réus, que já estiverem sentenciados* pela comissão militar, *e que esta sentenceie immediatamente os que estiverem ausentes*, uma vez que estejam comprehendidos no decreto de 26 de julho e carta imperial de 16 de outubro do anno proximo passado, ficando assim extincta a commissão. 2.º Que todos os mais réus, que estiverem pronunciados, quer presentes, quer ausentes, sejam remettidos ao foro ordinario, para ali serem competentemente julgados. 3.º Hei outrosim por bem amnistiar *a todos, que não estiverem pronunciados* pelo crime da dita rebellião, em que se porá perpetuo silencio, lançando um véu de esquecimento sobre as opiniões passadas».

Comtanto que fossem *logo e logo* justiçados os individuos passiveis da sentença e *logo e logo* condemnados os que haviam fugido, sua magestade tinha a bem supprimir a machina exterminadora, movida pelo «governo imperial», que, segundo ainda o conselheiro Pereira Pinto, «procedera com notavel crueldade» «e precipitação (filhas da obediencia) para com os exterminados revolucionarios !» [2]

O «paternal coração» do monarcha abria ensanchas ao salvamento, de quem? Dos que o sabre e a bala dos pretorianos já haviam dizimado, nos recontros do anno anterior !...

Não havia outros a beneficiar, com o singularissimo obsequio da excelsa munificencia, e por isso a historia inflexivel, torcida até hoje pelos que cortejam nos paços, ou por esses outros, que cortejam a opinião corrente, envoltos na aura de sublime imparcialidade, ciosa de restituir á sympathia publica, os degradados de grande tomo; a historia sancciona o aresto proferido por uma bocca orlada ainda com a purpura da vida, mas, já tambem com as primeiras alvuras da morte, na hora em que a nossa rasão impõe silencio ás paixões do tempo e fala com isempta voz, que antecipa a dos posteros. Gerações sobrevieram, que após essa tragedia, vasaram uma lenda

---

[1] Observe-se o escandaloso favor com que Pereira da Silva se refere a este assumpto, na «Historia da fundação do Imperio brazileiro», III, 313.

[2] *Não ha aguas no mundo que possam lavar e purificar os responsaveis por esses homicidios juridicos, da nodoa indelevel que lançaram sobre suas reputações, tão monstruosas atrocidades»*, diz o citado conselheiro, que aliaz muito se empenha na «Memoria sobre a Confederação do Equador», em salvar o nome de dom Pedro, e «cobrir a coroa».

no molde de um bronze sacrilego, porque faz Pedro I roubar ao pai a chamada gloria da fundação do Imperio, ou melhor, usurpar ao filho, o que (este, sim), magnanimo e liberal, estabeleceu, e consolidou quanto era praticavel. Gerações sobrevieram depois, entretanto, que foram de mais recta justiça, de sorte que se o monumento do largo do Rocio, se ergue, nas proporções da materia, sobranceiro ao de Petropolis; a sombra de Ratcliff, na sua alva de enforcado, surge entre um e outro, para dizer severo, que pode ficar aquelle vil metal onde os palacianos o cravaram: que na estima das almas justas, perdurará saudosa a memoria do principe-republico, bemfeitor do povo, quanto com viva repulsa, a lembrança do «feroz tyranno». [1]

Condemnara este ao nobre democrata. Condemnava-o a elle, dentro em pouco, a nação quasi unanime, repetindo no intimo de si mesma, senão as palavras de execramento proferidas a respeito do regimen que dom Pedro encarnava, pelo venerando e illustre varão ha pouco extincto em Bagé; outras, que evitaram recolher os interessados em que vingasse a mentira ou que abafaram os «moderados», depois os «regressistas», nas *presigangas* e calabouços, nos massacres e execuções: que abafaram sobretudo os zanganos, que supplantam não raro, com o zumbeante sussurro, os modestos soliloquios das operarias da colmeia.

Para o Riogrande do sul havia muito estava julgado. Gentilmente recebido, em 1826, á porta de casa, o real forasteiro promettera a retribuição com galhardia, na sua tenda de campanha, e, nas planicies abrazadas pelo fogo das incursões inimigas, os milicianos dispersos em vão punham os dedos em palma sobre os olhos, para muito além abarcarem o descampado ennegrecido pelo fumo: em parte alguma divisaram a barraca principesca e luxuosa, a cuja entrada brilhasse o signo de convocamento...

Triste e vergonhoso! Depois, sobretudo, de haver a fanfurria de papos de arminho quixotescamente proclamado o «empenho do

---

[1] Não ha severidade no juizo do martyr. Leia-se, depois do decreto de 7 de março de 1825, o de 27 de fevereiro de 1827, e resaltará em plena luz a implacavel natureza do pai de Pedro II, que em nada se assemelhava ao filho, o egregio principe durante cujo longo reinado a pena de morte nunca teve execução, tamanha era a misericordia do soberano, que hoje todos veneramos.

Resa assim, o acto governativo: «Não se fazendo dignos da minha imperial clemencia, réus que foram convencidos do horrendo crime de rebellião contra o systema do governo monarchico constitucional estabelecido e jurado neste Imperio, hei por bem, tendo ouvido o meu conselho de estado, que as sentenças proferidas na commissão militar, que mandei crear, por decreto datado de hoje, para a provincia de Pernambuco, *sejam immediatamente executadas, sem que primeiramente subam á minha imperial presença*, NÃO OBSTANTE O ARTIGO 1.º DA LEI DE 14 DE SETEMBRO DE 1826». E tratava-se da misera commoção de Afogados, sem importancia nenhuma!...

Vide nota no appendice.

colossal Imperio, que amedronta o mundo conhecido».[1] Reis têm fugido; cavalleiros nunca. Expedido o cartel do desafio, licito lhe era promover o desaggravo, individualmente, ou deixal-o á conta de outrem, por ser o pleito de honra collectiva. Atirou á arena o seu proprio guante: tinha que ir saber por si mesmo, se o haviam recolhido. Foi, já o disse; para a desaffronta? Para um gesto de frio desdem, que tinha a virtude de abrir os olhos ao povo, para felicidade delle... A armadura de dom Sebastião tombou em pedaços nos areaes de Alcacerkebir; a do herdeiro da corôa que esse bravo redourara com os fulgores do martyrio, não sei se alguem achou os fragmentos della nas praias a rumo de Santa Catharina: mas, affirmo que por ahi, só por ahi, é que dom Pedro *investiu* contra o inimigo!

Vergonhoso e ridiculo! Entre as graves scenas de exterminio e devastação, o comico *intermezzo*. A breve trecho do theatro da guerra, pressuroso correio entrega ao monarcha a perfumosa missiva de pessoa mui dilecta, que se lhe abria em lamentos, porque os ministros a tinham privado do que se lhe antolhava um direito e Armitage qualifica de «ultimo insulto» e «cruel arrojo»:[2] o accesso na camara da imperatriz, o gosto de pôr os olhos na face da rival moribunda e preterida. Motivo era sobejo para um regresso immediato: a fronteira ultrapassada pelo estandarte inimigo, a noticia da universal consternação pelos campos, a evidente necessidade de uma cabeça directora, no centro da provincia, onde o desgoverno se havia tornado irremediavel, com o desprestigio de uns, com o pouco tino de outros — cousas de escassa monta pareceram, ante a urgencia amorosa de enxugar as lagrimas de amuo, no rosto ameno da seductora beldade! *Non potuit melius finire jocosam*...[3] Voltou; mandava-lhe esse dever supremo, ainda que outro lhe impunha uma communhão alarmada!...

> Á vista de Pedro
> É certa a victoria;
> Marchemos ao campo,
> Cobrir-nos de gloria.[4]

Faltar a essa esperança, era a ignominia, para o soberano: pouco lhe importou isso, todavia!

«Este imprevisto desenlace diminuiu muito o prestigio do imperador, a ponto de obrigar os seus amigos zelosos de sua gloria, a desejarem que antes não emprehendesse semelhante viagem!», assenta S. Leopoldo[5] e o proprio infortunado principe creio acaba por ter a nitida consciencia de que lhe viram as costas: de que o povo de todo o abandona, silencioso, quanto severo!... Percebe-se

[1] Proclamação imperial de 18 de maio de 1825.
[2] Pag. 177.
[3] Marcial, Opera, *De spect*, XX, 3.
[4] Hymno provincial. «Diario de Portoalegre», n.º 84, de 19 de setembro de 1827. Collecção em meu archivo.
[5] «Memorias», na «Revista do Instituto», XXXVIII, parte 2.ª, 7.

que avalia a immensidade pungente de seu desprestigio, no modo como estreita ainda mais o convivio com a marqueza que o captivara, com a gente pessima que o perdia, com o ignobil personagem que afinal subiu ao plano de typo representativo de um systema insustentavel, — o Chalaça!

Os aggravos da nação resume-os, em 1838, num relance, o manifesto do presidente da Republica riograndense:

«O governo de sua magestade o imperador do Brazil tem consentido que se avilte o pavilhão brazileiro, por uma covardia reprehensivel, pela má escolha de seus diplomatas, e pela politica falsaria e indecorosa de que usa para com as nações estranjeiras.

Tem feito tratados com potencias estranjeiras, contrarios aos interesses e dignidade da nação.

Faz pesar sobre o povo gravosos impostos e não zela os dinheiros publicos.

Tem contraído dividas taes e por tal maneira, que ameaçam a ruína da nação.

Tem permittido contrabandos vergonhosos e extremamente prejudiciaes.

Faz leis sem utilidade publica e deixa de fazer outras de vital interesse para o povo.

Esgota os cofres nacionaes com despezas superfluas e não cura do melhoramento material do paiz.

Não aproveita, nem ao menos sabe conservar, as riquezas naturaes do solo brazileiro.

Não administra as provincias imparcialmente.

Permitte a mais escandalosa impunidade em seus agentes, despresando as queixas que contra elles se dirigem.

Permitte um trafico vergonhoso no pagamento da divida publica, na distribuição da justiça, e finalmente em todos os actos da publica administração.

Tem posto em pratica uma politica feroz e covarde, com respeito a estranjeiros e nacionaes, que chama rebeldes.

Tem despresado e mesmo punido como a crimes, as mais justas e attendiveis representações do povo.

Tem invalidado mandados de *habeas corpus* legaes.

Tem conservado cidadãos longo tempo presos, sem processo de que constem seus crimes.

Vilipendiou o espirito nacional, ligando-se a uma facção estranjeira e adversa ao Brazil.

Sem o indispensavel consentimento do corpo legislativo tem armado estranjeiros, para escorar suas arbitrariedades.

Estes males, além de outros, nós os temos supportado em commum com as outras provincias da união brazileira: amargamente os deploravamos em silencio, sem comtudo sentirmos abalada a nossa constancia, o nosso espirito de moderação e ordem. Para que lançassemos mão das armas, foi preciso a concorrencia de outras causas, outros males, que nos dizem respeito particularmente a nós e que nos trouxeram a intima convicção da impossibilidade de avançarmos na carreira da civilisação e prosperidade, sujeitos a um governo que ha formado o projecto iniquo de nos submetter á mais abjecta escravidão, ao despotismo mais abominavel». [1]

---

[1] Exemplar em meu archivo, 2, 3.

Abriu-se um duello de morte, entre a nação e o seu mandatario infiel: aquella, depois de muitas hesitações, pronunciava o nome do verdadeiro culpado de tantas calamidades. No Riogrande havia muito se tinha verificado quem era o responsavel, quem eram os cumplices, e, encerrada a guerra com o inimigo de fóra, estourou violenta contra o de dentro: bravia já a discordia antes do tratado de paz, entre os que tinham seguido a mesma bandeira, se despenhou insana, dos arraiaes militares, nas praças; depois, nos lares, revertendo dali, com um progressivo fragor, ás ruas, aos acampamentos, — no vasto prologo da guerra civil!

Foi ella mais tarde. Saíu-se, porém, de uma refrega, para outra refrega, empenhada, a dessa hora, com as armas da policia espiritual, emquanto a cultura guerreira recompunha os arnezes, costurava o fiel das espadas, dava outra tempera ás embotadas lanças...

Para que? Ao certo, ninguem o sabia: preparam-se todos, entretanto! O clamor do exercito, accrescido com o dos milicianos, ampliou-se em furacão de protestos: desabridas accusações, defezas iradas, revides sangrentos, que cavaram um sulco profundo na sociedade, transformado este em abysmo intransponivel, quando recomeçou o pleito entre os que então para sempre se desavieram.

A amargura geral extravasou na imprensa. Exasperante o veneno dos pasquins, vivo nos jornaes o facho do incendio, — a voejar, a folha solta, como um pendão, em fremito nos ares, concitando, incitando, excitando: magna conclamação revoltosa, em a qual, se avisados os mercenarios do despotismo se reuniam, os liberaes, de sua parte, cerravam fileiras, confederados para o bem.

Antes de 31 já estavam todos conhecidos uns dos outros e nesse anno voaram a postos, ainda que as arregimentações se occultassem. O movimento era subterraneo, mas fazia vibrar o solo tão nitidamente, que o fino ouvido das almas impressionadas percebia os alviões das minas e contraminas, o suave passo dos que avançavam nas galerias e topando com as guardas vigilantes do contrario, se dispersavam lestos, em recuo soturno, antes que se adivinhara o intento da surpreza...

Entrementes, os successos se precipitam. «Estava acabado o tempo de enganar os homens». [1] Desilludidos pediam contas, elles, ao perjuro de 1821, que, de novo perjuro, renegava a fé empenhada em solemne compromisso — voluntario em 24 —, rasgando sacrilego a sua propria Constituição: pediam-nas ao algoz (e victima) de tres seculos de tradição liberticida!

---

[1] Principe dom Pedro. Manifesto de 6 de agosto.

Os «moderados» parece que por mui poucos mezes se conservaram adversos á mentira official. Tinham posto á testa do orgam do governo do Imperio, depois do 7 de abril, aquellas palavras com que começa o referido menifesto: em julho foram supprimidas: iniciara-se o ludibrio urdido por elles, como succedaneo do que inculcavam banir com o principe. Nem seria o ultimo, nem o maior: destinado o *record*, ao que presenciamos modernamente, com o que se seguiu ao derradeiro acto do drama dynastico principiado em 1831.

A esse misero extremo chegava o feliz mortal que recebera a «dadiva» de um throno, com a condição unica de o conservar como symbolo de união espontanea, e o transformou no de insupportaveis imposições; a esse misero extremo chegava quem só depois de algo polido no infortunio, soube exhibir alguns lances, que o apresentaram mais capaz de exercer o principado constitucional!

Entre nós, a sua concepção politica (feito ligeiro desconto) correu parelhas com a do frade e fadista de alto cothurno, que depois guerreou. Sob enganador verniz de liberalismo, era como o terrivel infante, seu irmão: o que amava era o arbitrio incontrastavel.[1] Tamanha a sua inconsciencia do papel que lhe cabia, tamanha a inconsciencia das responsabilidades assumidas em 1822, que creou uma guarda pretoriana, na qual ninguem era «admittido a servir, sem prestar juramento de fidelidade e inteira obediencia ao seu imperador!»[2]

Emperrado como dom Miguel, e, como elle, altaneiro, pouco lhe mereceu o desfavor com que o paiz incorrupto acolheu a concessão de titulos de nobreza, feita com escandalo por seu pai. Continuou-a com igual prodigalidade, decretando tambem uma verdadeira derrama de condecorações.[3] Ainda em 1827, designava para cargos, tendo só em attenção o nascimento do nomeado, como denunciou, na camara, Bernardo Pereira de Vasconcellos. Quasi tantas, como annos do reinado, observava Odorico Mendes, eram as commissões militares, instrumento barbaro do velho regimen; e o que representavam em tempo de dom Pedro I disse aquelloutro primeiro estadista, monarchico de arraigados sentimentos: que era «um modo de assassinar cidadãos». Em 1829, a sua semceremonia desembaraçava-se ao ponto de num decreto, o de 27 de fevereiro, suspender — expressamente — os effeitos da lei de 14 de setembro de 1826, referendado, esse *ukase*, por um temperamento de esbirro de policia, o general Joaquim de Oliveira Alvares.

As circumstancias chegavam a termos que se pode affirmar, que o «Republico» interpretou, num brado unico, o appello de todos os patriotas de vulto ao brio nacional: «Mineiros e paulistas, não ouvireis os lamentos de vossos irmãos fluminenses? Preparai-vos, e ponde-vos prestes a soccorrel-os. Riograndenses, vós que amaes tanto a liberdade, não podeis ser indifferentes a vossos males; preparai-vos, que a tyrannia breve vos accometterá, e é mister que vos ache prevenidos.

....

«E assim tambem bahianos e pernambucanos, brazileiros todos em geral.

Fomos incitados para uma guerra que se faz necessaria». «Sejamos um dia brazileiros; nada de esmorecermos, porque então grimpada a tyrannia sobre nós...... acabaremos todos ás mãos dessa

---

[1] Antonio Augusto de Aguiar, «Vida do marquez de Barbacena», 801.

[2] Art. 22 do decreto de 1.º de dezembro de 1822. Veiga, 111.

[3] Pereira da Silva, «Reinado de dom Pedro», 38, 39.

cabilda infame de vendidos vandalos (os portuguezes), apoiada pelo ***traidor mór***. OU LIBERDADE OU MORTE! Armai-vos e resisti». [1]

Resistiram. Tenho frente a mim uma narrativa, traçada no proprio dia 7 de abril, ás 9 da noute, pelo sabio riograndense Candido Baptista de Oliveira, deputado geral. [2] O fino e moderadissimo caracter deste homem, como a sua reconhecida capacidade, prestam ao relato um cunho de insuspeição e segurança, que o tornam realmente precioso. «E o que tem havido e que me pareceu dever communicar-lhe, visto que as noticias ao longe hão de ser desfiguradas: e por isso posso afiançar-lhe que isto é o que na verdade aconteceu», diz elle, addindo ao que escreve, as arrhas de sua imparcialidade. Eis a interessante pagina de historia: «Amigo e senhor: Graças a Deus, que terminou finalmente a revolução, que estava para rebentar, e que se esperava fosse bem ensanguentada! Depois das desordens dos dias 13 a 15 do passado, por occasião da chegada do imperador no seu regresso de Minas, foi nomeado ministerio novo, como terá visto dos diarios. O povo, apesar de confiar neste ministerio, andava inquieto, e suas desordens appareceram, que se augmentaram no dia 5, a ponto de se derramar grande terror na cidade... O imperador na madrugada de hontem nomeou novo ministerio, a saber: marquez de Inhambupe para o imperio, marquez de Paranaguá para a marinha, marquez de Baependy para a fazenda, visconde de Alcantara para a justiça, conde de Lages para a guerra, não sei quem para estranjeiros, e se espalhou que se tinham suspendido as garantias, e que alguns deputados estavam presos (o que não foi verdade). Isto bastou para que o povo corresse para os quarteis de artilharia da Misericordia, e largo do Moura, e para o campo de Santa Anna, logo ás onze horas da manhã; e logo principiou o fecha-fecha do costume, dos dias antecedentes. O governo estava preparado com força em que confiava, e chamou os corpos de milicias de pé e de cavallo, da roça, que principiaram a chegar hontem. Quando o povo no campo em numero de mais de 12.000 homens, mandaram uma deputação de tres juizes de paz das freguezias do Sacramento, S. José e Santa Rita dizer ao imperador, que usando do direito de petição, lhe pediam houvesse de nomear o ministerio, que acabava de demittir; foi-lhe respondido que o povo se conservasse em seus limites, que elle se conservava nos seus. Dom Pedro «fez uma proclamação, que remetteu pelos mesmos juizes, os quaes voltaram, e sendo a dita proclamação lida hontem á noute pelo juiz de paz de Santa Anna, o povo a arrancou da mão do dito, e a rasgou: correram a pedir armas; não lhas deram; principiou o povo em alvoroço. Foi então que o batalhão de artilharia de posição

[1] N.º de 16 de março. Vide «Correio da liberdade», de 20 de abril de 1831, collecção em meu archivo.

[2] Este nosso illustre procer pertence ao numero dos que assignaram a representação endereçada ao imperador, depois da reunião em casa do deputado José Custodio Dias. Eram 22 membros da camara temporaria e um da vitalicia.

saíu dos quarteis para o campo, o batalhão do imperador, e artilharia montada, que estava na quinta desertou para o campo; a guarda de honra, a guarda do paço, e as sentinellas o abandonaram, e desertaram para o campo, e o mesmo fizeram outros batalhões: foi então que o imperador abdicou em seu filho o principe imperial, mandando ao campo ás duas horas da madrugada o decreto, que foi recebido pelo povo e tropa, que então tudo estava debaixo de armas». [1]

O desfecho do persistente desatino foi a crise em que o povo, cançado, se desentranhou em coleras, que firmaram este dilemma: submetter-se o chefe do Estado ou tentar fortuna num golpe de auctoridade. Recolheu-se o provocador e subscreveu a ultima de suas decisões soberanas, com um meneio de honrada franqueza, que era em si a justificação da conducta dos adversarios. Ainda em um arranque do espirito absolutista que o dominava, largou sobre os degraus do throno que o forçavam a renunciar, o perfeito documento de sua radical incomprehensão do regimen moderno: «Tudo para o povo», disse; «nada pelo povo».

Ainda mais que os desvarios de seu circulo infausto, fumaças da soberba contribuiam para despenhal-o, mais cedo do que esperava! Era a maior falha de sua couraça moral, e adivinha-se que lha alveja, a satyra de uma gazeta do sul: «Violento, injusto, cruel, ambicioso, lisonjeiro, invejoso, insolente altercador; eis o homem em quem domina o *amor proprio*. Nunca repousa fóra de si mesmo, e se chega a parar, é como a abelha sobre as flores, para dellas tirar o que lhe convem. Não ha nada mais impetuoso que seus desejos, nada tão occulto como seus designios, cousa alguma tão habil como os meios que emprega para seus fins. Suas condescendencias não se podem representar, passam as metamorphoses; suas representações e suas refinações excedem ás do mais apurado chimico; não se pode sondar a altura nem penetrar as trevas de seus abysmos. Ali está a coberto das mais penetrantes vistas, faz mil insensiveis voltas, e rodeios; ali, a si mesmo, muitas vezes é invisivel; ali concebe, nutre, e cria, sem o saber, um grande numero de affeições, e de odios. Forma-os tão monstruosos, que quando os dá á luz, desconhece-os, ou não se pode resolver a confessal-os.

Desta noute que o cobre, nascem as ridiculas presumpções que elle tem de si mesmo, seus erros, e sua ignorancia do conhecimento proprio. Daqui procede que julgando seus sentimentos mortos, apenas estão adormecidos; que julga não ter mais vontade de correr, logo que se repousa, e que pensa ter perdido todos os prazeres que tem saciado. Mas esta obscuridade espessa que o encobre a si mesmo, não o embaraça para que veja perfeitamente o que está além de si, e no que a nossos olhos é semelhante. Quer obter cousas que avantajosas lhe não são, e que antes lhe são nocivas, mas que persegue, pois nellas intenta; é bizarro, e em objectos os mais frivolos applica o seu entendimento; encontra prazer nos mais in-

---

[1] «Correio da liberdade», de 7 de maio de 1831.

sipidos, e nos mais despresiveis conserva toda a sua altivez. Amolda-se a todos os estados, e condições da vida: por toda a parte vive; vive de tudo; finalmente não vive de cousa alguma. Accommoda-se com todas as cousas, assim como a passar sem ellas; passa mesmo para o partido das pessoas que lhe fazem guerra, e até entra nos seus designios: porém o que é mais de admirar, com ellas se aborrece de si mesmo; conspira para a sua perdição; trabalha mesmo na sua ruina: emfim só cuida de viver, e com tanto que exista, quer mui bem ser seu proprio inimigo». [1]

Fôra-o de si proprio, dom Pedro. Ao caír, porém, ainda que sempre impolitico, tremeluzia-lhe no cerebro uma idéa salvadora. A velha alma do *clam* privilegiado soprou-lhe claridades na mente obscurecida, amolleceu-lhe o vigoroso temperamento, reduziu o indomito irmão (bem irmão !) do cabeçudo Miguel: se resiste, se vence mesmo, na capital, — os sinos que tangiam a mortos, para correl-o de Minas, repetiriam os dobres funebres, com o passamento infallivel da monarchia, a ruina das instituições. A revolução, já desviada habilmente do curso em 1822, poude assim de novo supplantal-a o esforço do instincto conservador de um pugilio de homens de talento, que cercaram o mais imprevidente delles !

Formaram esses um bloco, em torno de Evaristo Ferreira da Veiga, no mesmo anno da revolta, para oppor uma barreira aos que pretendiam tirar, com a precisa logica, todas as naturaes consequencias da iniciativa de abril. Condemnando a acção dos que chamaram *exaltados*, os que a seu turno vieram a nomear-se *moderados*, pregavam a necessidade de ordem, sem a qual diziam impossivel firmar a liberdade. Ora, ninguem podia garantir se mantivesse aquella inalteravel, se ao reclamo de reformas, promettidas pelos adversarios de dom Pedro, agora desunidos, se correspondesse com usura e precipitação. Insinuando a urgencia de evitar o que reputava serio risco, o verdadeiro chefe da resistencia, logo organisada, escrevia antes: «Ha-se mister a experiencia, um profundo conhecimento do estado social, das verdadeiras necessidades da população, e os tempos de enthusiasmo, de suspeitas reciprocas são os menos proprios para taes mudanças. Quando um povo geme nas cadeias de leis oppressoras, e que não offerecem meio por onde a illustração se derrame, então todos os esforços são racionaes, todas as imprudencias permittidas. Mas logo que ha representação do paiz, representação especial das provincias, imprensa livre, garantias do cidadão, para que é necessario apressar aquillo que ha de vir tranquillamente, sem violencia, se acaso a força das cousas o exige ? Para que é querer que a mudança se opere entre perigos, no meio do frenezi dos partidos?»

«A nossa Constituição marcou os meios legaes para se obter em tempo idoneo» as suas «alterações». [2] Por que recorreram então ao levante, os *moderados* para garantir o que nella se continha ? Por

---

[1] «Amigo do homem e da patria», n.º 10 de 1829. Collecção no meu archivo.

[2] Armitage, 283, 284.

que não preferiram «os meios legaes», para assegurar o que lhes parecia compromettido? A anterior falta das condições que acima aponta o articulista, não tinha impedido o surto e progresso da agitação legal e não impediria a de uma resistencia passiva: por que lançaram o arriscado appello ás facções e fundaram no delirio dellas a esperança de regeneração? Porque tinham commovido o principio de estabilidade, se á sua primazia deve tudo sacrificar-se?

Encarada a questão pelo outro aspecto da dissidencia, se a Carta outorgada por dom Pedro, apta a assegurar sem «perigos» a melhora do paiz, como entre azares a promoveram? Por que semearam ventos, se depois, com o receio das tempestades, queriam que Eolo fechasse a caverna, antes de limpa de todo a atmosphera? Um contemporaneo illustre, como tivesse presente o dislate, havia de offerecer-lhes uma clara lição, só bem tarde lida: «Epocas ha em que o Estado é tão mal dirigido, e caminha tão evidentemente á perdição, que a idéa de derribar, mudar ou modificar o governo e as leis, acode espontanea a todos os espiritos; e em outras, o mal, muito mais grave e profundo, torna até necessario e indispensavel revolver os intimos fundamentos da sociedade. Revolução suave e pacifica, se as idéas e interesses lentamente desenvolvidos, alcançam o termo e madurez, sem encontrar tropeços serios; violenta, inexoravel e cruel, se a obstinação e cegueira da velha auctoridade desafia a sua colera, procurando oppôr-lhe uma resistencia tão desarrasoada como impotente. Assim, não é o accidente dos meios brandos ou violentos, quem pode justificar as revoluções; que a força e legitimidade dellas está toda na sua necessidade e opportunidade, que vale tanto como dizer — na sua justiça. Porquanto, nestes casos a força é um simples accidente, a occasião, não a causa efficiente e remota. Se um throno se allue, se uma Constituição se rasga, e se um Estado se transforma ao choque e pressão de uma só batalha, sublevação ou levantamento popular, é porque as causas geraes, de longo accumuladas, e operando lentamente, chegam em fim ao seu termo, fazem explosão, e completam a mudança. O facto material rebuça a idéa que triumpha. Essa bella imagem da antiguidade — Pallas saindo armada do cerebro de Jupiter — que outra cousa é senão a força material brotando da intelligencia para dar vida e acção ás idéas, convertendo-as em factos?!» [1]

Minerva em 1831 desamparava os *liberaes*, mettidos nessa hora, na couraça dos «cascudos». Descomprehendiam que a «violencia da revolução», se fundava, por um lado, na consciencia de «sua justiça», manifesta com o facil «triumpho» de 7 de abril; por outro, na «obstinação e cegueira da velha auctoridade», que «desafiava a colera» do povo, querendo apenas, aquella, que se «modificasse o governo e as leis», quando, para este, era necessario e indispensavel «derribar» o que existia: «necessario e indispensavel revolver os intimos fundamentos da sociedade».

O circulo de Evaristo da Veiga não o queria, mas se resolveu

---

[1] João Francisco Lisboa, Obras, I, 437, 438.

a contribuir na pratica da primeira parte do programma, isto é, apear dom Pedro: pôr os braços no tentamen de uma completa regeneração nacional antolhou-se-lhe louca temeridade, como digno de inflexivel castigo os que se arrojassem a promovel-o!

Nunca está a rasão com os vencidos. No processo da historia, raro depõem, qual convem a esta, os caracteres mais energicos: ficam em geral nos campos de batalha, ou pendem no alto das forcas enregelados. Os sobreviventes, nas contendas civis, ou por fracos fazem correr versões adulteradissimas dos factos, para mingua de sua responsabilidade, ou, por dignos, succumbem no silencio do abandono, em meio de uma atmosphera hostil. Se o juiz imparcial, para escrever a sentença definitiva, pudesse, entretanto, galvanisar os cadaveres dos veros liberaes, sacrificados pelos *soi-disant* liberaes, nos denegridos motins subsequentes ao unico motim por estes glorificado; se os pudesse erguer da campa, com um sopro de vida, para ouvil-os equanime, como o foram os triumphadores, — eu tenho certeza de que os erros do espirito sedicioso mereceriam indulto, se comparados, serenamente, com os erros do emperramento politico que provocava as insurreições e clamava depois a urgencia de supprimil-as, á viva força e á ponta de bayonetas. [1]

«Tudo agora, tudo se deve e pode fazer legalmente; nada, porém, pela violencia e pela desordem», pontificou Feijó. [2] Esqueceu, todavia, que os «moderados», senhores das avenidas do poder, fechavam-nas, vedando o livre accesso aos reaes directores da agitação que de facto depuzera a dom Pedro, e restringiam o «tudo» de que falava o padre, a cousa muito pouca: a uma reforma em desharmonia com a

---

[1] Patenteando a simplorice dos que acreditaram ficasse a revolução de abril na exigencia da mudança de ministerio, disse Evaristo da Veiga: «Ainda quando o ex-imperador accedesse a semelhante voto, que garantia nos podia dar a sua palavra, de que passadas 24 horas, não tornasse a pôr na administração os Paranaguás e os Alcantaras, procurando haver á mão os auctores da que sería então intitulada — *Horrorosa rebellião* do campo de Sant Anna?»

Nestas palavras, ha clara revelação de todo um processo historico: o que foi usado para denegrir os «exaltados» e que empregam todas as situações victoriosas, contra os que se lhe oppuzeram, com má fortuna. E' o terrivel methodo a que alludiria depois João Francisco Lisboa: «Para fazerem valer» as suas «extranhas doutrinas, os nossos publicistas e estadistas conservadores falsificam a historia, desnaturam os caracteres e enredam tudo em abominaveis sophismas». E' o caso edificante da velha fabula de Lafontaine (xv), em que o leão, *abatido* pelo homem, protesta contra a mentira:

Je vois bien, dit-il, qu'en effet
On vous donne ici la victoire:
Mais l'ouvrier vous a déçus;
Il avait la liberté de feindre.
Avec plus de raison nous aurions le dessus
Si mes confrères savaient peindre.

[2] Pereira da Silva «Historia do Brazil, de 1831 a 1840», pag. 12.

expressa vontade do paiz inteiro, patente no «clamor pela federação republicana», [1] de que nos fala Armitage, ou no que Nabuco chama de «enthusiasmo federalista», «a corrente irresistivel da epoca»,—que os socios de Evaristo da Veiga tiveram a habilidade de perturbar na sua marcha, primeiro, e depois sopear e por fim transviar de todo. [2]

Não ha no que digo sombra de favor com que um liberal moderno pretenda amparar os de sua bandeira, que foram opprimidos, no periodo da regencia. Os factos cabalmente demonstraram que os «exaltados» tinham justos motivos para repellir a solução parlamentar e para reclamarem «*já e já*» o decreto das reformas que completariam a revolução. Seguir os tramites regulares era compromettel-as, como se viu. Em primeiro lugar, que era o senado? Embaraço «ás leis de utilidade publica», conforme já dissera Bernardo Pereira de Vasconcellos, e conforme diria mais tarde Evaristo, tal gremio era uma aula do principe decaído, era um instrumento de cega resistencia: «O senado na sua maioria composto de antigos servidores de dom Pedro, e de parciaes do regimen arbitrario e decrepito, acastellado na sua vitaliciedade, se recusava a approvar as reformas, inutilisando por este feitio o voto nacional». [3] Em segundo lugar, que era a camara? Em boa parte a emanação de comicios da ordem daquelles que tinham escandalisado Porto-alegre em 1828 e o que mostrou ser quando alguns dos proprios «moderados» tentaram em 1832 o golpe legislativo annullatorio da oligarchia senatorial: um gremio sem unidade de designios, sem energia effectiva, sem decisão efficaz, — uma simples roda da machina politica, a mover-se, de ahi em diante, em funcção do synhedrio do Rio-de-janeiro, que a igual do da metropole, pretendia repôr o Brazil independente, no honroso nivel da colonia escravisada. Ora, dos que clamavam antes de 1831, uma fracção pretendeu submetter a mudança constitucional aos azares que correria ella em tempo do ex-imperador, excluida apenas a influencia acaso adversa deste; os da outra fracção, em tudo fieis ás declarações que tinham subscripto, achavam estulta a idéa de proceder-se á obra de regeneração, de par com os auctores ou cumplices dos crimes e corruptelas que motivaram o protesto revolucionario.

Inde iræ! O que os «exaltados, nessa hora, repetem, das velhas

---

[1] Pag. 275.

[2] «Um estadista do Imperio», I, 19.

A corrente era tão forte que estiveram a obedecer-lhe os proprios fautores do Imperio. «O governo será organisado á maneira do dos Estados-unidos da America do norte», affirma a princeza Leopoldina, esposa do principe regente, a Schaffer, segundo leio em um interessante estudo do coronel Gomes de Castro e documento que já citei comprova o que annuncia a futura imperatriz. Como se viu das instrucções aos «srs. emissarios» incumbidos de prepararem o «voto» dos povos, aconselha-se-lhes que dêm «muito valor ao tope da *confederação*», o que está de accordo com o que diz a princeza e deixa bem manifesto que a estreita unidade decretada depois, não foi a primitiva idéa dos organisadores politicos do Brazil independente.

[3] Pereira da Silva, «Historia do Brazil de 1831 a 1840», pag. 82.

doutrinas communs aos conspiradores antigos, passou a ser a subversiva linguagem da demagogia impertinente, logo depois a dos *malvados*, que «dissolviam quasi inteiramente os laços sociaes». [1] Afinal, os que assim foram qualificados perderam a paciencia; Bernardo Pereira de Vasconcellos, diante das precarias condições em que se achava a vida politica do paiz em 1827, proclamara a formula de radical e opportuna solução do problema coevo: «Todo o mundo não sabe que o senado se está oppondo ás leis de maior utilidade publica? A nação reconhece o que é o senado e o que é a camara dos deputados. RECORRAMOS Á OPINIÃO PUBLICA *e nada de conversas com o senado*». [2] Muito bem, com o mesmo direito e com a mesma logica indesconhecivel com que de tal fórma se pronunciava o futuro chefe da reacção conservadora; os liberaes de melhor quilate que o transfuga de poucos annos mais tarde, conhecendo do que era capaz a camara alta e adivinhando as fraquezas em que poderia caír a camara baixa, entendem de novo «recorrer á opinião publica» e evitar «conversas com o senado e com a camara»: promovem a ruina immediata dos dispositivos constitucionaes em que se podia encastellar um outro despota vindouro, pelo mesmo processo por que se tinha operado a ruina subita do que os affrontara no passado: em uma palavra, revoltam-se.

Indignadissimos contra uma cousa que haviam feito na vespera, os «moderados» se dispuzeram a reagir... e vêde com que estupido e desalmado, quanto illegitimo furor! Um estranjeiro, em 1824, se lembrara de poupar brazileiros, em armas no Recife, e lhes promettera ampla amnistia, que pediu ao governo; este, que era de compatriotas dos rebeldes, prompto respondeu que lhes não désse quartel. Recente a lição do homem insedento de sangue e a dos que estavam anciosos por bebel-o; os liberaes ás avessas escolheram para o seu ensino, a regra da matança: *Pacisque imponere mores, debellare superbos!*

Era o conceito de uma civilisação militar, que aliaz respeitava, no vencido, o culto, a tradição local, a lei da terra, contente de receber o tributo ou a milicia voluntaria. Desconvinha a uma democracia, dentro da qual a solidariedade havia de promanar do convencimento ou do accordo, sendo muito de «condemnar o abuso das repressões implacaveis e crueis», assenta emerito homem de letras nada inclinado ao processo insurreccional, que expõe a sua theoria nesta doutissima lição:

«Ephemeros ou prolongados, ameaçadores e terriveis ou simplesmente incommodos, casuaes ou premeditados, infundados e loucos emfim, ou justos e indispensaveis, o certo é que de vez em quando, na vida de todos os povos rebentam esses movimentos, especie de convulsões de enfermo e symptomas de um mal qualquer, e a que, segundo a sua gravidade, e a convenção dos publicistas,

---

[1] Fala do trono de 1832. Vide Mello Mattos, «Paginas da historia constitucional», 25.

[2] Sessão de 11 de junho de 1827, Veiga, 106.

se dá o nome de motim, sedição, sublevação, revolta, rebellião, revolução, guerra civil. Dado, porém, o caso, o que cumpre fazer? Os estadistas da escola do dr. Sangrado, e de ordinario aquelles que pela sua immoralidade, abusos e vexações mais concorreram para a exasperação do povo e dos partidos, alçam então a voz, e clamam que a impunidade é a perdição dos Estados; — que as amnistias e a brandura do codigo penal nos vão levando ao abysmo — que a salvação publica requer mais energia e severidade — que era com sangue emfim, e não com rosas que Richelieu abatia o pó das conjurações.

Pois bem, Timon ousa pensar de outro modo, e fundado em auctoridades maiores de toda a excepção, sustenta que em falta de melhor ainda, a brandura das leis criminaes e o exercicio do direito de amnistiar nos têm poupado trabalhos sem conto, sustendo-nos á borda do abysmo em que á nossa vista se debatem o Mexico, Buenos-aires e tantas outras republicas da lingua hespanhola, onde os vencedores implacaveis e crueis, nunca conheceram regras e limites nesse pretendido direito de punir pretendidos crimes politicos». [1]

Não pensaram com este commedimento os «moderados». Para elles, «nas discordias civis a batalha é o processo, e a victoria é a sentença», e passou esta aos annaes, como a verdade historica. [2] Não foram escriptos ainda, com ella, os dos «exaltados». Aquelles se limitaram a devastar summariamente o acampamento da liberdade, a pretexto de que abusavam os ultimos do que os primeiros se dispunham a sophismar, — mãos dadas com o inimigo commum de outróra. Assim o pediam os sacros interesses da ordem e a magestade da lei... Mas, se a «ordem» e a «lei» que a ferro e fogo impunham, eram as que haviam combatido, quando encarnadas em Pedro I, e ora perpetuavam, depois de o terem expoliado, como hoje expoliavam os companheiros de jornada reivindicadora ? !

Inintelligente, infiel, e fatal, a attitude dos «moderados». Os que emprehendem revoluções, para deixar a obra em meio, nada mais fazem que abrir o proprio tumulo, disse um conhecedor da especie: o tumulo dos incautos ou o das idéas que representam. As que se lançaram no tapete das reformas em 1831, reduziu-as a timidez ao misero esboço de 1834: ao alto as frageis paredes da construcção, mas o travejamento da cumieira sem o preciso remate, deixa compromettida a solidez da peça architectonica. Prevê-se a consequencia. Os pavidos engenheiros mettem as possiveis escoras na sua obra; os desabusados mestres-pedreiros absolutistas bradam, todavia, que ameaça ruina, de que muito pode soffrer o paiz. Allegam

---

[1] João Francisco Lisboa, no «Jornal de Timon», I, 475, 476.

[2] Idem, 476. Estas opiniões do grande maranhense têm o valor singular de haverem sido publicadas depois de uma devastadora guerra civil na sua terra, o que sobremodo realça a philosophica equanimidade de João Francisco Lisboa, cuja sublime prelecção deve ser meditada pelos Sangrados de hoje e amanhã.

aquelles que o trabalho feito precisa ser mantido tal e qual até que outra geração o complete; a reacção contra a novidade oppõe que o desaprumo não consente adiamentos e com o fito de evitar calamidades problematicas, mette a picareta no mal iniciado edificio do futuro...

Deram-lhe os primeiros golpes em 37; em 41, era a bastilha retrograda que estava reerguida em seu lugar, no centro do incauto bairro da revolução. Dos sublevados, de 1831, uns estavam mortos, outros, tempo depois, em 1842, tentariam melhorar-se em Minas e S. Paulo, mas tinham que succumbir. Por tres annos mais, se ouviriam para o sul distinctamente as descargas dos reaccionarios, contra os unicos, no campo liberal, que sabiam onde precisavam ir e até onde queriam ir. Por fim, em 1848, no Recife, tombaram os ultimos abencerragens.

É certo que na evolução integral temos elementos seguros para julgal-a e os contemporaneos de 7 de abril possuiam apenas alguns dos termos da serie: obscuro para elles o que hoje para o historiador se desenha sem sombra. A duvida em que entraram, de que se restabelecesse a «ordem», brotara logo após o abalo do levante: não era sufficiente isso, para que a repellissem, como infundada e prematura? Ensina a mecanica vulgar que só os choques de força vertiginosa podem destruir o que se lhes oppõe, sem repercuções ulteriores: um projectil, no maximo de sua velocidade, arrebata de uma superficie de crystal as moleculas que encontra na passagem, e deixa intacto o resto da transparente lamina e immoveis todas as outras partes que a constituem. Na categoria das cousas humanas, breve se presenciaria no sul um desses rapidos effeitos, mas, no golpe de 1831, não se podia contar com o mesmo. A força revolucionaria, com a abdicação, deixou de ter aquelle impeto; ou a previdencia politica crearia, logo, o engenho capaz de transformar o abrazado calor em electricidade util, derramando-se em luz na terra commovida, ou elle, de accordo com as leis naturaes, por muito tempo havia de expandir-se em estremecimentos varios, até que a pujança da predita força revolucionaria se dissipasse, em mais ou menos lentas e successivas vibrações. [1]

---

[1] Aliaz, o governo de 1831 teve a sufficiente comprehensão da boa theoria; o que não quiz foi applical-a com desassombro e lealdade. «Não serve de argumento contra o que dizemos, algumas desordens, que se tem seguido á revolução de abril; *um movimento dessa natureza, partindo da irritação dos espiritos não se aplaca em poucos dias, porque uns são mais irritaveis do que outros, e o pensamento não se regula por uma só escala, nos que só querem zelar a independencia e a liberdade*». Isto proclama o governo, ou alguem por elle, («Imperio do Brazil», de 18 de agosto de 1831), e no entanto obra como o cesar que abatera: em desharmonia, senão com o que achava justo, com o que dissera natural, explicavel, na passagem citada, e que ainda noutra encontrava apoio. Em o n.º de 12 de julho daquelle anno, o orgam situacionista declara, intelligentemente, para logo esquecer, que «as paixões são a alma

Que contrasenso! Nessa decada, formavam os abusos uma imponente, assustadora montanha, que esmagava o paiz. Por baixo, porém, tinha ficado abundante materia ignea, com que não contavam os que viviam desses abusos: as reliquias moraes de um povo, que gosara de amplas liberdades, sob a primitiva monarchia democratica da Peninsula. No 18.º seculo tomaram fogo, em Minas, e na centuria seguinte, o vulcão deu novos signaes de mais intensa actividade interior: primeiro, um golpe de lava, em 1817, depois um outro, em 1820. Mais tarde, a erupção de 1822, que se resolveu quasi toda em fumo, para reproduzir-se com ameaçadora furia em 1824, recolhendo-se logo as energias do abysmo, para demonstrar de novo o seu grande impeto explosivo em 1831. Impedir que manasse do figurado Vesuvio, o que forças incoerciveis precipitavam de seu viso, empreza para semi-deuses! Homens, nem que fossem da raça dos titãs mais formidaveis!

Os nossos, se tivessem sizo, deveram guardar na memoria o claro ensino intuitivo: em vez de pretenderem, como loucos, impedir a reproducção dos tormentosos phenomenos, tapando com os residuos retirados de Pompeia, a bocca de seu destruidor; traçavam na zona ferida pelo cataclismo, o risco das construcções aptas a impedirem o effeito evitavel, em erupção sobrevindoura. Ali, é de uso construir sobre as encostas, longos muros de sustentação, para que as cinzas carreadas pelas chuvas, não aggravem os males trazidos pela commoção sismica. Ninguem se lembraria de tolher, nem de castigar, o que corresponde a circumstancias da ordem natural, immutaveis por esforço nosso. Na ordem moral, o pôr embaraço a phenomenos cuja causalidade domina soberana, tanto sobre a nossa vontade, como por vezes sobre o nosso entendimento, e imaginar a sua suppressão por via de impotente severidade; fôra uma rematada loucura, parecida com a de Xerxes, raivoso contra o Hellesponto, — qual perfeitamente explica a memoravel pagina de João Francisco Lisboa, que antes trasladei a estas. [1]

A imagem de que me soccorri para firmar o meu pensamento, restabelece os creditos dos liberaes, dos verdadeiros liberaes, a quem os outros proclamavam exaltados, cabeças a escaldarem com a febre da rebeldia e incapazes de rasoaveis meditações.

---

e a força das sociedades», e se depois sustenta que «é preciso sejam governadas», tambem o mostra como e por que maneira: «por uma politica habil» e não com a que foi seguida e teve o fructo que hoje saboreamos...

[1] Interessante é notar que emquanto a gente mais illustrada mostrava descomprehender os phenomenos revolucionarios proprios á epoca, um sujeito quasi de nenhuma cultura, Francisco das Chagas Araujo, aprecia com grande justeza uma das manifestações que elles tiveram entre nós. Em carta de 2 de novembro de 1834 (documento em meu archivo), depois de referir-se aos tumultos de 24 de outubro, consequentes sustos e alarmas, o irmão de José de Araujo Ribeiro diz com estoica philosophia, que «são cousas do tempo» e conclue: «Cumpre-nos soffrer até que ellas por si mesmas deixem de existir».

A delles, a dos calumniados, senão divisara nitidamente o problema do tempo, tinha ao menos antevidencias esclarecedoras, nós o comprehendemos uns cincoenta annos depois, vendo ruir, *com um sopro* e sem remedio, a obra dos «moderados»! Cerebros no delirio de fatalissimo pavor, o dos que em outubro de 1831, clamavam *aqui del rei!* contra o que diziam ser «excessos que estavam apparecendo, e que ameaçavam a total dissolução da ordem social»: [1] — demencia, o esperarem outra cousa, emquanto persistissem os factores que haviam gerado taes extravios, isto é, emquanto continuasse o *statu quo*, — cujos perigos augmentavam com a attitude erronea das classes dirigentes, em face de uma situação que, deixada em abandono, repetiria sem discrepancia, mais cedo ou mais tarde, a scena de que nessa hora se mostravam ellas horrorisadas!

De visionarios taxavam os reveis, os illogicos liberaes, que se lhes haviam unido por momentos, contra dom Pedro; e a sua cabala faccionaria é que se perdia no jogo dos symbolos insignificativos. Os graves doutores expunham como sendo de rigor mathematico a solução do problema, por via de expressões de valor simplesmente transitorio ou ephemero, e a consequencia foi a que se viu em tempos de amargo desengano: inapresentada a decifração exacta que requeria, a Esphynge, não no fez de golpe, mas, immolou-os um a um, risonha e serenamente!

Divulga Assis Brazil a versão de que Bento Gonçalves, na viagem á Côrte do Imperio, assentara com os liberaes um vasto plano revolucionario, «concebido por homens como Evaristo da Veiga, de sublevar ao mesmo tempo o paiz inteiro», com o fim de garantir-se a victoria de melhor interpretação do pensamento de abril. [2] Se toda a existencia do famoso personagem não protestasse contra a conjectura, bastava-nos a tiragem da «Aurora» para destruir esta illusão. O numero de 19 de outubro de 1835 é um libello severissimo contra os sublevados de 20 de setembro anterior, e nelle, o illustre politico fluminense declara que havia sido «sinceramente affeiçoado ao coronel Bento Gonçalves», mas, que o «desliga de toda e qualquer sympathia» pelo popularissimo riograndense, «o crime» em que este incorrera. [3] Se o chefe dos «farroupilhas» do sul trouxe do centro algum plano bem firmado, de certo esse tinha por base a convicção propria, de que era urgente fazer agir por si mesmo o Riogrande, consoante a debandada evidente daquelles, no Rio-de-janeiro, depois que os terriveis serra-filas do moderantismo, oppostos com invencivel cegueira ao programma federalista, dizimaram implacaveis os companheiros da linha da frente, das legiões só por minutos inteiramente radicaes.

A adopção de tal programma, entretanto, com a Republica, proclamada em hora mais propicia do que teve em 1889, ou com o Imperio, sob o sceptro de um homem de perfeita probidade, qual

---

[1] Mello Mattos, «Paginas de historia constitucional», 25.

[2] «Historia da Republica riograndense». Pag. 58.

[3] Vide a folha, em meu archivo.

foi dom Pedro II, systematico inimigo de oligarchias, adverso a desmandos cantonaes, e ajudado o que intentasse fazer o seu puro e sincero civismo, pelas nobres gerações liberaes da regencia; a adopção de tal programma, dizia, houvera feito do Brazil a Inglaterra americana.

Não ha uma visão utopica, em o que aventura o chronista, nem é infundada a sua critica dos pueris temores do elemento conservador, que impediu, na boa opportunidade, o que as circumstancias impuzeram depois, em má hora da vida collectiva. Justa, muito justa a apreciação dos factos que se lhe depara no «Observador constitucional» e aqui é reproduzida, a respeito do deploravel criterio triumphante com os «moderados»: «Não é o partido *exaltado* (a quem se tem sagazmente intitulado anarchista, como se a tropa, que no Rio tem feito toda a desordem, fosse por elle conduzida) que tem feito nascer esses receios, que existem, pela estabilidade de nossas cousas, *pois que elle nada poderia conseguir, se ellas tivessem tomado a direcção, que deviam:* [1] é, sim, o não ter visto o povo realisadas as esperanças, que concebera pela revolução: é a continuação de formulas e principios, contra os quaes elle se tem declarado no governo de dom Pedro, e a que attribuiam o seu estado deploravel: é o conhecimento, que elle tem adquirido, de que a só expulsão de dom Pedro não basta para a sua felicidade, e que nos não devemos contentar só com isso: é finalmente a desconfiança, em que todos se acham, ainda aquelles, que mais monarchistas eram em outro tempo, de que se não apresente, e triumphe o partido republicano; desconfiança, que é fundada no grau de civilisação, de que já gosa o Brazil, conhecimento de sua posição geographica, e da inclinação, QUE TEM TODO O POVO AMERICANO A ESTA FORMA DE GOVERNO. [2]

É em tudo isto, que nós acharemos o fundamento dos receios, que se tem espalhado, e não no partido *exaltado*, que não quer nem *roubos*, nem *mortes*, quer sim, que se não deixe passar a opportuna occasião, que temos para arranjar nossos negocios, sem que nada se faça, e que quando esse principe brazileiro se achar em estado de tomar ás mãos o sceptro, ache nas nossas instituições um freio á cubiça, e aos desejos do despotismo, que lhe possam inspirar conselheiros perversos, e não possa mais escravisar-nos, por consequencia. Estas instituições são principalmente as reformas federativas, que dando ás provincias formulas republicanas, as devem contentar, e conservar unidas, pois que por ellas conhecerão, que ficam a coberto das tentativas do poder.

Se todos aquelles juizos antecipados não existissem entre nós, e não existissem com o peso de importancia que lhe deu a revo-

---

[1] Quanta verdade, na phrase que transcrevo em italico!

[2] Compare-se este juizo reproduzido em versalete, com o de Vicente Lopez, inserto neste capitulo, para vêr-se bem qual era a situação das duas metades da America do sul, que divergiam, politicamente, muito menos do que se tem inculcado.

lução de abril, o governo actual se acharia mais firme, e com mais estabilidade os nossos negocios. Para nos convencermos disto lembremo-nos, que pela revolução de nossa independencia, appareceram estes mesmos receios, mas foi facil então apagal-os, e extinguil-os, e trazer as cousas a um estado de alguma firmeza, bem que o governo désse signaes do que depois veiu a ser, por isso que a pouca civilisação do Brazil não admittia ainda o receio mais bem fundado pelo estabelecimento de principios monarchicos, *e as idéas americanas não se tinham tanto desenvolvido como hoje.*

E' emfim, só se mostrando com franqueza federalista o partido moderado e as camaras fazendo bem sentir que trabalham pelas reformas acclamadas pelo Brazil, que poderemos gosar de alguma tranquilidade». [1]

Assim, só assim, se teria evitado, não só o incendio regencial, que pareceu destinado a devorar todo o paiz, como se teria evitado o inoppurtuno acontecimento politico de 15 de novembro, chegando-se a elle, mais tarde e de melhor maneira, por uma simples transformação parlamentar. Para essa obra de renovamento total ou de reconsolidamento do que vivia instavel desde 1822, mister uma previa escolha de materiaes aptos ao effeito. Aquelles que haviam ficado com dom Pedro ao produzir-se a independencia e que alguns imaginaram possivel aproveitar, não prestavam em absoluto. Sylvestre Pinheiro os classificou de «auctoridades despresadas e desgraçadamente pela maior parte despresiveis; tropas detestadas e infelizmente, pela má conducta de muitos de seus membros, me-

---

[1] Transcripto no «Correio da Liberdade», de Portoalegre, a 22 de dezembro de 1831. Compare-se ainda o que sublinho com o que consta de Vicente Lopez, e para inteira prova de que ainda se não traçou a historia verdadeira do movimento liberal no paiz, tenha-se em mente o que confessa um conservador *pur sang*, quanto ao estado dos espiritos na decada de 30: «Quem não attender a essas condições sociaes da população brazileira, escreve Justiniano da Rocha, nunca poderá comprehender esse desenvolvimento democratico que foi apparecendo em toda a população brazileira, e que poderia ter sido tão fatal, se a Providencia não houvesse querido salvar-nos». (Vide «Acção, reacção, transacção», 10).

A Providencia que pareceu benigna, tinha feito a obra de que usa quando quer, não salvar, mas perder, segundo o proloquio antigo: *prius dementat.* Obscureceu o juizo dos emperrados e viu inerte esfarelar o artificio que suppunham uma realidade eterna, como adiante o vereis definir por Evaristo...

A unica TRANSACÇÃO possivel (os factos o demonstraram com tremenda eloquencia !), a que suggeria o «Observador constitucional», isto é, «dar ás provincias formulas republicanas, que as contentassem», mantendo-as unidas sob a presidencia do imperador, plano cujas vantagens comprehenderam homens como Ruy Barbosa, Saraiva e Nabuco, muito tarde infelizmente. Os outros estavam cegos de todo ou immersos na beatitude de um conservatismo proprio para petrificar mumias e nunca para inspirar os directores de ũa nação em plena vitalidade, ha muito de todo voltada a rumos assaz conhecidos.

recedoras de geral execração», [1] e se um conselheiro da corôa lhanamente reputava estes «elementos de governo» incapazes de bem servir, não devia escandalisar a ninguem, que os «exaltados» pretendessem reconstituir o paiz, rejeitando o negativo ou funesto concurso de taes individuos. Como extranhar a agitação em que aquelles se conservavam contra estes, se occupavam inteiramente o scenario nacional? «Os portuguezes de nascimento que haviam adoptado o Brazil por patria e os velhos servidores do paço e da corôa» dominavam o exercito, a marinha, as magistraturas, as repartições publicas em geral, e até o senado e a propria camara popular, mercê de um vicioso systema electivo, que ainda mais viciava a circumstancia de continuar o commercio «quasi inteiramente nas mãos do elemento lusitano», [2] isto é, do elemento que em consequencia da identidade de origem, apoiava francamente a oligarchia putrida, senhora de tudo entre nós, desde os tempos de dom João VI.

Muito logico (não me cançaria de o repetir, contra a opinião corrente), muito logico o projecto dos que pretenderam vestir politicamente o Brazil, á moderna, e com a roupa adequada ás proporções e feitio de seu corpo, sobretudo com uma que lhe não tolhesse os movimentos. E em dizel-o, deixo explicita a minha divergencia, com o apreço que desse periodo traçou, não ha muito, um dos mais poderosos espiritos de nosso gremio espiritual.

Com acerto verbera elle «a teima de julgar *politica*, e sanavel por meios *politicos*, uma questão organica, ethnica, de psychologia popular, uma questão profundamente, essencialmente, unicamente de estructura social do povo». [3] Convenho em que o problema tem a sua completa solução em dominios outros que não os dos vis ensaios de Cagliostros legislativos, ha muito a emborralharem os archivos, com a misera farragem a que intitulam alvarás, decretos, codigos ou institutos congeneres. Por certo a solução é a que indica o grande Sylvio Romero, é a dependente de um longo esforço educativo; penso, todavia, que a propria attitude cidadã observada pelo abalisadissimo sergipano, oppondo á dictadura presidencial ou positivista, as tradições de nosso ensaio de parlamentarismo, o mostram discordante de seu proprio juizo, ora commentado. Mais: a elle, e a Medeiros e Albuquerque, cabe a gloria de serem os unicos de todos os nossos intellectuaes — exclusive os do Riogrande — que se batem imperterritos e indormesciveis, contra instituições que nos desviam da orbita de nossa evolução natural. Mais ainda: attesta o proprio bello trabalho do talentoso coetaneo que a «questão é profundamente, essencialmente», mas, não «unicamente da estructura social do povo», porquanto entendia e entende o doutissimo escriptor quanto á *nova* — como os revolucionarios de 1831 enten-

---

[1] «Cartas», a 8.ª

[2] Carta do coronel João Luiz Gomes, de 31 de julho de 1895. Meu archivo.

[3] Sylvio Romero, «Brazil social», na «Revista do Instituto», LXIX, 108.

deram quanto á *antiga* — que convem operar uma certa «reforma da Constituição»: que «pode e deve ser feita», uma certa mudança no regimen vigente.[1]

Ora, mais do que precisa a de hoje, della precisava a geração regencial, para que se tornasse praticavel a serie de *medidas sociaes* de que nos fala a sabia palavra do egregio auctor da «Historia da litteratura» nacional; as medidas «capazes de trazer a...... extirpação de alguns» «de nossos males» «e a melhora da maior parte».[2] Dir-se-á que a reforma indubitavelmente nos houvera proporcionado uma das desillusões a que allude o formidavel critico; não creio, comtudo, que seu philosophico pessimismo possa encontrar desvantagem na operação que tinha por objectivo derruir affim o castello medieval da «realeza portugueza», limpando, de homens e cousas de outra éra, o terreno politico em que medravam: que tinha por altissimo objectivo o que, em summa, veiu a conseguir-se em parte na melhor phase do reinado de dom Pedro II, findo o «periodo de arrocho»,[3] — durante o qual a politica dos que estupidamente esmagaram os «exaltados», ou da tradição que deixaram traz si, quasi imprimiu na monarchia do moderno Brazil, o mesmo feio e rebarbativo aspecto do absolutismo antigo.[4] Não creio, repito, possa

---

[1] Idem, 115

[2] Idem, idem.

[3] Idem, 110.

[4] Tal foi o «arrocho», que o conselheiro Tito Franco de Almeida escreveu haver «o partido conservador», nada menos que «reduzido os liberaes do Brazil á condição dos polacos da Russia». (Biographia de Francisco José Furtado, 69).

Os opprimidos não eram só os liberaes, era a nação inteira! Ao alto, um Bismarck de fancaria, o marquez de Olinda, põe sob as plantas os foros do parlamento, «dizendo por escripto á camara, que não lhe reconhece o direito de intervir na direcção da politica do paiz» (discurso de Christiano Ottoni, cit. livro, 34); em baixo, uma policia «irresponsavel, soberana, que só depende do governo, que só ao governo dá conta de si», na phrase de um eminente membro da propria grey conservadora: policia que, segundo elle, maneja a seu talante «a prisão arbitraria, com todos os escandalos das paixões mesquinhas de mil agentes prendedores, com todo desdem pela sorte das victimas, pelo soffrimento dos cidadãos: a prisão arbitraria, contra a qual não ha senão um recurso, a carta de empenho!»

Isto, e outra miseria, que Almeida explica em uma carta de 23 de novembro de 1862, a Francisco José Gonçalves da Silva, sobrinho de Bento Golçalves (meu archivo). «Bem calculada foi pelos conservadores, diz elle, a reforma da nossa Constituição, em dous artigos: Dinheiro e Empenho. A depravação por esses meios inoculada pelos conservadores da Côrte, aplainou a estrada, e as locomotivas replectas de depravados e depravadores, se dirigem sem tropeços aos fins enunciados pelos garrafistas de março de 1831».

Como se lhes não bastasse, completaram o «arrocho», com a lei da guarda nacional, de cujos preceitos usavam com tamanha desmesura, para as suas usurpações, que Canabarro, na decada de 60 (carta em

o formidavel critico encontrar desvantagem na relativa emancipação do povo, por via da operação que tinha como objectivo o annullamento da terrivel cohorte escravisante, que não fez do ultimo imperador um desposta bysantino, porque a bondade e criterio deste excellente principe reagiram contra o bando servil e diffamador. Não só contra os «exaltados» poz semelhante gente em exercicio a má lingua que possuia e com que perturbava e perturba as sentenças da historia; bem sabemos que ou vivia em rastejos ás plantas do soberano, quando lhe obtinha as graças, ou, que, perdidas ellas, babujava infamias contra a corôa, denunciando o que capitulou de *poder pessoal* e foi em sua generalidade o nobre exercicio de um alto tribunado popular, contra demasias e abusos dos que cercavam o monarcha, — *responsavel apenas pelo muito que deixou inactivas algumas preciosas regalias constitucionaes*, forças disponiveis contra males que se perpetuaram e prepararam o caminho á dictadura republicana. [1]

---

meu archivo), escrevia ao dr. Timotheo da Rosa, manifestando a este distincto liberal, que lhe parecia querer-se provocar uma nova revolução na provincia do Riogrande. E não eram vozeios opposicionistas, estes, porquanto Nabuco, á frente do ministerio da justiça, teve a honradez de confessar no parlamento. a existencia da anomalia que provocara o sombrio juizo do velho brigadeiro: «A liberdade individual, consagrada em nosso codigo fundamental, *desideratum* da civilisação, não estava ainda realisada entre nós», disse.

Ia começar, porém, a phase em que o imperador, com o exemplo e com a iniciativa, cerrava alfim as portas ao absolutismo, inaugurando uma ampla politica liberal, que persistiu muitas vezes intacta até mesmo quando as organisações ministeriaes tinham rotulo muito diverso. Foi esta fecunda evolução que perturbamos, erigindo, fóra de tempo, o presente regimen, isto é, erguendo sobre os destroços do que Bartholomeu Mitre qualificou de uma «democracia coronada», o que nós, com Dionysio de Halicarnasso (Plutarcho trad. Dacier, III, 447), poderiamos chamar de «tyrannia electiva». Tal creação, bem se vê, nada tem de uma verdadeira republica, cuja existencia no Brazil é meramente nominal; de onde procede a indifferença com que encaram o regimen todos os espiritos praticos, os que se não contentam com apparencias, e julgam hoje reproduzido PARA PEOR, o antigo despotismo, que florescia na Colonia, como nos principios do Imperio, e extincto, qual acima se exara, sob os auspicios de dom Pedro II.

[1] Torna-se bem claro neste periodo, que exprobrando aos conservadores, a errada orientação que mantiveram, não me refiro precisamente a todos os membros do partido que teve esse nome, no Imperio. Muitos falsos liberaes subiam ao poder para multiplicarem as demasias auctoritarias, que censuravam nos conservadores; e a muitos destes devemos reformas que competia a seus adversarios promover e realisar. Bernardo de Vasconcellos dizia-se liberal e acabou sendo o braço forte da reacção cesarista; Andrade Figueira dizia-se conservador, e foi sob o Imperio um implacavel fiscal dos governos, como foi sob a Republica um lidimo representante do espirito de liberdade, um dos mais bellos exemplos de nosso mais puro e fino civismo, uma das maximas figuras da resistencia contra os tyrannos de gorro phrygio, *e estou certo de*

«Exageração, abuso e falsa doutrina por toda parte, observa João Francisco Lisboa.

Comecemos pelos conservadores a todo transe. Esta gente arripia-se ao só nome de revolução; e no seu santo furor, proscreve do mesmo lanço a idéa como os homens que ousam propagal-a e defendel-a. Delles ha que sustentam as vantagens e a excellencia de uma eterna immobilidade; e destes é que disse Lamartine que podiam ser commodamente substituidos por simples marcos de pedra. Outros, persuadidos que tal lei e Constituição em vigor, são a ultima expressão da sabedoria humana — que todo governo é bom por si mesmo, que não é possivel emfim variar o modo de existencia de uma sociedade — ; taxam até de absurda a idéa de revolução, que vale tanto, dizem elles, como insurgir-se um povo contra si mesmo, ou attentar contra a sua propria existencia, e procurar a salvação no abysmo, pois a revolução é sempre e essencialmente perniciosa e criminosa, filha da violencia e da força brutal, contraria a toda idéa do direito, e igualmente inimiga do repouso e da ventura dos governantes, como dos governados.

Para fazerem valer estas extranhas doutrinas, os nossos publicistas e estadistas conservadores falsificam a historia, desnaturam os caracteres, e enredam tudo em abominaveis sophismas; e já os tenho visto desdobrar complacentemente aos olhos da multidão, as scenas mais atrozes da revolução franceza, e o retrato dos personagens mais odiosos que nellas figuraram, como um argumento sem replica, sem lhes lembrar que por uma critica igual Nero, Caligula, Henrique VIII, Felippe II, Luiz XIV, e tantos outros seriam a condemnação irremissivel das monarchias.

Alguns destes conservadores, rarissimos, são levados a detestar as revoluções pela sua devoção e fidelidade á velha religião legitimista; muitos são arrastados por interesses de partidos, e ainda pelas excitações de uma controversia e polemica calorosa; e não faltam outros que tendo por unico movel o interesse pessoal, cuidam bem servil-o, adulando por este modo as idéas em voga e as potestades dominantes.

Não ouso asseverar que estes ultimos, a quem a ambição ora enfreia, ora desata a lingua, vão completamente errados em seu proposito e porfia; bem vejo que quanto mais se abaixam mais se elevam; e delles é que se póde principalmente dizer que se alçam ás móres honras e aos logares mais elevados, á maneira dos reptis, arrastando-se sobre o ventre. Ouso simplesmente recordar-lhes que não ha poder ante quem a verdade deva acurvar-se; e que a obrigação de dizel-a com independencia e isempção é maior ainda

---

que se opporia francamente á restauração, que era o seu sonho, se alguem a concebesse, dentro de moldes illiberaes.

O venerando estadista orgulhoso podia escrever com Cicero *(Ad Met., epistola XIV)*, que o paiz não tinha nem melhor, nem maior amigo.

naquelles que o talento ou a fortuna têm aproximado do throno. Timon procurará supprir a falta que elles commettem.

Por mais que esta cruel verdade pese e amargue aos reis e aos cortezãos, como a toda a casta de adoradores dos poderes estabelecidos, a revolução é um facto dominante em toda a historia da humanidade, e é mais que um facto constantemente reproduzido, é um direito fundado na justiça e necessidade, e na propria natureza do homem, que amorosa do bem e do aperfeiçoamento, o leva a aborrecer, combater e vencer o mal, revelado sob os accidentes da oppressão e de um mau governo». [1]

Na magnifica dissertação, que em parte transcrevo, da lavra de um pensador maranhense, contemporaneo dos successos historiados, theoria desenvolve elle a que avesso era Evaristo da Veiga, o que explica a sua resistencia conservadora, logo após á queda de Pedro I. Comprehende-se, entretanto, a que praticou, á frente de sua folha: não queria a revolução: aceitou-a, quando inevitavel, e immediatamente procurou detel-a. Em Feijó (como em outros), não: recorrera elle (como esses taes), sciente e conscientemente, á medicina heroica, e quando não tivera o emprego desejado, nem se lhe haviam conhecido os effeitos — só tendo influido como elemento de perturbação e quasi em nada de modificação, — entendeu arrancal-a do punho dos que julgavam muito indicado applical-a por mais tempo ainda...

E por que fórma vedou o terrivel padre, a pratica do que lhe parecera de legitimo emprego e legitima propinação, poucas horas antes de sua mudança de therapeutica social !... [2]

«Não se podia negar» a esta natureza de ferro, «grande energia, elevado caracter e probidade», [3] mas o juizo do «Censor» [4] corresponde ao que o chronista verdadeiro emitte e emittirá sobre «o ominoso ministerio que assignalou epoca luctuosa na historia da nossa desgraça», como sobre sua «falsa politica, seu rigor implacavel», tudo comprovando não ser elle «o homem que as circumstancias do paiz pediam, o regente capaz de restituir ao paiz a tranquillidade e ordem». [5] «Um partido então dominante (diz muito bem essa penna

---

[1] Obras, I, 433 a 435.

[2] Vide, entre outros, um trabalho de eminente contemporaneo, «Patria morta ?», de Martim Francisco, 18, 24.

[3] Sacramento Blake, «Revolução da Bahia de 7 de novembro de 1837», na «Revista do Instituto», XLVIII, 256.

[4] Idem, 257.

[5] Mostram palavras de Hollanda Cavalcanti que o erro não provinha nelle, só do temperamento; provinha deste e do criterio que o inspirava. Fiz opposição aos seus actos (disse). Especialmente oppuz-me aos sentimentos do snr. Feijó, de querer constantemente achar o paiz submergido, de não ter esperanças em cousa alguma, e tudo pintar com cores negras». Nabuco, I, 30. O mal provinha mais, porém, do segundo factor; o honrado estadista, como tantos outros, entendia o recurso para que os de seu feitio haviam recorrido antes, como dom Pedro o empregara: «Se o povo de Portugal teve o direito de se constituir revolucionariamente, está claro que o povo do Brazil tem dobrado» e o principe exara a

veridica) dava leis ao paiz; e esse partido, a cuja frente figurava o snr. Feijó, fanatico de suas opiniões, allucinado por seus excessos, via nos erros e incapacidade do ministro, outros tantos signaes de capacidade e merecimento; e o ministro, que havia espalhado a consternação e o horror por todo o Imperio, que já havia adquirido um nome celebre á custa do sangue de tantos de seus compatriotas, foi o inculcado como o modelo da incorruptibilidade, o unico genio raro, o unico capaz de conter a torrente revolucionaria e salvar a nação».

Para que a sua politica, em vez de falsa, apparecesse com outro aspecto, para que fosse opportuna, e portanto, logica, senão seguisse rigorosamente a directriz indicada pelos «exaltados», devia sem tergiversações entrar na linha de marcha que, por via delles, reclamava o Brazil inteiro, podemos dizer. Todas as impaciencias daquelles mereciam ser dignamente respeitadas pelos «moderados», aos quaes cumpria não fraudar as justas esperanças a que tinham dado alento. Preciso era que o Estado de então fugisse a um erro em que incorreu o Estado absolutista de hoje, segundo um outro talentoso maranhense, cuja agudeza bem se manifesta na sua observação, a respeito do que chama o «erro inicial da Republica»: «a teima de organisar a ordem antes de organisar a liberdade». [1] Sem o sacrificio da segurança geral, de que aliaz dependiam os objectivos de um e outro grupo, e mantendo-a, menos como praticam os dictadores, do que como praticam os zelosos pais de uma grande familia desavinda; podia o partido que usurpara a direcção do movimento de abril realisar as reformas que desejava o paiz e que tinham em mira os insurgentes, brutalmente desouvidos e immolados. [2]

---

forte opinião em que funda seu conceito: «porque se vai constituindo, respeitando a mim, e as auctoridades constituidas». (Carta de 22 de setembro de 1822, a dom João VI).

«Está claro» que se não fosse com observancia desse «respeito», devia ser-lhe vedado, a patas de cavallo, antes e depois de 1831, o «direito de se constituir revolucionariamente»...

[1] Dunshee de Abranches, «O maior dos brazileiros», 4.

Veja-se nota no appendice.

[2] Não se julgue que o auctor tenha reprovado as violencias da regencia, estudando-as unicamente á luz dos principios liberaes. Os que contribuem de maneira essencialissima para fortalecer o Estado, tambem condemnam o boçal criterio então dominante. Creio que não é exigir muito na decada de 1830, o que na sexta do seculo anterior já preluzia no espirito de homem de nossas classes governativas, aliaz muito incultas. Um conselheiro de el-rei nos legou uma lição que merecia aproveitada e parece uma glosa áquelle capitulo interessantissimo, em que o secretario florentino traça as regras do governo civil, cujas considerações principaes terminam com estas memoraveis palavras: *Debbe, pertanto, uno che diventa principe per favore del popolo, mantenerselo amico: il che gli fia facile, non domandondo lui se non di non essere oppresso.* (Machiavelli, «Il principe», cap. IX). Refiro-me á consulta em que Antonio Rodrigues da Costa assenta qual moderação convem manter no exerci-

Pode ser branda nos processos, a força, e vigorosa nas applicações: *suaviter in modo, fortiter in re.* [1] Quando insensivel, a força nada funda que seja duradouro: ephemeros os seus triumphos. Onde mais deslumbrantes que os de Bonaparte? Derrocava thronos, como se concentrasse entre os dedos todos os raios de Jupiter; e gerava subitaneas creações, como se lhes désse vida o sopro de um Deus! Que restava do assombro, ao fim de tres lustros escassos? O aborto da revolução, a França mutilada, o vasto Imperio reduzido ao ambito de mesquinha ilha, no deserto dos mares!

Castigado o titã rebelde, acaso o mundo deixou de ser mundo por que na sua demencia, aquelle entendeu escalar um céu inattingivel e usurpal-o? Não! O mundo moveu-se de novo na sua antiga estrada, e a democracia, que julgou abater para sempre, impoz-se victoriosa e persiste, onde o orgulho do genio não logrou senão viver de passagem! [2]

---

cicio dos poderes publicos, *em beneficio da propria coroa.* **A prudente** rasão de Estado, escreve elle, aconselha *não ter os vassallos descontentes e vexados*, porque *a conservação dos Estados consiste principalmente no amor e affeição dos subditos, e as maximas contrarias a estas*, TODAS SÃO INIQUAS, ABOMINAVEIS E TYRANNICAS». Conseguintemente, (accrescenta), o monarcha «*em lugar de os opprimir, deve procurar o seu alivio*, O QUAL CEDERÁ EM BENEFICIO DA PROPRIA MAGESTADE, *porque vassallos pobres e vexados não só não podem valer ao corpo da monarchia*, MAS ANTES LHE SERVEM DE OPPRESSÃO E DESCREDITO». Mais do que isso, arrisca-se a um perigo maior: á desordem e á morte ou á mutilação do proprio Estado, porque «os vassallos, *aborrecendo o governo presente pelas violencias com que são tratados*, ou descuido e despreso, ou pelas contribuições e encargos com que são vexados, *desejam livrar-se da obediencia do principe a quem servem, e melhorar de fortuna*», Vide «consulta do conselho ultramarino, anno de 1762, a sua magestada». Manuscripto da bibliotheca de Evora, estampado na «Revista do Instituto», VII, 498.

[1] Uma phrase do manifesto das côrtes geraes e extraordinarias de Lisboa, fixa primorosamente a idéa do auctor, ao se referirem á conveniencia de «plantar o systema» politico, «debaixo do plano de moderação, e suavidade, que se tem seguido com tanta energia». Imagine-se o que houvera produzido em 1831, com um povo, como o dos nossos bons compatricios, que nós calumniavamos hontem, ainda mais calumniamos hoje, e que Palmella, entretanto, dizia «serem doceis e meigos». O que dizia tambem é que nem por isso «deixavam de ser homens», o que explica toda a historia das agitações da regencia e as que se lhe seguiram... (Vide cit. «Cartas» de Sylvestre Pinheiro, documento n.º 18).

[2] Stendhal, que era um forte pensador e que servira junto do presumpçoso monarcha, expõe tal qual faço eu, quanto ao Brazil, o erro em que incorreu o seu chefe, o criterio fatal que tanto contribuiu para perdel-o, como cooperaria alfim para derruir entre nós a obra dos homens *à poigne* da regencia. Referindo-se áquelle, diz o illustre literato: «Jamais comprehendeu, talvez, que no moral como em o physico, não nos podemos apoiar senão sobre aquillo que resiste e que quando um corpo politico em dado momento não resiste, é porque de facto deixou de existir». Vide *Œuvres*, VIII, «Vie de Napoléon», 33.

O que se viu com o gigante, que pudera ser com individualidades que nunca se lhe poderiam emparelhar? O que registra a nossa historia; o que foi obra da força insensivel ruiu, arrastando em seus destroços, o que, com outro alento politico, pudera e devera ainda, por mais algumas decadas, firme durar entre nós, até que a educação publica se completasse e aperfeiçoasse, para o manejo de instituições mais adiantadas. [1]

Todo o erro dos homens provêm da incorrecção dos seus estudos historicos. Bonaparte, cego, tentou restabelecer o dominio de Carlos Magno, como A. Comte, igualmente cego, imaginou restaurar o regimen catholico-feudal, porque um e outro, bem que dotados de phenomenal talento, esqueceram que taes systemas politicos, hoje em dia, não podem mais constituir-se com o preciso equilibrio, e, portanto, dispôr de estabilidade. Não o podem, porque uma força nova de contínuo quebra a harmonia outrora praticavel, entre as que antigamente ponderavam e mantiveram de pé, na média idade, o Imperio daquelle extraordinario principe e a organisação que se lhe seguiu e namora o espirito do philosopho retrogrado, a quem fiz referencia.

Esta força nova é a opinião livre — facto recente — mas agora indespresavel e contra a energia do qual só é licito oppôr, com vantagem, o convencimento e a persuasão, — nunca á musulmana, a golpes de espada: com os processos da sympathia, da benevolencia, do amor.

Le fer ne produit point de si puissants efforts! [2]

Podia o ministro impôr-se á admiração da esclarecida posteridade, se houvesse canalisado a impetuosa força que lavraria o chão da Patria, durante 17 annos, ultrapassando os insensatos diques oppostos pelo seu violento criterio. Bateria palmas hoje, se arrancando com destra mão os problemas politicos, das ruas, para o gabinete dos estudiosos, contivesse, de outro modo, a furia das turbas cançadas do velho ludibrio e dispostas audazmente a solverem por si os problemas que abalavam o seu tempo. Não pode ter no animo senão acerrima censura, para os actos do selvagem que fantasiou ser a obra politica uma cousa assim como a agricultura do *matuto* incauto, que se declara contente com a abundancia da colheita havida em terra devastada pelo incendio, sem a minima intuição de que consome em uma meia duzia de annos, a melhor parte do cabedal que lhe cumpre legar a filhos e netos. [3]

---

[1] Veja-se, no appendice, importante nota.

[2] Racine, *Œuvres*, «*Britannicus*», acto V, scena 5.ª

[3] Folgo em verificar que o alto merito da these que sustento não escapa a um de nossos espiritos de escol, que tem revelado verdadeiras condições de um solido pensador. «A evolução social e economica do Brazil, diz Alberto Torres («Pela terra dos pais e pela terra dos filhos»), foi desviada pela vinda e instauração da dynastia de Bragança em nosso territorio, que, em troca de certas vantagens incontestaveis, no tocante

A escola de Feijó, em vez de aproveitar, devorou as forças vivas da nascente nacionalidade. Certa moderna philosophia diffundiu a doutrina da exaltação destes insignes barbarismos e tem como dignas de immortal benemerencia todas as iniciativas, por mais

---

á ordem e á cultura superior, *nos fez perder muito em expontaneidade, iniciativa, energia natural.* Essas perdas não se compensam com estados de ordem, fructos antes da inercia do que da harmonia no movimento». A parte do postulado do eminente ministro, que sublinhei, revela o espirito observador de um pholosopho, ainda que me pareça fraco o valor da que a antecede, isto é, da que aponta a causa desse innegavel *deficit* em nosso balanço nacional. O advento dos Braganças até o apogeu da reacção conservadora entre nós, representa de facto a entrada em scena de um complexo de factores de atrazo ou perturbação da marcha da collectividade, salvo o rapido minuto em que Pedro I se aproveitou do movimento da independencia, quando podia ter tentado contrarial-o. Tudo o mais que fizeram até aquelle estadio e tem sido escandalosamente endeusado, pouco vale, posto em parallelo com as maldades praticadas ou que deixaram praticar, podendo e devendo impedil-as. Cumpre reconhecer, uma cousa, todavia: depois que Pedro II poude tomar a serio, não quanto cumpria, mas quanto a consciencia lhe aconselhou, depois que poude exercer menos as funcções de imperante que as de «defensor perpetuo do Brazil», usando com um largo alento liberal o tribunado inherente a este papel na orbita da sua competencia; mostram os nossos annaes que o criterio vigente nas mais altas espheras foi antes o da prudente abstenção e do respeito ás energias expontaneas da raça, do que o dos insensatos tentamens de impor-lhe arbitrarios rumos, a sabor e capricho da auctoridade. Vemos assim que o problema em muito independe das fórmas exteriores do governo e que muito se prende a cousa mais essencial, que é o conjunto de normas effectivamente inspiradoras e reguladoras da acção official nos Estados, sejam elles de estructura absolutista ou democratica, republicana ou imperial. O que mais importa, o que tem a maxima influencia, o que mais concorre para a sua pratica solução, está longe de ser o aspecto, as condições externas do poder publico, até a origem mesmo de quem o exerce; e sim a maior ou menor amplitude das ingerencias do principio de auctoridade, na vida social, ou por outra, no grau de liberdade que garante. Creio ter deixado patente quanto é segura a theoria, no que escrevi relativamente ao proprio absolutismo, até um certo ponto innocente na evolução do Riogrande, porque mui pouco se immiscuia elle nos factos da economia local, pelos primordios do povoamento. E ainda o manifesta, a nossa famosa Republica, porque desappareceu de «nosso territorio» a «dynastia de Bragança», e, em vez de «perdermos muito» perdemos quasi toda a nossa «expontaneidade, iniciativa, energia natural»: caímos no abatimento que alarma aos mais calmos profissionaes, ineficaz a therapeutica a que recorrem, ante uma incapacidade de reagir para as vias da saude, a bem dizer absoluta, no organismo enfermo: doutores da ordem d'aquelle cujo brilhante nome citei se afanam por acordal-o e a madorna comatosa mantem-se, alheio o sêr em perigo aos rebates de um meritorio quão impotente desvelo...

Valha ao civismo do illustre contemporaneo, o que vale ao meu, para que não desespere: o grande ensino em que nos certificava Gallileu, que *la natura opera molto col poco e che tutte le sue operazioni sono in pari grado meravigliose!»* (Vide Obras, IV, 565).

ferozes que sejam, dos chamados braços de ferro. Entre nós tem ella feito, e fará, a enthusiastica apologia dos que desenvolvam ou hajam desenvolvido a sacrilega energia do implacavel padre paulistano, parecendo aos positivistas, que a devem justificar, da mesma fórma que justificam os maximos excessos dos francezes jacobinos, na ceifa de todos os que se lhe oppuzeram, fossem ou não bons patriotas.

E' uma theoria de arripiar cabellos, proclamada, entretanto, nos altares da missa nova, entre o incenso á virgem-mãi e os dulçorosos hymnos ao amor social! De entre os seus seguidores, um houve, para honra da grei, cujo coração o novo credo cesareo não logrou endurecer e deu-lhe vôo ao espirito, fazendo-lhe comprehender quanto havia de repulsivo no julgamento dos inquisidores da chamada religião da humanidade. Sémerie, ainda que discipulo directo do papa de Montpellier, observou quanto errara o criterio sanguinario, sacrificando os girondinos, e mostra que o simples encarceramento delles, poupando «a flor de uma geração» e um hórrido espectaculo de matança, houvera propiciado á França, depois da tardia queda de Robespierre, sinceros elementos de apoio á republica e efficaz embaraço á desastrosa reacção napoleonica.[1]

Este benigno criterio, este, sim, consolidaria a paz publica, nesse paiz e em o nosso, se adoptado com as requeriveis condições, que o tornassem applicavel. Nunca foram os ferrabrazes os typos de mais consideração e respeito no seio das sociedades regulares; nem são os que nos conflictos se entregam a furores descomedidos, os que logram impôr-se-lhes e conquistal-as: antes aquelles que, apparelhados para a lucta, não abusam das vantagens de que os armaram as circumstancias e põem-nas em jogo com a magestosa serenidade que, por isso mesmo, os torna ainda mais temiveis e temidos. Revigorasse o governo regencial os seus recursos de defeza, por um lado, e, por outro, provisoriamente annullasse quanto possivel a febril acção dos agitadores mais convulsos; creasse, depois, uma ordem nova, capaz de satisfazer ás cardeaes necessidades collectivas, que se haviam gerado antes e depois da independencia nacional; e a refrega terminava incruenta, por absoluta falta de combatentes.

Quando o Brazil, tangido mais tarde por alguma séria urgencia, precisasse de energias, não se vira privado inteiramente dellas, por não nas terem preservado os arbitros da cousa publica, «massacrando todas as grandes forças revolucionarias».[2] Condemna-se

---

[1] «La grande crise», 87.

[2] Sémérie, obra cit., 86.

O proprio Feijó teve logo a dura prova de quanto errara devastando-as, ou malquistando-se com ellas, na tentativa de conseguir-se por um golpe de parlamento, executado pela camara temporaria, as reformas negadas a pés juntos pela unida oligarchia senatorial. Não fosse o que havia sido antes o ministro, e o 30 de julho em vez de ter sido uma aven-

o pendor á illusão politica, a crendice de que na panacéa da botica temporal se encontrem os meios de cura para os males do paiz ou melhora delles, despresando o processo educativo, unico seguro; não se condemna, entretanto, o funesto empenho dos que á frente do Estado fizeram prevalecer o segundo methodo, mas, instruindo-nos ás avessas do que convinha... Como é que não havia de ter a physionomia de uma «*horda*», o povo que assistiu «bestialisado» ao advento da Republica, se durante mais de 50 annos o fantasma de Feijó se assentou á presidencia de nossos banquetes politicos, na cathedra de nossos professores, dentro do pulpito das predicas religiosas, vociferante contra a iniciativa popular, doutrinador da inercia collectiva, pregoeiro da muda submissão, — espantoso espectro, com as vestes tintas de sangue, dos compatricios liberaes ? !

Tinha que ser calamitoso e lamentavel o resultado, com esse destino, depois de mais de 300 annos de despotismo colonial, sob o facho do Santo-officio ou sob a baça luz da Companhia de santo Ignacio, despotismo infecto de que só escaparam em parte os territorios invios e remotos. Ainda em 1831, teve impaciencias e precipitações, o povo incompletamente redimido: em 1889, aguardou tranquillo o cumprimento da solemne promessa de regeneração e progresso. Tomamos conta do governo;[1] em lugar de melhoras, viu a força publica em desbarato, desordenadas as repartições, o credito nacional envilecido, degradada a nossa moeda, escandalosas as pautas aduaneiras, extorsivos os impostos internos, renascentes os monopolios, avultadissimos os preços de tudo, completamente subvertida a economia do paiz: — em summa, posto sob o camartello de impavidos leiloeiros o patrimonio commum, e, DE ACCORDO COM O ENSINO SECULAR, a nação nem de leve pestanejou de espanto !...

Habituada a receber do alto, sem exame, o pão do espirito, figurou-se-lhe que era o custo por que haveria o goso de preconisadas e bemfazejas instituições e deu-se por bem paga, até o dia em que percebeu o novo ludibrio... Até verificar que, por liberdades nominaes, consentira no sacrificio de liberdades effectivas, que viccejavam á sombra augusta do segundo imperador, malgrado esforços continuos, teimosos, renitentes, tenazes, do sentimento auctoritario dos retrogrados regenciaes, que hoje glorificamos... Até verificar o povo, que os pretensos purificadores dos altares profanados, praticavam as suas aspersões com o hyssope do regulamento Alvim, da coronelisação em massa e das concessões administrativas mais vergonhosas; molhado a valer o sacro pincel na agua-benta do erario, de onde verteu o liquido efficaz sobre as terras, até enxarcal-as profundamente o Pactolo *republicano*, para a feliz germinação de infinitas corruptelas !... Não haviam produzido ainda, as lições reaccionarias, todo o seu maleficio, agora patentissimo;

---

tura impensada, figuraria hoje como o logico, o afortunado termo da revolta de 7 de abril: a fundação de uma paz publica inabalavel.

[1] Digo — tomamos, porque fui complice, activo e passivo, nos crimes dessa hora, e noutros, que serão historiados em breve.

ainda abundava o antigo vigor, que se fôra refazendo nos prelios comiciaes e parlamentares, e o Brazil se poz outra vez de pé. Em primeiro lugar, contra os desmandos que findaram a 23 de novembro, e, em segundo, contra outros, crudelissimos estes, que tiveram começo nesse dia e se prolongaram até o minuto presente. Reabriu-se com isto o periodo das reivindicações armadas, como era de esperar e se tornara inevitavel; mas, ninguem quiz comprehender a justiça com que eram manifestas, e a alma damnada, que a 17 de outubro e a 31 de abril, em 1831 e em 1832, espingardeava raivosa os compatriotas ou os mettia em calabouços mortiferos, reappareceu inflexivel: ali está, em nossa mais bella avenida, perfilada sobre um pedestal de granito e bronze, a figura terrifica do Feijó de farda, á mão a dura ferrumpia, — symbolo eterno do modo por que consolidam a paz, os falsos liberaes de antanho e oganho!

Não sei conjecturar quaes todas as secretas intenções do vencedor da resistencia popular, em o novo regimen. Estou convencido, porém, que as de seu predecessor, no periodo da regencia, eram dignissimas, — desmerecidas apenas e unicamente pelos impetos de um temperamento deshumano e prejudicadas pelo que o «Censor» qualificara de «falsa politica» e eu direi que é uma comprehensão brutal do papel do Estado nas commoções civicas, em muito parecida com a que, nos desvarios privados, debalde pretende supprimir o crime, por via dos codigos rigorosos, das cadeias, das torturas e patibulos.

Essa politica selvagem e a inconsequente moral que considerava licito em 1831 e em 1842, o que punia com leis de sangue, com os instrumentos do exterminio, no periodo intermedio; essa politica liberticida e barbaresca, havia de conduzir ao que conduziu: as revoluções feitas a meio abrem a sepultura a seus iniciadores. A primeira turma dos que promoveram a de abril, mais tarde agentes de uma inepta e deshumana reacção, desappareceu no tumulo politico de 1842; o ultimo rancho de «condemnados» parecia esquecido na paz octaviana, que se inaugurou com a fallencia do protesto da Praia — o derradeiro e fugaz lampejo do santelmo liberal no cemiterio das contendas civis —, e a logica das revoluções decapitou-os, na summaria execução de 15 de novembro! Com elles, se sumiu o que imaginaram resguardar e comprometteram gravemente; «este throno, que os brazileiros ergueram e sobre o qual se assenta um filho do Brazil, nós o esperamos, não ha de ser derribado», [1] eis a esperança e o vaticinio de Evaristo da Veiga, em 1834. Os fados desmentiram as vozes do sincero anhelo e da auctorisada prophecia, porque elle e consocios brusca e violentamente interromperam um ensaio de fecundo alvedrio e reataram o fio de tradições incompativeis com os movimentos da vontade livre, em que o emerito jornalista estribava a sua confiança e em que dizia fundar-se o systema constitucional vigente.

---

[1] «Aurora», de 5 de dezembro de 1834, em Raffard, «Cousas do Brazil», 383.

Este se achava ferido de morte, desde a sobredita reacção, mentirosamente moderada e mentirosamente conservadora, contra cuja persistencia Bento Gonçalves determinou oppôr-se, de maneira decisiva e solemne.

Abundam as supposições relativas ás causas occasionaes de seu magno tentamen, como relativas áquellas que o predispuzeram á assumpção das tremendas responsabilidades em que incorria, pondo-se á testa de um golpe de extremo risco. Penso haver demonstrado que se a luzida espada do prestigioso guerreiro teve algum peso na balança dos acontecimentos (o que se não pode desconhecer), gravitava esta havia muito para baixo, sob a mole de circumstancias já memoradas e cujo valor historico poderia resumir com algumas palavras do imprevidente Feijó. A cerebrina reforma que fizeram os «moderados» cuja victoria garantira o pulso de ferro do austero padre, em vez de reapertar «os laços sociaes», «quasi inteiramente os tinha dissolvido», a ponto de elle proprio definir o misero estado a que haviam descido as cousas publicas e a precaria segurança da unidade nacional, bem como a indeclinavel urgencia de remodelamento nas instituições, para que tão pouco se preparara antes, em face das disciplinadas hostes do velho regimen, que dominavam do alto a baixo, todo o edificio politico fundado por dom Pedro e por seu pai. «No caso de separação das provincias do norte (dizia), segurar as do sul e dispôr os animos para aproveitarem esse momento para as reformas que as necessidades de então reclamarem». [1]

Patenteia isto a situação do conjunto da communidade brazileira; quanto ao Riogrande em particular, leia-se o que depõe uma testimunha presencial:

«Desde 1828 troavam revoltas no céo tão sereno e puro desta provincia, e choviam os sarcasmos e injurias, ante-correios da tempestade, contra o governo geral e provincial.

. . . .

FALTAVA SÓ UM HOMEM DE ALGUM PRESTIGIO», diz essa testimunha, o visconde de S. Leopoldo, — tanto para elle estava tudo preparado e sufficientemente «atiçado» o «fogo revolucionario» que se fez homem e «encarnou em o coronel de um dos regimentos de cavallaria» !... [2]

Nada, conseguintemente, legitíma a hypothese a que allude Assis Brazil, nem carecemos da especie para explicar o que se achava e se acha mais que visivel, a olhos desprevenidos. Segura consciencia da crise tinha o futuro general, muito antes da jornada que fez ao Rio-de-janeiro, episodio de merito secundario, na origem dos successos, então de todo ou quasi de todo amadurecidos. Para elle, chegava a hora em que o civismo se podia manifestar em iniciativas fecundas: chegava a hora em que é licito ao homem de

---

[1] Pereira da Silva, «Historia de 1831 a 1840», apendice, documento n.º 10.

[2] «Annaes», 304, 305.

vontade, completar, com o generoso sacrificio proprio ou com o alheio, o que as leis naturaes preparavam e o momento historico lhe segredava ser opportuno e propicio ao bem geral.

«O espirito humano está em marcha: elle não pode retrogradar, os progressos da rasão esclarecida, e da sã philosophia, sobre que se fundam os principios da Liberdade, têm finalmente dissipado as espessas trevas da ignorancia e do fanatismo, sobre que se apoiam os interesses do absolutismo». «Vossos esforços são inuteis», diz o «Recopilador» aos que desejavam «os ferros, symbolo da ignominia e da baixeza».[1] Em verdade, tudo indicava que nada mais lograria deter os acontècimentos, que se precipitavam. No instante em que uma «falsa politica» opera como se o Brazil palpitasse ao mesmo compasso, como se fossem unisonas as suas aspirações, como se o mantivesse coordenado um inabalavel *consensus;* no vasto organismo combalido, tudò consente, tudo conspira, tudo concorre, para a quebra da unidade nacional e ruptura dos elos que prendiam o Riogrande, a um systema cujas translações haviam deixado de ser exactamente communs, conforme pudera prever quem estudasse os factos á luz da lição genial de Galileu.

[1] N.º de 12 de março de 1834.

INFLUENCIAS INDIVIDUAES

A errada tendencia do espirito humano, que o dispõe a sujeitar ao arbitrio, a generalidade dos phenomenos, proscripta de outros departamentos, ainda conserva a sua primitiva energia no circulo das explicações dos factos de natureza politico-social. Até mesmo observadores de grande cultura admittem ainda um imperio que a vontade não pode ter, «exagerando, do modo mais absurdo, a influencia necessaria do genio individual, sobre a marcha geral dos negocios humanos».[1] Esse commum desacerto sobremodo ha contribuido para mergulhar em trevas o espectaculo historico, a elle se devendo attribuir, principalmente, as illusões que occorreram e occorrem, a proposito dos referidos «negocios», em a quadra de 1835 a 1845, no Riogrande do sul. «E' notavel e digno de accurada investigação, diz o dr. Francisco de Sá Brito, que os riograndenses pudessem preparar-se para empenho tão extraordinario, em que tanta abnegação, tanta energia, e pertinacia mostraram, como não nos apresenta a historia do Brazil em algum outro successo provinciano, a não serem as excursões dos paulistas pelo centro da nossa America, e a gloriosa restauração de Pernambuco, do dominio estranjeiro, posto que sejam esses memoraveis feitos não puramente provincianos, como o 20 de setembro».[2] Pois bem, acontecimento de semelhante magnitude, que o illustre escriptor tenta esclarecer com as luzes de uma theoria racional, bem que incompleta, encontra ainda quem entenda averigual-o, com os recursos intellectuaes daquelloutra, summamente fragil e extravagante, inclinados os adeptos desse methodo obsoleto a processarem como de effeito absolutamente exclusivo e dominador, o capricho de contemporaneos eminentes, ou as combinações de sua escolha e

---

[1] A. Comte, «Philosophie positive», IV, 223.
[2] «O vinte de setembro de 1835».

alvedrio, na genesis, florescimento e extincção de phenomenos collectivos, a que mui certamente podem não ter sido alheios, mas que se manifestaram de accordo com circumstancias de espaço e tempo, superiores ás forças effectivas de creaturas assim ineptamente niveladas aos antigos deuses ou a Deus, entidades a que antes se reconhecia o poder que agora se reconhece naquellas. Já expuz o meu repudio da velha e até hoje prestigiosa fantasia, a que devemos, com muitos males espirituaes, o innegavel beneficio de haver mantido uma pretenção que, se desprovista de fundamento, no muito a que aspira, não o é de todo, entretanto; verificada nesta fórma, uma vez mais, a lição de Spencer, segundo a qual ha um atomo de verdade nas mais falsas cousas. [1]

Aqui é elle representado pelos coefficientes que já mencionei, ao tratar do supra-referido vicio logico, *id est*, pelos modificadores de acção systematica, de papel mui limitado, mas nem por isso despresavel. No periodo em exame, varios precisam ser medidos, com o possivel rigor, sendo opportuno começar pela de maxima quota, que foi a desenvolvida pelo coronel Bento Gonçalves da Silva, personagem que deficientes estudos elevaram á categoria de primitivo auctor e promotor de um evento cujas origens se nos deparam na evolução preparatoria de todo um seculo, — anteriores, portanto, á sua efficiencia, no theatro do mundo.

Foram as meditações solitarias na guarnição remota, que o impelliram a encabeçar um movimento armado liberal? Ou se decidiu a influxo de alheia influencia, que o estimulou á gloriosa resolução? Ou ainda, pertenceu ao numero dos que havia muito cogitavam da republica, no Brazil, e, dispersos os radicaes em 1831, se deliberou a operar sosinho no sul? Antes de responder a estas interrogações, opportuno é recensear os dados existentes, ácerca da marcha do movimento democratico entre nós, em que entrou com um importante contingente, o illustre militar. Feito o util retrospecto, será mais facil de fixar pontos essenciaes, para bem discernir-se até onde a acção politica de Bento Gonçalves se prende ás nossas tradições domesticas e até onde emana de circumstancias exteriores, de ordem pessoal ou social.

Sustenta Pereira da Silva «que as loucuras e excessos dos republicanos de Pernambuco, por um lado, e por outro a outorga por dom Pedro, de uma Constituição tão liberal, que democratisava de todo o paiz, e não lhe davam inveja as proprias republicas, pelas garantias politicas e privadas, e pelos amplissimos direitos consagrados, haviam quasi extinguido o partido republicano». [2] Paginas adiante, porém, descreve, com sombrio colorido, o verdadeiro painel do reinante despotismo, que tornava nominal a existencia do preconisado mimo do imperador. Podia a Lei magna, suspensa de facto, produzir o fantasiado effeito, de augmento no apoio ao regimen, só esperavel com a sua leal execução? De outro lado, isempto des-

[1] «Les premiers principes», 1.
[2] «Reinado de dom Pedro», 21, 22.

cobre o chronista os horrores sem conta, que friamente realisavam os mandatarios da repressão do movimento de 1824. Podia minguar a sympathia ás infelizes victimas, quaesquer que fossem os seus erros, quando os «representantes da lei» incorriam na censura, por «excessos e loucuras», neste caso menos perdoaveis? Não é admissivel! Curial é que, se existia, ganhasse maior força o que declara «quasi extincto».

Não o estava, não podia estar. «Falemos claro, disse Vergueiro em Lisboa: desde que os Estados-unidos declararam sua independencia, houve brazilienses, que desejaram fazer o mesmo. Este partido cresceu prodigiosamente: a mudança da côrte para o Brazil fêl-o retrogradar, porque cessaram com ella parte dos motivos. O desgoverno da côrte despertou aquella tendencia amortecida, de que resultou o precipitado rompimento de 1817, sem que enfraquecesse com esse malogramento: os acontecimentos principiados em 24 de agosto paralysaram, e reduziram quasi a nada aquelle partido, abrindo um caminho mais seguro, para a liberdade, a que todos os homens, e povos aspiram. Desta marcha e contramarcha do partido da independencia no Brazil, e do sentimento do coração humano que lhe tem regulado, e ha de continuar a regular-lhe a força, e a extensão, conforme as circumstancias, se induz muito claramente que o Brazil ha de ficar unido a Portugal, se Portugal considerando-o como seu igual, nada tentar contra sua liberdade, nem contra suas commodidades; e pelo contrario se Portugal o tiver em menos conta, e tentar sobre elle algum acto de dominação, o Brazil ha de separar-se, declarando a sua independencia, apesar dos negros, que não teme, e apesar do horroroso quadro da guerra civil, [1] que lhe pode sobrevir, ao qual nunca attenderam os povos que querem ser livres». [2]

No que exara nas primeiras proposições deste paragrapho (*exceptis excipiendis*), o illustre brazileiro-adoptivo mostra, a meu vêr, um claro descortino, pois tudo indica, em verdade, que «o genuino sentimento nacional optava pela emancipação republicana», de accordo com o modelo de que nos fala, e conforme nos ensina escriptor de grande auctoridade. [3] Na segunda parte da terceira these,

---

[1] Allusão ao discurso de José Joaquim Ferreira de Moura, nas côrtes de Lisboa, em que esse deputado procurava espavorir os brazileiros, com o espantalho de uma insurreição igual á de S. Domingos e com a propria guerra civil entre os brancos. Vide «Correio do Rio-de-janeiro», de 5 e 7 de outubro de 1822. Collecção em meu archivo.

[2] Publicação em data de 18 de abril de 1822. Vide «Diario do governo», de 4 de maio.

Posso addir ás revelações de Vergueiro, uma que me fizeram directamente. «Deveis saber que se trabalhava no Brazil pela fórma de governo republicano, sendo a republica federativa», dizia-me em carta de 13 de setembro de 1894 (meu archivo), o finado Manuel Alves da Silva Caldeira, singelo guerreiro, que unia a todas as virtudes que esmaltavam a forte alma dos continentistas da grande cruzada farroupilha, uma serena bondade e galharda cortezia, verdadeiramente excepcionaes.

[3] João Ribeiro, «Historia do Brazil», 459.

se percebe que as suas observações deixam de ter o mesmo grau de segurança e peccam até por illogicas.

Em certo modo não me parecem corresponder á realidade, porque outro contemporaneo, individuo de muito peso, não sómente pelo merito e preparo de que dispunha, como por se achar visinho aos successos, cujos derradeiros progressos Vergueiro acompanhava de longe; contemporaneo de muito peso, dizia eu, sustenta cousa muito diversa. Quero tratar de Sylvestre Pinheiro, ministro da guerra e das relações exteriores, que, descrevendo o estado do paiz, em consequencia da iniciativa de 24 de agosto, manifesta ser «o espirito de democracia», «o que vemos ir-se desenvolvendo de uma maneira espantosa em todo o Brazil». [1] Por outro lado, Saint-Hilaire nos certifica de que foi de modo um tanto passivo que o povo entre nós assistiu á agitação constitucional, [2] o que encontro corroborado em uma passagem do referido Sylvestre Pinheiro: «Em nenhum de quantos movimentos tem havido desde o memoravel dia 26 de fevereiro até agora, teve parte alguma activa a gente do paiz, comprehendendo mesmo os europeus ali estabelecidos, se não era com discursos, clubs, pasquins, como o de que agora nos vêm noticias, mais volumosas em rasão da liberdade de imprensa». [3]

Ora, esta apathia, mais apparente do que real, como tenho ensejo de assignalar em outro capitulo, explica-se ainda com um depoimento de Vergueiro e é aquelle em que o encontro contraditorio. Depois de inculcar que minguara sobremaneira o partido que desejava a independencia á moda *yankee*, traça um topico de alto valor elucidativo, que se me antolha precisamente uma ingenua confissão do absoluto predominio do criterio que suppõe quasi de todo abandonado. Eil-o: «E bem sabido que no Brazil, independencia e Constituição dos Estados-unidos tem sido idéas sempre ligadas; nem os partidistas da independencia tem imaginado que haja no mundo outra Constituição tão acommodada ás suas localidades». O parecer que colloca o problema de 1822, sob novos termos, mui differentes dos que correm como havendo sido os unicos que appareceram; além do que vale pela auctoridade de quem o formúla, tem por si a de Sylvestre Pinheiro, que a mesma cousa affirma, por via de outras palavras. «A unica vista de interesse, que é commum a todas as provincias do Brazil», assenta o illustre estadista, «não passa de uma generalissima idéa de um governo central no Brazil, mesmo por uma especie de instincto». «Agora o que é particular a cada uma dellas, é o desejo de que todos os negocios, que só dizem respeito a qualquer dellas comecem e acabem dentro dellas; sejam tratados, julgados e decididos por homens nella residentes, e por ella escolhidos; quer seja dos

---

[1] «Cartas sobre a revolução do Brazil», a 17.ª

[2] Vide capitulo anterior.

[3] Cit. «Cartas», documentos annexos, o 18.º, com data de Lisboa, 15 de março de 1822.

seus proprios habitantes, ou das pessoas que ella entenda dever chamar ou admittir de alguma outra parte.

Por consequencia, o que segundo minha observação tenho deprehendido da vontade mais geral dos brazileiros é, que nos interesses de cada uma das provincias, nenhuma das outras provincias, nem o governo geral, em qualquer parte que elle esteja estabelecido, se haja de entrometter.

. . . .

O que todas e cada uma das provincias pretendem, torno a repetir, é que este governo entenda unicamente dos interesses, que são communs a todas ou a'algumas das mesmas provincias, abstendo-se de intervir nos que só são particulares a esta ou aquella. Estes são, segundo minha observação, os sentimentos mais geraes, que eu pude descobrir nos brazileiros, tanto no tocante aos interesses geraes do Brazil, como no particular a cada uma das provincias». [1]

Que não errava, como que não errava o futuro senador Vergueiro, naquella opinião de que para os partidistas da independencia não era admissivel outro pensamento, que não fosse o de conseguil-a com a fórma de governo instituida em Norte-America, prova-o assaz o emprego de manejos adequados ao afastamento das pessoas reaes, com que esperavam chegar aos seus occultos fins. «E pode consentir a rasão, ou o senso commum attribuir-se ao partido da independencia a retenção do principe no Rio-de-janeiro? pergunta Vergueiro. Não é muito sabido que este partido, fraco desde 24 de agosto, olhava com prazer os decretos das côrtes, falas, e impressos, que desgostavam o Brazil? Não é igualmente sabido que esse partido ganhando força com o descontentamento do povo, esperava anciosamente o momento da saída do principe para levantar o estandarte democratico, que talvez ainda o principe visse tremular á saída do porto? Estes factos, e suas consequencias não podiam escapar ao mais fraco observador». [2] Não escapa-

[1] Idem, Idem.

[2] Segundo João Soares Lisboa, * o «partido da independencia» não se limitou ás platónicas demonstrações de prazer, com o annuncio do tentamen reaccionario das côrtes: procurou estimulal-as. Lede-o: «É inconcebivel o motivo por que o soberano congresso queira arrancar dos braços dos portuguezes do Brazil o idolo do seu culto politico! Por ventura esteve, ou está no querer, e poder do soberano congresso fazel-o? Consentirá o soberano povo do Brazil, e principalmente o das cinco provincias já unidas, em tal violencia, menoscabando sua dignidade?» «Tornar-se-ão diamantinos todos os corações para não serem sensiveis a uma tal despedida? Olharão todos sem commoção para o embarque desta real familia, ficando immoveis como rochedos? Não; não é possivel: não o cremos; porém assim o decretou, o soberano congresso, e o sustenta o parecer da commissão:** assim o deseja vêr cumprido um infame partido

* Portuguez domiciliado no Brazil, desde 1800. Depois da independencia fez opposição a dom Pedro e foi perseguido por seu governo. Tomou parte activa nos acontecimentos de Pernambuco que trouxeram como resultado a Confederação do Equador.

** A «commissão especial dos negocios politicos do Brazil». Refere-se Lisboa ao parecer apresentado em sessão de 18 de março de 1822.

vam a ninguem, e por isso os proprios portuguezes já radicados em o Novo-mundo, foram os primeiros a promover a opposição á partida de dom Pedro, [1] o que era adoptar a intelligente politica preconisada por Vergueiro e a que elle proprio seguiria, a principio, em nome ainda dos interesses geraes do Reino-unido, depois, mui positivamente em favor da sua parte situada na America do sul. «E que deveriam fazer os amigos da união que não encarassem os factos estupidamente, ou com culpavel egoismo? inquire. Seria deixarem o campo livre ao partido da independencia; ou lançar mão das medidas extraordinarias que á maneira dos acontecimentos de 1808, e de 24 de agosto desconcertasse os seus projectos, que estavam a ponto de se realisarem?» [2]

Não escapavam a ninguem, repito, as visiveis tendencias nacionaes e dahi o atrevido passo de José Clemente, apoiado no circulo que indiquei e tambem na parte menos radical do partido da independencia. Inilludivel a linguagem com que descobre ao principe, o que talvez não houvesse ainda lobrigado, e que desde ahi, ao certo, vivamente o preoccupou: «Será possivel que vossa alteza real ignore que um partido republicano, mais ou menos forte, existe semeado aqui e ali, em muitas das provincias do Brazil, por não dizer em todas ellas? Acaso os cabeças que intervieram na explosão de 1817 expiraram já? [3] E se existem, e são espiritos fortes e poderosos, como se crê que tenham mudado de opinião? Qual outra lhe parecerá mais bem fundada que a sua? E não diz uma

---

de anarchistas, que se dizem republicanos, e que espalhado pelo Brazil tem informado calumniosamente ao soberano congresso a respeito dos brazileiros, estabelecendo assim uma desconfiança reciproca entre o Brazil, e Portugal, motivando resoluções pouco acertadas do soberano congresso, para fazer exasperar uns e outros, até se declararem inimigos, e então levantarem o grito da independencia democratica, contra a vontade geral de todos os sensatos portuguezes, que só querem a monarchia constitucional, com igualdade de direitos, regalias, e representação.

Lucto, e não festejo merecia segundo nosso entender a noticia de que tratamos: e para illustrar o publico inexperto, pouco instruido, e menos conhecedor de machiavellicos manejos politicos, passamos a fazer uma analyse daquelle parecer». E depois de varias clausulas a respeito, volta o redactor á sua accusação contra os partidarios da republica: «O soberano congresso por informações dos malvados anarchistas desconfia que os brazileiros querem separar-se de Portugal, e esta suspeita o assusta; os brazileiros desconfiam que o soberano congresso os quer recolonisar constitucionalmente, e esta suspeita os aterra». Não se pode negar quanto é difficultoso ao soberano congresso conhecer o verdadeiro estado politico do Brazil, á vista de uma contrariedade inconciliavel de noticias publicas e particulares que se lhe arpresentam das differentes partes do Brazil». (Vide «Correio do Rio-de-janeiro», de 8 de maio de 1822).

[1] Sylvestre Pinheiro, cit. «Cartas», documento 18.º, pag. 374.

[2] Cit. publicação feita em Lisboa.

[3] Diz um contemporaneo qual a força desse partido. Segundo Monsenhor Muniz Tavares, era «unanimemente» adoptado o pensamento republicano. «Historia da revolução em Pernambuco em 1817», cap. II.

fama publica, ao parecer segura, que nesta cidade reverdeceu com a esperança de saída de vossa alteza real, que fez tentativas para crescer e ganhar forças, e que só desanimou á vista da opinião dominante, de que vossa alteza real se deve demorar aqui, para sustentar a união da Patria?»[1]

Pereira da Silva é de aviso que as circumstancias não eram para alarmas dynasticas; acredita que só «uma pequena fracção» pendia para aquella fórma de governo, e «a quasi unanimidade», para «a monarchia constitucional».[2] Com um pouco mais de perspicacia ou de imparcialidade, desenha a situação dos espiritos, noutra passagem, escrevendo que os liberaes laboravam pela independencia do paiz, fosse ella conseguida com a fórma «republicana ou monarchica».[3] A maioria, pelo menos, creio que adoptou este criterio «e resolvendo-se o principe a abraçar» a causa nacional, «vingara o segundo systema e aquelles o haviam effectuado e realisado, tendo sido os primeiros a affrontar as tropas e população portugueza, e a apoiar dom Pedro contra as ordens das côrtes».[4]

Esta me parece a verdade dos factos, que José Bonifacio não soube comprehender. Patriota sincero, qual seus dous irmãos, possuia como elles um caracter integro e puro, e ainda que fossem de reconhecidos talentos os Andradas em geral, distinguia-se entre todos pelos meritos intellectuaes, que pelo douto academico foram ornados com as galas de um vasto saber, dos mais notaveis de sua epoca. Era não só a mais forte cabeça da familia, como do Brazil, infelizmente carregada de preconceitos auctoritarios e de inclinações tyrannicas,[5] além de possessa de «um furioso horror de tudo o que cheirasse a principios anti-monarchicos»,[6] o que logo o precipitou numa desabalada campanha, com o fim de purgar delles o paiz.[7] Não contente com o estabelecimento de uma politica cesarea e de medidas draconianas revoltantes, segundo Mello Moraes fantasiou a conspiração de outubro de 1822, para melhor fazer vingar o intolerante civismo que o inflammava, e, para perseguir, como inimigos da causa monarchica, os seus e os inimigos de sua familia:[8] mandando proceder «com todo o rigor» a uma devassa «em todo o Imperio»,[9] «para se vir no conhecimento dos que ma-

---

[1] Armitage, 42, 43.

[2] Pereira da Silva, «Historia da fundação do imperio brazileiro», II, 354.

[3] Idem, III, 133.

[4] Idem, idem.

[5] Cit. «Historia da fundação», *passim*. Mello Moraes, «A independencia e o Imperio do Braizil», *passim*.

[6] Oliveira Lima, «Formation historique de la nationalité brésilienne», 155. Opinião de um contemporaneo, o coronel Maler.

[7] «Historia da fundação», «A independencia e o Imperio do Brazil», *passim*.

[8] Cit. Mello Moraes, 207.

[9] Portaria de 11 de novembro de 1822 (vide «Gazeta do Rio», de 16, collecção em meu archivo). Exposição de Domingos Velloso Cascavel. Folha solta. (Meu archivo).

José Bonifacio, o Grande

(Desenho de Decio Villares
offerec do ao auctor).

Pag. 224

chinavam contra o systema de governo estabelecido, e favoreciam idéas republicanas». [1] Difficil opinar quanto á ingenuidade ou calculo com que agiu o auctor da portaria de 11 de novembro e quanto ao que inculcou a respeito do secreto plano dos liberaes. *Forse che sì, forse che no;* possivel é que houvesse occorrido o que sustenta aquelle chronista e possivel é que os elementos menos placidos do partido da independencia, em face da plena restauração absolutista, operada pelos Andradas, voltassem aos termos em que se tinham achado, antes do «Fico», e que uma biographia de Jorge Canning define perfeitamente, dizendo que esse gremio «estava não só preparado para separar-se de Portugal, como para repellir a monarchia». [2] Do que não tenho duvida é que com esses — no momento —, não se conjuravam a maioria dos liberaes, que tudo sacrificaram á urgencia de resguardar o Brazil, ante a ameaça de uma desastrosa recolonisação.

Confundiram-se elles, de bom grado, com outros factores do partido da independencia, que não teve sempre a mesma natureza e physionomia, o que convem distinguir, para evitarmos uma funesta confusão, na analyse dos acontecimentos. A principio compunha-se unicamente de toda a massa activa dos oriundos da America; mas, depois, a caudal foi augmentada por affluentes, que lhe deram, com o maior vulto, positiva heterogeneidade. Foram esses: 1.º, O que comprehendia os figurões portuguezes da côrte de dom João, que se mostravam dispostos a seguir a sorte mais segura, de «um Imperio nascente», do que a mui precaria, de «um Reino decadente»; [3] 2.º, o dos «europeus domiciliados», que rebaixavam os naturaes com «o orgulho da sua imaginada superioridade», esperando que a ausencia do principe désse ensejo á desforra daquelles, «que não podiam deixar de pagar com odio, tão injusto despreso»; [4] europeus, esses, que por interesse proprio se deixaram conduzir na corrente dos que arrastavam o herdeiro do throno á desobediencia e ao perjurio: 3.º, «os muitos descontentes com a perda de seus empregos», em virtude da desconcentração dos negocios admi-

---

[1] Cit. Mello Moraes, 207.

[2] Granville Stappleton, «Vida politica de mr. Jorge Canning», com annotações do barão de Cayrú, 262.

Mostra todo o contexto do presente livro, que me inclino a esta segunda hypothese, por muitas rasões, entre outras o que sabemos da natureza intima de José Bonifacio. Como quasi todos os reformadores educados na corrente scientifica do seculo XVIII, creio cogitava fortalecer a auctoridade, para fazer della uma alavanca do pensamento politico que o absorvia. Nada legitíma a hypothese de que cuidasse de interesses de ordem privada quem sempre se mostrou superior a elles: seus grandes erros foram theoricos e não moraes.

[3] Armitage, 90.

[4] Sylvestre Pinheiro Ferreira, «Cartas sobre a revolução do Brazil». Documento n.º 18, informação verbal que deu ás côrtes de Lisboa, em 1822.

nistrativos, originada pelos actos do congresso de Lisboa.[1] E antes de proseguir, opportuno é notar uma circumstancia que terá grande peso na evolução subsequente da nova monarchia: no grupo dos homens de ultramar que adheriam ás manobras de resistencia contra as côrtes, se destacavam alguns sujeitos de sincero apego á nova doutrina constitucional, mas, o grosso delle se constituia de dispersos do velho exercito do absolutismo, «batido em detalhe» pelo que Sylvestre Pinheiro chamava «o massiço da democracia».[2]

Como observei, apoiado em solidas auctoridades, a massa genuinamente brazileira tendia a seguir a rota politica dos americanos em geral, conforme assenta o auctor inglez e ao circularem noticias de que dom Pedro ia embarcar, os que já eram designados pelo nome de republicanos deram inequivocas mostras do agrado com que o sabiam, poisque assim o Brazil ficava independente e livre de escolher o governo que lhe conviesse.[3] Qual era intuitivo, entretanto, e todos comprehenderam, desde que o principe se resolveu a ficar na America e a abrir lucta com a metropole: manter, em face da situação de guerra externa, dissidencias intestinas, fôra complicar o problema de maxima relevancia, o da autonomia integral e insophismavel: ninguem se sentiu presa de hesitações. Foi posta de parte a divergencia sobre o systema de governo, «iniciando dom Pedro a politica conciliatoria, que pouco durou»,[4] e entrando o geral dos espiritos naquella patriotica, alevantada, nobilissima, fecunda conformidade e unanimidade, que assim resume um chronista monarchico: «Absolutistas e constitucionaes, e mesmo os democratas», «todos, se não sacrificaram as suas crenças no altar da Patria, ao menos adiaram as pugnas dellas, na imprensa e no forum».[5] E essa unanimidade, essa conformidade ainda persistiram, emquanto os patriotas de idéas mais avançadas acreditaram na sincera disposição de dom Pedro, a harmonisar-se com ellas, no em que fossem compativeis com a existencia da corôa, fundando-se a par das democracias americanas, uma outra, que se não identica a todas as demais, nas fórmas exteriores, o fosse na essencia do regimen, e como que nos conservasse em marcha para as primeiras: fundando-se um systema dentro do qual o imperador correspondesse «apenas a um presidente perpetuo de um Estado que já cessou de ser monarchia e ainda não é republica» segundo feliz expressão do illustre ministro de el-rei, acima citado.[6]

Tal, a meu ver, o espirito do tempo em que foi effectuada a independencia e ainda o em que foi convocada a primeira assembléa, logo depois dissolvida, pela reacção auctoritaria.

---

[1] Idem, idem.

[2] Cit. «Cartas», a 11.ª

[3] Vide Franklin Doria, «A independencia do Brazil», 156.

[4] José Maria Pinto Peixoto, «Duas palavras sobre dom Pedro I na epoca da independencia», 13.

[5] Idem, 12.

[6] Sylvestre Pinheiro Ferreira, cit. «Cartas», a 17.ª.

Nos comicios a que deram lugar, como era de prever com o deficiente processo observado na contagem dos suffragios, vingaram as candidaturas officiaes ou a dos que moviam em seu favor elementos com que se tornavam faceis as imposições de nomes, em collegios eleitoraes de todo inexpertos. Registrei o que aconteceu com os escrutinios de 1828; se quando o desprestigio da auctoridade monarchica já se consummara quasi em absoluto, tal se ousou, imaginai o que fizeram antes os seus corypheus. Com identicas ou analogas irregularidades, foi eleita ou designada uma representação nacional, muito em desaccordo com as espontaneas e naturaes correntes da vontade ou dos anhelos populares. Segundo Armitage, ũa «maioria quasi exclusivamente de magistrados, juizes de primeira instancia, jurisconsultos e altas dignidades da igreja, sendo pela maior parte quinquagenarios, de noções acanhadas, e inclinados á realeza»; e ũa «minoria composta de clero subalterno, e de proprietarios de pequenas fortunas, avidos de liberdade, mas liberdade vaga e indefinida, que cada um interpreta a seu modo, e guiando-se cada um por seus proprios sentimentos. Eram philanthropos de coração; mas nem estes, nem seus oppoentes, estavam habilitados com aptidão pratica, para bem exercerem as suas attribuições».[1] Não é esta, entretanto, a noticia que nos fornece Granville Stappletton a respeito do caracter e tendencias da assembléa: «Dom Pedro, durante dez mezes, que assumiu a dignidade imperial (em agosto de 1822) era geralmente popular; e durante esse tempo os dous irmãos os snrs. Andrada e Silva e Martim Francisco de Andrada, homens de principios realistas, e moderados nas suas vistas, e dotados de talentos consideraveis, tinham a ascendencia no gabinete brazileiro. No principio de maio de 1823, reuniu-se a assembléa legislativa, em que era mais forte o partido republicano; e a consequencia foi, que no principio de julho de 1823 os snrs. Andradas se viram na necessidade de darem as suas demissões».[2]

Qual a versão segura?

Em notas ao livro do ultimo, o barão de Cayrú protesta contra o que nelle se contém, no topico transcripto, garantindo nunca ter havido na Constituinte nenhum gremio da ordem do que merece a primazia nas classificações politicas do auctor inglez. Diz elle: «Havia, sim, deputados de principios liberaes, que censuraram alguns actos dos ministros Andradas: e com effeito a prisão, que mandaram fazer de alguns cidadãos, como revolucionarios e republicanos, fôra a causa principal dessa censura. Basta citar os nomes de dous desses cidadãos, os snrs. J. Fernandes Lopes e J. da

[1] Pag. 78.

[2] Cit. «Vida politica de mr. Jorge Canning», 250. Este auctor não estava talvez perfeitamente, mas devia estar muito bem informado do que occorria nas espheras governativas do Brazil, dado o magno papel que por esse tempo tinha em nossos negocios publicos o illustre lord, de quem aquelle auctor era secretario particular.

Rocha Pinto, que foram depois gentil-homens da camara de s. m. imperial, para se conhecer, que mal lhes cabia esse terrivel estygma de revolucionarios e republicanos».[1] O argumento é pauperrimo, porque de accordo com elle concluiriamos que Lakanal e David, pelo facto de servirem a Napoleão, depois de coroado, não podiam ter pertencido a nenhum gremio «revolucionario e republicano», e sabemos que estiveram filiados precisamente á facção extrema, a que votou pela morte de Luiz XVI; ou concluiriamos que nunca haviam sido monarchistas os snrs. Floriano Peixoto e Almeida Barreto, pelo facto de aceitarem cargos, depois de prestada efficaz ajuda, afim de que entrasse nos muros do quartel general do exercito, o cavallo de Troya, *fatalis machina* dos nossos gregos de 1889. Difficil sobremaneira deslindar o que se agitava ao fundo de um scenario de que nominalmente desapparecera o despotismo, mas, onde em verdade eram ainda as suas tradições que moviam tudo. Guiarmo-nos pelas actas que José de Alencar intitulou de «extractos inexactos»,[2] não me parece bastante e só obterá luz sufficiente, a meu vêr, aquelle historiador que as examine á luz de outros informes e tambem com as legitimas inducções e deducções logicamente estabelecidas, que os factos permittam.

Por mais que diga e rediga a annotador brazileiro de Granville Stappletton, illação que immediatamente occorre é de que se não evaporou de golpe «o espirito democratico» de cujo «assombroso desenvolvimento no Brazil» fala Sylvestre Pinheiro, ou «o partido republicano» com que mais modernamente procura espavorir o principe, o ladino José Clemente; e com esta, a de que não só teve entrada na assembléa, como tambem de que constituiu em torno della uma atmosphera, mais ou menos inflammavel, — factor que é preciso levar em conta, na geração dos successos. Ora, inauguradas as sessões, não nos pode restar duvida de que aquelle e este elemento arrastaram traz si a chamada maioria, porquanto, no «club» em que imperavam os Andradas, segundo voz publica, já referida, se suscitou a hypothese da dissolução, e adivinha-se porque. Consultando as idéas de José Bonifacio sobre o que devia ser a Lei suprema do paiz, verificamos que, para elle, não podia desconhecer o facto preexistente, isto é, o Imperio, organisado este, em conformidade, não com o principio democratico e sim com o principio monarchico,[3] o que significava para o sabio filho de Santos e para o seu circulo, a preponderancia decisiva da coroa. Succede, porém, que ante a grita de realistas e liberaes contra os ministros da poderosa familia, deixam elles o governo, escolhendo o imperador, entre os primeiros, os substitutos dos dous notaveis paulistas; e o que talvez imaginou aplacasse as ondas

---

[1] Nota 5.ª, pag. 336, «Revista do Instituto», XXIII.

[2] José de Alencar, «A Constituinte perante a historia», na cit. «Revista», LXIV, 1.ª parte, 249.

[3] Armitage, 80, 82. Vide na cit. «Revista» os papeis do mesmo, relativos á Constituição, descobertos em S. Paulo, LI, parte 2.ª, 79.

revoltas do debate politico, ainda mais concorreu para encapelar o já tempestuoso oceano, que o circumdava. Os Andradas trouxeram o fogo de suas paixões a um ambiente sujeito havia muito antes a uma alta temperatura, e lavrou o incendio, por todo elle.

Cheio de alarmas o imperador dissolveu á força a Constituinte.

Examinadas com animo imparcial as circumstancias apparentes que conduziram o chefe do Estado a esse golpe de auctoridade, chega-se a uma conclusão infallivel: a de que as apontadas correspondem a causas occasionaes do choque entre os dous poderes, mas que outras muitas laboravam nas almas, predispondo-as ao rompimento. Pensa o abalisado Homem de Mello que a origem real do dissidio entre a corôa e a camara deve buscar-se no irreflectido arrolamento dos soldados portuguezes, que o governo imperial mandou fazer na Bahia.[1] como tem elle por averiguado que em 1822 e 1823 o povo adorava o imperador,[2] sendo conseguintemente sem fundamento algum a hypothese de José de Alencar, que vulgarisou ter impedido, o gesto do principe, «males incalculaveis», decorrentes da «attitude ameaçadora da Constituinte»[3]: para o doutissimo paulista, não ha meio de conformar semelhante parecer, com o que consta dos annaes do parlamento disperso á espada.

Data venia, ouso dissentir do exclusivo merito que attribue a esses magros subsidios, como a dissentir de quanto escreveu a respeito da causalidade remota da lucta entre o executivo e o legislativo, quanto ainda a respeito da sympathia publica, pela pessoa do soberano. Uma de duas: se a confiança merecida pelo principe continuava intacta, não é de crer produzisse alarma a entrada de algumas dezenas, até mesmo centenas, de praças de pré, em um exercito que contava muitos officiaes subalternos e superiores, nascidos em ultramar; se o alliciamento de taes individuos engendrou sustos patrioticos, é porque algo havia empallidecido os creditos constitucionaes do monarcha e introduzido suspeitas, mais que fundadas aliaz, no coração dos brazileiros, e em outro capitulo deixei claramente resumida a genesis e marcha do divorcio entre dom Pedro e os que collaboravam com elle para a consolidação do edificio da independencia.

Mas... esta não é a questão que eu abordava. A questão é de averiguar se existia um partido ou um grupo de homens capazes de pôrem em perigo o principio monarchico ou de o annullarem sciente e conscientemente; ou de saber se a assembléa, tomada de uma vertigem, como insinua Alencar, se dispoz, de repente, a assumir as responsabilidades da situação, pondo a seus pés o governo, jungindo-o e manietando-o para sempre. Homem de Mello em absoluto repelle a idéa da minima tendencia a um como a outro extremo, «em assembléa de velhos respeitaveis, dominados pelo mais austero bomsenso», diz e accrescenta: «tudo quanto

---

[1] «A Constituinte perante a historia», cit. «Revista», LXIV, 1.ª parte, 235.
[2] Idem, idem, 245.
[3] José de Alencar, idem, idem, 222.

havia no paiz de tradições administrativas e governamentaes achou-se ali reunido».[1] Calcado esse juizo nos monumentos historicos de que se serviu o eminente publicista, ninguem pode contestar a legitimidade delle, mas, repito, que os tenho por insufficientes, que não creio possam bastar, a uma critica severa e exigente. «A luz da historia não illumina senão os cimos elevados dos acontecimentos», sentenciou no seu colorido estylo o illustre analysta da assembléa de 1823, parecendo-me que por abuso nesse modo de assim a conceber, é que nos vemos hoje quasi em trevas. E o abuso se não limitou a essa chronica por alto: aceita ella, muitas vezes, como elementos para as suas composições, os dados que fixou o arbitrio ou o engano dos antecessores e que por incuria ou falta de malicia continuam atravez dos annos a merecer a qualidade de seguros pontos de referencia, para o assentamento do painel de uma epoca, o qual, estabelecido com outro criterio, mostraria aspecto mui diverso. Um exemplo recente torna mais comprehensivel o perigo de semelhante entendimento, no trato do grave assumpto.

Se os vindouros exegetas consultarem exclusivamente o «Diario do congresso nacional», certificam positivamente que foi de lidimissima orthodoxia a escolha do primeiro magistrado supremo da Republica brazileira, e ainda é possivel que se pronunciem por essa maneira, se recorrem aos archivos conhecidos. Nenhum delles terá meio de descer dos «cimos elevados» aos valles subjacentes, onde ficaram logo apagados os signaes de estremecimentos irregulares, trepidações violentas que abalaram os sentimentos conservadores de muitos votos duvidosos... Faltam esses, entre os dados correntes, ácerca dos phenomenos subterreos do periodo, porque se não imprimiram em sismographo algum, as sacudidas a que me refiro, fugindo de dar-lhe registro, muitos, por interessados em que o apparelho não deixasse vestigios, — muitos outros, por terem a consciencia de que traçaria, com as curvas do terreno com-

---

[1] Trabalho cit., pag. 231.

A historia do passado explica em muito o presente, mas a do presente explica muita cousa da do passado, exhibindo como, em situações taes, agem os homens, e, portanto, como em situações analogas agiram talvez, anteriormente. O parlamento de 1888 era por igual um complexo de «tudo o que havia no paiz de tradições administrativas e governamentaes»; reunia uma vasta galeria de «velhos respeitaveis», — o que não no impediu de operar a mais formidavel de nossas revoluções, arrastado por um meio politico de todo convulso, e isto depois de pouco antes proclamar em uma lei (a segunda de 28 de setembro), os sentimentos conservadores de que estava animado...

Quem sabe o que ainda nos revelam as pesquizas historicas! Pode bem ser que mostrem menor do que se tem escripto — quanto ao pendor para a illegalidade — a differença entre as circumstancias politicas de 13 de maio e 12 de novembro. Talvez a unica, até, venha a firmar-se que foi, naquella primeira data, o ter-se posto, do lado dos agitadores o pensamento da coroa; e na segunda, contra elles, o mesmo instincto de conservação... e com um parecido resultado, em ambos os casos.

Tantaene molis erat romanam condere gentem!

movido, a das compromissões, voluntarias ou involuntarias, com a força triumphante... O successo de hontem, incomprehendido nos fastos do regimen novo, legitíma, por certo, mais de uma conjectura, quanto ao que igualmente não foi gravado, de proposito, nas taboas de bronze do velho regimen; e lucila, comtudo, entre as sombras, imprimindo reflexos de fraude, em muitas paginas da historiographia imperial...

A verdade é que com a forçada renuncia de José Bonifacio e Martim Francisco, houve um cambio absoluto no jogo das forças politicas. Segundo assenta o biographo inglez de Jorge Canning, «depois que estes ministros se demittiram, não se ouviram mais os elogios da Constituição britannica, que, emquanto estiveram no poder, se offereciam á approvação do publico, e a esses elogios substituiram-se os panegyricos sobre as Constituições mais democraticas, as que tiveram uma existencia temporaria na Europa».[1] Antonio Carlos, até pouco antes, apoio e escudo do governo em que tinham parte seus irmãos, Antonio Carlos, «que se amestrara para as lides parlamentares no soberano congresso de Lisboa», transferido aos bancos da opposição se inclinava «áquelle omnipotente parlamentarismo, copiado da convenção franceza»:[2] tudo fazia para o estabelecer, em damno das prerogativas régias. Elle, na tribuna, como seus irmãos no «Tamoyo» ou na camara, distinguiram-se mais do que ninguem, no patrocinio dos «principios livres, ou, para melhor dizer, democraticos», que aliaz «contrastavam singularmente com aquelles que seguiam durante o tempo do seu ministerio».[3] Tanto recrudesceu a batalha parlamentar, tanto os animos se aqueceram em subido grau, que, ao sobrevir a crise de novembro, «se emittiram insinuações de que, se o governo não se afastasse da linha antinacional de conducta que seguia, suá existencia seria de curta duração, e fez-se entrever o exemplo de Carlos I de Inglaterra, como aviso a dom Pedro».[4]

---

[1] Pag. 250.

[2] José de Alencar, «A constituinte perante a historia», 219.

[3] Armitage, 83.

Escreveriam esses homens por inspiração de sua rasão? pergunta o diario official. Nós quizeramos que os brazileiros ouvissem os redactores dos *Tamoyos* antes do dia 16 de julho de 1823; pasmariam vendo por esses homens sustentada a plenitude dos direitos da realeza; destruída a idéa da soberania nacional; de igualdade natural; de liberdade excentrica.. Sim, nós temos diante dos nossos olhos as actas, que até se corromperem darão um vergonhoso testimunho da duplicidade de caracter, e de genio desses escriptores, que tanto bem então faziam á sua pátria, como depois pretenderam fazer-lhe mal pelo espirito de vingança, e do resentimento infundamentado, que dirigia suas pennas». Vide «Imperio do Brazil», de 4 de março de 1826. Collecção em meu archivo.

[4] Armitage, 86.

«Estes (os redactores do *Tamoyo*, diz o cit. diario official) levaram o atrevimento ao ponto de figurarem no throno erguido pelos brazileiros sobre os alicerces da legitimidade, um novo Iturbide». Dito n.º de 4 de março.

Se este principe não visse em serio perigo os esteios de seu poder e a intangibilidade de seu dominio, em caso nenhum se tinha compremettido no lance perigosissimo de 1823: se não tinha a consciencia da conspiração que denunciou ao paiz, tinha de sobra a de que se encaminhavam os espiritos a restringir-lhe o papel, ao de simples chefe de uma democracia coroada, o que repugnava a «indole impetuosa», como a sua:[1] tinha a consciencia de que a se não resignar ao mesquinho ascendente que lhe destinavam os liberaes brazileiros, a conjura, talvez apenas ainda em projecto, entrara para o terreno das cousas effectivas e fataes.

Não se lhe pode imputar o erro de 1823, á impericia no prever: no prover é que claudicou infantilmente, deixando-se guiar, em parte, pelo exemplo de casa — a Villafrancada —, e, em parte, pelos conselhos ou vivas lições da politica da Santa-alliança.[2] A situação moral da America andava, porém, mui longe da do velho Reino e da Europa em geral. Que lhe falhou o golpe, teve a prova pouco depois: dissolvida a assembléa, rompeu a supradita revolta de 2 de julho, na anno seguinte, que do Recife se estendeu ao Ceará, encontrando ecco, em o Maranhão, Pará e até mesmo na Bahia, apesar de muito abatida em consequencia da lucta contra os portuguezes. Depois de relatar os effeitos da reacção official, em todo o norte, «sob o jugo estragador da violencia e da tyrannia» de alguns delegados do centro,[3] escreve Pereira da Silva que bem se não pudesse «considerar de todo segura a tranquillidade no Imperio», não se devia nutrir o temor de «revoluções sérias e nem premeditadas».[4]

Ha revelação contemporanea que desalicerça o que suppõe firme no campo da verdade historica. José Maria Rojas y Patron, pessoa mui circumspecta e ministro de Dorrego, affirma «existirem na Côrte do Brazil, duas conspirações, uma contra o Imperio, outra contra a pessoa do imperador», para o fim da guerra do Rio da Prata.[5] Por 1826 e 1827, creio, apoiando-se minha conjectura em duas fontes: o «Nacional», de Buenos-aires, e as «Memorias» de S. Leopoldo. Diz aquella folha: «As noticias contém detalhes importantes sobre o estado actual do Imperio; alarmas continuos, produzidos pelas relações que chegam da provincia Oriental. As cartas que temos em nosso poder, não deixam o menor motivo de duvida sobre uma proxima crise nos dominios de s. m. i., que daria em resultado a ruina completa do seu throno, e o triumpho dos principios republicanos».[6] S. Leopoldo, de sua parte, repete, sem desabonar, o boato de haver sido uma das causas do immediato regresso de dom Pedro, do Riogrande ao Rio-de-janeiro, o

---

[1] Juizo de S. Leopoldo sobre o imperador. «Memorias», parte 2.ª, 46.

[2] Vide carta de José Bonifacio a Drummond, em Raffard, 224.

[3] «Reinado de dom Pedro», 12.

[4] Idem, 20.

[5] Saldias, «Historia de la Confederacion argentina», documento no appendice, I, 365.

[6] Vide «Imperio do Brazil», de 7 de fevereiro de 1826.

ter no sul «noticias reservadas de commoções na capital», [1] affirmando, após, o visconde, nada menos que isto: «Desde 1827 manifestara-se mais claramente uma opposição politica, com tendencia republicana, a qual tanto na camara, como fóra della, por meio da imprensa, procurava desacreditar o imperador e seu ministerio, e enfraquecer o principio monarchico». [2] Segundo António Carlos, não houve apenas uma clara mostra de inclinações ao regimen ultra-democratico; houve idéa assentada. «Forja-se plano de republica», assenta elle; deixando entrever que os promotores da mudança buscaram aproveitar-se do ostracismo de José Bonifacio, para attraíl-o á conjura, com a offerta da chefia suprema do Estado. [3] O primeiro dos dous irmãos publíca que o segundo respondeu com desdem, a essas vozes, e eu creio, porque tinha em santo horror os republicanos, qual deu abundantes provas. Com esta noticia do mau exito das tentativas dos ultimos, Antonio Carlos qualifica de ridicula a idéa que tinham. No entanto, depoimento contemporaneo mostra, da maneira mais inilludivel, que as cousas andaram muito perto de uma pratica realisação. [4] É pelo menos o que se deprehende das seguintes palavras da confidencia do ex-ministro argentino a Rozas, depois das que já reproduzi e que patenteiam não ter havido no Riogrande apenas, um começo de entendimento entre liberaes brazileiros e os alliados do Rio da Prata, em guerra contra o usurpador do Uruguay. «Estava em nosso arbitrio acabar com aquelle (com o Imperio, diz Rojas y Patron),

[1] «Memorias», parte 2.ª, 7.

[2] Idem, idem, pag. 17.

[3] «Esboço biographico de José Bonifacio, na «Revista do Instituto», LIV, parte 1.ª, 310.

[4] Vou citar um importante indicio, mas, cumpre antes transcrever palavras de Barbacena, que desenham claramente o estado das cousas: «*Unindo-me eu á facção republicana*, POUCA DUVIDA PODERIA HAVER DE SUCCESSO, ao menos temporario; mas longe disso, cortei as communicações com toda a gente, recusei entrar para as sociedades existentes, *e se por desgraça do Brazil, e de v. m., sobrevier semelhante mudança*, O QUE INFALLIVELMENTE ACONTECERÁ *se v. m. não operar em si uma reforma immediata de comportamento*», a sua ruina é certa, mas, eu continuarei, sem ser molesto, a viver na mesma obscuridade a que ora me condemnei, contemplado porém talvez com desconfiança, como membro das antecedentes administrações, *que serão todas confundidas pelos auctores da revolução*, MILITANDO AINDA CONTRA MIM, O FACTO DA MINHA RECUSA, AGORA, DE ACEITAR AS DOUTRINAS REPUBLICANAS». (Carta a dom Pedro, em 15 de dezembro de 1830).

Quanto confirma esta de Barbacena, a que Theophilo Ottoni dirigiria mais tarde aos mineiros! E quanto confirma, não o que escreve Nabuco e sim o que consta de um discurso de Joaquim Manuel de Macedo: «Ouso dizer por mim que o pronunciamento nacional em abril de 1831 se me afigura uma consequencia implacavel do dia 12 de novembro de 1823, e que o snr. dom Pedro I», «salvou a monarchia constitucional, abdicando». Vide «Revista do Instituto», XXVII, 2.ª parte, 424.

e receber a este (dom Pedro) em um corsario, e trazel-o a Buenos-aires. Lord Ponsomby tinha algo percebido e escreveu sobre isto uma carta energica ao snr. Dorrego; mas, tendo-me feito algumas ponderações, em palestra que tivemos, na mesma noute do sarau de despedida, respondi-lhe, pouco mais ou menos, que a mina estava carregada, e que sendo de dever e necessidade para o governo o salvamento da Republica, a responsabilidade de uma catastrophe ficava a quem a pudesse evitar, e, que no que ao mais concernia, o governo com ancia desejava a paz. Replicou: Conservem-se em taes sentimentos, que com a minha chegada ao Rio-de-janeiro, a paz se fará, conforme os senhores a querem».[1]

E assim foi feita, o que em muito confirma o que divulga Rojas y Patron, pois ninguem desconhece que, pouco antes de assignar o que assignou, o imperador não admittia tratado que lhe não restabelecesse a auctoridade em toda a margem septentrional do grande rio do sul; e S. Leopoldo nos informa, que o proprio dom Pedro se fez o advogado da paz a todo transe, *porque assim*

---

[1] Saldias, I, 365. Para bem avaliar o merito do que consignei, não se esqueça o que já disse com antecedencia, isto é, que Rojas y Patron foi sujeito mui circumspecto. Delle esboçou o seguinte retrato o illustre Vicente Lopez, que o conheceu de perto: «Tomados individualmente, os ministros (de Dorrego) differiam por accidentes pessoaes variadissimos. O snr. Rojas y Patron era simplesmente um cidadão respeitavel e respeitado, pela correcção e honestidade dos costumes. Summamente difficil é dizer se tinha opiniões proprias: em publico nunca as descobriu; o unico que mostrou foram as suas affeições ou melhor as suas adherencias moderadas aos grupos da politica local. Indubitavelmente, porém, dispunha de um criterio repousado; e ainda que jamais actuasse como partidario, em nenhum sentido, cultivava intimas relações com dom Manuel José Garcia e com outros personagens dirigentes da epoca de 1822. Se ao ter entrada no ministerio, era federal, a verdade é que em 1819 e 1820 pertencia aos inimigos das *montoneras* anarchicas do littoral, e que tinha agido ao lado dos patriotas que salvaram a provincia de Buenos-aires, de cair em mão da barbarie.

O sr. Rojas era homem de habitos miudos e prolixos, tanto em seus assumptos particulares, como em o estudo e despacho dos publicos. Não era dotado de inventiva, scintillação nem rapidez, no conceber e dar caracter ás grandes medidas, porém passava por entendido na vida regular do expediente governativo, e por ter criterio pratico, para resolver os casos de natureza particular, com justiça e opportunidade. O conceito politico, de que gosava, era o de uma figura mediocre e descolorida no jogo dos partidos». «E precisamente por tudo que nelle abundava e por tudo o de que carecia, tinha sido posto na presidencia do congresso e nella mantido por muito tempo». (x, 285). Demorei-me no traslado da passagem, porque sobremaneira illustra a materia do texto, mostrando não se haver trazido a pretorio o depoimento de uma cabeça esquentada ou de incauto disseminador de especies desprovistas em absoluto dos requeriveis condições de bom credito: a que aceito não provêm de facil auctor de boatos e sim de um prudentissimo e reservadissimo estadista, em confabulações epistolares muitos annos depois dos successos, pois a sua carta é de 30 de abril de 1851.

era preciso, em vista de occorrencias politicas, muito graves, que punham em perigo as instituições, como expuz com a necessaria individuação.

Positivamente foi esse o esperado levante para destruir «o systema monarchico constitucional estabelecido e jurado neste Imperio», de que trata o decreto de 27 de fevereiro de 1827, contra o qual o governo poz em giro, sem demora, as tremendas machinas da repressão absolutista. Que previa o movimento e que se premuniu, comprova-o assaz a natureza e extensão das medidas tomadas pela auctoridade, sem a perda de um minuto, inflexivel no emprego das mesmas e friamente inexoravel!

«Um pequeno tumulto havido no sitio dos Afogados na noute de 1.º para 2 de fevereiro, e immediatamente dissipado, segundo communicou o ministro da justiça á Camara dos deputados»;[1] deu ensejo, não explica, porém, o rigor das precauções, que abraçavam uma vasta área: Pernambuco, Maranhão, Ceará, Piauhy, Riogrande do norte, Parahyba, Alagoas, Sergipe, Mattogrosso, Bahia, e — muito significativo para o que intento provar com a minha exposição — o Riogrande do sul.

Teimam os historiographos em legitimar a lenda da «unanime acclamação dos povos», tudo fazem para dissipar os vestigios da verdade; resalta aqui, ali, porém, em factos ou tradições que um dia ligados e systematisados, desvelarão um mundo novo até hoje encoberto. Assenta, por exemplo, numa de suas notas o citado Cayrú, que ao partido republicano faltavam de todo as forças que lhe attribuia Granville Stappletton, para operar mudanças no scenario politico,[2] e entretanto é o proprio imperador quem se incumbe de prestigiar a versão contraria! Descobre no horisonte signaes de tal modo inequivocos, do incendio que breve afogueia o espaço; que se não limita a promover medidas coarctadoras da proxima e universal combustão, como provoca analogas diligencias (nos partidarios e naquelles que esperava ter a seu lado), por meio de proclamações, de grande valor elucidativo para a historia. Já em 19 de julho de 1823 — o anno da Constituinte e durante as sessões parlamentares — desvendava o principe os seus cuidados e a origem delles, passando em revista os indicios do «espirito democratico» que coriscavam pelo céu do norte; perigo que o fez exclamar: «Democracia no Brazil! Neste vasto e grande Imperio, é um absurdo».[3] Chegada a hora climaterica, nuncia de uma nova primavera politica em nosso paiz, taes cuidados avultam, exprime-os o imperador sem rebuço, na proclamação de 22 de fevereiro de 1831, «que deu motivo a tantas interpretações sinistras e que bem deixava vêr o quanto estava convencido dos perigos de sua posição».[4]

---

[1] Veiga, 263.

[2] Nota 20 á cit. obra.

[3] Botafogo, «Balanço da dynastia», 74.

[4] Isto diz Abreu e Lima, «monarchista e restaurador», na «Synopse», 351. Vide Veiga, 362.

«Existe um partido desorganisador, brada em justas alarmas dom Pedro, partido que, aproveitando-se das circumstancias puramente peculiares da França, pretende illudir-vos com invectivas contra a minha inviolavel e sagrada pessoa, e contra o governo, afim de representar no Brazil scenas de horror, cobrindo-o de lucto, com o intento de empolgarem empregos, e saciarem suas vinganças e paixões particulares, a despeito do bem da Patria, a que não attendem aquelles que tem traçado o plano revolucionario». [1]

Não pode haver mais nenhuma duvida: eis ahi a figura central do obscuro drama, desenhando o caracter e a natureza que tinha este. Pereira da Silva assignala com rigor os precisos e insophismaveis termos do problema politico, a que em vão ensaiavam dar soluções antinomicas e descabidas. Só o «regimen parlamentar», opina elle, «conseguiria afastar o paiz das tendencias republicanas, e salvar a unica monarchia estabelecida na America». [2]

Se, ao contrario, corria perigo o proprio mesquinho systema representativo fixo na Carta de 25 de março, que devemos concluir? Que se generalisara o pendor á resistencia civil, em todos os terrenos! Por que, pois, por que tergiversa esse auctor, como os que por seu tempo torciam as cousas, de harmonia com as suppostas obrigações de resalvar a prestigio do systema vigente, qual se a prosperidade delle dependesse da mentira e da fraude historicas? Debalde o faziam! A verdade tem a virtude mythologica de padecer todas as transformações impostas pelo arbitrio humano, sem alteração essencial da sua natureza intima. Como os deuses do olympo, sob a influencia de uma volição, muda de aspecto em metamorphoses incontaveis e quando menos se pensa resurge diante de nós, e a despeito de nós, em toda a sua apparencia e integridade primitivas. Exemplo eloquente nos offerece o estimavel conselheiro e operoso cultor das letras patrias, cujo perspicacissimo e valiosissimo parecer acima exarei. A paginas tantas, uma visivel preoccupação sectaria e palacega lhe faz escrever que estava quasi extincto, o sentimento politico que paginas mais adiante reconhece capaz de levar tudo de vencida; se a realeza não se despe de todos os attributos que a tornam incompativel com as aspirações geraes e se não garante, com a estabilidade do throno, a de uma democracia pratica, effectiva, real!...

Inutil, na historia, o emprego de artificios, destinados a transfigurar os factos. Nos de que me occupo, transluz, com uma limpidez crystalina, o que dentro delles germinara, nascera, crescia, avultava: observados sem *parti pris*, divisa-se, nitida, desembaraçada, forte, vigorosa, a formatura geral para a entrada em campanha: correm a seus postos, as legiões do liberalismo, breve esmagado ou triumphante.

Nem batido, nem victorioso: ludibriado! «O 7 de abril foi uma verdadeira *journée des dupes*», escreveria Theophilo Ottoni, mais

---

[1] Armitage, 291.
[2] «Reinado de dom Pedro», 42.

tarde, consummada a usurpação moderantista: a sua grave sentença íntegra passará aos annaes do porvir, sem possiveis revisões.

No qualificar o desillusionante acontecimento, o illustre mineiro, alma facetada como o sóem ser as gemmas do opulento solo em que nasceu, rompe o véu do antigo mysterio; confirma o que Rojas y Patron expunha a Rozas, definindo assim, Ottoni, o que se tinha em mira e o que se não fez: «Projectado por homens de idéas liberaes muito avançadas, jurado sobre o sangue dos Canecas e dos Ratcliffs, o movimento tinha por fim o estabelecimento do governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra». [1]

Resolvido o levante em prol da republica, a elle não podia ser alheio o Riogrande do sul, onde por certo se conspirava, o que explica a decretação da lei marcial, tambem para essa provincia, em 1829. Por que extendem até o meio-dia do Imperio, as disposições do «decreto de sangue», [2] que declarava suspensas as garantias regulares do processo e instituia o dos arraiaes de gente de guerra? A precaução nada tem de particular? Medida commum de policia? Por que exceptuadas então oito provincias? Mais: como e para que se estabelecem as commissões militares, ao tempo em que surge o motim do Recife, e quando finda a repressão por lá, é que se põe o Riogrande do sul em peso sob a lei marcial? O acto erigindo esses barbaros tribunaes é de 27 de fevereiro; o que estatue se organisem para a fronteira meridional do Imperio, é de 16 de março... [3] Descontinuidade fortuita? Pode ser, não se deve affirmar que tenha visos de cousa impossivel, mas, não é curial, e creio piamente que, se resiste dom Pedro e começa a guerra civil, fôra immediato o pronunciamento das guarnições e povos do Con-

---

[1] «Circular aos mineiros».

Aqui se me depara um ecco longinquo dos trabalhos e concertos clandestinos de que nos fala Ottoni: «Esta noticia (diz sobre o 7 de abril, Diodoro de Pascual, II. 72), chegou ás margens do Prata agigantada pelas vozes de um partido pouco pensador. Entre os gritos que se ouviram nos clubs revolucionarios do Brazil, se fez notar a palavra *republica*, e os patriotas exaltados do Prata entreviram em seus delirios de liberdade uma ou muitas irmãs republicanas, nas vastas comarcas do Brazil». Tambem referindo-se á queda de dom Pedro, estampa o «Messager des chambres», de Pariz, em data de 14 de junho de 1831, o seguinte: «Queria-se republica, e elle não queria, como era de rasão, mais que a monarchia constitucional».

Para os historiadores do criterio de Nabuco, o episodio de 1831 foi gerado por circumstancias de momento, ainda que o proprio diario do governo, oito dias depois, registre bem claramente o que se tinha passado: «A revolução estava, sim, preparada de muito». Vide «Imperio do Brazil», de 15 de abril de 1831. Collecção no meu archivo.

[2] Assim o chamou Hollanda Cavalcanti. Veiga, 177.

[3] Veiga, 191.

tinente, para cujo amor pela liberdade fazia o «Republico» um solemne appello.

Assim julgo as occorrencias de abril e neste ponto se acerca do meu criterio, um joven historiador, sempre divergente: Alfredo Rodrigues. Pena é que se lhe encurte a visão, a effeito de impressões do que poderia chamar causalidade secundaria, pelo despreso em que conserva a que abraça os motores principaes do phenomeno em exame. Encerra o espirito nas quatro paredes de estreito ambito e suppõe que de tal maneira lhe é licito abarcar a vasta amplidão em que se alvoroçavam a multiplicidade de agentes propulsores de um grande e extraordinario successo... Recinto de trevas, improprio a fecundas contemplações! onde aliaz uma tenue frincha, por minutos, favorece o accesso de claridades instruidoras, que logo se esvaem, e fogem ao descuidado prisioneiro... Mettesse a picareta ahi, alargasse a angusta passagem, e a luz irrompera no escuro ambiente... Eis a escassa que obteve e era bastante para norteal-o: «Desde o reconhecimento da independencia do Estado oriental em 1828, que o Riogrande, descontente com esse desastre, que humilhava os seus brios guerreiros, *vivia a vida das conspirações*». [1]

Em verdade, assim era, pode assegural-o, o chronista; ainda que, se lhe requeressem o traço do painel das conjuras, elle, talvez, ou não saberia desenhal-o ou o desenharia absolutamente vago e impreciso. Quem aliaz pode ser exigente em obras de tal natureza? Quem ignora que estas operações; de clandestino processo, em parte ou de todo se recatam? Não é proprio dellas o ficarem na sombra?

O que se não escondia era a suspeita, que andava no ar, como andava o indicio, que a fazia nascer. Os documentos da epoca revelam esta inquieta atmosphera, singular em uma cousa: a voz publica de uma acção, apoiada em um levante da escravatura. Primeiro, corre que os captivos se sublevariam, a instigações dos absolutistas, depois se radica a versão de que a projectada «guerra social» é obra dos republicanos encobertos. Assim ficou o ambiente carregado de pavores, a sociedade se poz em alarma. A innervação collectiva se revela susceptivel a tal ponto que o apparecimento de um diminuto papel, manuscripto e anonymo, em favor de dom Pedro IV, dirigido aos portuguezes, produz sensação: o visconde de Castro, commandante militar na villa do Riopardo, julga-se forçado a retel-o e envial-o ao governo central, pressuroso o irmão de Domitila em varrer bem limpa a sua testada. A importancia de episodios de tal mesquinhez é indicativa da acuidade a que attingira a altissima tensão nos espiritos, — apprehensivos, alguns, em doentia impaciencia, os demais: o immenso numero!

Retesadas as cordas de uma harpa eolia, expedem sons com a mais tenue aragem. As da innervação, no morbido erethismo de taes periodos, chegam aos mesmos extremos de vibratil sensibilidade. A do tempo que medeia entre 31 e 35, é a que busquei pho-

---

[1] «Bento Gonçalves. O seu ideal politico», 7.

tographar com a referencia a uma circumstancia de minima, de quasi nulla importancia.

Uma outra, que a tinha, e transcendente para o estudo de minha these, sobremaneira fortalece o merito que dei ao decreto creador da commissão militar, em 1829. Devo, porém, fazer um passo á retaguarda, afim de alcançar successos elucidativos do scenario que vou exhumar. Ver-se-á, quanto ao que escrevem chronistas interesseiros, que mais uma vez me é licito repetir o texto evangelico: «Ha paz, dizem, e não havia paz».

A 29 de julho de 1828, o imperador sanccionou a resolução da assembléa geral legislativa, que mandava proceder a comicios, de accordo com as instrucções de 26 de março de 1824. A 5 de outubro effectuaram-se as eleições, governando a provincia o brigadeiro-graduado Salvador José Maciel, individuo que era antipathico aos nacionaes, por haver gizado e construido as linhas de defeza do exercito lusitano, em S. Salvador, e aos riograndenses em particular, pelo pesado recrutamento que impoz aos filhos-familias, durante a guerra da patria,[1] forçando-os a servir em tropa de linha, habituados como estavam a prestar-se unicamente na miliciana. Corridos os suffragios, resultaram eleitos dous provinciaes de vulto, o capitão de engenheiros Candido Baptista de Oliveira e o padre Antonio Pereira Ribeiro, e, *igualmente*, o predito Salvador Maciel, o tenente general Joaquim de Oliveira Alvares, e Miguel de Sousa Mello e Alvim. Os tres ultimos não tinham raízes na terra; o que causou assombro maior, todavia, foi a designação entre os mais, do citado Alvim, ministro que era absolutamente desconhecido no Riogrande do sul, cujo apparecimento nas urnas constituiu surpreza, que se extranhou na imprensa. «Não sabemos (estampa uma folha portoalegrense), que este anno tenham vindo a esta provincia, e tampouco tenham a ella chegado, escriptos publicados em seu nome, ou prova de seus serviços á nação, embora seja elle preconisado por alguns, que talvez nunca o vissem: obteve maioria de votos (13) no collegio de Riopardo; e muito duvidamos que os eleitores que se lembraram de s. ex.ª, jámais o conheçam senão por inculcas».[2] E completa com justa malicia a sua critica: «Mui util nos sería, que na leitura ou publicação dos votados, se publicassem tambem os nomes dos votantes». Mas, rasões ainda mais ponderosas inquinaram de suspeitas as escolhas referidas: irregularidades que radicalmente as viciavam. Houve pressão descarada e intervenção sem rebuço; pode avaliar-se do que occorreria no interior — aliaz já apreciavel na obtida maioria ministerial em Riopardo — pelo espectaculo dos comicios na primeira das cidades do Riogrande do sul e séde do governo. De caracter despotico e trefego, Salvador Maciel não se pejou de em-

[1] Sá Brito, «Memoria» cit.

[2] «Constitucional riograndense», de 22 de novembro de 1828. Quanto aos que não eram assim conhecidos como Salvador Maciel, os provincianos só poderiam ver a eleição como a viram, isto é, como uma fraude e...

prehender, em pessoa, abusivas ingerencias, nos trabalhos da meza, como de postar soldados de arma em punho, á porta do collegio dos eleitores, para melhor garantir a victoria da vontade official. [1] Não admira que por essa maneira ganhassem lugares na representação, o presidente da provincia, o velho general das campanhas coloniaes que havia muito não avistava a terra, e até mesmo o desconhecido ministro de estado. O escandalo foi tamanho, que o seu ecco repercutiu na camara temporaria, onde se pensou invalidar as eleições.

Pode-se imaginar a profunda impressão de desgosto originada pelos atropellos e coacções que desenvolveram os mandatarios do governo, por um episodio anterior, que muito concorre para o ajuizamento do que era a psychologia collectiva reinante. Em vesperas do pleito, a «Aurora fluminense», depois de muitos louvores a Candido Baptista de Oliveira, inseriu esta insinuação, endereçada aos eleitores: «E nós o lembramos á sua provincia (a do Riogrande de S. Pedro) como um cidadão que elles devem aproveitar para os mais elevados cargos electivos». [2] Nada mais legitimo, nada mais natural. Pois bem, apesar do acatamento em que Evaristo da Veiga era tido, apesar do muito que valia a «Aurora», merece reparos no sul a gratuita interferencia. Surgem brados em uma folha; ainda que «ache bem tecido o elogio», «e digno e devido aos merecimentos» do talentoso comprovinciano, o articulista protesta contra o que diz «cheirar-lhe um pouco a suborno»: «não por peita (continúa), mas, *mettendo á cara*», quando aliaz os referidos merecimentos «não precisam de campainha, nem os continentistas precisam de quem os guie nas suas eleições». E conclue: «Isto não é offender pessoa alguma, nem jámais o farei, ainda sendo o offendido; porém é não consentir que nos levem pelo nariz». [3]

Ha nos rebates desta melindrosa independencia, eu creio, a documentação moral sufficiente para avaliarmos quanto foi violento o clamor nas consciencias, contra o extorsivo processo eleitoral de 5 de outubro. Entretanto, a observação que me suggerem, é outra, de muito maior alcance. É a somma de indicios que for-

---

[1] «Constitucional», de 15 de novembro de 1828.

[2] N.º 18 de 1828.

[3] «Constitucional», de 30 de julho de 1828.

Não é preciso ter muita malicia para perceber a differença das epocas, nem é necessario o exame directo para verificar o que ha pouco escrevia ao auctor, um illustre general, depois de regular transito pela terra das velhas tradições liberaes... «É hoje um burgo podre, como outros muitos do Brazil», consternado manifestava o bravo e austero veterano, observando como haviam descido o Riogrande á antiga e triste categoria de Mattogrosso e Goyaz, para onde os directores politicos destacavam as candidaturas inviaveis além. De facto, no sul, como no Imperio dos osmanlis, a mesma doutrina produziu fructos iguaes: basta uma ordem do *comité* omnipotente da «Joven Turquia», para que o milagre positivista se opere e «as urnas livres» sagrem qualquer nome, seja até mesmo de pessoa ABSOLUTAMENTE extranha á população!...

necem ao pesquizador sincero, para convencel-o do que nos occultam no Riogrande dessa epoca: muito longe da verdade anda a corrente historiographia, que o descreve qual fosse de todo indifferente ao movimento politico, vivendo uma vida de beata quietação e adormecido repouso, até os annos anteriores e seguintes á queda festiva de Pedro I. Taes vestigios attestam que, para quem sabe vêr, não era um simples rapto imaginativo, da rhetorica dos parlamentos, o que Hollanda Cavalcanti proferiu em o nosso, ahi por 1829, com este estimulativo conceito: «O genio da liberdade adeja sobre o continente americano, desde o estreito de Bhering até o cabo de Horn !» [1] São assaz reveladores de que esse genio soprava inspirações no seio recondito das almas, vingando uma calmaria enganadora. Olhos agudos notariam que liso o espelho das aguas, mas, em ephemeros encrespamentos, logo dissipados, em que se adivinham os signaes precursores da borrasca longinqua; e um desses julgo se tornou mui patente: o que divulga uma correspondencia de Portoalegre, para o Riopardo e Riogrande, affirmante de que na assembléa parochial do referido 5 de outubro se manifestou uma «facção republicana». [2]

Nada auctorisa a crer que houvesse por esse tempo convicções de tal ordem„ garante-nos Assis Brazil, tratando dos homens de 1835; [3] que poderia concluir, a respeito dos de sete annos antes, na primeira infancia do regimen constitucional ? Escrevendo quando ainda se achava na academia e desprovisto de uma abundante copia de dados historicos, explica-se nelle o erroneo pronunciamento, quanto é de surprehender em Alfredo Rodrigues, auctor de melhor informação, que ainda filia o movimento revolucionario daquelle anno, principalmente ao odio que os naturaes votavam aos portuguezes.

Desacertou o primeiro publicista porque não tinha comsigo sufficientes documentos em que se apoiasse e o segundo por apoiar-se demais nos que tem ! Preoccupa-se muito com o que nelles dizem os homens, quando lhe fôra mais fecunda a colheita da verdade, se buscasse descobrir o que não dizem, — em se tratando de uma sociedade recem-liberta do absolutismo legal e ainda sujeita ao que o não era, mas imperava soberano. [4]

---

[1] «Constitucional», de 3 de junho de 1829.

[2] Idem, de 22 de novembro de 1828.

[3] Pag. 54.

[4] Assaz mostro em outro lugar que não ha exagero liberal no presente juizo. Como me refiro a periodo mui pouco estudado, consigno aqui ainda um grito dalma, que me parece digno de registro. Encontrei-o em outra correspondencia, esta para a «Astréa», do Rio-dejaneiro, ácerca de negocios do Riogrande. «Subir á origem dos horrorosos males que hão esmagado e delido aquella mimosa provincia... (dizem). Descrever a brutal condescendencia, e protecção escandalosa para com alguns genios que revestidos de auctoridade, a têm conduzido pelos cabellos ao profundo abysmo de que só pode erguel-a, e safal-a um braço gigantesco, sería cair no perigo descoberto, e experimentado no seio desta capital do Imperio,

Na predita eleição, os drs. Marciano Pereira Ribeiro e Antonio de Magalhães Calvet [1] formulavam protestos contra as imperfeições clamorosas do escrutinio. Com isso se produziu um grande tumulto, e «no meio desta confusão de vozerias indistinguiveis, se perceberam as seguintes expressões — fóra republicanos !» [2] O grito de violenta exclusão foi lançado visivelmente contra os do grupo daquellas duas citadas pessoas, que vieram a publico explicar-se, e consta da resenha dos successos, que ambos, como todos os presentes, acompanharam os «vivas» que «se seguiram, á s. m. imperial, á Constituição do Imperio, e á independencia, — que foram todos unanimemente acclamados e applaudidos pelo povo, depois do que serenaram as vozes: tal é o grande respeito e amor que conservam os continentistas áquelles tres sagrados objectos !»

Em face desta declaração de fervoroso legitimismo, registrado pelo periodico de onde a retiro, e da parte que tomam os referidos Marciano e Calvet nas acclamações de estylo, como em declarações posteriores, que fizeram; com o methodo usado por Alfredo Rodrigues só terei a concluir que foram, um e outro, victimas de falsa imputação, em epoca em que não podia haver «convicções republicanas», pois que não nas tinham os principaes homens da provincia, nem ainda depois de iniciada a Revolução... [3] Ora, sou constrangido a admittir que existiam e com força bastante, já em 1828, para temer-se a sua influencia, até mesmo nas urnas, pois appareceram publicações destinadas a impedir que os eleitores «se deixassem allucinar pelos falazes argumentos dos impios demagogos, que pretendiam cavar a ruina da Patria» e com estas palavras se me deparam acres referencias a individuos imbuidos daquellas supraditas convicções. [4]

Não só a propaganda contra os inimigos do systema jurado

donde o bem, e o mal se reflectem». O auctor limita-se a deixar sair dos labios «algumas expressões, ou para melhor dizer, soltos alguns ais, que o assustado patriotismo deixa escapar a medo. Nem se persuada, snr. redactor, que seja covardia, o silencio! Não! é um juizo certo do desproveito do martyrio, e trabalhar em vão, sem conseguir-se o fructo da oblação a prol da Patria ! ! !» (Transcripta no «Constitucional riograndense», de 14 de outubro de 1829.

[1] Chamo a attenção dos estudiosos, para estes nomes.

[2] «Constitucional», de 11 de outubro de 1828.

[3] Verifiquei ultimamente, que não escapou de todo ao agudo espirito de Alfredo Rodrigues, o que sempre sustentei, isto é, «que a Revolução, desde o começo, teve por fim estabelecer a Republica» (sua «Biographia de Albano de Oliveira») e que «a revolta ha muito tumultuava no coração riograndense» (seu estudo sobre «Bento Manuel»). Infelizmente, os conceitos que publicou após o ultimo trecho que transcrevo, assaz demonstram que ainda não tinha apanhado até essa hora, nem a perfeita causalidade do magno successo, nem a serie em que deve ser filiado, nem a ordem e merito dos agentes humanos e antecedentes sociaes que para elle contribuiram.

[4] «Constitucional», de 13 de setembro de 1828. Transcripção e communicado.

convence de que existiam: ha vestigios de que se presentira o trabalho que operavam na sombra. Como se explicaria, sem o descobrimento delles, por que surgiram boatos, dizendo um haver ancorado na barra da provincia, certo brigue, no qual ia um decreto de sua magestade «para serem immediatamente presos e remettidos a bordo do mesmo brigue todos aquelles que se suspeitasse sómente, que eram republicanos»; e coincidindo com esse rumor, o de que estava a rebentar um movimento do «partido republicano na villa do Riogrande»?

As noticias são declaradas falsas,[1] mas um topico me encaminhou de sorte a dirigir eu as minhas pesquizas em bom rumo, como se verá. O topico é este: «Antes da convocação extraordinaria da assembléa se dizia publicamente na villa do Riopardo, que ia ser brevemente derribada a Constituição; e algumas pessoas até diziam (miseravel pensar!) que a convocação extraordinaria da assembléa era para ser dissolvida a mesma assembléa. Taes boatos se espalharam na mesma villa e seu termo com grande regosijo dos absolutistas, e tristeza reflectida dos constitucionaes».[2]

Tratei de conhecer o que se contêm na antecedente publicação. Vivia ainda na villa citada um homem do bom tempo, legalista durante a guerra decennal, fiel ao velho regimen até a morte, riograndense de excellentes qualidades, em tudo merecedor de ser posto em cotejo com os melhores, da valida geração sublevada. Porque, justo é dizel-o, nessa demorada contenda, troyanos e gregos se equivaliam sob muitos pontos. Se os defensores da liberdade em risco, de Ilio, illustram as melhores paginas de nossas chronicas guerreiras, com as cargas epicas dos esquadrões fulminadores, voando ao templo da morte ou da victoria, com o enthusiasmo despreoccupado que ostentavam os mais soberbos paladinos decantados por Homero; a justiça historica inclina-se reverente ante o sacudido e sereno desempeno dos rijos e constantes batalhadores que os enfrentaram. Nesse poema da Revolução, cujo entrecho o destino interrompe no decimo canto; ainda mesmo inacabado, no que nos resta e nos transmittiram do grande cyclo os rapsodos da Pampa, ha muito para admirar-se, tanto em um como em outro acampamento.

Façanhas igualmente memoraveis! Se é certo que mais fascina o esmalte do escudo preso ao braço dos que se batiam por uma causa elevada e sympathica — a dos opprimidos contra os oppressores — : se é certo ainda que as rodelas dos contrarios, em alguns deixa patente a divisa do «mercenario da escravidão»[3] e noutros o mote do odio faccionario: as da maioria fazem transluzir o signo de sinceras convicções, — atrazadas, mas respeitaveis!

É innegavel que ganharam primazia os «farrapos», sublimando-se nelles o sacrificio, que foi total, emquanto nos outros, o

[1] «Constitucional», de 9 de dezembro de 1829.
[2] Idem, idem.
[3] Palavras de Netto.

que fizeram, deparou largas compensações, a que os primeiros não podiam pretender, nem lhes era licito esperar. Ainda sob outro aspecto não se lhes comparavam os adversarios, não se podiam medir os segundos com os primeiros: no rebrilhante fulgor da generosidade, magnanimo pendor que ostentaram, como poucos homens de guerra, até hoje. Escassos della foram os monarchistas, até a chegada de Caxias, — e não raro mesmo crueis, o que só mui excepcionalmente houve ensejo de denunciar no campo republicano... [1] Ao contrario; no exercito que ergue este seductor es-

---

[1] Veja-se o que era até ahi o methodo repressivo dos legaes, em uma folha delles proprios: «Appareces (diz, referindo-se a Caxias) e uma nova era começa para este já de sobra desventurado paiz, e a guerra até ali semi-barbara se despoja de toda a sua ferocidade, e como por encanto, se regularisa; e a fé dos solemnes compromettimentos, antes conspurcada, resurge do lodo das decepções, e das perfidias, em que as haviam sepultado as paixões sempre cegas, e a estupidez, que as dirigia. Desde essa epoca memoravel a salutar amnistia, as excepções, e franquezas individualmente outorgadas foram uma realidade, ou deixaram de ser um nome vão despido de accepção ou de sentido». Vide «Commercio», de Portoalegre, numeros 588 e 590, de 1846. Reproducção em folha solta. Meu archivo.

Tão longe, entretanto, fora a attitude magnanima da Revolução que o proprio vigario geral encabeçou um movimento em sentido contrario, aliaz dentro das formas da lei. Enviando a Almeida o projecto da que se decretou * ajunta o padre Chagas ser o que suggere «de urgente necessidade, pois já basta, meu amigo, de tanta condescendencia e generosidade, de que nenhuma vantagem temos tirado, antes, muito temos perdido». Carta de 5 de novembro de 1839. Meu archivo.

O que digo no texto, quanto á dura e ingrata orientação de varios chefes legalistas, é de facilima prova e dous exemplos me bastam ao intento de o patentear, notando-se que me sirvo apenas dos informes oriundos do proprio campo adverso á Revolução.

No anno de 1838, o governo republicano soltou grande numero de prisioneiros legaes, depois de os cumular de gentilezas, como a seu tempo será historiado. Ensejo era para que mudassem de systema os imperiaes; em vez disto, Candido Alano, logo depois, entrega-se á pratica de «barbaridades» (Vide «Povo», de 23 de março de 1839), que Alvares Machado severamente relata, em discurso pronunciado a 5 de julho (cit. folha, de 17 de agosto). Seus «vexames (diz) produziram a desesperação do povo da Vaccaria, onde com erro se demorou a fuzilar fazendeiros e proprietarios, o que de certo nos trouxe como consequencia a perda de Lages». Durante as guerras da Colonia e do Imperio não se respeitava garantia alguma, e nós mantemol-as todas, proclama o «Povo», de 3 de outubro de 1838. E como correspondem a essa attitude os legalistas? Em verdade, tal era o criterio dominante entre elles, ainda no sexto anno da lucta, que os cabos imperiaes exerciam vinganças barbaras, como a que vou mencionar, extraída a noticia de uma carta do Desterro, estampada no «Jornal do commercio», de 30 de dezembro de 1841. Vêde-me este horror: «Os conductores dos prisioneiros feitos no Rincãobonito *amnistiaram* uns *sessenta*» (os gryphos pertencem ao auctor da missiva):

* É o decreto a que se allude a pagina 95, nota 1.ª

O juramento da independencia

LAVALLEJA E SEUS 32 COMPANHEIROS

(Quadro de Blanez)

Pag. 245

tandarte, o odio politico de todo morre, com a melhora da fortuna, em 1837, emquanto no outro, perdura cego e intratavel, até 1843. A verdade, porém, é que os ferozes retrogrados, sedentos de sangue, que exhibiram bem as unhas e dentes ainda naquelle primeiro anno citado, acabaram, ou arredados do scenario de seus desvarios ou açaimados por melhor gente, ficando no terreiro, em face uma da outra, apenas duas opiniões, defendidas por dous pugilos de cavalleiros-andantes, em geral ambos dignos e que não desmentiam a honrosa tradição continentina, salvo no que apontei entre os legaes e não foi tendencia unanime.

Trouxe a parallelo o sublime episodio antigo. E licito cital-o, uma e mil vezes, emparelhados os dous grandes espectaculos do esforço humano, em que muitas vezes as scenas magnificas do mais recente, eclypsam as do mais remoto. Notai um, por exemplo: João Luiz Gomes da Silva — o velho morador do Riopardo a quem fiz referencia — não teve nas armas o renome do filho de Thetis; era-lhe superior, entretanto, em uma cousa, que sobremaneira o engrandece, ante homens de coração. Achylles, victorioso, tripudía sobre o corpo do grande Heitor; aquelle, heis de vel-o, para diante, nesta obra, erguer-se do leito, no proprio dia em que morreu, para enviar-me o depoimento de um moribundo, com o designio de comprovar ante meus olhos, um momento duvidosos, que a Revolução tombara com honra para si e sem mancha de felonia, que algum tempo admitti, no seu bravo chefe militar, que assignou a paz!

Foi a personagem desta nobre estatura moral, que me dirigi em 1885, para esclarecimento do arduo problema historico. A resposta do veterano imperialista, que tenho presente, confirma de todo em todo a noticia inserta no «Constitucionál riograndense», relativa ao apparecimento dos papeis subversivos. Diz, porém, serem de maior gravidade as «proclamações». Hollanda Cavalcanti, no citado discurso, perigosamente relembrava a proeza de 1825: «Trinta e tres homens foram capazes de affrontar o colosso de um Imperio, unido, e de sustentar os direitos de sua provincia...... Desenga-

---

este procedimento illegal tem altamente escandalisado a todos, e principalmente ao presidente e ao conde. Veremos se tão criminoso abuso é punido». Não o foi!

Melhor do que isso uma outra ordem de factos deixa em luz apropriada a um equanime julgamento, os mantenedores da ordem e os republicanos. Sabedores estes do tragico fim do grande legalista coronel José da Silva Barbosa, Netto, o general em chefe, exprime publicamente o seu pesar («Povo», de 31 de agosto de 1839) e Almeida, em nome do governo, mandou cercar-lhe a sepultura provisoria, até que fossem de aso os condignos funeraes do heroe inimigo (cit. folha). Agora lede: achando que não merecia imitar-se esta magnanima attitude dos contrarios, o exercito imperial, em transito pelas circumvisinhanças de Cassapava, em 1841, destacou sobre a ex-capital da Republica uma partida, ao mando de um irmão de Jeronymo Jacintho, a qual se entregou ao sacrilego trabalho de arruinar o tumulo do glorioso João Manuel, ahi solemnemente erecto dous annos antes, profanando os ossos do benemerito soldado da independencia e da campanha liberal! (Vide «Americano», de 26 de outubro de 1842).

nem-se os despotas e seus satellites, a liberdade é actualmente a partilha da America». A doutrina se não perdia: os boletins que «principiaram a apparecer[1]» em 1829, «convidavam o povo a revoltar-se, e a seguir o exemplo dos orientaes!»

A pacata grei official resentiu-se do premeditado ou concebido golpe. Aprompton-se para reagir, caindo com o peso das leis sobre os perpetradores da attentatoria propaganda. O juiz-de-fóra,[2] a 9 de setembro,[3] baixou a seguinte portaria, afim de proceder-se a averiguações: «O escrivão Manuel Luiz da Cunha e Menezes autoando as quatro proclamações que se acharam afixadas nos lugares publicos desta villa e que deverão servir de corpo de delicto á devassa, que na fórma da lei tem lugar por semelhante attentado contra o governo monarchico constitucional deste Imperio, fará notificar as testimunhas necessarias para o dito procedimento; o que cumpra».

Ou porque não houve meio de apanhar os impalpabilissimos responsaveis da atrevida iniciativa, ou porque a grita contra as inquirições intimidou o juiz,[4] este, a 22 de setembro encerrou o feito, lavrando o seguinte despacho: «As testimunhas desta devassa não obrigam a pessoa alguma, por serem vagos seus depoimentos, e de nenhuma maneira designarem o delinquente». Em verdade, das 30 arroladas, não houve uma cujas declarações adiantassem informe de merito, depondo duas ou tres apenas alguma cousa que poderia constituir um precioso indicio: não no momento; mais tarde. Affirmavam que «o alferes Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna dissera em conversação que havia procurado um francez, com o fito de comprar-lhe um jogo de pistolas, porque poderia apparecer alguma — bernarda —, que teria lugar, mais cedo ou mais tarde, porque s. m. o imperador pretendia tomar o veto absoluto, pelo que havia de ficar somente com a provincia do Rio-de-janeiro».

Não fôra o apparecimento de semelhante nome, e eu, com o criterio dos myopes, que figuram possiveis as grandes commoções sociaes, sem uma longa evolução preparatoria: opinaria tratar-se aqui da empreza individual de uma cabeça estonteada ou de ephemeras combinações sem consequencia alguma. O indiciado, porém, é um dos mais moços da brilhante pleiade de filhos do velho major Francisco Xavier do Amaral Sarmento Menna, algum tempo depois

---

[1] «Apontamentos» do coronel João L. Gomes. Meu archivo.

[2] Dr. Manuel Antonio da Rocha Faria.

[3] De 1829.

[4] Assim se pretende «irritar os povos, pela desconfiança de que soffra quebra a liberdade constitucional, e a sua commum independencia», diz em «communicado», um «militar», que aliaz se declara «constitucional». Vide «Constitucional riograndense», de 9 de dezembro de 1829.

De alguns dos taes escriptos anonymos, escreve que «o conteudo delles é digno de apresentar-se ao publico, digno de ser lido pelos homens mais prudentes, e sufficiente para honrar ao seu desconhecido auctor».

chefe ostensivo do partido farroupilha que dominava o Riopardo e braço forte da revolta de 20 de setembro...[1]

Nesta altura da pesquiza historica, é afouteza responder ás formuladas perguntas sobre a filiação revolucionaria de Bento Gonçalves? Penso que não é temeridade affirmar as suas antigas ligações, com os que em 1831 idearam uma revolução verdadeiramente brazileira;[2] como não é temeridade affirmar que no anno a que faço referencia, no inicio do presente capitulo — 1832 — essas relações se haviam quasi interrompido e que o caudilho liberal se voltara de todo para a primitiva fonte das novas inspirações da provincia, buscando elle outras allianças, para libertal-a.[3]

---

[1] Os outros eram o tenente Francisco de Paula, alferes José Maria e cadete Antonio Manuel.

[2] Ha um facto que pode algo esclarecer este ponto. Logo depois de abril, o futuro chefe revolucionario do Riogrande do sul foi distinguido com uma nomeação de importancia, por um modo que chama as minhas attenções. Em data de 25 de maio, Sebastião Barreto, commandante das armas, faz esta proposta ao vice-presidente da provincia: «Achando eu que nas actuaes circumstancias se nomeie um commandante para a fronteira do Riogrande, que reuna em si as qualidades que para tal fim se devem exigir, como é a confiança publica, actividade, e prestimo militar, e concorrendo na pessoa do coronel do estado-maior do exercito, Bento Gonçalves da Silva, todos esses quesitos, assim o levo ao conhecimento de v. ex.ª, afim de que achando justa esta lembrança, se sirva dizer-me se pode effectuar semelhante nomeação». O vice-presidente, Americo Cabral de Mello diz em resposta, a 26, que «acha conveniente a dita nomeação», «visto o patriotismo, e qualidades que concorrem na pessoa do dito coronel».

Comprehende-se o louvor na peça que assigna Americo Cabral de Mello, o vice-presidente em exercicio, não em a que expediu Barreto, que detractava Bento Gonçalves, em papeis officiaes de caracter reservado, desde a guerra da Cisplatina e procurara deprimir-lhe os serviços na passada campanha. O personagem, que tinha grande amor aos altos postos, naturalmente aproveitou um ensejo para recommendar-se a quem diffamava, naturalmente porque as circumstancias lhe deixavam manifesto, que os elementos que subiam ao governo a effeito da revolução de 1831, tinham ligações e allianças com o prestigioso provinciano que merecia a «confiança publica», nas fronteiras meridionaes do Imperio. De outra sorte, o orgulhoso e odiento magnata jamais cooperaria para a accessão de Bento Gonçalves á dignidade militar em que foi empossado, e que tanto lhe serviria, para o desenvolvimento de seus planos politicos.

[3] Não se haviam interrompido de todo, porque Marciano, e naturalmente outros, se esforçava para que a obra emprehendida observasse este programma: «O movimento riograndense não deve perder nunca o seu caracter eminentemente nacional; deve apoiar-se em elementos, e em politica essencialmente brazileiros». (Vide carta daquelle dr., de 29 de dezembro de 1832, a Bento Gonçalves, em Antonio Diaz, II, 133). Outra carta, esta de 1841, para diante citada, de Lucas a Almeida, deixa provado, porém, que, *desde esse anno*, em vez de seguir o rumo que indica o dr..

A meu ver, é com relação ao 7 de abril que se pronuncia mais tarde, em uma «proclamação aos brazileiros» dizendo, por outras palavras, o que já citei do eloquente agitador mineiro: «Os esforços que tendes feito, por gosar do governo democratico, por nós actualmente sustentado, estão patentes ao mundo. A causa que defendemos, não é só nossa, ella é igualmente a causa de todo o Brazil: se ainda arrastaes ferros ignominiosos, foi por uma cadeia de successos fortuitos e circumstancias inesperadas, que concederam a vossos oppressores um triumpho ephemero; elles, e não vós, têm feito a desgraça do paiz; elles, e não vós, têm alimentado essa discordia fatal, origem deploravel de tantas calamidades e de tantos males. Uma republica federal baseada em solidos principios de justiça e reciproca conveniencia uniria hoje todas as provincias irmãs, tornando mais forte e respeitavel a nação brazileira, *se o interesse e* SE A TRAIÇÃO NÃO VIOLENTASSEM O ESPIRITO PUBLICO, *estabelecendo* PELO ARTIFICIO E PELA FORÇA *os mesquinhos e desastrosos principios da monarchia forte, esse systema precario e funesto, que tanto sangue e tantas lagrimas tem custado ao Brazil, esse systema vicioso e nocivo, que arrancou para sempre do diadema imperial duas estrellas brilhantes, etc.*»[1]

Consummado o que chama traição e Theophilo Ottoni qualifica uma burla, nem Bento Gonçalves, nem ninguem mais podia contar com as que antes existiram, britadas no amanhecer da nova éra politica, todas as esperanças dos reformadores, totalmente abalada a confiança que haviam alimentado, de completar a autonomia e repôr o paiz na trilha cuja directriz marcavam seguros pontos de referencia: primeiro 1789, adiante 1817, por fim 1824. Observando que o faziam recuar para a antiga e que estavam definitivamente victoriosos em toda a linha os renegados; o desengano manifestou-se pela fórma que registram nossos annaes.

«A maior decepção de todas foi, porém, a da nação. A abdicação tinha-a profundamente surprehendido, quando ella esperava do imperador sómente uma mudança de ministerio, ou antes o abandono de uma camarilha que lhe era suspeita».[2] É o juizo de Nabuco. A sua obra é magnifica; é o ouro achado por um grego, transferido o metal para escolhidos modelos da esculptura primorosa de Athenas. Infelizmente, no laborar, o artista — culpa é

Marciano, a conjura tomou *definitivamente* outro, a que allude, isto é, o que conduzia á «desmembração do Riogrande», apoiada em uma estreita alliança com o general Lavalleja.

Comparando attentamente o que se contém nas cartas de Lucas e Marciano, com o que nos desvenda Arsène Isabelle, amigo de Zambeccari, tem-se a chave do que occorreu em 1836 e comprehendem-se as divisões e hesitações do partido revolucionario.

[1] Proclamação de Bento Gonçalves aos brazileiros, em data de 11 de março de 1843. Vide «Correio do povo» de Portoalegre, de 17 de junho de 1898, serie em meu archivo.

[2] Nabuco, I, 29.

o enlevo do filho na venerada reproducção? — inattento deixou escorrer sobre o molde, com o metal liquefacto, a impureza das escorralhas. A morte impediu, com certeza, que na maturidade completa da consciencia, ao catalogar as preciosidades que nos legava, o grande intellectual arrancasse, com o fino cinzel, a escoria visivel a um flanco da explendida estatua do velho «estadista do Imperio». O desastre de seu desapparecimento ainda nisto nos funestou: indelevel agora a macula da sua mais vasta producção historica: o imponente artefacto, inaproveitavel, quasi, por nimiamente tendencioso.

Não o digo com vistas na sentença reproduzida acima; que é simples repetição de uma incoherencia de Luiz F. da Veiga. [1] Sim, porque o trabalho todo é uma accommodação dos factos ás exigencias do arraigado preconceito. No afã de pôr na sombra o divorcio da nacionalidade com a monarchia, em 1831, salva esta pela defecção dos moderados, que refortaleceram os absolutistas, senhores dos postos governativos (eis a causa real do aborto dos esforços republicanos, jámais a que apontam, de fraqueza numerica); no afã de justificar a sua these, dizia, Nabuco descaíu em excessos de parcialidade, que assombram: chega a escrever que foi «a irritação dos exaltados», com a mofina conducta dos que se bandearam, que, «trouxe a agitação federalista extrema». [2] De sorte que o politico, endeusador incontinente da realeza, rasgava documentação abundante da comprovada existencia, antes e depois da independencia, do que declara nascido sob o periodo regencial: desmente formaes declarações do proprio dom Pedro I, a cujo panegyrico achega os seus favores!

Não preciso renovar a exposição das provas antes insertas nestes autos, para demonstrar, agora, a prioridade, não a posterioridade, do federalismo, com respeito ao 7 de abril. Não é demais, porém, confundir o artificio para sempre, com as armas fornecidas por auctoridade que o proprio Nabuco estava impedido de recusar. «Escrevem sem rebuço, e concitam os povos á federação», [3] disse o imperador no manifesto aos mineiros, mez e meio antes do evento

---

[1] «Primeiro reinado», 387.

A este absurdo contrapõe-se o seguinte pronunciamento de Evaristo da Veiga: Chegava o *Patriota* a capacitar-se de que, no estado em que as cousas se achavam, o povo e a tropa do Rio-de-janeiro, reunidos no campo da Honra, se contentariam, obtendo do ex-imperador a mudança do ministerio ou a reintegração do que fôra demittido? É mister ser muito simples.

. . . .

O que se queria é que dom Pedro deixasse de ser imperador dos brazileiros; nem foi o ex-monarcha tão lerdo que muito bem o não entendesse. Abdicou, quando viu que lhe era impossivel ter a coroa na cabeça por mais duas horas». — Vide o proprio Luiz F. da Veiga, 429.

[2] Nabuco, obra cit., I, 28.

[3] Armitage, 292.

a que o incauto homem de letras filía o despeito, enfurecido mui justamente, dos «exaltados». [1]

Á pagina immediata aggrava-se o peccadilho do adherente e de todo se compromette o juiz. «A nação não podia esquecer num momento o que devia a Pedro I. *Apesar de todos os erros do imperador, o Brazil durante os dez annos de sua administração fez certamente mais progressos em intelligencia do que nos tres seculos decorridos do seu descobrimento á proclamação da Constituição portugueza de 1820* (Armitage). Do imperador ella tinha queixas, mas sem elle via-se nesse estado de abatimento em que as nações perdem a força e o desejo de se queixar, tantos são os seus males». [2]

Como ousa dizel-o, contra o expresso sentimento de uma epoca inteira? Eu não quero trazer a terreiro as jubilações indescriptiveis dos liberaes vermelhos, mas é licito oppôr á desmarcada falsidade, o grito unisono de feliz desafogo, dos de moderantismo extremo.

Candido Baptista de Oliveira, um desses, na sua citada exposição, assim descreve as horas subsequentes ao magno successo: [3] «Está o povo na maior alegria possivel, e possuido dos mais nobres, e pacificos sentimentos; e pretende, não só elle, como o governo, e a assembléa fazer acabar a rivalidade, que existia entre brazileiros natos e adoptivos, rivalidades, que muito mal nos tem causado; e pelas disposições que eu hoje tenho observado, guardando e mantendo o socego e tranquillidade, me faz crer, que vamos a melhorar nossa situação politica.

. . . .

A cidade está toda illuminada, sem haver casa por illuminar». [4]

---

[1] Uma occorrencia desvenda o alarma em que estavam os «moderados» e o receio que o governo tinha, do movimento descentralisador. O «Republico» foi processado e levado ao jury, «*por haver proposto a federação*», o que deu lugar a manifestações de alegria, ao ser absolvido. Leio isto na «Aurora» de janeiro de 1831. Cautelas indicativas... Que devemos concluir?

[2] Pag. 30, vol. II.

[3] Em Portoalegre, «por tão gloriosos feitos, que tiveram lugar na Côrte do Imperio», «a camara convida a todos os cidadãos habitantes desta cidade e termo, para assistir ao solemne *Te deum*, que em acção de graças faz celebrar», «e para applaudirem com as demonstrações de publico regosijo».

Como na capital do paiz, na da provincia, «a decepção» e «abatimento» se manifestam por «exorbitantes provas» de jucundidade publica, «illuminação das frentes das moradas, por nove dias», «com todos os festejos adequados a solemnisar sucessos tão plausiveis, que marcarão (diz a camara) a epoca a mais notavel nos fastos do Imperio brazileiro». — Vide «Correio da liberdade», de 11 de maio de 1831. Collecção no meu archivo.

[4] Idem, n.º de 7 de maio.

Este jubilo não foi só presenciado na capital. «As provincias todas receberam com alegria a noticia do dia 7 de abril, para o qual se achavam dispostas», diz Rebouças, o que prova não só uniforme sentimento publico, totalmente diverso do que proclama Nabuco em sua obra, como a existencia de uma conspiração nacional contra o principe, conforme o des-

A *decepção*, como se vê em depoimento de primeira ordem, era dessas, em que a alma popular, em vez de cair no «abatimento», se levanta rejuvenescida em salutarissimo enthusiasmo e esquece os «males» de que se libertara, em galas e festas, seguro indice do intenso jubilo universal.

«Amanhã sae a proclamação da regencia ao povo», termina Candido Baptista de Oliveira. Tambem os representantes se reuniram e resolveram dirigir-lhe um manifesto, que se estampou com as assignaturas do bispo capellão-mór, que serviu de presidente do congresso, e de Luiz Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, secretario; e em que diziam, annunciando a queda de dom Pedro:

«Brazileiros! um principe mal aconselhado, trazido ao principio por paixões, e desgraçados prejuizos anti-nacionaes, cedeu á força da opinião publica tão briosamente declarada, e reconheceu que não podia mais ser imperador dos brazileiros.

....

Do dia 7 de abril de 1831 começou a nossa existencia nacional: o Brazil será dos brazileiros, e livre. Concidadãos! já temos Patria.

....

Brazileiros! Já não devemos corar deste nome: a independencia da nossa Patria e as suas leis vão ser desde este dia uma realidade. O maior obstaculo, que a isso se oppunha, retirou-se do meio de nós, sairá de um paiz, onde deixava a *guerra civil* em troco de um throno, que lhe demos. Tudo agora depende de nós mesmos, da nossa prudencia, moderação e energia». [1]

Mas, estude-se ainda o que consta de outra procedencia. A familia Lima e Silva adheriu sempre ao estandarte politico de matiz moderado, antes de ser francamente conservadora. Pois bem, tal pensava do principe abatido, que Luiz Alves, futuro duque de Caxias, declarou considerar ũa ameaça e uma affronta, a restauração de Pedro I. Seu pai, general Francisco, o regente, ao referir-se ao 7 de abril qualifica a revolução de «necessaria» e «gloriosa»: «o ex-imperador acaba de sair do porto desta capital, diz. O Brazil é livre». O irmão do segundo, brigadeiro José Joaquim, commandante das armas da Côrte, vai mais longe: «Desappareceu para sempre o monstruoso despotismo e raiou tambem para nós a Aurora da Liberdade!» [2] Evaristo, o homem representativo da facção contraria aos «exaltados» e centro do reaccionarismo conservador, depois da revolta; já havia chamado a si o epitheto do martyr de Pernambuco, para reatiral-o á face do maior dos ingratos: para o talentoso livreiro, o governo que o Brazil «não podia esquecer um momento» era uma — «tyrannia» condemnada em absoluto, desde 1830. [3] Ao traçar o necrologio do desthronado, ainda

---

cobrem varios depoimentos que registro. Vide «Imperio do Brazil», de 22 de agosto de 1831.

[1] Correio da liberdade», de 11 de maio. Os gryphos são meus.

[2] Veiga, 392.

[3] «Aurora», de 11 de março de 1831. Veiga, 374.

a «Aurora» disse, com a mais perfeita verdade: «Seus erros...... foram gravissimos e lhe alienaram, para sempre, o coração dos brazileiros»; [1] pensamento que convem approximar daquelle de um dos mais conspicuos e competentes chefes do partido conservador do segundo Imperio, em que a austera consciencia do publicista domina a do homem de partido, reconhecendo este «o merecido descredito do Poder, durante o primeiro reinado». [2]

Por igualmente infundada tenho a opinião de Rio-Branco, expressa em Mossé, que inculca ter sido voluntaria a renuncia ao sceptro e que o principe já estava espontaneamente resolvido a passar ao seu antigo reino: «Dom Pedro I tinha por si uma parte da guarnição e numerosos partidarios, seja no Rio, seja em differentes provincias do Imperio. Teria podido luctar e vencer. Não no quiz». [3]

Melhor informado, porque teve os successos á vista, foi testimunha presencial delles, Evaristo da Veiga diz cousa muito diversa do que acima transcrevo: «O ex-imperador, até os seus ultimos momentos, mostrou-se qual sempre fôra: altivo na prosperidade, humilde e timido na desgraça.

Quando os juizes de paz, em nome do povo, foram á quinta da Boa-vista representar-lhe, recebeu-os com despreso e colera; a sua linguagem adoçou-se um pouco, á chegada do general Lima, porque então os seus olhos em parte se desvendaram, e convenceu-se de que a força não queria sustentar a tyrannia; com a nova de que o batalhão do imperador o deixara, caíu a energia do ex-monarcha e, vendo-se abandonado de todos, conheceu então que não podia mais ser o imperador do Brazil; abdicou em seu filho». [4]

Objectar-se-me-á que o illustre redactor da «Aurora», apesar das finas qualidades que o ornavam, homem era, com as fraquezas communs em nossa natureza; sobretudo aquellas, tão dominantes em nós, quando nos mesclamos ás divisões civis: parte no conflicto que terminou com a queda do principe e um dos chefes do movimento contra este, não pode ser chamado a depôr, em juizo imparcial. É certo; mas, a Justiniano José da Rocha, ninguem poderá pôr em suspeição e esse festejado jornalista conservador, 24 annos depois ratificava da maneira mais solemne, os dizeres do seu extincto collega. Para elle, as circumstancias já haviam preparado o desfecho que teve a crise politica aberta no paiz, desde o brutal attentado contra a constituinte. «Esse estado de cousas não podia levar senão a uma revolução: era a sua meta necessaria, inevitavel: a revolução appareceu.

A revolução appareceu e triumphou na noute de 6 para 7 de abril de 1831 na capital do Imperio, e, cumpre dizel-o e proclamal-o,

---

[1] N.º de 19 de novembro de 1834, em Raffard, 376.

[2] Visconde do Uruguay, «Ensaio sobre o direito administrativo», II, 200.

[3] B. Mossé, «Dom Pedro II», 14.

[4] «Aurora», de 15 de abril de 1831.

invocando as reminiscencias dos coevos, que tudo no paiz para ella estava tão disposto, que o seu triumpho era infallivel. Se na Côrte houvesse o principe achado regimentos fieis e com elles comprimido a revolta, a explosão appareceria em outros e em outros pontos. Bem inspirado foi, pois, o principe, *retirando-se*, tão bem inspirado como havia sido a 9 de janeiro de 1822, *ficando;* assumir a dictadura e tentar, por meio della, uma lucta de compressão, era impossivel; com que elementos o faria? Anniquilar-se-ia e comsigo levaría ao precipicio a sua dynastia e a monarchia brazileira». [1]

«Resistisse com as armas, o que teria succedido? Quando mesmo, com o espirito de insubordinação, que as questões de nacionalismo haviam innoculado no exercito, conseguisse abafar o movimento no sangue dos enthusiastas, quando mesmo conseguisse dominar na capital do Imperio, ũa multiplice insurreição, em quasi todas as provincias, lhe teria respondido, e, sob o incitamento della, os vencidos da Côrte reerguer-se-iam, de novo, para tirarem a sua desforra... afinal a auctoridade sería vencida; porque infelizmente contra ella se achava unida a causa do liberalismo e da republica, á causa nacional e da independencia». [2]

Mas, no indulto lançado com industria sobre os crimes do pessimo governante, a parcialidade innegavel de Nabuco chegou ás raias do escandalo. «No fundo a revolução de 7 de abril foi um desquite amigavel entre o imperador e a nação». Descarinhoso havia sido elle; estava consummado o divorcio antes dessa data, affirma testimunha do mais graduado tomo. Leia-se esta referencia ao segundo casamento de dom Pedro: «José Bonifacio não compareceu no paço senão depois de passados os festejos. O imperador o apresentou á imperatriz como sendo seu melhor amigo. José Bonifacio dirigiu

---

[1] «Acção, Reacção, Transacção», 14.

[2] Justiniano José da Rocha, «Regenerador», n.º 6 de abril de 1861.

Luiz F. da Veiga fornece-me ainda outra illustração de grande merito pois a extraiu de livro de um gentil-homem da imperial camara, dom José de Saldanha da Gama, membro de familia conhecida por seu afferro á causa monarchica: «A administração ex-imperial marchava desde muito tempo para o seu occaso; suas molas estavam gastas, e não eram mais precisos grandes esforços para abater um governo que tinha perdido a sua força e a confiança publica. Suas vistas, conhecidas pela nação inteira, a relaxação das auctoridades, a duplicidade que revelavam, os vexames de que eram culpadas, o estado deploravel das finanças, a concussão dos magistrados, o aviltamento de todos os ramos da administração, em uma palavra, tudo annunciava o proximo desmoronamento do velho edificio».

E assim menciona a reacção de abril contra tamanhos desmandos: «Quasi todos os deputados, uma grande parte dos senadores, officiaes de todos os graus, auctoridades civis e quasi a totalidade das tropas se achavam ou na praça ou armados nos respectivos quarteis, promptos a derramar seu sangue pela causa nacional ultrajada». Vide «Primeiro reinado», 406, 414.

á imperatriz um discurso em lingua franceza, dizendo que o fazia nesta lingua para que o imperador pudesse comprehender as suas palavras. Expoz o estado do paiz com côres vivas e concluiu pedindo á imperatriz que fosse ella o anjo que conciliasse o imperador com a nação e a nação com o imperador».

O divorcio era profundo. O rompimento apresentava signaes de tal gravidade, a situação desenhava-se de tal maneira prenhe de ameaças, que o «melhor amigo» do monarcha entra nestes extremos de teimoso aviso: «Nesta parte do discurso foi por mais de uma vez interrompido pelo imperador, mas José Bonifacio não mudou de linguagem, continuou sempre no mesmo estylo. De uma das vezes, voltando-se para o imperador disse: *Deixe-me dizer a verdade, porque é isso do interesse de v. m., de seus filhos e de nós todos.* A imperatriz mostrou-se commovida e com as lagrimas nos olhos pediu a José Bonifacio que não desamparasse a seu marido nem a ella». [1]

Não fica o illustre auctor na qualificação favoravel desse extranho quitamento amoroso. Em seguida, nitida representa a unica alternativa do instante: «Havia de parte a parte uma perfeita incapacidade de se comprehenderem, um desaccordo que só se podia resolver pelo despotismo ou pela abdicação». [2] É admissivel, pergunto eu agora, que ficasse decepcionado o povo brazileiro com a queda opportuna do individuo cuja permanencia á testa dos negocios publicos seria por força o definitivo enthronisamento do «despotismo» ? ! Se não fosse notoria a paixão politica do auctor de taes assertos, fôra altamente merecedora de riso a sua infantil superficialidade. Aquella o desvaira até o ponto de incorrer em lamentavel desprimor num cavalheiro de escrupulos, que com legitimo garbo ostentava tantas prendas, na fulgurante existencia: até o ponto de gravar no seu livro que o «despotismo era repugnante ao temperamento liberal do imperador...» [3]

Não no era, dil-o ao proprio soberano, um ex-ministro que se esforçara para reconcilial-o com o paiz, o qual affirma que tinha «as palavras de Constituição e brazileirismo na bocca, e era portuguez e absoluto de coração». [4] E o que elle afouto declara, ouvia-se dos homens do tempo, mais insuspeitos e auctorisados. Hollanda Cavalcanti, um dos batedores da revolução de abril, a 24 desse mez, em 1829, exclamava no parlamento, desimmudecido com a sagrada coragem, que aquecia o ambiente: «Opprimidos eramos dantes, hoje ainda somos mais: é isto vantagem, ganhamos alguma cousa? No systema despotico, eramos opprimidos, mas os despotas, com receio de alguma reacção, abstinham-se de crueldades es-

---

[1] Notas de A. de M. Vasconcellos Drummond á sua biographia. «Annaes da bibliotheca nacional», XIII.

[2] Nabuco. Vol. I, 23.

[3] Idem, idem.

[4] Carta do marquez de Barbacena a dom Pedro, a 15 de dezembro de 1830. «Vida», 810.

candalosas: e o que vemos e soffremos hoje?»[1] Ratificando o que pessoalmente manifestara na ordem do dia, citada, José Joaquim de Lima e Silva profere noutras palavras, em differente papel, a sentença universal, no campo alheio ás aspirações politicas correntes:[2] «Estão completos os nossos votos, os votos de todo o Brazil, que a natureza formou para ser grande, livre e independente. Os vis escravos do despotismo, cegos pela brilhante luz da liberdade, desappareceram para sempre deste solo venturoso, carregados de opprobrio e de remorsos, unica herança que lhes coube, de suas traições e enganos!»

Isto no que se refere aos sentimentos do Brazil em geral; quanto ao Riogrande, notai o julgamento do orgam mais prestigioso do liberalismo, a respeito do reinado de dom Pedro, «o sanguinario reinado deste monstro:»[3] «A independencia do Brazil foi uma chimera, antes da gloriosa revolução do sempre memoravel 7 de abril de 1831».[4] E eu transcrevo um soneto do tempo, não só porque exprime o *repudium magnum*, com violenta energia, como porque é do estro de um portavoz da futura Revolução do sul, recitando-o, o auctor, com applauso universal, nas festas daquelle dia, em 1834.[5] Tres annos depois de caído o principe, a sua lembrança suscitava estas apaixonadas manifestações:

> Sempre calcando a lei, sempre vexando,
> Sempre propenso ao mal, propenso ao damno,
> Sem mais regras viver, Pedro tyranno,
> Que as exiguas, a que capricho vai ditando.
>
> Cada vez mais seus crimes requintando
> Foi o novo Caligula inhumano;
> Mas do Brazil, o povo soberano,
> Que pune aos reis ao mundo foi mostrando:
>
> Deu o sete de abril prova sobrada,
> Que não é sem direito a força escudo,
> Que nunca impune fica a Lei violada:
>
> Caiu por terra o Desposta sanhudo,
> Quebram-lhe o ferreo sceptro e vê que é nada
> Poder, prestigios, nascimento, e tudo.[6]

No que toca á hyperbole de Armitage citada por Nabuco, para admittil-a, para que o merito do referido progresso se conte a cre-

---

[1] Veiga, 177.

[2] Proclamação. Idem, 392.

[3] «Recopilador liberal», de Portoalegre, de 15 de março de 1834.

[4] Idem de 7 de abril do mesmo anno.

[5] Antonio Paulo da Fontoura, conhecido por Paulino Fontoura.

[6] «Recopilador», de 9 de abril.

dito de dom Pedro, é necessaria a prévia resenha dos actos administrativos geradores do milagre. O principe, inculto, mais foi amoroso do desporte sobre os estribos de um ginete de raça ou na boléa de um carro tirado a tres parelhas, do que das façanhas literarias ou outras quaesquer com que o galardoa o credulo historiador: mal teve o tempo indispensavel para o descanço no palacio fronteiro ao da Boavista, das terriveis preoccupações em que este o mettia, com as sacudidas opposicionistas... O que lhe attribue, nada mais é que o fructo da larga evolução: sazonara, sob seu grosseiro e brusco reinado, e, desconhecidos preciosos antecedentes, acreditou, o illustre inglez, fosse de hoje — quero dizer, do tempo de dom Pedro — o que era de hontem, — de muitos annos![1]

A «decepção» nisto consistiu: o insuspeitissimo Timon deixa cair do calamo privilegiado, a nota graphica daquella incerta actualidade, escrevendo que «o povo andava areado com a repentina mudança de linguagem dos *moderados* do Rio, e todo dividido em pareceres».[2] Não era para menos: «os revolucionarios passavam assim de um momento para outro a conservadores, quasi a reaccionarios».[3] Certo admira sobremodo que o povo só andasse perturbado e que a «aura paralytica» o não fulminasse, sobreestando os movimentos de boa fé, de confiança, de toda solidariedade, entre os contemporaneos da apostasia!

---

[1] Os magestosos paredros da Republica actual usam tambem gritar á bocca cheia que *apesar de todos os erros havidos, o Brazil durante os vinte annos de existencia do regimen fez certamente mais progressos do que em periodo tres vezes maior, sob a monarchia:* mas, é preciso obrigal-os a uma demonstração semelhante áquella que reputo indispensavel, para que se torne indiscutivel a *gloria* de Pedro I. Uma das muitas illusões dos que governam é a confiança no benefico effeito das medidas que declaram de bem publico e que pelo geral o sacrificam. Antes da sua triste passagem aos arraiaes adversos, Bernardo Pereira de Vasconcellos definia as cousas com um philosophico rigor, assentando na «Carta aos mineiros», que a interferencia do Estado, no que concerne á actividade dos povos, redunda em onus para elles: «Favor e oppressão significam o mesmo», diz.

Negar melhoramentos publicos introduzidos com a Republica, é impossivel. Para que não haja má fé, entretanto, no comparar os de hoje, com os de hontem; convem não deslembrar varios descontos que a sinceridade manda fazer. *Primo*, o da parte que no impulso para diante tiveram as forças economico-financeiras do mundo actual; *secundo*, o da parte com que concorreram os progressos já iniciados ou realisados antes de 15 de novembro; *tertio*, o da acção das forças espontaneas da communidade, que não deve ser confundida com a acção das forças propriamente administrativas. Determinada a vera somma de esforços que cabem a estas, ainda cumprirá fazer um balanço dos *lucros* e *perdas* acarretados pelas modificações de origem official no meio collectivo, para avaliar-se com lisura se o *saldo* é de caracter *negativo* ou *positivo:* para saber, em definitiva, se o nivel da média do bem-estar subiu, ou, como presumo, se desceu a quota inferior á que vigorava sob Pedro II.

[2] João Francisco Lisboa, Obras, I, XXVII.

[3] Nabuco, I, 30.

A fortaleza de animo, então, era algo mais do que a hodierna. Reagiu o patriotismo contra o immobilisante estupor. Já disse qual foi no Rio-de-janeiro o triste destino dos continuadores da obra começada. O esforço regenerador, no sul, teve melhor fortuna; o povo «andou areado» poucos mezes, porque logo se lhe deparou uma formula de esperança, logica e insophismavel: como affirmei e reaffirmo, em 1832 Bento Gonçalves conspirava.

Elle e companheiros agiram com uma discreção exemplar: a fidelidade mostrou-se digna daquella robusta epoca e é um de seus mais bellos padrões. Suspeitoso, o governo central exerceu pressão intensa para haver informes: os antigos serviçaes de dom Pedro se puzeram em actividade, incessante a sua indormecivel vigilancia, mas, o mysterio se manteve impenetravel. Um successo, deixou transluzir, comtudo, o que se confiara á lealdade de uma geração fidalga.

Pactuada a independencia da Cisplatina, procedeu-se ali a comicios, conseguindo a summa habilidade de Rivera a sua escolha, preteridos por homem que entre os coevos ganhara fama de inconsequente, os mais serios e mais puros representantes da santa cruzada de 1825. Contiveram elles, entretanto, o seu desapontamento, até que as desordens administrativas do presidente da Republica justificaram um protesto collectivo: Lavalleja, o mais impaciente de todos, porque ferido nos seus brios de chefe dos 33, então inimigo do venturoso rival, tomou as armas. Infeliz na sua empreza, passou a linha divisoria em Jaguarão, recebido com a hospitalidade proverbial dos antigos riograndenses, pelo commandante da fronteira. A estreita intimidade de ambos, apoio franco que o militar do Brazil prestou ao caudilho derrotado, esforço que empregou para mallograr todas as tentativas de o perseguir, afim de satisfazer-se ao mandatario supremo do paiz visinho; tudo isto — com circumstancias internas, indicativas de trabalhos subterraneos — despertara as attenções geraes dos retrogrados, que vislumbravam o que occorria, sem aliaz poderem nem mesmo produzir uma apparencia de prova. Deu-se um phenomeno a que com muita propriedade fôra licito qualificar de adivinhação, porquanto correram versões relativas a conjuras em que tinham parte Lavalleja e o gremio liberal do Rio-grande, sem que se pudesse garantir de onde provinham. Surgiram e se mantiveram vivazes antes da explosão revolucionaria, nunca desistindo os legalistas do que tinham por verdade, e o era. Porque finda a guerra civil, mais de tres decadas após se renovam os estudos historicos e resurge a hypothese, para ser logo despresada; mas, decorrendo outras tres mais, um excavador obteve elementos, para se poder ajuizar, com uma certeza absoluta, que as primitivas denuncias tinham fundamento!

Eu disse que os escriptores modernos não deram attenção á persistente voz affirmante de compromissões entre reveis de aquem e de além da fronteira. Um admitte-as como possiveis, insinuando até que talvez nas entrevistas dos emigrados com os liberaes de Jaguarão ficassem lançados os «primeiros germens do futuro mo-

vimento».[1] Mas, falta-lhe clara noção do episodio, mescla-o com o romance adrede forjado para indispôr o governador de Buenos-aires com o Brazil, apoiando-se muito, a sua narrativa, em escriptor prestimoso, quanto suspeito na referencia a inimigos do Imperio;[2] como avança conjecturas que violentam os factos. Refiro-me á «Historia» de Assis Brazil, producção sem igual na indigena republica das letras, se considerarmos o tempo que teve para elaboral-a um mancebo ainda nos bancos da academia. Brilhantissimo quanto á forma, o trabalho do moço riograndense sobreexcede os que possuimos, no bom concerto do plano, e na segurança com que os materiaes se condensaram em poucas paginas, formando um todo, de harmonia perfeita. O que, entretanto, maravilhou ainda mais, no tentamen promettedor, foi a audacia com que em verdes annos, depois de mostrar-se déstro em traçar e fazer um livro de valor, Assis Brazil patenteava a novidade das arduas applicações da philosophia, ás pesquizas da historia. Sob esse aspecto o seu, e o igualmente valioso volume de Alcides Lima, representam o inicio de uma éra nova para o Riogrande do sul, devendo assignalar-se, de passagem, que o esforço do segundo não se viu a braços com as difficuldades que encontrou o primeiro e que em muitos casos galhardamente soube vencer.

Dá curso, este, á versão conforme a qual com a chegada de Lavalleja, se effectuaram as primeiras confabulações. Todavia, estou capacitado de que se por essa epoca tiveram inicio os trabalhos revolucionarios systematicos, o que é a verdade;[3] o entendimento entre os dous amigos data de periodo anterior e vou mostrar em que motivos esteio a minha theoria, retomando o fio da referencia feita aos successos da politica do Uruguay.

A 3 de julho foi a surpreza que restabeleceu em Montevidéo a supremacia dos amigos do chefe dos 33, que, a 16, ainda se achava pelo Yi, longe da capital, onde só entrou a 5 de agosto. Nesse meio tempo foi á sua presença um emissario de Bento Gonçalves.

Para o que, ninguem ainda o disse até hoje, e affirmo que para o começo do vasto enredo em que se esperava lograr o governo do Imperio... *Maxima de nihilo nascitur historia.*[4]

Pedro Muniz, o enviado, no regresso, trouxe comsigo uma carta, com data de 14, em que Lavalleja roga ao destinatario dê todo o credito ao que lhe transmitta o portador da communicação. Pede-lhe tambem «assegurasse (o informe é do referido commandante da fronteira do Serrito,[5] ao presidente da provincia)[6] que o seu plano é unir aquelle pequeno Estado ao Brazil, unico meio de ser alguma cousa e de elle, general, segurar os seus interesses, para cujo fim

---

[1] Assis Brazil, 80.

[2] A. D. de Pascual.

[3] Carta de Manuel Lucas de Oliveira a Domingos de Almeida, no meu archivo. É de 10 de setembro de 1841.

[4] Propercio, II, elegia I.

[5] Depois villa e hoje cidade de Jaguarão.

[6] Officio de 25 de julho de 1832, a Manoel Antonio Galvão.

deseja vêr-se comigo». Em data de 13 do mez seguinte, manda Bento Gonçaves outro communicado, garantindo que está em «muito boa intelligencia com Lavalleja e nada receia das tropas deste, por ora». A sua despreoccupação pessoal dir-se-ia completa, porque, em officio de 22 narra que recebeu como amigos tres emigrados, que passaram a linha, a effeito de perseguições do chefe do levante; e se antes divulga a segura situação do amigo, em outro officio, de 29, dirigido este ao commandante das armas, o marechal de campo Sebastião Barreto Pereira Pinto, imparcialmente confessa, agora, ser mais vantajoza a de Rivera, depois da retomada de Montevidéo. Não só com taes palavras busca adormecer o animo inquieto, mui prevenido, do velho desaffeiçoado e intransigente adversario politico: ao dar-lhe conta de que Lavalleja faz questão de urgente entrevista, mostra-se o coronel resolvido a effectual-a. Esteja certo, porém (insinúa), de que «só tratarei do que fôr vantajoso ao Brazil, sem comprometter a dignidade da nação».

Nada consta quanto á resposta que lhe deram; do que não ha duvida é que o chefe civil do governo riograndense — desembargador Manuel Antonio Galvão — de bom grado acolheu as communicações enviadas do Serrito e que as remetteu para o Rio-de-janeiro, onde se considerou excessivo o papel assumido por Bento Gonçalves.

Foi logo, no entanto, tranquillisada a regencia, em subsequente officio, [1] o desembargador tratou de desprevenir o governo imperial, explicando expressões do commandante da fronteira, em que na Côrte se tinha entrevisto alguma parcialidade, da parte do referido militar. E não se limita a isso o presidente da provincia: defende com firmeza a Bento Gonçalves, em outro officio, [2] diante de imputações do ministro de estranjeiros, que positivamente o accusa de intervir nas contendas do Uruguay, pois o seu collega de Montevidéo lhe affirmava que Lavalleja tinha recebido do coronel, nada menos que 2.000 cartuchos, armas em numero não fixado e concurso de pessoal combatente; como affirmava existir ao lado do general insurrecto, uma partida de 40 individuos, que acaudilhavam os conhecidos brazileiros Juca Theodoro, José Canga e Juca Tigre. O presidente cobre, com determinação muita, e com o prestigio de que gosava, as responsabilidades do delegado do centro na raia, e de todo entregue aos apparentes designios delle, não só se refere com despreso a noticias relativas á melhora de Rivera na lucta, como procura arrastar a regencia, á aventura que o seduzia. Depois de offerecer as suas arrhas pelo que emprehendera Bento Gonçalvés, abre os proprios pensamentos: «Devo comtudo dizer a v. ex.ª que ha grande tendencia para a incorporação; que se deseja a intervenção do governo neste assumpto; que a predilecção por Lavalleja é muita; e que esta distincção não tem outro fundamento que a identidade de idéas»: que existe grande camaradagem entre militares de um e outro lado da fronteira, o que torna inevitaveis os lances

[1] De 25 setembro de 1832, a Pedro de Araujo Lima.
[2] De 13 de outubro de 1832.

inspirados pela sympathia, nas occasiões de mallogro ou desastre.

Com estas e outras rasões obteve a connivencia do governo central.

A 17 de setembro sabio-o já Bento Gonçalves; como era de urgencia que a boa vontade da administração imperial se manifestasse com um prompto remedio á crise do lavallejismo, que era quasi desesperadora, o coronel, depois de suscitar a conveniencia do salvamento da propriedade dos brazileiros que no Estado Oriental montava a milhões, por via de ũa «medida forte», infiltra os maximos pavores na alma do sincero monarchista, e, ao mesmo tempo, como que o atira de vez nos braços do chefe da revolta do Uruguay: acabo de saber que Rivera, no primeiro anno da presidencia, [1] nomeou agente para a provincia, «com o fim de envolvel-a no systema republicano., revoltar a escravatura e fazer unil-a áquelle Estado». [2] Ao mesmo tempo que soprava uma subtil aragem desvanecedora de qualquer nuvem com que os retrogrados acaso ensombreassem o espirito do «distincto e honrado brazileiro»; [3] o destro conspirador compromettia totalmente o chefe do governo uruguayo. O effeito da traça foi immediato, como se infere do officio do presidente á regencia, em data de 28. No seu, ao concluir, o coronel dizia que ainda não tinham chegado as armas e munições pedidas, mas, o daquelle ao governo central affirma já lhe ter sido feita a remessa.

Agora volto ao ponto da narrativa em que puz em duvida começassem com a emigração de Lavalleja os primeiros anhelos civicos de Bento Gonçalves: os de repetir-lhe o papel e imitar no Riogrande o que fizera o general, na provincia seccionada, então nacionalidade independente.

Se nos faltam documentos anteriores, o primeiro expedido ao presidente da provincia, fixa para a historia, uma data precisa quanto á estréa dos labores estabelecidos na trama subversiva, porquanto, o que se contém no officio traduz indubitavelmente um estratagema embaidor: o verdadeiro recado não podia ser esse, como adiante o demonstro. Além de que Lavalleja era conhecido pela sua aversão ao Imperio; [4] não é crivel procurasse qualqûer concerto com o governo da Côrte, justamente quando seus amigos accusavam Rivera de apoiar-se em elementos do outro lado da fronteira, assoalhando que o presidente esperava auxilios de lá. [5] O proprio general insurrecto, a 16 de julho, tinha lançado uma proclamação, em que consta «não appellaria ao poder estranjeiro», para sustentar sua «justa causa». [6] Isto, porém, constitue materia que terá breve o mais amplo exame e quero ater-me agora ao da genesis da grande intriga revolucionaria.

---

[1] Foi eleito a 24 de outubro de 1830.

[2] Officio da data mencionada.

[3] Macedo, «Anno biographico», III, 226.

[4] Armitage, 144.

[5] Pascual, II, 100.

[6] Pascual, II, 102.

Proseguindo na sua confidencia a Galvão, Bento Gonçalves declara que Lavalleja pede munições e armas, assim como incita brazileiros a se reunirem deste lado da linha para, no outro, irem guardar a ordem, sob mando de determinado individuo. Ajunta que se trata de amigo e pessoa de sua confiança (delle, Bento Gonçalves), pelo què tem dado assentimento, todas as vezes que o consultam se devem os nacionaes intervir com as armas, nas presentes occorrencias. Esta segunda parte da peça ministra-nos a chave de toda a machinação: o official brazileiro tinha por unico objectivo, ao disseminar a noticia aprazivel aos imperiaes, conseguir petrechos bellicos para o intimo amigo, que a meu ver já era tambem um alliado;[1] e para cohonestar a sua propria intromissão na contenda do paiz visinho, accrescentava aquelle topico relativo á entrada de riograndenses, para mantenimento da tranquillidade publica, encabeçados por sujeito que lhe era de todo addicto.

Galvão nada percebia porque estava embebido no enlevo da grata idéa. Manuel de Almeida Vasconcellos, encarregado de negocios do Brazil no Uruguay, officiara-lhe a 29 de setembro, saber de pessoa de confiança, que tinha junto de Lavalleja (e da confiança deste), que o general se approximava da linha, para receber grande reforço de homens e munições, alludindo-se em segredo a «chefe respeitavel do exercito imperial». O mesmo individuo insinua que Lavalleja «promette federar este Estado ao Brazil», mas «não é facil: é para obter meios. O padre José Antonio Caldas é o principal agente de Lavalleja», concluia.

Se, colhido nas malhas que tecera o astuto riograndense,[2] Galvão andava cego, outros, menos ingenuos, manifestavam suspeitas, e contra ellas se premunia Bento Gonçalves. Em data de 5 de setembro, dando conta a Barreto do estado das pretensas negociações, conta-lhe: — Não veiu vêr-me Lavalleja, sim Eugenio Garzon; assegura que o primeiro tudo fará pelo Brazil. Fiz-me de desentendido (prosegue o coronel), e aggreguei que ajudava a Lavalleja como amigo e que pacificada a Banda oriental, ella que resolvesse, voluntariamente, a unir-se á nação que melhor lhe conviesse.

Finda a menção da conferencia, Bento Gonçalves notifica ao superior gerarchico, que faz tudo o que é possível pelo sublevado, o qual, já reposto, marcha com 700 partidarios sobre Rivera, e, textualmente: «Muita vantagem podemos obter das desordens dos orientaes, e muito prompto remetterei a v. ex.ª um projecto que tenho entre mãos, para, se de accordo, resolver sobre si, ou propôr ao governo, quando ache justo», precavendo-se de qualquer golpe com estas palavras: «Emfim, minhas intenções são sãs, e rogo de não

[1] Estava escripta esta parte de minha exposição, quando eu descobri uma prova e das melhores, de que a conjectura do texto corresponde á verdade dos factos. É uma carta do oriental J. Catalá, de 27 de fevereiro de 1832, que será transcripta opportunamente.

[2] Rodrigo Pontes, na sua «Memoria», assim o qualifica.

darem credito aos rusguentos, que ahi tambem os ha, como verá do que junto remetto ao snr. presidente».

Nada transpirou que justificasse o que acaso andavam assoalhando esses taes, a quem o coronel se referia. Ao contrario, o presidente do Estado oriental se mostrava satisfeitissimo com elle, como vou expôr, fazendo breve retrospecto da curta campanha de Lavalleja.

Em maio, a instigações suas, o tenente-coronel Gaspar Tacuabé, poz-se á testa dos tapes e charruas, existentes ao tempo em Bellaunion. Raña, chefe politico de Paysandú, a 21, mandou aviso a Montevidéo (sem ainda saber da importancia real do movimento), de que o reputava obra de 120 a 140 adherentes daquelle. A 27, o governo deliberou que o proprio chefe do Estado se incumbisse da repressão, e alcançava elle a villa de Durazno, quando soube que tudo havia terminado. Seu irmão, o coronel Bernabé, de Tacuerembóchico, onde se achava, partira como um raio; uniu-se-lhe Raña, e com força superior a 500 homens, bem montados e bem armados, se arrojaram de surpreza sobre os rebeldes, no passo de Cañitas. Haviam estes engrossado, com outros de sua raça, sob o commando do tenente-coronel Agostinho Comandijú, como com invasores capitaneados pelo missioneiro Ramon Sequeira, que assumiu o commando geral; e das visinhanças da linha, juntos, os rebeldes, se internaram, acampando á beira do Arapehychico.

A marcha de Bernabé fôra tão violenta, que colheu os sublevados em total descuido, certos como se achavam, da longa distancia mediando entre elles e qualquer outra força. Sem perda de um só homem para aquelle, caíram todos prisioneiros, excepto 200 charruas de Comandijú, que ganharam o matto ou se dispersaram, lestos como um bando de avestruzes, ajuntando-se-lhes, depois, com um grupo, o chefe Tacuabé. Os governistas se apossaram igualmente de grande numero de familias, todo o armamento, cavalhada e munições. [1] Isto foi a 5 de junho e sobre a sorte do inimigo diz o vencedor no estylo da guerra semibarbara que breve devastaria os formosos campos da Cisplatina: «Toda a força derrotada, morta ou com igual sorte». Este moço intrepido e intelligente, que pagaria carissimo dentro de pouco, a incrivel atrocidade, que ennodoava um nome destinado por certo a gloria menos selvatica; teve uma idéa satanica: encerrando-os em uma «mangueira», ordenou a exterminação dos indios, homens, mulheres e crianças!... E conta-se que, emquanto a faca exterminadora ia inflexivel decepando as cabeças, cantavam as mulheres, em côro, qualquer toada melancolica de uso talvez nos ritos funebres dos antigos toldos, de que ficava erma a região, outrora senhoreada pelos extinctos! Desapparecido o ultimo guerreiro, a mais impetuosa daquellas chegou-se aos matadores: apresentou o pescoço, foi cortado; veiu outra, rolou o corpo; uma terceira, e assim todas, só expirando a musica da morte

[1] Parte de Bernabé Rivera.

nos labios descorados, pelo derradeiro golpe, antes de principiar a degolla dos miseros infantesinhos!

Desaffrontada a lei — é a expressão com que os chacaes politicos sobredouram estas infamias — o coronel partiu veloz, em alcance dos fugitivos, que logo se desforraram, de maneira terribilissima. A seu turno o apanharam em descuido, numa afouteza de temerario, e lembrados da fria carnificina, dizem que pagou, com mil mortes, as centenas que decretara: aos 33 annos de idade, no vigor de opulenta mocidade, foi empalado vivo, o irmão e braço direito de Fructuoso Rivera, do mesmo general que tinha arrancado parte dos indios, que se vingavam assim, do seu retiro de Missões, passando por cima do coração do invasor de 1828, nessa hora, a ultima onda da tormenta assoladora, que soprara!

Ainda que sciente da infeliz sorte dos iniciadores do pronunciamento, Lavalleja devia jogar os seus dados e a 13 de Junho deixou Montevidéo, para os aprestos no campo, emquanto um brilhante official do exercito dos Andes se incumbira da capital. Cavalheiro de prez e honra, não faltou á sua palavra, como se vai vêr.

A 2 de julho recebia-se em Montevidéo uma parte de Rivera, dirigida da costa do rio Yi. Noticiava que pela noute de 29 se sublevara o major Juan Santana, com tres companhias da milicia; que havia dominado uma quarta, apoderando-se do armamento e cabedaes do quartel-general do presidente da Republica, o qual escapou por milagre ou antes por um desses rasgos de assombroso desembaraço, vulgares entre as grandes figuras da Pampa. [1]

Ao meio dia em ponto, de 3, no proprio instante em que o governo transmitte ás camaras o officio do chefe do Estado e reclama a contribuição das mesmas para salvamento da ordem publica. Garzon salta para a rua, com um lote de soldados, proclama aos habitantes, dirige communicação a Rivera em que declara desconhecer sua auctoridade e só admittir a de Lavalleja; e outra, em iguaes termos á assembléa, a quem pede tome em consideração o successo e providencie no que em si couber.

Os representantes pendiam provavelmente para o lado dos amotinados: [2] chamaram á sua sala os membros do governo, o vice-presidente da Republica em exercicio e o ministro de todas as pastas, como tambem o chefe da revolta: ouviram-nos a todos e depois de um debate seguramente realisado *pro formula*, separaram-se. Logo depois foi enviado officio a Garzon, em que o confirmavam no logar que já detinha, o do commando da capital, e (nomeado Lavalleja para o do exercito) chamavam para o seu posto civil, o presidente da Republica. Era um accordo certo arrancado ao corpo legislativo com grande esforço, pelas auctoridades constituidas, presentes á mencionada reunião e de que estas acabariam por ser as

[1] Vide Pascual, II, 85.

[2] Bento Manuel Ribeiro, em officio a Galvão, mostra acreditar que o levante de Bellaunion foi «promovido por Lavalleja, de accordo com a assembléa». Vide officio do segundo, de 22 de agosto de 1832.

primeiras victimas. O chefe dos insurrectos teve-se por logrado e mandou, a 11, formalmente depol-as; com o què, dissolvida por si mesma a assembléa, a situação veiu a ficar a inteiro arbitrio de Lavalleja.

Este era homem «bravo e honesto», diz-nos Vicente Lopez, que o conheceu de perto. Era um «espirito energico e resoluto», quanto «ingenuo», nelle sobresaindo um «ar franco e leal que perfeitamente quadrava ás suas excellentes qualidades de patriota vehemente, mas, sensato, de bom pai de familia e de homem honrado em todos os seus procederes». [1] Não fôra dotado de um physico que se pudesse definir como bello ou vantajoso, [2] «e sem embargo, dava de si, em conjunto, uma impressão favoravel: transpirava delle um não sei quê de decente e honrado, que não dependia tanto de sua physionomia, quiçá, como da boa opinião de que gosava como homem de bem». [3] O esboceto do grande historiador argentino acode subito á mente, ao considerar-se a hora em que nos achamos, da vida de Lavalleja: está elle senhor da situação, domina a capital e na campanha tudo lhe sorri, emquanto Rivera não encontra outro meio para sair do embaraço, que não seja o das negociações. O primeiro podia mostrar-se exigente, intratavel, vingativo; não repudia, entretanto, as propostas do outro, porque a sua preoccupação está longe de ser a caça do mando supremo, seja por que meio fôr. O retrato que nos legou Vicente Lopez deixa perceber, atravez das linhas e traços do desenhista, a singela quão boa alma do heroe, que nunca melhor se patenteia do que no deslinde do assumpto, que debatia com o representante do general a quem culpava dos maximos dissabores de sua existencia de patriota e cidadão. Podia ter a velleidade de impôr a renuncia de Rivera, e no entanto se contentou com as seguranças de uma regeneração administrativa, e castigo dos responsaveis, por delictos que em dous annos afundavam no descredito o paiz nascente. [4]

Eis como, de seu quartel general do Yi, em 26 de julho, communica «ao coronel encarregado da força armada de Montevidéo», o que um magnanimo civismo lhe aconselhara aceitar e admittir: «Havendo o general dom Fructuoso Rivera encarregado o snr. coronel dom Ignacio Oribe de terminar amigavelmente as dissensões actuaes da Republica, tem o mesmo coronel ajustado com o general em chefe o seguinte tratado, com o qual se persuade este ter preenchido os votos do povo e dos cidadãos, que o elegeram para os dirigir, e evitado os horrores da guerra civil, uma vez que seja ratificado pelo mesmo general Rivera. O general em chefe

---

[1] Vol. x, 10, 11.

[2] Idem, 11.

[3] Idem, idem.

[4] Pode avaliar-se, á maravilha, o desmantelo da Republica do Uruguay, com os abusos introduzidos pelo general Rivera, em peça emanada de governo do seu proprio partido. Vide Antonio Diaz, VIII, 123. «*Breve explicacion*», de M. Herrera y Obes.

espera que o dito tratado seja quanto antes publicado, e exposto á consideração do povo, para que se conheça, no caso de não ser ratificado, que não é o bem publico o que desejam aquelles que a elle não quizerem annuir». [1] Seguem-se os artigos da convenção:

«1.º, O snr. general dom Fructuoso Rivera, regressando á capital, assumirá as redeas do governo. 2.º, Permanecerão no ministerio os individuos nomeados pelo snr. vice-presidente, depois do movimento de 3 de julho. 3.º, A força armada que está sob as immediatas ordens do dito general, ficará a cargo do coronel Servando Gomez, e no ponto em que se achar. 4.º, O snr. general dom João António Lavalleja continuará no seu quartel general, á frente das forças reunidas, que fizeram os movimentos de 29 de junho em Durazno, e de 3 de julho em Montevidéo. 5.º, Serão sujeitos a juizo de residencia, ou a um inquerito, os funccionarios publicos responsaveis segundo a lei, e os ministros das differentes epocas da administração constitucional, por uma junta nomeada de entre seus membros, pela assembléa geral, e composta de individuos de *conhecido patriotismo* e instrucção, exclusos da mesma os snrs. dom Julião Alvares e dom Nicolau Herrera. 6.º, A segurança individual do snr. presidente da Republica fica plenamente garantida pela palavra de honra dos snrs. general dom João Antonio Lavalleja e coronel dom Ignacio Oribe. 7.º, Ambos estes senhores, em nome do patriotismo e amor á ordem que os anima, se compromettem, ante seus concidadãos, a tornar effectivo o parecer da junta, qualquer que seja elle. 8.º, Proceder-se-á á reunião das camaras, para a escolha da dita junta, como para o preenchimento do termo do mandato das mesmas, que ficou suspenso. 9.º, Ambas as forças serão igualmente providas de viveres e soldo, e tudo o mais de que precisarem, pelo erario nacional». [2]

Segundo affirma Arsène Isabelle, Lavalleja se lançara nesta empreza, «lisonjeadas e excitadas por alguns brazileiros da fronteira», as civicas ambições que o general, a seu vêr, com desmesura alimentava. [3] Que ellas deviam ser «vehementes», é cousa de que nos certifica Vicente Lopez, mas, que deviam ter o cunho da «sensatez», tambem é licito affirmar com essa grande auctoridade historica; e de que seu juizo corrèsponde exactamente ao que era a natureza moral de Lavalleja, a mais eloquente prova tivemol-a nós, em aquella sazão. De facto, é para mim indubitavel que agia muito de accordo com um plano preestabelecido, em que tinham parte os mencionados amigos de além da raia. Surgindo, entretanto, um appello á sua generosidade, como o que lhe dirigiu Ignacio Oribe, immediatamente cedeu: ante a menção de altos interesses collectivos, que a guerra civil podia comprometter, o purissimo republico fez calar,

---

[1] «Observador», de 13 de setembro de 1832.

[2] A convenção foi celebrada em Antonio Herrera, a 24 de julho de 1832. Vide «Universal», de 30, e transcripção no «Observador», de 13 de setembro.

[3] Cit. Obra, 119.

em si e nos seus, as vozes, aliaz legitimissimas, do sentimento que os impellira a todos, a uma reivindicação pelas armas.

Tal generosidade ia perder-lhe a causa. Tudo correra bem até ahi, mas, logo entrava em declinio essa fugacissima prosperidade. Firmada a avença, annullou-a um inopinado golpe da deusa que alentava sempre a fortuna de Rivera, o venturoso gaucho, quando esta parecia de todo havel-o abandonado. Na mesma data em que o passageiro triumphador alegre effectuava a sua entrada na capital, 5 de agosto, produzia-se uma reacção legalista, que a 10 o desapossou da conquista que Garzon lhe fizera, no mez anterior. Sabida a grata nova, Rivera correu a situar-se nos arredores a 16, contramarchando a 22, para se precipitar sobre o rival, esquecendo accordos e transacções que fôra o primeiro a alvitrar.

O outro ganhou rapidamente a fronteira, onde esperava que a forte affeição de um homem lhe ministrasse o que era de urgencia para melhorar-se da fulminante surpreza, ou um asylo seguro, se fôsse mister soltar as armas, até o advento de mais propicio ensejo.

Seguiam-lhe as pègadas uns 2.000 homens, abundantes com os successos de Montevidéo as adhesões ao presidente, quanto falhas as do incauto adversario. Tinha este que aligeirar sobremodo as jornadas, e assim o fez; ainda que a vanguarda inimiga conseguisse chocar-lhe os ultimos esquadrões em Tupambay, ganhou a tempo o territorio do Brazil, onde penetrava a 29 de setembro, pelo passo do Salso, sob «vivo fogo», quando Ignacio Oribe, chefe da vanguarda, de novo emprehendia uma carga, sobre as hostes fugitivas do caudilho liberal. [1]

Rivera, em marcha mais para traz, a 26 tinha communicado a Bento Gonçalves a sua approximação, narrando-lhe as occorrencias, para que providenciasse, na esphera de suas attribuições, de modo que os bandos armados, caso se abrigassem no Brazil, como era de crer, não proseguissem nas suas correrias. A 28 avistaram-se ambos; [2] para sollicitar, o primeiro, que o segundo procedesse ao desarmamento dos rebeldes, se elle conseguisse arrojal-os para além da linha divisoria, como fez aquelle seu subordinado, qual já relatei, pela tarde do seguinte dia. O infortunado general de quem triumphava o presidente, ao pisar o solo brazileiro, ahi encontrou frente a si o velho e fiel seu amigo, determinando o que convinha, para o exacto cumprimento de deveres internacionaes, que nesse instante mui penosos lhe eram. Teve o cuidado de o encobrir, este, agindo com irreprehensivel exacção; tal foi ella, que o ministro das relações exteriores «recebeu ordem de dirigir-se ao encarregado de negocios do Imperio do Brazil, para significar-lhe que o governo da Republica estava altamente satisfeito da honrosa conducta do snr. commandante da fronteira do Riogrande do sul». [3]

---

[1] Officio de Bento Gonçalves ao coronel José Rodrigues Barbosa, de 30 de setembro de 1832. Vide «Observador», de 29 de outubro.

[2] Pascual, II, 117.

[3] Nota de 5 de outubro de 1832. Pascual, II, 121.

Não estava menos satisfeito o presidente da provincia, que tambem se havia envolvido no delicadissimo assumpto. Captivara-o sobremodo o fino tacto do militar, que se aviera em tudo como um diplomata consummado: findo o incidente, ainda a 20 de outubro, em officio para o Rio-de-janeiro, exaltava a «habilidade com que se prevaleceu da conjunctura para pedir» a Rivera, depois de profugo o seu contrario, «garantias em favor de pessoas, e propriedades, brazileiras, que pela força das circumstancias tinham acompanhado ao dito general Lavalleja».

O embellezo do presidente, as suas repetidas mostras de confiança, definiam o seu estado moral, não o da sua roda. Esta conservou-se pé atraz, na sua anterior duvida, até que mais tarde firmou juizo nunca mais alterado, exprimindo uma immutavel suspeita, a constancia com que unia os dous epithetos com que de continuo brindava aos do circulo de Bento Gonçalves: para o Brazil, em geral, eram, esses, os liberaes; para os cautos monarchistas do sul, eram os «republicanos-lavallejistas».

Simples presentimento, entretanto. Não davam provas de seu asserto, já o disse, como tambem não as podia apresentar eu, em 1897, quando escrevia, fundado aliaz em tradições de minha terra natal, da casa de meus avós, contemporaneos da conspiração: «Parece irrecusavel que o ardente chefe dos 33 soube despertar no animo do seu amigo uma nobre emulação». «Tudo inclina a pensar que o guerreiro desde ahi começou a acariciar o ideal de repetir o papel glorioso do caudilho uruguayo e a presença em Jaguarão do convicto republicano conde Livio Zambeccari», «em estreitas relações com o commandante da guarnição, julgamos que comprova, pelo menos, as disposições moraes em que estava o futuro chefe da Revolução de 20 de setembro». [1]

Foi de facto Lavalleja quem inspirou a Bento Gonçalves o que Netto veiu a proclamar em 1836? Julgo hoje que não; antes da voz publica disseminar esta versão, já corriam os boatos separatistas, propallados com insistencia. Desouvem-se depois, porque de certo a necessidade de autonomia espera satisfação do programma federal, um dos lemas da bandeira revolucionaria, na vasta conjura de 1829 a 1831. Mais tarde, como historiei, a situação intima de cada iniciado consciente, da grande caudal politica, é a que Theophilo Ottoni definiu: «Vi com pesar, apoderarem-se os *moderados* do leme da revolução, elles que, só na ultima hora, tinham appellado, comnosco, para o juizo de Deus». [2]

---

[1] «Rio grande-do-Sul», 112.

[2] «Carta aos mineiros», pag. 16.

O que escreve o «exaltado» transluz em pagina de quem nunca o havia sido, creio eu. Eil-a: «Podia-se dizer que a opinião publica estava ali demonstrada tanto mais efficazmente quanto Evaristo, Paim, Souto, Carneiro Leão, Alencar, Limpo de Abreu e outros vultos de importancia, *procuravam dirigir* o movimento no sentido exclusivo de requerer e obter do chefe do Estado a demissão do ministerio, salvando-se assim as

Mas, se a convicção do completo despojo irritava o animo dos radicaes; a do que tinham soffrido irritava com dupla violencia o dos adeptos do absolutismo, cujas manobras seccionistas se tornaram patentes. O «Recopilador», de Montevidéo, [1] havia dado curso a um *suelto*, em que se affirmava que uma facção da contigua provincia entretinha correspondencia com Rivera, sendo o seu fim transformar o Riogrande em republica independente, unida á Banda oriental. [2] A «Sentinella da liberdade», de 10 de janeiro de 1832, e o «Continentino», de 29 de março, transcreveram o boato, que, com uma comprehensivel malicia reproduziu a 11 de fevereiro o orgam de Lavalleja. Já em franca opposição e tendo tambem as suas vistas politicas a preservar na fronteira, precisava pôr embaraço no caminho do general-presidente, vulgarisando-lhe os particulares designios sobre uma zona brazileira, tanto mais de alarmar os estadistas da Côrte, quanto era notorio que o Riogrande participava daquelle «estado de fermentação em que se achava o Imperio», circumstancia que induzira o administrador della a observar a attitude que tinha observado, nos negocios correntes e já expostos, conforme elle proprio declara ao governo da regencia. [3]

Significa isto de maneira inilludivel, que duas caudaes politicas, sempre oppostas, em certo minuto da historia, tiveram um quasi identico programma!

Trata-se, *mutatis mutandis*, do que consta de uma denuncia de

---

instituições existentes, e suffocando-se logo nos seus principios, a *revolução intentada pelos exaltados*». Com a abdicação, esses vultos ficaram donos della... (Vide «Segundo periodo do reinado de dom Pedro», de Pereira Silva, 452).

[1] Folha da opposição encabeçada pelo chefe dos 33.

[2] Rivera em 1831 já se mostrava desassombrado no trabalho de captar a provincia, que em vez de servir-se de emissarios, escrevia sem temor algum das consequencias de sua iniciativa. Nesse anno, o visconde de Castro, commandante da villa do Riopardo, enviou ao ministro de estranjeiros, uma carta delle, seduzindo a brazileiros, consoante os planos que acalentava.

Galvão, dirigindo-se ao mesmo ministro, nesse proprio anno, em 31 de outubro, diz que Rivera, para acreditar-se, faz crer que tem grande influencia no Riogrande, ao seu «partido», alimentando-o sem cessar com «a chimerica esperança de uma incorporação».

Depois de escripto o que consta do texto, ácerca das manobras riveristas, encontro um precioso depoimento, de pessoa muito bem informada. Como o general Britos reclamasse de Bento Manuel fossem effectivamente desarmados os partidarios de dom Fructuoso, que emigraram com elle em 1836; respondeu o brigadeiro, em carta ao general Ignacio Oribe, a 26 de dezembro, que o Imperio não protege os insurgentes do Estado oriental, «e pode ajuntar que o homem que se acha á cabeça de tão nefando partido, é bastante conhecido no Brazil», «pelas tramas que ha posto em pratica para seduzir empregados do governo com o objecto de separar esta provincia da associação brazileira; tramas que datam desde o anno de 1829». Vide Antonio Diaz, III, 282.

[3] Officio de Galvão, de 20 de outubro de 1832.

Bento Gonçalves. Algo de facto se havia passado, visto como o commandante militar do Serrito entra em pormenores muito precisos: o agente de Rivera é Francisco Floribal, em cuja casa, em Bagé (escreve o coronel) uma busca em regra faria descobrir papeis e assim tambem o diploma que habilita o emissario. Algo havia, eu o creio, inspirando-me para dizel-o, menos em dados irrecusaveis registrados neste livro, do que na lembrança da experiencia já effectuada pelo reflexivo e atiladissimo cerebro do experto Fructuoso, em cuja fibra superior se fusionaram acuidades perceptivas dos incolas primitivos da região e as profundezas calculistas de uma cabeça cultivada nos requintes da renascença italiana, codificados pelo talento do grande secretario florentino. A confiança no facilimo exito encontravel na empreza, possuia-a elle desde 1828, e as tendencias de sua politica ulterior convencem que, em 1830 ou 1831, as largas vistas do caudilho abraçavam os horisontes do Riogrande. Companheiro de Artigas, arvorava-se em seu continuador; como este, queria reunir em um todo as regiões banhadas pelo magestoso rio e como existe hoje um pequeno Estado desse nome, concebia o «grande Uruguay», sob um só estandarte a banda occidental e a oriental.

Note-se; isto não é só discorrer e divagar: o que digo tem raizes historicas. Sabe-se que logo depois de escolhido presidente, [1] Rivera facultou meios aos unitarios argentinos, para revolucionarem Entre-rios. Simples reacção a sua, contra o governo sympathico a Lavalleja? Não; em vez de consentir fosse ao poder o cabecilha Lopes Jordan, que era do paiz, preferiu abortasse a expedição, com a discordia entre os vencedores, a ver preteridas as suas imposições, de ficar no governo local o coronel Barrenechea, «feitura sua». [2] Porque? Seguramente porque alimentava o plano, que mais tarde atrevidamente desenvolveu (e esteve a ponto de pôr em pratica), de uma intima união das quatro provincias, ribeirinhas do Uruguay.

Ora, este saíra já da cabeça do seu auctor, para o dominio de sua clandestina execução, muito antes do tempo em que floresceram a «Sentinella da liberdade» e o «Continentino», porquanto o precitado «Recopilador» de Montevidéo, ao fazer a transcripção que já mencionei, [3] não se esqueceu de recordar o discurso que pronunciou o deputado José Bonifacio de Andrada e Silva, com respeito á *liga* que se tramava entre Corrientes, Entre-rios e Estado oriental, «para corromper o espirito dos habitantes da provincia (a do Riogrande), afim de se reunir a estes Estados». E o proprio Lavalleja, em papel de seu punho, [4] no anno seguinte, reproduz em Buenos-aires a versão divulgada, ao examinar a conducta do

[1] Saldias, II, 286.
[2] Idem, 287.
[3] N.º de 11 de fevereiro de 1832.
[4] «Exposição do general J. A. Lavalleja», de 1.º de fevereiro de 1833. Gabriel Pereira, II, 61.

presidente Rivera. «Sonhando sempre em chimeras (diz), hostilisando constantemente a um Estado amigo, desliando assim nossos vinculos mais naturaes, nossa alliança mais vantajosa, pretendendo um engrandecimento tão inutil como impossivel: o governo de Montevidéo punha em acção quantos meios eram conducentes a concitar inimigos á nação, para deixal-a sem auxiliares em seus conflictos, para trazer-lhe uma guerra». [1]

A referencia illumina o scenario com a sufficiente claridade, para que vejamos os que dentro delle preparam um grande lance, mas se houver duvida quanto á presença do presidente oriental, entre esses, aqui trago ante a platéa dos contempladores duvidosos, quem arranca a mascara do talentoso auctor da peça. Antonio Diodoro de Pascual é seu decidido panegyrista, tudo faz para deixal-o com uma apparencia lisongeira aos olhos dos leitores do Uruguay e sympathica, aos dos imperiaes, attraindo os odios destes para Oribe, como protector dos «farrapos», que aquelle desfavorecia.

Pois bem, momento ha na apaixonada narrativa em que o encanto da mesma vence as seducções da parcialidade e confessa o auctor o que os factos lhe revelam, aliaz errando em absoluto, quanto ao governador de Buenos-aires: «Vêr-se-á, diz, que trabalhavam conjuntamente Gonçalves da Silva, Lavalleja, Rozas, Oribe, o proprio Rivera, e outros.» [2] Mas, muito mais expressiva do que a dos «Apuntes», chega outra declaração ao nosso conhecimento, esta, de valor indiscutivel, porque é de individuo que no momento de a escrever protegia clandestinamente a causa de Rivera e mantinha pactos com elle, mais tarde conhecidos. Refiro-me a Bento Manuel, commandante das armas da legalidade, o qual, alludindo ao chefe uruguayo então insurgente, affirma ser elle «bastante conhecido no Brazil», «pelas tramas que ha posto em pratica, para seduzir funccionarios do governo, com o objectivo de separar esta provincia da associação brazileira: tramas que datam desde o anno de 1829», — como antes registrei e convem repetir. [3]

Se Rivera explorava o terreno politico, em a visinha provincia naturalmente se dirigiria ao «intrepido» coronel, «que gosava entre os brazilleiros, desde 1825, muita aura popular», [4] e era um dos mais qualificados representantes da geração liberal que em um rapido momento de unanime accordo se resolvera á grande iniciativa do fim do primeiro Imperio. Como explicar que este, em vez de alliar-se-lhe, transpareça nesta obra como um associado de Lavalleja?

---

[1] Lavalleja, aliaz, accusa Rivera de chimera» que elle proprio alimentava. Não podemos ter duvidas, em face do que consta da cit. carta de Marciano, de dezembro de 1832, a Bento Gonçalves.

[2] Vol. II, 214.

[3] Carta já cit. O documento confirma, quanto aos imperiaes, que no Riogrande, tanto elles, quanto os republicanos, todos desconfiavam profundamente do caracter de Rivera. A peça, a este respeito, é uma das mais probantes.

[4] Pascual, II, 214.

Rasões de ordem moral o explicam. Este guerrilheiro não dispunha da intelligencia, nem da capacidade militar do outro, mas, impunha-se pela nobre linha do seu caracter e acendrado patriotismo, que eleva o proprio apologista do primeiro.[1] Fôra sempre inimigo figadal dos usurpadores de seu paiz, sem lhes fazer opposição e resistencia, que impedisse, depois da campanha libertadora, o estabelecimento de amisades, como a que nunca se alterou, com o grande affeiçoado que tinha em Jaguarão. Naseeu, viveu, desappareceu, com o mesmo feitio: intrepido, honesto, leal, generoso, como um peninsular de boa casa ou como um *hidalgo* de limpida progenie. — mui ancho de si mesmo, sem que o amor proprio significasse mais que um excessivo apreço, explicado e sanccionado pela merecida consideração geral. Aliaz, este defeito, se defeito era, nada tinha de particular á natureza interna do chefe dos 33: occasionava-o o que eu poderia chamar de nivellamento ao alto: as classes «patricias», transferidas ás comarcas americanas, conviveram ahi com as outras, em uma feliz e relativa igualdade, confundindo-se aquellas com estas, e se as primeiras robusteceram o seu sangue, propiciaram ás segundas, muito do que lhes era proprio. Assim, bem que não seja licito repudiar o parecer de auctores de grande tomo, a respeito, por exemplo, do maximo effeito retrogrado que geraram nas massas, os intimos contactos e até a confusão dos europeus com os aborigenes; o que não é possivel desconhecer tambem é uma cousa evidente e assaz lisonjeira. Quero referir-me ao papel seleccionador das pronunciadissimas qualidades affirmativas que opulentavam a nação colonisadora, as quaes muito contribuiram para annullar o citado mau effeito. Se este em certo grau abaixava, aquellas erguiam, de sorte que em meio do passageiro retrocesso, se conservavam as linhas moraes da raça, tão castelhanas, em que o pundonor — qualquer que fôsse a sua concepção — vivamente sobresaía nas creaturas, emprestando ao commum dellas os traços de uma particular e mui accentuada nobreza, por vezes rustica e primitiva, nobreza sempre, comtudo. Desta origem provinha não só o que se tornava bem visivel no aspecto exterior da gente platina, como no de sua natureza interior, *genio* e *nervio* dessas interessantes populações, que as mais terriveis calamidades nunca de todo arruinaram e que figurariam como factores dominantes de seus progressos subsequentes. Taes circumstancias haviam operado em Lavalleja, a mais benefica influencia, casando em harmonioso complexo, a candidez indigena, á forte e honrada fibra do provinciano hespanhol que grangeara muito da fina cavalleirosidade da velha fidalguia, cujas tradições marcavam o perfil do patriota oriental, como de muitos de seus companheiros e iguaes, com um vigoroso sainete de innegavel personalismo, aliaz só na apparencia egoista e nefasto: no fundo, generosa copia de energias moraes de primeira ordem, que, se capazes de erro inintencional, tambem o eram, e sobretudo o eram, dos mais bellos e abnegados

[1] Pascual, II, 199.

rasgos. Achaques, se os tinha, repito, não creio fossem dos que põem sombras inapagaveis na biographia de um homem publico; as que acaso restem sobre a imagem do venerando patriarcha, se bem examinardes, vereis terem sido engendradas, mais pela *superabundantia vitæ* de seus predicados distinctivos, que por imperfeições ou falhas intimas, absolutamente imponderaveis hoje, tanto prepondera na balança da historia, com o benemerito peso de serviços inestimaveis, o de magnificos thesouros pessoaes: a lisura impeccavel de Lavalleja, a sua bondade e generosidade exemplares!

Rivera era um outro cosmos psychologico. [1] Já guerreiro de relevo no periodo artiguista, abandonara o lidador dos orientaes, sem justificar a apostasia, antes redobrando a macula, com o repudio aggressivo da antiga solidadiedade, e o recolhimento de um preço dado á defecção. [2] Ennobrecido pelo Imperio, deserta de novo ás suas bandeiras, para logo depois ter sobre a cabeça a ameaça das penas comminaveis á acções proditorias. [3] Salvo do vexame ou deshonra, por um golpe, de audacia, em que um contemporaneo chega a descobrir o traço do genio, [4] recobra seus direitos de cidade e obtem a supremacia na Republica, em boa parte por sua façanha de Missões, em outra pelos erros politicos de quem mais se lhe oppunha, como tambem por sua famosa habilidade na intriga politica, além de circumstancias que o tornavam sympathico aos proprietarios ruraes. Dotado de uma natureza, senão altruista, avessa á maldade, o ex-brigadeiro de dom Pedro, desde as campanhas de 1811 a 1820 tinha dado apreciaveis provas de aptidão bellica e muita cordura, fugindo a inuteis demasias da gente de guerra, que, por uma vantagem momentanea, sacrifica muitas vezes os interesses permanentes de uma causa. Não só ganhara a fama de ser um «dos mais capazes loco-tenentes» de Artigas, como de ser a sua, «a força mais bem ordenada de quantas sustentaram o partido» do infeliz general, [5] conseguindo Rivera, pelo modo por que se comportava com ella, que os camponezes do interior se pronunciassem com muito elogio a seu respeito. [6]

Todas estas circumstancias restabeleceram a situação do antigo revolucionario, de modo a poder-se dizer que, no inicio da primeira presidencia, constituia, a despeito de tanta volubilidade, uma força de valor politico indiscutivel no Rio da Prata; força que persistiria depois ainda, malgrado o muito que de novo o desluziram

[1] Vicente Lopez, x, cap. 1.º, e iv, 459.

[2] Berra, 499. Vide tambem «Fala de dom Fructuoso Rivera, coronel do regimento de dragões da União, no acto do mesmo regimento acclamar s. m. i., em 17 de outubro, no lugar arroio de la Virgem», transcripta na «Gazeta do Rio», de 28 de dezembro de 1822. Meu archivo.

[3] Vicente Lopez, x, *passim*, Berra, 499, 532, 594, 595. Pelliza, «Historia argentina», 116.

[4] Manuel Antunes da Porciuncula. Apontamentos. Meu archivo.

[5] Saint-Hilaire, 38.

[6] Idem, idem.

seus actos governativos.[1] Não era, entretanto, dessas com que se pudessem fundar combinações seguras,[2] citando-se, á porfia, os exemplos de inconsequencia, ora o de 1820, ora o de 1825, accrescentados aos dous referidos desmaios da lealdade, os outros dous turvos episodios de 1826, que quasi de todo o perderam no conceito do paiz.[3] Depois, não só como homem publico, tinha procedido Rivera de modo a desmerecer da confiança de quantos o tratavam; o cavalheiro por igual compromettia o nome e o credito particulares, com absoluta irreflexão e menospreço dos juizos alheios.[4] O presidente do Riogrande, dizia em 1832 para a Côrte, que o brigadeiro não mostrava nenhum escrupulo em sacar letras contra uma pessoa que mal conhecia...[5]

É verdade que os liberaes do Riogrande tiveram mais tarde graves pactos com elle; mas, em primeiro lugar, foi isto uma imposição de novas condições, para elles, no jogo dos factores que se disputavam a primazia no meio americano; e, em segundo, nas vesperas do levante que effectuaram, o presidente do Uruguay estava longe de constituir a figura que constituiu, pelo apoio indefectivel de um brilhante partido, e até, por multiplos desatinos parecia destinado a perder o que possuia, julgando-se com fundamento que passasse unicamente a ser uma figura secundaria, no taboleiro politico em que aquelles iam ter parte. Só as muitas adversidades transformaram bastante o caudilho, habituando-o a conhecer um pouco mais, não só o valor da constancia nos compromissos, como a nutrir mais clara idéa do papel historico que ainda podia caber-lhe; papel resumido, mais tarde (com os arroubos naturaes em amisade enthusiasta), por um coetaneo de vulto, como sendo aquelle a que lhe davam direito «os gloriosos titulos que o faziam sobresair aos homens da presente epoca», unidos a um «animo generoso, tolerante e bemfazejo», que lhe tinha conquistado a fama de «verdadeiro pai dos orientaes».[6] Foram essas adversidades tambem que

---

[1] Domingos Sarmiento, «Memoria biografica del general Paz», III, 15. Antonio Diaz, III, 186 a 245. As contas da sua administração, prestadas pelo general, constituem um dos mais grotescos episodios da caudilhagem americana.

[2] Berra, 593. Sarmiento, III, 15. Vide, sobretudo, a carta cit. de Bento Manuel a Oribe, de dezembro de 1836.

[3] Berra, 584, 594. Vicente Lopez, X, *passim*. Domingos Sarmiento, «Memoria biografica del general Paz», III, 15.

[4] Berra, Vicente Lopez, Sarmiento, Antonio Diaz, Gabriel A. Pereira, obras cit. *passim*.

[5] Officio de 13 de outubro ao ministro de estranjeiros. Assim ha uns 200 contos na fronteira, diz.

[6] Carta de Domingos de Almeida, de 19 de outubro de 1841, a Rivera. Meu archivo.

Ainda que reconhecendo, neste, a existencia dos maximos defeitos que lhe imputavam seus adversarios, e hei reproduzido com imparcialidade, um *tocaio* daquelle confirma que o general uruguayo de facto mereceu muitos dos principais louvores do patriota riograndense, como confirma al-

revelaram, por completo, os attributos que constituem o talentoso companheiro de Artigas em algo mais do que havia sido: em um typo essencialmente representativo do caudilho, isto é, do general improvisado e improvisador, que funda no emprego de uma tactica e de uma estrategia singulares, o seu systema de guerra; mercê do qual brotam do nada, exercitos que logo se somem, para resurgir ainda, nas alternativas de campanhas porventura julgadas pelos technicos, de uma arte primitiva, — no circulo de cujos successos, todavia, o homem de escola por vezes se perde, muitas outras descobre ensinos, quasi sempre achando algo de miraculoso no que chamarei de capacidade creadora das organisações subitaneas, de duração ephemera, quanto de imprevista efficacia destruidora. [1]

Bento Gonçalves não hesitou. Deu suas preferencias a quem mais garantias lhe proporcionava ao coração, e ao espirito, já de todo entregue á obra revolucionaria, cujos labores iniciaes fixa no mesmo anno de 1832 um documento incontestavel, de procedencia interna e um outro, do mesmo anno, originario do paiz vizinho. Desde ahi o antigo acampamento do Serrito, apagada aldeia, depois villa em 6 de julho da éra que fluia, se tornou o centro da vida politica do Riogrande, até que o coronel, reconhecido chefe dos liberaes da provincia e promotor da transformação que se preparava na sombra dos conciliabulos, passasse a theatro mais vasto.

Nessa hora da vida local, ninguem como elle dispunha da precisa auctoridade, para encetar empreza de tamanha magnitude. Nascido em 1788, de familia abastada, quiz dedicar-se aos estudos; o pai, seguindo a regra portugueza (era do reino), entendeu que o melhor caminho do saber era o sacerdocio. Propoz; não esteve o filho de accordo e ficou em casa, entregue aos livros que o acaso lhe deparava e deviam ser mui raros. Entretanto, ajudado por uma notavel perseverança, a «sua transcendente intelligencia» [2] com facilidade assimilou por si tudo o que ficava ao alcance de pessoaes desvelos; sobresaindo de taes leituras, muito do que se reporta aos velhos annaes, que profundamente o attraíam, com especialidade as paginas relativas aos grandes homens, que versava cheio de interesse, como a sympathica e infortunada madame Roland: [3] certo, estimulo de um e de outra, nas preclaras acções, que praticaram.

---

guns antes registrados. «O que lhe faz alta honra (escreve Domingos Sarmiento), é sua clemencia com os vencidos, sua generosidade com seus inimigos. Por mais que estes o hajam provocado com actos de crueldade e barbarie, não ha desmentido essas inclinações de humanidade, que o distinguiram entre os tenentes de Artigas». Vide «Memoria biografica del general Paz», III, 15.

[1] O de que falo, segundo auctorisado juizo (Sarmiento, obra cit., III, 15), não dispunha de capacidade para dirigir grandes forças, mas deu mostras de que a tinha, para mover pequenas fracções; o que o elevou ao renome, diz Antonio Diaz, de «*el primer caudillo montonero de la Republica*» (III, 322).

[2] Almeida, «Necrologio de Bento Gonçalves». Meu archivo.

[3] «Memorias», I, 20.

Tamanha impressão produziram no animo vibratil, enthusiasta, ardente, do mancebo, que nunca mais se lhe dissiparam da mente, bordadas destas reminiscencias as suas palestras ou aproveitadas as mesmas para o exemplo, discretamente opportuno. [1] Effeito de espontaneo estudo ou do natural talento, menos se distinguia a sua expressão por semelhantes illustrações, aliaz novidades para a escassa cultura coeva; do que por attractivos de fluencia, vivacidade e doçura, repontada a ultima, ás vezes, pelo sal do commentario, que mais tinha de brinco do que de satyra, a ornamentar a animada conversa, que se centralisava em torno do personagem, onde apparecia. [2]

É o trato em que se mesclam a amenidade e a agudeza, de conhecida seducção. Ao dêste, que era de captivante sympathia, sobredouravam favores da natureza e meritos da arte, para a formação de uma individualidade brilhante e dominadora. Traços physionomicos invulgares, bella estatura, de molde militar; attitude galharda, airoso ademan em todos os movimentos dos musculos, rijos e elasticos, que firmaram a sua absoluta primazia no jogo de todas as armas, em que era mestre consummado, como em todos os desportes camponios: Garibaldi menciona o que era na arte em que sobresae a gente valida das *steppes* da Russia e de terras analogas da America. «Bento Gonçalves, cavalleiro errante do cyclo de Carlos Magno, irmão pela alma dos Oliveiros e Rolandos, vigoroso, leal, agil como elles; (diz) era um verdadeiro centauro, manejando um cavallo como eu nunca vi ser manejado, senão por outro gaucho riograndense, o general Netto, o mais completo modelo de cavalleiro que observei em toda a minha vida».

Com isto, o accesso liberal, franco, bondoso, que o tornava apto á vantajosa frequencia dos salões e lhe suavisava nos acampamentos a continencia marcial, facilitando a desembaraçada familiaridade da gente do povo, que o adorava, com o bizarro guerreiro. Em resumo, a belleza suprema, que na Pampa obtinha as honras do culto universal, erguidos os mais solidos altares de sincera, ardorosa, apaixonada idolatria, quando florescente de envolta com tantos outros dotes: o temperamento indomavel e a bravura em grau heroico, que eram os traços distinctivos dos semi-deuses do olympo gaucho!

Colorido narrador de feitos alheios, no circulo das «estancias», tambem já grangeara a gloria de muitos, para lustre da historia provinciana, o que o fizera o mimo dos seus contemporaneos. Quando nas perennes excursões da fronteira, o camarada levantava a barraca, sem demora acudiam os visinhos do pouso, mui pressurosos de vêl-o e ouvil-o, e logo depois os amigos, de leguas em

[1] Idem, idem.

[2] Dizem-me existir uma collecção de sonetos de Bento Gonçalves. Conheço apenas uns versos ligeiros, improviso de sainete jocoso, provocado pela situação pouco lisonjeira em que era visto perto de um general, certo cirurgião Duarte, conhecido pelo cognome de dr. Gaiola.

redondeza, que o sabiam perto, ensilhavam os «pingos» de estimação, tirados das despensas os «arreios de prata», para accorrerem á sua presença, — certos, os primeiros, da affavel acolhida, quanto, os segundos, da grata cordialidade daquella alma aberta e festiva. Estendidas no terreno as alfaias camponias, os xaireis bordados e os macios «coxinilhos», para os mais graduados, emquanto a «peonada», mais distante se sentava, sobre a alfombra verde da planicie; exercia Bento Gonçalves os deveres da hospitalidade, como um chefe do deserto. Ameno e urbano, a ninguem esquecia nas attenções, indistinctamente distribuidas, o que explica amores humildes, que nunca o abandonaram, nem lhe foram infidos: Antonio Ribeiro, cujos labios no entardecer de 19 de setembro de 1835 vibraram no metal o primeiro toque de reunir da Revolução, seguiu-o como uma sombra, e manteve-se em guarda a seus restos na fazenda do Crystal, onde após conviveram os de ambos, por algum tempo ainda.[1] Até o ultimo quartel do seculo em que repercutira a fama do paladino da liberdade, duas gerações puderam admirar, ali — em veneravel typo de mestiço que reunia os melhores attributos moraes de duas raças — o fiel pagem e corneta-mór do antigo presidente da Republica![2]

A narrativa é por excellencia a literatura vulgar. Sofregas pela audição dos contos se mostram as crianças; morrem por elles os povos que conservam a ingenuidade da infancia. O nosso tinha embellezos de acendrado amor, quando escutava os mais predilectos, os do periodo guerreiro, a epopéa a que os prendia uma orgulhosa tradição familiar; a que iam ter quasi todas as palestras, depois de gasto o assumpto da industria dominante, e o das raras noticias correntes. Arrastado pelo geral pendor, o dilecto das multidões entretinha-as com essas gloriosas historias: se fugia ao que mais saboreavam, para não descair em quadros dentro dos quaes já em modesto perfil se desenhavam os contornos do mais querido heróe popular, infundia-lhes goso parecido, com a menção de outros, de remota idade. O silencio mantinha-se nos labios, quebrado unicamente pelo passe cauteloso das «cuias», em ondas de fumo, com o «chimarrão» fervente, ou pelo som metalico dos freios, que os cavallos, em circulo, ora mastigavam em bufos de ancia pela querença, ora deixavam pender immoveis, como se a narrativa acabasse por envolvel-os no encanto suggestivo, da assembléa semi-paralysada.

Roma nascente num estreito ambito que o braço latino alarga tenaz, com a ponta dos gladios, tangidos por braços de bronze, ou

---

[1] Hoje os do general se acham depositados, na cidade do Riogrande, sob sua estatua, que devemos a benemeritos esforços de Alfredo Rodrigues.

[2] Para julgar-se da exactidão deste retrato, comparai-o com o que traçou Garibaldi na velhice, em suas «Memorie autobiografiche», 36, pagina em que completa o esboço existente nas anteriores «Memorias», que ditara a A. Dumas, e de que uma parte figura para traz.

Antonio Ribeiro

O corneta-mór

Pag. 276

salva de naufragio a arca dos penates sobre os escudos invenciveis, que nenhuma calamidade submergia de todo: era espectaculo que sobremodo interessava aos gauchos, ainda que lhes não causasse grande surpreza, porque algo de parecido encontravam nos dias faustos e infaustos da Colonia, [1] e ainda mais nos embates, tão varios! de aquem da raia. A miniatura caseira, á guiza das egides de Homero, descobria a olhos desvanecidos, os paineis multiplos de historia ainda palpitante, cujas proezas em nada reputavam inferiores, ao que ouviam; pois o Riogrande era, em muito, como a cidade eterna, a Terra-mater, ao mesmo tempo genetriz e filha, de seus filhos. O que os fascinava era quando o discurso, certo insinuando lições, deixava o Lacio e passava á Grecia, onde aliaz encontravel tanto do que nos pertence, na variada formosura da gleba, nas finas tintas do azul, nos risos que Apollo expande pelos ares, namorado elle proprio da zona cujas socegadas aguas espelham e reflectem para as costas, em cambiantes do iris, as ondas de sua fulva cabelleira de chammas. Ahi, nesse glorioso ambiente, deparavam-se-lhes os marcos assignaladores de victorias mais ambicionaveis, quando com a fala evocativa, se entranhava a mente no dedalo das ruas, que iam ter aos ágoras frementes; ou numa volta das estradas da Attica fulgente ou da Laconia severa, topava com as hermas dos varões emancipadores das cidades, pullulantes de vida, opulencia, lustre e jubilo, porque livres: minuto esse, em que os olhos, num volver, entre inquiridores e meditativos, desfitavam o auctor dos abalos que sentiam, correndo á ponta da lança cravada na porta da barraca, onde uma bandeirola de commando, solta ao vento, como que se desdobrava em mysteriosas promessas, — de entre as quaes, num breve recolhimento da assistencia, se destacava a figura que tinham por predestinada ao benemerito papel dos que haviam quebrado as cadeias hellenicas!...

Feitas as primeiras armas como official inferior de auxiliares, na guerra chamada de dom Diogo, [2] Bento Gonçalves motu-proprio abandonou as fileiras e se recolheu ao departamento de Serro-largo, [3] onde se uniu a uma distincta joven uruguaya. Pouco se demorou nos arraiaes; o sufficiente, entretanto, para poder meditar com proveito, no que vira e observara...

> Não se aprende, senhor, na fantasia,
> se não vendo, tratando, e pelejando.

...O sufficiente para conseguir uma rapida iniciação, pois já na seguinte guerra, a ex-praça graduada combate sob seu unico e absoluto alvedrio: toma pulso ás responsabilidades; experimenta as sensações de mais ampla existencia, em que se dilata a sua, confundida com a de outros, no harmonioso conjunto de uma

---

[1] A do Sacramento.

[2] A de 1811. Domingos de Almeida, cit. «Necrologio».

[3] Rodrigo Pontes, «Memoria».

perfeita unidade militar. E o seu lance de ensaio, como o do Cid corneliano, foi esse golpe de mestre, relatado em outro volume, que o poz na admiração dos compatricios. «De todos os angulos da provincia correram os homens a reunir-se-lhe», conta-nos um grave biographo. [1] o que firmou os primitivos fundamentos de um prestigio, que subiu a nivel superior de anno a anno.

Aquelles que em torno delle amorosos o contemplavam, em ligeiro retrospecto, com orgulho bairrista reviam a passagem do simples chefe de guerrilha de irregulares, para o exercito nacional, galgando um posto honroso, com a preterição da rotina da escala de promoções; cingida assim, em virtude de «provas de valor e lealdade», [2] a banda encarnada, e posto o esmalte das divisas de capitão de 1.ª linha, nos desornados canhões de sua fardeta miliciana. Recordavam o regresso á «estancia», para reconstituir os cabedaes estragados pela violencia da terrivel contenda, já conquistada a graduação de major, com a «defeza da fronteira do Riogrande», de onde, «com resumido numero de denodados riograndenses, esse homem singular se internava trinta, quarenta leguas pelo paiz inimigo, a bater e destroçar differentes forças», «arrebatando sempre grandes porções de cavallos para remonta» da gente «do seu commando e do exercito». [3] Repassavam na memoria «os serviços á independencia», na «talvez mais penosa lucta» até «então, ao sul do Imperio», lucta em que prestou «relevantissimo» concurso, «occupando os pontos mais importantes e perigosos, com a habitual intrepidez, e tino, não vulgar», [4] — o que lhe valera a promoção a tenente-coronel. O merito raro capta premios na medida de uma exacta compensação ao que produz (pensavam), mas, o deste benemerito se impunha e se impoz. Se lhe faltara outra, fizera elle a sua escola; o modesto furriel de auxiliares do anno 11, entrava poucos semestres depois, em competencia com os veteranos da severa gerarchia militar coeva, e obtinha accesso a coronel de estado-maior do exercito, no dia em que este amargava um serio desastre, de profundas consequencias historicas: o de 12 de outubro de 1825, — desconcerto que fôra o que sabemos, por não serem attendidos os avisos de sua reputada prudencia, ainda desou vida a 20 de fevereiro e 27 de abril de 1827.

Aquelles que ali na barraca embevecidos o contemplavam, tinham presente as bem combinadas traças, mercê das quaes se pudera ter mudado a face de uma campanha sem lustre para as armas do Brazil, em que aliaz as do bravo coronel conseguiam distinguir-se, firmando a auctoridade do futuro caudilho, de maneira decisiva, na opinião da provincia. Sabiam quanto mantinha os olhos fitos nelle, desde que, ganhando-lhe os corações, se fixaram nos papeis officiais, as notas relativas á firmeza exemplarissima e

[1] Domingos de Almeida.

[2] Ordem do dia de 22 de setembro de 1817, do marquez de Alegrete.

[3] Almeida, cit. «Necrologio».

[4] Idem, idem.

fulminante resultado de seus golpes anteriores, em «notaveis feitos de armas», «rasgos de brio, de valor, e de patriotismo, com que á porfia realçava» as nossas bandeiras, «em gloriosos successos»; [1] — papeis estes, que depois registravam o «brilho» de sua contribuição, [2] para o salvamento da honra do exercito no campo de batalha do passo do Rosario. [3] Reviam com as vistas dalma, ainda mais commovidos, o que viciadas, parciais, interesseiras peças não gravavam: que era o desprendimento com que, annos antes, se esqueceu da preservação de outros seus haveres que a vingança podia anniquilar, voando á fronteira depois do saque do commercio que tinha em Serrolargo, para a preservação do solo da Patria: o desprendimento com que na hora tragica de uma retirada aziaga multiplicara fadigas e correra todos os riscos, no amparo dos compatricios dispersos e escudo de forças pessimamente dirigidas e estupidamente sacrificadas; benemeritos serviços que decantou um solau gaucho, celebrisado na poesia das turbas o que por vozes unanimes publicava e republicava o reconhecimento geral:

O heroe Bento Gonçalves,
Foi a nossa salvação! [4]

Admirado, querido, objecto da confiança publica, fez-se o que podia ser e o que todos anhelavam que fosse: o interprete das aspirações collectivas e inilludivelmente se lhe deve a idéa da operação que transformaria o calor latente, na communidade, em vasto incendio que por completo a abrazaria.

Ninguem discute o papel primacial que nella teve; surgem,

---

[1] Ordem do dia de 29 de julho de 1819, do brigadeiro Felix de Mattos.

[2] Barbacena, officio de 25 de fevereiro.

[3] Barbacena na primeira parte que deu ao governo a respeito da acção, qualificou de «bizarra» a conducta do regimento de Lunarejos, e de uma parte da brigada ligeira, do comando de Bento Gonçalves, sendo estas as unicas forças que mencionou no citado papel, antes que começasse o fabrico das peças que, excitados os appetites, são de uso nos quarteis-generaes, a influxo de interesses nem sempre confessaveis. (Vide Titara, 126).

[4] Composição do bravissimo David Francisco Pereira, que morreu depois no posto de major, combatendo o estandarte politico do proprio heroe cujo nome exaltavam seus versos. Este precioso subsidio historico foi salvo do olvido, pela «Gazeta de Portoalegre», de Koseritz, e mais tarde transcripto no «Ensaio sobre os costumes do Riogrande do sul», de Cesimbra Jacques, em que pode ser lido na integra, á pag. 152.

No «Diario de Portoalegre», de 23 de julho de 1827, occorrem tambem outros versos, celebrando «as heroicas acções de um tal guerreiro».

Reconhecimento expressivo tambem o governo lhe o manifestou diversas vezes, sendo Bento Gonçalves condecorado com as medalhas das campanhas de 1815, 1816, 1817, e da independencia. Tambem era cavalleiro da ordem de Christo, cuja insignia se acha em poder do auctor, e da ordem do Cruzeiro, bem como tinha as commendas de uma e de outra. — Notas biographicas, por Joaquim Gonçalves da Silva. Meu archivo.

apenas, aqui, acolá, algumas duvidas, quanto á espontaneidade de sua iniciativa, que, para alguns recebeu estimulos de Lavalleja, para outros recebeu-os de Buenos-aires, de onde, segundo assoalham, partiu a scentelha que accendeu uma nobre ambição na alma energica do amigo indefectivel do general uruguayo.

Já examinei com alguma demora a primeira these. Farei o mesmo quanto á outra. Provocada pela esturdio plano de Rivadavia, se reabrira na Argentina a triste éra da lucta intestina, que proseguiu violenta no decurso da guerra internacional. Impotente, conscio de seu naufragio, o illustre patriota desceu para sempre, em 1826, as escadas do poder, a que subira, em tão má hora, com o emprego de meios que de todo o impopularisariam [1] e por muitos annos ao nobre partido a que pertenceu. [2] Com a sua renuncia, ruiu o edificio artificial que fizera erigir, inopportunamente perturbando uma evolução que deixada a si mesma, assentaria em melhores bases a unidade nacional; demonstrada cabalmente com essa infeliz e inepta experimentação historica, que a força centripeta destinada ao contrabalanço da vigorosissima tendencia seccionista, não só era de prematuro emprego, como de todo em todo não podia ser a que conceberam esse e outros conspicuos representantes da mais fina cultura do paiz. Só uma cauta reserva, uma quasi transacção temporaria, do governo livre de Buenos-aires com os reisotes provinciaes, poderia manter a paz, aproveitando aquelle, ou as lentas infiltrações do liberalismo nos feudos do interior ou boas opportunidades vindouras, para modificar uma situação interna que, por emquanto, mui longe de se lhes pôr de viez, se ajustava estrictamente nas mais que patentes linhas da ordem natural das cousas do Prata. Quando sóem ser, como era a de que trato, irracionalissimo é o propinamento de remedios innocuos, qual o de reformas legislativas inadequadas aos costumes ou repellidas em absoluto pela consciencia publica. Que outro plano impunham as circumstancias e que o impeto dos acontecimentos guiava a outro rumo, temol-o assaz comprovado em uma terribilissima fatalidade: a de preponderar como um soberano asiatico, individuo de nascente prestigio, em arena dentro da qual se salientavam uma numerosa copia de reputadas personalidades, brilhantes no exercicio das armas, das letras, e na tradição politica, que illustraram sobremaneira os fastos platinos, pelo começo do seculo XIX. Com decretos de um congresso de ascendente mais nominal que effectivo, não é que se poderiam annullar o conjunto de forças que contribuiram para imprimir no impreciso perfil de um provinciano, um realce assecuratorio de romano primaciado, se a energia logica de sua attitude não concorresse para impôl-o, mil vezes mais do que

[1] José Maria Ramos Mejia, «Rosas y su tiempo», I, 186.
[2] Vicente Lopez, X, cap. 2.

as qualidades entrevistas por Darwin e que o fizeram capitular a Rozas de homem verdadeiramente extraordinario.[1]

Os termos do problema estavam claros. Era preciso vencer os excessos do movimento centrifugo, sem o recurso de meios que poderiam salvar, mas poderiam comprometter para sempre a existencia, em um todo organico, das varias circumscripções do velho vice-reinado. Impossivel, como tinha mostrado o ensaio de Rivadavia, impossivel o ascendente da capital com o desthronamento dos caudilhos mediterraneos e littoraes; tudo indicava a conveniencia de estabelecel-o de maneira toleravel por estes —, afim de que, com os progressos da cultura e os reflexos de um exemplo que havia de fructificar, as proprias populações tendessem a libertar-se e então sería de azo a interferencia benefica do centro. Na hora em que a tentaram alguns sonhadores do partido unitario, impondo seu criterio á parte ajuizada dos correligionarios,[2] era uma louca utopia, de que entretanto se mostravam embellezados quasi tres decadas depois, sustentando em 1846, pela bocca de Florencio Varela, que a solução politica definitiva e urgente era a de vinte annos antes!

Melhor do que uma pleiade de intelligencias privilegiadas sabia qual era o espirito pratico do sagaz e expertissimo sujeito que o naturalista da «Origem das especies» conheceu nos desertos do sul, onde a apparente calma do tigre no juncal do Colorado, não illudiu ao philosopho; pois consta de notas de sua viagem, quão certo ficou de que do seu calculado retiro predispunha as cousas para a volta proxima ao governo, como seguro se mostra de que havia de conseguil-o, colhendo de um salto a inerme e vasta presa: a soberania de uma nação, por mais de tres compridos lustros![3]

Não se enganou Darwin. Os unicos embaídos foram os que imaginaram possivel impôr novos diques ao rio depois de transbordado, pelo erro de tocar-lhe nos antigos uma impraticavel engenharia politica. Para navegar naquella enchente de mil incertos redemoinhos mister haver adquirido a sciencia de os evitar e não na conhecia o idealismo doutrinario que esterilisava os esforços dos inimigos de então e dos inimigos de depois, do futuro dictador. «*La fuerza de las cosas no dá tiempo*»,[4] firmava Rivadavia em mensagem das primeiras horas de sua presidencia, mal sabendo que assignalava o curto papel que teria ella e os irremediaveis embaraços que a transformariam em uma fugaz «aventura». Tal imperio mostravam, que o proprio Rozas se lhe submettia, quando bem se adivinha ambicionara mais que ninguem, o predominio do centro urbano, que ia absorver, sobre as zonas indomadas, de cujas brenhas podiam surgir perigosos competidores, como quasi propiciaram um, ao paiz, na tragica personalidade de Quiroga. Que pudera construir de solido e duradouro um pugillo de homens de

[1] Cit. «Viagem», 210.
[2] Vicente Lopez, IX, cap. 9.
[3] Cit. «Viagem».
[4] Vicente Lopez, IX, 481.

penna e de palavra, sem o apoio de um exercito e de ũa armada efficazes, quando para subir e impôr-se, dobrava-se ante circumstancias por outro modo invenciveis, o neroneano «estancieiro», dotado de um temperamento de ferro, que esfarelaria, a golpes da pesada catapulta de seu braço, todos os obstaculos reduziveis pelo esforço da vontade humana?!

Não foi este o exclusivo cabedal proprio que lhe preparou o caminho aos maiores triumphos, cumpre dizer. Rozas possuiu em grau subido o aspecto principesco, que havia de tornal-o uma figura imponente nos circulos do arrogante patriciado da aristocratica Buenos-aires, e que nos albores de sua vida politica já impressionava no solto garbo do incipiente cabecilha, nunca excluida nelle a precisa tonalidade auctoritaria, no familiar convivio dos campos e herdades: a attitude hieratica em que se compraz uma indole despotica e que gelava o explendor da sua formosura, e a franca despretenção do gaucho, — de quem reuniu a prodigiosa agilidade, as maneiras, iguaes na singelez ás da plebe mais vulgar. Possuia a apparencia agreste da onça-pintada, terror dos novilhotes desgarrados, espanto da chaneza nas rumorosas noutes de amor bestial, em que os carinhos da garra abrem lanhos, os accentos de afago se traduzem em rugidos de magno estrondo: e possuia a doçura suave do felino, que se insinua uma e muitas vezes por sob os dedos que acaso lhe alisaram o velludo do flexuoso dorso, brando e morbido: que retribue depois a festa, com o brinco da patasinha, sob cujo velo arminoso ninguem diria se esconde a recurva unha venenosa! Com estas vantagens desniveladoras, ao mesmo tempo democratisantes — superiores condições de exito no seu meio —, era o individuo «mais perspicaz que viu este seculo na terra argentina», [1] diz um prevenido historiador, o qual, ainda que o aborrecesse, não lhe negava a posse do necessario «estofo para constituir, senão um estadista sabio e intelligente, ao menos um chefe moderado e forte», [2] se as circumstancias não houvessem destruido os freios que puderam ter contido os phenomenaes instinctos desse aborto teratologico.

Pois bem, fadado á maravilha para a supremacia naquella hora do mundo ibero-colombiano, houvera tombado e succumbido ainda mais ruidosamente do que Rivadavia, se as suas concepções governativas coincidissem com as do mallogrado presidente: triumphou, porque solviam de modo pratico a equação politica do tempo, quadrando em tudo ás circumstancias. Estas o geravam e não elle a ellas: eis toda sua historia, em oito palavras, que condensam agonias de quasi um quarto de seculo!

As coleras muito justas dos liberaes se hão voltado exclusivamente contra o furioso despota, quando se deveram repartir as responsabilidades do tremendo desastre nacional, entre o impassivel jogador, que movia os dados em Palermo, com uma perfeita sciencia do taboleiro; e os factores alheios á sua pessoa (indivi-

---

[1] Pascual, II, 185.
[2] Idem, II, 182.

duaes uns, sociaes outros), de uma fortuna politica em que tristemente se notabilisou por inuteis crueldades, grotescas e negrissimas praticas: pela fria, hedionda carnificina que promoveu, e devastações moraes e materiaes de que é auctor consciente e réu ante a posteridade horrorisada. Digam o que disserem, comtudo, os declamadores, o auctor dessa tyrannia é a expressão logica do periodo. Distincto e laborioso panegyrista deu a seu lavor literario o sub-titulo «Rozas y su epoca»: melhor lhe quadrava «La epoca de Rozas», por ficar assim patente que não foi este o creador e sim a creatura do periodo historico em que surgiu: que não fez só por si o que é obra, não de homens, de circumstancias, regidas por leis naturaes, a que se acham submettidos, elles e as sociedades. Semelhante poder nunca houvera tido Rozas, certifica-nos a philosophia moderna com o claro ensino de que as modificações quaesquer da ordem universal se limitam á intensidade dos phenomenos, cujo arranjo permanece inalteravel.[1] Não percebia talvez todo o peso desta lei; mostrava, porém, adivinhar-lhe os effeitos na ordem collectiva, muito antes das generalisações ultimas de Augusto Comte, um eminente espirito do nosso paiz, que assim distinguiu o que havia de fatal, do que havia de accidental ou voluntario nos successos de 1822. Caravellas observa ao conde do Rio Maior, que «a independencia politica do Brazil *é o voto geral de todos os seus habitantes;* que a proclamação della *fôra effeito do estado de virilidade em que se achavam estes povos,* unicos do novo mundo que ainda jaziam dependentes do antigo; *que a propria consciencia das suas faculdades, progresso, e recursos motivara sua emancipação; sem que jamais se deva presumir (accrescenta) que a revolução de Portugal, as injustiças de suas côrtes, ou outros quaesquer eventos de condição precaria,* pudessem ser mais que CAUSAS OCCASIONAES DE ACCELERAÇÃO *deste natural acontecimento*».[2] Eis o criterio, exactamente o criterio com que cumpre examinar o caso das provincias unidas do Rio da Prata, quero dizer, sem o minimo desconhecimento do que pessoalmente devem nos males do tempo á intervenção pessoal de Rozas, mas tambem sem o minimo exagero nas responsabilidades que lhe incumbem. Impossivel admittir, em face da sciencia, que o papel desse individuo fôsse o que inculcaram e inculcam alguns: nada mais fez que apressar em favor proprio, o que sem o seu ascendente nos negocios publicos se teria effectuado com outro, por exemplo, com o astuto general Bustos ou o calculista Estanislau Lopez. O *Fatum* do tablado grego não é para nós apenas uma reminiscencia tragica; é figura obrigada no drama que representam os povos, e não sómente tem parte activa: prepondera no enredo, origem e desenvolvimento das si-

[1] Laffitte, «Philosiphie première», I, 112.

[2] Pereira da Silva, «Historia da fundação do Imperio brazileiro», VII, 182.

Convem notar de passagem quanto a douta opinião do ministro de Pedro I reforça a theoria do livro, mostrando o secundarissimo e quasi nullo papel do soberano, em acontecimento de que mui graciosamente se lhe dá a paternidade. E assim anda feita a historia!...

tuações dos actores. Para continuar com o simile, direi ainda, que os ultimos, os sobreditos actores, interpretam a acção da peça em cujo desempenho tomam parte, de accordo com as variantes suggeridas pelo talento de cada um, sem comtudo violarem o que ha de fundamental no pensamento já prefixado na composição. *Mutatis mutandis*, é o que no theatro da historia se tem verificado e se verifica: a unica differença, real, é que o personagem, aqui, não é unicamente um livre definidor do que a natureza das cousas preestabelece como regra: elle é actor e tambem auctor, porquanto, ainda que em diminuta escala, lhe não é de todo vedado modificar a ordem existente.

A que dominava na Argentina, em 1829, se em absoluto não requeria, entranhava um dictador. *Abyssus abyssum!* pode-se affirmar até que, os passos que deu Rozas, capazes de o distanciarem do mando, impelliam-no para elle. A negra tarantula na teia recondita estava segura de lhe não escapar o que ambicionava: usou da renuncia com perigoso excesso e o que noutro caso abriria a porta de saída para o ostracismo, no caso vertente lhe escancarou a entrada para a ampla *suma del poder*, omnimodo, incontrastavel! Um episodio desvela a força que tinha o Destino.

Incapaz de disputar a primazia nos campos de batalha, Rozas projecta uma campanha sobre os indios, para ter uma gloria, exclusivamente sua, a oppôr á dos veteranos da independencia ou aos guerrilheiros da lucta civil, cujos louros se não fulguravam com a luz pura daquelles, eram a viril demonstração, em muitos encontros, do tino, do valor, de conhecidas abnegações. A idéa, mesquinha em si, na terra illustrada, hontem, pelo gladio libertador de San Martin, pelo glorioso esforço de Belgrano, pela «montonera» genial de Güemes, ou, a esse tempo, pela bravura de um Las Heras, intrepidez de La Madrid, furia de Quiroga, fogosa capacidade de Dorrego, tranquilla competencia de Paz: a idéa mesquinha, por ser uma empreza contra inimigo mui diverso do que affrontaram os nomeados heroes, com armas iguaes e por vezes inferiores: miserrima, até, porque os recursos da machina de combate que se vulgarisara entre a gente mais culta, se empregavam contra os de indiada «bagual», — desprovista de efficazes meios defensivos ou offensivos e escassa como unidade guerreira. O *pendant*, em summa, da campanha luso-castelhana contra os missioneiros, á qual José Basilio da Gama lisonjeiro guindou á altura da epopéa, com escandaloso favor... [1]

Só um grupo havia, mais solidario e preparado para a resistencia, a tribu dos borogas, ou mborogas, como se expressava dom Antonino Reyes, que os estudou de perto. Rozas, precisando adiantar-se livremente até os confins da Patagonia incognita, para os alvos theatraes collimados; usou de maranha digna de si. O astuto Bonaparte federal [2] não quiz compromelter o exito completo

[1] Vide o poema «Uruguay», dedicado a Gomes Freire.

[2] Este, como o outro, juntou ao militar, o scientifico: levou comsigo os especialistas que teve á mão, e os letrados, para a apologia.

da expedição, antes da entrada no famoso deserto, de «infinitos indios».[1] Desistiu, prudente, da gloria de cruzar por cima destes outros mamelucos, para attingir o seu objectivo: tratou com elles, deu-lhes refens, conseguindo assim o desembaraço do caminho, no passeio triumphal.[2] Na volta, como opportuno (sua força, quasi duas vezes superior á dos «salvajes»), de um golpe anniquilou os ingenuos *borogas*, patente no episodio que, se falleciam no seu emulo os talentos militares do conquistador do Egypto, não o superava o corso, nas trêtas do negociador.

Aliaz este o traço dominante do genio que lhe attribuiram. Emquanto os fieis cabos que agiam por conta propria, buscavam, á força de armas, a solução para os casos politicos; esta incarnação do genio do mal entretinha correspondencias, ganhava animos, para allianças ou, com os opportunos pactos, quebrava resistencias teimosas: vencia, sem nunca batalhar em pessoa!

Mas, o facto que culmina no instante historico a que me refiro, é que no concerto da farça representada nas pampas meridionaes, o entrecho e a execução predispunham a uma cousa e produziram outra: era para despenhar em universal ridiculo o fantastico e imaginoso cabo de guerra e... garantiu-lhe a cubiçada celebridade! Conquistador foi, o obscuro cabecilha; a despeito de tudo, teve para a chronica os fóros da realidade, o que só não tinha de mentira, o titulo de honra dado ao feliz Rozas: «Heroe do deserto», — porque domara amplidões, a bem dizer vazias!...[3]

Tinha que ser assim; estava no complexo das cousas. Sem cingir a espada em vero campo de guerra, foi sobreposto aos que nelles se tinham feito; sem ter titulos para recolher o bastão dos vice-reis, dispoz de mais imperio do que todos elles juntos e transmittiria em herança á filha, se quizesse, um principado cubiçadissimo:[4] pondo ás plantas uma joven e «infeliz nação, berço de tantos heroes americanos»,[5] regeu os seus dominios por mais tempo do que o

---

[1] Carta de Rozas, em Saldias, II, 140.

[2] Isto, que é a pura verdade, confessa ainda que não claramente, o ultimo panegyrista de Rozas. Vol. II, 146.

[3] O auctor da citada historia apologetica estampa que a expedição de Rozas acabou com 10.000 indios. Não ponho em duvida o sincero escrupulo com que o numero foi apurado. Como se trata de informes que estão sujeitos a vario apreço, sigo com elles, a boa regra hespanhola, só e só admittindo, *en la verdad, la mitad, de la mitad*. Garanto, á fé de cavalheiro, que o secretario do general, quando frente a mim discorria sobre «*la poderosa nacion mboroga*», era como quem falava da que mais o era, na região. Ora, Saldias, volume II, pagina 170, escreve que essa montava á «cerca de 1.000 individuos» e... paginas adiante (a 183), em diverso contexto, deixa escapar o *grafico* e intimo parecer, da pena favorecedora: «*Batida general de los desiertos*», chama á proeza. Sim, batida, *caccia clamorosa*, caçada gigantesca: mais nada!

[4] Vide Saldias.

[5] Carta de Domingos de Almeida a Bustamante, ministro de Rivera, de 21 de outubro de 1841. Meu archivo.

soberano escolhido para modelo em 1829 e dormiu nas Tulherias de Palermo até a alvorada de Caseros, depois de assistir ás honras divinas que tributaram a dona Encarnacion Escurra, ás homenagens reaes que diariamente circumdavam a Manuelita, filha de ambos... Depois dos maximos triumphos e satisfações, emquanto a flor da nacionalidade devorava em lagrimas o amargo pão do desterro ou em sublimes lances impavida se batia até morrer, alvejantes os campos da patria, com os ossos dos liberaes, indicando, aos que entravam nas fileiras, o itinerario das gloriosas marchas e contra-marchas, e do cerco de fogo que uma valida geração mantinha imperterrita em torno do castello do despotismo, — invencido, quanto combatido!

Tinha que tombar um dia, mas, tombou unicamente quando se mudaram os rumos collectivos: ao ser logica a sua queda, como havia sido a sua exaltação. A apotheose do vicio assignala que deixou de existir, ou, melhor, que vai ser enterrado, numa grande transformação social. O que encarnou em Rozas, resumo de todos os de um periodo historico, foi canonisado, de facto, pela igreja, canonisado como um santo, na ultima hora da ignominia publica: ao pé de Christo, sobre os altares, a imagem do homem que era a personificação viva da *Mazhorca* e deificado o impio carrasco de Camillo O'Gorman!... Não tardou, comtudo, a hora de seu desapparecimento e da expiação de tamanhos crimes; o colosso que desafiara o poder da França, Inglaterra, Uruguay, Bolivia e do littoral insurrecto, ruiu a 3 de fevereiro de 1852, antes ao peso do proprio desaprumo em que já se achava, do que pelo embate do exercito dos tres povos colligados, — livre assim a America, para sempre, de tamanha monstruosidade.

A que existiu até a data mencionada, já o disse, corresponde mais á expressão moral e politica de uma epoca, que a um temperamento particular, o temperamento de quem lhe deu o nome; o que não significa, de modo algum, que se não meça em seu justo valor quanto cooperaram as qualidades pessoaes do *representative man*, para que fosse o que foi e para que nella vingasse o que vingou. Ao contrario, e antes de proseguir no exame que praticava, aqui registro uma anecdota caracteristica, a qual esclarece uma e outra cousa, melhor que um longo e inauctorisado discurso.

Rozas, viuvo e só, mostra-se insensivel: é com o olhar do desdem, que mira as graças feminis que o cercam. Uma noute, entretanto, eis que o avistam, na sombra, fugitivo: adiante delle, cruzando, um vulto de mulher... Distingue o potentado, com seus mimos, a quem? A joven serva da finada esposa!

Attonito, camarada fiel representa quanto lhe parece inexplicavel a extravagancia, o modesto nivel da escolhida, a sem-rasão do mysterio, em quem podia atirar o lenço, para que dez, vinte ou cem pequeninas mãos o disputassem. Rozas, no jovial resabio do secreto amor, que ainda libava, descerrou-se expansivo ao amigo e casual testimunha de uma fraqueza do semi-deus «federal»; abriu os recessos da alma eternamente retraída, dando a lêr os mais

reconditos arcanos, ao ser colhido imprevisto na amena travessura: «*Otra quisiera mandar; esta no me domina!*». [1]

A feição propria do originalissimo caracter desse governante, que escandalisa a historia, com os profundos pavores e acres jubilos que semeia pela Argentina, em o segundo quartel do seculo XIX; eil-a inteira no desenho que tracei: ahi o tendes na sua occulta existencia, — tanto no lance obscuro da vida particular fuzila um reflexo da chama intima que animava a vida publica do «grande americano!» [2] Compleição que tudo subordina á idéa que o absorve, ou succumbe na lide, ou triumpha com ella, se a directriz das correntes sociaes lhe não é impropicia. A de Rozas era bem essa que a confidencia delineia, exhibindo perfeitamente os contornos de sua envergadura moral.

Vai em marcha, dizem, o fabuloso Destino, com a faixa sobre a calma fronte, golpeando sem saber a quem fere. Rozas o sabe, e para que lhe não falhem as cutiladas indo a errado alvo, transfere tudo o que em si possam constituir vendas recatadoras, para sobre os orgams da visão interior, afim de que a consciencia nunca o perturbe, porque nunca enxerga o que lhe desconvem que perceba; emquanto, por outro lado, todas as potencias da vontade, livres e soltas, impulsam para a frente uma formidavel personalidade, ao serviço exclusivo de uma vasta ambição.

Se esta alcançou o exito que pintei, e pelo conjunto de condições fataes já apontadas, não vejo com que fundamento lhe attribuam certos escriptores, uma especial tendencia perturbadora no exterior. Tenho para mim que ha excesso nos que descrevem o gabinete de trabalho do dictador, qual fosse uma officina de multiplices raios, com que o Jupiter tonante platino abrazasse todas as terras circumvizinhas. Para mim, convulsionou apenas as que poude, emquanto não obteve a soberania absoluta em Buenos-aires, e a alta representação em sua pessoa, das relações externas da Republica argentina. Aceito e consagrado como o chefe supremo, findo o periodo das competições para elle perigosas, Rozas mantém de pé todo o apparelhamento necessario á sua defeza, aggride ás vezes para preservar-se, mas, não creio que pensasse em aventuras compromettedoras do sybaritismo de genero especial, que o attraía: o baixo goso do mando inconteste, a doce contemplação do proprio

---

[1] É o *raccourci* de maior painel, que pintou Antonio Reyes, quando tive a ventura de ouvil-o, commovido ainda o sympathico e vigoroso ancião, com os *recuerdos* do dramatico periodo de sua juventude.

[2] Um dos muitos qualificativos continuamente dados a Rozas. É para um volume, o registro de todos, como das pomposas e ridiculas homenagens que mereceu. Muito opportuno fazel-o, para consolo dos que se não rendem aos mandões transitoriamente felizes, e para fortalecimento de almas debeis, que se acabrunham, imaginando de eterna duração a vergonha de espectaculos vulgares, nesta presente epoca de rozismo, praga que antes do reinado polido e liberal de Pedro II abria as negras azas além, e hoje corveja aquem e para dentro das fronteiras do Brazil.

imperio, em que tanto se comprazem os Narcisos da tyrannia, se dotados de predisposições inferiores e subalternas, como o famoso «restaurador de las leyes».

A propria attitude que assumiu, em relação ao Uruguay, tenho-a eu como uma consequencia da que mantinham á margem septentrional do estuario. Estou certo que se Rivera procedesse com uma austera neutralidade, a respeito dos emigrados politicos argentinos, Rozas não se lhe houvera tornado o inimigo intratavel, que depois se mostrou, e que, com mais forte rasão, procedera com o chefe de um territorio independente, como procedia com os «tiranuelos» das proprias provincias confederadas, á tolerancia dos quaes correspondeu com uma estricta abstenção nos negocios peculiares ás circumscripções regidas por estes. Que foi a conducta indiscreta dos gestores da politica em Montevidéo, que provocou a politica intervencionista do governador de Buenos-aires, dil-o sem rodeios pessoa insuspeita, Daniel Vidal, em carta da mesma cidade, a seu irmão politico, dom Gabriel A. Pereira, explicando o apoio que encontravam ali os projectos de Lavalleja. «Se Rivera (diz) tivesse retirado das costas do Uruguay, no anno 31, os unitarios, como os membros da opposição, se não tivesse favorecido as invasões que estes fizeram em Entre-rios, houvera encontrado mais sympathia. Não quero, porém, desembuchar estas idéas, nem com isto mostro approvar a impunidade com que se permitte anarchisar o Estado, visto como certamente uma desordem não auctorisa outra». [1]

Não tem base historica o que escreve o auctor dos «Apuntes», fazendo a chronica das ultimas horas do anno de 1831 e primeiras de 1832: «Rozas, que era o principal inimigo da Banda oriental e do Brazil, não deixará de intentar quantos meios lhe suggiram seus malevolos instinctos e conselheiros, para envolver nos horrores da guerra a orientaes e brazileiros, afim de por esse modo poder dominar os primeiros e reduzil-os a seu ominoso jugo, como teve por tantos annos, e pelos mesmos e semelhantes meios, as treze desgraçadas provincias argentinas». [2] Já manifestei o que penso relativamente ao Uruguay e relativamente ao nosso paiz, me acho habilitado a destruir o que propalaram pennas ou interesseiras ou enganadas. Estou habilitado a oppôr um solemne desmentido ás fantasticas interferencias do general nas discordias do Brazil, porque Rozas, muito ao contrario, inflexivel resistiu á atmosphera que o cercava, de plena sympathia pelos batalhadores «farrapos». Isto não só me garantiu com a sua honrada palavra o pujante velho que, em moço, fôra o seu fiel secretario e inseparavel amigo, como li carta daquelle a este, datada de Southampton, em a qual o desterrado lhe communicava ter ido a seu retiro o representante do Brazil na Inglaterra, com a incumbencia especial de manifestar-lhe os agradecimentos do imperador, como a justiça que lhe fazia,

[1] «Correspondencia» de Gabriel A. Pereira, I, 165. Vide tambem Pelliza, «La dictadura de Rozas», 120.

[2] Pascual, II, 72.

certo como se achava de que nunca se immiscuira nas contendas do Riogrande do sul, *do que o scientificaram os proprios chefes do movimento revolucionario de 1835.* [1] E partilho da convicção de dom Pedro II, digo eu, menos pelas confidencias que lhe fizeram depois da paz, e menos pelo que consta dessa epistola de inestimavel valor, para o esclarecimento da historia americana; do que pelos antecedentes expostos, relativos a uma politica, que só deixava de ser expectante, quando os agudos olhos do calmo dictador vislumbravam a sombra de um inimigo, que precisava abater, e, que, sendo possivel, sempre abatia, gelido, sereno, como a morte inexoravel.

Qual se me deparou esse, que attesta uma cautelosa neutralidade, pode amanhã outro papel revelar que Rozas teve parte em successos internos de nossa terra. Impossivel reputo, comtudo, que os indicios ou provas ultrapassem o anno de 1835 ou 1836 e não tenho duvida de que só e só hão de revelar o interesse do governador de Buenos-aires pelas emprezas de Lavalleja, rival a oppôr a Rivera; e isto propriamente no que essas emprezas tinham de importante para a outra ribeira, que era a esperança de acabarem com o ascendente do terceiro personagem citado, no foco das incessantes aggressões unitarias, — causa tambem da intima alliança do primeiro com Oribe. [2]

Mais tarde nasceria no animo do absorvente governador o comprehensivel desejo de manter no Uruguay a interferencia que a

---

[1] A carta tem a data de 2 de janeiro de 1870. Como se observará, o general fala de si, como de terceira pessoa: é o methodo que invariavelmente emprega, nas communicações com o seu ex-secretario. Eil-a:

«Siempre pensé, que nada debiamos pretender quitar al Brasil, respecto a su legitima, y reconocida integridad.

Fué por esto, que no admitió el General Rozas, y por otras altas razones, y consideraciones de Estado, en el tiempo que presidió el Gobierno de Buenos-ayres, encargado de las Relaciones Esteriores de la Confederacion Argentina, ni antes; las invitaciones de hombres de credito, opinion, y poder, en el Riogrande, por lo que el Gobierno Imperial, que lo supo por ellos mismos, le envió un voto de gracias por su Encargado de Negocios, el Señor Lisboa». (Archivo de dom Antonino Reyes).

[2] Que este era o unico escopo de Rozas parece-me bem manifesto no seguinte. Ao contrario do que pensa Pascual (II, 279), julgo que o dictador foi sincero quando expediu a circular de 1835 aos governadores de provincias, concitando-os a não prestarem nenhum auxilio aos farroupilhas; como que o foi, em outra posterior, sollicitando o contrario, em 1836. Existe vestigio da ultima no archivo da camara do Alegrete, em carta de 13 de julho, do tenente Ignacio Joaquim de Camargo, citada alhures. A explicação da mudança é facil de encontrar no que ninguem ignora: naquelle momento historico, o general Rivera tinha obtido o amparo de Bento Manuel, e o seu grande inimigo argentino, por isso, com decisão se voltava para os revolucionarios riograndenses, não só porque eram amigos de Oribe, como, e principalmente, porque eram antagonistas do protector do profugo, a quem tanto aborrecia e cujo exterminio sobremaneira o preoccupava.

referida intima alliança lhe garantia.[1] Não creio que em caso algum fôsse, entretanto, essa interferencia, de natureza tal, que puzesse effectivamente em total risco a autonomia da Cisplatina, o que nunca lhe consentira, nem Oribe, nem nenhum oriental, dos que o seguiam, porque o principio da independencia da patria é um dogma para os filhos do Uruguay, assenta com rasão um escriptor. Se triumphassem os que nove annos cercaram a illustre Montevidéo, o governo creio eu tudo faria para corresponder aos deveres de uma excellente visinhança: nada mais. E, quanto ao chefe dos sitiantes propriamente, Ramos Mejia admitte até mesmo a hypothese de que, findo por aquelle modo o conflicto dos partidos, «a serenidade, removendo o fundo honrado daquelle homem de tão boa estirpe, houvera illuminado o antro com a visão libertadora que transformou Urquiza, antecipando-se o golpe de Caseros, por uns dez annos, provavelmente».[2]

Allegar-se-á que Rozas chegou a agir como se o Uruguay pertencesse ao gremio da Confederação argentina, fazendo reclamações no exterior sobre occorrencias do paiz visinho. Eu o sei e tenho prova no meu archivo de que o Brazil (em 1846 pelo menos) tolerou sem protesto, essa indebita immiscuição.[3] Isto, porém, não abala o meu juizo sobre o assumpto, porquanto, no proprio anno em que se produzia esse acto diplomatico, a «Gaceta mercantil», orgam do terrivel governador de Buenos-aires, em seu n.º de 1.º de julho, nada menos que em tres passagens se refere ao paiz lindeiro, de modo que tenho por intencional, desejando Rozas tornar inequivoca a situação delle. O editor da folha official não sómente precisa que podem «resistir indefinidamente» ao bloqueio anglo-francez «as duas republicas do rio da Prata»; em um ponto, um pouco adiante, referindo-se a folhas de Montevidéo «que apparentam desejar um accordo», diz, de modo expresso: «Olvidaram esses papeis, mui desacertadamente, que deviam naturalmente dirigir-se ao ex.mo snr. presidente dom Manuel Oribe. Nada mais proprio e decoroso para os orientaes, nada mais conforme com a Independencia[4] e dignidade da republica do Uruguay». E como se o redactor, que nada estampava sem o exame e licença de Rozas, achasse escassas estas declarações; em outro topico, a proposito da «conducta que observa o governo dos Estados-unidos», accrescenta: «Assim, nos é grato saber que resolveram reconhecer a auctoridade do presidente Oribe, que além de representar o direito e o voto indubitavel da republica INDEPENDENTE do Uruguay, cuja capital, Montevidéo, está oppressa pelas forças anglo-francezas, sustenta gloriosamente os principios e interesses americanos».[5]

---

[1] Antonio Diaz, VI, 22.

[2] «Rozas y su tiempo», II, 423.

[3] Officio de Rodrigo Pontes, encarregado de negocios em Montevidéo, a Patricio Camara, vice-presidente do Riogrande, a 17 de setembro.

[4] Conservo a maiuscula empregada pela folha.

[5] Meu archivo.

Além de tudo quanto ficou exposto, que esperanças de conquista podia cultivar o general Rozas, em face dos solemnes tratados existentes, que tinham as melhores garantias? Se a do Brazil, uma dessas, era fraquissima na epoca, a da Inglaterra punha no convenio de 1828, os sellos dos actos internacionaes valedouros, e ainda por alguns, mais recentes, se reaffirmava o criterio, que mantinha, de resguardar intangivel a independencia do Uruguay. [1] Ora, esta era a politica a que igualmente estava obrigada a França, por outro solemne tratado, o de 29 de outubro de 1840, e ambas nações se tinham pronunciado de maneira inilludivel, por muitas maneiras, que resume um expressivo documento de 10 de maio de 1845: «Deve ter-se presente, que a honra da Inglaterra e França (do mesmo modo que a do Brazil), se acha compromettida a conservar a independencia de Montevidéo. *Que sobre este ponto* NÃO SE PODE ADMITTIR COMPROMISSO ALGUM». [2] Assim, corresponde aos verdadeiros pensamentos do tyranno, o que se declara por seu ministerio das relações exteriores, em data de 24 de maio. O respectivo secretario de estado, depois de resenhar as então presentes convicções do plenipotenciario da Grã-Bretanha, que confessava «reconhecer o governo argentino tão completamente como o de s. m., a independencia do Estado oriental» e «incondicionalmente repudia toda e qualquer interferencia no governo interior e domestico» do mesmo paiz; [3] o respectivo secretario exara de modo mui positivo o que mais interessa a mr. Willian Gore Ouseley. Eis suas proprias palavras: «O governo argentino, perseverante e inviolavelmente ha reconhecido a independencia do Estado oriental do Uruguay. Não é *de agora* ou de uma nova concessão que data esse reconhecimento. Está consignada explicitamente na convenção preliminar de paz celebrada em 27 de agosto de 1828 com o Imperio do Brazil; e enunciado e relembrado ultimamente na que se celebrou com o governo de s. m. o rei dos francezes em 29 de outubro de 1840. Desconhecer ou duvidar da notoria e acreditada lealdade do governo argentino, é fazer-lhe um profundo e immerecido aggravo, que não pode consentir, sem mingua de sua dignidade e decoro». E como se não houvesse sido assaz explicito, o ministro prosegue: «Menos pode acceder nem prestar-se a admittir o enunciado por v. ex.ª, de que *reconhece* dita independencia, pelo sentido equivoco que envolve, pois dá lugar a julgar-se que esta, ou é uma nova concessão, ou que existiram precedentes que induzam a exigir do governo argentino, um novo explicito reconhecimento da independencia da Republica oriental do Uruguay. O infrascripto reitera a v. ex.ª, que desde que ella foi estabelecida no anno de 1828, ha sido religiosamente respeitada, e que pesam ante os conselhos do

[1] Vide officio de Thomaz Guido a Felipe Arana, de 15 de abril de 1845. Idem idem, de 16. Memorandum, em data de 10 de maio de 1845, assignado por Ouseley e presente a Arana. Notas do mesmo Ouseley, de 21 de maio desse anno.

[2] Cit. Memorandum de Ouseley.

[3] Nota de Ouseley, de 21 de maio de 1845.

ex.^{mo} snr. governador, as imperiosas obrigações a que o induzem os pactos celebrados pela Confederação argentina». [1]

Quanto aos «farrapos», se Pascual, induzido por dous officios do anno de 1836, dos encarregados de negocios do Brazil, nas capitaes platinas [2] ou seduzido pela sua parcialidade por Fructuoso Rivera, se julga com o direito de sustentar a existencia de favores do dictador argentino áquelles, e a apontal-os como inspirados por elle, eu mostrarei que valor podem ter estes e outros topicos da sua aliaz preciosa obra, diante de monumentos historicos existentes.

Affirma, [3] por exemplo, que por meio de Pedro de Angelis «subministrou uma imprensa aos revolucionarios da que foi logo ephemera republiqueta de Piratiny». Ora, possuo no meu archivo, [4] a prova documental de que a primeira typographia foi adquirida por conta e com dinheiros de Domingos de Almeida, em Montevidéo; sendo notorio que, por sollicitação instante do encarregado de negocios do Brazil, foi sustada a saída da mesma para Piratiny, na capital do Uruguay, e que só a deixou partir o general Oribe, presentes os certificados de que era propriedade particular do predito Almeida. A segunda imprensa foi comprada, quando o governo de Bento Gonçalves tinha a sua séde no Alegrete, e essa então, em vez de representar um obsequio de Rozas, deu ensejo a perseguições dos sequazes do tyranno. Vindo embarcada, de Montevidéo, foi retida pela guarnição de Martim Garcia, e Domingos de Almeida em carta a N. Castellini, [5] inclue officio para que reclame a restituição, ainda que manifeste a sua desesperança no exito dos passos que reclamava do patriota italiano, «visto que Rozas não sendo nosso amigo, é de presumir não deixe vir», diz.

Affirma ainda Pascual: [6] «Para que se veja não faltam ao historiador dados positivos em que fundar seus arrasoados, diremos que em fins de dezembro chegou a Montevidéo em missão secreta o tenente Joaquim Pedro, promovido pelos sublevados a major ou tenente-coronel, portador de officios de Netto e Lima para o general Oribe; e assim que teve este largas conferencias com elle, o governo oriental mandou immediatamente uma goleta mercante a Buenos-aires, a qual regressou a 28 de dezembro com armamentos e munições de guerra, destinados aos riograndenses republicanos». Ora, a verdade é que o episodio, muito ao envez de esteiar as conjecturas do auctor dos «Apuntes», no maximo provaria, o que se não pode duvidar, que o governo de Oribe, não o de Rozas, mantinha intelligencias com os «farrapos» ou lhes dispensava favores. É o que está bem claro na seguinte communicação de José Carlos

---

[1] Nota de Filippe Arana, de 24 de maio de 1845.

[2] Officio de Manuel A. Vasconcellos, de Montevidéo, a 25 de agosto de 1836, e de Ponte Ribeiro, do mesmo dia. Archivo publico.

[3] Vol. II, 279.

[4] Conta corrente de Domingos de Almeida, com o thesouro da Republica riograndense.

[5] Carta de 2 de março de 1841. Meu archivo.

[6] Vol. II, 353.

Pinto, que se achava ao tempo em Buenos-aires, como agente dos riograndenses em armas: «Neste momento sou informado (escreve o farrapo) que o governo daqui não deixa embarcar as 500 clavinas e mandou que Soria [1] informasse se as havia comprado o governo de Montevidéo; o Soria contestou que por seu conducto não, mas que mandaria saber do ministro da guerra Lenguas, se havia feito essa encommenda a outro. Eu como desconfio que este armamento seja para nós, lhe faço aviso para que v. ex.ª indague de Ramirez. [2] No caso de ser, o mesmo Ramirez pode falar ao ministro da guerra, afim de que este diga ser para o governo, e então não haverá nenhum impedimento». [3]

O papel acaba de todo com a velha lenda, patenteando a nenhuma connivencia de Rozas com os rebeldes do Riogrande do sul, os quaes, nem delle, nem de ninguem, receberam o apoio que fantasia o apologista de Rivera. Se pudesse alguem ter duvidas a respeito, havia esta de desapparecer, prompto, do seu animo, com a leitura de um officio [4] de Domingos de Almeida ao dr. Sebastião Ribeiro, plenipotenciario do governo do Alegrete junto ao da Republica oriental, em que o referido ministro de estado lhe diz: «Nós comnosco sómente nos temos achado ha perto de cinco annos, e superado temos difficuldades que pareciam invenciveis: e por que não havemos de ter fé em nós mesmos? Montevidéo que se não fie no aspecto de Cagancha e que se premuna contra o tyranno que em commum nos ameaça». [5]

Affirma Pascual, finalmente, o que se vai lêr: «É sabido, e estão nisto de accordo todos os escriptores da epoca, que Rozas tinha relações desde principios de 1833 com os revoltosos do Riogrande, recebendo em sua casa a Fontoura, agente republicano riograndense, amigo e conselheiro de Lavalleja». [6] Ora, em primeiro lugar, Paulino Fontoura era grande amigo, mas nunca foi con-

---

[1] Coronel Manuel Soria, agente de Oribe, junto de Rozas.

[2] Negociante em Montevidéo, e pessoa de importante familia do paiz, incumbido de fornecimentos ao governo da Revolução riograndense.

[3] Carta de 27 de abril de 1837, a João Manuel, que se achava em Montevidéo. Meu archivo.

[4] De 28 de fevereiro de 1840. Meu archivo.

[5] Qual se vê, Almeida insinua ao representante da Republica riograndense, não só que trate de pôr de sobreaviso o governo oriental, que se achava deslumbrado com a grande victoria de Rivera em Cagancha, como que lhe faça comprehender quanto Rozas constituia um perigo para os dous Estados existentes a léste do Uruguay.

Dous annos depois tinham crescido tanto os motivos de alarma, com a creação do poderoso exercito do dictador, confiado a Oribe, para combater a quadrupla alliança (Uruguay, Entre-rios, Corrientes, Riogrande), e restituir o poder em Montevidéo, ao chefe do partido *blanco;* que Almeida assim fixa uma de suas intimas meditações: «Recorrendo um por um todos os factos da administração de R., demasiado conheço quaes suas vistas sobre esta provincia». Vide «Pensamentos». Meu archivo.

[6] Vol. II, 279.

selheiro do general uruguayo, por motivos obvios; em segundo, se é facto averiguado a viagem do agitador continentista á capital argentina, nada prova a circumstancia de o receber o formidando Rozas, fugindo depois, como sempre fugiu, a qualquer effectiva approximação com a nascente Republica. [1] Só depois que esta chegou ao apogeu é que o grande jogador politico alterou um pouco a sua politica de absoluto alheiamento, presentindo a possibilidade de que a nova peça, quem sabe, pudesse ter entrada em valiosas combinações do taboleiro internacional. Se em algo, por essa epoca, mudou elle na rigida attitude de prevenida impassibilidade, ante a creação dos democratas do sul do Imperio, foi isso por modo mui fugaz: minuto de passageira indulgencia, sem favor algum de ordem positiva. Os homens *à poigne* não amam a rebeldes, ainda que subam nos hombros delles, quanto mais o de que trato, que era o typo legitimo e por excellencia da reacção auctoritaria e clerical, no seu infortunado paiz!...

O tigre de Bengala, a mais terrivel das féras conhecidas, domina soberano entre os ribeirinhos da corrente sagrada, é o rei da fauna do immenso estuario hindustanico, que o homem nunca affronta senão em grande companhia: um exercito de caçadores contra o animal horrendo, quanto admiravel, na selvagem belleza magestosissima, que o caracterisa. Armado para a lucta como nenhum outro sêr, o tragico habitante das margens do Ganges raro emprehende invasões, em terras para fóra das humidas *jungles* do rio lendario, e só e só quando tangido pela fome ou quando occorrem ameaças de alguma expedição venatoria, sobre a zona em que é senhor. Tal o seu congenere, que fez morada nas glebas alagadiças de Palermo, aquerençado nos paues e ermos, como todos os da mesma raça. Por mais de tres lustros, estoutro gigantesco ti-

---

[1] O marechal Barreto em officio ao presidente da provincia, em data de 30 de abril de 1835, depois de noticiar-lhe que Rozas foi eleito por 5 annos, com toda a somma do poder publico, diz que o facto desperta receios no Uruguay, cujo governo busca apoiar-se no Imperio, convencido de que aquelle «proteje os anarchistas orientaes e da sua desaffeição ao systema independente deste Estado». «Não é extranho que daqui foi enviado a Buenos-aires um commissionado por parte do punhado de aspirantes á desordem, que infelizmente temos, encarregado de tratar com o dito general Rozas, para collocar-se Lavalleja no governo oriental, e este proteger e ajudar a rebellião nesta provincia, formando ambos novos Estados da federação argentina; portanto, mais me parece necessario tomar medidas em opposição a taes projectos, se é verdade que os tem concebido aquelle general...» «Da viagem do commissionado a tratar com o general Rozas, parece-me estará v. ex.ª mais que eu, perfeitamente informado».

Tenho noticia igualmente, de pessoa da familia de Paulino, que foi elle a Buenos-aires, a mandado de Bento Gonçalves, para obter o apoio do arbitro da situação, a seu futuro tentamen, e a isto com certeza allude a carta até hoje inedita, de Rozas, antes citada, quando fala de trabalhos feitos a seu lado por homens do Riogrande, «antes» de subir ao supremo governo.

gre, de quando em quando abre as unhas ameaçadoras, para triturar quem lhe ouse fazer face no seu antro, ou escancara as guelas, em rugidos, para aviso em comarcas visinhas, de que está alerta, zeloso da que lhe pertence; mas pelo geral socegado dentro della, com a fartura do que mais ama.

Os appetites satisfeitos matam o espirito de aventura. Eis para mim a chave de toda a politica externa do dictador, malgrado varias declarações delle, todas sem nenhum merito pratico, e que até hoje perturbam, entretanto, os que estudam a diplomacia e a alta intriga argentina, de 1835 a 1845.

O desenrolar dos successos, estou certo, patenteará á luz meridiana, o nullo peso do extraordinario personagem, na genesis, surto e persistencia da Revolução dos dez annos: se Rozas lhe estende a destra vigorosa, a Republica riograndense, em lugar de ser hoje a lembrança de uma existencia ephemera, brilharia no concerto universal, como uma gloriosa nação; o seu territorio, agora theatro de um mal disfarçado captiveiro, gosaria ainda o immaculo renome de «solo da liberdade». [1]

Trojaque, nunc stares, Priamique arx alta, maneres! [2]

Imaginárias, como a do general portenho, as influencias individuaes com raizes no centro do Imperio, de que muito se tem falado, chegando alguns a insinuar que o movimento de lá «foi encommendado», hypothese que se me antolha mui difficil de explicar e comprehender. [3]

As inesperadas consequencias da viagem de Bento Gonçalves ao Rio-de-janeiro, como a attitude um tanto passiva da regencia na primeira hora da Revolução, attitude mui diversa da que tinha observado com outros levantes, ao norte e na capital; geraram a suspeita de que o governo era connivente com o atrevido passo de 20 de setembro, naturalmente acreditando-se que nutria o proposito de jugular assim os retrogrados em provincia onde se conservavam accesos e onde o governo de abril desejara garantir o indiscutivel predominio do partido liberal. Não só o bom senso repelle a conjectura, como não pode ella subsistir, em face de eloquentes monumentos historicos. Inadmissivel conflagrar uma importante zona do paiz, com semelhantes miras, quando a simples nomeação de um mandatario fiel ao pensamento governativo e a retirada dos mais conspicuos daquelles individuos, todos militares, creava sem abalo, no Riogrande, uma situação de força incontrastavel, para o dito partido, tornando inutil o appello ás armas.

Correu que um dos regentes buscava pagar com o amparo aos conspiradores, os votos que recebera, dos amigos do chefe insurrecto,

---

[1] Proclamação de Netto, aos 3 de julho de 1840.

[2] «Eneida», II, 56.

[3] Vide discurso de Antonio Carlos, em sessão de 12 de junho de 1841.

para a suprema magistratura do Imperio. Rodrigo Pontes, com manifesta imparcialidade, affirma não acreditar nesta voz, [1] que aliaz não me parece infundada de todo, pois o coração humano raro é insensivel a espontaneas demonstrações de publica estima, sobretudo em caso excepcional como esse, em que o publico favor contribue para elevar a uma dignidade, que era a mais alta do paiz. Mas, entre a indulgencia referida e uma quasi complicidade permeia um abysmo, além de que se existiu, pouca acção poude ter, depois de começarem abertamente a campanha, porque, no mez seguinte ao inicio da revolta, subia Feijó ao poder.

O comedimento da auctoridade superior tem facil explicação. A furia que desenvolvia, ao mesmo tempo, no Pará, desculpavam-na os propugnadores do methodo de consolidar a ferro e fogo a fraternidade nacional, como a reacção indispensavel, contra o que chamavam escorias sociaes, sobrenadantes com a fermentação na lucta dos partidos. Contra o sul não podia, ella, ter a mesma excusa, porque era impossivel encobrir uma patente verdade: o quasi unanime movimento de uma provincia, que era a primeira do Imperio, pela qualidade da população, a bem dizer homogenea, o que a isemptara de plebes vis, oriundas da mestiçagem inferior, obra do acaso, que exclue a selecção. [2] Nem o rigor, de costume, podia ser ordenado, o que levantaria brados entre os proprios liberaes moderados da Côrte, nem a prudencia o aconselhava! Sabida a pujança do pronunciamento, predominou o modo de vêr dos que temiam que fossem contraproducentes os effeitos de uma politica violenta e provocadora, e a este criterio se rendeu o animo severo e inflexivel de Feijó, [3] temperada aquella natureza asperrima alguma cousa tambem, eu supponho, pela cordura de Limpo de Abreu, ministro da justiça. Temperada mais que tudo por muito sérias convicções, expressas pelo regente, as quaes só por si constituem um titulo de gloria para a heroica provincia, reduzida agora, por maus filhos, á sorte do velho leão da fabula, triste monumento vivo de sua propria grandeza passada: «V. ex.ª sabe muito bem que *sem grande apoio interno* (escreve Feijó a Barbacena), *mui difficil seria* A TODO O BRAZIL *conquistar o Riogrande*, e que toda tentativa temeraria, só teria por fim firmar a rebellião, desacreditar o governo e acabar com os restos dos recursos que ainda se podem procurar». [4]

Eis o que explica o mysterio da moderação, patente em todos os actos administrativos e com especialidade na correspondencia de Limpo de Abreu, com os delegados da regencia no sul, precioso elemento para definir-se a attitude do chefe do Estado, como a daquelle digno liberal. Consoante o que me parece haverem sido

---

[1] «Memoria» cit.

[2] Vide em outro lugar a opinião de Saint-Hilaire.

[3] Isto está patente no que escreveu o regente a Araujo Ribeiro, conforme expõem os Apontamentos de Calvet.

[4] Carta de 10 de dezembro de 1835. «Vida do marquez de Barbacena», 907.

os seus espontaneos sentimentos, este logo tomou á mão o bom partido, o bom e sensato partido. Quando os deputados da assembléa provincial, fugitivos de Portoalegre, [1] lhe requereram, com Pedro Chaves, declarasse nullos todos os actos da mesma e mandasse processar os representantes solidarios com os sublevados; declarou firme em despacho, que não estava disposto a variar a politica que seguia, [2] isto é, a do olvido absoluto dos passos sediciosos e a do sincero congraçamento do governo com os homens de setembro. Mas, a prova de que nem elle, nem ninguem tinha pactos secretos com estes, é que se precaveiu contra elles tambem, predispondo em S. Paulo elementos de apoio, afim de effectuar-se, quando opportuna, a defeza da causa legal. [3]

De quantas excavações hei tentado para averiguar os liames dos farrapos com occultos protectores, nas outras provincias ou alhures, nada apurei a não ser quanto a dous: o almirante Jacinto Roque de Senna Pereira e José Joaquim Machado de Oliveira, depois general. O concurso daquelle parece que tinha, como unico e exclusivo motor, a *vil cubiça*, havendo elle recebido algum dinheiro dos sublevados, talvez em troca de munições ou armas, pois não comprehendo que outro serviço lhes pudesse prestar. [4] O deste foi mais nobre: além de ser amigo da provincia, havendo convivido muito tempo com os naturaes, pelejado com elles e tido parte até nos actos civicos riograndenses de 1821-1822; a communidade de tendencias politicas o attraía para o lado dos setembristas, que exaltavam os seus benemeritos serviços contra o absolutismo, dizendo o «Recopilador liberal» [5] que no Pará a sua acção «salvou o Brazil». Favoreceu elle os republicanos, quanto poude, não ha duvida nenhuma, já lhes não impedindo de se fornecerem pelas praças de sua zona de governo (Santa Catharina), já lhes ministrando munições de guerra, elle mesmo. [6]

---

[1] Rodrigo Pontes, J. B. de Figueiredo Mascarenhas, etc...

[2] Archivo publico.

[3] Officio de 28 de fevereiro de 1836 ao presidente da provincia, determinando fizesse seguir para a fronteira do sul da mesma, *toda a guarda nacional* que fosse possivel destacar, ao mando do tenente-coronel João da Silva Machado, a quem escrevera Bento Manuel, depois de bandeado, suggerindo essa medida.

O proprio Braga, cuja politica se considerou imprudente, nos circulos liberaes do Rio-de-janeiro, não foi abandonado pelo governo central, como alguns acreditam. Encontrei no Archivo publico um officio desse presidente, de 29 de setembro de 1835, requisitando forças e petrechos, com a seguinte nota á margem, do punho do ministro da guerra, barão de Itapicurú-mirim: «Expediu-se ordem a 19 de outubro, para se prestar».

[4] Carta de José Carlos Pinto, de 12 de março de 1837, a Almeida, acompanhada de outra do referido official da armada, recommendando o *conveniente sigillo*. Meu archivo.

[5] De Portoalegre, n.º de 18 de janeiro de 1834.

[6] Vide carta de Netto, na collecção do «Povo» e no meu archivo, o officio de Matutino Pitta, de 12 de fevereiro de 1839, a Seara.

Fóra disso, tenho encontrado até hoje unicamente a publica demonstração de interesse, ou em jornaes ou nas camaras, pela causa dos infatigaveis luctadores do sul; ou, ainda, disfarçado este, em platonicas e infecundas mostras de sympathia, qual uma que tenho como digna de menção, por evidenciar a persistencia de inclinações que a força não lograva alquebrar e que o risco jamais impediu de transparecerem quaes eram. Investigador que folheie periodicos de Pernambuco, deparará, não sem grande surpreza, com alguns repetidos signaes do sentimento popular dominante, indespresaveis por quem tenha o proposito de recolher todas as palpitações dessa epoca. Por muito que reclamem os chamados «corcundas», nada impede a gente humilde de manifestar os seus pendores: as bandas de musica, nas serenatas em frente a palacio, como as de clarins, nos toques de recolher, tençoeiras e provocadoras mesclam, ou no programma daquellas ou ao vibrarem estas as notas de ordenança, os subversivos accordes do hymno da Revolução.[1]

Assis Brazil, porém, sustenta uma doutrina diversa da que expuz, como já tive ensejo de dizer, fazendo-se o ecco, esse illustre publicista, de uma versão improvavel, logo á primeira vista, e que, após rapido confronto com as tradições, deve julgar-se absolutamente sem fundamento. Escreve elle: «Affirmam alguns contemporaneos destes factos que a idéa da Revolução assentara-se definitivamente no animo de Bento Gonçalves durante a sua permanencia na capital; que um plano existia ali, concebido por homens como Evaristo da Veiga, de sublevar ao mesmo tempo o paiz inteiro para estabelecer-se a federação, que pelos meios legaes, já se affigurava impossivel; que no club Federal secretamente se tramara a ruina completa do partido retrogrado, como condição de vida para a nacionalidade brazileira».[2]

O que acima declaro com relação a Roque de Senna Pereira, e Machadinho (assim tratam o brigadeiro em seus papeis, os agradecidos «farrapos»), exclue a possibilidade do que se contêm, no boato reproduzido pelo historiador citado. Se os revolucionarios do sul não tiveram ajuda effectiva dos «exaltados» (dispersos os intrataveis, seduzidos outros com a esperança de largas concessões federaes na reforma por via legislativa, alliada aos governistas uma terceira parte, com a ameaça de uma imminente restauração de Pedro I); muito menos a podiam ter do gremio em que era *pars magna* Evaristo da Veiga. Se não queria o levante de 1831, se o aceitou unicamente como tremenda imposição das circumstancias, se logo ergueu a bandeira do moderantismo, se tudo fez para restringir o movimento de 7 de abril á simples apposição do sello nacionalista, no diploma de 7 de setembro; como admittir que dous annos após, entre no plano de uma commoção nacional? Como

[1] «Ecco da religião e do Imperio», de 26 de janeiro e 2 de fevereiro de 1838.

[2] Pag. 58.

admittir que concorra para ella, quem claramente deixa entrever que tomou parte no golpe falho de 30 de julho, para evitar que a resistencia ás aspirações descentralisadoras arrastasse o paiz até a republica? [1]

Ha na mentira, por vezes, um atomo de verdade, observei, citando um grande philosopho; ha na versão erronea muita cousa real, parece-me. Julgo que fizeram comprehender ao poderoso caudilho do Riogrande, a possibilidade de largas esperanças reformistas que não detiveram a sua acção local revolucionaria, mas que afagou, naturalmente com a idéa de que se falhassem todos os elementos para o exito daquella, podia ficar a seus patricios, como o maior de espadas, a solução legislativa central. Fundo-me para assim conjecturar, no matiz diverso da propaganda, em 1834. Não podendo, nem devendo ter confiança absoluta nos informantes da Côrte, os combinados do sul proseguem na sapa demolidora, em todos os rumos; junto, porém, da torrente despenhada do republicanismo claro e occulto, cava o seu leito, marulhoso outra vez o ribeiro federalista, depois de haver desapparecido, — como as aguas resurgentes de um curso subterraneo, diria eu, se não estivesse convicto de que estas provinham de nova fonte, que não era o manadeiro antigo, existente antes do estabelecimento da regencia: tinham uma origem artificial, ou melhor, artificiosa. Em capitulo mais apropriado, se falará detidamente da mutação, mero accidente nos bastidores da politica riograndense, qual me preluz o cerebro, ao lêr singelo annuncio no «Recopilador liberal», de 25 de junho, [2] declarando que não tem apparecido o «Republicano», porque o seu redactor suspendeu *por ora* os seus trabalhos»...

Deixam-se vêr, nesse momento, mais do que nunca, uma pleiade de agitadores, todos de brilhante destaque, cujo papel, em virtude do methodo que adoptei, precisa ser examinado entre as forças individuaes concorrentes que fizeram estalar a Revolução.

Pela actividade proteiforme, o perfil de maximo relevo nas sombras da conspiração, é o de José Mariano de Mattos. Nascido em 1801 no Rio-de-janeiro, matriculou-se aos 18 annos no curso de engenharia militar, que fez com lustre, obtendo muitos primeiros premios, depois do que, sentou praça voluntario em agosto de 1822, e foi promovido a 2.° tenente a 24 de fevereiro e a 1.° a 12 de outubro do mesmo anno. Já havia recommendado o seu nome por serviços na guerra da independencia, [3] quando pela primeira vez appareceu na fronteira, em tempo da campanha da Cisplatina, [4] sendo depois della promovido a major. De volta á Côrte do Imperio,

---

[1] Moreira de Azevedo, «O dia 30 de julho de 1832», na «Revista do Instituto», vol. 41, 2.ª parte, 227.

[2] De 1834.

[3] Pretextato Maciel, «Generaes brazileiros», II, 310.

[4] José Mariano, como capitão, figurava em 1828, no exercito ao mando de Lecor, então acampado no Bote. Encontro referencia posterior, a seu nome, em Portoalegre, como membro do corpo eleitoral. Vide «Constitucional riograndense», de 22 de outubro do mesmo anno.

muito se distinguiu no movimento que determinou a queda de dom Pedro I, [1] passando no immediato 30 de agosto, ao Riogrande do sul, onde assumiu o commando do 1.º corpo de artilharia.

Em documento em que o aggride, reconhece o marechal Barreto ser José Mariano pessoa dotada de «bastante talento» [2] e outro seu adversario declara mesmo consideral-o a primeira entidade do gremio «exaltado» continentista. [3] O que é innegavel é que o concurso deste illustre liberal pode dizer-se que foi inexcedivel no grupo que centralisa toda a agitação revoltosa que se gerava ao norte da provincia, a compasso da que promovia ao sul o chefe supremo do partido. O prestantissimo e incançavel major disputa a primazia ao bravo João Manuel de Lima e Silva, ao ardoroso alferes Reis Alpoim, ao intelligente Manuel Ruedas, e, ao maior de todos, de que adiante farei a precisa menção, luzido estado-maior do generalissimo da Republica vindoura, cujo chefe parece ter sido o tenente-coronel Sylvano Monteiro de Araujo e Paula; estado-maior incumbido na capital, dos planos, como das operações preliminares, da campanha revolucionaria.

Se José Mariano tem uma actuação das mais distinctas, o segundo citado obra quasi a par delle, para depois excedel-o no esforço, noutra phase, em que lhe cabe um papel culminante. O immediato, Alpoim, que suppõe alguem ser um emissario dos «clubs» do Rio-de-janeiro, [4] é uma das bellas representações entre nós, da juventude fervida, abrazada nos calores reformistas de 7 de abril; como o calumniado Ruedas é o patriota de feitio cosmopolita, qual tantos, de uma epoca generosa, opulenta em «*flibustieri di libertà*», [5] «*puri rappresentanti di quella chiesa militanti, tribù di precursori, che l'esiglio disperse*», «*ad annunciare ai popoli la vicina risurrezione*», segundo palavras de Mazzini.

---

[1] Dil-o Evaristo da Veiga, em artigo sobre a politica do sul.

[2] Pretextato, II, 312.

[3] Rodrigo Pontes, «Memoria» citada. Ha muito que descontar no que traçou o auctor sobre homens e cousas da Revolução, por ser patente que toma uma desforra, e, no caso, trata de algo elevar ao menos responsavel no «delicto», para assim deslustrar melhor a quem para elle era o maximo «criminoso», o verdadeiro causante dos transtornos e dissabores, que soffreu antes e depois do golpe de 1835. Ha no desapreço que Rodrigo Pontes manifesta por Bento Gonçalves, a ira do faccionario ainda não adormecida, annos depois de seu forçado desapparecimento do Riogrande do sul; mas, não se pode desconhecer que o apaixonado escriptor se approxima da verdade, no que diz sobre o commandante do 1.º corpo de artilharia, pois o presidente Braga, em officio de 9 de setembro de 1835 ao ministro da guerra, declara que José Mariano «é a alma da Rebellião».

[4] Rodrigo Pontes assim o diz na sua «Memoria». Creio fosse o alferes, filho do major Francisco José dos Reis Alpoim, nomeado pela regencia para o commando da «divisão militar de policia da Côrte e provincia», por decreto do proprio dia 7 de abril. Vide «Imperio do Brazil», de 9.

[5] Gualtiero Castellini, «Eroi garibaldini», I, 28.

Direi logo de outro, mas quero sem demora oppôr a verdade da historia a respeito do digno americano, contra as versões da diffamação, incautamente aceitas por bons auctores.[1] Ruedas não era, não podia ser um enviado de Rozas. Desde a guerra da Cisplatina que vivia entre nós. Em junho de 1831, mudou-se para Montevidéo, mas veiu outra vez para a provincia, onde se uniu em matrimonio com uma abastada senhora riograndense. Oriental de nascimento e não argentino, como se tem escripto, caíu prisioneiro[2] das forças do Imperio, a 8 de janeiro de 1826, e com garbo declarou, mais tarde, que combatia Pedro I, com isso inculcando que não pretendera guerrear o paiz onde se domiciliara e mostrando que o tinha em apreço, como se precisasse dizel-o quem se irmana com os naturaes, vivamente se interessa pela sorte delles, arrisca-se, para que melhorem e vivam sob a lei da liberdade, repulsa, para sempre a da escravidão!

Em vez de ser um agente do outro estrangeiro,[3] compromettia a segurança do proprio, em nobres fainas liberaes e na doutrinação republicana.[4] Em vez de ser o provocador mercenario da discordia,[5] só se resignou a concorrer para ella, eu creio, quando lhe pareceu que a persistencia da harmonia collectiva passava a corresponder a um sacrificio da já obtida emancipação politica, e que para os liberaes nada mais fôra que um quasi suicidio. Em vez de ser um arauto da desordem, mostra um seu discurso de 1831, ao apparecer na imprensa do tempo, que nobre e conciliadora linguagem empregava. Quando o povo de Portoalegre era a festejar em maio a queda do primeiro imperador, Manuel Ruedas, que se declara «enthusiasta da causa da liberdade universal», bradou ao auditorio: «Lançada para longe vá toda rivalidade...» «Não vos esqueçaes das dissensões intestinas, em que...... jazem submergidos nossos irmãos, os sul-americanos. Uní-vos, pois, brazileiros, para vêr-vos livres de semelhantes discordias».[6]

Prégou outras doutrinas sómente, quando, mais tarde, passou a ser um dos redactores do «Recopilador», cujo estylo, de matizes mais ou menos rubros, assignala as diversas phases da obra de Bento Gonçalves, ora deliberadamente inclinado a decidir da sorte

---

[1] Assis Brazil, Alfredo Rodrigues.

[2] Figura em lista existente em meu archivo, com data de 18 de dezembro de 1826.

[3] Assis Brazil, 82.

[4] Em 1833, accusavam-no de ser um prodigo, de haver malbaratado a sua fortuna, ajudando a Lavalleja. Ruedas estava ausente; dona Fabiana, sua esposa, veiu a publico dizer, pelo «Recopilador» de 2 de janeiro de 1834, que não era verdade o que se assoalhava: que ao contrario zelosamente conservava os bens do casal. Cito esta circumstancia, para que se observe bem quem era esta pessoa e que com fundamento repudio as classificações que injustos lhe deram alguns modernos, naturalmente por falta de informes.

[5] Clara referencia de Alfredo Rodrigues. Obra cit., 8.

[6] «Recopilador», de 23 de novembro de 1833.

do partido liberal pelo proprio esforço dos riograndenses e dos amigos com que contavam no paiz visinho, ao sul; ora punha em linha de conta as possibilidades de um arranjo politico que garantisse a quasi independencia, por via da federação lata, evitando-se a guerra civil. Nesse posto, á frente do «periodico exaltado, fervido, pouco amigo dos homens das idéas médias, porém firme assertor da causa da revolução, e prompto a pactuar com todo o mundo, antes do que com os restauradores»: [1] nesse posto, Ruedas prestou os melhores serviços á causa que esposava. Prestou-os muito espontaneamente, devo ajuntar e erra Assis Brazil estampando que o fogoso oriental teve entrada no gremio dos propagandistas que davam os primeiros rebates da revolta, por mão de dona Anna Monteroso de Lavalleja. [2] Successos adiante relatados, excluem de todo a affirmativa categorica do illustre contemporaneo e outros já expostos attestam a intimidade de Ruedas com os liberaes, desde muito antes de 1832. Desde então, «como homem illustrado e de trato fino e delicado, frequentava a nossa boa sociedade, e como republicano espargia as suas idéas». [3] Não iam os adeptos das mesmas, na provincia, aguardar os conselhos da illustre senhora, para aproveitamento da destra penna do emigrado, em tempo em que ellas não superabundavam. [4] Incidente de posterior menção, mostra a excepcional conta em que por si mesmos o tinham, os riograndenses avançados.

Que, sem a predita intervenção, laborasse em favor de Lavalleja, não duvído: trabalhavam todos os «exaltados» do Riogrande do sul e até alguns «moderados». Depois, o generoso caudilho fôra seu chefe, como Ruedas um dos soldados da «patria», até caír nos ferros do inimigo. Como aquelle, adverso á tyrannia, que o retivera em carcere 36 mezes e 22 dias; [5] continuava a combatel-a, e continuou, até que foi de novo preso pelas auctoridades do Brazil e pelas mesmas desterrado. Tão longe estava de ser um aventureiro, que ainda tornou á provincia, para compartilhar dos riscos vindouros de seus amigos, os liberaes, cuja sorte acompanhou até a grande emigração de 1837. [6]

---

[1] Palavras de Evaristo da Veiga, em artigo relativo aos motins de Portoalegre, em 24 de outubro de 1834. Transcripto no «Recopilador», de 12 de fevereiro seguinte.

[2] Pag. 81.

[3] Caldeira, carta de 13 de setembro de 1894. Meu archivo.

[4] Assis Brazil dá curso a uma imputação, creio que do suspeito Pascual. Simples calumnia: Rozas vivia absorvido em outras preoccupações e a dama era matrona romana, do antigo feitio.

[5] Diz um oriental, em um artigo estampado no «Recopilador».

[6] Carta de João Manuel, escripta em Melo. Vide adiante.

Não é o ultimo vestigio que encontrei, a presença de Ruedas, entre os emigrados. Possuo documento em que José Carlos Pinto, logo após a terrivel crise mencionada, communica, que ao generoso apoio do patriota oriental deve «o não ter passado mil miserias» (carta de 26 de fevereiro de 1837), como participa que delle teve adiantamento do dinheiro neces-

É visivelmente a este «grupo de liberaes exaltados e sinceros», que Alfredo Rodrigues[1] se refere, attribuindo-lhe as «idéas de separação e republica, prègadas ardorosamente». Ora, o seu engano é tão completo, que tenho por indubitavel que a esse «grupo», quasi todo composto de filhos de outras provincias, se deve, como presumo, o natural e maior esforço que se descobre em muitos para resolverem, com o caso riograndense, o caso nacional. Patriotas ardentes todos elles, ainda que ligados ao Riogrande pelas familias que ahi constituiram, não é de crer se desprendessem com facilidade das prisões moraes que o nascimento e a educação formam na alma das creaturas. Muitos adoptaram mais tarde a nova patria e a serviram com verdadeiro ardor civico; este sentimento, porém, se foi germinando em cada um, aos poucos, ao se convencerem que a terra do berço não era mãi, sim madrasta e zona votada ao captiveiro, até que a Republica, erguida pelos livres, reagisse como exemplo, regenerador e emancipador. «As idéas de separação e de republica», chegaram a Portoalegre pelo caminho da fronteira, o que o historiador ainda não percebeu, como não discerniu ainda que a massa se achava saturada de semelhantes opiniões. Segundo o seu criterio (e nisto, elle e Assis Brazil se mostram menos informados do que Araripe), a fogosa pleiade dos supraditos propagandistas representa uma especie de ilha intellectual, num oceano revolto unicamente contra os portuguezes.[2] A provincia nem os comprehendia, nem os acompanhava... Ora, o destro, quão pouco perspicaz escriptor, vai perder as suas illusões com uma reminiscencia cujo valor deixo á sua imparcial estima. Araujo Ribeiro, por officio de 23 de dezembro de 1835, responde ao pedido da camara da villa do Norte para que fique no exercicio da presidencia, dizendo-lhe que sim, porque os riograndenses, unidos, repellem os projectos dos republicanos da capital. «Existe ali, prosegue, um punhado de anarchistas que intentam converter a Revolução a seu fins desastrosos e por não serem da provincia não se importam de cobrir-nos de opprobrio e lançar-nos na miseria». Pois bem, o «Continentista», de Portoalegre, orgam auctorisadissimo dos sublevados, em o n.º 44, de 15 de janeiro de 1836, repelle essas descriminações, que declara feitas pelo presidente legal, com o fim de dividir o partido contrario. E accrescenta que esses a quem se refere, fazem parte, *mas que a Revolução é nossa*, isto é, da generalidade dos riograndenses, e para que o representante do governo do Rio-de-janeiro seja bem inteirado

---

sario para pagar o sello da Republica, destinado ao preparo das patentes de corso (carta de 15 de dezembro de 1837). Vide meu archivo.

Depois dessas menções, não se me deparam outras, do nome do antigo redactor da folha portoalegrense, a não ser uma constante de Zinny (279), relativa ao anno de 1839, em que se affirma a derrota da força por elle commandada, em encontro com a do coronel Fortunato Mieres, o que prova ter tomado armas em favor de Oribe, naturalmente na divisão de seu velho amigo Lavalleja.

[1] «Bento Gonçalves. Seu ideal politico», 8.

[2] Idem. 7.

de que occorre ha muito um movimento compatricio, bem homogeneo e uniforme, diz-lhe mais: que tambem é muito *nosso* o levante de 24 de outubro de 1833 e a resistencia promovida contra a sua posse do cargo de presidente da provincia. [1]

Deixei, para este lugar, uma figura de influencia considerabilissima, porque, precisando destruir o infeliz julgamento de um historiador, não devia comprehender o personagem entre os que elle pretendeu engrandecer com as honras da iniciativa revolucionaria, porquanto lhe constará mui positivamente que esse, ao menos, esteve em relações directas com os conspiradores de Jaguarão, lugar onde se demorou, na intimidade de Bento Gonçalves. [2] Só com desmedida violencia o poderia agcitar no «grupo» de Portoalegre, cuja primazia, aliaz, desapparece, com o descobrimento de provas documentaes, não só convencedoras da intima connexão entre os «prègadores ardorosos» do centro e conjurados effectivos do Serrito, desde as primeiras horas do anno de 1833; [3] como da verificada iniciativa destes, qual a seu tempo evidenciarei.

Estrangeiro como Ruedas, como elle um generoso voluntario da liberdade, [4] o ultimo da serie, o conde Livio Zambeccari, natural de Bolonha, filho do conde Francisco, aeronauta que pretendeu dirigir os balões por meio de remos e morreu naquella cidade a 12 de maio de 1812 em uma desgraçada ascenção; Livio Zambeccari herdou com o nome da familia e titulo do pai, o amor aos trabalhos scientificos e ás emprezas temerarias. [5] Daquelle deixou em nossas bibliothecas um attestado valioso, em um mappa que compoz, do Riogrande do sul, um dos melhores que hemos possuido e que serviu aos chefes da Revolução, para o norteio das operações, como para o estabelecimento dos movimentos de vulto, que effectuaram. [6]

---

[1] Archivo publico.

[2] Habitava modesta casa ainda existente, á antiga rua Direita. Dos dous prediosinhos que pertencem aos herdeiros do coronel Manuel Amaro Barbosa, o contiguo á praça da Matriz.

[3] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

[4] Em carta de 10 de dezembro de 1838 dizia Domingos de Almeida, a proposito de certo coronel hespanhol e de outro bahiano, que se haviam apresentado ás forças da Republica: «Não é facil encontrar muitos Zambeccaris, Rossettis e Garibaldis». Meu archivo.

[5] Livio tambem se dedicou á aerostação, diz Bertolini, «Livio Zambeccari. Cenni biografici», 7.

Esta familia italiana gosou de grande prestigio na conhecida cidade universitaria, salientando-se na historia local diversos Zambeccari, desde o seculo XV. Deu ella varios senhores a Bolonha. Vide biographia de Livio Zambecarri, no «Omnibus», de 1.º de abril de 1843, folha esta em cuja redacção tinha parte o conde, que fazia a critica literaria.

[6] Informe de Felicissimo Martins. Certo usavam de copias fornecidas por Zambeccari, porque a publicação do mappa é de 1839, conforme se lê no «Jornal do Commercio», de 2 de novembro. Este excellente trabalho de exemplar cartographia, logo á primeira vista deixa visivel que não é classificavel em o numero das meras collectaneas de dados existentes, feitas em gabinete; e disse em verdade um contemporaneo de Zam-

Maior seria a sua contribuição, se a conjura revolucionaria e a guerra subsequente o não desviassem das investigações de historia natural. Ainda tambem existe á rua Nova, de Portoalegre, no ponto em que se reune á Ladeira, quina do sul, uma velha casa, que elle habitou e onde guardava as suas collecções, dispersas ou destruidas, como parece que o foram as de Bompland, em Samborja. A importancia destas, para nós, se pode aferir, sabendo-se, como sabemos, que só de Missões, [1] a classificação botanica abraçava no herbario do scientista, do n.° 936 até o 2557. Ninguem pode calcular, porém, qual era o thesouro, hoje perdido, do conde italiano. O que nos resta é o que consta de seus «*Cinque quadri dei prodotti vegetali usati nell'economia e medecina domestica brasiliana*», que constituem uma sinopse, certo composta de memoria, e publicada no anno de 1843, em sua cidade natal. [2]

Os serviços desse homem notavel ao Riogrande, não se limitaram a labores scientificos; ganhou um lugar de honra, na galeria dos amigos do paiz, com o benemerito apostolado em que obteve o maximo realce, pensando alguns que foi elle o verdadeiro pai espiritual da Revolução de 20 de setembro. Impossivel me sendo por muito tempo, averiguar a data de sua chegada á nossa terra (cousa de importancia, para julgar-se do merito da tradição), [3] até ha bem pouco hesitava eu, entre a tendencia a acceital-a e a de repellil-a, até que investigações directas, feitas em Bolonha, me permittiram firmar o preciso valor historico do illustre emigrado,

---

beccari, e seu biographo, que o auctor do mappa usou de observações proprias e que durante a guerra, «muitas vezes desistiu de labores geognosticos, abandonou o esquadro e o compasso, etc., para brandir as armas, em sua defesa pessoal». Vide o cit. «Omnibus».

Pouco antes de apparecer no commercio o mappa referido, veiu á luz o que acompanha os «Annaes» de S. Leopoldo, e naquelle jornal, n.° de 28 de junho de 1839, o conde, sob o pseudonymo de *Omicron*, formalmente delata o meio que se empregou, para a *composição* do segundo: o lythographo cedeu o original pertencente ao prisioneiro, afim de que se fizesse a copia que figura com outro nome... O responsavel da esperteza, «por falsifical-o, não dando a conhecer o furto, pôz-lhe tantos erros... que comprometteu a rapsodia», allega Zambeccari.

[1] Vide Gay, 341.

[2] Foram publicados nos «*Nuovi annali di scienze naturali*». Nos volumes de Zambeccari figura exemplar que supponho de tiragem especial.

[3] Assis Brazil publica que veiu para a provincia logo depois dos successos de 1830, na Italia. (Vide pag. 54). Em carta que me dirigiu Antonio Alvares Pereira Coruja, a 16 de Outubro de 1885, encontro o seguinte: «Zambeccari era homem de corpo acanhado, magro e parecia ter padecimentos internos». «Apesar de muito dado e accessivel, não tive com elle maiores relações». «Appareceu em Portoalegre parecendo ter 35 annos, pelos annos de 1832, mais ou menos, como naturalista».

Alfredo Rodrigues patrocina outra versão, summamente esturdia, inculcante de ser o conde nada menos que um agente de Rozas, pois une o nome de Zambeccari, ao de Ruedas, a quem attribue esse triste papel.

Não traz nenhum dado, entretanto, quanto á epoca em que arribou ás nossas plagas, o fantastico emissario do dictador.

em nossos annaes: se não foi o que acima exaro, figura, a influencia delle, entre as de maxima preponderancia, no acontecimento supradito.[1]

Livio Zambeccari nasceu em 30 de junho de 1802. Mui cedo orpham, os parentes o matricularam na escola de diplomacia, da famosa universidade local, colhendo-o nos bancos academicos, as primeiras preoccupações civicas, que depois o celebrisaram entre os fautores do Resurgimento. Filiado ás lojas conspiradoras aos 19 annos,[2] teve commissões reservadas, no cumprimento das quaes despertou suspeitas á policia, em 1823. Recebido aviso de que ella seguia seus passos, Zambeccari fugiu para Hespanha, onde se encontrou em face de uma energica fermentação politica, que logo lhe interessava sobremodo, apresentando-se a Riego, em Sevilha. O inditoso brigadeiro o nomeou ajudante de ordens, no seu estado maior; pouco depois designado para uma commissão em Gibraltar, Zambeccari ahi estava em outubro, quando teve noticia do fuzilamento do illustre chefe liberal, com quem servia, e do triumpho completo da reacção. Inutil, quanto perigosa, a sua permanencia na peninsula, partiu para Londres e viajou na Inglaterra e em França, exclusivamente entregue a estudos mineralogicos, até 1826, anno em que embarcou direito ao Rio da Prata.[3] Ao chegar a Montevidéo, encontrou-a em assedio, posto pelas tropas dos patriotas, sublevados contra o Imperio. Como era de prever em homem de suas tradições, não se deixou attrair pelos encantos da feiticeira cidade: passou ao campo dos libertadores, apresentando-se no Serrito, a dom Manuel Oribe, chefe do sitio, que o fez seguir immediatamente á presença de Lavalleja, no Durazno. O glorioso oriental, certificando-se logo de que tinha comsigo um individuo de variado preparo scientifico, mui satisfeito do advento de quem lhe pareceu poder supprir a falta que estava padecendo, de officiaes de artilharia, propoz-lhe a nomeação para o commando geral dessa arma. Dotado de uma natureza ingenua, franca e leal,[4] Zambeccari não escondeu a sua inexperiencia da guerra, e preferiu recusar o posto, a investir-se de funcções para que se não julgava apto ainda.[5] Acompanhou o general, entretanto, por uns dous mezes, e depois, tomando um navio em a Colonia-do-sacramento, foi aportar a Buenosaires, onde, como em Hespanha, como no Uruguay, achou em en-

[1] Iniciador, como alguns querem, não foi; prova-o assaz este livro e o vejo confirmado no estudo de Bertolini sobre o illustre liberal. Ao fixar-se em Portoalegre, diz, «*la rivoluzzione batteva alle porte anche di quella provincia brasiliana, e lo Zambeccari lavorò a tutto uomo, per affretarne lo scoppio*». Vide obra cit., 16, e «*Annuario biografico universale*», de Brunialti, anno I, pag. 420.

[2] Cit. Bertolini.

[3] Enrico Spartaco, «Livio Zambeccari», 10.

[4] É o que declaram os seus biographos e a impressão que deixa a imagem do seu olhar, nos retratos que existem de Zambeccari, ao tempo em que era inspector geral das tropas, nas Duas-Sicilias.

[5] Livro cit. 11.

saios, para tremenda lucta, que duraria mais de um quarto de seculo, os espiritos liberaes e os asseclas de um despotismo que já negrejava, para as bandas da Pampa meridional. [1]

Faltam dados quanto á existencia de Zambeccari, pelos annos de 27 e 28, na capital das Provincias-unidas, mas, consta de sua copiosa documentação biographica, ter corrido ás armas, quando a metropole argentina se viu ameaçada pelos federaes, em 1829; como todos os portenhos, os italianos se prestaram a defendel-a, formando uma legião, para a 6.ª companhia da qual foi eleito o conde, no posto de superior commando. [2] Elle, porém, declinou ha honra, não só pelas rasões expostas antes a Lavalleja, em caso parecido,

---

[1] O homem cuja nobre fronte Alfredo Rodrigues, não sei fundado em quê, assignal-a com o ferrete da infamia, nunca serviu a Rozas; ao tempo em que este se preparava para jugular a liberdade e impôr a tyrannia, já Zambeccari era conhecido em Buenos-aires pelos sentimentos livres que o animavam. A 16 de dezembro de 1826, representou-se ali uma tragedia, o «Brutus primeiro», de Alfieri, em beneficio dos feridos e viuvas do exercito nacional, e em scena aberta, foi cantado um hymno do preclaro conde em que figuram versos como estes, que foram distribuidos em folhas soltas:

Vili schiavi s'invano tentate
Brandir l'arma ne' campi di morte,
Solo avezzo a portar le ritorte,
Vostro braccio, trattarle non sà:
Ramentate di Sparta i guerrieri,
Ramentate di Persia le genti,
L'qual fato v'attende, o strumenti
Del Tirano che leggi vi dà.

Patria adorata e cara,
I figli tuoi nomai
Impallidir vedrai,
Degli empi al minaciar:
Libertade o morte,
Pugnamo, e fra le ruine
Di nuovi allori il Crine
Sapranno coronar. *

[2] Refiro-me aos «*Documenti e biografia di livio Zambeccari.* Este não traçou uma autobiographia. Reuniu em tres grossos volumes (in-4.º, grande) todos os elementos que possuia, como appendice ao trabalho de Spartaco. Do punho do heroe bolonhez se me depararam, apenas, umas poucas e curtas notas, á margem de folhas do tempo. Devo ao competente director da bibliotheca nacional de Florença, o illustrado professor G. Caggiolo, a noticia da existencia da collectanea, que o auctor legou a seu amigo, o finado marquez Rodriguez de Buoi; assim como devo ao prestimoso ministro do Brazil em Roma, ex.mo snr. dr. Alberto Fialho, o favor dos passos necessarios para que a familia do referido marquez me facultasse entrada nos archivos desta fidalga familia bolonheza. Ainda que ausente, a snr. marqueza Laura Rodriguez-Bevilacqua, immediatamente ordenou ao seu administrador, fizesse as indispensaveis pesquizas, verificando este haverem sido antes depositados os preciosos volumes, no museu civico, desde a exposição do Resurgimento: os volumes, assim como outras reliquias de Zambeccari, pertencentes ao patrimonio Rodriguez-Bevilacqua. ** De facto, ahi encontrei a obra, e com a gentil permissão do respectivo director, *cavalliero* Fulvio Cantoni, pude examinal-a e extrair os dados que insiro no presente livro, todos elles mui confirmato-

* Para este hymno foi composta a musica, por C. Massi, segundo Bertolini.
** Figuram estas reliquias em armario exclusivamente dedicado a Zambeccari, onde contemplei o quadro de que falo em outra nota, assim como retratos varios, fardas do coronel patriota, etc.

como porque se havia já alistado nos «*Usares republicanos*», de que era chefe o coronel Zenon Videla, obtendo o seu baptismo de sangue, nas circumvallações da capital, em combate de 26 de abril. [1]

Triumphante a politica de Rozas, Zambeccari para fugir ás perseguições da incipiente dictadura, dirigiu-se ao Riogrande, «onde tinha muitos amigos», por serviços que a varios prestara, no decurso da guerra da independencia oriental. Muito bem acolhido pelos liberaes da provincia, tudo fizeram para que ficasse entre elles, mas tendo de liquidar negocios do seu interesse, em Buenos-aires, onde o governo se tornara mais moderado; regressou para ali e esteve de malas promptas para tornar á Italia, onde pensava intervir na grande conspiração carbonaria existente, quando chegaram folhas noticiando o malogro dos esforços regeneradores da «Joven Italia». [2]

Isto o fez acudir aos instantes reclamos dos seus correligionarios riograndenses. Tornou a Portoalegre, onde teve commissão para proceder, com outros, ás medições que se faziam, de lotes urbanos e ruraes, na colonia de S. Leopoldo; depois entregue, o conde, em absoluto, a seus estudos geographicos, de historia natural, e á vida de imprensa. [3] Estreiou-se nella em «*O continentino*», que «advogava moderadas reformas, mas, diz Enrico Spartaco, o odio contra o governo imperial tinha lançado mui profundas raizes, para que simples reformas pudessem satisfazer ás multidões descontentes. Mirava-se a alguma cousa assaz mais alta e pouco depois vinha á luz o ***Republicano***, campeão de novas e mais audazes maximas, como sufficientemente explica o nome com que se annunciava o novo periodico. [4]

---

rios da theoria historica que sustento, — o que a põe sob a egide da maxima das auctoridades a que nos é licito recorrer. ***

Vide, quanto ao que registro acima, Spartaco, 11 a 14.

[1] Idem, 4 a 17.

[2] Idem 14.

[3] F. J. Apontamentos em meu archivo. Sobre esta phase da vida do conde encontro uma referencia, no «Constitucional riograndense», de 15 de janeiro de 1831. Nesse numero relata sua visita á zona de S. Leopoldo, Antonio José Gonçalves Chaves, dizendo ter viajado com «o snr. José Thomaz de Lima, inspector da colonia, e *monsieur* de Zambeccari, illustre emigrado bolonhez, cuja companhia nos foi summamente grata».

[4] Foi nos ultimos annos da vida que Zambeccari se dedicou ao trabalho de colligir dados, que servissem para sua biographia. Falha da memoria ou distracção, elle, ao juntar aos muitos elementos que coordenou, o n.º de 26 de janeiro de 1837, do «Defensor da patria», do Rio-de-janeiro, traçou á margem haver sido um dos redactores do «Republicano», de Portoalegre, «o que lhe valeu a acerba inimisade do visconde de Camamú, que escrevia no «Defensor da patria» e na «Idade de pau», — seguramente querendo referir-se á «Sentinella da liberdade» e á «Idade de ouro».

*** Já no momento de entregar esta obra ao prélo, descubro em uma carta do engenheiro administrador da casa Rodriguez-Bevilacqua, que nos 3 volumes de Zambeccari existe uma outra biographia, além da de Spartaco: a que escreveu Cesare Parnini. A' pressa com que estava, devo o não ter dado com esse trabalho, no meio de tamanha copia de peças, a que não acompanham indices.

Zambeccari foi um dos seus mais activos collaboradores.

As novas idéas prégadas pelo *Republicano* encontraram ecco, em o seio das camadas populares. Além disso, a má administração do presidente imperial Fernandes Braga chegava o fogo á isca, e tanto assim que toda a população de Portoalegre se sublevou a 20 de setembro de 1835». [1] «Zambeccari como um dos principaes actores no movimento revolucionario, auctor do programma que tinha servido como base das operações, havia tomado, com os patriotas, as opportunas medidas, para que as cousas se não reduzissem a ũa mera representação scenica». [2] Fugido Braga, «a Revolução (continúa Enrico Spartaco) era um facto consumado. O Riogrande conquistara a sua liberdade. Mas para fazer perigar o novo estado de cousas surgiram dissensões, entre os dous principaes cabos da Revolução, Bento Gonçalves da Silva e Bento Manuel Ribeiro, o qual dali a pouco erguea novamente o estandarte do Imperio, conduzido talvez a isso pelas manobras e intrigas do presidente Araujo. Então começou a guerra civil». [3]

Zambeccari, [4] como secretario e chefe do estado maior de Bento

---

[1] Aqui se observa outro defeito de memoria no informante de Spartaco: dá como presidente do Riogrande em 20 de setembro de 1835, o dr. Araujo Ribeiro, e não Braga, como corrigi, ao reproduzir o trecho da biographia.

[2] Enrico Spartaco, 17. Tenho confirmação do que diz o biographo italiano, em depoimento de um «farrapo». Eil-o: «Netto não frequentava os circulos politicos em os quaes se tratava do movimento revolucionario de 35, e por isso não sabia o que nelles passava a respeito da Revolução. Só depois que Bento Gonçalves concertou o plano della com Zambeccari, foi que Netto e muitos outros foram convidados para ella, afim de depor-se Braga: porém, Zambeccari, Bento Gonçalves, Onofre e Calvet é que tratavam do assumpto da Republica, *sendo Zambeccari a primeira cabeça que planejara a marcha que se deveria ter mais tarde*». Vide Caldeira, carta de 5 de maio de 1895, no meu archivo. (Os gryphos são do auctor do livro).

Sería de pôr em duvida o que consta desta carta, quanto a José Calvet, em vista de seu afastamento da provincia, depois que o deportaram para o Rio-de-janeiro. Cumpre não esquecer, porém, que circumstancias de ordem domestica o retinham onde se achava, continuando a ser elle, todavia, o mesmo companheiro politico de sempre. *Certo de seus sentimentos ácerca de nossas cousas*, é como lhe fala Almeida, em carta de 21 de janeiro de 1841, resposta a outra, em que lhe declara o dito Calvet, a 10 de fevereiro de 1840, que apesar de ser numerosissima a sua familia, pretente sair da capital, «porque, diz, eu soffro aqui muito, e darei a ossada, se não puder com tempo gosar ares mais livres». Vide ambos estes documentos, em meu archivo.

Além do que exponho, para explicar o retraímento de José Calvet, occorre dizer que presumo pertencera, na conjura, tal qual o dr. Marciano, ao grupo dos que pugnavam pela republica, sem a separação.

[3] Pag. 17.

[4] Tive o grato ensejo de contemplar no museu civico de Bolonha, um quadro a oleo, que não pouco me commoveu, em o qual Zambeccari é representado na epoca da sua brilhante existencia, em que servia junto

Gonçalves, tomou parte nos varios choques anteriores ao Fanfa, combate que foi fatal á sua liberdade e á causa a que servia. «Malgrado a derrota (prosegue o biographo), os republicanos não perderam o animo, e emquanto tratavam de organisar novas tropas, para resistirem com vantagem, proclamava-se a Republica em Piratiny, cidade do coração do Riogrande. Um obelisco recordou por muitos annos, em aquella cidade, o nome dos sete auctores da Revolução do Riogrande, entre os quaes não figurava como o ultimo, o de Zambeccari». Transcrevo *ipsis verbis*, e nesse derradeiro periodo, a respeito da vida do seu heroe, Spartaco (que decerto o ouviu, que positivamente o ouviu), com laconismo nos diz o sufficiente, para termos clara idéa dos serviços do illustre agitador italiano, — typo de alto relevo entre os benemeritos da libertação da sua terra e egregio patriarcha da Republica, em aquella que immortalisaram os «farrapos». [1]

«Zambeccari, filiado desde logo aos *Continentinos* e talvez seu instituidor, disse Assis Brazil, era assíduo a todas as sessões, onde lia memorias e prégava em repetidos discursos idéas abertamente republicanas. Muitas vezes, contrariado por algum dos seus confrades sustentou polemicas doutrinarias. Na imprensa jornalistica, onde continuamente appareciam artigos seus, eram, com as necessarias reservas, os mesmos principios que prégava. [2] Levado por

---

de Bento Gonçalves. No primeiro plano, á direita do observador, vê-se o joven secretario e chefe do estado maior do caudilho da Revolução, com a rubra farda liberal, calça azul, botas amarellas, assentado sobre um accidente do terreno, cuja vegetação rasteira é de ordem a lembrar a da nossa Pampa. O coronel tem sobre os joelhos o mappa do Riogrande, que estuda, no exercicio de suas funcções bellicas. Ao fundo, sobre uma ligeira eminencia, ergue-se o seu cavallo de guerra, ajaezado á gaucha, e á dextra de uma ordenança militar, tambem vestida á moda do tempo. O painel, pelo personagem que retrata e preciosissimos dados que nos faculta, a respeito dos costumes daquelle decennio, constitue para nós uma peça de alto valor, e fôra de desejar que a direcção do museu de Portoalegre providenciasse com urgencia, afim de haver uma copia, visto que se um incendio, ou desastre sismico, arruina este exemplar, perderá a pintura historica entre nós, o unico elemento de informação que existe. Além das reproducções custarem preço infimo na Italia, trata-se de uma tela pequena, de mais ou menos 25 × 30 centimetros, que se poderá obter por somma insignificante para o Estado.

Depois de composta esta nota, obtive copia do quadro bolonhez, que assim poude figurar no livro.

[1] Pag. 17. Bertolini tambem classifica Zambeccari entre *os sete fundadores da Republica riograndense, em 1836*. Referindo-se ao 20 de setembro, escreve: «Zambeccari teve notavel parte naquelle grande evento. Bento Gonçalves, chefe do partido republicano, nomeou Zambeccari secretario e chefe do seu estado maior, e nesta dupla qualidade, o nosso patriota cooperou efficazmente com o cabo supremo, para a fundação da Republica do Riogrande». Vide obra cit. 16, 17.

[2] Zambeccari em pouco tempo assimilou a nossa lingua aos seus outros cabedaes de illustração, manejando-a senão com extrema pureza, com uma dexteridade tal, que a penna lhe corria leve entre os dedos,

esse sentimento quasi fanatico de cosmopolitismo que foi tão commum aos homens daquella epoca e que tambem dominava Garibaldi, Rossetti, Griggs e tantos outros estranjeiros que serviram á Republica riograndense, Zambeccari fez-se amar de todos os patriotas do Riogrande, e pode ser considerado o seu verdadeiro e real director mental. Assim explica-se o influxo que exerciam no Riogrande as doutrinas da *Joven Italia:* appareciam ali átravez de Zambeccari». [1] O que consta do registro de minhas pesquizas não confirma, porém, a lição nem a hypothese do eminente historiador, a respeito da arena clandestina em que laborava o proselytismo do egregio bolonhez: tudo induz a capacitar-me de que nem foi socio do gremio a que allude Assis Brazil, nem do que *batia o martello* á sombra delle, e sim de outro, que coberto com o nome do primeiro e recoberto com o do segundo, conspirava no seio do ultimo, — implicito do que revela Spartaco, que o referido nucleo se compunha apenas de sete conjurados e não mais. Eis o que pude averiguar na provincia outrora inspirada por esses paladinos da liberdade e hoje submissa aos serviçaes de um despotismo obscurantista:

— Zambeccari pertencia á vasta associação dos carbonarios, cujo distinctivo, um annel de ferro, nunca lhe saía da dextra. [2] A tal

---

nunca relendo os originaes, que logo depois de escriptos, eram mandados á typographia. * Affirma-se que o manifesto de 25 de setembro é de sua lavra, ** o que, a ser certo, dá uma idéa de quanto o intelligentissimo estranjeiro estava senhor dos principaes segredos do nosso estylo; e pode-se com segurança julgar do seu, pelo n.º de 18 de outubro de 1839, do «Cidadão», do Rio-de-janeiro, em que foi estampado um artigo de Zambeccari, com a designação da proveniencia, nestes termos: «*Do Atlantico*». É um que começa com as palavras: «Homens opprimidos, recobrai alentos! Povos escutai... tremei tyrannos!»

[1] Pag. 56. Tenho motivos para suppor que houve relações directas do proprio chefe deste gremio, ao menos com um dos revolucionarios de 1835. Indicio me parece o que passo a reproduzir. É uma copia de carta de Almeida, a Garibaldi, em data de 20 de junho de 1859, em a qual o ex-ministro, depois de dizer que pelas folhas acaba de ver que o sublime guerreiro está ao lado do «immortal Victor Manuel»; lhe dá os parabens e accrescenta: «Para recommendar-vos a vossos concidadãos, relevareis que adjunte a vossa ordem-do-dia, de 13 de abril de 1839, com o accrescimo do que mais fizestes, a prol da Liberdade Americana. Se forem vivos Mazzini, Zambeccari, Anzani, Castellini, abraçai-os por mim». Se Almeida apenas conhecesse o celebre agitador, atravez dos patriotas italianos, ou das suas publicações, não lhe dispensara uma prova de carinho que presuppõe grande intimidade, como a que tivera com os tres ultimos; e note-se que a dispensa no papel em que dá tratamento ceremonioso a Garibaldi, seu ex-subordinado.

[2] Informe do desembargador Antonio de Siqueira Pereira Leitão, que foi ministro da justiça da Republica, em 1837.

*** Coruja, carta de 1886. Meu archivo.**

**** Informe do coronel Manuel Lourenço do Nascimento.**

«Passavam como delle as proclamações de Bento Gonçalves, a quem sempre acompanhava», disse-me Coruja. (Carta de 16 de outubro de 1885. Meu archivo). Daquellas, tenho por averiguado ser da lavra de Zambeccari, seguramente, pelo menos a de 24 de março de 1836.

circumstancia se deve, creio, o systema analogo adoptado na conjura riograndense, que se fez em lojas admiravelmente organisadas, de certo pelo proprio naturalista. O segredo absoluto com que os trabalhos se fizeram, a reserva mantida com escrupulo ainda muito depois que o mysterio das reuniões se tornou comprehensivel no desdobramento dos successos; comprovam a severidade dos votos e a disciplina revolucionaria que se diffundira. Em todas ellas os verdadeiros iniciados no plano fundamental da conspiração penso que formavam escasso numero. operando, esses, em capitulos de poucos, á sombra de associações que funccionavam nos termos legaes do estatuto maçonico. [1] Outros circulos da mesma natureza existiam dentro de clubs «moderados», creação de Evaristo da Veiga, as «Sociedades defensoras da independencia e liberdade nacional»; chegando, nalguns casos, a absorvel-as, como no Riopardo.

Desconfiavam os retrogrados de quasi todos estes gremios, propallavam serem elles perfeitos conventiculos sediciosos, accusadas sobretudo a loja maçonica do Riogrande, a de Jaguarão e a «Sociedade do continentino», mas o recato era tão absoluto, que desnorteava os denunciantes. A derradeira, por exemplo, mantinha um gabinete de leitura e uma aula de ensino, tendo como socios contribuintes alguns absolutistas de nota, e, entretanto, abrigava no seio um grupo de conjurados, assim labutando em condições da mais completa segurança, — não só com a total ignorancia daquelles, como até mesmo de conhecidos farroupilhas, membros activos da casa. Era um desses Antonio Alvares Pereira Coruja, o qual me affirmou que á loja maçonica «Philantropia e liberdade» (a que funccionava á sombra daquella), não pertenceu Zambeccari, e contava, entre verdadeiros liberaes, individuos que o não eram, como Barreto, Rodrigo Pontes, etc., Ora, é unanime a tradição legalista no garantir que a sociedade que qualificavam de «Maribondina», era o centro dos trabalhos subversivos, o que me faz crer que o agitador bolonhez, João Manuel, José Mariano, Pedro Boticario, e outros, operavam, como já disse, em gremio occulto dentro da mencionada loja, como esta se recatava com o nome da primeira a que me estou referindo. Aliaz, este systema não constitue uma novidade: na organisação carbonaria, que floresceu em França, além de que os membros de uma «venda desconheciam os de outra», eram ellas todas manejadas pelas que tinham a categoria de «vendas grandes», sem lhes communicarem estas o segredo de suas deliberações, simplesmente transmittidas ás primeiras, para observancia geral, quando isto convinha aos interesses da «ordem».

Prisioneiro a 4 de outubro, com Bento Gonçalves, o cirurgião Gaspar Francisco Gonçalves, o medico francez dr. Paul e Onofre. [2] Zambeccari foi mettido com o ultimo na fortaleza de Santa-cruz, onde a sua delicada saude muito soffreu. Ainda que sempre adoen-

---

[1] Esta minha hypothese, que vi confirmar-se em Bolonha, eu a formulei muito antes de ter sob os olhos os documentos de Zambeccari.

[2] «Liberal» de 12 de outubro de 1836.

tado, não se lhe quebrou o animo, porém, nem a nobre actividade que era dos seus habitos. Desenhou e fez lithographar o seu mappa, [1] e traduziu para o portuguez as «*Paroles d'un croyant*», de Lamennais e os «*Saggi di economia politica*», de Sismondi, [2] livros que vertidos lhe serviam para o ensino a que se dedicou, de seus correligionarios, presos como elle, [3] ***ad instar*** do que fizera Antonio Carlos, nas masmorras da Bahia, depois de 1817. Ao mesmo tempo proseguia a seu modo na campanha liberal, escrevendo em horas vagas, para as folhas da opposição, no Rio-de-janeiro, diz-se. [4]

Esta procurou amparal-o, sempre que teve ensejo, afim de que lhe fosse restituida a liberdade. Proposta a troca do conde por Antero de Brito, aprisionado em Itapevy, o governo do Imperio recusou, allegando não tratar com rebeldes. [5] Não era o verdadeiro motivo, como successos posteriores o patentearam: é que dominava ainda, nas altas espheras, a doutrina prégada pelo filho de Bento Manuel, no «Justiceiro», [6] segundo a qual a benevolencia era rasoavel com os «desgraçados» que haviam seduzido á insurreição; mas, de modo nenhum com «os influentes da anarchia», «um sanguinario Zambeccari, um perfido Hermano, [7] e outros marcados pela opinião publica com o ferrete da ignominia e da execração». Com esses «as leis sejam inexoraveis», bradava o redactor da folha, bem certo de que nenhum dos dous estranjeiros merecia a pecha que lhes irrogava, mas empenhado em que os poderes superiores do Imperio não consentissem na volta á provincia, de elementos politicos da ordem dos que menciona, se acaso fosse possivel captural-os. [8] Mais activos que os prégadores do implacavel castigo, labutavam, entretanto, os apostolos da clemencia. Mallogrados os esforços delles, ainda em 1838, quando o generoso chefe do exercito republicano soltou a numerosa officialidade prisioneira do 30 de abril, fazendo-lhes o pedido de que interviessem junto da regencia, em favor do encarcerado de dous annos antes; por fim José Calvet e outros, especialmente aquelle, conseguiram mover os ministros de Inglaterra e Hespanha, o proprio nuncio da Santa-sé, em favor

[1] Na lithographia Larrée, então existente á rua do Ouvidor, 66. A impressão foi feita por J. L. Coelho.

[2] A traducção destes era acompanhada de notas, que o proprio Sismondi leu com encomio, quando Zambeccari passou em Pariz, no anno de 40. Vide F. Bertolini, «*Fracassa della domenica*», abril de 1885. Brunialti, «*Annuario biografico universale*».

[3] Enrico Spartaco, 18.

[4] Idem, 18. Usava o pseudonymo *Cassio*, segundo deprehendo de ūa nota do conde.

[5] Idem 19.

[6] N.º 3, de 17 de agosto de 1836.

[7] Hermann de Salisch, que abrazileirara o prenome.

[8] Zambeccari juntou esta folha, á sua compilação, sem uma nota, silencio que retraça perfeitamente o nobre orgulho do calumniado.

do perseguido,[1] cuja prisão, depois do combate do Riopardo, ainda se tornara mais dura e severa.[2]

O ministerio mostrou-se inclinado a attendel-os, mas veiu a ceder á opinião contraria do concelho de estado. Não durou, todavia, a resistencia; muito embora os elementos conservadores lhe fossem de todo adversos, mais tarde Zambeccari poude saír dos horridos calabouços, em que, enfermiço ou enfermo, jazera mais de tres annos: foi possivel converter a prisão em desterro, graça que obtiveram os seus amigos, pelo anniversario do imperador, em 1839.[3]

Zambeccari, da prisão, nunca mais escreveu a seus amigos do Riogrande, do que se queixa Almeida, em carta a José Calvet,[4] e isto me o fizera suppôr maguado com elles, por insciente dos passos infructuosos que davam, para libertal-o ou melhorar sua condição.[5] Creio hoje que foi medida de prudencia, informado como estaria, de que uma carta de Ulhôa Cintra, que lhe era dirigida, tinha ido parar ás mãos do governo imperial:[6] epistola sua, extraviada, podia de certo aggravar-lhe a situação. Que se conservou fiel aos amigos do sul,[7] que fazia justiça aos magnos esforços que empregavam, ha vestigios em palavras delle, e nas que traça o biographo a quem confiou as reminiscencias de suas campanhas politicas, no

---

[1] Spartaco, 19.

[2] «Povo», de 28 de novembro de 1838.

[3] «Muito custou a deportação», diz José Calvet a Almeida, em carta de 21 de janeiro de 1840, acrescentando que a essa hora devia estar o conde perto de Londres. Meu archivo.

[4] Carta de 21 de janeiro de 1840. Meu archivo.

[5] Os republicanos tudo fizeram em beneficio de Zambeccari, emquanto esteve preso; sempre, entretanto, infelizes, em todos os seus esforços, por que até compatricios do conde se incumbiram de mallogral-os. Um delles, André Rini, que se apresentou ao governo da Republica, dizendo-se em condições de conseguir a evasão de Zambeccari, recebeu 200 patacões, para levar-lhe outros 2.000, e fugiu com a somma. 3.000 foram enviados depois por mão de Paulino A. Aguirre, mas ninguem mais soube do portador. (Vide carta de Modesto Franco, de 25 de março de 1839, a Almeida, e correspondencia deste. Meu archivo).

[6] Consta o facto da collecção do «Povo» de Piratiny.

[7] Vide o cit. artigo no «Cidadão». Consta elle de uma allegoria, em que o auctor busca enquadrar em diversas phases, as vicissitudes do mundo coevo e o feliz desfecho a que se encaminhavam as cousas. Ha nelles referencias veladas que se tornaram mais claras, com as anotações ulteriores de Zambeccari. Percebe-se no escripto que apesar da campanha diffamadora de que foram victimas os «farrapos», o velho companheiro vislumbrava a verdade, a respeito delles, atravez das grades da sua prisão onde tinha consciencia de que o evangelho que ajudara a prégar, não fôra esquecido, nem mixtificado ou sophismado. Depois de mencionar o sacrificio que fazia a ambição para impôr-se dominadora no Riogrande, e ás monstruosidades effectuadas na Bahia, diz que «se rasgou o negro lençol de nuvens, que envolvia a vastidão dos céus, e do lado do sul brilhou uma estrella em cujo centro se lia — Amor, Fraternidade, Humanidade: PIRATINY».

continente americano. Este diz que, seguindo para a Europa, foi «a seu pesar que Zambeccari abandonou os seus amigos». [1]

Tambem disse que o consolava dessa dolorosa imposição das circumstancias, o desejo de rever a patria. Embarcado no postal inglez «Lyra», 45 dias depois chegava a Portsmouth, de onde partiu para Florença, com alguma demora em Londres e Pariz.

Ao chegar ás fronteiras do torrão natal, vedaram-lhe a entrada, aliaz com felicidade para elle, porque logo depois chegavam ordens do governo pontificio, não só para impedir-lhe o accesso, tambem para que o prendessem. [2] Havendo retrocedido para Florença, negaram-lhe ali a hospitalidade, o que não succedeu em Lucca, ducado para onde se dirigiu. Pouco duraria o vexame, todavia, porque seus numerosos amigos não descansaram em Roma emquanto lhe não abriram as portas de Bolonha: reentrava elle na sua querida cidade, em 1841, depois de um peregrinar de 18 annos.

A policia papal não o perdia de vista, porém: Vanicelli ordenou ao legado da provincia que o vigiassem. De facto, «o naturalista conspira», diz Bertolini, o que o fórça a deixar o lugar. Dahi se dirigiu á Sicilia, para ter parte na grande trama em que se contava levantar, no dia de Santo Ignacio, aś ilhas, as provincias napolitanas e pontificias, engendrando-se o vasto incendio, que abrazaria a Italia inteira. O mallogro foi completo, sendo accusado o patriota, nas «Memorias» de Felice Orsini, de se haver deixado enganar pela sua propria imaginativa, noticia que elle refutou cabalmente, em uma carta publica, estampada na «Ragione», de Turim, em data de 20 de março de 1850. Se os acontecimentos mereciam esse juizo de Orsini, assim não pensou a policia, ao ter meio de farejar o que se intentava: Zambeccari teve de escapar.

Ainda no mesmo anno de 1843 interveiu, comtudo, na infeliz facção dos Muratori, em Rimini, como emprehendeu organisar a resistencia civica em Ancona. Em face da teimosia revel que demonstrava, Curzi, por bando de 27 de agosto, pondo a premio em Bolonha a cabeça dos conspiradores, offereceu 300 escudos pela pessoa do conde liberal, que só poude reapparecer nas ruas da cidade, em virtude da amnistia subsequente á morte de Gregorio XVI.

O descanço pouco durou. Sobrevindo a revolução de 1848, teve de seus patricios a gloriosa incumbencia de fundar em Modena a liberdade. Com o levante do povo, ali, a 20 de março, o duque tinha fugido, e sabendo-se isto em Bolonha, organisaram-se forças auxiliares, sob o mando de Zambeccari, que partiu á frente de 1.500 legionarios, contados entre estes 600 estudantes da universidade. Desgraçadamente, encontraram Modena abalada por lamentaveis divisões intestinas: os insurrectos se tinham dividido, entre partidarios de um accordo com o principe e os que não no queriam mais, de fórma alguma. Diante das fataes condições que deparava, Zambeccari arengou aos seus, incitando-os a seguil-o, para com-

---

[1] Enrico Spartaco, 19.

[2] Idem, idem.

baterem juntamente o inimigo que se avistava sobre o Pó: 1.200 dos seus primitivos soldados acudiram ao appello. Nomeado acto contínuo para defender uma provincia dessa região, a do Francolino, repelliu dous ataques dos austriacos, conseguindo, depois que a guerra tomou um mau rosto, não só retirar em boa ordem, como prestar seu concurso em todas as acções travadas no Veneto, por esse anno. Em Treviso commandou a direita da defeza do Piave; mais tarde a fortaleza, que resguardou com animo, contra as forças de Welden, como «se cobriu de gloria na defeza de Vicenza», dirigindo a barricada externa de Santa Lucia, sitio em que foi ferido, não levemente, fazendo questão, entretanto, de continuar na brecha. Tinha assumido o commando da praça de Treviso ao dar-se a queda de Padua: tal desastre obrigou Zambeccari a retirar sobre Bolonha, de onde logo saiu, chamado pelo governo veneziano para contribuir na defeza da perola do Adriatico, ameaçada seriamente. Coube-lhe a chefia da ala direita, no combate de Mestre, a 27 de outubro, forçando a barricada austriaca e tomando ao inimigo dous canhões. Tamanhos serviços grangearam-lhe enthusiastica recepção na cidade nativa, onde foi delirantemente acclamado, em 22 de dezembro. [1]

Em seguida eleito por 11.817 votos, como representante de Bolonha á constituinte de Roma, tomou o rumo da futura capital da Italia. Conservou-se até a proclamação da Republica, na cidade eterna; nomeado pelo triumviro Mazzini, a 24 de abril de 1849, para o commando da praça de Ancona, dous dias depois estava no seu posto. Mas, a 16 de maio caía Bolonha, diante de poderosas forças inimigas; em consequencia dessa vantagem, livres para agir contra Ancona, 12.000 homens se lhe apresentavam sob os muros, abrindo as hostilidades a 24. Mistér foi ceder ao mau fado: rendeu-se o lugar por uma capitulação, a 16 de junho. [2] Mais uma vez infeliz, o patriota incançavel seguiu caminho do exilio. Depois de estar em Corfú, onde por suspeitas o prenderam a 30 de setembro de 1849, dirigiu-se, ao ser solto, a Patras, e dali a Athenas, sitio em que de novo se dedicou alguns annos aos estudos de historia natural. Acommettido pelo colera de 1854, os medicos lhe aconselharam o regresso á patria, recolhendo-se elle a Turim, capital em que se conservou até a revolta de Bolonha, que lhe permittiu retornar aos penates.

Em 1860 recomeça a sua vida de imprensa, fundando a «Nazione», cujo programma era promover a unidade do paiz, sob o

---

[1] Os jornaes do lugar receberam o compatricio com artigos laudatorios, em que sobresaem epigraphes significativas da estima publica: «*Al forte — Al generoso — Al invitto — Al Condottiero impavido — Di Felsinea schiera di prodi — Combatenti nei gloriosi confini di Venezia — Al flagello delle abborrite orde straniere — Per la rendenzione d'Italia*».

[2] Cantú attribue a um acto de incapacidade de Zambeccari, a victoria das tropas da reacção em Bolonha(«Historia dos italianos», XII, 115, 299). Bertolini mostra que o insuccesso foi occasionado pela tardia ordem do general em chefe, Roselli, que o mandou soccorrer a praça a 16, isto é no dia em que caiu.

sceptro de Victor Manuel. A sua precaria saude impediu-lhe de concorrer «á epopea garibaldina», mas o Libertador não esqueceu o velho companheiro de luctas: chamou-o a Napoles, para dar-lhe commissão compativel com o precario estado physico em que andava, e foi a de inspector geral do exercito da Italia do sul. Com desinteresse identico ao de Garibaldi, Zambeccari, finda a guerra, deixou o emprego, voltando á vida privada, para logo depois morrer (2 de dezembro de 1862). Antes, porém, com o ardor de sempre, contribuiu por aquella fórma, quanto podia, na patria, para a empreza a que tambem se dedicara entre nós. Lá, com mais exito; no Riogrande, o altruistico e magnanimo labor effectuado por elle e outros benemeritos — a mudança dos antigos desejos em opiniões seguras, dos vagos anhelos em ardente convição que arranca um povo da pupillagem e o assenta, maior e livre no meio das nações — o labor glorioso pouco mais foi que um sonho, em que viveram dez annos, os alumnos e confrades do grande patriota bolonhez ![1]

[1] Para o periodo da vida de Zambeccari, posterior a 1839, sirvo-me de alguns dados de Spartaco e de Cantú, mas sigo mais o que existe de Bertolini, por vezes reproduzindo quasi de todo a sua narrativa.

PRIMEIROS ABALOS

Na apresentação das figuras que concorreram para accelerar o phenomeno revolucionario, o grupo historico ficaria mutilado, se delle separasse, deixando-a esquecida, a estatua de um interessante padre pernambucano. Refiro-me a José Antonio de Caldas, membro da Constituinte, compromettido na Confederação do Equador, prisioneiro, condemnado á morte e por milagre escapo ao martyrio. Desnacionalisado por um decreto do primeiro imperador e proscripto, esta victima da tyrannia não escolheu meios para combatel-a: alistou-se como capellão no exercito argentino e o acompanhou na sua investida de fins de 1826, sobre as fronteiras do Brazil, em cujas visinhanças permaneceu, para o fim da campanha, como cura de Serrolargo. Pouco depois Caldas foi eleito membro da junta economico-administrativa, da cabeça do departamento, grangeando na zona, com o tempo, «*grandes consideraciones*». [1]

Foi ahi, na villa de Melo, que o seu desapparecido nome, de novo attraíu, por largo tempo, as attenções do paiz, contribuindo sobremaneira para os primeiros abalos da convulsão que poria «a dous dedos do precipicio a integridade do Imperio». [2] Mandava, portanto, o methodo adoptado, estudar no capitulo anterior, o coefficiente de modificação social que representa. Impossivel destacal-o, porém, do scenario especial em que se move, para depois de todo evaporar-se. Quebraria eu, sem vantagem alguma para o esclarecimento da materia, a ordem chronologica, em que é tempo de entrar, para o historico do magno acontecimento dos annaes do Riogrande do sul, e mais clara e mais opportuna exposição de suas remotas origens. Até agora a narrativa esboçou, á ligeira, successos

---

[1] Expressão de um desaffeiçoado, o coronel José Augusto Possolo, em officio de 31 de outubro de 1832, ao presidente Galvão.

[2] Pascual, II, 123.

que demandam amplo desenvolvimento, porque isso foi mister no avaliar o merito do papel de alguns personagens, que agiram, no systema social até ahi em equilibrio relativo e em movimento compassado, como forças exteriores, que lhe mudaram o andamento regular. Incluindo uma dessas forças que ainda se não considerara no intrincado problema, éste capitulo vai descrever o systema a que as mesmas forças inclinaram a collectividade riograndense, e a que por fim a conduziram, aberta a éra da Revolução.

Unido estreitamente ao chefe glorioso dos 33, ao meu vêr unido já tambem a Bento Gonçalves — traço de vinculação talvez entre as duas personalidades mais em destaque, por 1830, em ambas as fronteiras —, Caldas recomeçou a obra interrompida em 1823 e 1824.

Em 1829, o anno critico em todo o Brazil, começa a grande intriga politica da fronteira do Riogrande: «O padre tem escripto a diversas pessoas desta provincia (informa o presidente da mesma), fazendo constar que o espirito publico da Cisplatina propende para a união ao Imperio; e dizem-me que se inculca arrependido de sua conducta passada». O officio [1] communica ainda que Manuel Camara lhe mostrou, em Pelotas, carta delle, muito interessado pelo sobredito Imperio.

Havia quasi tres mezes que o padre, de concerto com outrem, estava em plena actividade. O primeiro ponto da teia foi dado com uma carta ao commandante da guarda do Serrito, em data de 29 de setembro, contando que a 13 do mez anterior, em Montevidéo «se descobriu o partido da Constituição brazileira. Manuel e Ignacio Oribe quizeram oppôr-se e logo o governo deu promptas providencias, fazendo retirar algumas forças e officiaes», bem como procedendo á escrupulosa busca de armas e munições, que todas foram recolhidas a deposito. [2]

Transmittida a confidencia a Portoalegre, o commandante das armas, brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues, considera o rumor infundado: tem cartas do consul e do commandante Roque, da estação naval do rio da Prata, diz, e nada relatam. Mas... insistem

---

[1] De 15 de dezembro de 1829.

[2] Mensagens como esta se reproduziram muitas vezes, sempre com a mesma origem.

Quando escrevi a presente obra, ainda não conhecia a parte da «Memoria» de Lobo Barreto, que foi publicada pelo «Almanak literario e estatistico do Riogrande do sul» (XVII, 191), tomo que, com outros, me remetteu um prestimoso amigo, o dr. Alvaro Eston, por dadiva de outro, Alfredo Rodrigues, o eminente escriptor a quem me refiro seguidamente e cujos admiraveis estudos historicos estimam com justiça todos os competentes. A narrativa de Lobo Barreto algo differe da minha, em pontos aliaz desinteressantes á theoria que sustento ou que pesquizou muito á ligeira. Parece inculcar, por exemplo (pag. 193), que Caldas iniciara a trama, dirigindo-se ao «gabinete do Rio-de-janeiro», quando o documento que citei prova ter elle aberto as negociações com o governo do sul.

Vide nota no appendice.

da fronteira, agora com outro «balão de ensaio», roto o primeiro á quina das mencionadas epistolas, e engendra-se o que ha de manter-se estavel nos ares, por cinco annos, demonstrando a capacidade de seu inventor:—Lavalleja deseja a reincorporação, conforme expõe aquelle officio do presidente.

O general das armas communicou o boato ao Rio-de-janeiro, com reservas, e depois de manifestado o que sempre teve como certo quanto a Rivera. Para Manuel Jorge «queria» este «chamar a provincia ao seu systema» e por pensar assim eis como continúa: «Pode ser que o Telegrapho trabalhe em sentido contrario, porém eu muito desconfio; se Lavalleja não estiver sinceramente amigo de Fructuoso, pode ser». [1]

Quer dizer, o general brazileiro subordina a sua crença na probabilidade do que se apregoava, á existencia de desavença entre os dous caudilhos orientaes e elle proprio affirma que o ultimo entrou para o ministerio, [2] e que o outro se acha satisfeito. [3]

De facto o estava. Nada tinha isto, porém, com o accesso de Rivera aos conselhos do governo. As noticias chegavam com atrazo ao Riogrande e é opportuno traçar um perfunctorio retrospecto, para comprehensão de occorrencias estreitamente ligadas aos mysteriosos passos do padre Caldas.

Com a assignatura do tratado de paz, foi preciso fixar a primeira organisação administrativa de accordo com o artigo 4.°, que prescrevia se elegesse um governo provisorio, para a regencia do paiz, até que pudesse instituir-se o definitivo, de accordo com a Constituição a adoptar-se. [4] Reunida para o effeito uma assembléa nacional a 23 de novembro, no dia 1.° de dezembro designou para a chefia do poder executivo interino, o general Rondeau, nome que mereceu preferencias, visto não ter a força necessaria para a victoria de seu candidato, nenhuma das duas fracções maiores do congresso: os partidos de Lavalleja e Rivera. Em tal situação dos elementos politicos, em o inicio de seu governo, Rondeau se esforçou quanto poude para constituir um ministerio de equilibrio, como inspirada por uma idéa de salutar equilibrio fôra sua propria escolha; [5] mas, como «suas sympathias o inclinavam mais a favor de Rivera que de Lavalleja», [6] favoreceu de maneira saliente a um dos grandes circulos em que se dividia o paiz, com extremo desagrado do outro. A 21 de fevereiro de 1830, aquelle brigadeiro foi nomeado chefe do estado maior general da Republica, gerando sérias dissensões, entre animos já assaz malavindos, esse facto, que «muito influiu no pouco interesse que o povo mostrou pelos festejos

---

[1] Officio de Manuel Jorge, de 5 de novembro de 1829. *Telegrapho* é o pseudonymo de que usava Caldas, nas cit. correspondencias.

[2] A nomeação de Rivera é de 16 de setembro.

[3] Cit. officio.

[4] Convenção preliminar de paz, de 27 de agosto de 1828. Folha solta em meu archivo. Vide tambem Requena, «Colleccion de tratados», 12.

[5] Berra, 677, 687.

[6] Idem, 697.

celebrados ao tempo da trasladação das primeiras auctoridades a Montevidéo, a 1.º de maio, poucos dias depois de ser a praça desoccupada pelas ultimas forças brazileiras»;[1] pouco interesse ou desagrado que ainda se tornou mais patente, com a renuncia dos ministros, quasi simultanea, a 26 e 27 de agosto.[2]

Desejoso de ponderar as forças politicas, sem o abandono, aliaz, de suas predilecções, o governador, por acto de 28 chamou o general Lavalleja para a direcção do estado maior, de que dispensou a Rivera; pondo-o, entretanto, em 16 de mez seguinte, á testa do ministerio da guerra.[3] Com isto as rivalidades se tornaram mais accesas, pois que em vez de nivelar, sobrepunha um rival a outro, de sorte que Rondeau se viu constrangido a procurar uma outra formula para a equação das forças politicas, que sollicitavam a administração em oppostos sentidos: a 18 de janeiro de 1829 passava Lavalleja para a secretaria occupada pelo general Rivera, que aceitara a commissão (na apparencia modesta, em realidade importantissima) de commandante geral da campanha, posto este que assegurou ao intelligente caudilho, o dominio do interior e a victoria nas futuras eleições.

Vendo quanto ganhara elle na partida, quanto o favorecia a troca; vendo como a seu talante «organisava suas forças» nos departamentos e «avigorava o poder que mais tarde havia de servir-lhe de apoio»,[4] o ministro da guerra, governo e relações exteriores agiu de modo a oppôr-lhe embargos: supprimiu a 9 de fevereiro o valioso commando que lhe inspirava receios, sendo contraproducente, comtudo, esse acto de energia, porquanto lhe creou uma situação insustentavel na administração. Teve que deixar as pastas que accumulava, successo que originou o apparecimento de um ministerio da parcialidade contraria, com as nomeações do general Laguna, de Gabriel Antonio Pereira e José Ellauri em 4, 9 e 1.º de março; e logo depois a estrondosa desforra da facção apeada nesse mez.

Para isto foi aproveitado um incidente administrativo. Como o governador intentasse fortalecer os elementos politicos de que Rivera dispunha na campanha, com enfraquecimento da guarnição da capital, a maioria da assembléa protestou, determinada a resistir a essa medida, que considerava perigosa. Perigosa tambem considerou Rondeau a intervenção do legislativo em assumpto da competencia de outro ramo do poder publico, e a 17 de abril, enviou á camara ũa mensagem reclamando outra deliberação a respeito e declarando que se não fosse ouvido, renunciaria elle, com todos os seus ministros. A maioria, que já estava conspirada contra o governo, julgou asado proceder consoante ao que tinha em mira, e,

---

[1] Idem, 698.

[2] Isto se deu em consequencia de um movimento parlamentar, inspirado pelo general Rivera. O ministerio caiu; mas, tendo por si o apoio da opinião publica. Vide Antonio Diaz, I, 311.

[3] Accumulando tambem as pastas do interior (*gobierno*) e exterior.

[4] Berra, 699.

sem o previo exame da condição exarada na dita mensagem, resolveu a crise como se a renúncia fosse indeclinavel. Acto contínuo nomeou o general Lavalleja para o lugar de Rondeau, cujos inuteis protestos contra a decisão parlamentar, se consideraram «anarchicos e sediciosos», empossado immediatamente no cargo, o novo governador. [1]

Rivera comprehendeu que ou se movia promptamente ou que estavam em ruina todos os planos em que laborava. Desconheceu como exorbitante e parcial a conducta da assembléa, negou obediencia ao successor de Rondeau, com as mais patentes mostras de que ia confiar das armas a solução do problema politico, tentado por um lance parlamentar. A camara, que se não intimidou, conferiu ao executivo as mais amplas faculdades para conjurar os males de que parecia ameaçado o paiz, com a attitude revel do ex-commandante geral da campanha, emquanto este se aprestava para levar adiante, o arriscado projecto. [2]

Seguiu-se uma breve guerra civil, que, devido á intervenção de pessoas gradas de ambas capitaes do Prata, teve fim com um pacto, subscripto a 16 de junho pelos generaes contendentes; [3] mediante o qual Rivera se declarava submisso ás auctoridades constituidas, que, a seu turno, o reconheciam de novo, em o commando que exercera. É a esse estado de cousas reinante na vida politica dos dous grandes caudilhos uruguayos, que se refere Manuel Jorge, dizendo acreditar possivel o que communica para a Côrte, se a reconciliação entre elles, por insincera e pouco firme, auctorisasse o aviso de Caldas.

Ora, conclue-se do exposto não ser admissivel, nem mesmo em caso de latente desavença entre os firmantes da concordia de junho, a hypothese figurada pelo commandante das armas do Rio-grande do sul, porquanto nada a justifica ou a torna curial. Além de que o seu austero patriotismo era incompativel com a idéa que lhe attribuiam, a situação pessoal de Lavalleja longe estava de ser uma dessas em que muitas vezes as ambições arrastam os homens a condemnaveis tramas. Verdes em torno de sua fronte sympathica os louros da Agraciada, tinha comsigo um prestigio consideravel, ainda havia pouco solemnemente comprovado; occupava a mais alta magistratura do paiz; dispunha de uma solida fortuna; [4] não lhe estava cerrada porta alguma ás civicas aspirações: como e por que iria buscar apoio no exterior, para um plano que aberrava de quanto se conhecia do apaixonado nacionalista, inimigo figadal da decaída usurpação estranjeira? Depois, o chefe dos 33 sabia em que terreno pisava; o exercito era um gremio vigilante, que havia pouco, em o symptomatico pronunciamento de 4 de outubro, se manifestara acerbamente contra os que tinham outrora mantido intelligencias com

---

[1] Idem, 700.
[2] Pelliza, 117. Berra, 701.
[3] Saldias, II, 285.
[4] Vide Pascual, *passim*.

os dominadores de raça portugueza.[1] Sabia quanto ellas tinham concorrido para o desprestigio dos individuos assim claramente nomeados, não os restabelecendo na confiança publica nem mesmo o merito de serem aceitos por um governo presidido pelo immaculado e grande patriota dom Joaquim Soares, uma das mais puras glorias do pantheon uruguayo.[2] Conseguintemente, em circumstancia alguma, até mesmo como um mero jogo em que buscasse esteiar no elemento brazileiro qualquer proposito futuro de ordem interna; o general Lavalleja se arriscaria ao que lhe imputam, em epoca estremecida como essa, em que incorrera em severo anathema quem puzesse a minima sombra em suas relações com o Imperio, facilmente inquinaveis de espurias ou suspeitas de traduzirem uma acção anti-nacional.

Desta maneira, se a situação pessoal e politica do governador do Uruguay é de todo em todo incombinavel com o que consta da noticia do padre, logicamente se comprehende o que podia ser e sem esforço induzimos tratar-se ou de um embuste de nenhuma consequencia ou de um estratagema, cuja utilidade tem sido difficil de perceber.

De facto era um ardil, inicio de tortuosa machinação, de graves effeitos, proximos e remotos.

O auctor abraça a theoria que tem como fatal a marcha das cousas, tanto no grande theatro dos mundos, como em o mais restricto da ordem collectiva. O seu determinismo, porém, já o disse, é relativo, não é absoluto; acreditando que assim como na economia planetaria apparecem influencias modificadoras, que nesse vasto departamento se chamam perturbações, na orbita humana pesam outras, que sem alteral-as fundamentalmente, fazem variar as directrizes sociaes, abrandam ou precipitam o curso dos acontecimentos. Com a sua modesta bagagem scientifica, não é licito, portanto, ao historiador, o escrever que Jupiter, no habito de um pobre levita desterrado, se postou na villa de Melo, a condensar as electricidades que explosem em raios abrazadores e afogueiam o horisonte de dous paizes, numa tremenda conflagração.[3] Deixará demonstrado, comtudo, que coincidem seus primeiros signaes ao meio-dia, com as mensagens de José Antonio de Caldas, mensagens que ninguem imaginou capazes do magno resultado que tiveram em parte. Tal succede por vezes na vida commum. O viajor arranca de um pedaço de silex uma fagulha quasi imperceptivel, fagulha que caída sobre o terreno junto a si, occasiona queimadas gigantescas... se as circumstancias approximam factores que soem gerar a combustão, isto é, o fuzil, e a pedra de ferir, movidos por um braço intelligente ou pratico — e a isca —, a materia inflammavel, sem a presença da qual o phenomeno se torna praticamente impossivel.

---

[1] Berra, 639.

[2] Isidoro De-Maria, «Rasgos biograficos de dom Joaquin Suarez», *passim*.

[3] Vide Lobo Barreto, «Almanak» cit., XVII, 192.

Que havia de sobra, desta, e quanta era precisa, eis do que não creio se possa duvidar, depois da larga documentação dos capitulos anteriores: sob as devastações do absolutismo, a sociedade riograndense, nas beiras de cujo territorio urdia o conspirador a sua teia de enganos, tinha o aspecto de planicie mirrada pelo sol, que dilata o seu amarellecido manto como uma accendalha illimitavel. Vereis que a um canto delle, os golpes de pederneira não ateiam logo as chammas esperadas; que em breve tempo, todavia, sob a palha resequida, crepita, para alastrar-se gloriosa, a immensa fogueira purificadora!

Antes, porém, que se ergam as labaredas inextinguiveis por muitos annos, outras se empinam, como tenues linguas, prompto apagadas pela providencia dos homens ou em virtude da absoluta falta do vigor communicavel, de que se achavam providas, ao germinarem: outras luzem e se dissipam como fogos fatuos: melhor, como relampagos prematuros, que zigzagueiam no espaço, quando as nuvens ainda se não acham de todo carregadas, e nuncios da tremenda furia que se armazena sob o céu, para o vindouro cyclone derruidor!

Este capitulo é um ensaio de registro dos principaes, até o que explodiu, com a supradita violencia, e que representa o ultimo estadio da paciente obra em que se empregava, com efficacia, o artificioso sacerdote, como se fosse elle uma aranha incançavel.

Em 1830, já o commandante do 4.º regimento de cavallaria [1] e interino da fronteira do Riogrande agitava-se nas linhas da rede, sem perceber que fôra colhido. A 14 de fevereiro expediu um officio ao general das armas, segredando «constar a união do Estado oriental á provincia», o que «geralmente parece bem a todos», ajunta elle. Caldas lhe fazia esta communicação e ainda a 9 escrevera: «Grassa a opinião que havemos sabido plantar». E como um official nosso o desvalorisava em Montevidéo, com a intriga de que não merecia credito por já haver sido perdoado pelo imperador, o diplomata de batina se prevalece do incidente para a morte de todas as suspeitas, do lado do Brazil. Insinua um expediente arteiro: fazer-se que o proprio official, em «communicado» á imprensa, diga que «é necessario que auctoridades dessa provincia (do Riogrande)

---

[1] O 4.º corpo tinha a sua parada no Serrito. Acto da regencia, de 7 de julho de 1831 (vide tambem instrucções da mesma data), alterou a situação de algumas unidades, mas, aquelle corpo foi mantido onde se achava, até o inicio da guerra civil. O decreto mudou a numeração do 5.º, para 2.º, que devia estacionar em Bagé, e transferiu o 3.º para S. Gabriel, extinguindo o 6.º Igualmente alterou a classificação do 9.º de caçadores, que teve o numero 8.º; os 2.º e 3.º de artilharia foram supprimidos, designadas as praças que os compunham para serem com ellas formadas tres das companhias do 1.º corpo, a que se iriam reunir tres outras companhias organisadas na Côrte, e que ainda ali se achavam. Julgo que com as ultimas é que tornou á provincia o major José Mariano, que foi nomeado lente da nova unidade, por decreto de 18 de outubro. (Vide «Imperio do Brazil», de 15 de julho de 1831 e Pretextato Maciel, II, 312).

estejam alerta, que o padre Caldas trata de plantar o republicanismo». [1] Era de uma cajadada abater dous coelhos: adormecia os seus inimigos do Rio-de-janeiro, que o detestavam cordialmente e o tinham na conta de ũa natureza sacerdotal votada á eterna damnação, como attraía as attenções geraes das almas inclinadas ao extremo liberalismo, para a obra que laborava. Assim, a propria torre do castello absolutista incauta se incumbiria de tanger o sino do alarma dos patriotas...

Logo após foi a Jaguarão, onde naturalmente o militar e o cura se avistaram, escrevendo a 3 de março, este, que segue para Montevidéo e volta breve. [2]

Nota-se que o trabalho clandestino, para iiludir o governo, induzil-o a cegamente contribuir á sua propria perda, não é o unico que ensaiam. Á acção da intriga bem alicerçada, seguiu-se na provincia o abalo de um tentamen, ou dos absolutistas conjugados a Rivera ou dos que agiam pela fronteira do Serrito, quem sabe ambicionando atropellar as cousas, em um rapido golpe de mão, ajudado por feliz ensejo.

Refiro-me a successo do anno em que começou a cabala. Na madrugada de 20 de junho de 1829, os caçadores do corpo n.° 13 pegaram em armas, saíram do quartel direito á praça de palacio, e só regressaram aos alojamentos, por se ter interposto a figura de um veterano intrepido, recemchegado: o calmo defensor da Colonia-do-sacramento. O presidente da provincia, em officio do mesmo dia, faz notar que o pretexto para o motim havia sido, além dos soldos atrazados, a retenção dos de abril e maio, e expressamente se refere *a occultas intrigas*... Algo andava no ar, porque elle já em abril se vira na necessidade de esclarecer o governo central, a quem chegavam as vozes de sedição militar e desordem, revelando que «a provincia se achava em circumstancias delicadissimas, exacerbadas pela escassez de meios pecuniarios». [3]

E ainda dentro do circulo militar (no anno a que chegara a narra-

---

[1] Carta de 9 de fevereiro de 1830. O official, que era Antonio Maria de Sousa, tenente-ajudante do ex-regimento de milicias de Soriano, enviou uma correspondencia á imprensa, no sentido reclamado pelo padre Caldas. Estampou-a o «Constitucional riograndense», em o n.° de 15 de maio de 1830.

Triumphava o ardil!

[2] Pelo que consta de um contemporaneo, o exito de Caldas, na seducção aos militares foi tão completo, que «conseguiu fazer com que todos os officiaes do 4.° regimento de cavallaria de linha se declarassem apostolos e defensores da federação do Riogrande ao Estado oriental». (Vide Sebastião Ferreira Soares, «Breves considerações sobre a Revolução de 20 de setembro de 1835», «Almanak», XVII, 221).

Um dos sobreditos officiaes era Crescencio, que Alfredo Rodrigues, brilhantissimo espirito, desencaminhado por defficiente methodo historico, teima em classificar entre os não republicanos, contrariando a tradição corrente na antiga villa do Serrito, a terra natal do illustre farrapo.

[3] Officio de 18 de abril de 1829.

tiva, 1830) que se manifestam symptomas parecidos. O caso aqui facilitaria assaz o diagnostico, se os medicos observadores tivessem sufficiente preparo ou o supprissem com uma alta dose de sagacidade...»

A 4 de dezembro, o presidente dá parte ao ministro do imperio, que na capital se estivera na imminencia de perturbação da ordem. Por fins de novembro, um anonymo havia produzido a denuncia de 6 soldados allemães, que se achavam presos: um delles tinha conhecimento do plano, para a revolta, na provincia, em favor do absolutismo.

A denuncia lhe fôra trazida ás onze da noute de 29, pelo tenente-coronel José Joaquim Alves de Moraes, commandante da policia local, a quem constava que o commandante do 28.º batalhão, algo sabia e teria communicado ao marechal Brown, commandante das armas. Negou este, entendendo pretender-se inquietar o governo; mas, apresentou-se ahi o chefe do corpo antes citado, João Manuel de Lima e Silva, com cinco missivas, escriptas e assignadas por officiaes estranjeiros, subalternos seus, «das quaes constava que os capitães Kerst e Stepanous andavam alliciando um partido, para estabelecerem uma republica nesta provincia, da qual pretendia ser o mesmo Kerst o dictador», e affirmando haver na colonia de S. Leopoldo ramificações da conspiração, em que figurava como complice, o major Otto Heise.[1] Com isto coincidiu o descobrimento, no quartel do 9.º batalhão, pelo commandante em pessoa, de um aviso, em que se declarava que a data da empreza seria a de 7.

As auctoridades agiram com presteza. Na manhã de 1.º de dezembro os tres indiciados foram mettidos a bordo de uma escuna para seguirem para a Côrte, depois de processo. Consultados os commandantes de forças, declararam contar com ellas, mas ainda assim, para tranquillisar a população alvorotada com o successo, o presidente, que já expedira para S. Leopoldo um destacamento de linha, mandou para lá o brigadeiro Manuel Carneiro da Silva Fontoura e o tenente-coronel Salustiano José dos Reis.

Depois a escuna partiu com os accusados e ninguem mais julgou digno de meditação o mysterio do singular acontecimento. Talvez parecesse de nulla importancia, de todo insignificativo; estou certo, eu, comtudo, que se o nosso chefe de policia, de passo na fronteira, topasse com um collega da terra visinha, e entre um e outro «matte», lhe contara o extranho caso, o oriental, com a agudeza propria dos gauchos de um e outro lado da linha, sentencioso commentaria: *Cuando rio suena, agua lleva!*[2]

---

[1] Os officiaes indicados haviam pertencido aos corpos que contractara dom Pedro no estranjeiro. Combine-se o incidente, com o que digo para adiante, a respeito de planos mallogrados da aristocracia local.

[2] «*Rien n'est petit dans le majesteux problème des choses*», nos diz J. H. Fabre, e adiante accrescenta que «*l'observateur ne doit rien négliger*» («*Souvenirs entomologiques*», VII, 100, 114), e por isso registro aqui uma circumstancia que pode ter algum valor. Sarrasin, francez que se distinguiu mais tarde como ardente adepto da Revolução, era negociante

Com muita se arrojava, este, atravez do Continente, e as ondas se lhe não encapellavam só e só para as bandas de Portoalegre e Serrito.

Lèstes o que disse Manuel Jorge a respeito das intenções de Rivera, que já vos tornei conhecidas. [1] O prudente cabo de guerra, em data posterior, insiste em pronunciar-se a respeito das tentativas do caudilho uruguayo, para induzir ao seu systema, *o que acha difficil*, assim como tentativas de seducção dos habitantes da provincia, a irem para o Estado oriental. [2] O pensamento expresso pelas palavras que gryphei, está em desaccordo, entretanto, com o do mesmo brigadeiro, expresso no anterior officio, relativo ao sinuoso invasor de Missões. Manuel Jorge era um velho discipulo da feroz disciplina de Beresford, conhecera em campos de batalha, o valor da napoleonica, lições que refizeram, ainda mais endurecendo-a, a sua educação absolutista: a do Riogrande, como aliaz de todo o Brazil coevo, declaradamente revel, indignava-o, enchendo-lhe o inculto espirito, de extraordinarias preoccupações. No mencionado primeiro officio dizia elle: «Pouco cuidado devia dar ás instancias de Fructuoso, se a moral, nesta, como nas mais provincias, não estivesse corrompida, se houvesse capricho e enthusiasmo nacional; porém o Idolo de alguns homens é o interesse e querem figurar...» Adiante o seu desgosto se mostra de extrema violencia aggressiva, examinando successos da revôlta circumscripção: exaspera-o o tom altaneiro, um tanto ironico, dos habitantes, com o irrecatavel desdem no aspecto por tudo o que de perto ou de longe se relaciona com el-rei nôsso senhor, envolto no mesmo despreso o amo e os servidores agaloados. A ira desconhece limites, quando o brigadeiro lusitano percebe o nenhum effeito da classificação official nas gerarchias, habituado o povo a descobrir a alma do escravo sob as phosphorescentes lentejoulas das fardas arrogantes. Não no contentava a resignada marcha para os matadouros collectivos, dessa indomavel gente da attribulada fronteira; orgulhoso de obter em lances de innegavel bravura a condição da suprema felicidade na milicia, em que foi exemplar, quer elle os riograndenses exactamente de seu molde: criados todos do imperador.

Sobresae Pelotas, como terra bem policiada, desde o tempo pre-revolucionario. [3] Para o rigorismo cortezanesco de Manuel Jorge,

---

na colonia de S. Leopoldo, ao descobrir-se o que acima exponho, e foi victima de demasias policiaes, como implicado no successo. (Vide «Constitucional riograndense», de 11 de dezembro de 1830).

[1] Officio de 5 de novembro de 1829.

[2] Idem de 9 de dezembro seguinte.

[3] Viajante que muito estudou o Riogrande do sul assim se lhe refere: «Assistimos por assim dizer, ao nascimento daquela cidade, e pouco mais de vinte annos bastaram para fazer, de uma aldeia insignificante, constando sómente de ũa modesta capella, rodeada de algumas casinhas baixas, uma villa sumptuosa, composta de edificios apparatosos, alguns ornados de todo o luxo da Europa.

....

futuro «gentil-homem da imperial camara e barão de Taquary». [1] «das povoações a peor é S. Francisco de Paula, [2] que tirado meia duzia de homens os mais são aventureiros», [3] e o motivo do enfado bravio do valente general se desentranha nesta grave accusação. do maximo crime de lesa-magestade, em que os sabe incursos: «No 7 de setembro houve ahi um jantar onde se fizeram saudes equivocas».

Signal dos tempos !...

Com este officio, o commandante das armas remette uma carta de Bento Manuel, escripta do Jarão, sua «estancia», a 1.º de novembro de 1829, em que, depois de agradecer uma licença, faz-lhe uma communicação que o general transmitte para o Rio-de-janeiro. e assim termina: «Fructuoso Rivera machina contra o nosso systema actual de Governo, por consequencia contra a pessoa do Soberano; uma carta que acabo de receber delle claramente o manifesta...» [4]

Entrementes, surge outro abalo. Em dias de dezembro de 1831, o sargento-mór Alexandre Luiz de Queiroz, que se tinha bandeado para o inimigo nas vesperas da batalha de 20 de fevereiro, voltou

---

A cidade ergue-se num terreno alto que principía da margem esquerda do rio de S. Gonçalo, e se estende entre os rios Pelotas e Santa Barbara; seu prompto adiantamento resulta de sua proximidade das xarqueadas, e por consequencia da coadjuvação dos xarqueadores, homens abastados e geralmente dotados de disposições liberaes; a vontade delles era, com effeito, sufficiente para operar a transformação que se tem notado: elles quizeram que o lugar prosperasse, e o lugar prosperou; cada um delles tem ali sua casa urbana; e quando, nos domingos e dias santos a população das xarqueadas ajunta-se na cidade... é difficil fazer-se uma idéa do ar de vida e de opulencia que respira então a cidade de Pelotas. Erraria quem pretendesse applicar-lhe os dados recebidos pelas outras cidades de segunda ordem; o aspecto dessa é inteiramente excepcional, por isso que depende da posição social de sua população e de suas relações commerciaes: a par do carro popular, tôsca testimunha da antiga industria local, anda o ligeiro carrinho de construcção européa, como tambem entre os cavallos arreados de prata, luxo especial dos homens do paiz, apparecem ginetes ricamente ajaezados com selins bordados por mãos inglezas e montados por senhoras, que não cedem em elegancia ás mais graciosas parisienses. Não será esta descripção arguida de aduladora ou tomada como excesso de cortezia; são geralmente conhecidos o gosto delicado e a formosura natural das brazileiras, e todas as pessoas que frequentaram o Riogrande, sabem perfeitamente que as senhoras daquella provincia não têm nada que invejar ás suas irmãs, tendo talvez por complcto de attractivos, o garbo e facilidade que lhes dá o costume de andar a cavallo, desde a idade mais tenra».

Vide Dreys, 118, 119, 120.

[1] Pretextato Maciel, obra cit.

[2] Nome por que era conhecida outrora, a hoje bella cidade provinciana.

[3] «Que não tiveram inducação» *(sic)*, concluiu.

[4] Melhorada a orthographia. Assim farei quando absolutamente preciso, em outros casos parecidos.

á Cassapava. Teve ordem de prisão, resistiu, e foi-se, depois de espancar a varios, cobrir de insultos a outros ou expandir o temperamento em ameaças de morte, bem como de revolta dos escravos, a quem promettia a liberdade; em summa, repetindo alto e bom som, o mote boquejado á surdina: a federação com o Uruguay. Abriu-se uma devassa; o presidente da provincia apurou que antes, em tempo de dom João VI iguaes cousas fizera, por ser de intelligencia insana. Apurou mais: que estava só, no ruidoso acontecimento. [1]

Não dispunha de auctoridade para a empreza em que se mettia, mas, habitando no Estado oriental, sentiu no ambiente o que exprimira em fugaz e desordeira permanencia, no interior de seu paiz de origem. Podia ser um desorientado este homem; que traduziu aspirações geraes na antiga Cisplatina, comprova-o uma representação da camara do Alegrete, ao ministro da guerra, a respeito das luctas do Uruguay, que traz muita luz á subita investida de Alexandre Luiz de Queiroz. Expondo o seu pensar sobre as facções do paiz visinho, affirma categoricamente a municipalidade da fronteira, que «ambos os partidos que se hostilisavam no territorio da Republica, eram concordes em promover a separação daquella provincia do Imperio», e que a esse tempo mesmo «cada um delles se disputava influencia nos negocios della». [2]

Antes de pronunciar-se como acabo de mostrar, a sobredita camara tinha communicado para Portoalegre mais ou menos o que denunciava Bento Manuel, notificando ao presidente uma cousa muito grave: que Rivera «convidou algumas pessoas influentes nesta provincia por seu credito e empregos, a separarem o Continente do resto do Brazil, promettendo a protecção pelo lado do Estado oriental, onde tinha um posto no ministerio». Não só isso: diz que elle está de mãos dadas com inimigos do governo actual da provincia e attribue ao partido anti-nacional a idéa de a «separar do resto do Imperio, para formar um Estado independente com o Estado oriental». Pede que os juizes de paz armem os cidadãos, até crear-se a guarda-nacional e que o governo compilla Fructuoso Rivera a retirar-se da fronteira». [3]

---

[1] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[2] Idem, idem. Refere-se á representação de 11 de abril de 1834.

«Rivera e Lavalleja, com seus respectivos adherentes (diz Rodrigo Pontes), accusavam-se mutua e reciprocamente de intenção e planos ominosos contra o Imperio: e suas accusações eram recebidas, ou despresadas conforme as sympathias pessoaes, ou as vistas politicas das pessoas perante as quaes se deduziam essas recriminações». Continuando, accrescenta que Barreto era leal na defeza que fazia, de Rivera, ainda que ao ver do auctor da «Memoria» se enganava, bem que o presidente oriental procedesse, ao menos ostensivamente, de accordo com a lei das nações, «quando seus inimigos se ligavam estreitamente com os perturbadores da ordem na provincia do Riogrande do sul». E concluindo, assim explica o que devia fazer o commandante das armas, com relação a Rivera: «Cumpria destruir intrigas manifestas, guardando sempre a necessaria cautela com o amigo suspeito».

[3] Este officio foi desenterrado, em 1834, pelo «Recopilador liberal», que

Ha, pois, dous movimentos synchronicos, um para léste, outro para oeste, da fronteira uruguaya com o Brazil. Este ultimo está perfeitamente caracterisado já, em 1829, como sendo de captação para colligar, unir em um só corpo, as duas provincias, do extremo sul, que o Imperio tinha em 1822. E o outro? Definia-o um pouco depois, em 1830, o coronel Araujo Barreto, commandante da fronteira do Riogrande,[1] quando se referiu ás vozes relativas a esse mesmo facto, ao proposto em cartas de Rivera, «que geralmente parece bem a todos», *dizendo uns que a união do Estado oriental á provincia era para fazer parte integrante do Imperio*, OUTROS QUE É PARA COM AS DUAS FORMAR UMA SÓ REPUBLICA. Ha, pois, duas correntes bem distinctas, ainda que com a mesma tendencia, addindo o supradito official, ao que fielmente reproduzi, o que passo a mencionar: «Nesta provincia ha uma e outra opinião», isto é, ha quem deseje a reconquista pura e simples da antiga Cisplatina, e ha quem vote pela separação do Riogrande, para constituir-se com ambas um Estado federal.[2]

Nota-se logo, porém, uma cousa: ao passo que a propaganda, de uma parte, ganha terreno, visivel até aos mais cegos, que são sempre os que governam; da outra parte, o perde, de anno a anno. De facto, os trabalhos que foram entrevistos primeiramente pelas bandas de Alegrete, dentro de pouco tempo não representavam mais nada que pudesse causar preoccupações e só serviam como arma para effeitos de intriga, na contenda partidaria. Por que naufraga a tentativa de Rivera e segue diversa fortuna a que se prende ao nome de Lavalleja? Porque se dirigiu aquelle, de preferencia aos conhecidos do exercito, em que tambem servira: altas patentes, quasi todas impopulares, desde que se arvoraram na provincia em os melhores esteios da politica retrograda. No entretanto, as cousas estiveram em serio trato, no periodo em que as aspirações do ladino guerrilheiro elevado á presidencia da Republica se combinaram com as dos magnatas descontentes no Riogrande do sul. Apesar de suas affinidades com essa gente, S. Leopoldo não lhes occulta de todo os designios: «Parecia que por toda parte (escreve elle) um fado irresistivel levava a despenhar o Brazil nos abysmos da anarchia; ouvi a ardentes defensores da monarchia proporem *a separação da nossa provincia, até a maioridade do joven monarcha!*»[3] É o concerto, é positivamente o concerto de que trata o dr. Francisco de Sá Brito, na sua memoria historica: «Presidindo a provincia o ex.^mo^ snr. Manuel Antonio Galvão, cavalheiro de muito honrosa memoria, houve naquella capital (Portoalegre), um partido

---

o estampou a 25 de junho, com o proposito de deixar patentes os encobertos planos do inimigo de Lavalleja, quando os farroupilhas no interesse de favorecer o ultimo, comprometteram o Brazil de maneira tal, que se julgou imminente uma guerra com o Uruguay.

[1] Officio de 14 de fevereiro de 1830.

[2] Cit. officio de 14 de fevereiro.

[3] «Annaes da provincia», 304 (2.ª edição).

que aspirava á separação e independencia da provincia. Era esse partido composto de individuos amantes do despotismo antigo que se desgostaram dos progressos que fazia o civismo no Brazil, e de liberaes assaz levianos para não penetrarem as vistas desses corypheus», [1] — amigos e consocios de Rivera.

A verdade e exacção historicas obrigam-me a dizer, todavia, que baqueou a tentativa do referido general, não só pela ordem de motivos acima registrados, como tambem pelas anterioridades de que igualmente falei para traz, as quaes muito o compremettiam. O mesmo achaque moral que tinha de deixar sem exito a sua mediação posterior, na politica da provincia, em 1836, [2] mata o seu projecto iniciado sete annos mais cedo e que tivera um começo de execução em 1828. Esse achaque é o que menciona o proprio apologista do general e que diz acompanhal-o, como uma tara funesta; ao fazer o historico da supradita mediação: «A proposta de Rivera não teve effeito por diversas rasões, sendo das principaes a desconfiança que tinham delle, tanto os revolucionarios riograndenses, como os proprios imperiaes». [3]

Do lado de Jaguarão, muito diverso. [4] Todos os factores que na outra conjura apparecem com um signal negativo, ahi têm claras notações de caracter positivo. Além de se haver Lavalleja approximado dos mais actuosos e validos elementos liberaes, além de haver sabido confundir a sua com a causa dos visinhos do norte, pendendo assim para elle a quasi unanimidade das sympathias dessa população; era o alliado dos riograndenses um typo de provada fidelidade, de grande prestigio moral, o que concorria fortemente para consolidar os vinculos existentes, aquem e além da raia. [5] Ora, o concurso dos referidos visinhos constituia uma força de muito peso no jogo dos successos, que Rivera pudera ter attraído, emquanto se conservou esparsa e não systematisada, possuindo elle como possuia, um maravilhoso genio para a creação de expedientes ampliadores de sua preponderancia. Na hora, porém, a que chegavam os acontecimentos, isso era impossivel. Os seus calculos politicos, já compromettidos pelos mencionados coefficientes pessoaes e impessoaes, tinham que saír de todo desacertados, em con-

---

[1] «O vinte de setembro de 1835», memoria inedita.

[2] Pascual, II, 354.

[3] Idem, idem. Vide tambem Gabriel A. Pereira, «Correspondencia», I, 196. Carta de Salvador Mandiá, muito significativa.

[4] Para ahi havia passado Bento Gonçalves, desde sua nomeação para o commando do 4.º regimento. Acto da regencia, de 8 de julho de 1831.

[5] Além das causas geraes que fortaleciam no Riogrande a bandeira deste caudilho, havia a favorecel-o influencia de natureza individual, de summa importancia: a amisade que lhe votava Bento Gonçalves, de quem era compadre, como Rivera o era de Barreto e de José Rodrigues Barbosa. A circumstancia, hoje, teria pouco valor, mas por esse tempo o parentesco espiritual firmava laços por vezes absolutamente indestructiveis e que superavam todas as eventualidades geradoras de discordia entre os homens.

sequencia de uma situação social na provincia brazileira, que condensava a força collectiva de que acima se trata, em torno de uma individualidade de nota, breve erguida á categoria de «homem representativo» da sua geração compatricia; individualidade que o repellira de modo solemne em 1825, como o repelliu depois, pondolhe embargos ás manobras clandestinas, segundo consta da «Memoria» de Sá Brito, na parte que reproduzi e de que passo a dar a continuação.[1] «Coube ao snr. Bento Gonçalves a gloria de pulverisar esse partido em uma sessão secreta, por um discurso que desmoronou-lhes os planos, e impôr-lhe silencio, despertando ao mesmo tempo nos bons cidadãos o nacionalismo e o amor á liberdade, cujos principios medravam no Imperio», assenta o chronista, e notarei de passagem, que Alfredo Rodrigues julga, com mui grave erro, que o depoimento citado, do ex-ministro da justiça da Republica, reforça a sua theoria, a respeito de Bento Gonçalves, quando á luz da boa critica historica, desvenda apenas mais uma dessas fintas com que o coronel, famoso esgrimista, soube desviar a attenção, do ponto que alvejava. Para diante se verá que em novembro emprega uma outra, muito parecida com essa de janeiro. O esperançoso escriptor, na sua interpretação de uma éra de conspirações, traduz muito ao pé da letra, os documentos em que os compromettidos, mais occultam, que descobrem os seus designios.

Indispensavel se torna lançar uma esquadrinhadora mirada á retaguarda, antes de proseguir no relato. Com isto, ficam mais perceptiveis os factos de 1825-28, cuja existencia já deixei provada, — antecedentes immediatos dos que ora descrevo.

Saldanha largou o governo a 28 de agosto de 1822. Dando conta das occorrencias precedentes e subsequentes, ao principe real, a junta presidida por João de Deus Menna Barreto affirma existir no sul «um terrivel partido que apenas nos tem sido possivel conter, á custa de nosso amargurado soffrimento».[2] Já fiz menção deste precioso indicio, passagem em que observei não podia ser, esse, o partido da independencia, que o marechal e a junta representavam, nem o absolutista, a que o mesmo militar se achava estreitamente vinculado, inquirindo a presente narrativa, se não sería o que nas eleições de 1828 qualificaram de «facção republicana».

Sopitado o seu progresso, pelo rumo que tomaram os succedimentos da fronteira, de 1816 a 1820, a meu vêr no anno immediato la-

---

[1] Referencia ao seguinte. Depois de adherir aos 33, Rivera escreveu a Bento Gonçalves, convidando-o para a empreza dos independentes, sem contar com o effeito que produzira em muitos a sua proxima defecção. Deu-lhe resposta o riograndense, com o seguir á marcha batida para o campo das operações, á frente de seus soldados.

Rivera, comtudo, chegou a abrir caminho ao que cubiçava, entre os proprios militares do commando de Bento Gonçalves. Vide officio do mesmo, de que adiante farei menção, com a data de 20 de dezembro de 1832.

[2] Officio de 29 de agosto de 1822.

borava de novo, com actividade, nas sombras, e disseminava os fermentos engendradores dos factos a que antes alludo, durante a guerra, como aos posteriores, que estou resenhando. O episodio de 1822, entre uns e outros, nada mais fez que abrir novo parenthesis, na occulta marcha do inquieto gremio, e quando o governo imperial julgou cortar cerce as esperanças liberaes, com o tratado de 28 de agosto, que para sempre destacava de antiga e perigosa intimidade politica com a provincia oriental, a, tão commovida, do Rio-grande: a força das circumstancias a restabelecia por outra maneira, creando até mais sérias intelligencias, entre os elementos emprehendedores, de uma e outra banda da raia. A preexistente agitação continuou: tal phenomeno, todavia, longe estava de ser, em tudo, o que, de estremecimento em estremecimento, se desentranhou nos abalos de 1835 e 1836. Para comprehendel-o, preciso é volver os olhos para um periodo, ainda mais longinquo, da historia local.

O quadro da communidade riograndense, no começo do segundo quartel do seculo findo, visto em suas grandes linhas, apresentava matizes de caracter politico, que podem assim descriminar-se: embaixo de tudo, os escravos, depois a grande massa criadora ou lavradora e a pequena massa urbana; outra, menor, de commerciantes: outra, ainda mais reduzida, de «xarqueadores». E na cuspide, os que se haviam erguido por sobre a restricta burguezia e o vasto gremio rural: os *clams* do patriciado incipiente, a nobreza em formação a influxo das armas, dos galardões regios ou privilegios locaes e á custa da riqueza accumulada á sombra do Estado. Nas tres primeiras camadas, pelo conjunto de motivos compendiados neste volume, reinava em diverso grau, mas reinava em geral o anhelo á mudança ou a vontade de contribuir para ella; nas tres ultimas, em geral, o contrario era a regra, ainda que por differentes moveis moraes: circulos de tendencia conservadora pronunciadissima, constituiam um complexo naturalmente solidario, sem que fosse politicamente homogeneo. De facto, despresando diversidades ora indifferentes neste estudo, podiam ser abrangidos em dous grupos: no primeiro (fabricantes de tassalho e mercadores), dominava um egoismo instinctivo, rude, franco, descomplicado, inimigo aberto de qualquer innovação que tornasse precaria a «ordem» em que tinham medrado ou medravam os largos haveres, da xarqueada ou do balcão; no segundo (o dos magnatas), primava um apego ao que existia, igualmente energico, porque era fonte de onde provinham os mais deliciosos bens, — sendo de consignar-se de passagem que os ultimos se achavam subdivididos em dous sub-grupos: o mais numeroso attraíra a si os cargos de vulto ou dispunha de valioso ascendente, indiscutido e tradicional; o menos abundante desde muito se engrandecia com um descarado parasitismo administrativo ou monopolisava os quantiosos contractos fiscaes, as pingues arrecadações de impostos.

Qualquer alteração da «ordem» em que houvesse algo a perder, comprehende-se, era ardentemente e sabiamente combatida pelos dous grandes grupos: mas, emquanto o primeiro repellia a minima

reforma do vigente estado de cousas, que acarretasse perturbação do socego publico, e diminuisse o trafico mercantil ou fabril, no segundo ninguem se oppunha a mudanças quesquer, *em certas hypotheses.* Por exemplo, desde que nellas sempre ficassem confirmadas as sinecuras, favores ou beneficios, de que estavam de posse e até as referidas mudanças poderiam ser encaradas com um muito particular agrado, se incrementassem ou parecessem incrementar as sobreditas vantagens.[1] Eram conservadores condicionaes, conservadores opportunistas, que os tolos de todo genero, e mormente os de um genero especial, os historiadores myopes, catalogam nos primeiros postos da gerarchia collectiva, sublimando-os com os titulos de magestosas columnas do Estado, benemeritos sustentaculos da paz publica, linhas mestras da sociedade organisada: em summa, gente que naquellas horas correspondia ao que modernamente entrava em coleras furibundas, ao ouvir falar de reformas no Imperio e que hoje morre de amores pelas que introduziram os pseudo-democratas de 1889 em diante, depois que descobriu não ter a espada do exercito o funesto intento de seccionar a placenta, por onde lhes vinha do erario a substancia de um sangue copioso e rico: a gente que hoje execra a dignissima familia imperial e divinisa as dynastias republicidas, da nossa anomala federação, pelas mesmas santas rasões que fariam odiosos os devotos das ultimas e sublimes os daquella; se o Monk de 15 de novembro, em vez de pronunciar-se pelo novo, se conserva fiel ao velho regimen. Ora, o movimento da independencia, como todos os outros que lhe succederam, trouxe comsigo algumas fataes modificações (raras, mas sempre sensiveis), acontecendo no Riogrande, que uns poucos daquelles graves personagens se vissem prejudicados ou sob a ameaça de o serem: se vissem ante a triste perda lamentavel da posição social que fruiam ou ante vehementes indicios de que talvez a perdessem, com o ascendente das individualidades que despontavam á crista das ondas revolucionarias, baralhadoras das primazias estabelecidas. Submetter-se a semelhante contingencia não é virtude das chamadas classes superiores, disputando ellas, palmo a palmo, communmente, o que entendem pertencer-lhes: e as de que trato, na provincia, cuidaram de sobreestar os effeitos do proximo cataclismo, segregando-a do movimento nacional, que consideravam eversor de uma situação verdadeiramente invejavel, — para elles, bem entendido!

Os fornecimentos ás tropas eram as *razzias* depredadoras, de que se fala em outro lugar, mas, os graduados oligarchas estavam isemptos de tão escandalosas alcavalas...[2] E além desta desigual-

---

[1] Não ha severidade no presente juizo. Dizia um patriota, de taes creaturas, «que não presam a liberdade, e que indifferentes a este ou áquelle governo, só querem e adoram seus interesses; embora sejam elles promovidos á custa da ruina da Patria, e dos foros do homem livre e social». Discurso do padre Bernardo Viegas, na «Sociedade defensora», da villa do Riogrande, em 23 de julho de 1833. Vide «Noticiador», de 29.

[2] «O que torna este encargo ainda mais pesado para aquelles que o

dade clamorosissima, desfructavam os proventos de mercês que lhes tinham assegurado uma indisputavel supremacia: as que tinham introduzido uma extensa «rapacidade entre os chefes militares, acostumados a lucrar á custa da desordem que imperava», «neste ramo do serviço», — se não com a venda das graças officiaes, o que praticavam por vezes, com despejo, os proprios ajudantes dos governadores «e cujo exemplo era seguido pela maxima parte dos que tinham algum poder». [1]

«A capitania estava entregue ao mais espantoso bandoleirismo», segundo Saint-Hilaire, quando chegou o conde da Figueira. [2] Este reagiu contra o despudor geral; applaudido como se adivinha, pelos povos, quanto amaldiçoado pelos ditosos principes provincianos, que assim tosquiavam o rebanho colonial. Por fortuna da «ordem» vigente, não estavam maduras as inclinações de que me occupo: ninguem poz embargos ás dignas reformas do administrador portuguez. Depois da guerra de 1825, entretanto, as cousas eram absolutamente outras, e os despojados das magnificas merendas de outrora, á meza do poder, como os que divisaram os pratos em risco, resolveram salvar-se do previsto naufragio e reviver a idade de ouro, que, segundo Saldanha, tinha creado aquella «arbitrariedade, que permittiu a alguns se enriquecessem por meios illicitos». [3] Para isto pouco importavam os meios, desde que os fins fossem praticamente attingidos.

Os membros da junta de 1821, em dissidio com o presidente da mesma, muito haviam receiado que Saldanha, para resistir-lhes, se apoiasse no «terrivel partido» a que mysteriosamente se referem e que asseguram estar mettido em «uma grande intriga», com o capitão-general. [4] Ou porque as promptas medidas tomadas contra o ultimo o inhabilitassem para qualquer tentamen ou porque reservasse a sua intrepidez e espirito aventureiro, para theatro que mais lhe interessava, o certo é que nada occorreu de grave e se dissiparam as suspeitas correntes. Pois bem, do que elle não quiz aproveitar-se em favoravel conjuntura, se prevaleceram a meu vêr os oligarchas da provincia, buscando para si o apoio dos que haviam promovido allianças com o notavel e galhardo lusitano. Entendidas as duas facções, resulta do exame dos monumentos historicos — apurados os vestigios com aturadissimo esmero — que se concertaram com Rivera para a effectividade do que foi de ahi para diante, ora o plano acariciado por um, ora por outro partido no Uruguay, por um e depois por outro partido no Riogrande, em cujas cidades, burgos ou ermos, nunca mais se interromperam os roncos e fragores subterreos, até a explosão de 20 de setembro. Mas, esta — con-

---

supportam, alvitra Saint-Hilaire, é que delle foram isemptos os mais ricos, a pretexto de recompensar os serviços que prestarem ao Estado». Pag. 356.

[1] Idem. Pag. 103.

[2] Idem, idem.

[3] Documentos cit. no capitulo anterior.

[4] Idem, idem.

vem assignalar — expandiu fluidos de natureza diversa dos que geraram a tensão politica até 1831, proximamente: ainda que não de todo heterogeneos, pois muitos dos que concorreram para a violencia da supracitada, já se condensavam antes, isto é, na decada anterior.

Em discurso na assembléa provincial, destinado a desvanecer as desconfianças resumidas pelo presidente na fala de abertura das sessões em 1835, o destro José Mariano, com habilidade summa, usou daquelle expediente de que se soccorrera Abelardo no seu processo, e volvendo-se para os contrarios, como quem diz com Horacio *Vestra res agitur*, assim teceu uma breve rememoração: «Desde a primeira vez que cheguei á provincia, em tempo da presidencia de Salvador Maciel, que muito de proposito as primeiras auctoridades têm, sem cessar, procurado fazer acreditar ao governo central, que um partido aqui existe, com fins hostis á integridade do Imperio. *O mais singular, porém, neste negocio, é que aquelles homens que em 1827, 1828, etc., eram indigitados como corypheus desse partido e cujos nomes foram depois recommendados á execração publica, pela "Sentinella" e sua propaganda, são hoje elogiados e quasi endeusados, como salvadores da provincia!*» [1] O remoque [2] a Barreto era mais que transparente, como o era tambem ao circulo do então commandante das armas. Compunha-se, este, principalmente dos elementos regionaes de que falava Saint-Hilaire, em um topico de merito, não só pelo seguro registro de uma circumstancia que a muitos escapou, como pela prova que offerece de seu notavel espirito de previsão. Depois de *in genere* expôr os defeitos do systema militar do Brazil, continúa: «Ha alguns muito graves, com particularidade nesta capitania. Como os corpos de sua dependencia, quasi inteiramente são compostos de filhos da zona, e que a guerra tem occasionado grandes promoções e gerado grandes fortunas, ahi se formou uma especie de aristocracia de familia, incommoda para os capitães-generaes e perigosa para o repouso dos cidadãos». [3] Percebeu nitidamente este aspecto da sociedade que o hospedava, o illustre francez, poisque (viu-se logo depois) ao perderem as enchanças que lhes garantia o amparo, patrocinio e tolerancia dos altos representantes da monarchia portugueza, a aristocracia já suspeita ao perspicaz excursionista, moveu-se, para fundar uma recondita Veneza, onde proseguisse em paz a sua grata e fecunda regedoria.

Não digo bem uma Veneza; o modelo parece ter sido outro, como outro o rumo de onde lhes veiu o estimulo. O ideal para os famosos conservadores riograndenses fôra o puro e simples restabelecimento do absolutismo corrupto do marquez de Alegrete, ou de

---

[1] Barreto havia dito que salvara a provincia, quando a tentativa feita, de perturbar a ordem, á chegada de Mariani, e seus apaniguados repetiam o que apregoava o marechal.

[2] «Recopilador», de 9 de maio de 1853.

[3] Pag. 483.

alguin dos *beys* que o precederam, porque não eram outra cousa estes senhores de baraço e cutelo. O erudito academico Oliveira Lima delineia com maestria um painel soberbo, em que ergue ás nuvens a maravilhosa obra de dom João VI, mas outro erudito academico — contemporaneo do rei e amigo pessoal delle — mostra, em dous concisos traços de penna, que a decrepita monarchia lusa pouco mais fez que recobrir a negra fachada do alcaçar do despotismo, com uns enganadores ornatos modernos de sainete liberal, e enganadores de ingenuos, poisque a elevação á categoria de reino, já vereis como a explica admiravelmente, alguem, e a propria abertura dos portos nunca foi cousa que o honrasse, como dadiva de significação generosa ou magnanima: nada mais era do que um meio de recheiar as alfandegas, com uma producção que o reino, por absorvido no systema continental, não podia mais exportar-nos, nas antigas condições. [1] Saint-Hilaire dil-o com uma nobre franqueza e fina lealdade: «Era impossivel que se continuasse a considerar como colonia, um paiz onde o soberano tinha a sua residencia. Declarou-se, conseguintemente, que passava a ser igual ás provincias da Europa e todas as nações tiveram accesso a seus portos». «*Mas, nisto se resumiu tudo*, e por uma contradicção singular, deixou-se em vigor um systema administrativo colonial, em paiz que não era mais uma colonia. Cada capitania continuou a ser uma especie de *pachalick*, onde o capitão-general se mantem no goso de um poder absoluto e onde a seu bel prazer lhe é dado exercitar todas as jurisdicções». É o que Palmella explica em outras palavras: «Sua magestade, depois de ter estado alguns annos no Brazil, convenceu-se de que as principaes povoações delle estavam já chegadas áquelle grau de civilisação, em que as sociedades deixam de ser governadas por dictadores para serem por magistrados sujeitos a ũa marcha regular, e conforme a um systema de leis uniformes em toda a extensão da monarchia. Foi nesta mente, pois, que sua magestade declarou o Brazil elevado á categoria de reino. É VERDADE QUE NADA MAIS SE FEZ DO QUE ESTA SIMPLES DECLARAÇÃO. [2] e em vez

---

[1] A prova está aqui: o favor se fez com o caracter de cousa «provisoria e interina», — palavras estas que são as proprias de que usa a carta régia de 28 de janeiro de 1808, conforme registra Pereira da Silva, «Historia da fundação do Imperio brazileiro», I, 219.

[2] Nisto ha clamorosa injustiça. Algo mais se fez: deu-se o ultimo retoque ao despotismo, na America portugueza. Com a chegada do principe se instituira, por alvará de 10 de março de 1808, a intendencia da policia, nos moldes pombalinos. Era pouco ainda e sua alteza nos galardoou com um antegosto dos progressos do porvir, segundo as visões de A. Comte. Para este, em taes idades, os governadores «exercerão directamente» as funcções judiciarias de mais grave tômo, postos de parte, como «incompetentes e irresponsaveis», os tribunaes («Politique positive», IV, 446); a reforma de dom João estava ainda longe de attingir as perfeições sonhadas pelo philosopho, mas, tentava approximar-nos desse ideal. Por decreto de 7 de novembro de 1812 fez depender todos os remedios legaes com que pudesse resguardar-se a liberdade indivi-

de se regular a publica administração do Brazil nesta conformidade, *tudo continuou como dantes, e as provincias continuaram a ser governadas pelo arbitrio de governadores* TÃO ARBITRARIOS E ABSOLUTOS COMO DANTES». [1]

Se assim conservava as circumscripções do novo reino o magnanimo filho de dona Maria I, assim o desejavam inalterado os herdeiros por linha indirecta, da fidalguia que reduzira Portugal a um quasi cadaver: assim o desejavam sobretudo os da extremadura gaucha, se outro systema lhes não propiciasse ainda mais saborosa especie, como a que descobriram, em um curioso exemplario das classes conservadores de uma outra parte da Peninsula.

Os conservadores hespanhoes disputaram as riquezas iberoamericanas que sentiam fugir-lhes, com uma sanha e furor indescriptiveis. O novo mundo presenciou horridas scenas de inenarravel fereza e do mais estupido egoismo, porque eram de effeito contraproducente, em absoluto, além de comprometterem da maneira mais «revoltante» as cavalheirescas tradições da mãi-patria. [2] Ao verem alguns, porém, que estava condemnado a desapparecer o predominio de dom Fernando VII, agiram *pro domo:* em vez de batalharem até o ultimo extremo, recolhendo-se á Europa, se a lucta inefficaz, esses a quem me vou referir, tudo empenharam para a persistencia de um dominio insustentavel, não já em beneficio da corôa, mas delles proprios. No sul do Chile, segundo resa Vicente Lopez, erigiram uma republica, para seu uso e goso, e cousa parecida oreou a sueste do Alto-Perú, o brigadeiro Olañeta; [3] com intuitos tão declaradamente pessoaes, este, que, num certo periodo, não só se mantinha em defensiva contra os independentes da provincia que pretendia usurpar, como contra os proprios elementos

---

dual, do previo assentimento do intendente geral da policia: nenhuma auctoridade podia intervir em favor dos que elle perseguisse e encarceirasse, sem que com antecedencia fosse elle «sciente e o désse por corrente»... Juiz unico de seus proprios actos!

[1] Vide «Voyage à Riogrande do sul», 482, e «Cartas sobre a revolução do Brazil», 371 (Informação do ministro dos negocios estranjeiros, em 1821).

Como se conclue do ensino das duas auctoridades em que me apoio, Medeiros e Albuquerque, com a sua maravilhante olhada, com aquella visão luminosa das cousas, aquelle subtil e vigoroso espirito de analyse, que distinguem o grande cerebro que tem, e que tornam tão prestadia a sua grande cultura, tão fecunda a sua penna, tão nitido, preciso, claro, substancioso, o que produz; Medeiros e Albuquerque, com mais segurança do que Oliveira Lima, poz em foco o perfil politico do monarcha portuguez, qual se lê na resumpta da sua conferencia na *Sorbonne* e carta subsequente ao illustre diplomata, publicadas no «Jornal do commercio», do Rio, — o que aliaz, se restringe, não destroe o merito do magnifico trabalho do ultimo, o mais completo até hoje apparecido sobre a epoca de dom João na America portugueza.

[2] «Esquisse de la révolution de l'Amérique méridionale», pag. 60 e seguintes.

[3] Vicente Lopez, VIII, 519.

militares do partido liberal hespanhol, cujo chefe era o vice-rei de Lima.[1] Nada mais, nada menos que uma obra semelhante, cogitavam de fundar os que no Riogrande faziam parte, como Olañeta, do partido absolutista, ou antes, das utilidades que o systema colonial assegurava a certos de seus servidores. Divulga um auctor que viveu na intimidade de taes sujeitos, que o pensamento em que tinham entrado, era o de uma creação de natureza transitoria, até que se verificasse a maioridade do imperador.[2] Mas, estou eu certo de que mui intencionalmente baralha successos, com o deliberado proposito de se servir delles, como illustração de seu rasoamento, sem os expôr á luz meridiana, pois é clara circumstancia, em varias tradições, que a conjura germinou em periodo anterior á abdicação, e ajunto além uma prova, que ainda não foi aproveitada. Longe de ser o que inculca S. Leopoldo, o jogo dos descontentes alvejava mui diverso objectivo: os republicanos sinceros queriam servir-se da força ou poder dos magnatas, para a victoria das instituições livres: os alliados daquelles ingenuos compatricios o que ambicionavam era servir-se da boa fé e civismo alheio, para preservarem os commodos, vantagens e honras proprias.[3] A pretenção, ainda que una, faziam-na apparecer desdobrada em duas, para os effeitos da propaganda: os habeis manejadores seduziam os espiritos progressistas com uma republica unida ou federada ao Uruguay, e acenavam aos monarchistas despeitados com a bandeira de uma provisoria independencia, exclusivamente operada para libertar a

---

[1] Vicente Lopez, VIII, 530.

[2] S. Leopoldo, «Annaes», 305.

A primeira referencia que se me deparou á suspeitas de uma conjura «republicana», na provincia é a que consta da «Defeza do desembargador Candido Ladislau Japi-Assú», pag. 8. «Em Portoalegre, diz elle, como é notorio, fui perseguido pelo *famoso Salvador José Maciel*, que de mãos dadas com os *coroneis Freires*, procuraram perder-me. Então diziam «que eu era republicano, inimigo do imperador: que tinha intelligencias «com Fructuoso Rivera, e depois com Alvear, a favor dos quaes pro«curava levantar os pretos da provincia, para com os meus amigos en«tregal-a á sua disposição!»* Para fazer-se acreditavel a ultima parte destas accusações, espalhou-se na cidade uma proclamação escripta em mau hespanhol, em que se dizia que aquelle general tinha intelligencias com a camara da capital (a que eu presidia), que além de contar com a sua coadiuvação, contava com os povos e com a maior parte das auctoridades: — mas logo se conheceu a impostura e o seu infame auctor».

[3] Não ha severidade no presente juizo, repito. Esse mesmo partido ou facção conspirou contra Araujo Ribeiro, porque se recusava, em 1836, a restabelecer o systema de prepotencia absolutista e inquisitorial, do gosto de taes senhores, e porque se constituiu em um «grande fiscal da fazenda», «reduzindo as despezas enormes que se estavam a fazer» em Portoalegre, segundo auctor monarchista. Vide appendice.

* «Eram dos meus amigos, os mais notados, o sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro, seu tio o sr. padre Antonio Pereira Ribeiro, e ultimamente o sr. general Henrique Brown, e nem o sr. Israel de Paiva deixou de ser ferido. Todos são na verdade meus intimos amigos»: «porém honrados quanto se pode ser.» (Nota de Japi-Assú, que assistia no Riogrande, como ouvidor, em 1828).

provincia da peste constitucional que enfermava o Brazil e o mergulhava na «anarchia»... Não tenho duvida, entretanto, de que houvessem corrido, com os primeiros, os perigos da fantasiada aventura politica, se o *complot* se não dissolve, como é notorio: a isso os predispunha a decadencia do ascendente de dom Pedro, e visivel ruina, com elle, do partido absolutista, que cerraram as portas á minima esperança, da banda do Rio-de-janeiro. [1]

Segundo passagem do «Recopilador» de Montevidéo, alhures reproduzida, José Bonifacio se pronunciou a respeito destas aspirações, no seio da camara geral, e, no da camara provincial, claramente se lhe referiu mais tarde José Mariano, pelo modo que já relatei, confirmado o que denunciaram, pelo que consta da «Memoria» de Sá Brito e da collecção do «Povo», folha que da maneira mais positiva, não só descobre as compromissões de Barreto, como a epoca da esquecida e até hoje não historiada machinação. [2]

O que o «Povo» não publicou, porque não lhe convinha confessar, é que muitos dos farroupilhas, isto é, muitos dos elementos vivazes da provincia comprehendidos no «terrivel partido» de 1821, participaram da conspirata, dissipada pela fórma que assignala o ex-ministro da justiça da Republica riograndense, — elementos que

---

[1] Vide capitulo 3.º *in-fine*.

[2] N.º de 29 de setembro de 1838. O articulista assenta que Barreto antigamente fôra accusado de republicano e de conspirar para a a independencia da provincia e união com o Estado oriental, *sendo-lhe preciso dar vinte contos de réis á marqueza*. Supponho que se trata da marqueza de Santos e não pode ser outra, como de que a gorgeta teve por fim conseguir o apoio da dita fidalga, — que de facto o vendia, sem ceremonia nenhuma, garantem os chronistas de semelhantes escandalos.

Encontro vestigio da conducta sediciosa de Barreto ainda em outra peça. Uma carta do dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, em que este declarou não poder aceitar a presidencia da provincia, desde que fosse aquelle conservado no cammando das armas, porque «não podia servir com um traidor». * Como se ha de interpretar semelhante epitheto desdouroso no caso vertente? Eu só o explico da seguinte forma. Braga, que na acedemia figurava como republicano, ** ao chegar á sua terra compartilhou dos trabalhos subversivos do marechal e como este depois se veiu a transformar no mais qualificado inimigo dos liberaes, e talvez em denunciante dos antigos companheiros, o juiz de direito da comarca do Riogrande o marcava com aquelle estygma.

Apurada a interferencia de Barreto no *complot* que se combinou com Rivera, é o caso de perguntar agora, se não teve alguma relação com isso o surprehendente descaso com que o commandante das armas o deixou levar o grosso botim de Missões... Teria Rivera insinuado no seu ouvido, o que filtrou no dos que o acompanharam na constituição frustra daquella provincia? Desde então ficaram de intelligencia? O relato de paginas 164, *in-fine*, e seguintes, parece legitimar a suspeita.

* «Recopilador», de 17 de dezembro de 1834. Tambem em proclamação de Jardim (a de 24 de outubro de 1837, meu archivo) encontro a mesma amarga referencia ao «traidor Barreto», expressão que ainda se me depara, em outro documento que possuo, carta de João Antonio, pessoa de muita medida na linguagem, como aliaz o era o presidente interino da Republica.

** Fernando Osorio, 276.

em 1831 começaram a dispersar-se, para depois reagrupar-se em volta de Bento Gonçalves, ao assumir elle ostensivamente a direcção suprema da empreza com que sonhavam. [1]

Começaram a dispersar-se em 1831, disse e com o seguinte fundamento.

Terá presente o leitor que deixei transluzir as minhas duvidas, quanto aos moveis moraes de Antero de Brito, na jornada de 1821. [2] Terá presente ainda o que ponderei, em nota á pagina 334 (a 1.ª) deste capítulo, observando não haver severidade no juizo expresso a respeito da aristocracia provinciana. Não era excessivo, de facto, e juntarei a registradas generalidades, um episodio que mais particularmente patenteia o nenhum escrupulo, «a immoral ambição», [3] de que eram capazes as pessoas do sobredito gremio, — episodio em que julgo ter descoberto a chave do mysterioso fim da primitiva conjura «republicana». Para o perfeito entendimento deste feio negocio, devo, antes de outra cousa, transcrever estas duas peças officiaes:

Passo ás mãos de v. ex.ª, para ser presente á regencia, o officio incluso sob numero 1, que me dirigiu o juiz de paz da Freguezia-nova, Alberto José Santana, enviando-me o que lhe remettera o seu delegado, Custodio da Silva Barreto, tambem junto por copia sob numero 2 denunciando a existencia de alguns depositos de armas no seu districto, e o de relações entre Fructuoso Rivera, e pessoas desta provincia. Tão extranha é a natureza dos fins a que parece encaminhar-se a revolução premeditada, tão desacreditado Antonio Paulo da Fontoura [4], que figura como o principal agente, e pessoas tão morigeradas os accusados Ignacio Joaquim de Paiva, e seu genro José Ignacio Junior, que me não posso resolver a acreditar a denúncia em todas as suas partes: José Ignacio Junior é um proprietario de meio milhão, segundo dizem, mui moço, sem instrucção alguma, timido e sem pretenções de representar em scenas politicas: estas circumstancias bastam para presumir infundada a denúncia pela parte que lhe respeita, e igualmente seu sogro. O vice-presidente da provincia, Cabral, a quem mostrei o officio do juiz de paz, rogando-lhe informasse de quanto me pudesse orientar na materia, declarou-me que lhe parecia maliciosa a participação do delegado, e que o sobredito José Ignacio tinha algumas armas na sua fazenda unicamente para a defeza dos bugres, que nestes ultimos dias tem apparecido com mais frequencia; por outro lado pertencendo os accusados á *Sociedade do continentino*, alguma suspeita pode haver de que fossem agentes della para

---

[1] Que já naquelle anno se percebiam claramente os rumos dos agitadores desta corrente politica, eis aqui um indicio: correspondencia da cidade do Riogrande, impressa no «Jornal do commercio», de 15 de fevereiro de 1838, referindo-se a Almeida Torres, diz que foi curta sua presidencia no Riogrande e que se durasse mais, «talvez o snr. Torres tivesse arrancado nesta provincia o arbusto da demagogia, *que ia começando a apparecer*».

[2] Vide pag, 137.

[3] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[4] É o depois celebre revolucionario, mais conhecido por Paulino Fontoura.

a separação da provincia, mas esta idéa suppõe a *Sociedade* possuida de taes principios, e eu não a considero animada destas vistas, mas unicamente constituida para facilitar a alguns de seus socios mais considerados o ingresso na camara electiva e a occupação dos lugares mais importantes da provincia, e a nomeação dos empregados subalternos, formando assim de todo esse grupo um partido que justificasse os seus procedimentos, debilitando a censura de uma influencia systematica e poder-se estabelecer uma opinião acobertada sempre pela obediencia mais cega á lei, e a manutenção da ordem estabelecida. Pode ser que eu me engane, mas para presumir o contrario não tenho dados positivos. Mathieu é um negociante fallido de má fé e assim de nenhuma consideração; não obstante escrevi ao juiz de paz para proceder a corpo de delicto e inquirição de testemunhas, reenviando-lhe o officio original de seu delegado, que devia autoar e servir de base ao processo. Depois de lhe officiar recebi a participação junta por copia sob numero 3, e do seu conteudo verá v. ex.ª o estado da inquirição, e pretender o juiz de paz por meio de seus bombeiros (espiões) interceptar a correspondencia que possa haver entre F. Rivera, e algum desta provincia. Do final resultado darei circumstanciada conta a v. ex.ª para conhecimento da regencia. — Deus guarde a v. ex.ª. Portoalegre, 24 de dezembro de 1831. — Ill.mo e ex.mo snr. ministro e secretario de estado dos negocios de justiça. — Manuel Antonio Galvão».

«Tendo em meu officio de 24 de dezembro ultimo communicado a v. ex.ª a denúncia que me haviam dado de pretenderem algumas pessoas encorporar esta provincia á Cisplatina, enviando a v. ex.ª para conhecimento da regencia copia authentica do mesmo documento, tenho agora a honra de transmittir a v. ex.ª, a do juiz de paz, dando conta do resultado da devassa. Então me abstive de dar conta a v. ex.ª da verdadeira causa de semelhante denúncia, pelo receio de me enganar, ou fazer um juizo temerario, mas agora que estou bem convencido da causa e inteirado de todos os manejos desta intriga, é do meu dever patentear a v. ex.ª quanto tem occorrido.

Israel Soares de Paiva, inimigo declarado do marechal Barreto, cuidando que a federação[1] apresentasse logo, e logo, todos os seus resultados, entre os quaes calculava ser um delles a nomeação provincial das primeiras auctoridades, receiou que seu irmão o brigadeiro Antero, que havia pedido a demissão do commando das armas da Bahia, ficasse desempregado. Este receio, junto ao dissabor de não ter hoje na provincia a representação de que gosou antigamente, já pela influencia de seu pai no tempo de el-rei, já pela de seus parentes no tempo do ex-imperador; o agitaram de tal maneira, que se poz em campo contra o marechal Barreto, primeiramente mostrando-me o perigo da provincia pelo lado da Cisplatina com cujas auctoridades entretinha relações secretas, pouco depois fazendo-me ver, que a *Sociedade do Continentino* influida por elle marechal estava animada dos mesmos principios. Indocil a taes questões, parti, por conhecer mui de perto a fidelidade do commandante das armas, que depositava em minhas mãos quantas cartas e noticias particulares podia obter da Banda oriental; parti porque quando fosse verdadeira a accusação, a minha força moral, então em seu nascimento, fraca barreira sería a pretenções semelhantes. Quando as houvessem o seu ensaio só serviria de mostra á minha inaptidão e má fé, maculando sem provas um general carregado de serviços, e geralmente estimado.

---

[1] A que se esperava, com a reforma da Constituição do Imperio.

Não poude o sobredito Paiva obter cousa alguma; como, porém, a minha apparente brandura, a affabilidade com que o recebia e o nenhum calor com que rebatia as suas accusações o illudissem, a ponto de se persuadir que eu vacillava, deliberou-se a mandar organisar a denuncia na persuasão de que por um antigo official de quarteirão que se intitulava delegado do juiz de paz, eu o mandasse proceder a corpo de delicto, e nos demais termos marcados na lei de 26 de outubro ultimo, porque para assessor dessa auctoridade tinha de mão um perverso, que foi escrivão da ouvidoria e que o ex-ouvidor Pontes [1] lançara fóra do officio por seus crimes.

Note mais v. ex.ª que este escrivão, [2] acompanhado do sobredito Paiva, e do denunciante veiu á minha residencia a sollicitar com fervor ordem minha para o sobredito delegado, e que a nada menos se propunha do que promover iniquamente as vinganças de Paiva, comtanto que o mesmo Paiva sacrificasse a seu turno o ouvidor, [3] com quem até então tinha estreita amisade. A direcção, porém, que eu dei ao processo, incumbindo ao juiz de paz do districto o corpo do delicto, frustou tão negro plano; e posso afiançar a v. ex.ª que se o marechal Barreto fosse tão atrozmente ultrajado, não sei se a tranquillidade publica conservaria sua serenidade nem mesmo se no primeiro movimento de indignação o marechal deixaria á lei e aos juizes o cuidado de o desaffrontarem. Declaro a v. ex.ª que nada receio em quanto o marechal Barreto occupar o commando das armas, e para falar com o coração na mão, seja eu embora demittido, quando assim convenha, mas nunca o marechal. — Deus guarde etc. Portoalegre 6 de Abril de 1832. — Ill.mo e ex.mo snr. ministro e secretario de estado dos negocios da justiça. — Manuel Antonio Galvão».

Impossivel é pôr em duvida o que relata a respeito da denúncia de Israel Soares de Paiva, o presidente da provincia, pessoa de quem o «Republico», folha implacavel com os individuos da classe dominante, dizia ser «um dos nossos mais prudentes, honrados, e sabios magistrados, de um dos nossos mais puros homens de estado». [4] Mais que condemnavel o proceder do delator; não creio, porém, se trate de um invento: para mim, aproveitou-se da circumstancia para perder um inimigo, ao mesmo tempo que promovia o exaltamento da familia. [5] Pedro Chaves, nos debates de 1835, (vide capitulo seguinte) traz á baila esta conjura, o que prova que inda quatro annos depois não na consideravam fantastica, e o pro-

[1] Rodrigo Pontes.

[2] Pessoa que tomou parte na restauração da capital da provincia em 1836. O «Republico» (n.º de março de 1837), de onde faço o extracto destes officios, diz em nota: «Luiz Antonio da Silva, restaurador de Portoalegre, e deportado, dizem por prender á ordem do presidente, e soltar por dinheiro».

[3] Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. (Nota do «Republico»).

[4] Cit. n.º de 17 de março de 1837. Meu archivo.

[5] Como illustração ao que consta do texto, ácerca da referida gente, direi que figura em meu archivo um officio de coronel Antonio Soares de Paiva, commandante da praça do Norte e irmão do auctor da denúncia a Manuel Jorge, commandante em chefe do exercito legalista, officio sobre o qual o ultimo, com a sua letra, poz a seguinte nota: «*Do Santo officio familiar*». — Vide nota, no appendice.

prio Rodrigo Pontes, historiando os successos, se é certo que calca esta parte da narrativa nos officios de Galvão (repete-lhe os termos fielmente), tambem é certo que mostra duvidas quanto ao nullo resultado da devassa. Tudo era falso, escreve elle; adormeceu o governo, quanto a denúncias: *até mesmo livre, o futuro embaixador junto de Rozas!* [1] «E todavia esse homem era um conspirador», accrescenta em 1844. [2] Paulino (continúa) affectava de Fiesque com as damas, mas estava entregue á Revolução. E conclue, assentando que «não poria mascara, se fosse menos fraco».

Julgo que aconteceu o que segue. Israel Soares da Paiva, como outros magnatas, tinha pertencido ao gremio conspirador, qual se pode deprehender do depoimento de Japi-Assú (vide nota 2.ª á pagina 339). Não só por inimizade, como suppõe Galvão, mas talvez por vêr sem exito o trabalho subversivo operado á sombra da «Sociedade do Continentino», é que, sciente do que occorria, se decidiu a prevalecer-se das comprimissões de Barreto, para apeal-o e erguer o irmão.

A ingenua defeza que do commandante das armas faz o presidente, não surprehende a quem conheça a psychologia do primeiro. Absolutista conhecido na provincia, adheriu ao govêrno de abril, para conservar o cargo, não se pejando de endereçar-lhe publicamente «suas respeitosas felicitações» em data de 10 de maio. [3] Que admira, pois, houvesse convencido o simples Galvão da sua mui suspeita «fidelidade» ao regimen? A este, que o «Recopilador» declarava estreitamente alliançado com o marechal, [4] chegou elle a capacitar de que seu prestigio era o que consta de um dos officios transcriptos: chegou a capacitar de que se quebraria a serenidade da provincia, acaso sciente a mesma do seu processo!!!

A ameaça do que lhe quiz intentar Israel Soares de Paiva, a quem julgo ter perturbado é ao conspirador de alta categoria, pois tudo indica que dahi por diante se ausentou da «Sociedade do Continentino», imitando, ao que parece, elle proprio, o seu inimigo, na denúncia e perseguição movida a alguns dos antigos companheiros de maçonaria. [5]

---

[1] Referencia a Paulino Fontoura.

[2] Vide «Memoria».

[3] «Correio da liberdade», de 6 de agosto de 1831.

[4] N.º de 7 de abril de 1834.

[5] Do que se occupava esta, ainda tenho por indicio apreciavel o que se me depara na «Memoria» de Rodrigo Pontes. Refere-se elle á «Sociedade do Continentino», como se o que soubera de sua existencia, fôra obtido por simples noticia. Ora, conheceu-a muito de perto, foi membro do «club», como se prova com uma carta de Coruja, que figura no meu archivo (a de 16 de outubro de 1885). Por que o occulta o ex-juiz de direito do Riopardo, no trabalho destinado ao imperador? Se licitos fossem os fins do gremio, por que esconderia essa innocente circumstancia, aliaz valiosissima pois que lhe daria auctoridade, para escrever a respeito da referida associação, algo famosa no tempo? Não deixa isto crer que temia o apparecimento de qualquer cousa, que desvendasse ainda

O presidente é severo no julgar a conducta de Israel Soares de Paiva. Talvez o fosse menos, conhecendo mais a fundo a gente em cujo circulo o marechal era «geralmente estimado». Os açodamentos inconscienciosos da ambição mostrados pelo primeiro, perturbavam a todos os seus pares, com poucas excepções, esta é a verdade. Sabe-se da tactica empregada por alguns reaccionarios disfarçados que se mesclaram com os jacobinos de França: a de se apresentarem como os estrenuos defensores das idéas victoriosas, para aproveital-as em beneficio do que acariciavam. Tal ensaiaram os nossos, desistindo logo, em vista de opportuno grito de alarma, e o caso merece contado, porque contribue para dar um pouco de claridade, a epoca immersa ainda em profundas escurezas historicas.

A «Sentinella da liberdade», dizendo-se liberal, foi orgam retrogrado, que combateu todas as reformas de abril (a da milicia, a justiça popular, etc.) [1] e acompanhou fielmente as evoluções de Barreto, fazendo guerra crua a seus contrarios, que a intitulavam de «cloaca dos galegos». [2] Como Israel Soares de Paiva mais tarde intentaria fazer a familia galgar a crista da onda revolucionaria, por igual em 1831 o ensaiam os elementos pessoaes de seu graduado inimigo: por via da sobredita «Sentinella» ousam suggerir nada menos que um pronunciamento de quarteis, em prol de radicalissimas reformas constitucinaes, — encabeçado, já se comprehende, pelos grandes fardões do circulo... O periodico, em seu n.° 111, dirige um appello ao commandante das armas, para que elle, «com seu estado-maior, commandantes dos corpos e dos districtos», se dirija ás «auctoridades municipaes», declarando-se de accordo com a federação *já e já*, afim de que ditas corporações locaes, com o «soccorro» da força armada, se possam manifestar pela urgencia da referida reforma. [3]

Qual se percebe, tentam em 1831, o que em 1821 premeditou Antero de Brito, e com uma sinceridade tão duvidosa, naquelle, como neste anno. O «Correio da liberdade» que protestou contra a idéa, assignala, com clareza, a bastarda apparencia que tem. «Se elles assentarem (diz, tratando dos membros do parlamento) que um governo federativo é indispensavel para a salvação do Brazil, nem se precisa a reunião dos povos, nem o terror das armas, para o reclamar».

A folha aconselha melhores arbitrios á collega; que em vez de recorrer a taes expedientes, melhor «vá predispondo os animos de seus leitores para a federação, porque é natural tenha lugar, mas não se metta a fazer convocações» de caracter «tumultuoso», traçando

---

as tramas em que se tinha envolvido, antes de passar de todo aos arraiaes contra-revolucionarios?

[1] Vide, por exemplo, no meu archivo, os numeros de 22 de outubro de 1833 e 3 de abril de 1835.

[2] «Recopilador», de 1.° de outubro de 1834.

[3] Vide «Correio da liberdade», de 16 de julho de 1831.

o «Correio», de passagem, alguns opportunos commentos, a proposito da singular iniciativa.

«Não pouco extranho nos é o bizarro modo de proceder, com que este escriptor publico, bem semelhante a Protheu, a todos os momentos toma mil differentes figuras, segundo os inadvertidos dictames da sua esquentada fantasia». Transladando «para a sua folha, n.º 110, a conhecida fabula do velho Esopo, nos dá a entender que convem, em que o asno, *ou esteja em poder de seu dono, ou dos ladrões que intentam apossar-se delle, nunca deixará de ter albarda»;* «ao mesmo passo» «se nos apresenta elle mesmo em figura de chefe de partido, convidando para uma revolução, em que nada menos se procura, que transformar o actual systema de governo, porque somos regidos, e querendo chegar *já e já* a estes fins por meio do terror das armas!» [1]

Timeo Danaos et dona ferentes...

Posso agora proseguir no que antes detidamente expunha.

Embaraçadas as miras dos que se fortaleciam com a alliança de Rivera, ficaram sosinhos em scena, no campo da agitação politica, as da corrente adversa. [2] A coincidencia destas, com as do mesmo matiz, que laboravam clandestinamente no Rio-de-janeiro, deteve um pouco a conjura republicana do sul em 1831, como lhe alteraria tambem a tactica, em 1833 e 1834, poisque as largas promessas federalistas não eram incombinaveis com a energica tendencia para a separação e a democracia, podendo até dentro de amplo molde autonomico, a propria Cisplatina congraçar-se com as antigas provincias, em geral antipathicas á oppressiva politica, real e imperial, empregada com os orientaes. Logo que o generoso esforço commum de 7 de abril se viu esterilisado, a conspiração proseguiu, para nunca, jamais, desviar-se do primitivo alveo, até 1836. Mas os

---

[1] Vide n.º de 27 de julho de 1831.

[2] Deixa-o comprehender que o era, não só o conjunto de circumstancias memoradas, da vida politica de Bento Gonçalves, como o que o proprio Sá Brito registra, isto com mingua do valor, que pretende attribuir, ao episodio: a notoriedade delle, em epoca em que a policia foi impotente, na pesquiza das impenetraveis reuniões das lojas. Percebe-se que o subtilissimo coronel, ao mesmo tempo que lançava poeira nos olhos das auctoridades superiores da provincia (seu alvo principal certamente), arredava dos contrarios «alguns levianos», embaídos pelas cantigas das sereias retrogradas.

O dr. Sá Brito não estava informado dos factos da sua terra, que occorriam nas sombras, o que elle proprio attesta, dizendo-se «alheio a qualquer pensamento revolucionario». Isto se percebe quando escreve na «Memoria» que «houve um partido que aspirava á separação e independencia». Que houve, não um, dous, ahi temos a prova no que affirma, de accordo com S. Leopoldo, referindo-se aos trabalhos subterraneos de absolutistas e liberaes; e ahi temos a que fornece o presente livro, a respeito da conspiração exclusiva dos ultimos.

Vide nota no appendice.

successos que tiveram como desfecho a revolução de 1831, unicamente paralysaram alguns mezes, a que se tramava na fronteira; convindo deixar bem claro, que delles, em parte, apenas, proveiu o marasmo: em maior parte, muito maior, da má fortuna do individuo com cujo apoio contavam, como os retrogrados haviam contado com Rivera.

Qual já disse, Lavalleja cortou as renascentes azas daquelle, fazendo-o alijar do ministerio. Debalde foi o golpe: tinha muito de Protheu o talentoso gaucho, [1] e ellas se lhe implumaram logo, resurgindo activo na contenda politica o ex-secretario de estado, sob a figura de commandante geral da campanha, que o incauto lhe não disputara ou Rondeau teimou em dar-lhe, para manter em equilibrio as duas forças rivaes. Habil como nenhum de seu tempo, em labores de insinuação, como de intriga, o naufrago de 1827, que ainda havia pouco tinha os dedos grudados á nau governativa; posto á mercê das ondas em 1830, logo depois sobrenadava triumphal ! Emquanto o simples Lavalleja se considerava seguro nas ancoras de seu prestigio libertador, fortalecidas pelas amarras officiaes, o astuto ministro demittido, por debaixo dagua lhe fazia roer os cabos, dentro de pouco á matroca o barco da navegação em que o primeiro tomara passagem: á matroca, em costa ao longe, desarvorado !

Prevalecendo-se dos privilegios do cargo, deu largas á sua actividade, cruzou o territorio em todas as direcções, adoçando rancores com as deferencias estudadas, ganhando os contrarios com os mimos, augmentando o enthusiasmo dos seus partidistas com os favores, — com a promessa delles, em que era de escandalosa prodigalidade, «avezado a brindar com sua protecção a todo o mundo.» [2] Quando Lavalleja abriu os olhos, era tarde; supprimida a commandancia geral, que fôra dada a Rivera, annulla este o effeito da manobra, fazendo que despojassem aquelle da pasta que detinha, em consequencia do quê, occupam o ministerio creaturas do segundo, que dispunha da connivencia do governador provisorio. Isto induz o chefe dos 33 ao golpe-de-estado parlamentar de 17 de abril, que passou o executivo, das mãos de Rondeau, para as do proprio Lavalleja.

Rivera em nome da lei violentada, alça-se em armas, para logo ceder, em junho.

Está batido, alfim ? É elle o real vencedor. Pactuara a paz, com a conservação para si, do posto que haviam supprimido: a conquista dos votos continuou livre, facilitada em muito pelo desacerto de Lavalleja em 1827, como diz Miguel Barreiro: «Não ha

---

[1] Encontro no meu archivo, uma carta de contemporaneo, que assim tambem o qualifica. É de Antonio Manuel Correia da Camara.

[2] Pascual, II, 353. Diz que elle tinha o habito de liberalisar a sua protecção a todo o mundo, pretendendo ao mesmo tempo passar entre os partidos do Riogrande, como «um alto personagem, de illimitada influencia, dentro e fóra de seu paiz».

que duvidal-o: o homem vai ao poder irremissivelmente. O general Lavalleja inutilisou-se completamente, com o golpe de deitar abaixo a representação e o governo da Florida; e hoje Rivera depois de seus muitos desacertos, de haver sido o satellite que serviu ao Imperio, será nomeado presidente da Republica». [1] «O primeiro homem dessa gran cruzada dos 33, que devia figurar em primeira linha em nosso paiz, por esse acto immeditado e absurdo a toda luz; inutilisou-se e qualquer outro, que não possa ostentar tantos titulos á consideração por seus serviços, como elle, figurará mais. Como caem os homens !... Ha querido imitar Cromwell, cerrando as portas do parlamento de Inglaterra; porém, não são os tempos nem remotamente iguaes e menos as causas que em um e outro caso actuaram». [2]

Vide quæ sint postea consecuta. [3] A 22 de setembro, á uma hora da tarde, se procedeu á sessão de abertura dos trabalhos regulares da assembléa nacional, reunidas as duas camaras e presentes «muitos cidadãos de todas as classes. Poucos minutos depois chegou s. ex.ª o snr. governador provisorio, acompanhado do snr. ministro do governo, e tomando assento ao lado direito do snr. presidente do senado, pronunciou breve discurso, fazendo uma resenha dos successos gloriosos, que tiveram lugar no paiz desde o anno de 1825, os quaes produziram a sua liberdade e independencia: e felicitando-se pela reunião das camaras constituintes, concluiu proclamando que a assembléa geral legislativa da Republica estava solemnemente installada». [4] O ministro do governo effectuou em seguida a leitura da mensagem do poder executivo provisorio, peça traçada com elevação e sobriedade, em que o chefe da nação celebrava a estabilidade das novas instituições, os felizes passos operados desde o grito libertador, em que via «grandes motivos de esperança». Dava testimunho das boas relações externas, resenhando quanto se havia feito na ordem interior, para o desenvolvimento da instrucção e obras-publicas, como para aperfeiçoamento da policia e serviços militares. Depois de declarar que, «conforme a lei», «se tem estabelecido a administração da justiça», «ramo que, não sendo bem organisado, torna ephemeras todas as instituições livres de um povo»; o governador firma um traço importante de sua passagem no poder, que não geraria immediatas imitações, por certo: «A fazenda publica, diz elle, continúa em boa ordem: as rendas tem bastado para as despezas ordinarias da administração, e estabelecimento do governo provisorio», apesar da escassez das entradas em erario e da crise monetaria que affecta o mercado. «A vós toca, senadores e representantes, aperfeiçoar esta obra», concluia a mensagem. «O paiz está livre, e constituido; falta fazel-o

---

[1] Gabriel A. Pereira, «Correspondencia», I, 31.

[2] Idem, idem, 32.

[3] Cicero, *Opera*, epistola XXIII.

[4] «Universal», de Montevidéo; transcripção na «Gazeta do Rio» de 20 de novembro de 1830.

instruido, moral, e laborioso, para que então seja tambem rico e feliz». [1]

Dous dias depois, a 24, é que se verificou a escolha do primeiro presidente constitucional. Abertas as cedulas pelo secretario da camara dos deputados, resultou recair a maioria dos votos no snr. brigadeiro-general dom Fructuoso Rivera», que conseguiu «27 votos». [2] O destro caudilho soubera chamar a si o que Lavalleja incautamente alienara, monstrando-se, o vencedor, já emerito em comicios, como o era no alliciamento das adhesões populares para as emprezas milicianas, que tanto favor lhe dariam, nos lances de futuras guerras civis. Por inconteste victoria, sobe ao solio presidencial o banido de tres annos antes, milagre este de uma actividade prodigiosa, que fulmina as esperanças dos amigos daquelle, para além e aquem da raia. Com isto, o preterido se recolhe ao lar; o seu circulo silencia. Mas, por fortuna, eleito Rivera, organisa o ministerio, assume com elle as redeas da administração e falham de todo as qualidades brilhantes que havia exhibido como luctador. Além de ficar evidente a sua radical incapacidade governativa, um symptoma ainda mais sério contribue para extinguir a confiança do paiz e completar o descredito do presidente: o nenhum escrupulo empregado no meneio dos negocios publicos. «Uma administração immoral, delapidadora e nefasta passava a suas mãos, e á dos de seu circulo, a fortuna publica. Distribuia os postos, não ao merito e ao patriotismo, senão aos favoritos e aos servidores do Imperio. Sua cubiça nada dispensava, e com os mais despresiveis titulos e com as côres menos capazes de enganar ainda a mais candida innocencia, sua avidez abraçava desde as terras de propriedade publica, até os mais valiosos contractos de pesca; descendo dahi a todas as demais fontes productivas do erario. Sempre em augmento a divida publica, e por aquella forma cerrando-se a porta a todos os meios de remil-a, de nada mais foi preciso para conduzir o Estado á sua ruina presente». [3]

Eis a resenha que faz Lavalleja, em 1833, da politica inaugurada pelo seu successor. Dir-se-á que a opinião do general é suspeita, mas, depoimentos de outra proveniencia attestam que respeitava austeramente a verdade, no julgar o contemporaneo. Em primeiro lugar, os desmandos que lhe imputava nada mais eram que a confirmação da prophecia do traquejado *fac totum* de Artigas, que assim commentava a noticia da preferencia a que lhe parecia inclinada, em 1830, a assembléa nacional: «Prevejo males immensos com essa escolha, porque Rivera não é de maneira alguma, homem de governo e sua administração será desastrosa e engendrará muitos

[1] Consta esta peça do mesmo n.° da cit. «Gazeta».

[2] «Gazeta do Rio», de 16 de novembro de 1830.

[3] «Correspondencia de Gabriel A. Pereira», II, 62. «*Exposicion del general dom Juan Antonio Lavalleja relativas a los ultimos acontecimientos del Estado oriental del Uruguay, y examen de los hechos del gobierno de Montevidéo*». Publicada em Buenos-aires, a 1.° de fevereiro de 1833.

vicios, que depois se hão de inocular como virus maligno em nosso paiz»;[1] — parecer este de que não fica longe o de um apologista do presidente, que assim mostra o erro dos suffragios que lhe garantiram a supremacia: «Ninguem menos apto do que elle para desempenhar a alta magistratura com que o acabavam de investir».[2] Em segundo lugar, o auctor que por ultimo citei, que estava longe de partilhar dos sentimentos de Lavalleja, reconhece que Rivera, além de inepto para a gerencia do Estado, era «um prodigo»;[3] além de dissipador, era arbitrario, visceralmente inadequado á pratica do regimen: «As travas que lhe impunha a Constituição eram de todo avessas a seus costumes»;[4] tudo menos que legaes, os primeiros actos que realisou.[5] Os primeiros e a bem dizer todos os outros, pois, segundo auctor estranjeiro, mais sympathico ao gremio de Rivera, do que áquelle que lhe era opposto; auctor de grande e merecido prestigio attesta, com firmeza e isempção, que durante essa presidencia campeou a immoralidade, fazendo-se tudo com esbanjamentos e peculatos, de que Oribe mais tarde mandou publicar as provas.[6]

Em paiz cheio de vitalidade, estremecido de ardente civismo, tal ordem de cousas gerou grandes desagrados, que breve se traduziam em vigorosos protestos, tanto nas ruas, como no parlamento, formando-se uma luzida opposição, que teve, como era de esperar-se, todo o apoio da auctoridade moral do libertador de 1825. Foi á frente della que Lavalleja reentrou no scenario, com a aureola de um tribuno do povo, reclamando, para o presidente e ministros, em nome da Constituição e das leis ordinarias, atrevidamente conculcadas, o severo exame dos tribunaes. A attitude do illustre procer, além de corresponder a uma imposição do patriotismo, era dessas que attraem as sympathias geraes em communidades não contagiadas pelo morbus do indifferentismo ou pelo ainda peor da corrupção: refez-lhe, em pouco tempo, o velho prestigio, compromettido pelo grave desacerto que tanto estygmatizara dom Miguel Barreiros.

Respiraram com isto na fronteira os secretos amigos do caudilho, e puderam entrever, os espiritos agudos, a intima correlação que se desenhava, entre os successos politicos de uma e outra banda da linha divisoria com o Brazil; grave symptoma a que allude Pascual, precisamente ao fazer o registro da situação interna do Uruguay, na phase a que acima me refiro.

Depois de escrever o que alhures hei transcripto, isto é, aquella passagem em que assenta haver «a ultima guerra entre o Imperio

---

[1] Idem, I, 31. Carta de dom Miguel Barreiros, de 2 de janeiro de 1830.

[2] Pascual, II, 59.

[3] Idem, idem.

[4] Idem, idem.

[5] Idem, 63.

[6] Domingos Sarmiento, «Memoria biografica del general Paz», III, 15.

e o governo de Buenos-aires, familiarisado os orientaes e argentinos, com os riograndenses da provincia de S. Pedro do sul», e que «desta quasi intimidade tinham nascido relações que se poderiam tornar perigosas para a tranquillidade do Imperio, na vasta e pastoril provincia, então governada não mui destramente»; o auctor dos «*Apuntes*» accrescenta: «Não cabe duvida que se correspondiam os descontentes do Riogrande com os revoltosos de Buenos-aires e Montevidéo, e que seus planos eram desunir aquella provincia, das restantes do Imperio». [1] E depois de consignar esta circumstancia, cujo peso no desenvolvimento dos successos ha de medir-se mais tarde, continúa a discorrer pela seguinte fórma: «Por estes tempos enfermou Rivera, já devido isto ás fadigas que soffrera, já devido ao novo genero de vida em que acabava de entrar, determinando elle, assim que melhorasse, sair ao campo, para restabelecer-se.

Começaram a circular diversas versões ácerca de sua partida: uns diziam que o acompanharia uma força de cavallaria que estava fóra de portas, esperando. com objecto de emprehender a campanha contra os indios tapes do interior; mas outros duvidavam desta interpretação, porque já tinham entrado prisioneiros alguns delles, embrenhando-se os dispersos nas serranias: e não faltavam muitos que referiam o movimento de tropas e a resolução de Rivera, á causas que estavam em connexão com as noticias que hemos insinuado, com respeito aos acontecimentos das fronteiras do Riogrande do sul.

....

A 26 de outubro saíu repentinamente para as fronteiras supraditas «um dos regimentos de cavallaria da República, commandado pelo major Navajas, determinação cuja subitaneidade se attribuiu desde logo aos rumores que temos referido em paragraphos anteriores, de combinações revolucionarias entre os incautos instrumentos da perfidia de Rozas». [2]

O derradeiro topico escreve-o Pascual sem conhecer um monumento que encontrei nas minhas pesquizas: [3] o que consigna indicios de uma conspirata em Portoalegre. Explodiu e falhou em abril de 1832. Mera coincidencia com os rumores chegados de Montevidéo? Talvez. O certo é que alguma correlação parece haver entre uma e outra especie. A quietude anterior da fronteira riograndense dir-se-ia corresponde a uma espectativa ante a lucta constitucional de Lavalleja: depois, alteram-se as cousas. Os republicanos, não ha duvida, conservam inertes as lojas, um tanto em consequencia do 7 de abril, mas, qual affirmo em outra passagem, muito mais, seguramente, em consequencia da mesquinha prosperidade politica do caudilho dos 33. Melhora-se este, para o anno

[1] Vol. II, 65 a 67.
[2] Idem, idem.
[3] Rodrigo Pontes, «Memoria».

immediato, e em seguida, como acima observo, a conspiração dá «visiveis signaes de si...» [1]

A 6 do mencionado abril, um grupo de pessoas que haviam pertencido aos batalhões 10.° e 13.° de caçadores, lançaram-se aos brados para as ruas da cidade, tendo á frente José Paulo da Silva, ex-mestre do trem, estrugindo os vivas á Constituição, ao imperador, á federação, a Barata, [2] e ao 2.° Barata, nome que Paulo da Silva se arrogava, [3] e na immediata noute as mesmas promoveram uma «rusga» com uma ronda, sobre a qual partiu um tiro da casa do patriota José Ferreira de Almeida. Presos e processados os que o deviam ser, [4] as providencias da auctoridade serviram aos «exaltados» para declamações e recriminações, [5] naturalmente destinadas a excitarem os animos, afim de aproveitar-se quanto possivel o incidente, que de certo não passou de um ensaio ou de uma precipitação.

Diz Rodrigo Pontes que por esse tempo «já as folhas espalhavam a demogogia». [6] Por igual recresceu a opposição em Montevidéo. «Chegaram a tal extremo a violencia e destempero da imprensa, que tanto o senado como a camara de representantes resolveram dirigir-se ao governo, para que convidasse a todos os periodistas e escriptores publicos, *a respeitarem as leis e a Republica, por amor e dignidade da patria*». Com isto, «os boatos de uma revolução imminente avultavam de dia a dia». [7] Para o meio do anno, explodiu na propria capital. É o movimento que historiei: o coronel Eugenio Garzon, patriota do mais fino estofo, soldado dos Andes, subleva-se contra a administração ruinosa de Rivera. [8]

Lavalleja pairava já pela campanha. De um e outro lado da linha divisoria refulgem no horisonte os caracteristicos signaes da preparada tormenta: as nuvens um momento desadensadas, se

---

[1] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[2] O dr. Cypriano Barata, natural da Bahia, considerado como o mais decidido republicano da epoca, que José de Paiva Calvet decanta em uma «ode saphica», inserta no «Correio da liberdade», de 25 de maio de 1831:

> E tu, grande Barata, heroico martyr
> Da preciosa e santa liberdade,
> Inda em vida recebes os tropheus,
> Que te consagra a Patria.

[3] Cit. «Memoria».

[4] Idem.

[5] Idem.

[6] Idem.

[7] Pascual, II, 77.

[8] Refiro-me aqui á breve campanha revolucionaria, que descrevo á pagina 263. O sub-titulo desta obra indica bem claramente qual é o acontecimento dominante a que subordino toda a narrativa. Esta circumstancia me obriga a quebrar, por vezes, quanto a outros, a ordem chronologica, e a perpetrar algumas repetições; o que, aliaz, não prejudicará, eu o espero, o preciso esclarecimento de todos os factos.

reaccumulam, esfusiantes de espaço a espaço as chammas da latente electricidade.

Não era mais que um episodio da longa serie de combinações, postas a descoberto com os papeis relativos a Caldas, a ida inexplicada de Pedro Muniz á estancia de Lavalleja. O que era mysterio, desvenda a hypothese plausivel: — Não mandaram uma carta por elle a Bento Gonçalves? O emissario a foi buscar, para que? Para o reinicio dos trabalhos incumbidos ao padre e revestidos, então, de uma auctoridade maior, poisque os auctores da subtileza podem, assim, facultar ao exame dos illusos, a propria letra de Lavalleja. Mas, que tudo corresponde a um enredo, apesar de habil, transparente, aqui vos dou a prova. Pedro Muniz é pessoa da confiança do coronel brazileiro; no entretanto, é o oriental quem diz a Bento Gonçalves lhe preste fé... Com que objectivo? Com o de justificar-se aos olhos dos imperiaes, a apagada e desvaliosa carta do concerto: devia prestar-se ao estratagema, sem compromettei a Lavalleja. O resultado foi cabal: o governo do Brazil é o primeiro a armar o braço que o vai ferir!

O Imperio dormia, escreveu Rodrigo Pontes;[1] não dormia: sonhava acordado... Acreditou no impossivel: que o duende infausto de que fôra possesso o fragil caracter de Rivera, após a derrota de Indiamuerta, transformasse, em renegada, a alma inquebrantavel de Lavalleja, na primeira hora da patria renascida!

Pessoa interessada em que visse, debalde tentou abrir os olhos do governo imperial; o haschich envolto nos papeis do Serrito, mantinha, na vigilia, o mago devaneio: a suggestão, immanente no philtro absorvido, cerrava portas ás sensações da vida real, dominante a da fantasia... «Em nota de 21 de setembro deste anno (1832) dizia o snr. Vasquez (ministro do exterior do Uruguay) ao representante do Brazil em Montevidéo, entre outras cousas:

> «Emfim, Lavalleja fugitivo e sem recursos tem dado vida de certo «modo ao que chama seu partido, e cerca de 500 illusos hão comprometido, a seu lado, existencia e honra, animados pela cooperação com que «conta na fronteira do Brazil...»
>
> «Não sería difficil dar maior extensão a estes conceitos; exporei, «porém, a v. ex.ª um documento original de Lavalleja, que prova até «que ponto contava com a cooperação do snr. Gonçalves (Bento), e a «parte que neste negocio tinha Caldas...»

Com effeito, prosegue o chronista, Lavalleja promettia federar o Estado oriental com o Brazil», e ainda continúa o auctor dos «*Apuntes*», com a evidente officiosidade de exalçar o gabinete de S. Christovam: «Promessa que fez rir até a seus mesmos amigos da fronteira, porque sabiam que o menos em que pensava o governo do Brazil, era em dar ouvidos a tamanhas demasias, como logo se verá; e demais, porque estava claro que Lavalleja se ex-

---

[1] «Memoria» cit.

pressava assim por necessidade, vendo-se acossado mui de cerca pelas forças constitucionaes». [1]

Se o governo do Rio-de-janeiro dava ou não «ouvidos a tamanhas demasias», já o deixei averiguado, como averiguado tambem que as falsas «aberturas» do caudilho, são muito anteriores á curta guerra civil de que se faz referencia, e que, portanto, longe estavam de ser originadas pelo aperto e perigo da ulterior perseguição de Rivera, á frente do seu exercito...

Mas, o mencionado auctor dos «*Apuntes*» não fica em o que trasladei: «Tantas intrigas urdia o padre Caldas, que o governo oriental se dirigiu a ambos os governos contractantes da convenção preliminar de paz, de 27 de agosto de 1828, pedindo o auxilio a que pelo artigo 10 da memorada convenção estavam obrigados.

....

Vamos transcrever a communicação do governo oriental ao presidente da provincia de S. Pedro do Riogrande do sul, a que ajuntaremos logo algumas reflexões.

«Departamento das relações exteriores da Republica oriental do «Uruguay. Montevidéo, 14 de setembro de 1832. — O abaixo-assignado, mi-«nistro de estado no departamento» supra, «recebeu ordem de seu governo «para communicar ao ex.^mo^ snr. presidente da provincia do Riogrande, «a quem se dirige, que perturbadas a tranquillidade e segurança deste «Estado pela guerra civil, se ha requerido nesta data, dos governos que «celebraram a convenção de paz de 27 de agosto de 1828, o auxilio a «que se comprometteram pelo artigo 10 do dito tratado, e determinada-«mente ao desse Imperio se lhe annuncía que com a mesma data se re-«clama directamente ao ex.^mo^ snr. presidente da provincia, aquella assis-«tencia que demanda urgentemente a nossa presente situação, a qual «não permitte aguardar o resultado das ordens que naturalmente serão «expedidas por sua côrte a essa presidencia e demais auctoridades com-«petentes para o effeito. Dão motivo a estas exigencias, as noticias de que os «sediciosos, em cuja perseguição se acham forças superiores, se concen-«traram em um dos angulos de nossa campanha, em proximidades dessa «fronteira, de onde principiam a tirar soccorros effectivos, vendendo gados «arrebatados a nossos proprietarios, e associando á sua temeraria em-«preza aquelles dos subditos do Brazil, que hão podido seduzir, ou que «se acham dispostos em todos os paizes a aproveitar-se da desordem.

Suppõe este governo que o ex.^mo^ snr. presidente dessa provincia do «Riogrande não tem conhecimento de taes feitos, e é por isso que se «ordenou ao abaixo-assignado lhe os transmitisse, para que, no cumpri-«mento do tratado existente, queira adoptar as medidas mais efficazes, «para impedir por todos os meios a continuação de actos que, tolera-«dos ou consentidos, constituiriam uma verdadeira hostilidade, e que «se acham em contradicção aberta com a protecção que s. m. o im-«perador do Brazil se acha solemnemente compromettido a dispensar «ao governo legal desta Republica.

«O abaixo assignado, ao cumprir as ordens de seu governo, apro-«veita o ensejo para offerecer a s. ex.^a^ o snr. presidente da provincia do «Riogrande os sentimentos particulares de seu apreço e attenção. — San-«tiago Vazquez.»

---

[1] Vol. II, 113.

José Rodrigues Barbosa

Pag. 355

A existencia das relações de Caldas e Lavalleja e suas influencias, os accidentes do terreno, a salvação no conflicto e outros motivos não menos poderosos, indicavam que Lavalleja devia dirigir-se ao rio Uruguay; mas, com surpreza de nacionaes e estranjeiros, se o viu encaminhar-se, em momentos para si summamente criticos, a rumo de um angulo do Estado oriental fronteiriço ao Brazil, proceder que não tinha explicação, a não ser que se traduzisse tudo isto, como effeito de intelligencias do mesmo Lavalleja com o commandante da fronteira brazileira. Por semelhante duvida titubeou, ainda que sem motivo robusto, como veremos depois, o governo de Montevidéo, e se dirigiu ao do Brazil, nos termos que ficaram relatados». [1]

A clara exposição de factos, a bem dizer notorios, e a subsequente má sorte do seu protegido, nas contendas do Uruguay, deu circumspecção á regencia. Ella, ou melhor, o seu delegado na provincia meridional, exultava com o feliz desfecho da aventura, que se devia á summa habilidade negociadora de Bento Gonçalves... Desde ahi, recuou de todo, privando em absoluto de qualquer concurso, o seu alliado de alguns dias. Firme em um novo programma, expediu terminantes ordens, para que se sustasse qualquer favor....

Até lá não iria a disciplina do commandante da fronteira!

Retorno a ponto que já havia mencionado. Bento Gonçalves, a 30 de setembro, no passo do Salso, rio Jaguarão, officía ao coronel José Rodrigues Barbosa, commandante da fronteira do Riopardo, mais ou menos nestes termos: — Hontem appareceu Rivera com 1.500 homens, sobre Lavalleja, o qual se achava da outra parte deste passo. Carregado, perseguido sob vivo fogo, valeu-se da nossa bandeira. Ao meio dia se verificou a passagem; desarmei os emigrados e os acantonei em numero de mais de 500, dispersos outros, o que não pude impedir por ser diminuta a minha força.

Cumpria o coronel as instrucções de Galvão, pressuroso este em firmar, nessa hora, amplos testimunhos de escrupulosa neutralidade. E além de manter severo tudo quanto a isto de sua parte cumpria, insiste em determinar extremo zelo na linha divisoria, cuidando de precaver-se com outras demonstrações, no que foi imitado pelo conselho geral da provincia. Deliberou o ultimo, na mesma ordem de idéas então vigente: que «continuassem os destacamentos de guarda nacional e o da tropa de linha; que Lavalleja e officiaes superiores fossem chamados a Portoalegre; que se ordenasse a Bento Gonçalves a remessa para ali, das armas e munições apprehendidas; que se «communicasse ao consul brazileiro em Montevidéo as resoluções do conselho», que foram unanimes.

Findas as mesuras de preceito ás auctoridades orientaes, Galvão trata de evitar pretexto á critica, pela parte do governo a que servia, ou, antes, a possiveis recriminações futuras de quem quer que fosse.

---

[1] Idem, 113, 114, 115.

Communica, para a Côrte, que Bento Gonçalves, observando prescripção sua, «fez logo partir o general Lavalleja, que aqui chegou a 10, [1] e se me apresentou ás dez horas da noute». Pediu elle explicações sobre a sua detenção (prosegue o presidente); disse-lhe que o não podia obrigar a ficar na provincia, mas se nella permanecesse, havia de ser em povoação do centro ou na capital. Preferiu fixar-se em Buenos-aires, indo pelo Uruguay; neguei-me a acceder, poisque suspeitariam, no seu paiz, de que o favoreciamos.

Em officio de 3 de novembro, adianta outros informes. Lavalleja sollicitou passaportes a 23 de outubro, com destino á capital da Confederação. Penso que em fevereiro ha revolta, affirma o presidente: Lavalleja não abandona seus projectos, antes mais firme nelles, e mais irritado.

Firme tambem nos seus e igualmente irritado, o commandante do Serrito. Galvão, fiel aos deveres de cavalheiro, ante a passada solidariedade, a 6 de dezembro salienta, em officio ao ministro da guerra, «os bons serviços dos mais acreditados chefes da força armada da provincia», «para destruir qualquer impressão desfavoravel que pessoas mal intencionadas pretendam fazer sentir a seu respeito». Envia carta de Bento Gonçalves, e outros documentos annexos, e ajunta: «Da lição de todos esses papeis, verá v. ex.ª quanto tem cooperado este digno official, para conservar a fronteira em segurança, manter a ordem publica e remover qualquer pretexto que pretendesse conceber o governo oriental para fazer reclamações: antes tão forte é a convicção em que estão os chefes e o governo do mesmo Estado, da regularidade de todos os procederes do referido coronel, que lhe tributam os merecidos elogios».

Sabe o leitor que isto é verdade, que o fino Bento Gonçalves illudira o proprio Rivera, cuja sagacidade só encontrava superior na de Rosas, dentro da immensa bacia do rio da Prata. Não pudera aquelle adormecer, no entanto, o suspicaz espirito faccionario e o dos que se lhe oppunham denunciava, para a capital do Imperio, os equivocos movimentos do «perigoso» coronel: antes que Galvão o cobrisse, com a sua auctoridade, choveram sobre o Rio-de-janeiro as mais sérias accusações.

Colhido no seu jogo, a ponto de ser impossivel uma total negativa, Bento Gonçalves não quiz pagar sem referta, como consta de sua carta de 26 de outubro. [2] Observei neutralidade, «não obstante inclinar-me a este ou aquelle partido (confessa num assomo de colera sobranceira, quanto imprudente); e tenho o desvanecimento de dizer a v. ex.ª que em nada compromettí, nem a minha honra, nem a minha dignidade e a nação». Justiça me fazem todos, «embora os sycophantas de nossa provincia procurassem calumniar-me; eu nunca os temi, porque minha consciencia de nada me accusa: sei dar cumprimento ás ordens de meus superiores: tenho firmeza de caracter, e sei respeitar as leis».

---

[1] De outubro de 1832.

[2] É a carta que Galvão, com outros papeis, remette ao ministro Antero de Brito.

Podia de facto gabar-se o coronel, de seu intorcivel temperamento, porque na mesma carta recomeça o seu incessante trabalho demolidor:

— O Estado oriental segue commovido, insinúa. Rivera alarma sem reserva de pessoa; o partido de Lavalleja apparece por varios pontos, apesar daquelle fuzilar a uns, deportar a outros, prender a muitos. Assim veja se preciso força na fronteira. «Por outra parte, cada vez desconfio mais de Fructo, [1] e a maior rasão que tenho para isso é vêr as maneiras com que elle se porta comigo, offerecendo-me titulos e fortuna. Reflexione v. ex.ª na carta que adjunto por copia, e verá que aquelle manhoso o que quer é ganhar-me, como tem feito a alguns brazileiros indignos desse nome, para levar esta provincia ao fim que tanto ambiciona.

Malvado! engana-se comigo. Eu o conheço bem e preferiria antes perecer nas ruinas de minha Patria, do que dar um passo, que não seja para seu engrandecimento.

Eu respondi áquella carta como verá igualmente da copia junto, fingindo não entendel-o... e muito senti não poder consultar a v. ex.ª para responder com mais acerto.

Sim, snr. presidente, irei soffrendo os rusguentos» aqui, «apesar de conhecer o mal que elles causam á minha Patria, muito principalmente em lugar como este, e com as relações em que se conservam com Fructo e seus agentes.

....

Eu vivo zangadissimo com estes trabalhos, e tomara vêr-me livre delles». Que significação tem a carta de Rivera, a magnifica, a convincente arma com que o coronel inflige uma absoluta derrota em todos os seus diffamadores? A carta prova a maestria inexcedivel demonstrada por este, ao final das compromettedoras intervenções do governo provincial: o engano do presidente do Uruguay fôra tão completo, qué julgou desvanecida a velha desestima do riograndense, e como fizera pela zona do Alegrete, emprehendeu a conquista do homem de maior prestigio, que, ao norte, podiam encontrar os seus planos. Mas, Bento Gonçalves, «o conhece bem» e «enganara-se» o subornador; o alliado de Lavalleja «tem firmeza de caracter»: nunca jámais o seu coração abandonará o velho amigo! No fastigio do poder, já separado o Riogrande, e proscripto do Uruguay o caudilho de sua liberdade, falará ainda naquelle a mesma voz, do primitivo apego indestructivel! [2] Como havia de produzir abalo, então, que Lavalleja, além de camarada *sans peur et sans reproche*, era a mais acariciada esperança do nosso compatriota e do circulo dos seus correligionarios?

Com a epistola captadora, escripta em Guazunambí, a 16 de outubro de 1832, Rivera envia documentos do governo de Montevidéo, que revelam «as favoraveis disposições das auctoridades deste

[1] Fructuoso Rivera.
[2] Vide carta de Bento Gonçalves, de 1839, a Domingos de Almeida. Meu archivo.

Estado quanto á sua pessoa», diz a Bento Gonçalves, e prosegue:

«Opportunamente passarei a v. s. outros documentos, que devem satisfazel-o ainda mais, pois estou no empenho de conseguir-lhe nesta terra os gosos de uma fortuna, e de um titulo honorifico, que se considerará como um tributo de gratidão, em favor de sua pessoa e do bem-estar de sua familia.

Sem embargo, nada se concluirá definitivamente sem saber primeiro qual é sua opinião, e seu sentir a este respeito. Sentiria que um passo tal affectasse (por qualquer circumstancia que não prevejo) os interesses politicos de v. s. e os de seu governo. Entretanto, não duvide v. s. que o Estado oriental lhe deve infinito, e que meus compatriotas sabem avaluar dignamente o merito de seus ultimos actos como homem publico e responsavel ante seu governo, que saberá reconhecer nelles, a dignidade e elevação com que v. s. soube desempenhar-se.

Não duvidamos tampouco que v. s. saberá continuar aquelles dignos serviços, com o tino e a destreza que lhe são caracteristicos, etc. [1]»

Respondeu o commandante da fronteira, após o uso de outras expressões, que omitto, o seguinte: «Quanto á proposta que v. ex.ª se digna de fazer-me» (repete-a o coronel, *ipsis verbis et virgulis*: «cumpre-me dizer a v. ex.ª que se eu, dando cumprimento a ordens do meu governo, fiz algum bem a esse Estado, só cumpri com meu dever, em desempenho de suas ordens, e por esse serviço fico demasiado recompensado do Estado oriental, unicamente com o seu reconhecimento, premio este que aprecio mais, que quantos titulos e fortunas possam haver, e pelo qual me confesso sempre grato, a v. ex.ª, e ao Estado oriental, a quem desejo todo o bem e prosperidade». E rematava a carta, declarando serem esses, «os sentimentos que o animavam, e com os quaes devia» Rivera «contar, pois nada ambicionava tanto como a paz e socego de um Estado visinho e amigo».

O valor psychologico e historico das interessantes cartas supra, resalta do fundo obscuro dos acontecimentos, com um brilho singular, esclarecendo factos do passado, do que então era o presente

---

[1] Rivera, afim de attestar a boa fé com que então agia, a respeito do prestimoso official braziléiro, annexou á sua carta, varias peças officiaes: *a)* Seu officio ao ministro da guerra, de 1.º de outubro, com o de Bento Gonçalves, interpondo mediação em favor dos subditos do Imperio que tomaram parte na revolta e fugiram temendo consequencias *. *b)* Officio do ministro da guerra, de 11 de outubro, que approva e declara «mui justo dispensar áquelle distincto chefe todas as considerações e serviços de que se faz credor». *c)* Officio da mesma data, dizendo: «O governo está altamente satisfeito com a acertada direcção que v. ex.ª ha dado a este assumpto e muito se compraz com o modo franco e honroso com que aquelle chefe se tem comportado».

* Nesse documento, Rivera diz-se de accordo, por ser a sua politica para com o Brazil «e para satisfazer á interposição daquelle distincto chefe (a de Bento Gonçalves), a quem a Republica é devedora de uma immensa gratidão pela dignidade e elevação, com que tem sabido secundar os deveres de seu governo, na execução dos seus proprios».

e do futuro. Dispensavel o commentario, diante da urgencia de concatenar outras peças destes autos, para o bom julgamento de homens e cousas dessa epoca.

Depois de medir as syrtes em que podia haver ido bater a nau do Estado, os pilotos deram atraz, a toda força.

Ainda que Galvão, outra vez guiado por Bento Gonçalves, queira arrastar mais tropas á fronteira, [1] o ministro da guerra cauto refuge ás tentações: a 23 de janeiro de 1833 manda que tome todas as medidas necessarias, interne (como se tinha praticado com officiaes) a inferiores, praças e paizanos. Isto ordena, apesar de haver-lhe o presidente assegurado o effectivo desarmamento da gente de Lavalleja, como o descanço em que se julgava, quanto á reunião de força do mesmo, no Serrito. «Nem o minimo receio entretenho, de sua obediencia, diz: tenho uma garantia mui forte (continúa) na pessoa do coronel Bento Gonçalves: a sua actividade, intelligencia, deliberação e influencia, tudo emfim concorre para me tranquillisar».

Devia a situação interna desenhar-se mui grave, qual se deprehende dos temores que lhe manifestam da Côrte e que o presidente busca desvanecer. Galvão, porém, sob a influencia do hypnotismo que o escravisava, procedia com inteira sinceridade. Não se manifestou assim unicamente ao governo central; a sua linguagem é a mesma com todos, de dentro ou fóra de casa. O coronel José Augusto Possolo, *exempli gratia*, em officio de 31 do anterior outubro, havia elogiado os actos dos commandantes brazileiros da raia, «não menos que a louvavel conducta de» «Bento Gonçalves, pelos documentos que tambem aggrega, comprovantes da delicadeza e boa harmonia desse chefe amigo e bem intencionado». Galvão exulta com o que se lhe communica e na sua resposta, a 20 do mez seguinte, com abundancia dalma certifica ao commandante uruguayo, da fronteira do Serrolargo, o seu «mais vivo prazer pelo distincto testimunho que o governo do Estado oriental tem dado, da sua consideração a tão benemerito official».

O presidente, entretanto, prodigo em louvores, curto se mostrou de ahi em diante, quanto á antiga protecção, urgido como se via pelas advertencias regenciaes. Esquivo ás de Bento Gonçalves, percebeu este que de todo mudara aquelle de proposito. Assim era: estancada se achava, pois, uma fonte de recursos. Preservar os que existiam, pareceu de sazão, até que fosse praticavel a revolta aberta, que já o governo superior presentia. Tomou o seu partido resolutamente, começando uma lucta, de hora em hora, em que o amigo de Lavalleja esgotará a energia e cordura da administração provincial, com uma tactica regular, que vai desde a resistencia exasperante, até o duello peito a peito, de 1835.

No proprio mez seguinte áquelle em que seu alliado annuncía seguir para Buenos-aires, a retrazer a invasão; o commandante da fronteira, sem descanço e antes que possam de repente sobrevir

[1] Officio de 7 de dezembro de 1832.

as medidas que temia, appareceu em constante actividade. e essa foi tal, que gerou temores, debates, opposições.

Chega o seu ecco ao palacio de Portoalegre, e vai dahi ao Serrito o primeiro signal de que não persiste mais, como até ahi, a confiança absóluta na serenidade do chefe da linha divisoria: de que talvez nem mesmo persiste a que existira, em sua antes indiscutida isempção. Percebe-o este, no modo, aliaz discreto, com que lhe recommendam «empregar toda a sua influencia e desvelo em fazer desapparecer a dissensão, fazendo convergir...... para o bem-estar da provincia e do Imperio», o prestigio e zelo que se lhe reconhecia.[1] Percebe-o, o coronel, e diz haver trabalhado sempre «nesse principio e que agora mais e mais se empenhará nisso»...

Barreto, porém, era militar e homem de partido. Não viu a crescente agitação do Serrito, com os mesmos olhos com que a examinava a primeira auctoridade do Riogrande do sul: compartiu. ao contrario, dos fundados receios dos seus confrades da fronteira, e. já em 30 de outubro, ao receber a consulta de Galvão, relativa á conveniencia de manter os destacamentos civis; respondeu logo, a 31, categoricamente firmando não serem precisos. «Apesar de muito diminuta a força de 1.ª linha» (confessa-o no mesmo papel), tratava de enfraquecer o poderoso farroupilha. É que para Barreto, os horisontes pareciam então sufficientemente illustrativos: facil de fazer o prognostico do temporal! Outros tambem assim pensavam, como se percebe desta passagem: «O designio dos revolucionarios, assevera um contemporaneo, começou desde esse momento, a entrever-se com menos difficuldade».[2]

O coronel defende-se, ao insistir em que a milicia permaneça reunida, e junto a si:[3] e defende-se atterrando. Não só move diante do commandante das armas o espectro da revolta dos escravos, para os quaes os inimigos do Imperio faziam introducção de armamento.[4] como lhe fala de cousa que em verdade corria: — Vou dispensar os guardas nacionaes (escreve a 20 de novembro); represento, porém, que a linha está desguarnecida, emquanto que «o perfido presidente da Republica oriental continúa alarmando aquelle Estado e conserva sobre a nossa fronteira uma força armada ao mando do portuguez Possolo, o qual blasona publicamente, que em muito breve tempo estarão as armas orientaes sobre Portoalegre, em auxilio dos brazileiros republicanos, que dizem elles, lhes pedem protecção. Ignoro quem sejam taes brazileiros, mas posso assegurar a v. ex.ª que estão imbuidos disso, com a linguagem dos celebres alferes Amaral, Alen-

---

[1] Vide officio de Bento Gonçalves, de 20 de novembro.

[2] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[3] Em resposta a Barreto, que lhe dera ordem de afastar os milicianos, Bento Gonçalves diz, em officio de 1.º de outubro de 1832, que os guardas nacionaes declaram «abertamente não saem de seus municipios».

[4] Refere-se á noticia, que lhe chegou, por Galvão. Sabia Barreto, porém, que lhe a dera, antes, Bento Gonçalves, e comprehendeu o jogo feito por este.

castre, e João Ignacio, administrador da meza fiscal, com os quaes conserva (Possolo) uma correspondencia secreta, além das conferencias que frequentemente» os mesmos «têm tido com agentes de Fructo». [1]

Eu creio piamente, devo dizer, que neste papel o commandante da fronteira traduz sinceras alarmas. Não só elle descobria que o insinuante Rivera lhe penetrara nos seus arraiaes, como verificava o que em verdade era corrente. Circulavam, de facto, ao longo de nossa raia, teimosos boatos, affirmando-se e reaffirmando-se que estava a produzir-se uma séria irrupção, por parte dos orientaes. Foi até mesmo a ameaça desta guerra, o que, segundo Rodrigo Pontes, fez o Imperio arripiar a carreira em que ia, e isto sinceramente, mas, desobedecido por Bento Gonçalves e sequazes, accrescenta. [2] É a entrada em outra phase a que já alludi, e de que se me depara um summario, bastante comprehensivo, no relatorio, um tanto parcial, de Sebastião Barreto ao ministro Antero de Brito, documento que passo a extractar.

Depois de largas explanações, de referencia ora inopportuna, o marechal commandante das armas prosegue mais ou menos, em estes termos: — Entrarei no exame de factos do anno 1832 em diante, que podem conduzir a uma guerra com o Estado oriental.

«A revolução de Lavalleja parecia ter o apoio da opinião»; breve se observou que lhe era contraria, correndo os civis a alistar-se sob as bandeiras do governo. Forçado a luctar, vendo a maioria contra si, dirigiu-se á fronteria, «onde dizem contava com forte apoio de brazileiros». Correspondencia para a «Sentinella da liberdade», contava que no Serrito se armaram muitos, entre elles o celebre Juca Tigre, e foram unir-se a Lavalleja, mas, perseguidos, vieram abrigar-se aquem da linha. O presidente, informado da revolução, reiterou ordens para desarmar-se a todos que a passassem.

Foi com essa condição que Bento Gonçalves admittiu a entrada de Lavalleja, o qual (com mais de 400 homens) cruzou o passo do Salso, asylo este concedido, em presença de Rivera, que «annuiu», certo de que, desarmados, os seus compatricios não o incommodariam mais. Porém, logo o indio Lourenço Vaqueano [3] se apartou, seguido de 18 ou 20, e foi ao outro lado roubar e matar. Bento Gonçalves participou a Rivera immediatamente esta violação da hospitalidade, assegurando que se Lourenço voltasse, sería preso, «o que não cumpriu». O indio tornou, foi visto na villa, fez outras incursões.

[1] O marechal Barreto, em officio de 3 de dezembro, qualifica muito mal a esses militares. Diz que «Amaral é de conducta pessima», e, como Alencastre, «muito conhecido». Quanto a João Ignacio, diz constar-lhe ser elle «homem de genio revoltoso».

[2] Recuou, diz Rodrigo Pontes, porque viu que se arriscava a uma guerra e perdia a provincia do Riogrande.

Officio de Galvão, de 23 de abril de 1833, ao ministro da guerra, deixa entender que o governo imperial temia uma aggressão de Rivera.

[3] Lourenço Gonzales, era seu verdadeiro nome.

Reclamavam de lá. De nossa parte respondiam «haver-se expedido ordem para ser preso Lourenço e individuos de seu partido, em qualquer parte que apparecessem; esta ordem jámais foi cumprida». Os emigrados, que occupavam posto em frente á guarda oriental, excediam-se em ameaças á mesma; nova reclamação, e o governo da provincia manda espalhal-os pelo interior. Mas, Bento Gonçalves procura espaçar o cumprimento da ordem, «pedindo providencias que dizia necessarias e allegando inconvenientes». Vindo um subalterno oriental, com officios para este, do commandante do departamento de Serrolargo, um emigrado deu-lhe um tiro, que não acertou, junto á casa do chefe da guarnição;[1] sendo preso e entregue ao juiz, é certo. Desgraçadamente, a esta violencia se seguiram peores.

Em dezembro, uma partida de 20 emigrados, sob a chefia de Thomaz Borches, fez do Serrito uma incursão a Melo, praticando saques e mortes; outra, já em janeiro de 1833, commandada por Ildefonso Bazualdo, penetrou pela costa do rio Negro até a Carpintaria, realisando iguaes attentados, de que se contaram varias victimas, brazileiras algumas. E consta-me, observa o marechal, que ambas voltaram a Jaguarão...

As interminaveis delongas no cumprimento de determinações formaes, quanto á disseminação dos inquietos hospedes, foi o que em parte me resolveu a fazer com que Bento Gonçalves fosse chamado á capital. Como demorasse vir, o presidente ia em pessoa executar o seu pensamento, quando aquelle chegou, e removidos os embaraços que suscitava, seguiu para o seu posto, antes «promettendo breve e exactamente cumprir a ordem do governo». Tudo continuou qual se via!

«Fatigado o governo oriental de receber protestos de amisade», pelo tenente-coronel Athanasio Lapido dirigiu a Portoalegre ũa nota em que, tudo enumerando, «designava como principal protector» dos rebeldes, «o commandante da fronteira, a quem fazia recriminações, exigindo reparações e declarações a semelhante respeito». Impossivel occultar; mas, o presidente «satisfez ao enviado oriental, de maneira que o governo do Estado se mostrou contente com a conducta da primeira auctoridade da provincia». Bento Gonçalves «cumpriu em parte, ou para melhor dizer, eludiu a ordem que havia recebido. Mandou emigrados para o Herval e Arroiogrande e deixou parte em Jaguarão».

Logo depois um successo ia «realisando planos de ha muito preparados»: — Lourenço, despeitado com os seus, abandonou-os. Saíu de perto de Jaguarão com 36 ou 38 companheiros; tomando o caminho da coxilha, tocou em Arroiogrande, onde o povo, alarmado, se reuniu, para apoiar o destacamento de 1.ª linha. Lourenço, receioso de consequencias funestas, explicou a sua conducta, dizendo que andava em commissão de Lavalleja, e partiu.

Partiu, depois de praticada esta africa: tomou posse, não só dos

[1] Bento Gonçalves.

cavallos alheios que poude, como em seguida fez mão baixa do que encontrava, no transito para o Estado oriental. Acolá, tratou com Possolo, e a 18 de março de 1833, foi ao Arroiogrande e prendeu os principaes officiaes emigrados, protegido no audaz golpe por um esquadrão daquelle coronel uruguayo, passando a dita força o rio da nossa extrema [1] e estacionando vigiadores pela costa. Os prisioneiros evadiram-se; Bento Gonçalves, «a pretexto de cobrir» de uma invasão a fronteira, «seguiu com praças do 4.° corpo de cavallaria, a occupar ponto médio, convidou cidadãos a ajudarem, deprecando ao juiz de paz a sua coadjuvação». «Emigrados reuniram-se, armaram-se, senão em o mesmo campo, proximo dali. Reunidos, armados, equipados», iniciou-se a desforra. «Uma partida commandada pelos officiaes escapos da força de Lourenço (que já então, indultado, chefiava as guardas orientaes da linha), passou-a e surprehendendo o dito indio o fuzilaram». Dias antes chegara de Buenos-aires, ao Riogrande, o coronel Manuel Olazabal que vinha ostensivamente dirigir as forças de Lavalleja e começar as operações; o que sabido pelo presidente da provincia, mandou que o fizessem saír della.

Desguarnecida a linha, com a morte de Lourenço, «emigrados que não tinham ido na empreza, passaram o rio, marcharam sobre Serrolargo. Muitos brazileiros os auxiliaram, com armas e cavallos. Muitos os acompanharam: seduzidos, uns, pelo interesse, outros, por acreditarem ser a empreza protegida pelo governo imperial, com o fim de unir ao Brazil o Estado oriental; outros, para vingarem a honra nacional offendida, com o attentado de 18 de março; outros, finalmente, por julgarem ter tido principio a guerra, — sentidos, estes, em que os protectores de Lavalleja e os desejosos da anarchia faziam encarar a empreza dos emigrados».

Os ultimos puzeram em cêrco o quartel de Melo, aonde se concentrara a força oriental, que se rendeu, após alguns dias, por falta de meios. Praças do 4.° corpo de cavallaria de 1.ª linha, «coadjuvaram os emigrados, no sitio»; uma companhia de guardas nacionaes, sob as ordens do tenente de 2.ª linha José Theodoro da Silva Braga, que guardava a raia, marchou igualmente para a dita operação, e seu commandante «teve o desaccordo de escrever ao major Viñas, um dos sitiados, intimando-lhe que se rendesse, pois ali se achava, com brazileiros, a vingar os insultos e direitos da nação, offerecendo condições e promettendo garantias, etc.». O original existe em meu poder, accrescenta Barreto.

Retirados os brazileiros, que constituiam grande parte da força, os lavallejistas, dias depois, abandonaram Melo, com a vinda do exercito de Rivera. Perseguidos, buscaram Jaguarão: eu cheguei em ponto visinho á villa, a 22 de abril, e nesse dia, ou immediato, elles, com perda de alguns homens, armas, munições, roupa, cavallos, cruzaram rapidamente o rio Negro. Rivera postou-se á margem deste: fui vêl-o: nada reclamou que não fosse justo, ou não estivesse já ordenado. Fiz entrega de armamento da passada inva-

[1] O Jaguarão.

são, que ha muito devera ter sido devolvido, bem como de trinta praças da guarnição de Serrolargo, que os emigrados encorporaram á sua grey. Eludi ao que requeria, quanto á entrega de gados e cavallos trazidos notoriamente, remettendo a decisão ao presidente, e fiz mais o que segue. Mandei sair dali, in-continenti, o coronel Olazabal, commandante do 2.º corpo do exercito restaurador,[1] dando-se portarias aos que quizessem ir para Entre-rios, Pelotas ou Riogrande; ordenei a Bento Gonçalves fizesse o mesmo com os restantes e fui dar conta do que praticara, afim de evitar que ficasse rota a harmonia existente, «por imprudencia de actoridades e cidadãos brazileiros».

Como isto contrariasse os «interessados na desintelligencia entre ambos paizes e desejosos de um rompimento de guerra, ou continuação de correrias criminosas»: João Francisco Mena, á testa de alguns emigrados, foi arrebatar cavallos pertencentes a Rivera, para vêr se este, em represalia, começava as hostilidades «e Mena me confessou ter obedecido a insinuações de certos brazileiros influentes»...[2]

O relatorio de Barreto, quanto a 1833, alcança o mez de abril. O commandante das armas partira, com destino á fronteira, em meiados de março, e com a sua presença obstou que persistissem nos seus planos, os combinados, atando-lhes as mãos, no Serrito.[3] Para a parte do Alegrete, estava certo de ser obedecido: a 21 de abril pediu a Bento Manuel que observasse a maior vigilancia e este prometteu o faria religiosamente.[4] A seu turno, Galvão lhe prescrevera que reunisse o regimento n.º 23 de 2.ª linha, communicando a ordem ao governo imperial, a quem disse ter por fim, esta convocação da milicia, ao seguinte: «Impedir qualquer tentativa do general Lavalleja, que no estado em que se acha é capaz de tudo

---

[1] Nome que tinha o de Lavalleja.

[2] Archivo publico.

[3] Pascual, II, 145.

Em virtude de reclamações que lhe fez um emissario de Rivera, dom Atanasio Lapido, o presidente da provincia determinou ao commandante das armas, que internasse os emigrados, marcando praso para a saída do Imperio, aos que se não quizessem sujeitar a essa medida. Os que não puderam ganhar outros sitios, por terra, declararam preferivel o alvitre de se retirarem para Buenos-aires. Consta do «Noticiador», de 8 de agosto de 1833, a despedida que estamparam, com a publica referencia ao nome do principal de seus protectores riograndenses: «Possuidos do mais justo reconhecimento, pelo generoso quanto franco agasalho e hospitalidade que hemos merecido aos apreciaveis e liberaes filhos desta provincia; nos é altamente satisfatorio tributar-lhes a homenagem da mais expressiva gratidão, *e mui especialmente ao estimavel quão distincto e virtuoso Bento Gonçalves da Silva*, cujo merito constitue uma honra do paiz que o viu nascer». Assignam Eugenio e Felix Garzon, Manuel Soria, Ramon Vicillac, Benjamin Brid, Pedro Casariego, Marcos Rincon, Juan Quincozes.

[4] Officio de 22 de junho de 1833.

arriscar para alliciar gente, apresentar uma força, e augmentar, escudado por ella, o partido que o protege na provincia». Qual se vê, o proprio illuso Galvão se rendia á evidencia, não escondendo mais, o que era o seu e o justo convencimento de todos os homens sensatos, do circulo situacionista, no Riogrande do sul.

Ao contrario, sentiu que lhe impunha o mais estricto dever o abrir os olhos ao governo. Este, movido por seus informes, declarara em aviso de 23 de janeiro, «ter a regencia do Imperio tomado em consideração o comportamento do coronel Bento Gonçalves da Silva, na presença do presidente da Republica oriental e na passagem dos emigrados ao territorio do Imperio; louvando-o pela maneira com que então se conduziu». Mas, o presidente, depois de fornecer ensejo para esse elogio, buscou abrir caminho á censura, com a noticia das tramas que afinal percebera. A 23 de abril, entra elle nestas graves revelações:

«Vejo-me na penosa necessidade de confessar a v. ex.ª, que minhas ordens, apesar de repetidas, tem sido eludidas com a maior efficacia, ora pretextando-se as mais sinistras intenções, da parte do presidente daquelle Estado (o oriental), ora invertendo-se a sua genuina e mais obvia intelligencia para conservar reunidos os emigrados e favorecer aberta e claramente as vistas do general Lavalleja, que abusando da nimia credulidade do coronel Bento Gonçalves, e de varias auctoridades civis da fronteira, e mesmo dos moradores; tem inculcado que o presidente Rivera tem plano concertado para saquear a fronteira: que pelo contrário, elle, Lavalleja, só deseja reunir o Estado oriental ao Imperio e fazer causa commum com os brazileiros.

Semeada a desconfiança e a sizania por este modo, temerosos todos pelo resultado de actos tão hostis e nefarios, quão inverosimeis; correm risco de serem até suspeitas as providencias que tenho dado para afastar um rompimento, que se tem de algum modo provocado: que deseja com ardor o coronel Bento Gonçalves, e que, na debilidade em que me vejo, de forças, é tanto mais de receiar, no primeiro momento. Sim, ex.^{mo} snr.; posso afiançar que nada se deseja tanto como um rompimento com Fructuoso Rivera; que motivos unicamente particulares, motivos de vingança pessoal, são as unicas causas que excitam a colera do coronel Bento Gonçalves, que tem a imprudencia de não querer distinguir o presidente da Republica, do individuo que exerce esse cargo. [1]

---

[1] O presidente é natural que désse curso a essa rasão, para evitar a referencia á verdadeira, esquecido aliaz de que essa não podia colher, scientificada a regencia, ao contrario do que dizia, das excellentes relações então actuaes dos dous referidos contemporaneos: scientificada pelo proprio Galvão, que enviara ao Rio-de-janeiro uma serie de documentos varios, do punho do mesmo presidente do Uruguay. Foram elles, assim como as lisonjeiras referencias correspectivas daquelle, que originaram o aviso de Antero de Brito, intercalado no texto do presente livro, com o elogio official á conducta de Bento Gançalves.

Este desestimava a Rivera, naturalmente pelas falhas que o seu

Por fatalidade, o padre Caldas, destituido do curato de Serro-largo, unido...... a Lavalleja, esposou a causa deste estranjeiro com tamanho calor, que não ha manejo, intriga ou cabala que não tenha posto em acção, para fazer acreditar tudo o que é a favor deste, tudo o que é contra o presidente da Republica.

Esta coalisão do padre Caldas com o coronel Bento Gonçalves já era de si tremenda, pelo genio discolo do primeiro, credito do segundo e indole propria para emprezas; tem, para cumulo de difficuldades, bastantes ramificações, e todos esses projectos desvairados, junto ao estado geral das cousas, apresentam um conjuncto de circumstancias bem delicadas.

....

Tal é o estado de cousas na fronteira que em muito receio que o coronel Bento Gonçalves não antecipe algumas medidas e precipite os negocios».

Como foi exposto, o commandante da linha correspondeu á espectativa do presidente, facilitando meios aos organisadores da correria á villa de Melo, a qual não gerou um estado de guerra entre os dous paizes, porque Rivera não no queria e isto mostra presentir Galvão no proprio officio mencionado. O que ha de importante em esse papel é que a primeira auctoridade do Riograndе, ainda que evite pôr em augmento o peso das censuras que está fazendo ao dito militar, deixa transparente, entretanto, a attitude excepcionalmente subversiva delle, e adivinha-se que recata algo de seu mais intimo pensamento, visto a delicadeza de cavalheiro lhe impedir uma delação em regra, sobretudo em se tratando de pessoa com quem tinha relações de amisade pessoal e que havia associado a um assumpto de Estado, absolutamente inconfessavel.[1] Na leitura

---

proprio apologista reconhece; não era, porém, seu inimigo pessoal: mantinham relações de boa cortezia, a que só o interesse politico imprimiu por vezes um acre sabor de violenta incompatibilidade. A prova os factos a deram; quando esse interesse determinou a urgencia de uma approximação, Bento Gonçalves, ainda que sempre devotissimo a Lavalleja, chegou a estabelecer tratados de alliança, com o rival deste ultimo.

[1] Descubro depois de isto escripto, que manifestou á regencia quanto necessario para deliberar-se, expondo o presidente ao ministro do imperio, que nas discordias orientaes, o commandante da fronteira de Jaguarão se mostrava ora neutro, ora parcial: tudo me leva a «contemporisar (diz) com o coronel Bento Gonçalves, cujo fanatismo por Lavalleja é tão grande, que se tem persuadido de que elle deseja encorporar ao Imperio a Republica do Uruguay, e o que é ainda mais para lastimar, que o pode fazer; e o padre Caldas (que não sei se mais ignorante que mau) é que está sempre a seu lado como encarregado de negocios, fomentando dia a dia idéas tão cerebrinas... O coronel Bento Gonçalves arde em desejos de fazer estrondoso serviço ao Imperio, sonhando com a incorporação da Cisplatina, e por causa della desattendendo aos verdadeiros interesses da provincia, que compromette». Isto communica o presidente Galvão a 23 de março de 1833 e como se julgasse preciso pôr mais claridades na sua referencia aos graves factos, traça em officio de 17 de julho seguinte, esta alternativa: tomam-se providencias, quanto ao que

pelas entrelinhas, o menos agudo pesquizador reconstroe facilmente toda a massa de informes compromettedores, que Galvão foi magnanimamente separando de outro acervo, que a sua lealdade de funccionario lhe não consentia mais esconder. Ainda que poupando a Bento Gonçalves, não privou a regencia, todavia, dos elementos essenciaes para que ajuizasse do tenebroso aspecto do Riogrande do sul: a fraqueza do governo provincial, a generalisação da indisciplina, o positivo accordo com Lavalleja, a existencia de «projectos desvairados», de uma «tremenda» confederação, com muitas ramificações na provincia, abalavel esta pelo «credito» de um personagem «de indole propria para emprezas...» [1]

Neste impressionado ambiente, subito redobram as preoccupações com um novo rufo de tambor, dando em surdina o signal de alerta. [2] Os magnatas da situação apertam-se uns aos outros e segredam a palavra de ordem: cuidado com os armamentos em deposito! Solemne, o commandante das armas toma da penna e envia ao governo a mensagem tranquillisadora, expressão de sua fé pessoal e da commum: «Sacrificio algum pouparei para manter inabalavel e illeso o throno do snr. dom Pedro II, a Constituição, e a liberdade e Independencia Nacional». [3]

Alguem, pois, intentava alluir aquelle, arruinar as instituições?

Não; affirma o ardente monarchista: — Os que exprimo, estes «sentimentos, são os da generalidade dos meus comprovincianos e companheiros de armas», diante da «crise em que pode achar-se o Brazil». Não, igualmente, responde um ecco longinquo, vibrando este, agora, na roda democratica: «No Riogrande, escreve um notavel publicista, a federação era a idéa culminante dentre todas as aspirações liberaes. Nada, porém, auctorisa a crer que houvesse por esse tempo definidas convicções republicanas». [4]

O descanço dos acontecimentos, em um interregno de quatro mezes, sem maiores novidades, vai permittir-me o detido exame da categorica proposição. Eu o teria por inutil, tardio, dispensavel, em face de circumstancias cuja significação politica já apurei mui rigorosamente, se me não sentisse obrigado a fazer, com o retrospecto da conspiração, um resumo completo da propaganda, na im-

---

occorre com o Estado oriental, ou «teremos de sustentar uma guerra, aqui promovida de proposito, *ou vermos a provincia entregue aos horrores de uma guerra civil*».

Estas duas importantes peças constam da «Memoria» de Rodrigo Pontes.

[1] Referido officio de Galvão, de 24 de abril.

[2] Aviso reservado da secretaría da guerra, de 3 de junho de 1833, ao presidente e ao commandante das armas.

[3] O emprego das maiusculas e minusculas, neste officio, apparece com um expressivo significado, para quem, na pesquiza historica, entende indespresaveis os mais ligeiros indicios do que recatavam muitas vezes os homens, no mais intimo de si mesmos.

[4] Assis Brazil, «Republica riograndense», 54.

prensa principalmente: depois de assentar o que fez e projectava a actividade pratica, o surto, os rumos e os serviços parallelos da campanha espiritual.

O que uma tradição constante e os sufficientes monumentos coevos não auctorisam admittir é precisamente a theoria que sustenta Assis Brazil, sobre as aspirações republicanas da provincia. A escassez do tempo em que produziu o seu trabalho, a immensa rareza das fontes aproveitaveis, a distancia dos melhores archivos disponiveis, a inabundancia de collecções proprias, contribuem para a infeliz inducção: pesquizador mais afortunado, porém, com afouteza se arrisca a dizer, sem receio de contradicta séria, que nos verdadeiros fautores do movimento armado de 1835, se houve repudio, ainda que intimo, foi contra o estandarte equivoco de 20 de setembro, que depois ficou em abandono, erguido bem alto o unico que os enamorava: o desfraldado um anno depois.

Suppõe o historiador que só Livio Zambeccari, nos «*Continentinos*», «lia memorias e prégava em repetidos discursos idéas abertamente republicanas». [1] A propaganda não se escondia: resguardava os homens, de possiveis responsabilidades, mas, ainda que por vezes com emprego de prudentes artificios, semeava ás claras os principios de que fala Assis Brazil.

Em 1881, livro houve que produziu uma surda tempestade de coleras no Riogrande do sul, recebendo-o, a provincia, como uma offensa proposital e desquite de recente magua. Refiro-me ao de Araripe, o qual prestou assignalado serviço, não só porque reabriu o debate sobre successo ainda em trevas, como porque expendeu sobre elle, a par de bastas erronias, observações de seguro merito. Coefficientes mentaes e sentimentaes influiram por igual no apreço dos proprios documentos que operoso reuniu; innegavel, comtudo, que em muitas paginas se revela mais perspicaz do que os seus criticos ou emulos. A prova eu a dou aqui: «As idéas republicanas (estampou na sua memoria) estavam disseminadas na provincia, e a propaganda dellas era acoroçoada pelos homens politicos das republicas visinhas, que sonhavam com o levantamento da provincia, e sua união a ellas». [2] A circumstancia que escapa de todo a Assis Brazil e Alfredo Rodrigues, divisa-a indistincta, mas, fixa-a ainda assim com segurança, o escriptor monarchista; e outro, do mesmo credo, cujo manuscripto o primeiro não versou, antecipa, em 1844, a ratificação do juizo de Araripe, com o depoimento valioso de uma testimunha presencial.

Rodrigo Pontes, depois de asseverar que havia na fronteira «gente eivada do mal da demagogia»; que os caudilhos do Prata se esforçavam por «plantar entre nós a sua liberdade da anarchia»; que os seus «missionarios» «encontravam sympathias em desastrosas paixões cuja satisfação dependia de um movimento anarchico, e subversor do actual estado de cousas»: declara que «os escriptos

---

[1] Obra cit. 55.
[2] Pag. 19.

mais impios e mais demagogicos do seculo 18.º corriam pela provincia do Riogrande do sul, traduzidos do hespanhol». [1]

Ora, estes dous criterios (concorde a intuição moderna do campo imperialista, com a affirmativa categorica de quem nelle se pronunciou 37 annos antes, como actor e parte nos acontecimentos de um vasto drama), estes dous criterios persuadem que me não enganei: que mais seguro do que nenhum outro é o que pretende descobrir a raiz das primeiras inspirações do nosso movimento reivindicador, ao meio-dia de nossas raias inferiores, e não ao norte dellas, pelo centro do Brazil ou alhures. Persuadem, mais: que não foi uma tendenciosa fantasia que me induziu a definir nos termos em que o fiz, os pendores intellectuaes de uma epoca até hoje mal estudada, apontando com firmeza e desassombro os focos reaes da «infecção» revolucionaria, já temida por Linhares.

Não procuro, como alguem suppoz, não procuro accommodar os factos a uma idéa preestabelecida: delles, ao contrario, é que brotou a que julgo de accordo com a verdade historica, que não admitte nem de leve a ficção, segundo os ensinos de Luciano de Samosate. [2] Os factos, só elles, me induziram a sustentar quanto hei exposto, e que nelles unicamente me apoio, comprova-o ainda outro publicista, na hypothese bem insuspeito. Certifica-nos, o que menciono, de cousa de muita monta, a que já fiz referencia antes, em larga transcripção; quero dizer, de quanto era intimo o commercio que a guerra de 1825 estabeleceu entre riograndenses e platinos, com a grave circumstancia, isto, de surgirem concertos entre uns e outros, para segregar do Imperio a sua provincia mais meridional. [3]

Que significado pode ter, na corrente dos successos, os que resenha este homem de bom informe? O que pode ter em massa entrada numa energica fermentação, o addicionamento de mais forte quantidade de substancia que lhe active as intimas reacções; substancia cuja proveniencia — acima bem manifesta — confirma, eu creio, a theoria que esposei, que esposo, e cujos effeitos positivamente não podiam ser os que Assis Brazil divulgou. A natureza effectiva do pão espiritual que serviu de alimento a nossos maiores, se quasi se nos torna imperceptivel, quando a examinamos presa ainda aos cylindros da machina conspiradora, ou no subterreo forno, onde o tostavam em labaredas occultissimas; a natureza effectiva delle já na decada de 30 tenho-a por demais conhecida, repartido como era, sem irresoluções, a quem o queria receber. Em vez da meza da eucharistia servir-se no retiro das congregações clandestinas, centro da prédica das «idéas abertamente republicanas» de um só religionario, [4] o desassombro dos apostolos estendia a toalha á plena luz, para a communhão dos fieis.

«As idéas democraticas que depois do acontecimento de 7 de

---

[1] «Memoria» cit..

[2] Obras, «*De que maneira se deve escrever a historia*», I, 404.

[3] Pascual, II, 65.

[4] Assis Brazil, 55.

abril de 1831 se haviam exagerado por todo o Brazil, não podiam deixar de receber um semelhante impulso na provincia do Riogrande do sul; e com effeito em abril de 1832 as doutrinas do mais requintado demagogismo eram ali apregoadas com o despejo, e ousadia de que se pode formar juizo, lendo alguns artigos do *Recopilador liberal*, de Portoalegre, como o que segue:

«O que pretendem esses homens, que hoje pregam descaradamente «contra a estabilidade de uma Republica, no Brazil? Que intenções têm «a respeito da futura sorte dos brazileiros? É com esse arrojo desmedido, é com uma audacia illimitada, e com a guerra ás opiniões, que «elles pretendem contrariar a vontade geral do Brazil para sustentarem «um throno anomalo, e só proveitoso ao circulo ambicioso, que o quer «erigir entre nós? Não o podem conseguir; hoje é bem notoria a utilidade «do systema republicano: o Brazil todo o reclama, nem pode ser feliz senão «com elle. Esses que julgam ver na semente de Pedro I uma raça de ty- «rannos capazes, para opprimirem os povos: esses, que olham para Pedro II, «como um pequeno tyranno, que educado a seu modo lhes servirá de ins- «trumento para quanto queiram tentar contra a liberdade dos povos; têm «de ver frustradas todas as suas tentativas.

«O povo brazileiro conservou Pedro II unicamente como um centro «que impeça, por agora, a ambição de muitos, e que vai entretendo estas «cousas até que tudo esteja preparado para a solemne Proclamação do «Systema Republicano. É então que se verá baquear um systema de «governo, que não pode ser adoptado na America. Ella não pode deixar «de ser toda republicana: é da natureza das cousas; ha de acontecer infal- «livelmente.

«Quem são os opposicionistas do Governo Republicano, no Brazil? «Os portuguezes, ou quatro servos do poder absoluto». [1]

Aprecie-se com imparcialidade como «*a democracia era repellida*», combinando a doutrina do precedente artigo, com a de um, de 1833, por mim ha muito em parte reproduzido nas paginas de livro destinado ao estimulo civico da mocidade: [2] «O provincialismo, a nosso vêr, não é outra cousa mais que o verdadeiro amor que o homem deve ter á sua Patria. E como é forçoso olhar para os homens taes quaes são, e não como deviam ser, encontra-se mais facilidade em fazer germinar este affecto em um pequeno circulo de relações, porque o amor repartido se enfraquece. Nunca se pode amar ternamente a uma familia tão numerosa que apenas se conheça. É preciso que nos convençamos, que o amor da Patria, como todas as outras paixões, nasce do amor proprio dos individuos, e que nunca pode apparecer este sentimento, quando a ignorancia dos legisladores não põe na mesma linha, os interesses da Patria ligados ao interesse dos particulares; por isso têm assentado todos os publicistas modernos, que o systema democratico é só proprio para uma nação pequena, onde as relações estão de tal modo ligadas, que a vantagem de um cidadão é o interesse de todos, — que

---

[1] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

[2] «Patria», 137.

preferem ser bem governados, á louca, e vã ostentação de pertencerem a uma nação grande, donde lhes não vem vantagem alguma real».

La storia, diz Guglielmo Ferrero, ***come tutti i fenomeni della vita, è l'opera inconsapevoli di sforzi «infinitamente piccoli»; compiuti disordinatamente da uomini singoli, e da grupi di uomini, quasi sempre per motivi immediati, il cui effetto definitivo trascende sempre la intenzione e la conoscenza dei contemporanei; e appena si revela, qualche volta, alla generazione seguente.*** [1] O conceito, no que tem de geral, muito longe está de quadrar aos «esforços» da geração que historio. Sciente essa, e muito bem, do que fazia e de onde queria chegar. Lendo a documentação que acima transcrevo, força é convir que não pode haver nada mais claro, diaphano, luminoso e CONSCIENTE. Ora, que era, na imprensa, o «Recopilador»? O orgam mais auctorisado, o porta-voz do circulo de Bento Gonçalves. Logo, como induzi de factos longamente e logicamente seriados; logo, como se deduz de pronunciamentos insophismaveis, é esta — não outra — a profissão de fé, nitida e precisa, dos «patriotas liberaes!»

Um successo, entrementes, surge ameaçador, alterando esse *franc parler*, que já se não afazia ao minimo dissimulo. Espalha-se na provincia que dom Pedro, com o desengano de adquirir a coroa no reino, ia expedicionar em sentido contrario, para rehaver a que perdera no Brazil.

A idéa da restauração obseda a meio mundo, e, como succedeu nas outras provincias, aonde homens do commedimento de Evaristo chegam a acenar ao ex-imperador, com a sorte de Iturbide, as attenções dos do sul se volvem, de todo, para o que se considera o maximo dos perigos, diante do qual devem cessar as demais preoccupações. Já se não trata de contender por esta ou por aquella fórma de governo, pensam: é preciso evitar qualquer progresso da causa do principe, cujo advento representava mais que a tyrannia: representava futuramente a recolonisação, fantasma que espavoriu a mente de nossos maiores, os quaes não podiam enxergar, como nós, a absoluta impossibilidade de semelhante empreza, para o arruinado Portugal. [2]

A nova, pela fronteira, produziu uma verdadeira leva de broqueis, apressando-se, com ancia, o arrolamento e fardamento da guarda nacional. Bento Gonçalves deu a 29 de julho o grito de — a postos! — aos liberaes; [3] as «sociedades defensoras» proclamaram a necessidade da concordia de todos elles, ante o commum risco; e o «Recopilador» bruscamente interrompeu a sua campanha demolidora e alliciadora, erguendo tambem o estandarte da mais

[1] «Grandeza e decadenza di Roma», I, 9, prefacio.
[2] Ramiro Barcellos, 4.
[3] «Noticiador».

ampla solidariedade: «Só a nossa **União** pode salvar a Patria». [1] As fervidas labutas politicas anteriores estacaram de todo, quietos na mesma formatura de alarma os que ainda havia pouco estavam em termos de vir ás mãos.

Isto no que concerne á lucta intestina das facções, porque, no mais, a actividade persistiu a mesma, de sorte que se tomava a predita lucta um rumo diverso do que seguira, indirectamente favorecia os conspiradores; porquanto mantinha, no preciso erethismo, a alma popular, — a que, de julho em diante, faltavam as commoções desde muito provenientes da linha divisoria, serenada nessa hora.

A excitação contra os restauradores subiu de ponto, com a chegada á capital, do conde do Riopardo, no dia 22 de setembro. [2] Este official-general, braziléiro-adoptivo, não era conhecido como um politico absolutista; caíra todavia na animadversão dos nacionaes, pela sua origem e por haver sido ministro de dom Pedro. Recebido na ponta da lança pelos liberaes do sul, que o tinham como activo restaurador, deitou lenha na fogueira em que estavam os animos, «mostrando uma carta do ex-Nero brazileiro, que trata da *restauração* e dos bens que devem esperar os brazileiros, com o regresso do Tyranno», publíca indignado o «Noticiador» do Riogrande. [3] Seguiram-se ao desembarque do conde, as primeiras tentativas de organisação de uma «Sociedade militar», filiada á congenere do Rio-de-janeiro. Os patriotas approximaram os dous factos e começou logo uma agitação violenta, que só a idéa de estabelecer semelhante gremio houvera por si provocado, — suspeito, como já o era, o club existente na Côrte.

Diante da grita universal contra a lembrança, os seus promotores se intimidaram e unicamente em outubro retornaram a ella, com empenho. [4] Difficil foi, até certa epoca, dizer se a de Portoalegre estava determinada a seguir, em tudo, as pégadas da sociedade matriz; é de crer, porém, que seus propositos fossem de natureza mui suspeita, visto como o marechal Barreto (que se distinguia entre os organisadores), depois de impellir para diante a varios militares, evitou a sua comparencia aos trabalhos preliminares dos consocios. [5]

---

[1] Transcripto pelo «Noticiador», de 17 de outubro de 1833.

[2] Alfredo Rodrigues (biographia de João Manuel, «Almanak», XIII, 9) diz que Riopardo «chegou nos primeiros dias de outubro», mas encontrei a data certa em o «Noticiador» de 10 de outubro de 1833.

[3] Cit. n.º de 10 de outubro.

[4] Officio de Galvão ao ministro da guerra, de 15 de outubro de 1833, refere-se á existente pretenção de fundarem uma «Sociedade militar», comprehendendo officiais de 1.ª e 2.ª linha, e os de ordenanças. Os estatutos serão iguaes aos da do Rio-de-janeiro, diz, promettendo communicar o que a respeito occorra.

[5] Cit. officio de Galvão. Mais tarde não houve duvida possivel, quanto ao papel da chamada «Espadachina». Não o negava o proprio Pedro Chaves, como se deprehende de um debate que houve, entre elle e o «Ecco portoalegrense» (vide «Recopilador», de 15 de abril de 1835), debate em que, dirigindo-se ao mesmo dr., a folha liberal pergunta: «Se

A verdade, entretanto, é que se faltasse a elles o designio subversivo, bastava compôr-se o «club» de individuos radicalmente adversos ao liberalismo, para neste campo se ouvir sem demora o brado de resistencia, proclamando a fama por mil boccas a indole sediciosa da associação, afim de impedir que se constituisse. E certo que lançado por segunda vez o plano de se aggremiarem os militares reaccionarios, o exito relativo que obtiveram, foi de sacudir uma communidade vibratil, ardendo em febre. O numero dos socios immediatamente subiu a 80, [1] ainda que composto esse numero só de «cabides de farda, salvas mui poucas, honrosas excepções», disse a pacata «Aurora»; certificando tambem, a folha de Evaristo da Veiga, [2] a repulsa geral que encontrou essa creação, em todo o Riogrande do sul, o que é verdade: obteve adhesões na capital, apenas. Penso, comtudo, que o movimento contra a organização que aquelles pretendiam, nada mais e nada menos é que o operado, após, a 20 de setembro, e que então se manifestou fóra de horas, como um de nossos dias.

Está na consciencia publica que os castilhistas tinham prompta a sua conjura contra os federaes, devendo a mesma rebentar em junho de 1892; houve bom ensejo a 4 de fevereiro e um grupo da capital arriscou um ataque repentino, tudo esperando de uma fructuosa surpreza. Isto me parece ter acontecido a 24 de outubro do anno que historio e restam vestigios que legitimam a assemelhação, nada arbitraria e até muito justificada por algumas confissões.

---

confessaes que se queria installar para derribar o governo de abril», como fazeis motivo de increpação a este, o annuir ás representações dos farroupilhas, contra a *Sociedade militar?*

O dr. Braga, irmão de Pedro Chaves e depois presidente da provincia, tambem mostra não desconhecer os propositos subversivos do predito gremio, conforme se vê da seguinte carta: «Snr. coronel Bento Gonçalves da Silva — Portoalegre, 15 de outubro de 1833. — Devo prevenir-lhe para se acautelar que aqui se vai installar uma sociedade denominada militar, nella não são admittidos senão militares de linha, milicia, ordenanças, e os que gosam das honras militares, como os do Cruzeiro. O seu fim dizem que é sustentar dom Pedro II, a Constituição, e a dignidade militar. Se assim fosse não havia cousa mais justa e santa: mas pelos sujeitos que andam á testa do negocio, vê-se que ella não pode ter semelhantes fins. O que se deve esperar de Manuel Freire, visconde de Castro, dous Pintos, dous Pittas, e brigadeiro Carneiro? Estes homens não merecem conceito nenhum, e portanto, meu amigo, se ahi lhe falarem para tal sociedade desconfie sempre dos sujeitos que nisto lhe tocarem, porque não são boas pessoas: o que querem é a restauração de dom Pedro I, e engrossar partido para conseguir seus fins. Muitos sujeitos acima mencionados, porém, tem-se portado com firmeza e dignidade recusando o convite de taes caramurús. — Antonio Rodrigues Fernandes Braga». Vide «Recopilador liberal», de 11 de abril de 1835.

Hoje possuimos informe valiosissimo. Rodrigo Pontes escreveu na sua «Memoria» que *havia de facto projecto de restauração na Sociedade militar.*

[1] Noventa é o numero até 13 de outubro, diz Galvão, officio de 15, cit. Alguns recuaram.

[2] N.º de 15 de fevereiro de 1834.

O periodo algido da exacerbação, artificialmente improvocada. passára, decorridos que foram mais de tres mezes, sem que os factos demonstrassem haverem sido de fundamento as cautelas ordenadas pelo governo central, com a circular de 8 de julho. A daquelle mez, a publica irritação de outubro, nem me parece a mim espontanea, nem sincera.

O certo é que, com um objectivo ou com outro, ou com ambos, ao mesmo tempo, a campanha dos liberaes chegou a tamanho extremo, que o «Recopilador», a 25 de setembro estampou, com endereço aos absolutistas, e em nome dos seus redactores, esta ameaça, muito indicativa a mesma, da suspeita que manifesto, como do desponderadissimo desabrimento dos animos: «Os verdadeiros REPUBLICANOS lhes hão de beber a ultima gotta de sangue, só pelo simples pensamento de nos querer *restaurar*...» [1]

Atacados aquelles com esse vigor, antes que estivesse formada em regra a sua associação, decidiram fazer face á propaganda que só enxergava males na actualidade, com uma outra, de apologia do que os primeiros detractavam. Para isso crearam a «Idade de ouro», pondo-lhe á frente Passos Figueroa e a poetisa Maria José da Fontoura Pinto. O preparo á represalia foi immediato, no opposto campo: a 10 de outubro; o «Recopilador» inseriu o prospecto da «folha federalista e anti-restauradora» destinada a combater a primeira: a «Idade de pau». [2] E trovejou elle, breve, nas costas dos retrogrados, brandida a penna, como um cajado, pelo assomadissimo Pedro José de Almeida, o *Boticario*. Começou um debate de furia descommunal ! [3]

Galvão pedira que o exonerassem; a 1.º de agosto lhe foi nomeado substituto. Barreto igualmente, ou enfermo ou receioso da temerosa situação que se estava desenhando, sollicitou a 9 de setembro a ida de um successor. A regencia, porém, declarando merecer-lhe a sua pessoa a maior confiança, não assentiu e facultou-lhe a livre indicação de um commandante das armas interino, para o periodo de seu impedimento. [4]

---

[1] Registro a peça tal qual foi publicada, com as capitaes e latinas existentes na mesma.

[2] Iniciou a publicação em novembro. Vide no «Almanak» (XII, 225), Alfredo Rodrigues, «Notas para a historia da imprensa no Riogrande do sul».

[3] Segundo Lobo Barreto («Almanak», XVII, 197) ,a par da «Idade de ouro» formaram a «Sentinella da Liberdade», já existente, o «Inflexivel», que então appareceu, e depois a «Bellona». Junto á «Idade de pau», batia-se o «Recopilador», surgindo para os reforçar o «Inexoravel», e, ultimamente, o «Ecco portoalegrense». Depois ou ao mesmo tempo, vieram á luz, informa-nos Alfredo Rodrigues, o «Sete de abril», o «Democrata riograndense» e o «Federal», «todos de curta duração», e todos igualmente contrarios á «Sociedade militar».

[4] Isto a 6 de novembro.

Barreto, no pensar de Rodrigo Pontes, era o «homem mais decidido» e de maior «confiança dos monarchistas do Riogrande do sul». Vide «Memoria» cit.

José Mariani, o novo administrador, não partiu logo. Creio que bem compenetrado dos embaraços com que teria de haver-se, tratou de grangear sympathias. Do Rio-de-janeiro mesmo, em data de 14 de agosto, expediu um officio á camara municipal de Portoalegre, communicando com estas blandicias o apparecimento do decreto que o nomeava: «As virtudes civicas dessa digna porção de brazileiros que até hoje tem merecido geral admiração, supprirão minha insufficiencia», para reger «a provincia, que se tem distinguido por sua moderação, respeito ás leis, e adhesão ao augusto monarcha». A requesta ,com as referencias á fidelidade provinciana, julgo produziu effeito contraproducente, porque houve preparo para uma recepção ingrata, melhor, para um ensaio frustraneo de obstar a posse do recipiendario. Prende-se talvez a estas secretas idéas, certo successo de 16 de outubro: José Gomes Jardim, a mesma figura historica que a 19 de setembro, dous annos depois, convocará o povo nas Pedrasbrancas, afim de passar aos arredores de Portoalegre, para a deposição da primeira auctoridade governativa; José Gomes Jardim, ao tomar posse do cargo, como juiz de paz eleito, proclama nas folhas, ao povo, e convida-o... para dar combate á restauração. Ou porque nada efficaz se houvesse deliberado, ou porque os aprestos não se fizeram a tempo, em calma desembarcou a 21 o dr. José Mariani.

A 24, tomou posse; ahi, porém, no momento em que a camara municipal, reunida com todos os juizes de paz, apurava a lista de jurados, os liberaes se puzeram em movimento.

Estabelecido o concerto, dirigem-se como 200 pessoas ao paço da cidade e entram no recinto das deliberações, para o que tinham em vista. Em nome de todos, o commandante da guarda nacional [1] faz entrega aos vereadores, de uma petição contra a «Sociedade militar», subscripta por 129 eleitores, entre cujos nomes se destacavam os dos membros do conselho geral da provincia, os dos proprios vereadores, o do inspector do thesouro, do chefe da meza de rendas, os dos commandantes dos tres corpos de linha, do de permanentes e das guardas nacionais. [2] A camara, sob a presidencia do dr. José de Paiva Magalhães Calvet, decidiu enviar a José Mariani o papel que lhe havia apresentado a deputação do povo, usando de um direito constitucional.

Este, inquièto com a falta de immediato deferimento, ou, como parece mais provavel, em consequencia de conjura, a 25 se reuniu em multidão ás portas da casa edilicia. A camara, fingindo-se impressionada com o ajuntamento (attitude que devia ser do pensamento sedicioso), resolveu representar áquelle alto funccionario.

---

[1] Sylvano Monteiro.

[2] O inspector do thesouro era Manuel Felizardo de Sousa e Mello. Eis como se explica a presença de tal homem politico e de alguns mais de seu feitio entre os reclamantes: Rodrigo Pontes diz na «Memoria» que muitos apoiavam o «partido revolucionario» para assim resistirem á restauração. Digo alhures o que penso a respeito de semelhante alliança.

com a advertencia de que a cidade estava em alarma, correndo perigo a ordem publica. A deputação do corpo municipal, composta de tres juizes de paz», [1] leu a peça, o presidente ouviu com manifesto desagrado. [2] e em vez de qualificar a reunião como convinha, se considerava ameaçado o seu poder: commetteu o erro de definir como criminoso o acto da camara, aceitando a petição popular. Elle a rejeitava, disse, porque a lei permitte no Brazil que «as sociedades publicas» se organisem livremente. Sabida a sua resposta, abriu-se o povo em clamores e com isto deliberou Calvet ir á presença do presidente, que fizera convocar os juizes de paz. Encaminhavam-se os ultimos a palacio, quando (a pretexto de verem cruzar para lá varios membros da projectada «Sociedade militar» [3] ou por um movimento de solidariedade assustadiça) accordaram os peticionarios acompanhar os seus magistrados.

Formada a guarda, quando se approximaram, ao presidente era licito fazer intimar o afastamento ou dispersão da massa, cuja attitude se desregrava. Preferiu descer, acolhendo-a com innegavel cortezia e aplacando-a com a expressa declaração de que suas opiniões eram anti-restauradoras: a seu vêr a restauração não passava de uma cousa impossivel, porquanto o povo morreria para impedil-a.

A cordura e franqueza talvez se interpretassem como debilidade, que deu folego aos reclamantes ou conspiradores. No momento em que falava a suprema auctoridade civil perante o numeroso concurso, José Mariano, que parece ter sido o promotor e mentor do protesto civico ou tentamen rebelde, interveiu, aspera, insolitamente, acompanhando de vivos commentarios o discurso: [4] com o quê se foi gerando um estado de verdadeiro tumulto, em que muito se distinguiu, como agitador, o bravo patriota Manuel Marques Pereira Lima, alfaiate, de quem fala com visivel prevenção o chronista Lobo Barreto, desdenhoso sempre que se refere a trabalhadores e proletarios, arrolados por elle sob o titulo de «vil canalha». [5] Observada a marcha dos successos, o marechal Barreto foi pôr-se á testa das praças de linha que guarneciam Portoalegre, congregando-se-lhe em torno os chamados «restauradores», afim de com elle preservarem a pessoa do chefe do governo provincial, de qualquer insulto. «Para se apadrinharem», diria o «Recopilador», [6] negando aos seus intuitos subversivos, mas descobrindo, de facto, os propositos hostis, que nutriam ou que seus adversarios mostravam temer. O certo é que «chegando um ajudante de ordens a participar ao presidente que a tropa estava prompta», ao isto «ser ouvido pelos

---

[1] «Recopilador», de 11 de dezembro.

[2] Idem, idem.

[3] Representação da camara municipal contra José Mariani. Vide «Recopilador», de 27 de novembro.

[4] Diria mais tarde Rodrigo Pontes que José Mariano foi a alma de outubro «e que já começara a executar designios e planos, em que teve grande parte, senão a maior parte». Cit. «Memoria».

[5] Cit. «Memoria», no «Almanak», XVII, 198.

[6] N.º de 30 de novembro.

amotinados, debandaram e alguns gritaram — *ás armas !»;* e certo é ainda que «todo este dia e os seguintes se passaram em sobresaltos». [1]

Tudo serenou depois, assegura a representação da camara ao governo imperial, contra José Mariani, entretanto (allega a peça), á uma hora da madrugada de 28 teve noticia o juiz de paz da zona do trem de guerra, que este fôra aberto, sendo postos em armas alguns operarios, e «a pouca tropa de artilharia, á excepção do commandante, sem se adivinhar o motivo por que áquella hora se desenvolvia semelhante apparato bellico, poisque o juiz de paz respectivo, nem havia requisitado força armada, nem tinha denuncia, ou ao menos motivo para suspeita de que o socego publico se alterasse».

Não lhe chegara denuncia... Mas, o governo a tivera: soube que havia gente reunida na capella de Viamão e que de S.to Antonio-da-patrulha marchava um bando a rumo da capital. [2] Dahi o alerta na sobredita praça de guerra, onde se carregou á metralha a artilharia, para o que désse e viesse.

O «Recopilador» de 30 de novembro mette a ridiculo a precaução, estampando que durante o preparativo militar, «os cidadãos passeavam tranquillos e sem armas», o que foi uma coarctada inepta, visto como ninguem acreditaria naquelle transito despreoccupado, por alta manhã, em cidade provinciana, das primeiras decadas do seculo findo. A «Idade de ouro», sem rebuços, declarou que se tinha tratado de depôr o presidente e proclamar a federação. [3] Se este era o plano, correspondeu elle, provavelmente, a um repentino accordo, sem audiencia de Bento Gonçalves, o que explica o mallogro total dos combinados; e varreram elles a sua testada como lhes foi possivel, sempre aliaz de modo a confirmar o que o povo costuma attribuir ao diabo, isto é, á posse de uma capa destinada a cobrir e de outra destinada a descobrir... O «Recopilador», [4] dias depois do motim, deixou fugir dos recessos da alma este grito consternado: «Ah, moderação ! Moderação ! Que de males nos não trouxeste !» e sete dias mais, com ingenuidade ou audacia, publicava um editorial em que realçaram os seus redactores a importancia dos successos de 24 e 25, os quaes, diz a folha, «pela posição respeitavel em que se collocara o povo», constitue «presagio de brilhantes victorias». E, ainda, no dia 23, deu curso a esta es-

---

[1] Cit. «Almanak», 196.

[2] Nesta villa ainda até mais tarde persistia vigoroso o brado hostil. A sua camara, a 18 de novembro enviou representação solemne contra a «Sociedade militar». Vide «Recopilador», de 4 de dezembro.

[3] Dita folha, de 7 desse mez. S. Leopoldo, contemporaneo dos factos, ao referir-se ao movimento de 1835, diz: «Os facciosos fizeram o primeiro ensaio a 24 de outubro de 1833, na posse do digno presidente José Mariani; abortou». Vide «Annaes», 304.

O «Noticiador» e o «Continentista» confessaram-no, verifiquei-o eu, depois de escripto o que consta do texto: em 1835 aquelle e em 1836 a segunda folha.

[4] De 18 seguinte.

clarecedora maxima: «Nem sempre devemos evitar a guerra; porque é ella quem muitas vezes nos faz conseguir a paz».

A cousa teve ares e modos taes que «o marechal Barreto se inculcou salvador da provincia». [1] E José Mariani, no acto de abertura do conselho geral, a 1.° de dezembro, em fala que dirigiu ao mesmo e em a qual declarou que a «Sociedade militar» se não installaria, por quererem seus membros dar uma prova de que não eram restauradores, José Mariani refere-se ao «muito mau symptoma» que representa esse «ameaço de desordem», manifestando que «a provincia não estava disposta a receber a venenosa planta da anarchia, que pretendiam cultivar». Note-se que o presidente não entendeu ficar no terreno das vagas insinuações: como julgasse convir no caso a franqueza, classificou o que se passara em sua presença, de «ajuntamento sedicioso», qual antes, em officio á camara da cidade, havia declarado que «os peticionarios contra a Militar tinham planos horrorosos entre mãos...» [2] O cordato presidente julgou que a situação lhe impunha vigilancia especial e teve como de muito aso premunir-se contra qualquer nova tentativa. Ainda que a 9 recobrassem os horisontes a sua vulgar apparencia, expediu varios actos, não de castigo, de cautela indispensavel, contra os que chamou de «inquietos e turbulentos», — em contradicção, aliaz, com o exposto no referido officio, mandado da Côrte aos vereadores de Portoalegre, segundo critica da folha official dos liberaes. [3] Na sua resposta de 25 de outubro, José Mariani tinha declarado que ia tomar providencias para manter a ordem publica, e tomou-as. Além das medidas militares a que já me referi, com arbitrio e violencia (diz o «Recopilador») [4] declarou «avulso» o major ex-commandante do 1.° corpo de artilharia a cavallo, José Mariano de Mattos, «patriota de 7 de abril», baseada a resolução no aviso de 27 de fevereiro e por salientar-se a 25 de outubro, *«entre o grupo de representantes, dando com a sua presença importancia a um acto, a que nunca devera prestar-se»*. [5] Mais: deportou Manuel Ruedas, *porque foi visto a procurar a João Manuel de Lima, ás quatro da tarde de 26, bem como por ter estado no quartel do 8.°, que este commandava, ás dez da noute de 24 ou 25*, o que o official mencionado por ultimo, «negou terminantemente», [6] com a desconvincente rasão de que *nenhuma parte havia elle expedido* a respeito da inexplicavel procura e inexplicavel visita. O governo não se deixava embair, porém; sempre tonto nestes casos da politica do sul, ahi se mostrou bem desenganado da sinceridade dos protestos farroupilhas e metteu o activo propagandista oriental em custodia, com a severa intimação ao mesmo, de pôr-se fóra da capital, dentro

[1] «Recopilador», de 18 de dezembro.
[2] «Aurora», n.° de 15 de janeiro de 1834.
[3] «Recopilador», de 7 de dezembro.
[4] N.° de 11 de dezembro.
[5] Fundamentos de José Mariani.
[6] N.° de 9 de novembro, do «Recopilador».

de duas horas, do termo, dentro de quatro dias, e em quinze, do Imperio. Nada valeram seus muitos juramentos de que assim o compelliam só e só por «ser amigo da liberdade, inimigo do despota, ex-tyranno do Brazil». «Não se tendo nunca ingerido nos negocios politicos» do paiz, affirmava Ruedas que o afastamento em que o punham, era obra do presidente do «infernal club» militar. [1]

O orgam dos liberaes, indignado, trata logo de descobrir incoherencias e prevenções na attitude do governo, porquanto, deixando de processar os juizes de paz e pessoas do povo, volta-se contra o innocente estranjeiro e o innocente official. Suspeito este ultimo, já o haviam excluidó, e do mesmo modo a Alpoim, [2] das promptidões na guarnição, quando preparadas no arsenal as duas boccas de fogo, para o conflicto que, em palacio, alguns suppunham imminente... Em summa, «a provincia infeliz, digna de melhor sorte, continúa a ser escrava de barbaros sultões. Mudamos apenas de *Senhor* (brada a folha): não se partiram ainda os ferros; antes parece que se tem aggravado o captiveiro, com cadeias mais graves e pesadas». Entretanto, confiante appella para o governo central: só delle espera o remedio aos males da provincia.

Como era ainda prematuro agir por ahi e opportuno além, João Manuel rapido seguiu para o Rio-de-janeiro, com licença, pelos fins do mez de novembro, determinado a destruir o effeito dos informes e dos actos do presidente, e isto promettera a seus confrades do sul. [3] Teve de partir com o mesmo destino, em dezembro, um delles, Bento Gonçalves, a quem o governo central chamara á sua presença: «para ser encarregado de uma commissão importante nesta provincia», «segundo é fama», propallava dias depois o «Noticiador», do Riogrande. [4] Não sei se o boato próvinha do citado major, que, irmão de um dos regentes, devia gosar de credito junto delle, para obter confidencias, como para colorir os acontecimentos, consoante ao que era de vantagem para seus amigos politicos.

Ao desembarcar, o chefe que os movia a todos, é de crer que já encontrasse modificada a atmosphera que o recebia. Do que não resta duvida é da impressão que causou. De facto, a existente pleiade de brilhantes individualidades do segundo Imperio, algumas de grande realce, outras que o obtiveram mais tarde; aquella pleiade notavel não sabia com que singular typo de americano se tinha de entender. Ainda que o nome do recemchegado principiasse a encher o paiz, mais o tinham no Rio-de-janeiro por um veterano glorioso, de altivez inquieta e popularissimo na fronteira, que pelo

---

[1] Carta de Ruedas, no «Recopilador», de 2 de novembro. A sua despedida apparece em o n.º de 9, com data de 30 de outubro. A denuncia a que João Manuel oppõe o seu desmentido foi da «Sentinella», n.º 346.

[2] Eram os unicos officiaes artilheiros que não pertenciam á malsinada sociedade. Vide «Recopilador», de 11 de dezembro.

[3] Lobo Barreto, «Memoria», no Almanak», XVII, 197.

[4] De 4 de janeiro de 1834.

que realmente era elle. Não o conheciam bem á chegada, conheciam-no menos á saída: a maravilhosa capacidade diplomatica, demonstrada a primor em face de Rivera, venceu em toda a linha. Ciladas inimigas, prevenções de adversarios, reservas dos «moderados», queixas dos superiores gerarchicos; se dissiparam como por encanto, ao sopro daquella vigorosa natureza, apta a sobrepôr-se triumphadora aos obstaculos, nas lides da vida campestre, nas acções de guerra, — ali mesmo, no centro do Brazil culto. Agitadores populares, homens da imprensa e do governo, membros do corpo legislativo, representantes das classes armadas, a propria regencia, em summa, o mundo politico do Rio-de-janeiro com o seu variado pessoal, á porfia se disputaram a privança do militar pouco antes vergando ao peso das mais severas imputações.

A 12 de fevereiro já havia carta no sul, em que Bento Gonçalves, mui longe de communicar o que aguardavam em secreto jubilo os seus adversarios, dava noticia de ter sido nomeado, para substituir o presidente, o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, juiz de direito da comarca do Riogrande, pessoa em quem muito confiava o gremio farroupilha. A principio a regencia se deliberou a seguir uma politica de caracter médio. Aceitava indicações do chefe da opposição, como essa relativa ao successor de José Mariani, em cuja «probidade, patriotismo e luzes» a «Aurora» [1] declara descançar, «entendendo», entretanto, «que s. ex.ª não tem talvez aquella sagacidade, que é indispensavel, para bem governar em tempos tão agitados, e de revolução». A regencia, dizia eu, aceitava as indicações de Bento Gonçalves, mas, para evitar uma attitude de radical partidarismo, transferia para S.ta Catharina a José Mariano, o que constou na provincia, ao mesmo tempo em que surgiam os commentarios á mudança do delegado do poder executivo. [2] Assim, contentava ella, tambem, á corrente representada pelo marechal Barreto, que fôra solidario, com o presidente demittido e que se mostrara digno da confiança em que o tinha a administração superior do Imperio, habilmente evitando a sua entrada na «Sociedade militar», ainda que debaixo de corda a favorecesse quanto possivel. Era dar uma no cravo e outra na ferradura, pensaram no Rio-de-janeiro.

Semelhante politica de modo nenhum convinha a Bento Gonçalves. Senhor do apoio dos liberaes avançados, de quem no momento se constituira a maxima esperança, e feita, com as prendas que o ornavam, a conquista dos que não pertenciam a esse matiz; a «reconhecida sagacidade» [3] do emerito negociador da fronteira naturalmente o capacitou de que fóra do augmento da sympathia universal, nada de solido conseguiria, se a primitiva confiança absoluta que nelle tinha o governo, se não restabelecesse da maneira mais cabal.

---

[1] N.º de 13 de janeiro de 1834. «Noticiador», de 1.º de fevereiro.
[2] «Noticiador», de 12 de fevereiro.
[3] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

É para mim de muito fundamento a conjectura de que levara em sua bagagem, o sufficiente, para cobrir os olhos dos mais incredulos ou desconfiados, com uma venda espessissima... Manuel Antonio Galvão, José Mariani, a imprensa e a correspondencia dos retrogrados, o denunciavam como o protector de Lavalleja: não se defenderia, porque a regencia tambem o tinha sido. Havia, porém, ao lado desse, dous outros capitulos de accusação: — O primeiro era o em que o davam como occulto alliado do general uruguayo, para incorporação das provincias Cisplatina e do Riogrande, numa só republica, afiançando-se que para facilitar a effectividade desta obra, tratava de collocar, *primo loco*, o mencionado Lavalleja no governo, afim de que este pudesse, a seu tempo, auxilial-o no levante da provincia, conforme antiga combinação. O segundo capitulo era o em que o davam, em virtude dessa propría combinação, como o responsavel pelas machinações destinadas a lançar o Brazil numa guerra contra Rivera, preludio dos trabalhos subversivos em que estava mettido, deste e do outro lado da raia.

O coronel não dispunha de meios materiaes para desconvencer as almas prevenidas, quanto áquelle ponto do mysterioso tratado seccionista: se, entretanto, provasse que o segundo capitulo accusatorio era um invento de inimigos resolvidos á sua perda, não deixava, *ipso facto*, abalada a verosimilhança do outro capitulo da delação? Seguramente! Ora, o merito da tactica que figuro, não podia escapar a homem como Bento Gonçalves e para o effeito se achava elle admiravelmente preparado; supponho eu estar aqui, no que exporei, o peão em torno do qual se moveram todas as peças de sua logica, no taboleiro em que defrontava com alguns jogadores de talento e superior descortino.

A invasão de dom Manuel de Olazabal,[1] se fôra infructifera pelo lado das armas, conseguira sobre Rivera uma vantagem não pequena: a de haver-se, em mala do indio Lourenço, o espelho moral em que o Imperio poderia enxergar, nitido e inteiro, o perfil intimo do chefe do paiz visinho: e a visão, se bem examinada, era dessas que sublevam justas coleras nacionaes. Do achado, uma preciosa correspondencia, houve menções no Rio-de-janeiro, em junho de 1833, considerando-se, talvez, ahi, a mesma, de duvidosa auctoria. Bento Gonçalves, a 16 do mez seguinte, no juizo da imprensa deixou comprovada a sua authenticidade;[2] mas, entrementes, occorria qualquer cousa, já mencionada para traz, que contribuiu para que estoutra, de menor interesse, passasse despercebida.

Da Côrte, ás mais remotas provincias, se dilatava um verdadeiro susto, com o desembarque restaurador, que se teve por imminente, e isto desviou os espiritos, de tudo o que não fosse a defeza

[1] Bravo e generoso coronel argentino, amigo, compadre e ardente partidario de Lavalleja. Vicente Lopez, que o diz auctor de um «interessantissimo folheto» sobre «a guerra de Mendoza contra o general Carrera», dá-nos um tocante rasgo de Olazabal, nessa campanha. Vide VIII, 504.

[2] Vide «Noticiador», de 1.º de agosto de 1833.

contra a usurpação do «Panaca», [1] como em furia diziam os liberaes, ao mencionarem a supposta idéa de dom Pedro I. Se, porém, o predito achado escassa curiosidade conseguiu suscitar, nessa grave hora de profunda commoção universal; de molde era a produzir um verdadeiro assombro, exhibido opportunamente, por um individuo capaz de accentuar todo o valor probatorio do descobrimento.

Tenho estado a referir-me a um maço de nove cartas de Rivera, a sub-chefes do departamento do Serrolargo, em que se desvendavam, com o nenhum escrupulo do presidente do Uruguay, os preparativos de que se tinha occupado, para invadir o Brazil; certamente com o fim de extinguir um conhecido foco de lavallejismo, como, de modo mui positivo e expresso, com o de enriquecer, no decurso da guerra, á custa de systematica depredação, os militares de um exercito, que não tinha recursos para sustentar. A correspondencia não deixava duvida nenhuma; com os differentes papeis della entre os dedos, Bento Gonçalves podia deixar patente á luz meridiana, de que estofo moral era feito o adversario que o atacava na sombra e contra quem lançara já estas palavras de Cayrú, ao repellir para longe a pecha de conjurado com Lavalleja: «O calumniador é conspirador contra a Probidade, e é pouco menos (senão mais) horrivel inimigo que o assassino». [2] Agitando aquellas cartas, era-lhe licito desvendar o que se pretendia «em menoscabo da honra nacional, com o manhoso fim de o arredarem da fronteira»: [3] erguendo-as aos olhos de todos, era-lhe licito descobrir o que representava de facto a «boa fé do presidente Rivera» e a dos «miseraveis defensores da» sua «immoralidade e refinada perfidia». [4] Com ellas, os regentes, os ministros, os directores de partidos, os magnatas da situação, igualmente podiam avaliar os serviços do prestante coronel riograndense, que constituira em hora anterior e constituia então uma solida barreira a devastações analogas ás do anno 28, arruinadoras de uma zona immensa do territorio da provincia...

Adivinha-se que foi uma demonstração de tal ordem que deu ganho de causa ao commandante da linha do Serrito. Esta ou parecida, o effeito é que é irrecusavel: caíram por terra, do modo mais completo, as derradeiras resistencias, e o governo central se entregou sem reservas á orientação farroupilha. Pouco tempo depois de fixar-se o nome do presidente da escolha do vencedor naquelle pleito, o brigadeiro Manuel Carneiro da Silva Fontoura, do grupo dos restauradores, tinha demissão do commando superior da guarda nacional, nomeado para elle o coronel Theodoro José da Silva, do gremio contrario, dizendo a «Aurora» que aquelle era homem de

---

[1] «Recopilador», transcripção em o «Noticiador», de 17 de outubro de 1833.

[2] Publicação de Bento Gonçalves, em 22 de julho, em o «Noticiador», de 1.º de agosto de 1833.

[3] Idem, idem.

[4] Idem, idem.

idéas velhas e este era pessoa conhecida por seu brazileirismo e liberalismo, o que lhe valera a reforma, imposta pelo governo passado, que assim o afastara do commando do 9.º batalhão de caçadores. O exito do habilissimo coronel itinerante foi tão completo, que até obteve medidas como esta: «ordem terminante para ser sustada a deportação de um estranjeiro que declaravam connivente em planos sediciosos», isto é, de Manuel Ruedas, proprietario, casado, estabelecido em Portoalegre, e affeiçoado aos homens de abril como explica a sobredita «Aurora»; folha que alvitra ser de necessidade repôr no seu posto a José Mariano, «que foi um dos homens que mais trabalharam na revolução» do mencionado mez, em 1831.[1] Com isto dizia (mui determinada a contribuir para que morresse qualquer velleidade retrograda) que era de conveniencia firmar uma politica estavel, que puzesse termo a duvidas: «É preciso que o governo adopte um principio só, por onde se regule, e este principio, na actual administração não pode ser outro senão a decidida deliberação de sustentar as doutrinas e os homens da revolução de abril, uma vez que estes se não deslisem de seus antecedentes e deveres».[2]

Não só isso manifestava o orgam mais auctorisado dos liberaes do Rio-de-janeiro: entre elles se proclamou a benemerencia do accusado commandante do Serrito, em decreto da regencia, de 28 de janeiro, e Evaristo, com a indiscutivel auctoridade moral que foi a sua maior força, incumbiu-se de justificar, ainda melhor do que o fizeram os «considerandos» do acto governativo, a justiça que o paiz devia ao illustre veterano. A «Aurora», que já se tinha manifestado contra os detentores do poder no Riogrande, entre outras cousas deu curso em editorial a este franco pronunciamento: «É notavel que o partido retrogrado, batido em todo o Imperio, procura agora alçar a cabeça numa provincia, distincta por sentimentos nobres e generosos de seus habitantes; mas isto é esforço ephemero... que só servirá para dar mais desenvolvimento ao espirito liberal riograndense. Na verdade, homens em Portoalegre que foram sempre conhecidos por seu indifferentismo, ou por sua nimia moderação, agora vendo ameaçada a liberdade na provincia, desenvolveram actividade, um zelo que delles se não esperava, e foram os mais ardentes oppositores a que o Riogrande do sul fosse manchado com a Sociedade dos... absolutistas».

Vêde, porêm, não era só este valioso apoio que prestava aos liberaes da provincia, a mais acatada personalidade da epoca: punha em um pedestal o chefe querido, cujos passos acompanhavam de

[1] Não só José Mariano continuou na provincia, como João Manuel tornou a ella, agraciado com uma outra commissão: a de instructor geral da guarda nacional. Diz Alfredo Rodrigues, na biographia deste heroe (pag. 13) que chegou a Portoalegre, a 27 de março de 1834.

[2] Não só Evaristo, diz o «Recopilador», como tambem «nossos muito dignos patricios Candido Baptista de Oliveira e Antero de Brito, e outros varões benemeritos», coadjuvaram os esforços de Bento Gonçalves. N.º de 7 de abril de 1834.

longe com um estremecido cuidado e indormescivel amor, os continentistas. É de imaginar o desvanecimento de todos elles, ao lerem estas palavras memoraveis:

«Quando as recompensas são attribuidas ao merito e acções relevantes, o governo que as dá por algum modo partilha a gloria das mesmas acções e merito, e a Nação, em vez de ser empobrecida por taes recompensas, ganha com a sua distribuição e se enriquece do que dispende». «O coronel Bento Gonçalves da Silva tem, com seu valor, adquirido um nome brazileiro: valente defensor da sua Patria contra o inimigo estranjeiro, por sua probidade, coragem e rectidão, conquistou entre os povos da fronteira do Riogrande do sul, aonde mora, um tal conceito que, ao seu aceno toda aquella população se move para o combate: certa de que marcha á victoria e de que tem um chefe leal e um brioso companheiro de armas». [1]

Nesse mesmo numero da «Aurora» apparece o decreto com a demissão dada a José Mariani e o que designava o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. «A sua nomeação deve satisfazer á opinião liberal da provincia do Riogrande do sul: a sua probidade, amor da justiça, e patriotismo nunca foram postos em duvida», assenta a reputada folha, ao tempo que consignava exhibir, aquelle, «tendencias em favor do partido retrogrado».

A victoria do outro, a extraordinaria victoria do partido liberal riograndense se tornou conhecida em toda a sua plenitude, unicamente para o fim da primeira quinzena de fevereiro. Antes dessa data, as circumstancias se aggravaram de novo, manifesta a impaciencia dos que enfrentavam a administração provincial, que dia a dia foi pendendo, como era de esperar, para o lado dos caramurús.

---

[1] Eis o decreto, igualmente laudatorio, que Evaristo estampou, com essa introducção: «A regencia, em nome do imperador, o sr. dom Pedro II, attendendo aos relevantes serviços que o coronel de 1.ª linha Bento Gonçalves da Silva tem prestado por longos annos nas trabalhosas campanhas do sul, em que sacrificou toda a sua fortuna, a maior parte della despendida no serviço da Patria ;e tomando outrosim em consideração que este benemerito official, possuindo fazendas no Estado oriental, as abandonara ao inimigo que corajosamente debellara, despresando seus convites com o brio e honra que lhe é propria, portando-se em todo o tempo com a maior firmeza de caracter, amor e adhesão á independencia do Imperio, sua Constituição e o sr. dom Pedro II, tendo sempre em maior conta o serviço da nação do que a sua numerosa familia, que com elle passara as maiores privações; se deixarem de ser contemplados tão importantes serviços e recommendaveis circumstancias: ha por bem, por todos esses motivos, conceder ao mencionado coronel uma pensão annual de 1.200$000 reis, dependendo, porém, de approvação da assembléa geral legislativa. O brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, o tenha assim entendido e expeça os despachos necessarios. Paço, em 28 de janeiro de 1834, 13.° da independencia e do Imperio. — Francisco de Lima e Silva, João Braulio Muniz. Antero José Ferreira de Brito».

visto se abrirem della, cada vez mais aggressivos, os teimosos farroupilhas.

Bento Gonçalves, ao partir, não deixava o theatro vasio. Na forja de Hephesto, incançaveis operarios batiam nas incudes. Um sobretudo, que era o contramestre da grande officina, entre os «rebeldes o mais sagaz e o mais instruido», aquelle que, segundo Rodrigo Pontes, «para incitar os animos, organisar projectos, darlhes andamento e rumo, foi o primeiro homem da rebellião» de 20 de setembro: José Mariano de Mattos. [1]

Suspenso do commando, esperou tranquillo o resultado, que tinha por inevitavel, da missão do commandante do 8.º. Infelizmente para si, a regencia, como já expuz, disposta a mostrar-se imparcial, entendeu, ao transferir o grande agitador dos retrogrados, fazer o mesmo com o grande agitador dos progressistas: mandou-o seguir tambem para Santa Catharina. Usou o primeiro, Camamú, de quanto subterfugio poude, com o proposito de eludir a ordem de partida: o mesmo fez o segundo, amparado nisto, fortemente, pelos companheiros politicos, que o não podiam dispensar, mormente nessa hora, com a ausencia do chefe supremo.

Camamú tinha o governo provincial comsigo e José Mariano havia muito estava em lucta aberta com elle. Agiu o major, porém, com uma tal manha, que interessou por si, vivissimamente, a sociedade politica do tempo, e ainda até mesmo aos que nella menos se extremavam: conseguiu o seu habilimo proceder que recaísse todo o odioso da questão sobre o presidente. Este, por fim, se mostrou exasperado, quanto exaltado o gremio contrario, sobretudo ao referir-se o orgam situacionista, com escusada grosseria, a uma senhora distincta, á queixosa mãi do perseguido. Recebendo a ordem de marcha, José Mariano deu parte de enfermo, expediente de que antes se havia servido Manuel Ruedas, para deter-se na cidade do Riogrande. José Mariani usou de immediata violencia com o paizano, e constrangeu o militar a internamento em hospital: sujeitaram-se um e outro, emquanto a imprensa explorava o assumpto, contra o administrador, infeliz no sul, como o fôra pelo norte. Qual sempre acontece, a opposição excita ainda mais a reacção, que combate, de sorte que dentro de pouco todos os cargos principaes corriam ás mãos dos mais odiados elementos da provincia. O capitão Felisberto Fagundes de Sousa, bravo riograndense de muito nome, com 26 annos de serviço, foi a 3 de janeiro, [2] demittido do commando dos permanentes, assim como João Francisco dos Santos, do posto de seu immediato, substituidos respectivamente, pelos retrogrados capitães José Ferreira de Azevedo e Francisco Felix da Fonseca Pereira

---

[1] «Memoria», cit.

[2] De 1834. Vide «Observador» de 1.º de fevereiro.

Fagundes era de facto um official de notavel bravura. Foi elle um dos heroes do famoso levante, em navio com os prisioneiros de Sarandy, nas aguas do Paraná, a 5 de março de 1826. Vide a folha «Imperio do Brazil», de 11 de maio. Collecção no meu archivo.

Pinto;[1] designando José Mariani, para a procuradoria fiscal, um outro retrogrado, mui aborrecido: Passos Figueroa. A opposição, ainda que a sua attitude pudesse prejudicar em muito o trabalho a emprehender por Bento Gonçalves no Rio-de-janeiro, não se conteve mais.

A 15 do citado mez, o «Recopilador», em um artigo, deixa entrever esperanças no governo central e simula acreditar que haverá resistencia ás medidas reparadoras do mesmo, por parte dos aulicos de Portoalegre: «Os bravos continentinos (diz nessa hora), que sabem presar a legalidade, pegarão em armas para defendel-a: e então, ai daquelles, que se atreverem a dar um só passo contra as ordens da regencia», etc. No mesmo numero, porém, esquecida a folha do compromisso ordeiro e deixando transparecer o desinsoffrido animo com que rebuçava o occulto designio; desfaz o effeito da tirada conservadora, neste rompante sedicioso: «Ó riograndenses, quando despertareis do lethargo, em que jazeis ? Quando expulsareis do nosso solo aos tyrannos ? Riograndenses, animai-vos, saí a campo, vêde que o governo da provincia é traidor !»

O caso era que José Mariano lhes ficava; «permaneceu na cidade de Portoalegre e a provincia continuou a apparentar os mesmos symptomas de proxima erupção».[2]

Na tactica empregada por elle, observa-se a constancia do brado de alerta violento, que convoca as hostes, pondo as contrarias sobre as armas, em cançativas promptidões; e logo depois um como recuo para os aquartelamentos do partido, que gera a confiança e descuido nos postos fronteiros.[3] Até a chegada de Bento Gonçalves, eis a alternativa em que as folhas mantém os espiritos, firmes e inabalaveis aquellas no cumprimento da palavra de ordem do activo e intelligente revolucionario.

Interessante por demais é vêr como em o labor da fragoa a que presidia e fiscalisava, e em que collaborava a par dos demais «companheiros», ora fundia as peças de sua obra em molde que lisonjeava as esperanças dos que se esforçavam para resguardar intangivel a união com o centro; ora no que definia os contornos das que, em segredo, nutriam os provincianos, cuja excitação a imprensa cuidadosamente mantinha. Apanhado o fio da conjura e seguindo-a no dedalo de suas marchas e contramarchas sábias, verdadeiros

---

[1] Depois marechal do Imperio. Este valente militar era brazileiro adoptivo e pai de uma encantadora e distinctissima senhora riograndense, que todo o Rio-de-janeiro admira, a viuva do glorioso almirante Eliziario Barbosa.

[2] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

[3] Tal foi a de que usaram os castilhistas, contra os federaes, durante o governo destes na provincia. Com as constantes alarmas, não só se conseguiu a fadiga dos situacionistas, como afinal a invasão de funesto scepticismo no animo dos mesmos. Dentro de pouco ninguem mais acreditava na seriedade dos boatos e por isso poude effectuar-se a quasi surpreza de junho de 1892, que reinaugurou o ostracismo, ainda hoje duradouro, dos elementos liberaes do Riogrande do sul.

e falsos ataques, avançadas e retiradas, é que se nota quão marcadamente tendenciosa se mostra a linguagem da propaganda, sobretudo de 1833 e 1834, depois de suppressas as calvas declarações e compromettedoras franquezas de 1832. Os exemplos seguintes parecem-me expressivos e ainda que me alongue na citação, creio que o leitor a julgará de proveito, pois que ella permitte um relance utilimo sobre espectaculo dentro do qual se apanha em flagrancia o trabalho clandestino, que tão cauteloso se esconde.

A 5 de fevereiro, commentando o beneplacito que deram na Côrte á suspensão de José Mariano e removimento para S.[ta] Catharina, o «Recopilador» extranha que o governo central, que tem sido taxado de republicano pelos retrogados, «seja hoje tão prompto em acreditar, que nesta provincia um partido existe, que intenta «proclamar esta fórma de governo»... Os riograndenses (prosegue) só querem que o governo marche no sentido da heroica, mas, malfadada revolução de 7 de abril: querem as REFORMAS FEDERATIVAS pelos meios legaes, e nada mais». Logo adiante, porém, entra nestas considerações, demonstrativas de que os «exaltados» do sul continuavam a responsabilisar os «moderados», por haverem desencarrilado o glorioso movimento: «Qual é a differença que se encontra em sermos devorados por um tigre preto ou amarello? Serão mais toleraveis as dentadas de um, que do outro, quando ambos nos acabam a vida? Deixemo-nos de prestigios, de caprichos, quem nos persegue é nosso inimigo, seja embora adornado com estas, ou com aquellas côres. O snr. Evaristo tem sempre gritado em sua *Aurora*, contra as Sociedade militares, caramurús, restauradores, etc., e nos tem feito persuadir que elles são verdadeiros inimigos, e arreigado tanto nestas idéas, que agora já nos não podemos convencer do contrario; entretanto, apparecendo na Côrte a representação de 24 de outubro, contentou-se em dar-lhe lugar nas paginas do seu conceituoso periodico, sem dizer sequer duas palavrinhas a tal respeito.

Será crime nos riograndenses o que nos fluminenses é virtude?...... Santa FEDERAÇÃO só tu podias libertar-nos dos males, que soffremos...»

Em outro artigo, alarma-se vivamente com a transferencia de José Mariano: «Muitas e mui illustres pessoas desta provincia são accusadas de republicanas e é sobre ellas que tem de caír o raio dos despotas...... É forçoso, portanto, que tambem se disponham todos os liberaes ou para regar com o seu sangue o cadafalso dos tyrannos, ou o campo das batalhas, onde sempre triumphará a virtude, e o patriotismo. Riograndenses! Alerta! Alerta!»

A 8 insiste: «O snr. Mariani e o snr. Barreto tem dado motivos de desconfiança: na marcha que têm seguido, parece descobrir-se o desenvolvimento de um plano funesto aos principios de liberdade desta provincia. Lançaram mão da representação de 24 de outubro, para persuadir o governo central de que existia um partido republicano, que era preciso anniquilar por meio da violencia, e encarregaram desta intriga o snr. Galvão (a quem se attribue a lembrança), que tambem marchou durante o tempo de sua administração debaixo

do mesmo principio: tiraram da provincia o benemerito coronel Bento Gonçalves, trave que os engasga: tem-se dado mil estorvos á creação da guarda nacional: tem-se pedido com muita insistencia o recrutamento de 1.ª linha: tem-se dado o commando de corpos a portuguezes adoptivos: projectaram a creação da Sociedade militar: ainda de quando em quando se passam revistas aos corpos de 2.ª linha na fronteira do Riopardo: e já se começa a pôr em pratica o systema das perseguições». Formulada a summula das queixas, apresenta-se a beberagem de estimulo: «Os povos... têm de soffrer o azorrague dos despostas emquanto se não convencerem de que a regencia marcha de accordo com elles; mas, logo que isto succeda, ninguem está em melhor posição de rebater a violencia com a violencia, e então» os mesmos povos «tomarão essa medida, ainda que perigosa, necessaria. Seja, portanto, o governo, prudente; contenha-se nos limites de suas attribuições e não irrite os animos, que já estão azedos com a impolitica marcha que se vai seguindo». E a folha «exaltada» usa de linguagem sacudida assim, ainda depois de se receberem em Portoalegre as primeiras novas de que o governo central, com melhor informe, «se pronuncía mui decididamente contra os anarchistas», isto é, contra os restauradores, alliados a José Mariani. Nesse mesmo numero o declara, nos termos expostos, accrescentando: a *Aurora* «nos coadjuva». Mais: affirma que o presidente será mudado, com o quê o «Recopilador» volta atraz e diz: «Exaltados e moderados, uni-vos, formando um só corpo, para debellar infames caramurús».

A 19 de fevereiro, reverte ao seu verdadeiro jogo: «*Democracia! Anarchia!* Eis aqui as vozes, que assustados repetem os retrogrados fautores do despotismo, os homens egoistas e corrompidos. Pintando-as como synonimas, intentam os perfidos semear a desconfiança e o terror no coração da parte temerosa ou pouco instruída dos povos, para que cerrem ouvidos ao grito do seculo. Mas, em vão o pretendem suffocar. Escriptores venaes, orgams impudentes da facção retrograda, vossa debil voz é o ultimo suspiro da moribunda aristocracia, e nada pode contra o brado da liberdade, que poderoso se levanta em todos os angulos da terra...... Os homens já se não deixam illudir por certas concessões liberaes, ou por promessas de mais ampla liberdade: elles bem sabem, que taes promessas existem só nos labios, mas nunca em o coração dos reinantes, que tarde ou cedo invalidam pela força e pelo engano aquellas mesmas concessões que o temor do momento lhes arrancou. Luminosos exemplos desta verdade deram Carlos X, Fernando VII, e Pedro I. Depois dos factos, ficou derribado o mal adquirido prestigio das theorias abstractas, dos poderes equilibrados, e desse enxame de idéas metaphysicas, sobre que se fundam os governos mixtos. A Liberdade será daqui em diante uma realidade: esta é a necessidade do seculo, e, mais, este é o voto de todo o mundo.

....

Debalde... procuraes encobrir aquellas (paginas), que cheias de uma gloria immortal nos legou o exemplo dos grandes feitos, e das virtudes Republicanas. Nada conseguireis ponderando os erros da

Democracia...» «Depois de admittil-os como reaes, (accrescenta) faremos um parallelo entre esses e os dos tyrannos «e na balança da imparcialidade pesaremos as vantagens, e os males inherentes aos dous principios *Monarchia* e *Democracia*». Isto feito, se sois dotados de boa fé, cessareis de affirmar, que *infelizmente não são as democracias as fórmas de governo, que melhor têm provado para formar a publica felicidade. Os Estados democraticos*, dizeis, *commettem erros funestos, sua Constituição tem defeitos organicos.* E qual é a producção do homem, que não leva o sello da imperfeição? De que serviriam os mesmos governos, se elle possuisse a sapiencia e a perfectibilidade do Eterno?

....

Ah! retrogrados, baixos e ambiciosos, vós aspiraes sómente á eterna tutoria e goso exclusivo da substancia do povo. Quando conseguis esse fim, vós trataes de o corromper, para o escravisar, e se escravisado quer voltar á senda da virtude, vós o atemorisaes com difficuldades, e com espinhos, de que pintaes coberta a sua estrada, persuadindo-o que não é sufficiente a sua educação para remover os obstaculos que nella encontrar. Assim insultaes as vossas mesmas victimas!

....

A tyrannia de um só é preferivel á tyrannia de muitos. Eis aqui um de vossos mais fortes argumentos. Esta tyrannia, porém, succede no systema democratico, quando elle já se acha inteiramente viciado. E nas monarchias, o que vemos nós? Uma cadeia de oppressão e de abusos, que segue desde o dourado sceptro do rei até a humilde vara do meirinho. Do mesmo modo que de uma fonte envenenada correm corrompidos os regatos, que delle trazem sua origem, assim são outros tantos tyrannos os ministros, os generaes, os juizes, as classes privilegiadas, até o ultimo empregado. Elles são simultaneamente opprimidos e oppressores, mas o peso total da prepotencia gravita sobre o povo infeliz...... A vista, pois, de tudo quanto temos dito, o governo popular foi sempre considerado o melhor de todos».

Continúa o mesmo articulista a 22 de fevereiro: «O convulso estado de movimento e agitação, em que se acha hoje o Brazil, as negras nuvens, que toldam o nosso horisonte politico, são incentivos assaz poderosos para mover o philosopho escrutador a indagar das causas deste mal, estudando o meio mais proficuo de o combater e destruir.

....

Sem perder tempo com prejuizos vãos ou discussões inuteis, trataremos de buscar aonde quer que se encontre, a verdadeira origem de nossas calamidades. Lançando um golpe de vista sobre os acontecimentos posteriores á gloriosa revolução de abril, o que vemos nós? Ministros sem a necessaria experiencia e sagacidade para governar em tempos de perturbação, empregando armas da força e do terror, afim de fazer calar o espirito publico. Pensando que não convinha dar-se todo o impulso e movimento á machina da revolução, elles despresaram com orgulho as exigencias do

partido *exaltado* aconselhadas pela dura lei da necessidade e pelos dictames da mais sabia politica. Classificaram-se de exageradas as suas idéas, e os sectarios deste dogma foram barbaramente perseguidos, porque, anhelando os mesmos fins, discordavam, comtudo, dos principios. Ficaram, entretanto, impunes os inimigos da Patria, inimigos da liberdade; e quando os patriotas de abril gemiam no fundo dos calabouços e das fortalezas, quando á ponta de bayonetas e a fogo de canhões decidiu-se da sorte de uma parte delles, folgaram, prazenteiros e tranquillos expectadores destas scenas...... os aulicos...... que, infames, corrompidos e devassos, guiaram dom Pedro, em sua execranda, tortuosa administração». [1]

Bento Gonçalves, anciosamente esperado, chegou á cidade do Riogrande, a 4 de março, e á villa de Jaguarão, a 19 de abril, sendo recebido festivamente numa e noutra localidade. Antes de seguir para o posto militar que occupava, entendeu-se com os amigos politicos. [2] A influencia que a demora do prestigioso coronel teve na primeira praia em que aportou em sua terra, logo se reflectiu na imprensa da capital, cujo tom mudou de todo, certamente para corresponder ás instrucções que expedira. Vinha elle encontrar, de novo publicada pela «Sentinella», [3] a noticia de «uma conspiração na provincia, tramada nos tenebrosos antros de um club». Desconvinha em absoluto á acção que havia desenvolvido no Rio-de-janeiro, e cujas vantagens complementares ainda se esperavam; desconvinha que a linguagem das folhas do partido auctorisassem os politicos da Côrte a entrarem outra vez em duvidas sobre os «exaltados» do sul, e a mudança operada, como acima digo, faz crer em larga troca de cartas ou de communicações verbaes entre o chefe e seus correligionarios. Mostrarei opportunamente que a minha conjectura é confirmada pelos factos e que as manifestações de marcada fidelidade ao regimen, communs nos periodicos e fóra delles, devem correr á conta de um sentimento de todo em todo simulado. O guia supremo da conjura necessitava de toda a sua liberdade de acção, para um derradeiro esforço na fronteira; depois do quê, o longo drama clandestino se encaminharia a um definitivo desfecho, aberta a éra da revolta declarada.

E de presumir que do Rio-de-janeiro avisasse para Buenos-aires, a Lavalleja, da epoca de sua chegada á provincia, porque o infati-

---

[1] Vide a minha apreciação da politica de Feijó, em capitulo anterior e comparai com o que acima expende, por ultimo, o periodico farroupilha.

[2] «Bento tinha ido ao Rio e quando de lá chegou na provincia, tratou de dar providencias para o acontecimento revolucionario», diz Caldeira (carta de 5 de maio de 1895, no meu archivo). O depoimento, aliaz dispensavel em face do contexto de minha obra, prova com que esmero precisa distinguir o historiador, o lado apparente e o lado real, da vida politica do tempo, o que nunca tem em conta o talentoso Alfredo Rodrigues.

[3] N.º 290. Vide «Recopilador», de 5 de março de 1834.

gavel caudilho, oito dias após o desembarque do fidelissimo alliado no Riogrande, punha por sua parte o pé em Higueritas, com um punhado de rebeldes.[1] Bento Gonçalves, «ao ter esta participação, não se deteve um instante e foi pôr-se á frente do seu valente regimento, á espera das ordens do governo provincial».[2] Viera a predita participação, acompanhada de communicações «fidedignas»,[3] que affirmavam com segurança haver Lavalleja batido a 15, em «Las Vacas, departamento de Colonia», o coronel Anacleto Medina, mandando seu dedicado irmão, Manuel, sobre o coronel Raña, que estava em Paysandú, e ficando elle com muitos dos officiaes que o seguiam, entre esses Garzon, Olazabal, etc...

Rivera havia tido noticia dos preparativos do indormescivel oppositor e se dispoz a recebel-o. Distribuiu activamente as ordens que as circumstancias reclamavam. As que mandou para a fronteira para onde partira Bento Gonçalves, impunham a Servando Gomez, commandante das forças de Serrolargo, que se dirigissem estas ao quartel-general de Durazno. O coronel deixou a linha do Jaguarão a 21; antes dessa data, porém, a tentativa revolucionaria soffria um serio revez.

Parece que Raña conseguira unir-se a Medina, retrocedendo Manuel Lavalleja, ao campo do general insurrecto. Superiores aquelles em numero, á columna sublevada em formação, muito em retardo ainda os contingentes da sua parcialidade; cáiram, ambos, sobre ella, a 16, destroçando completamente a Lavalleja. Consta que apenas os dous irmãos se salvaram da investida, atirando-se a nado, sobre o rio proximo, dentro de cujas aguas succumbiram 2 officiaes e 9 praças.[4] Emquanto os vencedores punham no encalço do inimigo uma partida de 60, ao mando dos capitães Illescas e Pereira; o derrotado, com o seu mano, seguiam para o norte. A 20, na mesma data em que Rivera, com o exercito, varava o rio Negro, os perseguidores bateram a pista dos Lavallejas pela altura do passo do Correntino, mas os dous guerrilheiros lograram chegar sãos e salvos á fronteira do Alegrete, seis dias mais tarde.[5]

Das margens do Quarahy, o chefe da revolta escreveu a varios brazileiros, pedindo lhe déssem ajuda, entre esses aos coroneis Bento Manuel e José Antonio Martins, que remetteram as cartas ao governo provincial. Ao primeiro, dizia o foragido, na mesma data de 26, que assim praticava fiado no auxilio que já obtivera e movido

---

[1] A 12 de março. Vide Saldias, II, 290.

Esta nova expedição de Lavalleja, segundo o auctor cit., organisou-a elle com auxilios do governador das Missões argentinas, dom Feliz Aguirre, que teria nella a sorte que menciono em outra nota.

[2] «Noticiador», de 2 de abril de 1834.

[3] Idem, idem.

[4] Pascual, II, 200. Saldias, II, 288.

Entre os prisioneiros que ahi foram apresentados a Rivera, figurava o commandante Felix Aguierre, de que acima se fala e que aquelle fez fuzilar. Saldias, II, 290.

[5] Pascual, II, 205.

por diversas cartas de amigos do Riogrande e Portoalegre. [1] Dizia-lhe mais na missiva e por meio do seu portador, Lucas Moreno, que começara a guerra. E o imperterrito caudilho estava resolvido a continual-a. Não ficou inerte. Fez estender as partidas que se lhe haviam reunido no transito para ali, ao longo do rio, de onde se prolongaram, em correrias, até Santa Anna e Arapehy.

Sabido em Jaguarão o paradeiro certo dos sublevados, o que o proprio governo oriental ignorava, immediatamente os emigrados se reuniram, em numero de 120, partindo, sem opposição de Bento Gonçalves, [2] pelo territorio do Brazil, quasi sempre, até onde se achava o chefe em armas contra Rivera, cercado de uns 20 fieis apenas.

Disse que o exercito legal desconhecia o acampamento de Lavalleja; não o pudera elle descobrir no territorio da Republica, porque tinha passado á estancia de Bento Manuel, o primeiro coronel brazileiro a quem se dirigiu. Este, manhoso como poucos, cobrira-se de qualquer futura responsabilidade, expedindo a carta que mencionei, ao commandante das armas, emquanto dava abrigo aos perseguidos, e sitio para centro seguro de hostilidades, na sua fazenda do Jarão. O envio era acompanhado de officio que mostra quanto é preciso usarem os investigadores de muito tino ao procederem á leitura dos documentos da epoca, os quaes muitas vezes enunciam de facto o contrario do que a letra delles parece traduzir. A communicação dando conta de haver surgido Lavalleja no Paipasso, declara que «existia reunião», o que é uma verdade, mas encerrava palavras que a não continham, em parte: Bento Manuel mostrava-se severo com os dous orientaes contendores, quando o que manifestara exprimia o seu pensar unicamente com relação ao vencedor. Para colorir o que fosse fazendo por um, não se esqueceu de accrescentar, o coronel, que, até receber instrucções, iria «palliando». [3] Com identica sinceridade, o commandante das armas, no mesmo dia, informava a Mariani, da invasão de Lavalleja, dizendo que elle, e Rivera, «eram homens perigosissimos, faltos de fé». O primeiro, ajuntou, «conta com muitos partidarios nesta provincia».

O ultimo tinha activamente concentrado as suas forças, chamando a si as do departamento de Serrolargo, de cuja raia se recolheram ao centro do paiz, as diversas guardas existentes. [4] Em fins de abril, [5] teve conhecimento seguro da zona em que o ini-

---

[1] Carta de Lavalleja a Bento Manuel, de 26 de março de 1834. Cit. officio de Barreto a Antero.

[2] Dito officio de Barreto.

[3] Officio de 30 de junho de 1834.

[4] Officio de José Rodrigues Barbosa, commandante da fronteira do Riopardo, datado de Jaguary, a 23 de março. Informes de Mazarredo, commandante do destacamento de linha, de Bagé.

[5] Pascual (II, 206), com erro diz que foi em maio. Vide G. A. Pereira, I, 294.

migo se encantoara e foi sobre elle, levando seus correios, dentro em pouco, a Montevidéo, a noticia de uma facil victoria, que, segundo palavras do general, arrojava no Brazil, as ultimas cohortes da revolução. [1]

Eis como expirou a tentativa de Lavalleja. Recebidos os reforços que lhe vieram de Jaguarão, reiniciava as operações, quando lhe surgiu pela frente o exercito legalista. Impossivel affrontal-o, com as 116 praças de que dispunha para o conflicto, e pois se viu constrangido a desamparar o campo, na maior precipitação, escapos a nado muitos de seus correligionarios, que só assim puderam refugiar-se na margem brazileira do Quarahy. Laboravam activos os remadores de um escaler, com a escassa *impedimenta* e já não ia longe da contracosta, mas, lançaram-se á corrente varios soldados dos que chegavam e alcançando-o, fizeram delle boa presa, com as cavalhadas de Lavalleja, tambem apprehendidas, trazendo tudo ao campo de Rivera, que assistia a essa proeza, e a outra, deveras tragica e commovente.

Como avistassem os governistas, um official inimigo, entre os que cortavam as aguas, á força de braços, a ordenança de um capitão Castellanos se atirou ao rio, «*cuchillo en boca*, e, pondo-se a par do fugitivo, «matou-o a punhaladas», — drama que por pouco se não reproduz no S. Gonçalo, uns dous annos depois, como heis de vêr!

Ao tempo em que occorriam estes successos, uma fracção dos atacantes, as milicias de Paysandú, batiam de surpreza o toldo dos 26 charruas, alliados do chefe dos 33 e reliquias da famosa tribu, que se achavam «como a oito quadras» para um flanco, perdendo os indios as suas cavalhadas e recolhendo-se a pé a uns mattos proximos, de onde foram ter ao Brasil. [2]

Rivera que teve apenas de prejuizo um 1 homem morto e 10 feridos, [3] conservou-se pelas immediações alguns dias. Em data de 20 de maio, precavendo-se de futuras intentonas, dirigiu sollicitações a Bento Manuel, para que lhe permitisse fazer entrar gente sua na provincia, para bater uma familia dos sobreditos charruas, que a 18 apparecera do outro lado, sem que a isso puzessem impedimento duas partidas brazileiras, que tudo viram. Bento Manuel, que tambem com uma carta de 5 de abril tinha procurado adormecer o presidente do Uruguay, [4] referindo-se com menospreço ao chefe revoltoso e declarando-se da maneira mais lisonjeira ao Estado oriental, «cujos habitantes amamos, diz, e a cujas auctoridades legaes respeitamos»; no mesmo dia respondeu do Jarão, negando o facto e prohibindo a passagem da tropa áquem da linha divisoria. E concluiu que fôra «assaz excessiva a sua franqueza, em participar a s. ex.ª com promptidão, o destino que tomou Lavalleja».

---

[1] Pascual, II, 206.
[2] G. A. Pereira, I, 294.
[3] Idem, idem.
[4] Pascual, II, 205.

Requeridas como haviam sido pelo presidente Rivera, não se demoraram as providencias governativas de preceito, em conjuncturas semelhantes, mas Bento Manuel «tão pouco desejo tinha de dar cumprimento ás repetidas ordens para desarmar e internar os emigrados, que destacando forças ao effeito, lhes dava direcção opposta á que seguiam estes». [1] Afinal as determinações do presidente da provincia foram observadas a 1.º de junho, e, talvez, pondera Barreto, porque era impossivel eludir os mandamentos da auctoridade civil superior, estando em Santa Anna, como estava, o commandante das armas, isto é, muito perto da fronteira em que occorriam os successos. [2]

Assis Brazil conta que, favorecido por Bento Manuel, o caudilho oriental obteve «meios de transportar-se occultamente a Jaguarão, onde conferenciou com seu amigo Bento Gonçalves». [3] Com sciencia do marechal Barreto, e depois de desarmados, [4] Lavalleja e os orientaes que com elle escaparam ás medidas policiaes da fronteira, seguiram livremente para a predita villa, «foco do partido de brazileiros que protegem sua causa», conforme nos certifica o commandante das armas. De facto, estes o receberam com o vivo interesse de sempre.

No Herval, o vencedor do Sarandy hospedou-se em casa de João da Silva Tavares, ex-juiz de paz, major da guarda nacional, «um dos principaes protectores e agentes da horda lavallejista», [5] indo ahi visital-o, a 6 e 7 de junho, Bento Gonçalves e o dr. Joaquim

---

[1] Referido officio de Barreto a Antero.

[2] Sigo neste ponto ainda a exposição de Barreto, mas, deprehendo de duas cartas da «Correspondencia» de G. A. Pereira (I, 296 a 299), que o marechal, para interromper as manobras do commandante brazileiro teve de optar por expedientes de sua propria deliberação. Os coroneis José Rodrigues Barbosa e Calderon foram a seu mandado ao acampamento de Rivera, para o concerto de uma entrevista com este, e, creio foi depois de se combinarem as cousas, que o segundo daquelles officiaes, á testa de uma força, entrou de golpe em junho no refugio em que se achavam os emigrados, que era o «rincão» entre o Quarahy grande e pequeno, afim de cumprir-se o que manda o direito internacional.

Os charruas, «dom João Antonio e Echeveste se escaparam: todos os mais, em numero de 10 officiaes, incluso dom Manuel Lavalleja e doze praças, foram desarmados e internados», constando que por ordem da regencia seguiriam para a ilha das Cobras. Tal determinação, se existiu, foi burlada, como outras.

Como obteve depois o general Lavalleja as facilidades de transito, que constam do texto, para diante, é o que não sei explicar. Talvez ainda em virtude de circumstancias já historiadas: as mancommunações do proprio governo do Imperio, com o caudilho uruguayo, o que forçava os agentes daquelle a comprehensiveis transigencias e considerações, sempre que possiveis e sem grave compromisso. Com as revoltas modernas do Estado oriental se deram factos mui parecidos ao de que me occupo.

[3] Pag. 81.

[4] Cit. officio de Barreto a Antero.

[5] Idem.

Vieira da Cunha, juiz de direito da comarca. O profugo uruguayo, nas suas civicas emprezas, vira esquivar-se-lhe o concurso dos compatricios, algo ingratos e cujo apego pelo seu illustre paladino não era grande; nunca observou, comtudo, que de leve se entibiasse o dos amigos da raia brazileira, por mui desgraçada que fosse a condição em que o vissem chegado áquellas plagas. Não só encontrava em todos os lares a carinhosa hospitalidade, o mais franco apoio indefectivel: tinha o gosto de notar a impressão originada pelo seu nome, repercutindo elle até ao longe, cercado nesses tempos, de verdadeira, leal, vigorosa sympathia. Fóra do que recatava de politico, esse pendor geral era explicavel, em boa parte, pela gloria de que se revestira em 1825, num passo realmente digno de admiração; como, em maior parte ainda, pela circumstancia de existir uma estreita alliança, entre a sua pessoa e o homem mais querido da provincia. Ao sabel-o de novo batido, de novo fugitivo, a imprensa do Riogrande do sul que neste se inspirava, não o abandona: sem rebuço exalta os animos contra «o escandaloso Rivera» [1] e traça a apologia do «heroe libertador». [2]

Do Herval transferiu-se elle a Jaguarão, onde recomeçaram as agitações que entonteciam o governo de Portoalegre e faziam perder o somno ao de Montevidéo. A posição que Bento Gonçalves assumiu, amparando-o, era em verdade muito violenta. O «Recopilador» chegou mesmo a confessar que o chefe dos liberaes nutria o desejo de derrubar do poder o presidente Rivera e a tensão attingiu a extremos assaz manifestos, em uma troca de communicações entre os commandantes oriental e brazileiro da linha divisoria. Faço alguns extractos das mesmas.

Servando Gomez, [3] a 4 de abril, representa a Bento Gonçalves que, «para a boa harmonia e amisade dos Estados visinhos é necessario concluir de todo com as causas que tem turvado até agora a paz destes habitantes». «Prescinde de falar em attentados contra as guardas de sua dependencia, desde o principio do anno», escreve elle, e das «respostas evasivas, contrarias e anti-politicas, e só pretende por esta vez desassombrar inteiramente esta parte da fronteira, das frequentes hostilidades, que fazem os anarchistas, desde o lugar de seu asylo». «Partidas armam-se á vista das auctoridades, passam a este lado, uma dellas, tendo á sua testa um tal Muniz, veiu até a guarda de San-Servando. Agora mesmo, sabe de uma força que se apresta em Candiota, mudando de posição, afim de disfarçar seus intentos, e em attitude de repetir os attentados do anno 33». «Espera com a possivel brevidade, uma solução terminante que possa acalmar a justa indignação de nossos animos, e restituir a tranquillidade ao departamento do seu mando». «Entretanto, o

[1] «Recopilador», de 21 de junho de 1834.

[2] Idem, idem.

[3] Este era o commandante oriental, da fronteira de Jaguarão, com séde em San-Servando.

coronel que subscreve, offerece a v. s. seu maior apreço e consideração». [1]

Bento Gonçalves responde no mesmo dia. Que prescinde da justiça ou injustiça dos «*cargos*» que faz, ainda que lhe sobre materia para demonstrar a falsidade das asserções do collega, bem como para lhe fazer vêr, e ao mundo, como tem sido talado este territorio, por força do exercito do Estado contiguo, a despeito da boa harmonia que devera reinar entre ambos paizes. Que se limita a manifestar que não tem ingerencia no serviço de policia «e que por isso deve entender-se com o juiz de direito, a quem compete tomar conhecimento de suas reclamações, podendo apenas, como militar, assegurar» «que não é a força armada, com que» Servando Gomez «se apresenta em nossa linha, em ar hostil, o meio mais seguro para obter satisfações de um governo amigo»; e conclue seccamente «que nem por isso teme ameaças».

A peça está toda ella calcada na do oriental, para poder oppôrlhe um revide, nos mesmos termos em que foi traçada. Demonstra, porém, um persistente animo de não transigir, de continuar as hostilidades, a que o outro anhelava pôr fim. Depois, o tom era de um desabrimento aggressivo que, aliaz, explicavam, não só as tendencias pessoaes de Bento Gonçalves, como as circumstancias igualmente.

O commandante da fronteira uruguaya refere-se queixoso ás provocações e irrupções dos emigrados, com apoio indubitavel do seu collega da margem opposta; esquecia-lhe mencionar, todavia, a errada conducta que observava, a par de seus subalternos, conducta que de muito servia ao brazileiro para encobrir, até para justificar, a protecção dispensada aos lavallejistas. Um anno depois da violação do territorio nacional praticada pelo indio Lourenço, [2] tendo como reserva na expedição uma força ao mando de Gallo, ajudante do commandante Possolo; o capitão Calderon, por duas vezes, invade o municipio de Jaguarão (segundo districto), em «diligencias de policia», com o especioso pretexto de que para isto se achavam de concerto as auctoridades dos dous paizes. A captura atrevida que fizeram, de tres suppostos desertores, seguiram-se dous crimes, que deram augmento, mais que justo, aos brados da indignação publica. Porque un escravo de José Ramos de Carvalho, habitante da margem esquerda do rio, lhes não levasse um bote para passagem, os soldados da guarda oriental o mataram a tiros; e dias depois, porque Manuel Ribeiro, mascate riograndense, apparecesse na villa de Melo, um tenente Gonsalez o mandou acabar igualmente, com o fundamento imaginario de que era um espião dos emigrados. [3]

As represalias não se fizeram esperar...

Pascual, no seu manifesto proposito de evidenciar em tudo o dedo de Rozas, escreve a paginas 215, 216, 217, do seu segundo

[1] «Noticiador», de 3 de maio de 1834.

[2] Pascual, II, 204. «Noticiador», de 10 de maio de 1834.

[3] As duas fontes constantes da nota anterior.

volume: «A 9 de junho partiu de Buenos-aires para o Riogrande do sul, dona Anna Monteroso de Lavalleja, a bordo do baixel *Marquez de Pombal.* A missão desta senhora era tão arriscada como machiavellica. Esta dona Anna tinha um caracter tão turbulento e intrigante, que não duvidou sacrificar por ambição, a fortuna do matrimonio, que ascendia a mais de cem mil patacões fortes, como deixei consignado em outro lugar: não duvidou expôr o credulo marido aos azares de suas temerarias tentativas desde 1832: não duvidou reduzir quasi á mendicidade a seus filhinhos: não duvidou fazer firmar ao marido uma acta publica, lavrada em presença do governo de Buenos-aires, publicada no *Imparcial* da mesma cidade, poucos dias antes de perjurar sua palavra, de achar-se escasso de meios para hostilisar de novo o Estado oriental.

Esta senhora vai, a mandado de Rozas, a encontrar-se com o allucinado Lavalleja em territorio brazileiro, aonde ella espera tirar partido da filiação do marido nas lojas riograndenses: aonde espera pôr em movimento os emigrados, semear o descontentamento entre os brazileiros, compromettter de tal sorte o governo do Imperio com o oriental, que se tornasse necessario recorrer á ultima rasão dos povos, — a desoladora guerra. Finalmente, as instrucções que Rozas dera á senhora de Lavalleja eram que, durante sua permanencia no Riogrande, tratasse, de accordo com os correligionarios de seu marido, de dividir os dous governos, de captivar a Bento Gonçalves da Silva, de perturbar a tranquillidade da provincia e de a desmembrar do visinho Imperio.

. . . .

Não haviam transcorrido muitos dias depois da chegada desta senhora, junto a seu marido e partidarios, quando se divulgou por toda a cidade de Montevidéo que uma força brazileira, do mando do coronel Bento Gonçalves da Silva, forte de 300 homens de ambas armas, em cujo numero se distinguiam alguns anarchistas orientaes, tinha invadido o territorio da Republica, surprehendido o coronel Servando Gomez, commandante daquella parte da fronteira uruguaya, que se achava na Guardia-del-redondo, villa de San-Servando, o qual, segundo se lia no *Universal*, depois de uma viva resistencia, tinha sido feito prisioneiro, junto com sua tropa e conduzido ao Brazil, levando os invasores comsigo, todo o gado vaccum e cavallar que encontraram em sua correria».

A dama a quem o panegyrista de Rivera detracta em uma leviana passagem, merecia dos contemporaneos estes apreços, que se nos deparam, por exemplo, em o «Noticiador», o qual, ao dar a noticia de sua chegada á cidade do Riogrande, a 2 de julho,[1] estampa o seguinte: «Não sabemos quaes as causas, que aqui a conduziram, nem para onde seja o seu destino; mas o que podemos affirmar é, que a snr.ª dona Anna apresenta um exemplo notavel de amor conjugal; porque, com a maior constancia e resignação, sempre tem seguido os destinos de seu marido, ou se mostrem com

[1] N.º desse dia, 1834.

face risonha, ou com semblante carrancudo; e se a esposa do general Lavallette na França salvou seu marido proximo a subir ao patibulo; a esposa do general Lavalleja, expondo-se a todos os perigos, soffrendo milhares de privações, e encarando sem susto a morte, com que os punhaes dos seus inimigos a tem ameaçado muitas vezes, faz todos os sacrificios, para, com seu marido libertarem a patria, ou sepultarem-se com ella nas suas ruinas».

Desembarcando naquella data, não podia haver suscitado já, com a sua presença e com as fantasticas insinuações de Rozas, um acontecimento que se realisou em junho. A verdade é esta. A força que nesse mez o commandante oriental denunciou em manobras illusorias pelo Candiota, surprehendeu-o a 10, na «Guardia-del-redondo» (Artigas), que o historiador confunde com San-Servando, povoação hoje desapparecida e sita, beira rio, alguns kilometros para baixo. O predito coronel foi cercado, e, depois de combate cujas descargas ainda se ouviam a 11, bem distante, na villa de Melo [1], — conforme communicação do major Muniz ao governo de Montevidéo, aonde, a 21, chegava a parte official do proprio aggredido, que poz um ligeiro desconto na descripção do primeiro.

Informa, segundo Pascual, que pela madrugada «havia sido batido, ferido e feito prisioneiro, juntamente com os officiaes e escassa tropa que lhe restava, por Manuel Lavalleja, que trazia comsigo uma partida de 111 homens, todos ***brazileiros***, á excepção de uns 50, que lhe pareceram uruguayos, contando-se entre aquelles varios officiaes e praças da guarda nacional, — *bem conhecidos*, — expressões do mesmo officio, que foi publicado por extenso, em o n.º 1445 do *Universal*». [2]

E accrescenta o auctor dos «Apuntes», algo mais, que reproduzo: «Ao tornar-se publica esta nova, inteiramente differente das que hemos visto antes, se incendiou em uma conflagração quasi geral o povo uruguayo, que queria devorar o Brazil. Os periodicos de Montevidéo lançavam insultos e ameaças contra o gabinete da regencia do visinho Imperio; davam pabulo diario ás velhas indisposições de um paiz contra o outro; recordavam as scenas da dominação portugueza e imperial, e vomitavam espuma contra o coronel da fronteira brazileira do sul.

Infructiferos teriam sido os esforços dos homens sensatos para acalmar aquella agitação; porque o mesmo governo participava dos sentimentos de desconfiança que dominavam no povo. Um dos signaes mais significativos desses receios, foi a nomeação que se fez, por esses dias, para ir commandar a fronteira do Jaguarão, do coronel Ignacio Oribe, irmão do ministro da guerra e fervido adversario do Brazil, como era publica voz e fama». [3] «O governo deu immediatamente as ordens mais peremptorias, mandando convocar todas as milicias da capital e suburbios, e expediu ordens ás dos

---

[1] Pascual, II, 218.
[2] Idem, idem, 219, 220.
[3] Idem, idem, 220.

departamentos e villas mais proximas para que se reunissem e estivessem promptas á primeira voz.

Circulava geralmente que devia marchar uma columna sobre Serrolargo». [1]

De facto marchou, indo á testa da mesma o presidente da Republica.

Do outro lado da raia, o alarma era geral. Como uma chispa electrica, fuzilou em todos os angulos da provincia o boato de uma empreza riverista, analoga á de 1828. A noticia era de abalar os corações, porque o exercito que vinha a marchas forçadas sobre a fronteira, estava em regulares condições de organisação, e os corpos de linha, do Imperio, destacados no Riogrande do sul, se achavam desfalcadissimos de pessoal: o 4.º de cavallaria dispunha de 30 soldados, o 2.º e o 3.º, de igual força mais ou menos, assim como a artilharia, e o 8.º de caçadores não estava «mui abundante de praças». Se, pois, o presidente do Uruguay se delibera a pôr em execução o plano de 1833, communicado a Possolo, obtinha um exito completo, a não existirem como existiam, disposições para uma immediata e efficaz leva de broqueis, entre os riograndenses, com a contínua excitação em que os mantinham as auctoridades do Serrito.

Por fortuna, além do que isto talvez contribuisse para conter as bellicosas disposições de Rivera, entrou em scena, numa hora opportuna, outro factor de apaziguamento. Quando o presidente se approximou da raia, do lado do Brazil se avisinhava tambem o commandante das armas. O marechal Barreto ia resolvido a agir por si e em conformidade com o que desejava a administração do Uruguay, por sobrarem provas de que os successos assumiam aquelle grau de perigo publicó, em virtude de cousa notoria: auctoridades subalternas da fronteira conspiravam por annullar as medidas prescriptas, havia muito, pelas de categoria superior. [2]

Já estavam ellas bem scientes de que Manuel Lavalleja fôra sobre a povoação oriental, com um contingente brazileiro, ao mando do capitão Juca Theodoro, do alferes Jeronymo Vieira e de João Teixeira. E não só disto, convém assentar num parenthesis. A connivencia se generalisara tanto, que o juiz de direito tinha entrado na lista dos que tudo faziam por Lavalleja. Em officio informara ao presidente da provincia, que aquelle fôra completamente derrotado no Quarahy; dias depois, como se necessitasse de outra versão, escreveu-lhe que era falso: que Manuel se havia destacado de suas forças, «com uma grossa partída, que vinha em marcha com o destino de bater o coronel Servando». [3] Assim, poude, a 11,

---

[1] Idem, idem, 217.

[2] E não só pelas auctoridades superiores da provincia, porquanto ainda a 21 o ministro de estado dos negocios estranjeiros, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, officiava a Antero de Brito, ministro da guerra, alvitrando a dispersão dos emigrados, para que se desvanecessem as suspeitas do governo oriental.

[3] Cit. officio de Barreto a Antero de Brito.

dizer, em participação official, que o referido Manuel Lavalleja, com 250 homens, puzera em destroço o commandante uruguayo; assim poude requisitar o necessario armamento para a guarda da linha, justificar o destacamento, já feito, de 450 milicianos...

Estavam bem scientes em Portoalegre, de que Manuel Lavalleja, em dias posteriores (ao ser procurado por Servando Gomez, então livre e disposto a batel-o, com uma força maior), cruzara o rio para salvar-se, recruzando-o ainda uma vez, para continuação da sua empreza; como tambem não ignoravam que o emigrado João de Santana, com outros, e alguns brazileiros de Poncheverde, tinham atacado a guarda do Hospital, cujo commandante, Rubio Marques, ficou ferido, e igualmente uma praça, depois do quê os aggressores haviam regressado, com um de nossos compatricios ferido e outro contuso, afim de se reunirem ao chefe do grupo, Joaquim Virtud.

Impossivel encobrir ou negar taes abusos. Contra os responsaveis pelos ultimos, houve ordem de instaurar processo, mas, ficou annullado este proposito, pela connivencia de que acima se tratou: como os juizes fronteiriços estavam interessados na contenda (todos mui amigos de Lavalleja), resultava dessa mostra de boa vontade, ao governo visinho, uma perfeita burla, a que o marechal Barreto contava pôr um termo, entretanto, com a sua presença, no theatro dos acontecimentos. [1]

Expuz o que providenciou quanto á fronteira do Alegrete. Em Quarahy, já a 12 de junho, o presidente Rivera expedia officio a Montevidéo, em o qual «participava o decidido empenho do governo do Brazil em terminar com os perturbadores da tranquillidade do Estado oriental, segundo afiançava o marechal de campo Barreto em seu officio de 6, em que incluía a relação dos officiaes e praças emigrados do Estado oriental, que foram desarmados em territorio do Brazil, e que ia mandar á capital da provincia do Riogrande, pormenores estes que se registraram no *Universal*.

....

O marechal Barreto se dirigia tambem áquellas paragens, e

---

[1] É certo que existe um officio do juiz de direito, ao capitão Antonio de Sousa Netto, commandante da companhia de milicias de Bagé, determinando-lhe que opere de concerto com o capitão Antonio de Oliveira Nico, de Piratiny, e que mantenham neutralidade. Seguramente representa esta uma de muitas peças precaucionaes, de que usavam para cobrir-se de responsabilidades, os combinados da fronteira. Já citei uma de Bento Manuel, mui dado ao expediente acautelador a que me refiro.

As cousas se faziam qual convinha ao occulto alvo de todos, e sempre com as precisas apparencias legaes. Agia Vieira da Cunha á incitação da camara municipal, que por officio de 2 de abril o tinha tornado responsavel por qualquer falta «que haja na defeza do municipio»; e este, a 3, deu o commando da guarda nacional a Bento Gonçalves, por haver desassocego publico, em vista de acampar em attitude hostil, Servando Gomez, á frente de 600 homens, em ponto fronteiro á villa, etc. Aceito o encargo, o coronel, como havia falta de armamento, insinuou ao juiz que o requisitasse...

escrevia ao ministro das relações exteriores da Republica, em carta particular, entre outros o paragrapho seguinte: *Os dous Bentos se hão portado pessimamente: ao do norte pretendo fazel-o entrar em ordem; mas o do sul é indomavel».* [1]

A 10 de julho o presidente Rivera tranquillo reiterava as seguranças do anterior officio, remettendo a resposta de Barreto, ao seu, de 28 de junho, expedido do Arapehy, com reclamação relativa ao successo da zona de San-Servando. A resposta tinha a data de 4 de julho e fôra expedida da estancia do commandante das armas, em Taquarembó: Barreto punha em duvida que brazileiros tivessem tomado parte no assalto, promettia castigo, se isto se verificasse, como afiançava «se haverem tomado todas as medidas, afim de que o territorio brazileiro não seja profanado por homens que abusaram da generosa hospitalidade que se lhes deu». [2] Tal era, entretanto, a fermentação que existia, de facto ou artificialmente provocada no Serrito, que Servando Gomez a 7 participava a Ignacio Oribe, commandante da columna em operações sobre essa parte da raia (e este a 8 o dizia a Rivera), que 400 homens, ao mando de Bento Gonçalves, se achavam reunidos «com o intento de invadir o territorio oriental». [3] Nesse meio tempo, o presidente, de Durazno, para onde retrocedera, moveu-se activo sobre a linha do Jaguarão, aonde acampou a 28. A noticia que lhe mandaram, exagerava de certo o aspecto das cousas; estas, porém, algo apresentavam de anormal, ou algo se projectava ainda, ou era muito possivel, consoante a opinião do commandante das armas, a respeito de seus delegados, na dita fronteira e na do Alegrete.

«Pretendia fazer entrar na ordem o do norte». Mas... a 22 já confessava a impotencia de sua auctoridade, transmittindo ao presidente da provincia varios officios que «mostram claramente a má fé com que se trabalha para eludir as ordens»; [4] annexos áquellas peças, pelo marechal, os documentos referentes aos emigrados retidos em Alegrete, quando Lavalleja seguiu para o Serrito.

Eis o que ali occorrera. A 6 de junho, Barreto, que estava em Santa Anna, sciente de que uma escolta ao mando do capitão Francisco de Paula de Macedo Rangel conservava em custodia os 48 dissidentes da Republica oriental, que tinham sido desarmados; ordenava a Bento Manuel que os fizesse seguir, sob escolta, para S. Gabriel, guardando as armas em boa arrecadação, assim como que não perdesse de vista os charruas e qualquer insurgente que apparecesse, com o qual faria o já observado com os primeiros. O commandante da fronteira do Alegrete respondeu a seu chefe a 20. Instruia-o de que tinha recebido officio do juiz de paz do 1.º districto, em data de 13, ponderando que os orientaes manifestavam desgosto, em consequencia da determinação da auctoridade militar,

---

[1] Pascual, II, 222.
[2] Idem, idem, 223.
[3] Idem, idem, 224.
[4] Officio datado de Taquarembó, a 22 de julho de 1834.

de os fazerem marchar, sem recursos; e Bento Manuel, por sua parte, declara que, por isso, deliberou fosse o chefe dos mesmos entender-se directamente com o marechal. Sem enganar-se com o artificio, reconvem este, a 28, de Jaguary, que a falta a que se apegam os emigrados representa um pretexto, pois occupavam em Quarahy um campo aberto e nada tinham allegado. Agora, diz, depois de muito abusarem da hospitalidade recebida, a honra nacional exige a internação. É preciso cumprir as ordens do governo, responsaveis perante a nação os que as despresem. «Eu respeito muito as auctoridades civis, porque respeito as leis, accrescenta: não percebo, comtudo, a que vem neste caso a intervenção do juiz de paz».

Vinha a este ou a semelhante proposito, evidentemente: a 23, os lavallejistas passam o Quarahy, em som de guerra; caíu-lhes em cima uma força do governo oriental, sendo os invasores completamente batidos, pelo que «tornaram a procurar asylo em nosso territorio, á sombra de alguns brazileiros que com o maior escandalo, e infracção de ordens do governo, lhes prestam toda protecção». [1] É o que Barreto, mui indignado, conta ao dr. José Mariani, em documento em que lhe explica antecedentes compromettedores, qual se pode vêr do topico a seguir: «Aquelles emigrados foram desarmados, e o pouco armamento, que tinham, ordenei ficasse em deposito; fugando elles para entrar em novas operações, deviam ir armados; alguem os armou». Sei que no Alegrete fabricaram 100 lanças para Lavalleja. Denunciado, preso o agente, foi solto, recebeu as lanças e levou-as! «Estes e outros procedimentos praticados a favor de Lavalleja, contra o Estado Oriental, infallivelmente devem azedar aquelle governo e obrigal-o a algum rompimento: e isto tanto se deseja, que não ha meios que não empreguem para o conseguir, afim de não ficarem por fabulosos, e descoberto o manejo da intriga, no qual já vão envolvendo algumas camaras. E por todos estes motivos, que novamente requeiro a v. ex.ª, que haja de mandar proceder ao mais rigoroso exame, pois estou persuadido que a honra e o bem da nação assim o exigem». [2]

Mas, reservada lhe estava a mais interessante surpreza. A 13 de julho, informava Bento Manuel que em virtude das prevenções feitas por Barreto em carta de 24 do mez anterior, como «alguma tentativa pudessem fazer os orientaes, em rasão de terem nova-

---

[1] Não era a completa verdade, aliaz. O que houve consta de officio de 7 de agosto, do proprio Barreto, ao presidente: os emigrados bateram a guarda oriental de Jaguary; de lá foram para a fronteira do Riogrande, capitaneados por Verdum, isto por dentro do territorio do Brazil, atravessando o Jaguarão, na parte superior, passo do Menezes. Transmittindo documentos ao ministro da guerra, repete o presidente, em officio de 23 de agosto, o que dizia Barreto: desarmados no Alegrete, appareceram armados; alguem os armou, observa a primeira auctoridade da provincia. Estes e outros casos motivam o odio dos orientaes contra nós, conclue.

[2] Officio de 26 de junho ao presidente da provincia do Riogrande.

mente passado forças em Jaguarão»: havia ido «ao Ibicuhy tratar com o coronel Silva, commandante de Missões, para que tivesse força prevenida, afim de coadjuvar-me», diz, e prosegue: «Quando voltei...... recebi participações que levo por copia á sua presença». Estas eram do major Ricardo Macedo, que declarava não existir ninguem no acampamento dos emigrados, a 12, e garantindo um visinho que desde 11!

Era de prever, e o commandante das armas manifesta ao presidente, a 22, que já esperava este acontecimento, «á vista do interesse que se tomava para os conservar naquelle ponto»: «o officio do juiz de paz e do coronel ainda mais me convenceram». «Estes procedimentos mostram claramente a má fé com que se trabalha para eludir as ordens», repete mais uma vez. Compare-se um officio e outro (argumenta elle), descubra quem puder como é que homens que não tinham «recursos» conseguiriam «fugar, sem um decidido auxilio, e achando-se a mais de doze leguas entranhados em nosso paiz». E finalisa: «O manejo está claro e se v. ex.ª não põe termo...... desde já protesto a v. ex.ª que a provincia vai soffrer grandes males. A camara do Alegrete, a supponho fascinada e illudida, o que bem se deixa vêr pela parte que deu a v. ex.ª, em 19 de junho p. p.; ella fala em traições: é necessario que appareçam. Eu requeiro a v. ex.ª, a bem da nação, e, em particular, de nossa patria, haja v. ex.ª de mandar um magistrado imparcial e recto tomar conhecimento de quem são os traidores, assim como de tudo que tem occorrido relativo a Lavalleja, quem o sustentou, e á sua força, durante o tempo em que esteve, tanto além, como aquem do Quarahy, afim de que tudo se esclareça, não ficando em esquecimento a escandalosa fuga dos emigrados. Só desta maneira acho que se poderá pôr termo á intriga, ao engano com que se pretende alarmar os povos».

Depois, exhausta a sua paciencia, a 7 de agosto expediu o seguinte officio, com o mesmo destino do anterior: «Tendo o coronel Bento Manuel Ribeiro deixado de executar as ordens do governo que lhe tenho transmittido, assim como outras, que julguei conveniente dar-lhe, a respeito dos emigrados, aos quaes com o maior escandalo protegeu, a ponto de os deixar fugar: julgo do meu dever mandal-o suspender do commando da fronteira, para ser processado na fórma da lei, porque o julgo incurso nos artigos 69 e 73 do codigo criminal, além do que lhe impõe o regimento militar. Eu ainda toleraria por mais tempo o proceder do dito coronel, se não temesse incorrer no que dispõe o § 4.º, artigo 129, do referido codigo».

Impressionado com as claras increpações do commandante das armas ás auctoridades da fronteira, o presidente, a 7 de agosto, envia copia do severo officio, a Agostinho de Sousa Loureiro, juiz de direito da comarca de Missões, para, «na qualidade de chefe de policia», determinar aos juizes de paz, que prendam qualquer emigrado que appareça e mandem apresentar ao marechal Barreto, e que elle processe os brazileiros que se insurjam contra o que prescreve, assim como faça proceder a rigoroso inquerito sobre o negocio das lanças, a que se refere o officio enviado, em copia.

O governo provincial já puzera em correio iguaes instrucções para Jaguarão.[1] O juiz-de-direito, em officio de 31 de julho, deu conta do modo como cumpriu as recommendações officiaes, pondo em appenso documentos que tudo explicam. Aberto o inquerito, para saber-se quaes brazileiros haviam acompanhado a Manuel Lavalleja e seus compatriotas, que estavam no Arroiogrande, os dous juizes de paz, em officio do mesmo mez de julho, a 10, communicam o resultado: nenhum! Por outra parte, e diante de nova determinação do presidente, acompanhada de copia do ultimo officio do commandante das armas, que mencionei, o dr. Joaquim Vieira da Cunha defende-se vehementemente, repellindo as referencias deste, que o desabonam como auctoridade, e entra a seu turno em energicas retaliações. Censura-o porque não impediu a reunião dos emigrados sob a chefia de Verdun, para se irem reunir aos que se achavam com João Lavalleja no Quarahy, e, não vedou que lá, depois de desarmados, «não só conseguissem novamente armar-se e promptificar-se de cavallos, etc., etc., mais ainda, bater e derrotar uma força de 80 homens, que Fructuoso Rivera deixou na margem opposta do Quarahy, tudo isto debaixo dos olhos do ex.^{mo} commandante das armas». E tira audazmente a consequencia do facto: «Á vista deste acontecimento, não me será permittido, servindo-me dos mesmos principios de s. ex.ª, dizer que elle é protector dos partidistas de Lavalleja, por isso que não obstou a reunião de Verdun, aquelle mesmo que s. ex.ª diz reuniu nesta fronteira, os emigrados?» Logo adiante, como adivinhasse a contradicta de Barreto, que desmontaria facilmente o especioso arrasoado, o juiz de direito se precata do golpe: «Dirá talvez s. ex.ª, que se achava a grande distancia; mas, eu lhe perguntarei, porque motivo não desarmou a Verdun, e aos que o seguiam, atravessando, este, proximo á sua estancia, até o passo da viuva Mathilde, no rio Negro, sem que em toda esta extensão de terreno, lhe fosse posto o minimo obstaculo?»[2]

Não brilhava a justificação de Vieira da Cunha, pela muita logica. Longe estava ella, porém, de preoccupar os liberaes, e pouco lhes importava que a tivesse o referido documento. O desejo de todos era apenas colorir com o verniz da legalidade, o que de contínuo praticavam. E ligeiro verniz... porquanto conheciam a fraqueza governativa reinante e mais se cobriam *pro formula*, do que por justificado receio de consequencias funestas. Subia a taes proporções a força moral de que dispunham, que, na hypothese, o magistrado se não contenta com o situar o debate no terreno em que mostro, e entra no dos violentos remoques. Diz ainda: «Posso, ex.^{mo} snr., ser arguido de algumas faltas no desempenho de meus deveres, porque emfim sou homem, porém nunca poderão meus inimigos com verdade arguir-me de traidor á minha patria, ou absolutista, e restaurador, etc., epithetos estes com que têm sido mimoseados

---

[1] Officios de 11 e 12 de abril de 1834.
[2] «Noticiador», de 28 de agosto de 1834.

esses que hoje se querem inculcar como benemeritos da patria, sem que tenham procurado justificar-se para com a opinião publica».

Como se vê, o dr. Vieira da Cunha chama a si as insinuações dos vereadores do Alegrete, de que se queixava Barreto, em officio já mencionado, e não só as reedita, como designa, de modo sufficientemente claro, o alvo da suspeita da camara dessa localidade; no que o referido dr. teve ajuda na de Jaguarão. A 16 de agosto saíu ella a campo em favor de seu confrade togado, apoiando tambem o movimento da corporação congenere, a que me referi.[1] No que toca ao pronunciamento desta, igualmente «pede providencias contra as insidias do general Fructuoso Rivera, poisque de todos os angulos desta provincia e mesmo da capital da Republica do Uruguay se annuncia, que ha grandes reuniões feitas ali com o fim de invadir o territorio brazileiro, sublevar a escravatura, e engrossar o partido restaurador». Levantado de novo o duende de 1832 e 1833, a camara, partidaria como o juiz de direito, coadjuva o seu fogo, contra o marechal: «É para sentir que o ex.^{mo} snr. commandante das armas, que ha mais de quatro mezes desfructa nas margens do Jaguary, em santo ocio, o pingue soldo na nação, se não tenha dado ao trabalho de visitar esta fronteira, afim de poder informar com conhecimento de causa. a v. ex.^{a}. dos desagradaveis acontecimentos que nella tiveram lugar». A camara ainda menciona as accusações da mesma auctoridade militar contra as do Serrito, dizendo que deixa de as rebater, porque «é mui provavel que v. ex.^{a} venha a esta fronteira», diz ao presidente e «se reserva para essa feliz epoca, que será de eterna vergonha para o ex.^{mo} snr. commandante das armas».

O presidente, de facto, partiu da capital para o sul e a 6 de setembro deixava Pelotas, com destino a Jaguarão. Os successos dahi retomavam o grave aspecto do anno anterior e o proprio Barreto havia pedido áquelle. que fosse conter a quem tinha por «indomavel».[2]

Repetia-se na citada villa, a scena do Alegrete.

Deve lembrar-se que Servando Gomez, a 4 de abril, dirigira uma reclamação a Bento Gonçalves. É de crer que encaminhasse alguma, antes, ao magistrado judicial, porque este, a 3, procura dissuadil-o das suspeitas em que laborava: «Fique plenamente convencido de que o governo imperial não protege a causa do general Lavalleja» e menos aos emigrados, que serão punidos, se tentarem quebrar a harmonia reinante entre os dous paizes. A despeito de taes seguranças, é de lembrar ainda que se verificou, logo depois, o ataque ao mesmo Servando Gomez, retrocedendo os assaltantes do povoado visinho, para o Brazil, conforme veridico informe de Barreto. Tão notorio se considerou o facto, que o juiz de direito se decidiu a *providenciar* quanto a Manuel Lavalleja, em officio que a 3 de junho dirigiu a João da Silva Tavares. Consta, diz-lhe,

[1] Idem, idem. Vide officio «ao presidente em conselho».

[2] «Noticiador», de 28 de agosto de 1834.

que, perseguido por Servando, passou com a força que tinha no departamento de Serrolargo: desarme. O papel foi datado do proprio theatro dos acontecimentos, isto é, daquelle para onde enveredara o revolucionario, acossado pela tropa governista, da Republica visinha.

Munido da ordem, parte Juca Theodoro, a mandado de Silva Tavares, e, adivinha-se, não encontrou ninguem: apenas deu com seis indios e algumas chinas, onde estavam os emigrados, que desappareceram com o general Lavalleja.[1] Vieira da Cunha, cheio de zelos, avisa, a 10, a Silva Tavares, que os orientaes se acham no Jaguarão-chico: que os faça prender, ordena, por ser isto uma cousa que «muito interessa á tranquillidade geral da provincia, e em particular á da comarca». O destinatario do anterior officio respondeu a 14, da costa daquelle arroio, affirmando ser de todo falsa a noticia de estar Lavalleja por ali: procurei quanto possivel (aggrega) e se apparecer, ha-de ser perseguido pelo capitão Juca Theodoro: deve estar occulto no Estado oriental (conclue), para alguma surpreza aos contrarios.

Bento Gonçalves, que estava acampado no Candiota, mandou, a 10, parecidos informes: accusando a recepção de officio de 7, com ordem para desarmamento de Lavalleja, garante não ter sido achado, este, como quasi toda a sua gente, no sitio que occupava; noticía mais que ordenou o descubram, desarmem e dêem parte: que preestabeleceu já todas as providencias necessarias «por esta parte», escreve, por fim. Estavam, pois, completas as formalidades legaes... Fosse agora á raia o commandante das armas, ou até mesmo o presidente, que nada poderia allegar, nem um nem outro: ninguem poderia ser responsabilisado e punido, de leve que fosse. Foi o ultimo: chegou a 10 de setembro e a 11 communicava ao ministro da guerra, estar tudo mui «tranquillo»: «as ordens do governo ácerca dos emigrados», «religiosamente cumpridas, segundo afiançam as respectivas auctoridades».

Não podiam dizer outra cousa os amigos riograndenses de Lavalleja e se alguem puzesse em duvida o que asseveravam, — «peças officiaes» comprobativas ahi se acham promptas, para o effeito do convencimento...[2]

---

[1] Officio de Vieira da Cunha, a Bento Gonçalves, de 7 de julho.

[2] Para que se veja até onde eram capazes de ir os conspiradores, na sua faina demolidora, e para que se comprehenda o cuidado de que necessita o historiador, afim de se não deixar illudir com o que propalam homens de partido; devo citar aqui uma especie em que a intriga assume as proporções do maximo escandalo.

O «Noticiador», conhecido orgam liberal, referindo constar-lhe que os «amabilissimos compadres (Barreto e Rivera) estavam reunidos no passo do Valente, fazendo correr carreiras», não tem duvida nenhuma em estampar o seguinte: «Os cabanos-galegos-restauradores andam affectando sustos de ser invadida por Fructuoso Rivera a nossa provincia, quando as *partes contractantes* estão na maior harmonia !» E como se não

A verdade, entretanto, é que esse chefe, com os seus, levantou campo, do Jaguarãochico, apenas a 29 de agosto.[1] Uma partida, sob o mando de Juan Santana, cruzou o rio Negro,[2] levantou cavalhadas no rincão de Pirahy, a 31 e, varando este arroio no passo dos Carros, uniu-se a Lavalleja na Carpintaria, depois de què ultrapassaram, todos, o dito rio Negro, internando-se no Estado contiguo.

O escandaloso successo não escapa, entretanto, ao marechal Barreto, que observa ao presidente o que no caso convem.[3] Note, diz-lhe, a «infidelidade das participações feitas a v. ex.ª, de não estarem os emigrados orientaes em territorio da provincia».[4] O commandante das armas accrescenta, que sabendo Rivera da marcha de Lavalleja, destacou Ignacio Oribe, com uma divisão, traz elle. Diz mais: — No mesmo dia, 5 de setembro, desceu o primeiro, (o presidente do Uruguay) a costa do rio Negro, e o atravessou no proprio passo do transito do segundo.. Este, a 3, achava-se em Corrales, ao tempo em que o general Laguna partia de Taquarembó,[5] para Cunhaperú; Ignacio Oribe, a 7, alcançava o arroio Blanco, Rivera a 8 seguia pelas pontas do Hospital, todos no encalço do caudilho insurrecto, que a 10 retrocedia de Corrales, varava o Taquarembó no passo do Serro, deixando-se ficar, segundo vozes correntes, pela altura da capella de Tia Ana.[6]

O marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, desaffeiçoado de Bento Gonçalves e dizem agora que tambem de Bento Manuel, passava para alguns, como homem de genio intrigante, quanto maldizente

---

fossem os seus correligionarios os maximos e expertos exploradores de taes boatos, exclama: «Fóra velhacos! Bem vos entendemos». Vide «Recopilador», de 11 de outubro de 1834.

[1] Officio de Bento Gonçalves ao presidente, de 2 de setembro de 1834. Rodrigo Pontes diz na sua «Memoria» que foi a 30.

[2] Na parte em que banha terras do Brazil.

[3] Officio de 11 de setembro de 1834.

[4] Fornecera prova o proprio citado officio de Bento Gonçalves. *Quandoque bonus...* O coronel diz que Lavalleja iniciou a marcha com menos de 300 homens, inclusive charruas, constando que vai bater o general Laguna e apossar-se do departamento de Paysandú. Que Rivera se acha em Fraylemuerto, com cerca de 700 praças mal armadas, unicas que poude reunir, «apesar de suas promessas de saques», accrescenta o amigo do general sublevado, que diz, mais, só dispor o presidente, da referida força, na outra banda do rio Negro. Não era bem isto, como se verá.

[5] Arroio do Estado oriental, de que ha um homonymo, no Riogrande do sul, que banha «estancia» então pertencente a Barreto.

[6] Officio de Barreto ao presidente, a 11 de setembro. Diz-lhe que em virtude das ultimas noticias constantes da sua communicação, permanecerá em Bagé, de onde escreve.

e rancoroso. Aborrecido, despresado, sobremaneira elle o era, pelos elementos exaltados do partido liberal, como igualmente por muitos dos moderados, que o consideravam, quaes os primeiros, o mais forte baluarte dos restauradores na provincia, — ainda que acautelado e occulto na protecção a elles. [1]

É indubitavel que as tradições nalguma cousa o desfavorecem. A impressão que deixam, nol-o representa como pessoa inescrupulosa, no julgamento de seus companheiros da vida das armas, em que aliaz tinha grangeado reputação, nas guerras coloniaes, como depois. Representa-o, igualmente, como um de muitos magnatas já estudados neste capitulo, capazes de tudo pelo mantenimento da quasi soberania que tinham abusivamente firmado, e um de muitos militares que depois assentaram praça no partido pessoal de dom Pedro: se este fizesse, com exito, um desembarque nas costas do Brazil, seguramente o marechal traía a todos os seus deveres, para seguir o seu amo e senhor. Não descubro, porém, que com fundamento se lhe possa attribuir felonia alguma, em 1834, como inculcavam duas camaras municipaes, nem mesmo que alimentasse o intento de perseguir os «coroneis Bento Gonçalves e Bento Manuel», a pretexto de imaginaria intervenção no Estado oriental, como estampa Alfredo Rodrigues. Verdade é que o commandante das armas era um secreto inimigo de Bento Gonçalves, mas, de Bento Manuel não ha provas de que o fosse: o que está mais que averiguado é que se aproveitou como poude, das circumstancias, para desmerecer o primeiro, quanto está averiguado igualmente haver punido os dous coroneis, com todo o fundamento, pelo que o emerito pesquizador chama «supposta protecção dada a Lavalleja nas suas pretenções de dictadura no Estado oriental». [2] Ora, o favor está comprovadissimo; Barreto com rasão o qualificou de «escandaloso»: não pode ignorar estas circumstancias quem pretenda traçar a genesis da rebellião, idéas que a fizeram germinar, como, sobretudo, as que de facto guiavam o homem que a resumiu, idéas essas que o referido auctor presume ter desvendado... Possivel é possuir a theoria exacta do magno acontecimento, sem a previa sciencia de semelhantes antecedentes? A phase em que o amparo a Lavalleja se patenteia, no anno em questão, como antes, é de indispensavel conhecimento, para a boa comprehensão do drama revolucionario, e, sem elle, afoutamente declaro insoluvel o problema.

Por isso me demorei em expôr o resultado de minhas pesquizas, com a minuciosidade que comportam os archivos, alheios e

---

[1] O proprio Braga, quando indicado para presidir a provincia, se negava, a pés juntos, a aceitar o posto, desde que fosse mantido no seu, o marechal commandante das armas. Vide «Noticiador», de 15 de janeiro de 1835, cit. alhures.

[2] «Bento Gonçalves. Seu ideal politico», 8.

Aggrava-se aqui o erro com a injuria feita á memoria do caudilho, que protestava, ao contrario, de armas na mão, contra os abusos da omnipotencia.

proprios. Persuadem-me elles que o marechal Barreto inclinado foi á mentira, como provam algumas peças anteriores: não creio todavia haja sido infiel nas que se referem ao largo episodio das intervenções no Estado visinho, que originaram a complicação internacional de julho, agosto e setembro. Não pretendo com isso dizer que se não aproveitasse dos acontecimentos, o apaixonado politico, para afundar os seus contrarios: tal fez elle sempre que poude, com o inveterado odio, de todo conservador, aos elementos de progresso.[1] Prevaleceu-se da circumstancia, para denegrir e diffamar aos que politicamente lhe eram desaffeiçoados; o que affirmo, todavia e por segunda vez, é que não inventou o que relata ao ministro da guerra e minuciosamente reproduzi: quero dizer, as persistentes interferencias de auctoridades da fronteira em negocios intimos de terra alheia, gerando, lá, uma temeraria quanto explicabilissima attitude, e conseguintemente a hypertensão internacional a que elle procurou remediar, pela fórma adiante exposta, — justificadas, mais ou menos, as providencias disciplinares que impoz.

Não foi só com o fim de dissolver os bandos emigrados que desejou a presença do presidente em Jaguarão. Almejava que conhecesse *de visu* as circumstancias prementes que occorriam e a urgencia das medidas reparadoras que ellas reclamavam, e de que, por letras, o ia orientando, emquanto não se achava aquella auctoridade em termos de julgar por si.

De Taquarembó, a 8 de julho, escreve-lhe, remettendo officios de Rivera, e diz que vê os seus temores confirmados, motivo por que pede a visita do presidente a Jaguarão, para evitar um rompimento: é um sacrificio indispensavel, em bem da provincia. Rivera dispõe de 2.000 homens; eu estou prompto para a defeza da fronteira (affirma Barreto) e vou reunir toda a gente possivel. Termina o marechal, insistindo em que o do Riogrande responda logo ao presidente do Uruguay, emquanto o procura elle entreter com algumas declarações: far-lhe-ia «solemnes promessas», usando das armas, só no ultimo extremo.

Qual a causa de tamanho rebate? Além das noticias correntes relativas á imminencia de uma guerra ou incursão, havia muito prophetisada na tripode pelas calculistas pythonisas de Serrito e Alegrete; surgiam agora inequivocos signaes do temporal previsto, registrados elles em duas communicações de caracter authentico. Na primeira, o presidente oriental, a 3 de agosto, de Fraylemuerto, diz enviar-lhe copia de officio ao governo de Portoalegre e que Barreto não extranhe appareça sobre a linha, com exercito «capaz e

---

[1] Por exemplo, encontra-se no «Recopilador», de 27 de setembro de 1834, uma prova da falsa-fé com que por vezes agia Barreto, pois officiara ao presidente, dizendo que Bento Gonçalves nada lhe referira do ataque de Manuel Lavalleja a Servando Gomez, e a folha estampa uma «parte» que o commandante do Serrito tinha enviado a seu chefe em agosto. Adiante se verá que Barreto fez cousa peor.

resolvido a proceder em consequencia com aquelles sentimentos». isto é, com o que se contêm no papel da copia supra. Nesta a tal outra communicação), declara que não vai á fronteira «combater inimigos que não tem, interior ou exteriormente, se não para a purgar de alguns bandidos que, abrigados sob um pavilhão amigo. contra tudo o que se pudesse esperar de sua dignidade e sua justiça, ha dous annos tem a Republica em contínua alarma», sempre obtendo asylo que a mesma «Republica tanto respeita quanto elles profanam e o Brazil prostitue». De ahi hão tirado recursos» para atacar Melo em 1832, San Servando em 1834, depois Juquery. O presidente Rivera relata todos os successos e conclue que se o Imperio é impotente para reprimir taes desmandos, não lhe é licito extranhar que o tentem os seus visinhos, que aliaz esperam ainda. Bem que a parte final da nota abra uma porta á accommodação, o certo é que o tom geral da mesma, além de insolente, é ameaçador.

O presidente da provincia diz-lhe a 19: «Releve v. ex.ª» que antes de responder, «explique...... as verdadeiras causas por que os emigrados orientaes tem praticado hostilidades contra esse Estado», e o faz de um modo inequivocamente sincero, o qual nada obstante não podia convencer a Rivera, sobretudo ao lêr esta passagem do officio: «As participações officiaes recebidas da fronteira de Jaguarão são um desmentido solemne do que (talvez mal informadas) avançaram algumas gazetas de Montevidéo, ácerca da protecção dada a Lavalleja pelas auctoridades daquella fronteira». Logo depois, comtudo, uma outra passagem punha no seu lugar todas as cousas, tornando inadmissiveis as inculpações ao governo do Imperio: o presidente confessa quanto ao que houve no Alegrete, mas, diz que o processo de Bento Manuel prova a ingenuidade do Brazil. Termina as declarações com o aviso de que já seguiu Barreto e de que irá ao Serrito a primeira auctoridade da provincia, «para que sejam definitivamente expulsos os emigrados: que não os entregará, porém, visto ser tal fraqueza indigna da nação». No que se refere á evidente ameaça feita, de obter-se justiça á viva força, declara que prova com o que antes manifesta o «desejo ardente de estreitar os laços de amisade com a Republica oriental e afastar de si as desastrosas consequencias de um rompimento a que sem duvida será forçoso recorrer, se acaso o governo do Uruguay, surdo a estes protestos de boa intelligencia e harmonia, e exigente de condições pouco decorosas para o Imperio, tentar violar o territorio, exercendo represalias, a titulo de se desforçar de insultos e incursões feitas pelos emigrados». Isto disse e na forma do compromisso, partiu a 23 para o sul.

A 3 de setembro Barreto expede-lhe de Bagé um officio. Communica ter-se adiantado a rumo de Jaguarão, retrocedendo, por que recebeu ũa nota de Rivera, que chegara com uma força de 300 homens ao passo do Valente, a tres leguas da capella, dahi convidando-o para uma conferencia, a que ia comparecer o commandante das armas, no dia seguinte. E em officio de 11, narra o que aconteceu: tudo estava acabado e da melhor maneira: ouviu até solemnes protestos de bom entendimento, que o brazileiro attribue

mais á convicção, por parte de Rivera, de sua «propria debilidade que por sincera amisade ao Brazil».

Barreto pronunciava-se desta fórma por estar ao facto de um episodio revelador.[1] Pascual assim se refere a elle:[2] «Um bom dia, em principios de setembro, espalhou-se por toda a cidade (de Montevidéo) um peregrino rumor inesperado, tão extraordinario e singular que, correndo de bocca em bocca, deixava nos labios de todos um sorriso incredulo, ou um aperto de labios significativo. Augmentava o assombro ao saber-se que se dava como cousa positiva e já determinada a surprehendente nova.

Tratava-se nada menos que de um convenio secretissimo, que Fructo Rivera estava a celebrar com João Antonio Lavalleja, pelo teor do qual se outorgava ao segundo o direito de regressar ao Estado oriental com um completo olvido de todos os successos anteriores. Juntava-se ao mesmo tempo que não era escassa a importancia em dinheiro que receberia Lavalleja, em compensação das propriedades que perdera desde 1832, como já fizemos vêr; nada obstante, o mysterio mais profundo cobria com denso véu os pormenores deste ajuste entre os dous caudilhos.

....

Uns diziam que Rivera queria mostrar, por meio deste convenio tão inopinado como fóra do commum, clemencia e humanidade, patriotismo, e vastas miras nos postrimeiros momentos de sua administração: outros pretendiam que não era mais que um acto de fingimento para colher em suas redes o general Lavalleja: outros ainda figuravam um fim politico, mais vasto do que parecia ao primeiro relance, nesta generosidade e abraço entre os orientaes: os pensadores alargavam a vista para a banda de Buenos-aires e deixavam entrever uma suprema satisfação.

Por fim, os periodicos de Montevidéo tomaram a seu cargo illustrar o povo sobre este singular incidente, e disseram que se não havia verificado o tão mysterioso convenio entre os dous rivaes; porque Lavalleja fizera exigencias tão exorbitantes e alheias á toda e qualquer possibilidade, que Rivera, desesperançado de dar-lhe um abraço, continuava em sua perseguição».[3]

Para gloria do illustre chefe dos 33, esta pagina honrosa, se a perderam os seus compatricios, existe em mais de um archivo do estranjeiro. Pareceram talvez «exorbitantes» as suas «exigencias» porque o nobre caudilho recusou vender-se e preferiu dar uma prova immorredoura de que não era elle um insensato, affecto a correrias, como assoalhavam, tanto os compatricios adeptos de Rivera, quanto os imperialistas, parciaes do mesmo, e sim um patriota immaculo, pugnando pela regeneração da Republica, de todo conspurcada e ao serviço da qual consumira uma grande fortuna,

[1] Seu officio de 11 de setembro de 1834, ao presidente.

[2] Vol. II, 229, 230.

[3] Barreto, sem conhecimento de causa, assim como Pascual, attribue o naufragio á má fé mutua.

a paz, segurança, futuro da familia, já em 1834 reduzida á extrema pobreza. [1]

Em fins de agosto, Rivera, depois das ultimas escaramuças desse mez, [2] mandou pessoa de sua confiança a Lavalleja, com proposições para um encontro entre emissarios que nomeassem ambos, afim de tratarem do restabelecimento da paz na Republica. [3] Aceitou, firmando-se para o effeito um armisticio de quatro dias e fixando-se a casa de Carlos Silveira, em Asseguá, para encontro das partes contractantes. [4] Compareceram ahi a 25, pelo general insurrecto, o coronel Manuel Lavalleja e Lucas Moreno, secretario daquelle, que immediatamente officiaram aos representantes do presidente, coroneis Ignacio Oribe e Servando Gomez, communicando-lhes a sua chegada e que estavam á espera de ambos. [5] Presentes os ultimos, ao sitio da conferencia, a 26 apresentaram elles aos collegas, [6] a seguinte proposta: «Art. 1.° — Conceder-se-á o indulto que tem deferido s. ex.ª o snr. presidente da Republica, ao snr. dom João Antonio Lavalleja, officiaes, e soldados uruguayos, sempre que não haja motivo de desconfiança nos indultados. Art. 2.° — Conceder-se-á ao snr. dom João Antonio Lavalleja, e aos officiaes cujos interesses tenham sido sequestrados, a somma de 50.000 *pesos*, e mais uma area de terras de propriedade publica, de 30 a 40 leguas, quadradas, para suas respectivas indemnisações, dependente isto da prévia approvação do governo, approvação pela qual se interessará s. ex.ª o snr. presidente da Republica. Art. 3.° — Tanto o snr. dom João Antonio Lavalleja, como os officiaes que o acompanham, e tenham bens de raiz no Estado, ou de outra qualquer natureza, serão postos no pleno goso dos mesmos. Art. 4.° — O exercicio dos direitos de cidadania ser-lhes-á restituido depois que os agraciados se restabeleçam no seio da sua patria, dependente isto da previa approvação do governo, obrigando-se o presidente da Republica a ter por ella o devido interesse. Art. 5.° — Ao aceitar as proposições que lhes faz s. ex.ª o snr. presidente da Republica, por meio de seus commissionados, os snrs. dom João

---

[1] Officio do presidente do Riogrande do Sul, de 17 de setembro, a Antero de Brito.

[2] Eil-as, segundo o «Noticiador», de 28: «Santana, nos Serrosblancos, destroçara inteiramente uma grande partida de dom Fructo, ficando o commandante ferido gravemente», assim como perdera «11 mortos, entre estes 1 official», «uma avançada de 15» governistas, que fôra sobre o campo de Lavalleja.

[3] O emissario era um official. Respondeu Lavalleja que sim, comtanto que não lhe fossem mandados «unitarios ou escravos de Pedro 1.°» «Noticiador», de 11 de setembro.

[4] Officio de Ignacio Oribe e Servando Gomez a Lavalleja, a 23 de agosto de 1834. Lavalleja respondeu em officio de 24. «Noticiador», de 18 de setembro seguinte.

[5] Officio dessa data, transcripto no periodico já mencionado.

[6] «Noticiador», de 11 de setembro.

Antonio Lavalleja, e seus officiaes, lavrarão uma acta que será entregue aos snrs. commissionados, depois de assignada por todos aquelles, e em que se obriguem solemnemente, por sua honra e patriotismo, a não mais suscitarem em sua patria, nem revoluções, nem inquietações entre compatricios, e sim observarem esquecimento do passado, procurando conduzir-se na melhor harmonia com as auctoridades do Estado. Art. 6.º — Aceito o convenio, os snrs. Lavalleja, e seus officiaes, irão receber do proprio punho do presidente os necessarios passaportes e salvo-conductos, afim de se restituirem a seus lares, avisado para o effeito o quartel general de s. ex.ª, pelos referidos commissionados».

A esta, que tudo offerecia, em troco unicamente da paz, os representantes do desterrado, batido, erratico e empobrecido Lavalleja, oppuzeram a seguinte contra-proposta: «Desejoso de evitar os males que pode acarretar ao paiz a continuação da guerra, e demonstrar a seus concidadãos, e ao mundo inteiro que só o anhelo da felicidade da patria hão sido os moveis que o tem impellido a cingir de novo a espada, o general João Antonio Lavalleja propõe: Art. 1.º — O presidente da Republica, e todos os ministros da epoca do governo permanente, serão sujeitos a um juizo de residencia. Art. 2.º — O juizo de residencia de que trata o artigo antecedente, será effectuado por um tribunal composto de 3 commissarios, sendo um argentino, um brazileiro e um inglez, nomeados por seus respectivos governos. Art. 3.º — O mesmo tribunal julgará a conducta do general Lavalleja e dos chefes do movimento, e em caso de ser criminosa, serão castigados com todo o rigor das leis; porém, se se reconhecer que é justa, será nullo tudo quanto tenha obrado o governo contra elles, ou com outro qualquer particular, seja cidadão ou estranjeiro, ficando sem effeito qualquer reclamação que se tenha realisado, ou se possa realisar com os Estados limitrophes, por protecção prestada a seus subditos. Art. 4.º — Todas as repartições publicas franquearão seus archivos ás partes contractantes para extraírem os documentos que sejam necessarios. Art. 5.º — Emquanto não se conclua o julgamento deste tribunal, as forças do general Lavalleja permanecerão no departamento de Paysandú, em cujo territorio não poderá entrar força alguma do general Rivera; a administração civil do departamento, continuará, porém, a cargo do governo. Art. 6.º — Em caso de haver discordancia quanto ao tribunal de que trata o artigo 1.º, será o mesmo composto de seis visinhos, conhecidos por patriotismo e luzes, que tenham prestado serviços á causa da independencia, com suas pessoas, e bens, e sejam cidadãos natos: nomeados 3 pelo general Lavalleja, e 3 pelo general Rivera, devendo ser presidido por um commissario, eleito pelo governo argentino. — Jaguarãochico, 28 de agosto de 1834. Manuel Lavalleja, Lucas Moreno».

Era uma antigualha incompativel com a democracia coeva, da concepção de Rivera: a idéa foi regeitada *in limine*. Desconvinham exames fiscalisadores, em um systema que até mesmo o panegyrista assim retrata: «Rivera e seus ministros cumpriam na apparencia com seus deveres constitucionaes; mas esta pratica

nada mais equivalia que a um véu, e no fundo, a uma irrisão».[1]

Já expuz que, depois da entrevista do presidente da Republica e do commandante das armas, o primeiro teve sciencia de que seu *empecinado* adversario se tinha visto constrangido a ir de novo buscar nas armas a solução de velha pendencia e que dispoz as suas para esmagal-o. Retornara Lavalleja sobre o villarinho de Tia Ana, mas, topando ahi com Laguna, que o guarnecia, á testa de 400 praças, fez frente á retaguarda a 11 de setembro, e a 14, deu com outra força, a de Palomeque, que vinha do Salto. Atacou-a e a teria de todo anniquilado, se Laguna, que o seguira, não soccorre ao correligionario: a refrega recrudesceu violenta, constando que os rebeldes perderam 90 homens, no campo, que abandonaram, em marcha celere. Laguna, por falta de cavallos, teve de deter-se em Mataojo, mandando a Raña, com um forte esquadrão, perseguir os retirantes, que se achavam em Catalã, perto da linha.

Ahi, o brazileiro João Teixeira, com mais 21, abandona as bandeiras do caudilho, levando comsigo a melhor cavalhada da força. Lavalleja pediu para Alegrete, que o supprissem desse precioso elemento de guerra, e de armas. Nada conseguiu; Bento Manuel não estava mais no commando da fronteira. Por fim, a 28, foi surprehendido na costa do Quarahy, em Trescruces-chicas, ás nove da manhã. Perseguido até as cinco da tarde, tentou disputar o passo de Trescruces-grandes: inutil! teve de largal-o, com a perda de 10 ou 12 companheiros.[2] «Completa, a derrota», narra o marechal Barreto, affirmando que tal havia sido, que «nenhum official sabe do destino de Lavalleja»;[3] do què tem sciencia dous dias depois: sabe que passou para o departamento do Riogrande.[4]

Penso que nada mais poderá fazer, conclue.[5]

Estas palavras do commandante militar do Imperio parecem-me confirmativas de uma prophecia de mezes antes, de «La revista», de Montevidéo, n.° de 26 de julho:[6] «O snr. consul brazileiro, residente em nossa capital, ha protestado contra tudo o que se tem dito de seu governo; esse representante do Brazil assegura que seu gabinete obrou, obra e obrará sempre de harmonia com os principios de justiça e da mais franca amisade, e attribue a inobediencia a ordens do ministerio brazileiro, ás paixões politicas que agitam hoje os espiritos dos habitantes do Riogrande: *parece indubitavel que esse paiz está preparado a fazer uma revolução, que os esforços de uns quantos homens influentes, e fieis ainda ao systema imperial, hão detido até agora; que mui prompto estalará, porém.*[7] Se ef-

---

[1] Pascual, II, 194.
[2] Officio de Rivera a Barreto, de 8 de outubro de 1834.
[3] Idem de Barreto a Antero de Brito, de 18 de outubro.
[4] Idem do mesmo ao presidente, de 20.
[5] Cit. officio de 18 de outubro.
[6] Pascual, II, 226, 227.
[7] Convem notar em que data isto se escrevia: pouco menos de 14 mezes antes de estalar o movimento de 20 de setembro e *quando ainda não existia opposição ao presidente Braga.*

fectivamente a febre de liberdade, que atormenta hoje a todas as nações do mundo, agita o sangue brazileiro, não serão os orientaes os que buscarão meios de entibiar seu enthusiasmo: sejam livres em boa hora; applaudiremos o triumpho que obtenha uma tão nobre causa; mas, se querem sel-o, comecem respeitando a nossa liberdade, nossas leis, nossas auctoridades, nossa ordem social, que tantos trabalhos, que tantas fadigas e tanto sangue nos tem custado. *Não podemos comprehender com effeito que relação pode existir entre o projecto de liberdade que se suppõe tenham os habitantes do Riogrande, e as barbaras incursões feitas sobre o nosso territorio pelos anarchistas sequazes de Lavalleja* e alguns brazileiros. Que parte pode ter Lavalleja e os seus em uma causa alheia, em que nenhum sentimento sympathico pode interferir? Por mais que façam os brazileiros em favor de Lavalleja, nunca lhe poderão reconquistar o que perdeu, *jámais a causa do Riogrande poderá ser commum com a de Lavalleja, em caso algum os continentistas poderão ser livres por intermedio delle*, nem Lavalleja poderá ser, em qualquer tempo, rico, poderoso e sobretudo considerado em seu paiz, por via dos brazileiros. Essas duas causas são inteiramente alheias uma á outra, e talvez incompativeis. Lavalleja por si só, e com o andar dos annos, tudo teria conseguido do governo de sua patria; nada obterá com a intervenção dos brazileiros: *e se estes querem ser livres, não é Lavalleja quem lhes pode proporcionar a liberdade*». [1]

As circumstancias, de facto, comprovavam que era preciso agir sem o seu concurso, depois de lhe o haverem dado o delles, durante tres longos annos, os conspiradores riograndenses. Impunha-se talvez a conquista da provincia em primeiro lugar, para attingir-se o objectivo commum. Para solver o problema, chegava a epoca de tentativa diversa das anteriores, com o fim deste anno, perdido como estava: os triumphos do seu primeiro quartel, annullavam-nos os revezes do ultimo.

Em torno do proprio homem que o partido erguera ao posto de presidente, se via organisado um nucleo de resistencia ao programma liberal, que Bento Gonçalves representava. Creara o grupo uma folha para a lucta, e já, esta, advogava claramente a substituição do coronel; e o que duas administrações independentes ou contrarias, a da propria regencia, não haviam feito, determinou-se a praticar a de um amigo, confrade e parente. Quando a 7 de janeiro de 1835, se sentava á meza, para dar parte ao commandante das armas, [2] de que tinha chegado em a noute de 5, recebeu officio do mesmo, com data de 30 de dezembro, no qual Barreto, de sua «estancia» de Taquarembó, o suspendia do commando da fronteira e do regi-

---

[1] Os gryphos são do auctor deste livro. Convem ter em mente as phrases que assignala, senão todo este importante editorial.

[2] Officio a Barreto, de 7 de janeiro de 1835.

mento, com expressa ordem de recolher-se á casa da familia, em Camaquã. [1]

Por que não o mandava processar, como a Bento Manuel? Não fôra mais justo? O marechal evitava conduzir as cousas a esse terreno, porque o chefe castigado se munira de documentos que podiam apparecer, além de que o archivo do quartel-general lhe sussurrava que Bento Gonçalves não dera passo algum sem precaver-se, o que aliaz precisava fazer, como homem de partido e como simples militar. Porque o futuro chefe da revolta de 20 de setembro talvez ainda não soubesse, mas tinha um occulto quão velho inimigo junto do governo da provincia, inimigo que lhe movia uma solapadissima guerra desde a campanha de 1825, [2] isto no proprio periodo em que se tornavam mais distinctos os serviços do coronel e em que nobremente exaltava em publico os do marechal. [3]

Tinha o direito, tinha mesmo o dever de castigar, o commandante da fronteira. Mas, foi como um faccionario que lhe vibrou o golpe a que me refiro, suppondo-se bastante seguro de caír-lhe em cima com todo o peso de sua auctoridade, porque havia preparado as cousas, até mesmo para legitimar a severa medida que tomara, de impôr um desterro, sem nota de culpa, a um dos mais notaveis chefes do exercito nacional. Barreto, em officio de 4 de setembro ao ministro da guerra, e em um relatorio a 5, descobrira as baterias contra os commandantes da fronteira com a Republica do Uruguay. Conclue o primeiro com estas palavras: «Sou franco, ex.^{mo} snr...... Communicações insidiosas e infieis lhe serão dirigidas afim de capear-se attentados commettidos contra positivas ordens. Arguições falsas, relações alteradas de factos truncados, noticias de projectadas invasões, seducção de escravos para insurreição, tudo será posto em campo, para assim illudirem a boa fé do governo, incutindo-lhe desconfiança; tudo, repito, será posto em campo por esses homens que avidamente almejam vêr encetada a anarchia, ou a guerra nesta provincia, por sem duvida convir ás suas vistas particulares qualquer destes males. As minhas informações talvez serão totalmente contrarias ás desses homens, e por isso devo observar a v. ex.^{a} que presando a verdade, e indifferente a partidos, obedecendo ao governo de quem não espero nem sollicito graças, amando, desejando e promovendo o bem de nossa Patria, não cedendo a ninguem em patriotismo e amor á ordem, nada tambem poderá me arredar dos meus deveres». O relatorio, para mais im-

---

[1] Vide este e o antecedente no «Noticiador», de 19 de janeiro.

[2] Vide documentos comprabatorios, na «Memoria» de Rodrigo Pontes, e outros, que auctorisam inferencias confirmadoras, em Titara e Aguiar. Examino a fundo esta questão, em outro volume.

[3] Refiro-me a escripto de Bento Gonçalves, em discussão que se travou na imprensa, a respeito de factos da campanha da Cisplatina, no qual o coronel exalta Barreto, falando nos serviços prestados por este, «desde o principio da guerra e no passo do Rosario», como o defende dos ataques que ao mesmo faz o marechal Brown. Vide «Amigo do homem e da patria», de 20 de julho de 1830. Collecção em meu archivo.

pressionar, termina com a declaração de que finda «a crise presente quer o demittam».

Nisto não pensava a sua natureza dominadora, habituada, com a vasta parentela e o circulo a que pertencia, a considerar o Riogrande do sul, como um feudo para sempre entregue aos grandes fardões da monarchia absoluta, contra os quaes os militares modernos, encabeçados por Bento Gonçalves, se erguiam resolutos, em nome do regimen constitucional, infenso ao privilegio, favoravel ao merito, destruidor em summa dessa «aristocracia de certas familias», que encontrou na provincia o naturalista Saint-Hilaire.

Eis o que mescla o despeito, com as indesmontaveis arguições da suprema auctoridade militar da provincia; mesquinho despeito que se preciso não se deteria diante de cousa nenhuma!

É verdade que o nobre caracter de Bento Gonçalves se vira forçado aos pacientes manejos denunciados pelo marechal, porque tinha em mente o peso de suas responsabilidades, atirando o Riogrande, com algo menos de 150.000 almas de população, em uma lucta aberta contra o Imperio, relativamente poderoso, o qual dispunha das rendas de mais 17 provincias, algumas opulentas, e de um celleiro de quasi quatro e meio milhões de creaturas, para haver ampla cópia de soldados. Não podia descomprehender os claros termos de um problema havia muito versado, e para a solução do qual mister lhe era pôr da parte da sua terra, alguma força mais, com que pudesse ficar, a de que dispunha, em equação com as do poder central.

Em semelhante politica, desmerecida no officio com o qualificativo de insidiosa, havia fraude, positivamente, mas, em tribunal austero, a historia sanccionára o juizo do superior gerarchico de Bento Gonçalves, se as tortuosidades em que andou e em que as circumstancias o precipitaram, descobrissem, por traz do caso pensado, as baixas inspirações do interesse pessoal. Ora, tudo prova que as esquecia o homem que em 1834 o governo distinguiu com uma ruidosa homenagem e que podendo ser o grande caudilho da regencia — o que Caxias foi depois —, preferiu o mais arriscado papel de campeão liberal e o de libertador de sua querida provincia.

Nem a sua honradez se viu poupada, todavia! Se é certo, quanto a Bento Manuel, que pairavam no ar algumas duvidas relativas á origem da sua fortuna material, a do seu collega do Serrito, quasi de todo desapparecera no vortice das convulsões anteriores, em sacrificios no altar da Patria, cuja pureza ainda pouco antes mui solemnemente se reconhecera. Havia pois, infamia, perfeita infamia, em avultar as indesconheciveis manobras faccionarias de uma alta patente do exercito, envolvendo, aqui, sim, com refinada insidia, o nome impolluto de Bento Gonçalves, com o dos ladrões da fronteira, que o deploravel odio partidario põe de companhia, nas mesmas aventuras. [1]

---

[1] Papeis já citados.

O que ha de peor na conducta de Barreto, é que atacava pelas costas o seu comprovinciano; em publico, ainda havia pouco proclamara os seus meritos: «o patriotismo, e qualidades que concorrem na pessoa do dito coronel «Bento Gonçalves, reconhece-as elle, como se vê do que cito e que consta do «Correio da liberdade», folha de Portoalegre. [1]

O commandante das armas dá seguranças de sua isempção ao coronel Antero de Brito, affirmando que «nada o poderá arredar dos seus deveres», e no tocante aos successos recentes da raia, em verdade cumprira-os tão exactamente, quanto de proposito foram esquecidos, tanto por um como por outro Bento. No dizer, porém, que era «indifferente a partidos», mentiu com um rematado descaro, em falando, como fazia, a ministro da guerra filho da provincia, ainda que ausente havia muito. Diz o marechal que «não cede a ninguem em patriotismo», mostrando, entretanto, que, o seu, nada tinha de esclarecido, porquanto, no ataque aos adversarios que mais sombra lhe faziam, esqueceu o iniquo demerito que lançava sobre toda a população da fronteira da terra de seu berço, nos dolosissimos informes do tremendo libello com que pretendia fulminar áquelles dous.

Bento Gonçalves se não tinha meios de vislumbrar a importancia da intriga urdida por indominavel, ainda que disfarçada inimisade, tinha calma bastante para comprehender que Barreto agia com fundamento, como para comprehender o alcance do bote que lhe vibrara quem havia muito observava com olhos torcidos, as prosperidades do rival. Comprehendeu e calou: não tinha outro remedio no momento, senão o consolo da esperança em melhores dias, a cujo advento ia dedicar toda a pujança de um caracter obstinado e emprehendedor. [2]

A pretexto de cumprir em fevereiro deveres eleitoraes, ahi mesmo no Serrito, eludiu o decreto de malevolo degredo, signal agora irrecusavel de que não sómente a situação externa, como a interna, dos assumptos que manejava, impunham uma tactica vigorosa. Não podia mais ter illusões quanto á possibilidade da independencia da provincia, dentro do gremio exclusivamente brazileiro, por meio de amplo molde federativo, com que era licito casar as aspirações a que havia muito andava servindo. Circulára

[1] N.º de 4 de junho de 1831. Collecção no meu archivo.

[2] Descobre-se em Rodrigo Pontes («Memoria», cit.) que em conversa com o dr. Braga, o proprio Bento Gonçalves declarou de conveniencia que o retirassem da fronteira, para fazer calar as vozes publicas que a seu respeito corriam. Comprehende-se que o fez, porém, com o occulto pensamento de que durante o governo do presidente que havia designado, ninguem ousasse tental-o, sobretudo na fórma acintosa empregada pelo commandante das armas. Que não lhe attribuo gratuitamente idéa que não teve, prova o facto de que removido, teimou em demorar-se na cidade, onde tecia a conspiração, desde muito antes.

de mão em mão um editorial da «Bussola da liberdade», que pintava a primor o ludibrio dos liberaes: a lição mais que desenganadora que haviam recebido. «A carreira das cousas tem permittido que o jornalismo aqui e em Pernambuco tenha sido uma rocha Tarpeia, para todos aquelles livres redactores, que têm demonstrado que o governo desde 1832, e depois do muito grande, porém burlado, dia 7 de abril, deixou escandalosamente o caminho da sabedoria, mostrando-se acerrimo inimigo dos liberaes, e complacente com a mór parte dos homens, que formam o cortejo desse a quem os escolhidos da nação vão banir.

....

O povo brazileiro, sim, perdoou os criminosos socios de dom Pedro I, mas não quiz, não quer, nem pode querer, que estes egoistas cerquem os ministros, fartem-se da substancia publica, e sejam para diante os instrumentos da oppressão.

....

Quem poderia prever que depois do dia 7 de abril tivessemos ainda de ser governados e subjugados pelas maximas dos assassinos do grande cidadão Caneca e de outros republicanos?! É isto: a Patria do desinteressado Mendes Vianna, do immortal Barata, do illustre Tiradentes, não pode nem deve ser o patrimonio de individuos, ou de familia alguma, nem o morgado dos homens de Pedro I, dos aduladores, dos seus ministros, DOS INIMIGOS DA REPUBLICA. *Cumpre, pois, que tenhamos Liberdade*, QUE SE CONCLUA *a Revolução de 7 de abril*». [1] A folha protesta contra o engano e proclama que a insurreição da capital «foi sanccionada e abençoada por todo o Brazil, na certeza de que ella sería a origem de sua felicidade». Mas (impossivel esconder), os «moderados», desouvindo justas reclamações e declarações dos patriotas, em vez de emendarem a mão, ao contrario se dispuzeram a completar a grande fraude, que alfim se consummou, nesse mesmo anno.

Iniciadas as mixtificações em 1831 e terminadas em 1834, a ponto de dizer Theophilo Ottoni, que se o ex-imperador morre antes de 24 de setembro, e se com elle desapparece o receio de uma restauração, nenhuma reforma se fizera; colheram essas velhacas especies a muitos liberaes: não aos do Riogrande. Festejaram como convinha aos intentos de sua particular agitação, os illusorios progressos do Acto addicional; dando claras mostras do que pensavam, comtudo. O «Recopilador», que, como as outras folhas radicaes, transcrevera as justas protestações da «Bussola da liberdade» contra os fracos, anodynos projectos reformadores da assembléa do Imperio; o «Recopilador», depois de a 28 de agosto dar esse disfarçado signal de si, na vespera do immediato 7 de setembro, empregando a expressão sincera de sua dupla linguagem, manifesta francamente em dous artigos, o que se pensava no sul, a respeito da famosa obra dos usurpadores de uma liberrima iniciativa de reconstituição nacional. [2]

---

[1] «Noticiador», de 25 de agosto de 1834.

[2] Aliaz ninguem na provincia podia ignorar o que a propria folha

No primeiro dos mencionados editoriaes, o relativo á grande data, expõe as verdadeiras idéas do proximo levante. Depois de referencia á abertura dos portos do Brazil, ao estabelecimento dos tribunaes superiores no Rio-de-janeiro, á elevação do paiz á categoria de reino, diz que «estes melhoramentos...... tinham dado verniz ao grilhão colonial, que todavia continuava a pesar sobre nós». Descrevendo a ida para a Europa, do velho rei, deixa vislumbrar toda a extensão de seus pensamentos liberaes: «E se por simplicidade e boa-fé não soubemos tirar o partido possivel de tão bellas circumstancias, ao menos a INDEPENDENCIA fez-se; e as bases constitucionaes da monarchia portugueza, que haviamos jurado, foram entre nós sustentadas e desenvolvidas». No segundo artigo, porém, idéas e designios se patenteiam a par... Este é sobre as modificações introduzidas na Constituição. «Agora, publíca o «Recopilador», só nos resta aperfeiçoarmos os nossos costumes, e habitos, morigerando as nossas acções, e nos preparando para a grande obra, isto é, para o Systema que convém á America, visto que a venenosa planta da caduca Europa não se relaciona com os costumes simples dos americanos, que têm não sómente sustentado a sua Liberdade, como tambem inspirado aos europeus o Systema, que os pode fazer felizes».

Breve meditariam os ultimos sobre o valor de uma outra valiosa lição desta mesma procedencia. Bento Gonçalves ia pôr-se em campo, a igual dos patriotas de 1810, pelo que estes, com brevidade, intitulavam tambem *«el Sistema»*, e cuja apologia destramente traçava a folha de Portoalegre. A pendencia, entre o modesto coronel gaucho e o entonado marechal de Pedro I devia decidir-se nos campos de batalha. Deixava os gabinetes da mutua subtileza: a diplomacia, para aquelle, não era mais de emprego, porquanto o adversario visivelmente havia encontrado o segredo de sua attitude na fronteira. O negociador tinha que ceder o passo ao cabo de guerra, e aproveitar este o tempo e agir, sem demora de um minuto sequer: — defender o seu plano acariciado á frente da guarda nacional, arma poderosa de que o munira para o combate a revolução de 7 de abril e com a ponta de cujas lanças ia gravar á entrada escusa de um velho castello de despotismo, os fóros livres do povo riograndense.

---

já descobrira claramente, em um debate com Lourenço Junior de Castro. O «Recopilador» confessou então em publico e raso, o que estava na consciencia de todos e definia, não só as delle, as idéas do partido: «Somos republicano farroupilha», disse. N.° de 1 de setembro de 1834.

CAUSAS DETERMINANTES

**Les événéments mûrissent
et voilà les révolutions.**
SAINT-JUST.

A MATERIA EXPLOSIVA

Assis Brazil, á pagina 61, de seu magnifico livro, consigna dous anachronismos. Deixa comprehender que foi após a do commandante da linha do Serrito, que se effectuou a chegada de João Manuel ao Rio-de-janeiro, onde «além de muitas outras medidas, obteve a realisação da promessa feita a Bento Gonçalves de ser nomeado presidente Fernandes Braga. No intuito de garantir melhor a ordem, o governo resolveu tambem de accordo com os interessados a remoção de José Mariano e a do mesmo Lima e Silva, com os seus respectivos corpos, o primeiro para o Riopardo e o segundo para Samborja». [1] Já mostrei que o chefe dos liberaes chegou ao Rio-de-Janeiro, depois do commandante do 8.° de caçadores. Tenho a rectificar aqui outro facto, e é que a transferencia deste, do corpo de artilheiros, como do 3.° de cavallaria, obedeceu a resolução ulterior. Foi em 22 de março de 1834 que o ministerio da guerra deu ordem para que o 8.° seguisse para Missões e para Riopardo o de artilharia, ficando ahi 4 boccas de fogo e 2 seguindo para o Serrito. Em aviso do mesmo dia o ministro explicou ter assim resolvido, em vista de movimentos que occorriam nos Estados visinhos. Pelo mesmo aviso, mandou que todos os officiaes se recolhessem aos corpos, inclusive o coronel José Rodrigues Barbosa, commandante do 2.° corpo de cavallaria, «recommendando a mais estricta disciplina». Quanto ao 3.° corpo desta arma, o presidente da provincia *motu proprio* o removeu para Alegrete, com o motivo de annuncios de guerra entre Corrientes e Paraguay. [2] Não houve, pois, nenhum accordo no Rio-de-janeiro: o que houve, em parte,

---

[1] Ramiro Barcellos («Revolução de 1835, no Riogrande do sul», 12) incorre em iguaes erros.

[2] Foi o coronel Lagos, commandante de Missões, que em officio de 28 de janeiro de 1834 lhe notificou da costa de Uruguay essa novidade.

e disso existe vehemente indicio, foi interesse politico, em uma das mudanças de parada de corpos. Descubro em um officio do marechal Barreto, de 9, que pede ao presidente apresse a marcha do 8.º, isto no mesmo papel em que confessa reinar o mais perfeito socego nas fronteiras e julga desnecessario reunir guardas nacionaes, o què, diz, occasiona despezas.

Do que não resta duvida é que se a mais qualificada figura do circulo retrogado considerava de urgencia para a sua bandeira, o prompto afastamento de João Manuel, o activo chefe «exaltado»; no vasto gremio deste, muitos eram os que se não podiam conformar com a resolução governativa. Tinham ficado inertes, ao partir da artilharia, que aliaz fôra para ponto muito conveniente e proximo: estavam dispostos a impedir qualquer outro desfalque de forças na capital e para isso contavam com o assentimento do novo presidente.

Nomeado a 13 de fevereiro o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, a 29 de abril chegou á capital, mas, foi só a 2 de maio que tomou posse do cargo, [1] realisando-se o acto entre ruidosas festas muito bem acolhido de todos o administrador supremo da provincia, porque se suas idéas, republicanas em tempo da universidade, [2] estimulavam as secretas esperanças dos liberaes mais extremados; a conhecida moderação de seu caracter, já revelada no magisterio, tranquillisava os do gremio opposto. Depois, recommendava-o a gregos e troyanos um predicamento que excedia em meritos a qualquer vantagem, para aquellas gerações sobremaneira bairristas: a de ser um riograndense nato. Poude elle, assim, mui conscienciosamente enviar para o Rio-de-janeiro, as gratas seguranças de que o agitado Riogrande do sul, cujo governo ia assumir, entrara em «perfeito socego». [3]

E comtudo, enganava-se! Enganava-se, como Luiz Felippe na famosa noute. As mostras de regosijo, em 1834, como quatorze annos depois, se effectuavam sob uma tranquillidade apparente: os folguedos a que breve assistiria, na solemnidade de sua investidura, tinham sob si um temeroso vulcão, e pouco tardaram, mui pouco, os estremecimentos symptomaticos do grande abalo, nessa hora inevitavel.

A 31 de maio estava o presidente em conselho, quando lhes annuncía o porteiro, uma visita insolita: a de tres juizes de paz que, da sala immediata, requerem audiencia. Suspensa a sessão, para que fossem admittidos os magistrados populares, entram, tomam assento, erguendo-se acto continuo um delles, Pedro José de Almeida, que profere um discurso allusivo á ordem dada ao 8.º de caçadores e entrega ao dr. Braga uma representação contra a transferencia do referido corpo.

Depois de se retirarem os juizes, reabrem-se os trabalhos do conselho provincial, sendo-lhe submettido a exame, o papel rece-

---

[1] «Noticiador», de 14.
[2] Fernando Osorio, «General Osorio, 276.
[3] Officio a Antero de Brito, de 2 de abril de 1834.

bido pelo presidente, que suscita uma preliminar: cabem negocios de tal ordem nas attribuições da corporação? Pode intervir em negocio militar de semelhante natureza? Depois de um longo debate e contra o voto do dr. Marciano Pereira Ribeiro, opinam todos negativamente. No entretanto, Braga renova a consulta, afim de saber o que pensavam os deputados, sobre a materia da representação; respondendo igual numero que convinha cumprir o preceito governativo. Marciano insiste e alvitra inutilmente que seja sobreestada a marcha, «conservando-se, todavia, o batalhão prompto a fazel-a, logo que se verificasse a urgencia desta medida», ao que «o conselheiro Moreira disse só observava que a estação era impropria».

Da representação consta que «quando as circumstancias» indicavam uma possivel invasão na linha divisoria, o corpo havia sido removido para a capital, a pretexto de cohibir-se a acção dos ladrões, e agora, com as fronteiras na «mais perfeita tranquillidade, agora que não tem havido pelo Estado oriental movimento algum, que mereça communicar-se, como o assegura o commandante das armas; exige e ordena elle que se remova para Samborja esta mesma tropa!»

Não podiam ser mais procedentes estas allegações. Braga claramente achava-se em presença das duas caudaes politicas que dividiam a sua terra e commetteu ahi a primeira falta, a unica talvez imperdoavel. Porque, se é possivel que cogitasse de conciliar, equacionando os elementos partidarios de Portoalegre, dentro de cujos muros a força militar garantia excessiva preponderancia aos «exaltados»; não ha negar tambem que assim procedendo atraiçoava não só aos interesses da fracção a que estava ligado, mas á justiça que lhe devia, em face da evidente mancommunação da predita auctoridade com o corrilho retrogrado da provincia. Essa auctoridade, falsamente e dolosamente, apoiava-se em um supposto abandono das fronteiras e foi com esta rasão, como com o do voto do conselho, que Braga fundamentou o seu indeferimento de 7 de junho, dizendo ao ministro da guerra a 9, que não se lhe deparavam motivos aceitaveis, no que pretendiam os peticionarios.

Debalde allegaram que a se não adiar o cumprimento da ordem do ministerio da guerra, ninguem se podia responsabilisar pela ordem publica, pois abundavam os salteadores na zona da capital, e temia-se uma insurreição dos colonos de S. Leopoldo e Torres, por falta de pagamento do subsidio que lhes era devido. Por ultimo, empregaram mais convincente argumento: insistiram por que fosse a marcha do 8.° temporariamente sustada, até que o governo imperial resolvesse, de conformidade com o que se lhe ia representar, desta maneira evitada uma viagem talvez em pura perda. Ou porque Braga, menos simples do que se imaginava, algo extranhasse na teimosia dos seus correligionarios, ou porque entendesse cumprir melhor assim o seu dever como administrador; não cedeu, deixando, por infelicidade sua, a rasão, ou a apparencia da rasão, com os reclamantes. Nada obstava attendel-os, com uma determinação de caracter provisorio, que descarregasse nos hombros

da regencia toda a responsabilidade da remoção do corpo de caçadores. Obrando como obrou, se tinha em mira preservar a harmonia collectiva, nada mais conseguiu que o augmento do desgosto que havia muito lavrava, habilmente aproveitado o successo pelos agitadores, no seio dos quaes a sua pessoa immediatamente entrou para a lista, senão dos inimigos, dos suspeitos.

Logo depois aquelles de novo o punham a prova e por segunda vez errava.

«O alarido da imprensa politica, nos ataques reciprocos dos dous partidos, assumiu proporções verdadeiramente escandalosas. Por injurias escriptas dirigidas ao major João Manuel de Lima e Silva foi condemnado á prisão o visconde de Camamú, já de volta na provincia».[1] O réu appellou; confirmada a sentença a 10 de julho, interpoz o recurso de revista.[2] Não vedava isto a ida para o carcere, declarou um juiz severo, Pedro José de Almeida, apoiado na lei de 18 de setembro de 1828, e a 12 requisitou do presidente a immediata prisão do culpado, não por delicto de injuria como consigna Assis Brazil, e sim pelo de calumnia.[3] Braga, dous dias depois, compromettendo-se num condemnavel favor ao graduado criminoso, ao mesmo tempo em que diz expedir «ordem ao commandante dos permanentes», para pôr á disposição da auctoridade judiciaria o trefego visconde, inclue no seu officio um requerimento, em que o mesmo «pede ser conservado na prisão em que se acha, até decisão do conselho de guerra a que respondeu e que subiu por appellação para o conselho supremo militar». Braga não se limitou a isso; foi alem, insinuando o deferimento, com uma lição que positivamente sería mal recebida.[4] Mais ainda: prevendo semelhante eventualidade, o presidente, em nova ordem, determinou ao supradito commandante de permanentes, que recolhesse o réu ao hospital da caridade, ou com o espontaneo intuito de favorecel-o ou porque de facto este lhe houvesse representado achar-se enfermo. Communicado o que prescrevera,[5] ao juiz, a 14, manifestou elle a 15 a sua natural surpreza.[6] Não era Pedro José de Almeida homem para recuar, diante do que lhe cheirasse a abuso ou prepotencia: não recuou. «É do meu dever como juiz, reclamar a prisão dos criminosos», disse, requisitando ao «benemerito commandante da guarda nacional da cidade», «fosse cumprir a sentença e recolher Camamú á cadeia civil».[7]

Estavam as cousas em tal pé, quando interveiu o irmão do presidente, bacharel Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, juiz de

---

[1] Assis Brazil, 65. Camamú foi condemnado a quatro mezes de cadeia. Vide «Recopilador», de 23 de julho de 1834, e «Noticiador», de 31.

[2] Officio de juiz de paz ao presidente, de 12 de julho. «Noticiador», de 31.

[3] Cit. officio de Pedro Boticario.

[4] Cit. n.º do «Noticiador». Officio de 14 de julho de 1834.

[5] Officio de 15 de julho.

[6] Cit. n.º do «Noticiador».

[7] «Recopilador», de 3 de setembro de 1834.

direito da comarca. Motu proprio saíu a campo em amparo do condemnado, que mandou «conservar em prisão militar onde se achava», «a pretexto de se pretender nesse dia remover para essa prisão todos os presos existentes na cadeia civil»; qual registra o «Recopilador» [1] e qual o proprio juiz de comarca annunciou ao magistrado popular. Manteve o que pretendia, Pedro Boticario, e em peça encaminhada ao presidente, a 26, pergunta: «Em que codigo encontrou o dr. juiz de direito a extravagante disposição que o auctorisa a dirigir-me o officio n.º 18? Que disposição legislativa me podia obrigar a dar cumprimento a uma ordem, que eu jámais podia reputar legal, e onde eram offuscados os principios da recta justiça, pelos do patronato a favor do réu visconde?» [2] E houve-se com uma tão inquebrantavel firmeza, que nesse mesmo dia 26, depois de uma lucta que teve graves consequencias no gremio liberal, cantava a sua victoria, com a entrada do titular na cadeia publica, para o devido cumprimento da sentença. «Desenganem-se que temos lei e que é igual para todos», bradou em jubilo o «Noticiador», do Riogrande, periodico do mencionado partido.

Com o successo ganhava força moral a bandeira deste, quanto a perdia o inapto administrador, que não servindo de todo aos interesses do circulo de que era grande corypheu o condemnado, se compromettera em episodio que muito havia de contribuir para alienar-lhe o apoio de seus velhos amigos.

O fracasso que no incidente soffreu, parece ter deixado profunda magua na alma impetuosa do irmão do dr. Braga, pessoa até ahi muito estimada no seio do partido dominante na provincia. [3] Extremamente vingativo, aproveitou-se do primeiro ensejo para uma consoladora desforra, em que esperava abater o não menos impetuoso juiz de paz. Como este concedera uma fiança em crime em que a lei a não admittia, Pedro Chaves interveiu. [4] «mas fêl-o por modo pouco delicado», conta Antonio Carlos, ajuntando isto: «Pedro Boticario que não era, segundo dizem, homem para graças, respondeu-lhe com sete pedras na mão». [5] Ha erro no informe que deram ao grande orador paulista: o juiz de paz submetteu-se, declarando ao de direito, haver cumprido suas ordens, ainda que

---

[1] Cit. n.º de 3 de setembro.

[2] Idem, idem.

[3] «O snr. Pedro Rodrigues F. Chaves, que se tinha mostrado enthusiasta do dito juiz de paz (refere-se a Pedro Boticario), se conspirou contra elle, tomando os officios deste como ataques dirigidos ao snr. presidente e desde então principiou a o perseguir». Isto consta de uma narrativa enviada a Jaguarão a confrades seus dali, pelo i.'. Codro 3.'., em que este declara que se a letra não lhes for conhecida, que a façam ver pelo i.'. Caldas. Penso que esta missiva maçonica é do punho de Manuel Ruedas. Meu archivo.

[4] A 5 de agosto. Vide «Recopilador», de 9. Tratava-se de um crime de moeda falsa. Dous eram os réus e foram absolvidos pelo jury.

[5] Discurso na camara temporaria, em sessão de 11 de setembro de 1840.

não estivesse certo da justiça das mesmas.[1] O tom do officio de Pedro Boticario é chocarreiro, sem ser em nada o que deixam crer as palavras de Antonio Carlos, que seguramente confunde dous momentos diversos da contenda entre esses riograndenses. A verdade é que o juiz de paz foi levado aos tribunaes, por motivo do incriminado despacho, e absolvido, com surpreza de Pedro Chaves.

Verificou-se ahi com quanta rasão dizia Antonio Carlos, a respeito deste seu amigo, nelle reconhecer merito, talentos, mas tambem que desde moço se mostrava «arrebatado até a temeridade» e ser pessoa de «principios que o tornavam um instrumento proprio para o poder arbitrario».[2] Não logrando o esperado prazer de humilhar o tribuno portoalegrense, no caso já referido; appellou para outro. Serviu-lhe incidente anterior. Tendo um portuguez seviciado um rapaz, filho do paiz, correu elle á presença do magistrado popular, a cuja energia declaravam dever os liberaes a continencia dos lusitanos, que andavam «de cabeça baixa»;[3] e exhibiu-lhe as orelhas a escorrerem sangue, espectaculo ante o qual o nativista Pedro Boticario se deliberou a agir como lhe pareceu que convinha. Chamado a tribunal o indiciado, depois de interrogatorio em que confessou a auctoria da violencia, seguiu-se ordem de prisão e recolhimento do réu á cadeia.[4] Pedro Chaves, que ainda figurava entre os nacionalistas, applaudiu o acto de severidade do seu correligionario;[5] mas, ao tempo a que chega a narrativa, se prevaleceu de irregularidade havida no incidente judiciario, para fazer instaurar novo processo, no prestigioso farroupilha. Referindo-se a este e ao anterior, escreve um contemporaneo: «Pelo primeiro crime (o das fianças) foi julgado por um brazileiro, este não achou criminalidade, e conhecendo o malvado filho do conde dos Arcos que provavelmente outro tanto devia succeder com o» segundo «processo, elle peitou ao galego Lacerda,[6] criado do grande caramurú Israel Soares de Paiva,[7] e esse malvado, que estava doente», «tomou a vara e prestando juramento de condemnar ao benemerito patriota, assim o fez».[8]

Em consequencia de tudo o que expuz, abriu-se um furioso debate entre o perseguido e o perseguidor; um duello de imprensa que attingiria a proporções nunca vistas no Riogrande do sul. Ao produzir-se o choque inicial entre estas duas vigorosas naturezas, uma feliz intervenção dissipara as nuvens da borrasca; depois das novas provocações do juiz de direito, o temporal desencadeiou-se

[1] «Recopilador», de 16 de agosto de 1834.
[2] Sessão de 11 de setembro de 1840.
[3] Missiva maçonica attribuida a Manuel Ruedas.
[4] Idem, idem.
[5] Idem, idem.
[6] Manuel Bernardo Corrêa de Lacerda, juiz de paz do 1.º districto da capital.
[7] Irmão do ministro da guerra, o brigadeiro Antero de Brito.
[8] Cit. missiva maçonica.

tremebundo e só findou com a partida para o Rio-de-janeiro, do irmão do presidente. A pacificadora iniciativa coubera ao «Recopilador», que a 27 de agosto amistosamente appellava para um e outro dos correligionarios, afim de que puzessem termo a polemica em que davam goso e esperanças aos restauradores.

A attitude conciliante do mencionado periodico visivelmente corresponde ao designio de evitar incompatibilidades irremediaveis com uma administração creada e inspirada pelo chefe do partido liberal, [1] chefe que o «Recopilador» sente achar-se em terreno movediço, o que lhe faz soprar os primeiros grandes alarmas, ainda que apparente confiança em um bom destino, sempre favoravel... É o que se deprehende do que publíca o proprio numero citado por ultimo: que «o benemerito patriota Bento Manuel» foi suspenso e vai ser submettido a conselho militar, accrescentando a folha o seguinte: «Esperamos que o snr. Bento Gonçalves tenha igual sorte, se acaso já se não tiver formado algum plano de mais realce, e torne-se mais estrondoso, dos que até presentemente se tem querido pôr em execução, e que (graças á Providencia) todos se frustram, quando se pretende levar ao fim».

Disse que a intervenção do «Recopilador» se mostrava interesseira. Assim a considero, pelo que vou adduzir. Sabido o golpe que Barreto vibrava em uma das altas patentes que haviam recusado fazer parte da «Sociedade militar», [2] acreditou-se que acontecesse o mesmo ao outro coronel, mimo dos farroupilhas e pessoa «em quem os riograndenses livres têm as suas mais fundadas esperanças»; [3] acreditou-se como infallivel que os retrogrados iam proseguir em hostilidades contra os militares do gremio, antes que este se achasse de todo preparado para a acção, e como era natural o redactor do orgam mais qualificado do pensamento liberal tratou de impedir nocivas dissenções. Magoados já estavam os do partido, com os incidentes que relatei, mas cumpria evitar por qualquer maneira que a onda inimiga se avolumasse com o apoio decidido das forças oriundas da administração civil, pois que a militar de muito antes lhes pertencia. Dahi a folha significar aos «restauradores», nesse numero de 27 de agosto, que pelo facto da violenta dissidencia entre Pedro Boticario e Pedro Chaves, não julgassem que este se achava com elles.

A verdade é que se não se achava ainda com o partido aristocratico da provincia, breve cairia nos braços de seus representantes em Portoalegre. A harmonia nunca mais ficou restabelecida entre o circulo governativo e o dos que se tinham melindrado com as impo-

---

[1] O dr. Braga, segundo Antonio Carlos, «deixava-se governar por Bento Gonçalves, e tinha rasão, porque quem o fez presidente foi Bento Gonçalves, que foi quem aqui instou para se lhe dar a presidencia». Cit. discurso.

[2] Bento Manuel, segundo o «Recopilador», n.º de 1.º de fevereiro de 1834, repelliu o convite, como outros daquella parte da campanha.

[3] Referencia a Bento Gonçalves, no «Recopilador», de 7 de abril de 1834.

liticas iniciativas do dr. Braga e de seu irmão, ou com as deficiencias do concurso que o primeiro lhes prestava. A prova temol-a no que succedeu logo, no immediato mez de setembro, em data de 7. Ao passo que de dia, nos festejos populares, os elementos officiaes brilharam pela ausencia, unicamente a elles comparecendo 7 dos 70 graduados militares de 1.ª linha que estacionavam na capital;[1] á noute, no baile de palacio se observou o inverso: a solemnidade se effectua, pondo-se «em esquecimento os patriotas que têm sustentado a revolução de 7 de abril», convidados, no entanto, os «papeletas, garrafistas de março e socios da defunta Sociedade militar». [2]

A 1.º de outubro, um successo de importancia secundaria, servia, por um lado, para dar a medida da morbida sobreexcitação a que haviam chegado os animos; por outro, a patentear a disciplina com que agiam os conspiradores, e, por outro lado ainda, para indicar o grau da experta actividade com que se aproveitavam dos varios incidentes, para alargar a profunda agitação que dia a dia avassallava toda a provincia.

Eis como o conflicto se produziu, segundo os mentores do «Recopilador», para os quaes, «desde que o tenente-coronel Sylvano José Monteiro de Araujo e Paula, patriota de vulto e commandante do batalhão de guardas nacionaes», [3] prendeu o visconde de Camamú, em vista das requisições de Pedro José de Almeida, «desde esse dia juraram os restauradores, e os que por detraz da cortina os favorecem, perder, não só a elle como ao honrado juiz de paz, que intrepido e corajoso fez com que a lei fosse executada; e na verdade tudo se tem verificado», ajuntam. Em seguida a folha narra o acontecido: Sylvano déra ordem para que os cabos de esquadra conduzissem fardados as partes de serviço. Como o da 4.ª companhia, Brazil, não observasse o preceito, o major João Baptista da Silva o admoestou, ao que a praça com aspereza respondeu, «que cumpriria, se acaso o major tambem se fardasse». Este o prendeu.

Tal «espirito de insubordinação» tinha seus antecedentes; desde «30 se o divisava» na atrevida attitude de diversos guardas nacionaes, sendo advertido o commandante, de que um «renegado li-

---

[1] «Recopilador», de 13 de setembro de 1834.

[2] Idem, n.º de 27. Não é verdade o que estampa a folha liberal, quanto a esquecimento dos patriotas, no convite. Pessoa do mesmo gremio, assim conta o caso. «Celebraram em palacio o anniversario da independencia, para cuja celebração convidaram ao Pedro J. de Almeida, ao Sylvano e outros brazileiros, convidando tambem a todos os garrafistas de março e outros papeletas e galegos patifes. O Sylvano e o Pedro que não quizeram ir incorporar-se, a celebrar um dia puramente nacional, com semelhante canalha, acabaram de perder o resto de consideração que mereciam e desde esse dia o Pedro Chaves sellou a sentença de perdição para estes dous patriotas». Vide cit. carta maçonica attribuida a Manuel Ruedas.

[3] «Um dos revolucionarios mais enthusiastas», diz Rodrigo Pontes, na «Memoria».

beral» instigava praças a o desfeitearem, no exercicio do proximo domingo. Sciente da conspirata, expediu ordens de prisão contra tres dos cabos indiciados como compartes no projecto de motim.[1] Recusaram estes entrar para o xadrez e os primeiros guardas nacionaes mandados para constrangel-os á obediencia, em vez de o fazerem, deram «vivas» aos resistentes, generalisando-se a desordem.

Chamado, comparece o tenente-coronel, que intima os recalcitrantes a cumprirem o disposto em ordem-do-dia, observando que se tinham por vexame abusivo o que se lhes determinava, reclamassem ao presidente da provincia, como era de lei. Em vez de terem quebranto, augmentam os protestos: em correrias no quartel, alguns dos sediciosos dão «morras» ao commandante, ouvindo-se com estas vozes, a de que ninguem sería preso. Entrementes, o sargento Candido Peixoto de Miranda, pela retaguarda de Sylvano, toma-lhe os braços, afim de que seu irmão, Martiniano de Miranda, possa a seu salvo discingir-lhe a espada. Tel-o-iam conseguido, se, vista a falsa fé, não acodem promptamente o sargento Antonio Marques da Cunha e o guarda nacional Antonio Ignacio Vieira, os quaes, ajudados por um official, Hilario Ferrugem, e pelo medico do corpo, o dr. Manuel Calvet, livraram seu chefe, das mãos dos aggressores.

Eram estes em numero de quarenta ou cincoenta. Com o tumulto que fazem, os permanentes, que aquartelavam perto, entram em fórma. O 2.° commandante, tenente Fagundes, manda calar bayonnetas e carrega sobre os rebeldes. Fogem elles para a prisão onde se achava em custodia o visconde de Camamú, que, em presença do conflicto, de uma janella os incitara a antes morrer, que consentirem seja mettido em carcere, qualquer um dos companheiros. Do alojamento do fidalgo, as praças refluem, submettidas, ao pateo da caserna; duas, porém, conseguem evadir-se:[2] por uma das aberturas do edificio, saltam á rua, aos gritos concitando os que ficavam, a pegarem em armas e se reunirem todos, em frente a palacio, — no que não foram nem attendidas, nem imitadas.[3]

«Nesse dia, escreve José de Paiva Calvet, começou a alterar-se a tranquillidade, que reinava na capital: eram os principaes dos resistentes creaturas do snr. Chaves, e esta singularidade, a pouca importancia que elle deu a um successo de tanta entidade, a prote-

---

[1] Diverge a narrativa de Assis Brazil, porque de certo não possuia as folhas que o relatam.

[2] Martiniano Peixoto e João Felix ,sobrinho, este ,do marechal Barreto, o que não é circumstancia despresavel.

[3] Historiando o episodio, diz Rodrigo Pontes: «Não passarei adiante sem reprovar altamente o procedimento gravemente criminoso da guarda nacional de Portoalegre, tanto mais digno de aspero castigo quanto é certo que ostentando-se desta sorte valentes e denodados para acabrunharem um só homem, foram igualmente promptos em fugir ás vozes da primeira auctoridade da provincia, para debellar as cohortes da anarchia». Cit. «Memoria».

cção que franqueava aos compromettidos, e a audacia com que a *Sentinella*, em cuja redacção se acreditava ter então parte o snr. Chaves, os desculpava, e mettia a ridiculo um negocio tão serio, e que ameaçava as mais funestas consequencias, tudo, tudo cooperou para se desenvolver contra elle geral execração de todos os que não pertenciam ao seu partido; reconheceu então quanto estava compromettido, e tremeu de sua posição. Ora tomado de medo, ora agitado pela vingança e rancor, recorreu emfim a um expediente, que ia sendo bem funesto. De accordo com o juiz de paz do 1.º districto, foi arrancada á credulidade, e boa fé, do chefe de policia a permissão de se fazerem reuniões de gente armada naquelle districto. Inventaram-se para esse fim os mais absurdos pretextos, e figurou-se existirem denuncias, que nunca appareceram, e sobre as quaes houve procedimento judicial. Apresentou-se por 4, ou 5 noutes successivas um espectaculo bem assustador. Parecia que nos batia á porta o inimigo, e que tudo se dispunha para rechaçal-o. Abria-se o arsenal de guerra logo ao anoutecer, distribuiam-se armas, e cartuxame ás pessoas que concorriam na confiança do snr. Chaves, ou fossem nacionaes, ou estranjeiros, carregavam-se peças, accendiam-se morrões, e cercados de canhões e bayonnetas, passavam o juiz de paz do 1.º districto, e o juiz de direito da comarca toda a noute, ou a maior parte della nesse estado ameaçador. Repetiu-se por duas noutes essa scena, sem que houvessem imitadores; mas á terceira grande numero de guardas nacionaes armados se reuniu tambem no 3.º districto por ordem do respectivo juiz de paz. Familias inteiras fugiram espavoridas da cidade á vista deste espectaculo. Temia-se a cada momento que as duas forças viessem ás mãos, e nada havia mais facil, nada mais presumivel». [1]

Completando a sua resenha dos acontecimentos, o «Recopilador», a 10, narra que no dia 5, de quatro para cinco horas da tarde, divulgaram os reaccionarios achar-se em armas, na Azenha, uma porção de gente, para um ataque à capital; pelo quê se notara, em grande actividade, o dr. Pedro Chaves. O irmão do presidente correra logo ao arsenal e de lá a galope se fôra reunir com o chefe de policia, no quartel dos permanentes. [2]

---

[1] «José de Paiva Magalhães Calvet, a seus comprovincianos, ou resposta ao *Correio official* desta provincia», pag. 5, 6 .Folheto em meu archivo.

No seu mencionado trabalho affirma tambem Rodrigo Pontes que se sentiu «grande abalo» na capital e que os animos se exaltaram deveras. O facto, segundo elle, «mostrou a scisão que havia na guarda nacional e receiou-se que os dous partidos tivessem vindo ás mãos, se não houvessem a isso obstado as diligencias das auctoridades policiaes».

[2] Não se divulgou simplesmente o boato aterrador, como inculca a folha «exaltada». Ivo Faustino da Costa, juiz de paz, que pertencia a essa parcialidade, teve sciencia do facto, e naturalmente com o receio de responsabilidades, o communicou ao chefe de policia. Dil-o da maneira mais expressa esta auctoridade, em officio de 5 de outubro, ao

Estes não só haviam prendido a varias pessoas, nas circumvisinhanças, a pretexto de que eram companheiros daquelles; como até receberam ordem de fazer fogo sobre um grupo, que intimado, se negou a retroceder, — felizmente evitada a violencia, porque os soldados de modo formal se negaram a atirar. O trem, que é o refugio dos poltrões caramurús, accrescenta a folha, toda a noute esteve guarnecido, por temer-se o ataque que se dizia premeditado e para o qual os congregados no referido sitio da Azenha só aguardavam a chegada da gente que das Pedrasbrancas se lhes vinha unir.

E conclue: — «É cousa singular o medo que tem esses patifes, do digno patriota José Gomes de Vasconcellos Jardim, que, apesar dos incommodos que está soffrendo, assim mesmo não escapa á viperina lingua daquelles malvados, attribuindo-se-lhe sempre cousas que nem pela imaginação lhe passa...»

O tom do editorial é motejador. Tudo prova, entretanto, que boas rasões tinham os situacionistas para se precaverem. Repetia-se o mesmo ajuntamento que fora denunciado em 24 de outubro do anno anterior e com a circumstancia de que o boato punha á frente dos reunidos o mesmo homem: o mesmo (já o fiz notar, no caso de 1833) que em 1835 alçou ahi o pendão da guerra civil...

Não quero inculcar com isso que o episodio mais recente comporte o juizo que formulei quanto ao mais antigo. Registro o que representa como indicio. Em si, foi um simples acto de solidariedade, aliaz muito significativo, como se vai vêr. O «Recopilador», a 4, publicava o seu ardente appello — «Traição ! traição ! ás armas, brazileiros !» e a 5 ouvia-se o alerta dos patriotas, que acudiam á chamada. E accorreram só esses — os que mais perto viviam vigilantes — porque a hora não soára ainda e logo se percebeu a desnecessidade da formatura. Mas, para que os retrogrados se não enganassem e tivessem por adormecido o civismo, de todos os pontos do Riogrande do sul uma mesma voz, calorosa e vibrante, trouxe o apoio enthusiastico, ao querido companheiro de jornada politica, aggredido a 1.° de outubro. O «Recopilador», a 10, traça o panegyrico de Sylvano Monteiro, para cujas «sublimes virtudes» pede o apoio de todos os livres, — e os livres em peso lhe enviam seus fervidos applausos. [1]

Um por todos, todos por um ! Ficava o aviso aos que ainda não conheciam a rigorosa arregimentação do partido liberal, compacto em torno da bandeira commum, até esse instante, e ainda um anno depois.

—

Foi assim que se pronunciou na imprensa, ao comprehender que era de boa guerra entrar immediatamente na offensiva: sem

juiz de paz do 1.° districto, Manuel Bernardo Correia de Lacerda. «Murmurios do Guahyba», 161. N.° 4 de 1870. Meu archivo.

[1] Constam dos periodicos do tempo as numerosas mensagens a Sylvano.

mais nenhuma hesitação, o «Recopilador» abriu, ás claras, a lucta a que se não mostrava menos disposto Pedro Chaves:[1] rompeu abertamente, com quem no conflicto da caserna deixara transparecer, não só a sua má vontade ao tenente-coronel desacatado, mas tambem quanto nenhuma confiança mais depositava nos elementos liberaes com que convivera, a ponto de se premunir contra elles e auctorisar o alarma em que se propallava haver da parte dos mesmos, o proposito de uma irrupção *de gauchos com o fim de atacarem e saquearem a capital.*[2] Começou a grande dissidencia a que muitos attribuem a Revolução e que apenas constituiu a materia explosiva que fez voar a mina havia muito preparada.[3]

Desde ahi não houve mais socego para os que tinham sob sua responsabilidade a ordem material da provincia. «O dia 5 era o marcado para exercicio no campo da Varzea, e boatos aterradores havendo-se espalhado, o juiz de direito, chefe de policia, o prohibiu. Esta salutar medida salvou muitas vidas porque homens turbulentos haviam alliciado alguma gente incauta do campo, fazendo-lhe acreditar que a cidade estava entregue ao partido caramurú, e

---

[1] Foi em o n.º de 8 que a folha desmascarou as baterias contra o irmão do presidente.

[2] «Recopilador» cit. n.º de 8 de outubro de 1834.

[3] Em 1840, no parlamento resurgiram as versões que attribuiam a Pedro Chaves a guerra civil. Em debate de 10 de setembro, Rodrigo Pontes procurou mostrar que não tinham fundamento: «Tambem foi accusado o snr. Pedro Chaves de ter ateado o incendio que hoje abraza o Riogrande do sul. Esta arguição não é nova (diz o orador): e os que accusam o snr. Chaves explicam a accusação dizendo que elle impelliu o coronel Bento Gonçalves a lançar-se nos braços da rebellião, perseguindo-o com força e vehemencia por meio da imprensa». Usou de represalia! affirma Rodrigo Pontes, perguntando após: e era isso motivo para Bento Gonçalves rebellar-se? — Em sessão de 11, Antonio Carlos impugnou as rasões daquelle: «Sobre o snr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves ser ou não a causa do desgraçado acontecimento do Riogrande do sul, é mister distinguir entre causa effectiva ou concomitante, entre a causa sem a qual tal acontecimento não tem origem, e a causa que o accelera». «O snr. Chaves não é de certo causa primaria». E depois de haver assim perfeitamente distinguido o que os chronistas confundiram, Antonio Carlos aponta quaes as causas primarias e o faz mais ou menos como Rodrigo Pontes. Attribue tambem a revolta á diffusão de «certas idéas ultra-liberaes, talvez importadas para o Riogrande»; á visinhança com um povo regido por differente systema, que «declaravam ser muito livre», etc. etc. Circumstancias diversas se juntaram «para fazer desejar no Riogrande uma fórma chamada sem rasão republicana; existia é verdade um germen, mas esse germen ficaria germen para sempre, se não houvesse causas extraordinarias que o fizeram crescer, medrar e amadurar; e infelizmente eventos se apresentaram...... que acceleraram o desenvolvimento desse germen».

A longa citação discrimina perfeitamente o papel que teve Pedro Chaves nas causas proximas e occasionaes, e mostra que os proprios contemporaneos de luzes, já explicavam assaz as causas remotas e predisponentes do grande successo.

desta arte conseguiram apresentar no dia supraindicado 60 homens, pouco mais ou menos, armados e bem montados para caír de improviso sobre o partido opposto ao tenente-coronel, e conseguindo derrotal-o, continuar na cidade a commetter semelhantes attentados». [1] Isto narra o dr. Braga para a Côrte, [2] mas, estou convencido de que a tal «gente incauta» era da que estava mui sciente do que cogitavam os principaes conspiradores: queria prestigiar-se num lance audaz ou tomar o pulso ao adversario, para o que intentariam na primeira opportunidade. O «Recopilador», é de comprehender-se, de novo chanceou, com os pavores officiaes, e como de envolta com estes, resurgissem as atoardas de entradas violentas na cidade, concebidas pelos camponezes dos arredores, liberaes na maioria, o temivel orgam da agitação se aproveitava disto para avivar as incompatibilidades: «Vêde, compatricios, a maneira pouco decorosa como sois tratados pelos galegos...... e pelos infames filhos do paiz que se acham ligados a elles!» [3]

Pouco depois, o digno e sereno chefe de policia, José Maria Peçanha, depois desembargador, é obrigado à tomar precauções outra vez. A 7, officia elle ao juiz de paz Manuel Bernardo Corrêa de Lacerda, para que se mantenha em resguardo e pondera «não lhe serem desconhecidas as circumstancias e o estado de desconfiança publica». A 8, de novo se lhe dirige, nestes termos, muito de sobresaltarem a todo o mundo: «Constando-me ora que hoje tem passado alguma gente do outro lado para a parte do Crystal, previno a v. s. para que não afrouxe da vigilancia que tanto lhe tenho recommendado, dando todas as providencias e combinando com o coronel commandante superior dos guardas nacionaes e coronel commandante da guarnição, principalmente para pôr em

---

[1] Qual observa Rodrigo Pontes, citado alhures, desde o conflicto de 1.º, se verificou a existencia de duas facções na guarda nacional de Porto-alegre. E ao que se refere o topico transcripto.

[2] Officio de Braga, de 6 de dezembro, em Rodrigo Pontes, «Memoria».

[3] N.º de 8 de agosto de 1834. Um officio do juiz de paz da Aldeia-dos-anjos descobre mais uma vez a tactica dos liberaes e estado moral em que se acham. Como Peçanha, em sentido igual ao mencionado, lhe officiara, a 6, assim responde... a 25 de outubro, o magistrado: «Quanto ao ajuntamento que v. s. diz se ter reunido na ponte da Azenha, no dia 5 do corrente, com gente desta freguezia, consta-me que no 1.º districto, Diogo, filho do coronel Freire, angariou algumas pessoas com armamento, e que o seguiram á cidade: e nada deste districto me tem constado saisse, ou cooperasse para tal reunião. O que affirmo a v. s. é que os honrados e patrioticos habitantes deste districto estão promptos a rebater qualquer acção ou massacre que tentem fazer á nacionalidade brazileira os degenerados filhos da Patria, ou restauradores, amigos dos passados tempos de horrorosa recordação». Qual se observa, o juiz de paz contrapõe ao boato de reuniões farroupilhas, a noticia de uma, a cuja frente se puzera conhecido retrogrado, negando tudo quanto áquella, sem esconder, entretanto, o pensamento civico em que estavam seus jurisdiccionados. «Murmurios», cit. n.º

estado de defeza e segurança o trem de guerra, que se acha no seu districto». A 9, ainda expede ao mesmo juiz de paz, duas outras communicações», para que tenha cuidado com o deposito de polvora e «presiganga», afim de evitar «qualquer tentativa», que ponha em perigo um e outro posto. Insinua-lhe que, deve entender-se com o inspector da fazenda, director do arsenal e commandante da guarnição, podendo requisitar a este não só a abertura do trem, como «tudo o mais que precisar», pois já se lhe havia rogado «toda a cooperação afim de conservar-se a ordem publica». [1]

Descobrem os mencionados papeis as apprehensões do circulo governista, como varios factos denunciam as que perturbavam o elemento desgostoso. Começava a tensão nos espiritos, que arrastaria os provincianos á lucta armada; o menor incidente sobrexcitava os animos e era motivo de profundas agitações. Veja-se, por exemplo, um de tantos que poderiam citar-se.

Aguardavam os «exaltados», de volta da Cachoeira, um estimadissimo correligionario, escriptor do partido, membro de uma das principaes familias farroupilhas do Riogrande do sul, o dr. José de Paiva Magalhães Calvet, quando se espalha uma noticia consternadora. Marcado o regresso para 15, a 11, ás nove horas da noute corre de bocca em bocca que tinha sido victima de um assassinio. Abrazam-se em colera os amigos de Calvet, que se declaram promptos a vingal-o, e quem sabe o que houvera acontecido, se ao chegar o barco o não avistam sobre a tolda, vivo e são, mudados o pesar e o furor, em alegria e descanço [2]

Por felicidade o episodio não trouxe consequencias desgraçadas comsigo. 24 horas antes daquella em que teve o desfecho mencionado, propagara-se na cidade um outro boato: affirmava-se a 14, que Calvet já havia desembarcado e que o fôra receber uma commissão do partido que cercava o presidente, com o fim de effectuar-se a immediata reconciliação delle, com o seu ex-amigo Pedro Chaves. [3] A noticia era falsa. A harmonia se tornara absolutamente impossivel entre os elementos que este com empenho attraía e os que se conservavam fieis ao gremio politico do recemchegado.

Pouco depois estalava outro conflicto, recebido que foi o Acto addicional. A 22 o chefe de policia officiou a Marcos Alves Pereira Salgado, presidente da camara de Portoalegre, instando para que não effectuasse a 24, como pensava, a solemne publicação dessa reforma, visto que, dizia, por «diversas representações que lhe tinham sido dirigidas, conhece quanto a mór parte dos habitantes desta cidade está prevenida contra reuniões, seja qual fôr o pretexto que se possa formar, no dia 24 de outubro». Homem serio, o dr. Peçanha não inventava perigos (como hoje muito se usa), para impedir que se realisasse o projecto festivo dos liberaes. O motivo dos seus cuidados, elle o expoz, em data de 23, ao juiz de paz do

---

[1] «Recopilador», de 29 de novembro de 1834.
[2] Idem, n.º de 18 de outubro de 1834.
[3] Idem, idem.

J. de P. Calvet

1.º districto, no officio que transcrevo: «Ill.mo snr. — Crescendo cada vez mais os boatos e desconfianças aterradoras, de que tenta uma facção anarchica perturbar amanhã, 24 de corrente, a ordem e socego deste pacifico povo, sem entrar por ora na rasão e fundamento de taes boatos, como em data de hontem disse a v. s., mas sendo o meu principal dever estar vigilante, recommendo a v. s., de que ao mais leve symptoma, de desordem, se postará na praça da igreja das Dores, afim de que, concorrendo ali todos os bons e bem intencionados cidadãos do seu districto, como a um centro de reunião legal, haja um ponto certo de comparencia e de confiança, entretanto que eu ali apparecerei para combinar com v. s. em os meios de manter a ordem e acudirmos ao ponto que succeder ser ameaçado, expedir com certeza os meus avisos, e satisfazer as requisições que estiverem ao meu alcance: confio muito do seu patriotismo a cooperação e desempenho das importantes funcções do seu emprego». [1]

Marcos Salgado respondeu a 23, que contava com o contrario do que parecia temer a auctoridade policial, e o «Recopilador», nos commentos ao incidente, exprimiu-se por maneira que merece transcripta. A folha, depois de manifestar o seu apoio á firmeza da camara e certificar que a seu patriotismo se deve «o socego e tranquillidade» publicas, diz-lhe sem circumloquios inuteis todo o seu pensamento: «Porque, se desistisseis do que havieis marcado em vosso edital, transferindo para outro dia a publicação das reformas, sería esse o momento em que findariam os nossos soffrimentos e moderações: e nós com as armas nas mãos, haviamos de sustentar a sua sabia decisão e a lei das reformas havia de ser publicada». [2]

O editorial evidencía o grande exaltamento dos liberaes. Vai vêr-se bem em que nivel andava, suppondo-se até, nas altas espheras, que fosse o de 24 de outubro, o dia «marcado para o rompimento». [3]

Realisou-se nessa data a solemne publicação em Portoalegre, do Acto addicional: seguiram-se as projectadas festas, e *Te deum*, a que concorreram o cordato chefe de policia, dous dos tres juizes de paz, um dos juizes de direito, faltando sem causa declarada o outro, [4] assim como faltaram igualmente o commandante da guarnição e a maior parte dos officiaes de 1.ª linha.

«Apesar de expressa ordem do chefe de policia, na noute deste dia, um forte grupo, seguido de musica, correu as ruas do 2.º districto», segundo communicação official para o Rio-de-janeiro. Assim foi; reunidos os patriotas, em torno do juiz de paz Ivo da Costa, percorreram a cidade, «menos o districto dos alarmas», diz o «Recopilador», para «não excitarem» a tumultos. «Comtudo...... apesar de ir a mocidade brazileira toda em ordem, e sem a menor pretenção de desordem, poisque nenhumas armas levavam para sua

[1] «Murmurios do Guahyba», cit. n.º
[2] N.º de 25 de outubro.
[3] Officio de Braga, de 6 de dezembro de 1834.
[4] Pedro Chaves.

defeza...... não escaparam de serem aggredidos». «Quando se dirigiam ao lugar de onde haviam saído para se retirarem a suas casas; eis que ao passar á rua da Igreja o brigadeiro Manuel Carneiro e o visconde de Castro com o firme proposito de enxovalhar os patriotas, dão quatro tiros de pistola, sem que elles tivessem recebido o menor insulto». [1]

Ha verdade e ha mentira, na chronica da folha. Com os receios existentes, é certo que o poder publico se tinha premunido, como é de crer que os retrogrados se houvessem apparelhado, concorrendo para a reunião de gente no trem, onde se distribuiram armas e se guarneceu uma peça de artilharia para possiveis eventualidades. O povo ou por despreparado para agir ou para repellir uma grossa tropelia, ou por motivo que adiante apparece, não deu ensejo á intervenção da tropa. Distanciou-se das immediações do arsenal, evitando os pretextos que desejariam ter. os mais irosos corypheus do absolutismo, para acabarem com a solemnidade, que sobremodo os irritava, além do perigo que viam na mesma. Logrados estes, com a calculada prudencia dos liberaes, dous conhecidos figurões do gremio intentaram dispersar a manifestação patriotica, pela seguinte fórma.

Diz o presidente que os manifestantes do publico enthusiasmo, [2] «encontrando o brigadeiro Manuel Carneiro e coronel visconde de Castro, dispararam contra estes cinco tiros, lançaram o primeiro do cavallo abaixo e muito o maltrataram. O segundo conseguiu escapar-se levemente ferido em uma perna». [3] A versão diverge bastante da que disseminou a tiragem do periodico liberal; como esta, merece ser lida com suspeita, pois da melhor fonte sei perfeitamente o que occorreu. [4]

Homem ousado e atrevido, o visconde aguardou o prestito, dentro do vestibulo de sua casa, o qual era de nivel bastante superior ao da rua. Quando a multidão enfrentava a porta de entrada, precipitou elle o animal e de um salto foi caír de surpreza em meio dos populares, seguido em tudo que fazia pelo brigadeiro. Não era a proeza muito digna de duas altas patentes do exercito, mas. teria surtido o meditado effeito, se os do partido contrario se deixassem tomar do susto panico que esperavam suggerir-lhes. Os liberaes, muito ao contrario, investiram logo sobre os dous militares, que, diz o «Recopilador» soffreram «pontapés e bofetões», sendo certo que os dous aristocratas por milagre salvaram a pelle, alvejados pelos tiros dos bacamartes plebeus. [5]

Depois da escaramuça, proseguiram os farroupilhas na sua passeata, emquanto ia um grupo apresentar ao juiz de paz, o bri-

---

[1] N.º de 29 de outubro de 1834.

[2] Enthusiasmo apparente, como prova o editorial do «Recopilador», de 2 de agosto e 17 de setembro desse anno.

[3] Cit. officio de 6 de dezembro de 1834.

[4] Informe do finado coronel Francisco de Castro Canto e Mello, descendente do visconde e saudoso amigo do auctor.

[5] «Recopilador», cit. n.º de 29.

gadeiro aprisionado; e surgindo mais tarde a voz de que os caramurús vinham *à la rescousse*, reforçados pelos portuguezes, aquelles «correram ás armas», «junto com o juiz de paz e commandante dos guardas nacionaes». A noute findou sem maior novidade, felizmente. A exacerbação, entretanto, crescera ameaçadora: foram expedidos avisos urgentes ao dr. Braga, que havia seguido para a cidade do Riogrande, com o proposito de effectuar o seu consorcio.

Mui preparadas, as cousas, para aguar-lhe as delicias da proxima lua de mel!...

Ao lhe chegarem os informes do convulso estado da capital, o presidente appellou para Bento Gonçalves, que, chamado, acudiu á sua presença. Instando o chefe da administração para que seguisse immediatamente até Portoalegre, afim de tranquillisar os animos, de boa vontade se prestou ao que lhe requeria; e o primeiro, com o desejo de que tudo aquietasse, de modo a se não vêr constrangido a interromper o seu programma de ordem caseira, muniu o coronel de vinte cartas brancas, destinadas a servirem de maior de espadas, ante qualquer imprevisto embaraço, de singular importancia.

Com ellas se apresentou Bento Gonçalves em Portoalegre, na segunda quinzena de novembro, sendo acolhido com ruidosas manifestações de publico apreço. Qual era de esperar de chefe politico que, segundo o «Recopilador», numero de 22, «conserva um imperio no coração dos seus patricios, os briosos, os valentes e livres riograndenses»; tudo conseguiu sem esforço: «chega Bento Gonçalves e sua presença basta para restituir á capital a tranquillidade», discorre a imprensa que lhe era addicta. [1]

Findam as agitações anteriores... Breve, entretanto, recomeçariam outras, de gravidade excepcional, preludios da guerra civil.

O chronista entretanto, não deve proseguir, em sua narrativa, sem maior esclarecimento das então actuaes, até o presente obscuras, e que exporá sob uma luz absolutamente nova, com ajuda de documentos ineditos e commentarios ainda não feitos, na maneira que convém ao assumpto. Surprehende que não haja dado que pensar a por demais rapida mutação de scenario, a que allude o manifesto do chefe dos descontentes, apparecido mais tarde. «Não por certo (diz Bento Gonçalves, referindo-se ao dr. Braga), não tinha em vista o bem da Patria quando levou dès do Riogrande a confusão e a discordia a todos os angulos da provincia; quando em seu regresso á capital approvou quanto de mais desatinado, e criminoso havia commettido seu lugar-tenente Pedro Rodrigues Fernandes Chaves; quando afastou de si seus antigos amigos, os sustentadores das instituições livres; quando, ingrato a meu zelo pelo restabelecimento da tranquillidade publica, ousou charmar-me caudilho de facinorosos, e revolucionario». [2]

O coronel refere-se a circumstancias já denunciadas pelo «Reco-

---

[1] «Recopilador», de 20 de dezembro de 1834.

[2] O manifesto de 25 de setembro de 1835. Exemplar em meu archivo.

pilador», a 29 de novembro, [1] numero esse em que, com a noticia da chegada de Braga, publíca a de que os caramurús assoalham vir elle disposto a depôr dos commandos a Sylvano e Fagundes, assim como a deportar alguns brazileiros. O perigo se lhe antolha tão imminente, que a folha põe logo de sobreaviso os liberaes da campanha: «Ó brazileiros de fóra, alerta! Se nos aggredirem, usemos de represalias e decidamos, por uma vez, quem é que ha de dar a lei!» E o curioso é que antes de se effectuarem os actos, considerados de perseguição, o «Recopilador» sem mais delongas rompe com a administração provincial... Diz que o presidente, segundo previra o jornal, «não tinha a força necessaria para manejar as redeas governativas». «Frouxo na extensão da palavra, pusilanime, pouco activo, e versatil encetou o snr. Braga a sua administração», «recebendo dos liberaes as mais firmes demonstrações de amisade e respeito, por verem pela primeira vez um filho da provincia á testa della»: «nenhum presidente foi mais bem acolhido nesta cidade». «Enceta a administração cooperado pelo partido nacional, tendo ao seu lado os benemeritos Bento Gonçalves, Bento Manuel, Marciano, Gabriel Bastos, etc. e que lhe restava pois fazer?»

Revigorar o «partido predominante, garrotear uma aristocracia chula, reles, e despresivel, rechaçar um partido avesso aos interesses nacionaes».

O editorial de 3 de dezembro é ainda de mais franco ataque. Declara o presidente um homem desleal e conclue altisonante: «Ás armas, brazileiros, estamos traídos!», sendo muito de notar-se, nestes dous numeros, que as unicas accusações feitas a Braga são as seguintes: 1.ª, tolerar a desobediencia de Camamú, em não seguir para Santa Catharina, e não o mandar para a prisão, na fórma requisitada pelo juizado de paz; 2.ª, em vez de mandar o commandante das armas a Jaguarão, ir elle proprio, e chamado Barreto áquelle ponto, não comparecer; 3.ª, combinada a substituição de João Francisco, por Antunes, no commando da policia, não cumprir o presidente a sua palavra, dada a Bento Gonçalves.

Levia sed nimium queror... [2]

Qual o motivo da mudança de Braga, já annunciada do Riogrande? Segundo a versão do «Recopilador», com a chegada de Bento Gonçalves, a Portoalegre, para acabar com as rusgas ahi existentes, Pedro Chaves, que presidia o jury de Santo Antonio, abandonou-o, correndo á capital, «para ajudar seus companheiros a indispor o coronel com o partido nacional, de cujas fileiras nunca se arredou». «Amargurados, porém, com as verdades que do mesmo ouviram, desenganaram-se e fugiram delle». [3] «Não conseguiram torcer o coronel patriota», e eis o que «motivou o odio que desde que

[1] Do então corrente anno de 1834.

[2] Seneca o Tragico, «Hercules furioso», act. I, sc. I.

[3] N.º de 20 de agosto de 1834.

ouviram a sua linguagem franca lhe votaram os zotes escravos do absolutismo». [1]

Inconquistavel o prestigioso militar, «esperam com ancia a chegada do presidente, para tratarem de indispôl-o. Elle chega e com tal arte se maneja a intriga, que a despeito dos factos, fica o presidente indeciso, e não se sabe se os acredite, ou se creia antes nas exageradas ficções de seu mano e de Felizardo. O snr. Bento Gonçalves, reconhecendo o manejo, abre-se com o seu amigo o presidente, e ponderando-lhe que a cidade estava em perfeita quietação, mostra-lhe com franqueza os meios de conserval-a, e lhe pede licença para retirar-se á fronteira, visto que o fim de sua vinda a esta cidade estava desempenhado». [2]

Não pode ser esta a verdade dos factos. Braga fôra escolhido por indicação de Bento Gonçalves. Nomeado, declarou não aceitar a presidencia, sem que fôsse dado ao coronel o commando das armas. [3] Nada occorreu que nos forneça o mais leve indicio de que a estima, consideração e fiducia, que lhe merecia este, houvessem tido qualquer abalo, até a entrega das cartas brancas, para que o digno chefe da fronteira do Serrito, a seu talante providenciasse a respeito das commoções de Portoalegre. Provam as ditas cartas ao contrario, que continuava intacto o bom credito do ultimo... Dias depois, entretanto, quando Bento Gonçalves presta, segundo se propalou, o mais assignalado serviço e dá uma eloquente prova de sua lealdade; é que se extinguem de golpe velhos laços de affeição, desapparece a illimitada confiança de Braga e rompe elle com o seu primo, amigo particular e politico, — tão sómente porque elle, ainda que mantendo integro o apoio até ahi assegurado ao governo provincial, se nega a favorecer a facção de Pedro Chaves ? ! Caro devia ser este ao presidente; não ignorava, porém, que tinha deixado a provincia, com seis annos de idade, e que regressara havia pouco, depois de uma ausencia de dez-e-sete, desconhecendo portanto, em absoluto, os negocios politicos locaes. [4] Como acreditar tivesse a velleidade de subordinar ás inspirações de tal noviço, um moço de apenas 26 annos, o que até então estivera confiado ao traquejo e experiencia de patriotas veteranos ?

Convém examinar o modo como o proprio Bento Gonçalves interpreta depois os factos de 1834.

Acoimado de «lavallejista», repelle a transparente insinuação que assim lhe querem fazer, e, depois de qualificar Pedro Chaves de «escriptor ignobil», «intrigante», «vira-casaca», desafia-o a que «publique o abjecto calumniador, facto algum, ou produza quaesquer provas de que o coronel «procurasse empregar a sua influencia, ou qualquer outro meio para o fim que suppõe, ou delate, se a

---

[1] Idem de 30 de novembro.

[2] Idem de 20 de dezembro.

[3] Pela rasão de que «não podia servir com um traidor», disse, referindo-se a Barreto. Cit. folha, de 17 de dezembro de 1834.

[4] Calvet, cit. Apontamentos.

isso se atreve, alguma confidencia que lhe fizesse em particular a tal respeito, um só qualquer projecto prejudicial á ordem publica, de que com maldosas intenções quer fazer acreditar a existencia.

....

Não pretenda manhosamente desviar a opinião geral da provincia, da verdadeira origem da agitação em que se acha, attribuindo a imaginarios planos, e á minha ida á capital,[1] o que só é devido ao seu estouvamento e indecente desaccordo na aviltante polemica que provocou, e furiosamente sustentou, com o cidadão, e antes juiz de paz Pedro José da Almeida, com escandalo geral da provincia e com desdouro da magistratura brazileira; polemica que o arrastou aos excessos ulteriores, e a influir nos golpes de estado, que não seriam necessarios, sem a sua obstinada impudencia ou se o ex.^mo^ snr. presidente não désse ouvidos á suas inspirações e tivesse antes a força de o afastar da capital, onde para sempre a tranquillidade será incompativel com a presença de um espirito tão vertiginoso e agitador; e onde elle não mais poderá existir com segurança, senão cercado de bayonetas e com morrões accesos».[2]

Não pode ser esta a verdade dos factos, repito. Não se destroe, DE REPENTE, uma velha alliança, por motivo tão frivolo. Natureza tranquilla, a do presidente, não se deixaria arrastar pelo fogoso irmão, se lhe não caísse sob os olhos uma prova ou um indicio vehemente, com a força de dissipar a cega fé que tinha no commandante da fronteira do Serrito. Ora, penso haver descoberto a pista das primeiras e mui fundadas suspeitas de Braga, que logo cederam passo a inabalavel certeza.

Historiei minuciosamente o longo trabalho de Bento Gonçalves, com o fito de lançar o alarma no animo dos detentores do poder publico da provincia, como de prevenil-os contra Rivera. Deve ter-se em memoria o que tinha sido communicado, em um dia ao presidente, em outro ao commandante das armas, fazendo-se com uma tão grande insistencia e bom geito, opportunidade e methodo, a disse-

---

[1] Qual se vê Pedro Chaves já havia posto o dedo sobre a ferida.

[2] «Recopilador», de 18 de fevereiro de 1835.

E a mesma, quanto ás origens remotas da crise, a versão de José Calvet, bem digna de alguns reparos, faceis de estabelecer, comparando dous lugares, o relativo á furiosa lucta de imprensa, em 1834, e o relativo ao levante contra Sylvano. Eil-os: «A polemica que encetara e sustentara o snr. Chaves com o snr. Pedro José de Almeida, juiz de paz do segundo districto desta cidade, foi sem duvida alguma a causa primaria desse estado de agitação, supposto se lhe aggregassem depois outras». «Nesse dia (o da sublevação contra Sylvano) começou a alterar-se a tranquillidade, que reinava na capital».

O que importa, porém, não é examinar a logica da exposição de José Calvet e sim a divergencia entre ella e a do chefe supremo do partido farroupilha. Indubitavelmente, a primeira se avantaja á segunda, em não attribuir a inquietação publica unicamente á causa a que a filia Bento Gonçalves. «Suposto, diz José Calvet, se lhe aggregassem depois outras», phrase esta que, aliaz, não basta para harmonisar os dous referidos periodos da lavra do conhecido advogado.

minação dos boatos aterradores; que Braga se julgou obrigado, depois de exame directo na fronteira, a expedir uma circular ás camaras municipaes, e, nesse papel, assegurava estarem dissipadas as ameaças de invasão, na provincia, cousa que se considerava imminente. Pois bem; ainda em proseguimento dos anteriores manejos, Bento Gonçalves, em data de 2 de setembro enviava ao governo de Portoalegre um officio, de que vou inserir neste livro largo extracto. Depois de referencia ás offertas de Fructuoso Rivera a Lavalleja, declara que vaticina «continuarem na lucta e a rasão em que se funda para assim pensar, é o saber que emissarios de Fructo para aquella negociação, fizeram proposições verbaes, declarando que o principal objecto» do presidente do Uruguay «naquella transacção, era fazerem causa commum para invadirem esta provincia», de onde Lavalleja, e os seus, poderiam ser indemnisados, com usura. Proseguindo, affirma Bento Gonçalves que semelhante alvitre fôra rejeitado com indignação, tudo fazendo os amigos do referido presidente afim de darem bom colorido a «suas maldades», e termina pela maneira seguinte: «Eu estou persuadido que Lavalleja dará tanto que fazer a Fructo, que este apenas tenha tempo para attendel-o, mas tambem estou convencido que se Fructo concluir com Lavalleja, não desistirá do seu projecto de invadir-nos, emquanto tiver nesta provincia, como tem, caramurús infames, que na força do desespero em que se encontram, vendo frustrados pelo governo os seus nefandos planos, o atiçam para isso, promettendo-lhe recursos que elles não têm, — sem mais interesse que rirem-se dos nossos males; porém uns e outros verão seu desengano, se assim succeder».

Emquanto este officio fazia a sua viagem para a capital, o presidente praticava a delle para a fronteira, — onde se lhe deparou uma situação normal, como disse ao ministro da guerra, no já citado documento, de 11 de setembro, em que garantia haver por ali «tranquillidade inalteravel».

Segue para o Riogrande, onde chega a 4 de outubro.[1] Produzem-se os tumultos da capital, expede as cartas brancas, ainda na plenitude da primitiva confiança; mas, pode ler tranquillo a peça traçada pelo coronel, pode ter instantes de socego e isempção para fria analyse, e sobresalta-o a duvida, que havia muito tentavam inocular-lhe na alma...

Em verdade, não é para suscital-a, o officio positivamente fabuloso do commandante da linha divisoria, que a pintara com aspecto ameaçador, sem imaginar que ao tempo do sombrio annuncio, Braga ia surprehendel-a em paz e serenidade? Eu penso que sim; eu penso que a meditada leitura desse documento — combinando-a elle com o que lhe scientificava um outro dado que me escapou por muito tempo — constituiu no espirito da primeira auctoridade da provincia, o necessario estado de rasão para um juizo, mais que

[1] «Recopilador», de 18 de outubro de 1834.

bastante affirmativo, de serem insinceras as declarações officiaes de Bento Gonçalves.

Ha quem sustente que Braga foi arrastado pelo irmão. que «assumiu grande ascendencia» sobre elle. [1] Esta versão é contrariada por aquelloutra, que já registrei, do «Recopilador»: Pedro Chaves tentou attrair Bento Gonçalves, antes de romper com elle, ao tempo em que o presidente, longe do dito bacharel, vibrava no seu amigo da fronteira, o primeiro golpe de auctoridade. Logo, foi no sul mesmo que se decidiu e isto por haver colhido indicios vehementes da trama que convicto denunciou para o Rio-de-janeiro, como após a denunciaria no seio da assembléa provincial. [2]

Rebatendo essa accusação, dirá mais tarde Bento Gonçalves: «Insensato! Se eu tivesse querido levantar o estandarte da rebellião, que melhor opportunidade que a exaltação em que se achavam os espiritos? Que motivo mais plausivel que o insulto feito á nacionalidade? Que meios mais poderosos que as cartas brancas que seu passado temor, e mais·que tudo a certeza de que eu não abusaria dellas, me havia confiado?» [3] A argumentação é artificiosa. Em primeiro lugar, não tomava iniciativa alguma, séria, abusando dos papeis que lhe havia entregue o dr. Braga, porque não era procedimento para homem de sua honra, o recebel-os e dar-lhes destino contrario ao que tinha em mente quem os assignara. Em segundo, não se inicia uma revolta tão sómente quando se quer. Os animos, como diz, estavam dispostos, mas faltava ainda o que é indispensavel nestas vastas operações collectivas: o choque que faz brotar a chispa incendiaria, a fagulha productora da explosão. «Insulto feito á nacionalidade», não houve nenhum então, capaz de abalar uma communidade inteira.

Que não era ainda o momento bem pode talvez descobrir-se por um vestigio de tentativa, que vou mencionar. Pouco antes da chegada á capital, do chefe dos liberaes, [4] Pedro José de Almeida dirigiu-se a Pedrasbrancas, Belem, Capella, Aldeia, Santo Antonio, para ler aos povos uma proclamação, infere-se do que estampa o «Recopilador»; [5] mas, Rodrigo Pontes [6] declara que nessa viagem tinha elle ido assentar a Revolução com os amigos da causa. Verdade ou erro do chronista, o certo é que as auctoridades esperavam rebentasse a revolta a 24, que foi dia de festejos unicamente, talvez porque ao vigoroso tribuno popular respondessem aquelles, com a justa allegação da inopportunidade do que pretendia.—Do que não

---

[1] Ramiro Barcellos, 13.

[2] Segundo se expressava annos depois Rodrigo Pontes, «o honrado ex-presidente do Riogrande do sul havia penetrado e conhecido todos os planos da rebellião». Cit. discurso no parlamento, em sessão de 10 de setembro de 1840.

[3] Manifesto de 25 de setembro, já mencionado.

[4] Isto é, antes da manifestação de 24, de que tanto receio mostravam os situacionistas.

[5] N.º de 30 de novembro de 1834.

[6] «Memoria» cit.

pode restar a minima duvida é que depois da visita ao Serrito, o presidente conseguiu informes que lhe esclareceram o espirito, quanto aos successos da fronteira, e connexos. Referindo-se a esse momento, a elle precisamente, Rodrigo Pontes observa que «a rebellião marchava a passos largos». Subito o percebeu o delegado da Côrte no Riogrande do sul? Parece resultar isto de um topico de outro escripto do tempo.

Como o «Recopilador» acoimasse de desleal o chefe do poder executivo da provincia, em revide o «Correio official» declarou: «O ex.mo snr. presidente não foi um traidor, mas sim foi traído». [1] Que pretendeu dizer Pedro Chaves? Perder-me-ia em conjecturas, se antecedentes, já exarados nesta obra, não me forçassem a persistir em teimosas pesquizas, que afim tiveram exito.

Consignei quaes foram as consequencias pacificadoras da chegada do coronel a Portoalegre, conforme noticia da imprensa opposicionista, mais tarde reproduzida no manifesto de 25 de setembro. Ramiro Barcellos, Assis Brazil, Alfredo Rodrigues repetiram, todos os tres, como um ecco, a falsa noção das cousas, vulgarisada pelo partidarismo. A verdade é outra e aqui a descobri numa carta particular de Francisco das Chagas Araujo, [2] do coronel Oliverio José Ortiz, um dos futuros revolucionarios de 20 de setembro: «É chegado á cidade Bento Gonçalves, mandado do Riogrande pelo presidente, para aquietar os animos dos partidistas. Elle chegou quando tudo já se achava em socego, e com a sua chegada os farroupilhas se exaltaram, estes o tem festejado, e obsequiado notavelmente; e o outro partido se tem retirado, de sorte que se elle não fôr prudente e rasoavel, a cousa se aproximará talvez a algum caso triste». O documento é suspeito, por ser do irmão de Araujo Ribeiro e pessoa de familia infensa aos liberaes? Não creio que ao menos activamente houvesse militado contra elles e a impressão que deixa a sua correspondencia é de que possuia uma natureza tranquilla e uma consciencia recta; mas, se quizerem impugnar o seu depoimento, como parcial e inseguro quanto aos daquella bandeira politica, ninguem poderá dizer o mesmo de Calvet e elle assim historiou os successos: «Tal era o estado da capital da provincia, nos ultimos dias de outubro do anno passado, [3] e a camara municipal se deu pressa a communical-o ao presidente, e a pedir-lhe que quanto antes viesse com sua presença pôr termo á desordem, que parecia imminente. O snr. Braga que via satisfeito approximar-se o dia de suas nupcias na villa do Riogrande, não poude distrair desse cuidado alguns momentos, ao menos, para responder á camara. Não foi pois ás suas providencias, mas sómente ao bom senso, e caracter sisudo dos habitantes desta cidade que se deveu o restabelecimento do socego publico, que por tantos dias pareceu compromettido. Lembrou-se todavia o snr. Braga de mandar-nos

---

[1] N.º de 20 de dezembro de 1834.
[2] De 12 de novembro de 1834. Meu archivo.
[3] 1834. Vide referencia anterior a seu folheto.

um delegado com cartas brancas para em seu nome dar todas as providencias que julgasse convenientes ao restabelecimento da ordem: medida tão inconstitucional, foi sem duvida pela primeira vez posta em pratica depois da queda de dom Pedro; mas por fortuna recaíu a escolha do commissionado no snr. Bento Gonçalves da Silva, que então commandava a fronteira do Riogrande. Militar intrepido, patriota assignalado, e geralmente respeitado, e querido na provincia, ao mesmo passo que era incapaz de abusar dos poderes, que tão illegalmente lhe conferira o presidente, ninguem melhor do que elle podia conseguir que se apaziguasse a desordem. *Quando porém chegou a esta cidade já a achou tranquilisada.* [1] e não teve necessidade de recorrer ás excellentissimas cartas brancas». «Apenas existiam, (continúa o dr. Calvet), certas animosidades, que convinha dissipar, e elle se propoz a conseguil-o, usando para esse fim de sua reconhecida prudencia, e do respeito e estima, que as pessoas de ambos os partidos lhe tributavam. Entretanto chegou tambem do Riogrande o presidente, e dando ouvidos ás apaixonadas reflexões de seu irmão se desviou absolutamente do caminho, que convinha trilhar, e lhe apontara o snr. Bento Gonçalves; e com a retirada deste para a fronteira se desvaneceram de todo as esperanças da projectada conciliação». [2]

Aqui se enganou redondamente o distincto continentista, em um ponto: não foi após o regresso á capital que Braga «deu ouvidos ás reflexões de seu irmão». Conviria em que este era um estouvado, mas arguto e perspicaz, e eu presumo que o pensamento de que andara enganado lhe penetrou no animo desde a cidade do Riogrande, — naturalmente por saber de qualquer cousa em que Bento Gonçalves, conforme os temores de Francisco das Chagas Araujo, se mostrou menos «prudente e rasoavel». [3]

Até então as accusações contra o seu graduadissimo correligionario nunca haviam logrado produzir a mais leve mossa na indefectivel confiança do dr. Braga. Coincidentes, nessa hora, as do irmão (relatando qualquer passo em falso, de Bento Gonçalves em

---

[1] Os gryphos são do auctor deste livro.

[2] Folheto cit., 6, 7.

Viu-se depois, já o notei (artigo de imprensa, de Bento Gonçalves contra Pedro Chaves), que este accusou aquelle de com a sua presença fomentar ou avultar a agitação existente na capital e que os auctores já citados dizem extincta pelo caudilho liberal.

[3] Eis o que ainda se me depara em apoio do que consta do texto, na «Memoria» de Rodrigo Pontes. Depois de affirmar que quando Braga mandou Bento Gonçalves já haviam serenado os animos na capital, ainda que persistissem os receios de que os conspiradores tentassem algo; que Pedro Boticario e outros tinham seguido para Santo Antonio com o fim de lançarem as raizes da Revolução; que as folhas affectavam menos descomedimento e que as reuniões suspeitas tinham cessado; escreve: «Mas, apenas se fez sentir a proxima influencia do coronel, volta logo a imprensa á costumada linguagem insultante e audaz: o presidente até então respeitado, foi desde logo amarrado ao pelourinho... O partido anarchista mostrou-se mais violento do que nunca».

Portoalegre), com o que o presidente leu de certo nas entrelinhas do embaidor officio já citado; o abalo devia ser grande e transformador das suas antigas convicções. Immediata providencia, expedida por elle, patenteia assaz a gravidade das circumstancias que se lhe desvendaram. Sabía das intimas e indestructiveis ligações de Bento Gonçalves com o padre Caldas, e não hesitou em determinar a expulsão do ex-deputado brazileiro, a 28 de outubro, [1] o que equivalia a um franco rompimento de hostilidades, e assim o interpretou aquelle coronel. Não consta outro nenhum acto do presidente, expedido do ponto em que se achava, a não ser esse; ora o manifesto de 25 de setembro declara expressamente que o dr. Braga «não tinha por certo em vista o bem da Patria quando levou *dés do Riogrande* [2] a confusão e a discordia em todos os angulos da provincia». [3]

Conhecidos os antecedentes, as relações de Bento Gonçalves com o padre Caldas e com o pachorrento dr. Braga, já em si a violenta medida contra o ardente revolucionario pernambucano tinha que ser tomada como uma perfeita declaração de guerra; quanto mais acompanhada a prova de má vontade, dos mais expressivos adminiculos! Com as vozes da aggressão ao precioso companheiro politico, chegavam á capital nada menos que estas desillusões: os tristes annuncios de que o presidente regressaria disposto a assignar a demissão dos adherentes do coronel que occupavam os primeiros postos nos varios commandos... [4] E eis o que explica a attitude do «Recopilador», que, chegado o dr. Braga, rompeu em opposição, sem tirte, nem guarte, — facto que absolutamente se não produziria, sem acquiescencia, melhor, sem a iniciativa, do chefe reconhecido e obedecido por todos os liberaes. [5]

A reacção contra estes foi immediata. A 17 de dezembro publicavam-se as demissões de João Francisco dos Santos [6] e Felisberto Fagundes de Sousa, chefes dos permanentes. [7] Seguiram as de

---

[1] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[2] O grypho é do auctor.

[3] O expulso era individuo tão indispensavel aos companheiros de conspiração, que tudo fizeram para resguardal-o das medidas governativas que havia muito o ameaçavam. Não só antes, como então foi desobedecida a ordem do presidente: esconderam o padre na casa da viuva F. Rolhano, sendo mister que Braga providenciasse a respeito ainda em 1835, a 23 de fevereiro, data em que reiterou a sua determinação, em officio ao juiz municipal do Serrito, em que lhe «recommenda toda a vigilancia e actividade, afim de capturar e expellir da provincia a José Antonio de Caldas». — Vide «Murmurios do Guahyba», n.° 4 de 1870, pag. 162. Meu archivo.

[4] «Recopilador», de 29 de novembro de 1834.

[5] É tambem a opinião de Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

[6] Este se tinha apressado a pedir a sua dispensa. «Recopilador» de 3 de dezembro.

[7] A conducta de ambos era tão claramente sediciosa, segundo Rodrigo Pontes, que indispensavel foi demittil-os. Bento Gonçalves quiz

João Manuel de Lima e Silva e José Mariano de Mattos, dos commandos dos seus respectivos corpos. O giro á retaguarda foi completo; viradas as costas aos velhos amigos, o governo nomeou para os postos cujo provimento cabia na sua alçada, só e só individuos de matiz ultra-conservador. Assim, para os permanentes foram designados, como 1.º e 2.º commandantes, os capitães José de Azevedo Sousa e Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, procedendo-se de igual sorte na orbita militar, como adiante ficará explicado.

Do commando da fronteira de Jaguarão havia sido arredado, a 30 de dezembro, como já expuz, o antigo titular do posto. A 2 de janeiro seguinte, Barreto explica em officio porque se resolvera a esse acto de energia e de auctoridade. «Ha muito pensava, diz elle ao presidente, ser preciso retirar Bento Gonçalves, mas com a derrota de Lavalleja em Trescruzes pensei adiar. Agora, porém, sei que Lavalleja, com cinco, entrara em Jaguarão, pelo passo do Minuano. Penso que o tenham acoutado em Jaguarão, assim como aos officiaes fugidos de Bagé e outros que do Riogrande evadiram-se para Jaguarão. Suspendi Bento, com permissão de ficar em sua casa de Camaquã». Em outro officio diz-lhe, depois, que informado de que a facção protectora de Lavalleja tentava seduzir com dinheiro as praças da Bahia, destacadas no Serrito, as removeu para Bagé, e que por urgencia extrema não o consultou previamente.[1] Assim termina: «Tenho deixado de falar a v. ex.ª do coronel Bento Gonçalves, esperando que o tempo fizesse conhecer a v. ex.ª e a toda a provincia as pessimas qualidades deste homem ambicioso, porém hoje permitta-me v. ex.ª dizer-lhe que o coronel Bento Gonçalves é o chefe da facção desorganisadora, e que lança mão de todos os meios para transformar a ordem.

---

aparar o golpe, induzindo Braga a nomear para o posto de 1.º commandante, o seu concunhado Manuel Antunes da Porciuncula. O presidente apparentou annuir, mas depois que o coronel, ao meio dia de 30 de novembro, embarcou para o sul, serviu-se de um pretexto para furtar-se ao compromisso e poz um sujeito de sua confiança pessoal, no lugar cubiçado para um dos conspiradores.

O pretexto foi o seguinte, segundo o «Recopilador», de 3 de dezembro: Braga deixou partir o coronel e disse a Antunes estava «disposto a nomear outro... visto que elle não se conservaria muito tempo» no posto. Qual o despeito e furia da opposição se pode vêr no modo porque a folha continúa e remata o editorial: «Eis aqui, brazileiros, um presidente sem palavra, faltando ao promettido!!! E como jámais merecer confiança, quem covarde e vilmente atraiçoa áquelle que tanto o tem defendido?!! Ás armas, brazileiros, estamos traídos...»

É um grito dalma sobremodo revelador, este, como tantos outros, do turbido periodo.

[1] É o facto de que se queixa Bento Gonçalves no manifesto de 25 de setembro: «Removeu-se da villa de Jaguarão para Bagé a companhia de caçadores que ali se achava por ordem da regencia, duplicando sem necessidade, nem motivo plausivel, as despezas, pelo custoso transporte de viveres, munições, e bagagem, a pontos tão distantes».

Não ha intriga de que se não sirva; houve tempo em que apresentava cartas com o nome de v. ex.ª e agora sei que mostra algumas. dizendo que são do regente Lima, e assim faz persuadir aos incautos que obra com a vontade do governo, e segundo suas insinuações; e como tem algum prestigio, adquirido com imposturas, não deixa de ser prejudicial». [1]

Em data de 10 de janeiro, o presidente communicou ao ministro da guerra, o que por si deliberara o marechal, repetindo as rasões que lhe tinha exposto Barreto «para proceder contra o indigitado pela sã opinião da provincia como o principal fautor de João Antonio Lavalleja», e accrescentando que essa mesma sã opinião reclamava esta «medida forte», de que nenhum mal pode resultar. [2]

Decididas ambas á resistencia, as duas mais graduadas auctoridades da provincia não se descuidaram, de ahi em diante, no providenciar quanto em uma e outra cabia, para annullarem o partido julgado perigoso á paz publica.

Como succede aos homens fracos, Braga, que, se vira o risco da outra banda, se houvera deixado guiar de todo por Bento Gonçalves: crendo que este representava a ameaça, entregou-se de corpo e alma aos corypheus do gremio que se oppunha ao coronel. Barreto, entre esses, dispoz logo de tudo como bem quiz e bem lhe pareceu. Consultava-o nos casos em que tinha precisão de sua acquiescencia ou assistencia; nos outros, agia por si, sollicitando depois o seu *placet*. Querendo montar nas posições o seu partido, foi já sem ouvir o dr. Braga que substituiu Bento Manuel, pelo tenente-coronel José Antonio Martins, inimigo capital do demittido e retrogrado de nota. [3] Sem o ouvir tambem, nomeou para o commando da fronteira do Serrito, o tenente-coronel João da Silva Tavares, o mais decidido antagonista dos farroupilhas, naquella zona do paiz. [4] Com o mesmo criterio agiu quanto á fronteira de

---

[1] Officio de 8 de março de 1835.

Ainda que inimigo tambem, Rodrigo Pontes era mais comedido e reconhece como sendo outra a origem do prestigio que tinha Bento Gonçalves: a dos serviços ao paiz. Tudo faz o auctor da «Memoria», para diminuir o coronel, sem nunca descer á escandalosa parcialidade de Barreto e antes confessando isto: «É certo que seu nome gosava de consideração, e influencia não vulgar».

[2] Em ulterior officio, de 4 de abril, reitera a sua approvação do acto de Barreto. A regencia, em officio a este, tambem o approvou, pedindo-lhe continuasse a evitar desgostos com os visinhos.

[3] Vide Bento Gonçalves, manifesto de 25 de setembro.

[4] A nomeação, em vez de pedida, foi communicada a Braga, approvando-a este, por acto de 13 de fevereiro de 1835, constante dos «Murmurios do Guahyba» (IV, 162, meu archivo). O presidente, em officio de 4 de abril, ao ministro da guerra, pede-lhe que por sua vez ratifique a escolha, mostrando-lhe ser isso muito necessario. Barreto a justificou, no seu papel, com a allegação de terem apparecido Lavalleja e muitos de seus partidarios, para o lado do Serrito.

Chuhy e Bagé, para as quaes foram designados os capitães Manuel Joaquim de Oliveira [1] e Francisco Fernandes Anjo, «talaveiras», [2] tendo o ultimo «como segundo» «o gallego-castelhano Mazarredo», conforme publicou indignado o «Recopilador». [3] Em pouco mais de dous mezes a «derrubada» estava completa!

Na imprensa, a reacção teve analoga rapidez e firmeza. Creou-se a 17 de dezembro o «Correio official», redigido pelos drs. Pedro Chaves, Manuel Antonio da Rocha Faria e Manuel Felizardo de Sousa e Mello, para enfrentar com os periodicos farroupilhas. Não só não lhes deu quartel, como disputou até mesmo a primazia entre elles, no ataque ferino e implacavel, em muitos casos injusto e calumnioso; acrimoniosamente alvejando Pedro Chaves, mais do que qualquer de seus collegas a uns e outros, ora com fundamento ora sem o ter, como se pode verificar em um exemplo. [4] O ardego polemista desconhece, em absoluto, nobreza de intenções, na generalidade dos adversarios, parecendo-lhe «que a sêde de empregos é quem move os influentes do partido liberal a censurarem os actos da primeira auctoridade» da provincia. Isto diz em remoques a dous delles, a que responde, aliaz com vantagem, o «Recopilador»: — «Limitamo-nos a mostrar a falsidade, proclama o periodico farroupilha: o snr. José de Paiva Magalhães Calvet, se tivesse sêde de empregos, não pediria sua demissão de procurador fiscal e nem resistiria ao pedido do snr. presidente, que o nomeou segunda vez para aquelle emprego: não resistiria á proposta que lhe fez para secretario da presidencia. É isto ter sêde a empregos? O snr. Marciano Pereira Ribeiro, cuja probidade e caracter jámais serão capazes de obscurecer os seus despresiveis e miseraveis emulos, no tempo do primeiro imperador, quando um membro de sua familia representava na scena politica e que delle dependeu por vezes os destinos do Brazil, nunca os aceitou, e muito menos os pediu, não obstante lhe terem sido por vezes offertados». [5]

Bento Gonçalves se pronunciou com virulencia contra a nomeação de Silva Tavares, effectuada (escreve elle no manifesto de 1835) «a despeito das instrucções da regencia, de 8 de março de 1834, sujeitando assim á nullidade, e malvadez deste homem perverso, um sem numero de chefes valentes e aguerridos».

[1] No «Recopilador» de 22 de abril, apparece uma representação dos guardas nacionaes da campanha do Chuhy, em que os mesmos atacam o capitão Oliveira, dando-o como fugitivo em tempo da guerra da Cisplatina e deshonesto.

[2] Alcunha que davam aos portuguezes. A folha tambem se refere a outro brazileiro adoptivo, o capitão Sebastião Rodrigues Dias, que assumiu o commando do regimento de Bento Gonçalves e que deteve interinamente o da fronteira, por pouco tempo.

[3] N.º de 31 de janeiro de 1835.

[4] Note-se que emprego aquelle adverbio, de accordo com TODAS as tradições, de ambos partidos, não pelo que vejo em os numeros que possuo, do «Correio», aliaz poucos. Salvo o adiante citado, nenhum se approxima da «acrimonia» patente nas folhas da opposição.

[5] «Recopilador», de 14 de janeiro.

Mais do que todos, Bento Gonçalves é quem foi, com especialidade, a victima de botes de violencia descabellada, só explicavel por via de minha anterior hypothese, isto é, de haverem chegado ao governo elementos de convicção, absolutamente comprometedores do predito militar. Só em face de circumstancias taes, é comprehensivel a furia descommunal da aggressão constante do numero de 7 de março,[1] que tamanho escandalo produziu e em que o brilhante servidor da Patria, honrado homem politico e particular, foi desabrida e asselvajadamente qualificado de «o salteador de Jaguarão !»[2]

Seja dito em abono da verdade, entretanto, que as folhas do gremio opposicionista não se comediam tambem, por vezes descendo a miserias como esta, nos achincalhes com que irritava o futuro barão de Quarahy: o «Recopilador», fazendo referencia a um mancebo de Hespanha parecido com Pedro Chaves, disse que bem possivel era que fôsse irmão, pois o conde dos Arcos havia estado em esse paiz, no quê, da maneira mais transparente, punha em duvida a legitimidade do nascimento do referido Pedro Chaves, e fazia uma imperdoavel e sangrenta allusão.[3]

Comprehende-se qual o desfecho de uma lucta assim começada. Dentro de pouco a sociedade estava irremissivelmente dividida em dous campos irreconciliaveis, que iriam ás mãos no primeiro ensejo. Este logo appareceu, porque ás medidas de natural cautela ordenadas pelo governo, responderam os conspiradores com outra que lhes garantiu uma positiva supremacia: arvoraram na capital e por toda a parte aonde foi preciso, uma franca situação de terror.[4]

A audacia dos combinados cresceu a um ponto que bem pode ser avaliado por episodio expressivo a que me vou referir. Como a guarda nacional quasi em sua totalidade pertencesse á opposição, o governo nem por sombras queria chamar a serviço nenhum dos corpos existentes, tratou de organisar outro, de cavallaria, com os milicianos que voluntariamente se lhe quizessem prestar. Segundo Rodrigo Pontes apresentaram-se a servir 80 dos inscriptos, que o dr. Braga, em officio para o Rio-de-janeiro, qualificou de «a melhor gente do batalhão de infantaria».[5] Considerada esta como uma «guarda pretoriana»,[6] os farroupilhas não na podiam vêr e a breve trecho davam mostra do temperamento que gerara entre elles a iniciativa do presidente. Indo a Viamão tres praças das que havia alistado, prepararam imediatamente aquelles uma espera,

---

[1] Meu archivo.

[2] O «Recopilador», n.º cit. por ultimo, affirma que os tres redactores do «Correio» bajulavam a Bento Gonçalves, detractando a Barreto, o que ainda apoia a conjectura formulada no texto.

[3] N.º de 11 de abril de 1835.

[4] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[5] Officio ao ministro da guerra, de 10 de janeiro de 1835.

[6] Manifesto de Bento Gonçalves, de 25 de setembro de 1835.

e, ao regressarem os guardas, os emboscados lhes saíram a caminho. Á redea solta fogem dous, mas o outro é apanhado: os liberaes não podiam deixar sem o devido premio a devoção que mostrara ao governo e lhe o deram acto contínuo, em pancadaria a valer. Ficou impune, este, como outros muitos attentados parecidos, que pouco depois se começaram a operar, dentro dos muros da propria capital e quasi todas as noutes, com grande enfraquecimento e desprestigio da administração da provincia.

Uma resenha do estado social de Bagé estereotypa o da generalidade dos centros de povoação do Riogrande do sul, e deixa patente que o rompimento declarado contra a auctoridade foi a 20 de setembro de 1835, mas que muito antes imperava uma franca desordem, rotos quasi em absoluto os laços de subordinação e dependencia. [1]

Desde 1833, affirma-me um contemporaneo, [2] o lugar estava em plena anarchia. Os portuguezes eram surrados em toda a parte onde eram vistos a geito, e as acommettidas e mortes eram constantes. Netto, então tenente de milicias, mantinha sempre comsigo, na chacara da familia, uns 30 homens de armas, que mandava ao burgo ostentosamente com ordem de fazerem o que bem lhe parecia, praticando o mesmo Pedro Marques e outros. Nas horas de exaltamento, os farroupilhas, reunidos em grupos, saíam para a rua, administrando «bolos e bacalhau», e, num destes alvorotos, até um magistrado de paz soffreu o affrontoso vexame. Este juiz, que era conhecido pelo cognome de Giloca, estava sentado á porta de sua casa, por uma tarde, quando passaram os faccionarios arregimentados em um dos bandos arruaceiros; viram-no, e sem hesitações, nem intimações, o agarraram e espancaram, a vergalho e palmatoria, ainda por cima constrangido o sujeito a passar o seguinte recibo: «Apanhei por meu gosto!»

A desenvoltura dos farroupilhas chegou por fim a esta desmarcada temeridade: um dia avançaram sobre o quartel da policia, que occupavam os dragões, sob o commando de um bravo e distincto official de linha, o já mencionado capitão Jorge de Mazarredo; e constrangido este, a fugir, para preservar-se de uma affronta, muitas das praças foram moídas a pau. Para restabelecer a ordem na localidade, voltou algum tempo depois o sobredito Mazarredo, á frente de um esquadrão de 50 outros dragões; o imperio que em Bagé exerciam os liberaes exaltados era, porém.

[1] Esse estado social desenha-o perfeitamente uma phrase, já cit. em italico, de carta de José Catalá, com data de 28 de junho de 1834, a Gabriel Antonio Pereira, a proposito do ataque a San-Servando.

Commentando a escandalosa protecção dos riograndenses, aos auctores do attentado, diz aquelle, em referencia a Rivera: «O presidente, porém, sem expôr um homem, podia extinguir os nossos inimigos do Continente e fazer que se destruissem mutuamente, se sabe aproveitar a inextinguivel discordia em que elles se acham». Vide «Correspondencia», do mencionado G. A. Pereira, I, 64.

[2] Tenente José Gomes Jardim. Notas em meu archivo.

tão completo, e tão grande a força de que dispunham na capella, que a tropa de linha não se animou a entrar senão encoberta com as sombras da noute e isto depois de saber, por um visinho, [1] que não se achavam ahi nem o tenente Netto, nem Pedro Marques!

Aestuat angusta rabies civilis arena. [2] Estua nesta estreita arena toda a raiva da guerra civil; o mesquinho *pagus* é o resumo da sociedade coeva: o espectaculo tinha semelhante feitio em todos os angulos da provincia. Um outro exemplo deixará mais que patente a expressa verdade historica.

Como remate do seu plano reaccionario, o commandante das armas sollicitara do presidente, a 27 de janeiro, a intervenção delle, para o immediato afastamento de José Mariano, patriota incançavel, que no seu novo posto continuava a trabalhar clandestinamente, qual fizera em Portoalegre. Denunciado por aquelle como pessoa pertencente ao partido que fomentava a anarchia, projectando a separação do Riogrande, dizia-o temivel, o marechal, porque alliava ao talento, um refinado dissimulo, habil sobremodo em promover desordens, sem que o verdadeiro auctor dellas apparecesse.

Pode ser que primasse no acautelar-se, sendo do exercito, como era; o certo, entretanto, é que se teve parte primacial nas barafundas do antigo presidio militar do Jacuhy, como affirma testimunha de vista, [3] não se escondeu com o refalsamento que lhe attribue o qualificado retrogrado, e ainda menos, muito menos, na historiada intentona de 24 de outubro de 1833.

Para a melhor comprehensão do que vai expor, nesta altura deve o chronista volver os olhos a successos de annos já passados, para iniciar o relato de episodios que se ainda não precipitam os acontecimentos, exacerbam sobremodo os animos, todos elles contribuindo para a cabal demonstração de que as imposições da tactica e da estrategia partidarias obrigam a dissimulos, mas não exautoram e antes prestigiam, os doutrinadores de 1832 e 1833.

O centro da agitação passa do Serrito a Portoalegre, depois ao Riopardo, volta á fronteira, para fixar-se definitivamente na capital da provincia. [4] Mas, a segunda villa citada, Riopardo,

---

[1] Padrasto do tenente Jardim, cujo depoimento reproduzo, sem alterações sensiveis.

[2] Lucano, «Pharsalia», VI.

[3] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

[4] Note-se bem que falo apenas em «centro» da agitação; esta fremia por toda a parte. Citei Bagé; no extremo opposto da provincia, em Torres, «o inspector do 1.° quarteirão da margem esquerda do Mampituba», por dous officios, o que mostra a urgencia de providencias, communicou a Braga existirem «reuniões armadas que alarmavam aquelle districto e impediam as communicações entre esta e a provincia de Santa Catharina». O presidente, por acto de 9 de janeiro de 1835, remetteu os ditos papeis ao juiz de paz respectivo, afim de que o mesmo désse os passos que convinha, em face de semelhante denuncia. Como continuassem as anormalidades, em 28 de fevereiro seguinte, expediu em officio ao juiz de paz

«quasi que se pode dizer que merece especial menção quanto aos movimentos que mais promoveram a Revolução, visto o exaltamento em que sempre se manteve o partido farroupilha, de que eram chefes o velho major Francisco Xavier do Amaral Sarmento Menna, os seus filhos alferes Sebastião Xavier do Amaral, tenente Francisco de Paula do Amaral, alferes José Maria do Amaral, e cadete Antonio Manuel do Amaral, o advogado Joaquim Candido Pinto de Castro, e outros muitos», -- escreveu-me um contemporaneo.[1] Em verdade, o exaltamento de que fala e de que já havia compromettedores indicios em 1829, breve se manifestava de novo, com uma vehemencia que iria crescendo de anno a anno e pesando alfim como uma das mais poderosas forças acceleratrizes do phenomeno insurreccional.

Nesse que mencionei, a 13 de setembro, voltou a occupar o seu quartel na villa, o 5.° regimento de cavallaria, corpo antes conhecido por dragões de Riopardo. Com a revolução de abril, dous annos depois, Felippe Betzbzé de Oliveira Nery, que o chefiava, vendo-se dispensado do commando, por ser portuguez; assentou residencia na villa, mais ligado, como é natural, aos elementos postos em ostracismo, por aquelle successo, do que com os outros, que com elle triumpharam, circumstancia esta que por um triz lhe não fez perder a vida. Pelo tempo de que falo, os liberaes se tinham já congregado nas «Sociedades defensoras da liberdade e independencia nacional»,[2] para de todo garantirem a sua victoria, e, na provincia, sobretudo para acabar com o predominio, ainda existente, dos amigos do principe desthronado e de todos os absolutistas.[3] No Riopardo, mais que que em nenhum outro sitio, o gremio não era só de preservação; era de defeza, e tambem de ataque, como se vai vêr pelo seguinte episódio, em que foi quasi victimado o sobredito tenente-coronel ou pessoa de sua familia. «Preparava-se» elle «para ir tomar conta da fazenda das Pederneiras, que havia arrendado, quando na noute de 20 de janeiro de 1832, estando na janella da casa em que residia, e a sala com visitas, encostaram-se á janella, montados em bons cavallos, Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna e Antonio Coelho

---

supplente de Torres, José da Silva Machado, uma portaria, para ser apresentada ao coronel Antonio Pinto e tenente-coronel Pedro Pinto, intimando aos mesmos, para que no praso de dez dias se retirassem para a capital ou para onde lhes conviesse, «por assim o pedir o socego e a tranquillidade dos habitantes desse districto». — Vide «Murmurios do Guahyba», IV, 161.

[1] João Luiz Gomes, Apontamentos.

[2] Inaugurou-se a primeira, na Côrte, a 10 de maio de 1831. Moreira de Azevedo, «Sociedades fundadas no Brazil», 296.

[3] A contribuição mensal em Riopardo era de 160 réis, pelo que «os caramurús a tratavam, por despreso, sociedade meia pataca». (Vide João Luiz Gomes, Apontamentos, no meu archivo). Entre socios, tinha o titulo, mui significativo, de «Junta de saude publica», segundo Alfredo Rodrigues. («Biographia de João Manuel», 18).

da Silva, professor da cadeira de latim, suspenso do emprego, por seu exaltamento; e desfecharam um tiro de pistola, indo a bala cravar-se na parede, entre duas mangas de vidro, nas quaes se achava brincando com as mãosinhas, um pequeno filho do tenente-coronel, que ali estava, no colo de uma senhora». [1]

Tudo indica que a «Sociedade defensora» attribuiu o castigo imposto a seu correligionario, a interferencias de Felipe Nery, estreitamente vinculado aos absolutistas, influentes na capital da provincia, e para vingal-o e impedir, por meio do terror, novos ataques a pessoas de seu gremio, resolveu e fez pôr em pratica o attentado, que «muito alarmou o povo» da localidade, [2] seguindo-se a essa, outras «provocações» do «partido farroupilha». [3]

Este arregimentara-se para a lucta, qual observei, e attendendo á necessidade de evitar perigosas confusões, como a de classificar ás claras os elementos politicos; tinha vulgarisado no Rio-de-janeiro o uso quotidiano de um tope. O pacato e grave orgam de Evaristo da Veiga, até mesmo esse, não se dedignou de fomentar a pratica discriminadora, que acabava com a hypocrisia, mui commum em epocas arriscadas. No Riopardo os liberaes foram mais longe; o signal á botoeira ou na copa do chapéu, fixava-o ou o retirava facilmente, a prestimania ageitadora dos dulcamaras ou «malacaras», como os intitularia, depois, um moço do tempo, que os dotes de intelligencia ergueram até o ministerio, sob a Republica. [4] A «Defensora» votou que seus membros trouxessem um uniforme: sobrecasaca de panno côr de rapé, com a gola de velludo verde, completo o vestuario por uma flammante gravata amarella, com debruns esmeraldinos. Rodrigo Pontes envergou o ostentoso fato, ou outro que talvez parecesse ainda mais nacionalista, de que adiante se falará; e como era o juiz de direito da comarca, tiveram-se, os compartes na sociedade, por mais seguros com o seu apoio, explicito por essa fórma, como por outras publicas manifestações, interpretadas como pronunciamentos solidarios. [5] Assim foi que a revôlta mocidade liberal destemerosa entrou no terreno das provocações e aggressões.

Reuniam-se á noute, sempre á frente dos rapazes um destemido ex-soldado do 5.° regimento, que morreu coronel depois da guerra do Paraguay e foi um famoso capitão da Republica: José

[1] Apontamentos de João Luiz Gomes.
[2] Idem, idem.
[3] Idem, idem.
[4] Antonio Vicente da Fontoura.
[5] O juiz de direito com o tempo se uniu de todo aos caramurús, deixando os liberaes, cujas folhas disseminaram versões desabonadoras do caracter de Rodrigo Pontes. Não julgo necessario recorrer a tal genero de supposições para explicar a sua reviravolta. Penso que, como tantos outros homens de idéas moderadas, recuou quando viu a celere marcha dos seus correligionarios para o desconhecido. Não sei, aliaz, se o calumniavam, como elle, apaixonado depois, calumniou aos antigos companheiros politicos. Vide nota no appendice.

do Amaral Ferrador. Dominavam nas ruas, procurando rixas, e, se acaso escapavam de tremendas exemplificações as costellas dos portuguezes (odiados como dinheirosos protectores da causa restauradora), que cerravam espavoridos as suas portas; o golpe não falhava de todo: nas vidraças, os magotes desordeiros se vingavam da cautela havida com a sua approximação, estilhaçadas aquellas de alto a baixo, com estrondo e vozearias. Ardente, a juventude treinava-se; na minuscula guerrilha era adestrada a coragem, para as grandes campanhas sobrevindouras.

Natural é que houvesse reacção, pois contribuia «a febre partidaria a arrastar as duas parcialidades». No principio, todavia, a desforra dos acommettidos não passava da que consta em uma pagina de Assis Brazil: «Mimoseavam-se os adversarios reciprocamente com a linguagem mais desbragada. Qual primava em inventar epithetos deprimentes, appellidos despresiveis e insultuosos para applicar ao seu inimigo. Os exaltados chamavam aos retrogrados — galegos, caramurús (homens de fogo, isto é, da tyrannia militar), *restauradores*, *absolutistas*, *escravos do duque de Bragança*, *corcundas*, *camellos*, *carimbotos*, etc.; ao passo que os que recebiam estas denominações pagavam-nas com outras não mais lisonjeiras, como — *farroupilhas*, *farrapos*, *anarchistas*, *pés de cabra* (alludindo á mestiçagem dalguns filhos do paiz), donde vem a celebre parodia á *Brava gente brazileira*,

> Cabra gente brazileira,
> Descendente de Guiné!
> Trocaram as cinco chagas,
> Pelo fumo e o café,

e ainda a quadra *Já podeis, filhos da patria*, etc., que foi transformada em versos indecentes. Uma destas allusões fizeram ao vivo alguns portuguezes e restauradores do Riopardo, apresentando no sabbado de alleluia de 1835 algumas figuras de Judas erguidas em altos postes e ornadas de cornos e pés de cabra. Um mulato escravo, que vociferava pela manhã diante de uma dessas figuras allusivas, insultando os seus auctores, foi inopinadamente abatido por um tiro de espingarda que partira da casa fronteira. Espalhou-se grande commoção pela villa. Começaram as recriminações, e por pouco se não feriram conflictos á viva força». [1]

O episodio não é de 1835 (evidente o anachronismo), sim de 1833. Tenho por inseguro o relato quanto á morte do infeliz homem de côr: não é curial que as justas e indignadas vozes do mulato provocassem a absurda reacção homicida. Ha versões mais rasoaveis e a que exporei me merece inteiro credito. [2]

Pela madrugada, alguns portuguezes, reunidos em frente á casa de um delles, pregavam no mastro de estylo, o injurioso arte-

---

[1] Pag. 69, 70, 71.
[2] João Luiz Gomes, Apontamentos.

facto, quando foram surprehendidos pelos vigilantes farroupilhas, seguidos de seus escravos. O grupo que chegava foi de bengala em punho, sobre os imprudentes estranjeiros, que velozes se metteram portas a dentro e trataram de repellir os assaltantes, a tiro de pistola, indo uma bala ferir de morte o mestiço a que se refere Assis Brazil.

Pedro, era o seu nome, teve enterro feito a expensas da «Sociedade defensora», que compareceu á solemnidade, encorporada e uniformisada. Os portuguezes, auctores de uma brincadeira de terriveis consequencias, fugiram para Montevidéo, afim de escapar ao processo e á desforra dos liberaes. Mas, estes, nem por isso se aquietaram, pagando pelos profugos, os compatriotas que haviam ficado na terra ou os absolutistas, seus alliados: continuaram as correrias, os desacatos, os signaes precursores de commoção maior, aliaz esperada em todas as noutes de festa nacional, em que os ajuntamentos geravam desconfianças e tornavam possivel o que sussurravam as mil boccas de fama: que «appareceria a Revolução», de quando em quando vaticinada.[1]

O exaltamento subira a nível realmente ameaçador. O juiz de paz da villa, coronel Francisco Antonio de Borba (pessoa respeitavel[2] e tio dos jovens Amaraes, os agitadores farroupilhas de mais nota), a bem de manter a ordem, nesses abrazados serões em que o minimo fogo podia incendiar os rastilhos da carregada mina; punha-se a cavallo, á testa de alguns cidadãos de boa vontade, distribuindo igualmente fortes piquetes de cavallaria, emquanto houve destacamento dessa arma, na convulsa localidade.

Nada trazia a calma, entretanto. A um motivo de alarma, seguia outro.

«A 3 de maio de 1833, estando aberta a igreja do Senhor-dos-passos, por ser vespera da sua festividade, o velho sargento-mór José Joaquim de Figueiredo Neves[3] tratava de obter esmolas dos concorrentes á festividade, e dirigindo-se ao tenente Manuel Luiz Osorio, disse-lhe — oh, snr. Osorio, vosmecê que vem aqui só para ver as moças, dê-me uma esmola para o Senhor-dos-passos; ao que Osorio, mettendo ũa mão no bolso, disse-lhe, — só se quizer isto, — apresentando-lhe alguns cartuxos embalados. Sendo Osorio um dos officiaes que protegiam o partido farroupilha, que propalava a Revolução para essa noute, causou o procedimento delle grande alarma no povo, que suppoz certa a noticia, «apesar da actividade em que andava o juiz de paz, o referido coronel Francisco Antonio de Borba».[4] O governo impressionou-se tambem com os boatos correntes e decidiu tomar algumas providencias acauteladoras. «Não se demorou muito o regimento em Riopardo, sendo

---

[1] Idem, idem.

[2] Idem, idem.

[3] Mineiro. É a pessoa de quem fala Saint-Hilaire, na «Voyage a Rio-grande do sul», 459, 460.

[4] João Luiz Gomes, Apontamentos.

mudado para Bagé, visto que alguns de seus officiaes estavam muito harmonisados com o partido farroupilha. Para o Riopardo foi mandado o 1.º regimento de artilharia montada. Em fins de outubro de 1834 chegou o 8.º batalhão de caçadores, em viagem para Samborja». [1]

Este corpo era quasi totalmente do partido «exaltado», muito contribuindo a sua estadia no lugar, para incremento da furia revolucionaria que o abalava. Em novembro marchou para o seu destino; em compensação permanecia o corpo de artilheiros, provido de poucas praças, mas com officiaes como Alpoim, e, sobretudo como José Mariano, que valia uma legião.

Historiados estes antecedentes, posso agora proseguir, retomando, onde a interrompera, a ordem da narrativa. O fogoso major, a quem coube o commando da guarnição, logo depois de chegado movia mais do que ninguem á «Sociedade defensora». Foi de certo devido ás suas inspirações o accordo em que entrou o «*club*», de avultar os tumultos, promovendo-se o de 28 de janeiro, que assumiu as proporções de serio conflicto, capitulado em má hora, de sedição, pelas auctoridades provinciaes. [2]

Segundo o «Recopilador», deu motivo á desordem do mencionado dia 28, o facto de applicarem «sova mestra em Francisco de Azevedo Lima, portuguez que insultava os nacionaes». [3] Relatos de outra procedencia contam que houve mais do que isso. Conforme o que se concertava na sociedade liberal, saíram alguns á rua soltando foguetes, para attrair o povo. [4] Formou-se logo bom concurso delle e a villa foi «theatro de scenas de sangue, de turbulencia e de inauditos desacatos. Um grupo de homens armados, tendo á sua frente um fulano Amaral, capataz de um sr. F. Macedo, percorreu a rua de Santo Angelo desta villa, levantando gritos sediciosos de — *morram os chumbos, fóra os galegos, morram os traidores!* e invadindo as casas dos adoptivos esbordoavam-nos: um destes [5] teria sido victimado se não fugisse para a casa do juiz de paz, Antonio Simões Pires, cidadão muito respeitavel por seu caracter e avançada idade, que abrigou o foragido, e saíu a acalmar os desordeiros.

Depois de dispersos, os turbulentos reuniram-se de novo, em maior numero, e continuaram em seus desacatos: travaram varios conflictos, sendo em um delles ferido o juiz municipal daquella villa. O numero dos sediciosos subia a quarenta e tantos individuos, de todas as classes e condições.

Este tumulto foi attribuido ao major José Mariano de Mattos, porém, davam parte distincta nelle aos snrs. Amaral, Orlando,

[1] Idem, idem. Creio haver engano, quanto á epoca da chegada do 8.º, pois, segundo o «Noticiador», de 31 de julho, o corpo «saíu de Portoalegre em junho».

[2] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[3] N.º de 11 de março de 1835.

[4] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.

[5] O já mencionado Francisco de Azevedo Lima.

Simeão, Muniz, e a um official de artilharia, de nome Alpoim. Toda a noute vagaram pelas ruas os amotinadores, pondo a villa na maior consternação e sobresalto». [1]

«No dia seguinte» [2] o juiz de direito, dr. Rodrigos Pontes, como a guarda municipal constava de 8 ou 10 praças, [3] «reuniu alguns cidadãos em sua casa para concertarem nos meios de evitar as sovas», encarregando do commando da policia o tenente João da Silva Barbosa. [4] A designação foi infeliz, porque devia conter os «exaltados» quem se distinguira entre elles na instigação e pratica dos espancamentos em adversarios, bandeando-se depois para estes, por descobrir, dizia, [5] os designios de seus confrades, cujo odio ao tenente se adivinha sem difficuldade. Não era menor a sanha de Silva Barbosa, vendo-se injuriado com os apodos de intrigante, traidor, espião do marechal Barreto, e, senhor da força que se havia improvisado, immediatamente procedeu a varias prisões. Não se limitou a isso: affirmam que fez diversas tropelias, não consentindo gente agrupada, nem mesmo dentro das casas de negocio. [6] Os liberaes, «reunidos novamente, foram em maior numero á casa do juiz de paz exigir-lhe a soltura de seus companheiros que haviam sido presos nas noutes antecedentes, conseguindo depois de viva contestação a liberdade» de dous implicados no motim. [7]

Em a noute de 30, o cadete Antonio Manuel do Amaral Sarmento Menna apresenta-se armado ao juiz de paz, afim de contribuir para o mantenimento da ordem. O energumeno tenente Silva Barbosa sabe-o, vem com um sequito de 20 dos seus á casa do magistrado, e, em vez de approvar a attitude do moço, manifesta a sua extranheza. Altercam ambos, sem chegar a um accordo, dando o segundo voz de prisão ao primeiro e tomando-lhe o braço. Rapido como o raio e com energia destinada a heroicas facções, arranca de uma pistola Antonio Manuel, põe-na ao peito do commandante de policia, com o quê o força a immediato recuo e vergonhosa desistencia. [8]

«Entretanto que estes factos occorriam, a indignação popular tinha chegado ao auge». [9] Mais de 80 cidadãos se dirigiram ao juiz de direito, para pedir-lhe a demissão do tenente, — armados todos, como os outros tambem estavam, publica o «Recopilador», [10] que continúa e faz como segue o historico dos successos.

Defrontavam a casa de Rodrigo Pontes, quando appareceu Silva Barbosa, á frente de 12 ou 14, de cavallaria, depois de postar outras

---

[1] «Murmurios do Guahyba», IV, 161.
[2] Idem, idem.
[3] Rodrigo Pontes, «Memoria» cit.
[4] Pertencia ao 2.° regimento. Estava no lugar, com parte de doente.
[5] Rodrigo Pontes, «Memoria».
[6] «Recopilador», n.° cit.
[7] «Murmurios do Guahyba», IV, 162.
[8] «Recopilador», n.° cit.
[9] Idem, idem.
[10] Idem, idem.

12 praças em sitio proximo. Espada á dextra, o tenente dirigiu-se ao povo, procedendo ás prévias intimações da lei para que se dispersasse, no que não foi attendido, bradando ahi aos seus, a ordem de avançar; nisto acompanhado pelo marechal João de Deus Menna Barreto, diz a folha dos liberaes. Segundo ella, porém, não conseguiram nunca reunir para o ataque, nem mesmo uns 30 homens, quando os peticionarios subiam a mais de 100. [1] Estes não se retiraram. Com o juiz de paz á frente, esperavam as determinações do juiz de direito, e «estavam promptos a repellir a força com a força». Insistia o tenente e resistiam os populares, quando o «benemerito tenente-coronel Francisco Xavier do Amaral Sarmento Menna», depois de notificar a Silva Barbosa a indisposição que ha muito havia contra elle», entendeu-se com o mesmo e em acto continuo «voltou-se para os peticionarios e disse em voz alta que afiançava que naquella noute o sr. João da Silva Barbosa não era capaz de commetter o menor insulto contra pessoa alguma; que isto mesmo lhe certificara aquelle tenente, por sua palavra de honra; que esperava, portanto, e rogava aos srs. peticionarios, que se retirassem em boa ordem e no outro dia apresentariam ao juiz de direito a sua representação contra o referido tenente». Annuiram, dispersando-se todos, em socego e contentes. [2]

Fôra uma inspiração das mais felizes, a de Francisco Xavier do Amaral, porque, de facto, a não se usar desse expediente, o furor dos dous grupos, «ia fazer nadar as ruas em sangue». [3]

A 31, o concurso dos liberaes avultava, com a chegada dos cidadãos dos districtos do Couto e Cruzalta. Nesse dia foi uma deputação de vinte pessoas sollicitar ao juiz de paz Antonio Simões Pires, acompanhasse o povo á casa do juiz de direito, para o fim lembrado pelo apaziguador das duas facções. Apresentada a representação, que foi assignada por 89 municipes, Rodrigo Pontes mostrou-se de accordo com o que lhe requeriam; substituiu Silva Barbosa por Agostinho Antonio de Mello e Albuquerque, «depois famoso entre os rebeldes», [4] e para evitar novos attrictos entre

---

[1] Silva Barbosa tinha reunido 80 homens, segundo a narrativa dos «Murmurios do Guahyba» (IV, 162), e creio seja este numero mais exacto do que o do «Recopilador», conhecidos como são os elementos retrogrados que existiam no Riopardo, apesar de cidade muito liberal.

Nos seus Apontamentos diz João Luiz Gomes que a escolha de Silva Barbosa «exacerbou» o partido farroupilha, «que na noute de 30 de janeiro de 1835 reuniu-se, armado, sob as ordens do referido velho tenente-coronel Amaral, e seus filhos, e marchou em direcção á casa do dr. juiz de direito, a pedir a demissão do dito tenente João da Silva Barbosa; porém este reunindo os cidadãos que poude, foi encontrar os Amaraes, e seu partido, na frente da mesma casa do dr. juiz de direito, e dahi, depois dos muitos insultos e ameaças que houveram, se separaram sem o menor conflicto, apesar de se terem achado frente a frente, *de 250 a 300 homens de ambos os partidos*». Os gryphos são do auctor.

[2] «Recopilador», n.º cit.

[3] Idem, idem.

[4] Rodrigo Pontes, «Memoria».

cidadãos armados, de um e outro bando, requisitou para a capital, uma força de linha com que se fizesse o policiamento, dispensando-se por esta fórma os paizanos reunidos. O presidente attendeu com presteza, expedindo ordem para que seguissem de S. Gabriel para o Riopardo, 20 praças do 3.° regimento de cavallaria, e nomeou o capitão José Ferreira de Azevedo, do 1.° corpo de artilharia, para o commando que occupava o truculento e aborrecido Silva Barbosa.

O prudente magistrado, comprehendendo a delicada situação em que se achava, alvitrou ser de conveniencia «lançar um véu sobre o passado», [1] o que disse com algumas serenas palavras de conselho, quando o povo foi á sua presença. Disse, e agiu com muita circumspecção, ainda após os successos; favorecidos, aliaz, os seus conciliatorios intuitos, pelas circumstancias, porquanto veiu a receber um officio em que o juiz de paz lhe assegurava que o povo se reunira sem armas, e apenas para usar do direito de petição e queixa contra Silva Barbosa.

Não havia, pois, base alguma para procedimento criminal, escreveu muito depois o mencionado Rodrigo Pontes. [2] Os legalistas extremados, porém, ou por odio faccionario ou por inscientes dos termos da dita communicação do magistrado popular, declaravam o contrario do que esta continha, abrindo o peito em clamores contra aquella auctoridade judiciaria, que evitava a devassa por elles reputada indispensavel. Para eximir-se de censura, o juiz de direito enviou um relatorio imparcial dos acontecimentos ao presidente da provincia. [3]

Recebido este, o dr. Braga mostrou-se em desharmonia com o pensar nelle expresso, mandando abrir uma syndicancia pelo chefe de policia, o qual, em conformidade com o criterio governativo, «fez instaurar os respectivos processos, prendendo a diversos indigitados». [4] Com isto rugiram de colera os liberaes, colera sem limites, que imputava á idéa de uma perseguição atroz, a attitude dos representantes do poder publico. É de crer que se não inspirasse o governo provincial unicamente no desejo de opprimir de caso pensado os adversarios; é de crer houvesse tido informes de que o juiz de paz encobrira a verdade, quanto a armas, [5] e de que o juiz de direito, baseado no que aquelle dizia, fechara os olhos a tudo: mas indisputavelmente se prevaleceu do ensejo e se deixou guiar por deplorabilissima inspiração, pretendendo prestigiar-se, com o impor um excessivo e sobretudo inopportuno castigo, em caso que mais reclamava esquecimento e futuras cautelas, do que imprudente e provocadora severidade. Aberta

[1] «Recopilador», n.° cit.
[2] Vide sua «Memoria», até hoje inedita.
[3] Idem, idem.
[4] «Murmurios do Guahyba», IV, 162.
[5] Veja-se em nota anterior o que affirma João Luiz Gomes, coevo dos factos.

a devassa, resultaram compromettidas muitas pessoas das principaes familias da localidade, além de militares de grande prestigio, qual José Mariano e Alpoim.

Como era de prever, em vez de cessarem, os alvorotos e dissensões tomaram vulto: «rara era a noute em que não se registrassem desacatos reciprocos entre cidadãos de um e outro partido».[1] Por vezes mais eram do que isso, ficando patente em alguns incidentes a disposição assanhada dos animos, que não hesitavam em ir ás do cabo e em eliminar com o bacamarte os contrarios politicos incommodativos ou perigosos. O primeiro destes terriveis exemplos occorreu na cidade do Riogrande, onde pela noute de 3 de outubro de 1833 foi assassinado um brazileiro adoptivo, o padre patriota Bernardo José Viegas,[2] sobre cuja morte, assim discorria a «Aurora fluminense»: «Segundo Badaró tingiu pois a nossa terra com o seu sangue, perdendo a vida pela defeza da liberdade deste paiz, sem aqui haver nascido. O tiro, as sombras da noute, o braço de um assassino alugado, são os recursos dos *braços da retrogradação.* O Brazil aprenda a conhecer por todos os seus feitos esta facção traiçoeira e feroz».[3] Os attentados continuaram em 1834, por fortuna com um falho resultado. Segundo versão liberal, Camamú peitou um sujeito, para o assassinio de Pedro Boticario, mas, o mandatario do visconde, após a recepção da paga, negou-se a praticar o crime, denunciando-lhe o intento.[4] Mais tarde, a 29 de dezembro, ás onze horas da noute, deu-se o facto, que tanto ruido produziu, do tiro contra Sylvano.[5]

Contestam alguns a realidade do ultimo attentado;[6] serviu, entretanto, para o augmento das queixas e protestos de represalia e vingança. Tragico successo demonstrava dentro em pouco, que os farroupilhas se tinham disposto a usar do mesmo processo, com o exemplo que segundo elles, lhes vinha dos grandes senhores da provincia e com o que o fanatismo politico encontrava alhures.

«Foi justamente na occasião em que mais superexcitada se achava a população daquella villa, que o governo da provincia resolveu mandar activar os processos que estavam instaurados contra os liberaes implicados nos motins de janeiro, a maioria delles membros da *Sociedade defensora da independencia e da liberdade.* Entre os processados estava o major José Mariano de Mattos, commandante da guarnição de artilharia. A *Sociedade defensora* se havia organisado principalmente pelos esforços da familia Amaral e seu fim principal era combater o partido retrogrado e oppor-se á *Sociedade militar.*

Os processos relativos aos motins de janeiro, envolvendo apenas

---

[1] Ramiro Barcellos, 17.
[2] «Noticiador», de 10 de outubro de 1833.
[3] Idem, de 21 de dezembro seguinte.
[4] Vide narrativa, de Codro, attribuida a Manuel Ruedas.
[5] «Recopilador», de 31 de janeiro de 1835.
[6] Rodrigo Pontes é um desses. Vide sua «Memoria».

cidadãos da parcialidade liberal, estiveram até então sem seguimento, devido á prudencia do juiz de direito dr. Rodrigo Pontes, que aliaz era dos *moderados*. Não querendo nenhum dos juizes supplentes se prestar á execução das ordens do governo afim de que proseguissem os processos, empenharam-se os mais exaltados do partido retrogrado com o seu correligionario Casemiro de Vasconcellos Cirne para que assumisse a supplencia que lhe competia». [1]

Os retrogrados tinham motivos para confiar nesse companheiro politico, affirmam tradições fixadas por uma folha contemporanea. Segundo o que estampa, tal era o seu ardor politico, que vindo a Portoalegre, por 1828, immediatamente reembarcara, deixando a canoa de tolda em Santo Amaro e seguindo a cavallo, para Riopardo, afim de contribuir ahi para a fraude que devia dar a victoria, ás listas dos designados pelos agentes de Pedro I, que foram conduzidas pelo proprio Cirne. E não sómente se refere a publicação, aos serviços assim prestados por este «á causa anti-nacional», como affirma que alardeava os seus sentimentos, manifestando-se contrario aos homens livres da provincia. [3] Ora, fôsse por obedecer ás tendencias que mencionei ou por satisfazer a pedido dos amigos, Cirne accedeu, e, apenas «empossado do cargo», «deu andamento aos processos». [4]

Sciente de sua determinação de «cumprir á risca as ordens do governo», [5] a «Sociedade defensora» agiu immediatamente, nomeando um de seus associados, para que fôsse persuadir a Cirne, que sustasse o andamento do feito. O escolhido foi Ricardo Antonio de Mello, [6] que a 24 de abril se apresentou com a precisa solemnidade na casa do juiz, dando-lhe parte da grave commissão de que estava incumbido. Firme como um rochedo batido por teimosa vaga, o digno fluminense manteve-se inabalavel. Não cedeu: as intimações, como as rogativas, produziram o mesmo nullo effeito sobre a sua «obstinada coragem». [7]

Retira-se o emissario e com a rapidez de um lance de theatro, a casa é immediatamente posta em cerco. Ás nove da noute, [8] estalam as portas, arrombadas por 20 homens, [9] que surgem no interior, todos de branco, occultas as cabeças em barretes de baeta verde, com abas dispostas á guiza de mascara, que occultam os

---

[1] «Recopilador», de 31 de janeiro de 1835.
[2] Ramiro Barcellos, 17.
[3] «Recopilador», de 12 de agosto de 1835.
[4] Ramiro Barcellos, 17, 18.
[5] Idem, idem.
[6] Rodrigo Pontes, «Memoria».
[7] Ramiro Barcellos, 18.
[8] João Luiz Gomes (Apontamentos) diz que eram sete para oito horas. Acho a que dá Rodrigo Pontes mais propria para a empreza e por isso é a que fixo no texto.
[9] João Luiz Gomes affirma que eram «12 a 15 os individuos disfarçados».

traços physionomicos dos invasores. Senhores da sala em que se achava Cirne, com a esposa e doze filhas, os embuçados se alinham em frente do magistrado, depois do quê tres avançam contra elle e intimam-no a fazer a immediata entrega dos varios processos.[1] Resistiu bravamente o notificado, que se não deixou espavorir com a extranheza do sinistro espectaculo, nem se commoveu ante os canos das pistolas engatilhadas, que os desconhecidos apontavam para o seu peito. «Conta-se que nessa occasião uma filha do animoso juiz de paz acercara-se do que parecia ser o chefe do bando, e arrancara-lhe a mascara com uma coragem que não era de esperar no seu sexo!»[2] Conta-se igualmente que uma irmã desta joven se precipitou sobre o pescoço de outro dos encobertos, cravando-lhe as unhas, com desespero, na garganta, e quasi asfixiando-o. «Ao mesmo tempo, Cirne, que tambem estava armado, dispara a sua pistola contra esse individuo (o que parecia ser o chefe), arrancando a bala a ultima phalange dum dedo da mão deste». Seguramente os combinados esperavam tudo obter com o terror: o descobrir-se a face de um, pessoa qualificada do lugar, a marca imposta em um outro pelo «infeliz e intrepido retrogrado»;[4] circumstancias foram que determinaram o seu total sacrificio, e os tres que tinham ido sobre elle, de prompto o acabaram, em meio da inditosa familia consternada.[5]

Unanimes, os elementos conservadores da provincia imputaram a responsabilidade da tragedia aos mais conhecidos farroupilhas do Riopardo. Por sua parte, attribuiam elles parecidos ou mais graves attentados aos situacionistas. Paulo Alano,[6] publicavam, vive «a roubar e matar».[7] Com isto, divulgam em grande alarde que os liberaes «gemem» ante «atrocidades que pungem o coração» e que diziam praticadas por um dos braços fortes do governo, a quem odiavam tanto como a Silva Barbosa, porque tam-

---

[1] João Luiz Gomes, cit. Apontamentos. «Mestre barbeiro», de 9 de maio de 1835, collecção em meu archivo.

[2] Assis Brazil, 71.

[3] Idem, idem.

[4] Idem, 72.

[5] João Luiz Gomes, Apontamentos cit. Este contemporaneo explica de outra maneira as circumstancias occasionadoras do terrivel desfecho do acontecimento. Segundo elle, os individuos mascarados tomaram conta do fundo da residencia do juiz, penetrando tres na casa de jantar, onde se achava a familia, e ficando os outros á entrada. Aquelles, «como que brincando», invadiram a sala que occupava a pessoa procurada, com a qual se atracaram, e, envoltos na lucta, passaram os quatro a um aposento immediato; o que visto pelos que estavam de guarda á porta, originou deploravel e funesto alarma. Um delles «assustou-se» e fez fogo sobre o juiz, indo a bala quebrar o braço de um dos aggressores e cortar o dedo de outro, «com o que se retiraram todos, deixando o juiz morto a punhaladas».

[6] Ex-juiz ordinario de Santo Antonio e cabecilha retrogrado no lugar.

[7] «Ecco portoalegrense», n.º 95 de 1834. «Recopilador», n.º de 14 de janeiro do anno seguinte.

bem fôra, como este, um alliado ou correligionario, tempos antes: João da Silva Tavares, que o «Recopilador» qualifica de «sanguinario e feroz».[1]

Difficil apurar a verdade a esta distancia.[2] Do que não ha duvida quanto ao ultimo, é que se preparava para ser o que de facto foi, nesse momento da vida nacional: um dos mais poderosos baluartes do Imperio, em tudo muito semelhante a um daquelles famosos *chouans*, que oppuzeram os rijos peitos á Republica, — bravos, fieis, inquebrantaveis — nas brenhas da Vandéa.

«Principiou elle a sua carreira militar, sentando praça de soldado em um corpo de 2.ª linha, na campanha a que deu começo o general Carlos Frederico Lecor, depois visconde de Laguna. Por sua coragem e merecimentos subiu ao posto de capitão, passando pelos de furriel, sargento, alferes e tenente, em todos os quaes cumpriu sempre os seus deveres, serviu sem mancha e bem antes com louvor de seus superiores e admiração de seus camaradas».[3] Creadas as magistraturas populares, depois de abril, foi eleito juiz de paz, no Herval, onde gosava de influencia politica e onde seus companheiros de guarda nacional o designaram para os postos de major e tenente coronel.[4]

Já fiz referencia a seu nome, em successos que se relacionam com as aventuras militares do illustre Lavalleja e tenho por averiguado que ainda em 1834 tomava parte no favor geral dispensado a este. De repente, mudou de rumo, supponde eu que por motivo constante de um documento existente no archivo da familia do futuro visconde de Serro-Alegre. Segundo esse papel, convidado por Bento Gonçalves para a Revolução, terminantemente recusou-lhe o seu valioso apoio; affirmando-se, entretanto, que apesar de divergentes, continuaram amigos.[5]

Não sei dizel-o, por minha parte. Se assim foi, a cordialidade pouco durou, pois Silva Tavares, já no proprio anno citado, de 1834, figura entre os que mais hostilisavam culminante individualidade do circulo intimo daquelle militar e que constituia como que outra metade delle mesmo, por esse tempo: o padre Caldas. Nomeado para um cargo no pretorio do Serrito, o de juiz de orphams, o tenente-coronel em publico e raso protestou contra a investidura

---

[1] N.º de 23 de maio de 1835.

[2] «Biographia» publicada no «Jornal do commercio» de 4 de janeiro de 1837, e manuscriptos da familia Silva Tavares, os «Apontamentos de 1835» e os «Feitos e serviços prestados na Revolução da provincia do Riogrande do sul, pelo visconde de Serro Alegre» («Almanak», XXI, 3 a 23), apresentam alguns dos attentados deste, que estampava a imprensa liberal, como cousa muito diversa: como consequencias de emboscadas que foram emprehendidas, com o fito de o massacrarem. Vide a 1.ª nota, da pagina seguinte.

[3] Cit. «Biographia», 3.

[4] Idem, idem.

[5] «Feitos e serviços», 14.

do ex-deputado, com a objecção de que perdera elle a nacionalidade, em virtude de factos ja referidos.[1]

Como o desattendessem, Silva Tavares, promoveu acto continuo um abaixo-assignado ao presidente da provincia, iniciativa esta que sobremodo indignou o «Recopilador», para cujos redactores não passava de uma verdadeira denuncia, «acção a mais indigna que o homem pode praticar na vida».[2] Em consequencia do rompimento com o ex-confrade, este não foi mais poupado, divulgando a folha liberal, violencias que dizia praticadas por Silva Tavares. Assim, por exemplo, estampou que refugiado em casa de um certo Martins o major lavallejista Santana, o tenente-coronel o fizera chamar por outro do mesmo partido, um tal Fuentes, com o pretexto de «communicar-lhe cousas importantes que tinha interesse de saber». Comparece o major, com um criado, á reclamada entrevista, diz o «Recopilador» e ambos foram mortos sob o fuzil, «como é voz publica». O mesmo fim teve outro emigrado, João Francisco, ao levarem-no á presença do juiz de paz, accrescenta o periodico, e conclue observando que tudo isto merece elogios do «Correio official».[3]

---

[1] Prova que o ataque de Silva Tavares não foi originado por qualquer animosidade que existisse entre elle e o nomeado, o facto de dizer o «Recopilador», n.º de 8 de janeiro de 1835, *que o primeiro mantinha estreitas relações com o segundo, de quem nunca recebera a minima offensa.* O alvo de Silva Tavares foi menos o padre Caldas, que a politica a que este se achava intimamente ligado; Silva Tavares (segundo documento emanado seguramente do seu circulo) havia sido «um dos bem poucos militares da provincia que penetraram os mysterios da conspiração travada pelo revolucionario Bento Gonçalves e consocios, contra o throno constitucional e integridade do Imperio». Vide «Biographia» citada.

[2] Numeros de 8 de janeiro de 1834 e 13 de maio de 1835. Rodrigo Pontes diz que a esse abaixo-assignado os liberaes oppuzeram outro, de 117 pessoas, «favoraveis ao padre», inutilmente, porque se expediu a ordem de expulsão. Vide «Memoria».

[3] N.º de 13 de maio de 1835. Collecção em meu archivo.

Antonio Diaz contesta a idéa assassina para traz attribuida ao adepto de Lavalleja. Diz que elle e outros emigrados «soffreram uma sorte cruel, particularmente o commandante Santana», por suppor-se que estava filiado á «conspiração republicana», o que era verdade. Assim conclue a referencia ao papel de Silva Tavares, no successo: «Uma vez em poder daquelle cabecilha, que ao que parece era dono de vidas e fazendas, o desgraçado Santana, contra o qual nada se podia provar, agindo-se por simples delação de um de seus companheiros; foi submettido ao tormento do *torniquete*, tortura horrivel que consiste em cingir a fronte da victima com um pedaço de corda passada por uma argola de ferro». «Esta corda se vai torcendo e assim apertando o craneo, até que se obtenha a declaração que se pretende. O padecente expede gritos terriveis e perde primeiro a palavra e depois os sentidos.

Sabe-se o resultado negativo que deram sempre os tormentos; este arrancou ao desgraçado Santana, palavras que seus assassinos traduziram como uma positiva confissão, mesclando-se ás palavras conseguidas com os apuros da dôr, o nome de Bento Gonçalves da Silva. — Santana e dous de seus companheiros foram passados pelas armas».

Mutuas accusações desta ou semelhante ordem enchiam as gazetas, como occupavam todas as palestras, que perderam o amavel tom do antigo convivio, dando lugar, o encontro dos homens, unicamente á altercação violenta, desde que (postos de parte os themas frivolos) traçavam suas impressões — quasi sempre dispares ou aggressivas — sobre os factos correntes, de maior importancia. Foi nesta admosphera de fogo, que se verificaram os comicios,[1] para a creação da primeira assembléa local, que decretara a chamada lei das reformas. Apesar da cabala vergonhosa, proclamou o «Recopilador», nada alcançaram os situacionistas, «dos honrados patriotas eleitores.» Na lista, é certo, figuram, além de Braga, o marechal Barreto e Pedro Chaves, corypheus do partido retrogrado, e com elles Silva Tavares, Manuel Felizardo de Sousa e Mello, João Francisco Vieira Braga e Antonio Joaquim da Silva Maia;[2] mas, todos os outros escolhidos são «homens conscienciosos». Entre estes, a folha enumera os coroneis Bento Gonçalves e Oliverio Ortiz, José Mariano de Mattos, padres Francisco das Chagas Martins Avila e Sousa, Sebastião Pinto do Rego e Fidençio José Ortiz, os drs. Marciano Ribeiro, Americo Cabral de Mello, José de Paiva Magalhães Calvet e Francisco de Sá Brito, os industriaes Antonio José Gonçalves Chaves e Domingos de Almeida, jornalista Felix Xavier Ferreira, Gabriel Martins Bastos e Rodrigo José de Figueiredo, quasi todos conhecidos proprietarios e pessoas de influencia na provincia.[3]

Mas, nem com esta valvula aberta á expansão dos temperamentos politicos da epoca, findaram os estremeções vulcanicos, que abalavam a sociedade provincial. Emquanto a lava não se extravasasse, em uma tremenda erupção, se haviam de sentir os subterreos movimentos mysteriosos, origem de extranhos pavores e de indefiniveis apprehensões.

De uns e outros estava cheia a atmosphera de todo o Riogrande

---

[1] A 1.º de fevereiro de 1835.

[2] Dos tres ultimos, o primeiro occupava o posto de inspector da thesouraria, o segundo era proprietario, o terceiro exercia a profissão de advogado.

[3] «Recopilador», de 7 de março de 1835.

A folha não menciona entre os ultimos, mas tambem não colloca entre os primeiros, a um certo numero de eleitos, indicio de que os «exaltados» pensavam ainda ser facil arrastal-os ou neutralisal-os. Refiro-me a Rodrigo Pontes, dr. João Dias de Castro, fazendeiro, José Maria Rodrigues, proprietario, conego Thomé Luiz de Sousa, dr. Joaquim Vieira da Cunha, dr. João Baptista de Figueiredo Mascarenhas. Por igual motivo, dos supplentes, fez menção apenas de José Gomes Jardim, do exalferes José Pinheiro de Ulhoa Cintra e de Bento Manuel Ribeiro. Os outros eram o coronel José Maria da Gama, João Rodrigues Ribas, desembargador José Maria de Salles Gameiro Peçanha, dr. Vicente José da Maia, dr. Alexandre Vieira da Cunha, dr. Antonio Vieira Braga, alferes Joaquim Lopes de Barros, João Alves Pereira, Antonio Fernandes Teixeira, José de Bittencourt Cidade e Manuel Joaquim de Sousa Medeiros.

do sul. Vêde a de Pelotas, por exemplo, nos dias que precederam o 7 de abril, data que então se commemorava ruidosamente. Corriam vozes de levante coincidente com a festividade dos patriotas e os seus adversarios, para indispor contra elles a população ordeira e apatacada, punham em jogo o methodo terrorista que os retrogrados de Portoalegre oppunham ao dos adversarios, assoalhando com descaro, que Bento Gonçalves, Lavalleja e padre Caldas se achavam acampados no meio das plantações de Almeida, para levarem um assalto á cidade e metterem-na a saque. Uma torpe e estupida balela; entretanto, produzia effeito, porque não só destacava dos farroupilhas os timidos e credulos, como propiciava ensejo ás medidas de cautela, que facilitariam a repressão: taes medidas chegaram ao extremo do juiz municipal, dr. Vicente José da Maia, dar uma ordem ás patrulhas para que tirassem aos officiaes da guarda nacional, quasi todos da opposição, as espadas de que andassem munidos! Dias depois, nova sacudida da montanha em parto, e novas alarmas e precauções: o magistrado cujo nome se mencionou, a 17 expedia officio aos juizes de paz, com ordem de dizer «aos homens livres», que ao signal de rebate, por meio de sino ou corneta, comparecessem, todos, aos largos da Matriz e Cadeia. Chegara noticia de que a «rusga» estava marcada para 25 e que se operavam reuniões sediciosas «na Orqueta do Piratiny e Brejo de Camaquã», — o que devia ser a pura verdade: preparativos que se observavam, aqui, ali, além, e que factos subsequentes mostraram o alvo que tinham.

Tem-se dito e repetido que foi a provocadora denuncia presidencial no seio da assembléa, que desencadeiou a guerra civil; de tal modo estava ella assentada nas consciencias, que um espirito que no fundo parece haver-lhe sido infenso, se pronuncia como se vai ver, na missiva ao n«Recopilador» em que relata as referidas occorrencias. «Ambicionando que uma conciliação viesse pôr termo ás desordens que agitam a provincia, concordo com sua opinião (diz ao periodico) de que no estado actual de cousas não fôra possivel conseguil-o, com dignidade dos liberaes, sem que os nossos *Bragas* reconheçam a força irresistivel da opinião publica e resignem a auctoridade que têm tão mal desempenhado. A provincia (conclue) tem os olhos fitos no seu corpo legislativo». [1]

Tinha-os; todos os riograndenses se volviam para ella, uns com ancia esperançosa, outros com mil temores. Foi no dia 20 de abril a solemnidade da abertura dos trabalhos, que começaram, aliaz, sem mostra alguma de enthusiasmo e antes com um generalisado retraímento, que o «Recopilador» interpreta, quanto aos liberaes, não como «indifferença» e sim como «signal do odio e aversão que consagram á administração provincial». [2]

---

[1] «Recopilador», de 9, 13 e 17 de maio de 1835.

[2] Idem, de 22 de abril anterior.

A verdadeira rasão talvez fôsse a que adiante consta de um juizo de Rodrigo Pontes.

A meza, eleita em uma das duas sessões preparatorias, se compoz, em sua totalidade, de liberaes, votando os «exaltados», com os «moderados», no dr. Marciano, para presidente, em Vieira da Cunha, para vice-presidente, Sá Brito, para secretario, Americo Cabral de Mello, para supplente. Inaugurados os trabalhos, nomeou-se uma commissão para receber o presidente, que introduzido na sala, leu o seu relatorio, cujos topicos principaes eram os seguintes:

«Tomando sobre meus hombros a administração desta provincia, eu a achei ameaçada de uma guerra. Os emigrados orientaes, companheiros do general Lavalleja, protegidos por alguns brazileiros imprudentes, fazendo differentes incursões no Estado oriental do Uruguay, e commettendo immensas atrocidades, acolhiam-se, quando derrotados pela força legal, sob a protecção do Brazil, e reforçados com os soccorros que daqui lhes prestavam algum dos nossos, partiam a consummar novos crimes e novos attentados no Estado visinho.

Chegou a tanto o escandalo, que sendo Lavalleja batido junto ás margens do Quarahy, e dispersados completamente alguns bandidos a seu soldo, foi a villa de San-Servando, dias depois, assaltada e saqueada; attribuindo o governo do Uruguay tal procedimento a soccorros ministrados por algumas auctoridades da fronteira de Jaguarão.

A protecção escandalosa que encontraram em certo circulo, os emigrados orientaes, apesar das muitas e reiteradas ordens que havia eu expedido, afim de serem elles removidos da fronteira e expulsos da provincia, levou o governo do Uruguay a persuadir-se, que a suprema administração do Brazil, esquecida das obrigações que contraira pela convenção de 27 de agosto de 1828, perfidamente se comportava, animando um bando de anarchistas para perturbar aquelle Estado, e destarte firmar no escudo das nossas armas a estrella, que a transacta administração do Imperio fizera eclypsar, talvez para sempre.

A minha viagem a Jaguarão, e as medidas energicas e francas adoptadas, tanto pelo governo central e provincial, como pelo actual commandante das armas, o marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, convenceram ao presidente Rivera e ao governo oriental, que a nação brazileira, fiel aos seus ajustes e tratados, não era connivente com os malvados que ensanguentavam o solo do Uruguay, e que o governo do Brazil, longe de obrar por intermedio de desvairados brazileiros (que deslembrados do que devem á sua patria, ateavam a guerra entre os dous Estados, que só pela paz podem crescer e prosperar) se empenhava em deportar os aventureiros, que tão mal usavam da hospitalidade que se lhes concedia.

A firmeza do governo e a sua lealdade aos tratados, poupou-nos aos horrores de uma guerra, que qualquer que fosse aliaz o seu resultado, não poderia deixar de acarretar sobre esta provincia e o Brazil inteiro, milhares de males. Lavalleja derrotado completamente, sem partido algum em sua patria, de quem é o maior verdugo, não obstante haver-lhe prestado serviços em outro tempo, consta-me, que ainda não deixou o nosso territorio, e que juntamente com o seu mentor, o indigno padre Caldas, trabalham de mãos dadas com differentes ambiciosos, para perturbar o socego da provincia e levar avante seus planos de separação do Imperio, e federação com a Cisplatina. Providencias tenho tomado ao meu alcance, para que tão negras tramas sejam frustradas, e os brazileiros em geral, advertidos da traição que lhes arma, estão alerta e promptos para esmagar os temerarios que ousarem pretender trocar a paz e a felicida-

de que disfructamos sob a actual ordem de cousas, pelo governo da espada». [1]

Reconduzido o dr. Braga á entrada do edificio, os liberaes mostram aceitar a luva que inesperadamente lhes atirara, pensando confundil-os.

O primeiro a pronunciar-se é Domingos de Almeida, que usando da palavra, expende francas e vigorosas accusações ao presidente, cujo irmão se ergue depois e responde com extrema vehemencia. Intervem as galerias, mas, o moço orador, que dispunha de ferrea energia, consegue impor silencio aos que o interrompem. [2]

O debate termina em melhores termos, enviando-se a fala presidencial a uma commissão para que interponha o respectivo parecer. [3] Nada obstante, o incidente produziu as mais graves impressões, não só pelo que se continha na denuncia de Braga, como pelo comportamento das galerias, que foi muito symptomatico: houvera na sala claros, significativos indicios, em pateadas e fóras, violencias diante das quaes o dr. Marciano se conservou «impassivel, do mais puro estoicismo», diz Rodrigo Pontes, ali presente. [4]

«Não dominavam na assembléa as idéas de rebellião e demagogia. Procuraram, portanto, os revolucionarios, desacreditar na opinião, a maioria do corpo legislativo provincial», —assenta o juiz de direito do Riopardo, insinuando corresponder a «um ensaio» para alcançar-se esse objectivo, o que se tinha feito, previamente distribuindo «gente armada» pelas galerias...

A que tinha o habito de concorrer a ellas era da melhor, segundo o «Recopilador», que a 22 desprecatadamente deixa entrever o lance parlamentar que preparavam seus amigos: com a habitual audacia que o distinguia, pede a Braga que aponte o nome dos que pretendem romper com o Imperio e separar a provincia. [5] Mas, o inicio das hostilidades não se produziu fóra de tempo e travaram-se as primeiras escaramuças, ao ser apresentado o sobredito parecer.

Foi isto a 27. Opinava que ficasse sobre a meza, o documento emanado da suprema auctoridade da provincia, afim de que se tomassem as providencias que eram de requerer-se. Gonçalves Cha-

---

[1] «Murmurios do Guahyba», IV, 163.

[2] Rodrigo Pontes, «Memoria». Diz que o tumulto começou, quando um membro da minoria dirigiu ameaças a Pedro Chaves.

[3] A commissão compunha-se do padre Thomé, Gonçalves Chaves e dr. João Baptista de Figueiredo Mascarenhas.

[4] «Memoria» cit.

[5] N.º de 27 de julho de 1835. Ainda a proposito da frequencia nas galerias, encontro este juizo do «Ecco portoalegrense»: A prova da nenhuma confiança nos governantes, é que nesta pequena cidade concorresse diariamente á assembléa para cima de 150 pessoas de todas as classes, principalmente negociantes e capitalistas, e outras pessoas de distincção, algumas vezes o concurso sendo tal que muitos ficavam á porta e na rua.

ves, que subscrevera o parecer, levanta-se immediatamente, para propor a publicação do relatorio apresentado pelo presidente, visto como, allega elle, contém referencia a um facto de summa gravidade, de que asseguram existir peças comprobativas. Em seguida, tomou a mão Calvet, para dizer que é preciso deliberar quanto antes: o silencio (alvitra) fôra connivencia com os conspiradores. Pede á casa requisite ao presidente a apresentação de documentos: que explique a origem das informações que declara ter obtido. Acode após Almeida, com um requerimento «no mesmo sentido» e com uma proposta para que se expeça mensagem a palacio, com a reclamação de «medidas fortes, afim de abortarem os terriveis planos», dos inimigos da ordem publica. [1]

Visivelmente surpreso com a attitude dos exaltados», que com verdadeiro talento adoptam a melhor conducta, a tactica infallivel, com a qual esperam desnortear e desnortearam os governistas, surprezo visivelmente, acode Pedro Chaves, manifestando que «o presidente não pedia auxilios á assembléa, mas sim declarava a existencia das tramas. Não vinha preparado para a discussão, disse, e, numa insolita parrhésia, querendo oppor ao jogo dos contrarios, ainda um outro mais atrevido, perorou: — Que se obrigava a apresentar documentos, com cuja leitura alguns dos deputados que se sentavam naquelles bancos, (e designou os que occupavam Bento Gonçalves e seus amigos) talvez ficassem succumbidos...

O principal dos alvejados sem demora pediu a apresentação de taes documentos, seguindo-se grande tumulto, que muito favoreceu o manejo dos opposicionistas, — sobretudo um incidente em que o accusador indiscreto exhibia a sua atrabilis.

Quando o chefe reconhecido daquelles, em aparte reclamou as peças em que se fundava a denuncia, certo Amorim, escrevente da repartição do commando das armas, apoiou em voz alta, das galerias, o que affirmara Pedro Chaves. Manifestaram-se outros em sentido contrario e o orador, acceso em ira o seu arrebatadissimo temperamento, levianamente se dirigiu aos espectadores, com elles altercando a brados, em vez de reclamar a intervenção da meza ou a observancia do regimento. [2] Com isto augmenta o sussurro e com elle a desmesura do joven, que é chamado á ordem pelo presidente e por varios deputados.

Eis o que queria! brada satisfeito o implacavel «Recopilador», que, com sabia manha, appella para os compatricios, afim de que não intervenham nos debates, e «se portem com aquella decencia propria de homens livres». E prosegue com estudado dessassombro e profundo machiavelismo: — «Deixem que os deputados falem livremente, pois que esse negocio, importa nada menos, que o conhecer-se os que prestaram auxilio a Lavalleja e que hoje se apresentam em publico, não só negando factos de todos bem sabidos, como até associando os seus adversarios em projectos de

[1] «Recopilador», de 29 de abril de 1835.
[2] «Recopilador», de 29 de abril de 1835.

separação da provincia, do gremio do Imperio e federação com o Estado Oriental».

Em seu numero de 22, a que já fiz referencia, a folha, com uma efficaz destreza, havia desferido um golpe de primeira ordem. Em commento á denuncia de auxilios a Lavalleja prestados pelas auctoridades da fronteira, observara que uma dessas era o dr. Joaquim Vieira da Cunha, primo do presidente, e deputado. Incluil-o no grupo dos aggredidos por Braga, era positivamente enfraquecer a este e reforçar áquelles. Mas, o artigo que em parte acima transcrevo é que dá uma nitida idéa do merito dos conspiradores e quem o ler ha de convir que muito honra a habilidade dos que dirigiam a campanha, nos quadros liberaes. Não só o seu auctor salienta que o primeiro encontro das duas fracções da assembléa, representa uma perfeita desvantagem para os do circulo official, como arteiramente move para lugar de proveito, a pedra que empeceria a marcha das annunciadas delações: com ademan terrorista, se refere aos «bem sabidos» personagens «que prestaram auxilio a Lavalleja», o que era ameaçar com a producção em publico, da correspondencia encaminhada a Bento Gonçalves, que compromettia as mais altas auctoridades do paiz, ao proprio governo supremo do Imperio; como se refere aos que «*associavam* os seus adversarios a projectos de separação e federação com o Estado oriental», o que correspondia a trazer ao scenario os magnatas do regimen, que, mesclados com alguns liberaes, haviam trabalhado com esse objectivo, de accordo com Rivera. Assim, com os dous movimentos a que alludo, o terrivel periodico faccionario não só punha em causa as mais conspicuas figuras, de entre os accusadores, talvez o proprio Braga, como chamava a seu partido os «moderados», atirando Vieira da Cunha, de muito prestigio entre elles, e pessoa de uma das mais relacionadas e aparentadas familias da provincia, contra o chefe da administração provincial. [1]

Disse que a insinuação de Pedro Chaves muito favoreceu o manejo dos opposicionistas. Em verdade não podia prestar-lhes melhor serviço. Uma precisa noticia das sessões de 27 e 28 o deixará mais que patente.

Apresentado o parecer, Almeida enviou á meza a moção de que já tratei e era assim concebida: «Requeiro quanto antes se dirija mensagem ao presidente da provincia, para protestar-lhe que á vista da horrorosa conspiração por elle annunciada ao corpo legislativo provincial e que tem por fim separar a provincia do gre-

[1] Não só Braga, como Barreto e outros, e talvez o proprio Silva Tavares. O odio entranhadissimo que tributavam a este os farroupilhas, provinha, seguramente, menos da implacavel natureza que lhe attribuiam, do que da circumstancia de haver-se bandeado com os retrogrados.

Estivera antes tão estreitamente entendido com aquelles, que o auctor da carta assignada com o pseudonymo de Codro, citada em outro lugar, dizendo os patriotas a que a deviam mostrar, o primeiro que menciona é o tenente-coronel Silva Tavares.

mio brazileiro, suspende este todos os trabalhos, que ora o occupam, para, de accordo com elle, tratar das medidas conducentes ao importante fim da salvação publica e unidade do littoral brazileiro». Passando á meza o papel, o orador deixou a tribuna, não sem antes salientar uma cousa muito a proposito. Depois de abundar nas rasões expendidas por José Calvet, observa com velhacaria que o texto do relatorio de Braga, a respeito do favor aos emigrados, «faz desconfiar ao Estado visinho que a suprema administração do Brazil pretendia destarte firmar no escudo de nossas armas *a estrella, que a transacta administração fizera eclypsar para sempre.* [1] Este — *talvez* denota que o presidente, esse mesmo que reprova a conspiração contra o Estado visinho, espera ainda um tempo em que aquelle Estado seja provincia brazileira; entretendo, por consequencia, as mesmas desconfianças, e receios, que a protecção dada a Lavalleja tem accendido naquelle Estado, a nosso respeito».

Para explicar o trabalho da commissão, cujo parecer o preopinante qualificara de «tisico», Gonçalves Chaves, membro da mesma, faz algumas considerações, confessando que a maioria de seus collegas «reconhecera necessario analysar-se alguns topicos da fala do governo, especialmente» quanto á materia constante do requerimento de Calvet; «mas, que motivos politicos e desejos de evitar questões renhidas, a tinham induzido a dar o simples parecer de que ficasse sobre a meza a fala». Xavier Ferreira, levantando-se, não commenta as intenções da commissão; observa, entretanto, que em consequencia do que tem occorrido no debate, dous deputados que della fazem parte, mudaram de opinião... O orador quer o negocio esclarecido: vota pela obtenção de informações.

Pedro Chaves, ahi, volta á tribuna. O rumo que pareciam inclinados a seguir os acontecimentos, impunha-lhe uma attitude de prudencia e recúo; não hesitou, tratando de fugir ao jogo dos adversarios. Como o que estes queriam, evidentemente, era deixar mal o dr. Braga, exigindo peças confidenciaes impossiveis de exhibir ou provas impossiveis de estabelecer, em quasi todas as conjuras bem organisadas; allegou que o presidente não havia dado uma denuncia: a seu vêr, o topico em questão, da fala, constituia «o historico do estado da provincia», e nada mais.

Ficava assim manifesto, de maneira clarissima, que o governo anciava pelo encerramento do debate, que aturdidamente havia provocado. A outra banda é que não estava por isso e em tal attitude foi acompanhada até por alguns representantes amigos do presidente: refiro-me a Vieira da Cunha e Dias de Castro. O primeiro mostrou que havia na fala dous pontos a esclarecer: 1.°, a protecção concedida a Lavalleja; 2.°, a conspiração. Quanto áquelle, como primeira auctoridade da comarca de Jaguarão, e, como tal, maximo responsavel, produziria a sua defeza, depois de chegados á casa os esclarecimentos pedidos. Quanto ao outro ponto disse: Não creio exista hoje partido que pretenda separar a provincia. «O que sei

[1] Vide antes o relatorio do presidente, cujas palavras repete o orador.

é que existem em nosso paiz dous chefes rivaes; que um delles [1] tem inveja da opinião de que gosa o outro, [2] opinião devida a suas bellas qualidades e por suas virtudes, e por isso não tem poupado meios para desacredital-o, ao mesmo tempo que este outro, zeloso de sua honra, busca com firmeza sustentar a reputação que tão dignamente tem adquirido. Sei mais, que um desses chefes tem prestado á nossa Patria serviços mui distinctos, e que o outro... pode ser que os tenha feito; eu o não duvido. Desta rivalidade nasce o invento da sonhada conspiração, que é toda obra da intriga e da calumnia, afim de que se possa desacreditar um homem que por tantos titulos merece a estima e confiança publica». Voto pelos esclarecimentos, concluiu.

O outro amigo de Braga a que fiz referencia, Dias de Castro, interveiu com o desembuçado proposito de innocentar os liberaes suspeitos, e de ao mesmo tempo desapprovar os requerimentos com que estes pretendiam envolver o presidente nos mais serios embaraços. Habitante das fronteiras, disse não acreditar em tal partido seccionista, nem em conjura. Não temia, aliaz, a separação, porque unicamente sería possivel, quando as cousas estivessem preparadas para o regimen de que se falava: «que então, forçoso era confessal-o, todo o Brazil daria esse passo e chegaria aos destinos para que a natureza creou a America». O mais não passava disto: «tudo era um tecido de intrigas, em que a assembléa se não devia envolver», convindo «evitar questões calorosas e desagradaveis». Por estas rasões, declarava o seu voto pelo parecer.

Da parte dos farroupilhas se lhe oppõe uma replica. Falou por elles, ainda Calvet. Não possuo o discurso do advogado portoalegrense. Sei que se mostrou em completo desaccordo com o voto annunciado por Dias de Castro e que dirigindo-se a este, perguntou-lhe se então admittia que o presidente agisse movido por intrigas e que usando o que estas disseminavam, procurasse illudir o corpo legislativo. Sei mais que, alludindo ao dr. Braga e formulando uma advertencia qualquer, Pedro Chaves saiu a caminho, para dizer que seu irmão recusava conselhos, ao que, com energia, voltou Calvet: nós «lhos havemos de dar, quer nol-o peça, quer não: é preciso que se convença de que todas as vezes que marchar por vias tortas, é do nosso rigoroso dever *pol-o a caminho direito*». [3]

Mediou entre os contendores, com os mesmos intuitos de Dias de Castro, o dr. Vieira da Cunha. Parente e amigo do dr. Braga, não o defende, por suspeito. Ha, porém, injustiça no que que se tem dito sobre o presidente: suas intenções são puras. Foi por sincero que escreveu o que consta do relatorio, a effeito de insinuações

[1] O marechal Barreto.

[2] Bento Gonçalves.

[3] O grypho é da folha liberal mais auctorisada, o «Recopilador». Talvez, com isso, já quizesse adiantar aos seus a idéa do que a situação ia produzir.

de pessoas que abusaram delle. Estou certo, todavia, de que não possue provas. Eis a summula de seu discurso.

Pedro Chaves, em vez de retrair-se, impellindo outros membros da maioria, no sentido em que o ultimo orador buscava encaminhar os espiritos, voltou á carga; mas, com outro systema de combate. Percebe-se que anhelava ganhar tempo, procrastinar o debate, pois entrou em largas divagações alheias á materia, sendo por isso chamado á ordem, por varios deputados. Chegou um a propor que se lhe retirasse a palavra, no que ninguem quiz assentir: consultada a casa, a opposição bravamente e nobremente vòtou em peso para que lhe fosse mantida a tribuna, declarando que não no temia.

Este discurso de Pedro Chaves foi pronunciado a 28. O becco sem saída em que se mettera com o presidente, deixava-o á mercê do partido contrario. Conservou a palavra por uma hora, mantendo a these presidencial, resumido tudo o que foi enunciando, a vagas declarações, em que por fim se contradiz lamentavelmente, pois a 27 assegurara que Braga dispunha de «documentos» comprobatorios de suas asserções e no dia seguinte (em discurso a que ora me refiro) mencionava apenas «cartas confidenciaes», que lhe era vedado mostrar. Por isso, com muita rasão, depois delle, ergue-se Martins Bastos, para salientar que nada provou e para insistir pela apresentação dos documentos annunciados. Venham elles, brada, e se existe liga oriental, punam-se os seus auctores: «destrua-se este cavallo de batalha, á sombra do qual se tem feito perseguições e se continuarão a fazer».

Depois de Bastos, reapparece Calvet na tribuna. Concluo das notas de meu archivo, que Pedro Chaves, já em plena retirada, extranhou que vozes havia tanto correntes não excitassem os farroupilhas, a uma formal defeza, ante o assaque de participação delles, nas tramas que se discutiam, referindo-se com especialidade a denuncias que Barreto e Alberto Santanna tinham produzido ante o presidente Galvão, — o que Calvet assevera ignorar, accrescentando que ainda mesmo que soubesse dellas, nada poderia ter feito, porque então nem pertencia á assembléa, nem se verificou a hypothese do chefe do governo communicar denuncia alguma ao corpo deliberativo existente, o conselho geral da provincia. As situações para si eram muito diversas, retorquiu, addindo: Eis porque em tal epoca, não fazia o que faço e agora devo fazer.

Nesse instante, entraram em bateria as grossas peças do parque liberal. Entrou em scena José Mariano, que se exprimiu com a manha de que já dei longo extracto no capitulo relativo aos *primeiros abalos* da Revolução. O orador, depois de dizer o que ali se contém, a paginas 336, prosegue: «Liga com o Estado oriental, independencia da provincia, proclamação da republica, etc., eis os instrumentos de que se tem lançado mão para perseguições, vinganças, morte da reputação de todos os insubmissos, e cidadãos livres, dignos. Convem desmascarar a intriga. O presidente da provincia dá conta á assembléa, da existencia de um partido que trabalha no perfido e indecoroso plano da separação desta provin-

cia e federação ao Estado oriental: sejam pois conhecidos esses conspiradores e sobre elles caia a espada da justiça. Eu tenho sido uma victima da mais systematica e barbara perseguição, ainda ha pouco acaba-se de arrancar por segunda vez á boa fé do governo central, a ordem de minha deportação politica para Santa Catharina; pintando-se-me talvez, ali, como sedicioso, cuja existencia na provincia é perigosa. Não haja condescendencias, eu não as quero, nem as necessito; quero sómente a execução da lei: appareçam sequer indicios contra mim e eu me sujeito gostoso ao castigo que me fôr inflingido». Termina o habil major declarando notar que alguns srs. representantes se oppõem ao requerimento de Calvet, porque o reputam dispensavel, com a allegação de que o presidente já providenciou a respeito das machinações revolucionarias. Como? pergunta. Procedendo, como procedeu, nada mais fez que dar aviso a seus auctores, para que se dissimulassem aguardando melhor ensejo, — phrase de duplo sentido, que breve teria uma explicação historica, de vasta repercussão nacional.

A assembléa deve approvar o requerimento, ajunta ainda José Mariano e deixa a tribuna ao chefe dos conspiradores, os quaes se resguardavam magistralmente, á espera do momento propicio a que alludira, com um perfeito dissimulo.

«Então pediu a palavra o snr. Bento Gonçalves e disse: — Votarei contra o parecer da commissão e a favor do requerimento do sr. deputado Calvet. Sr. presidente, o negocio em questão cada vez se torna mais melindroso. O sr. deputado Fernandes Chaves, na sessão de hontem *disse que tinha... documentos.* [1] Sr. presidente, o sr. deputado Fernandes Chaves dirigiu suas principaes settas contra mim; portanto, sr. presidente, eu torno a repetir, votarei no requerimento do deputado Calvet e desafio ao sr. deputado Fernandes Chaves, a que apresente esses documentos. Sr. presidente, os officios que diz o dr. Fernandes Chaves ter em seu poder, não são officios como avança, mas, sim, simplesmente, duas cartas: a primeira, fazendo vêr o que se me havia communicado ácerca do estranjeiro que se achava em Bagé; e pergunto, sr. presidente, aquella carta foi apresentada ao conselho geral da provincia? Certo que não. Logo, que paridade tem o que eu ahi expendi, com a fala do ex.^{mo} sr. presidente? [2] Quanto á segunda carta, referia nella o que naquella epoca me mandou dizer Lavalleja.

Passou depois o sr. dr. Fernandes Chaves a fazer-me uma accusação, a qual reservo para em tempo competente responder».

Findo este exordio, Bento Gonçalves retoma a seu turno o thema

---

[1] A folha de onde faço a transcripção diz *assentos*, mas, facil de vêr do contexto deste discurso, e de outros, que o vocabulo é o que registrei acima.

[2] Não posso perceber, com as notas de que disponho, o que pretende affirmar Bento Gonçalves, com a referencia ao conselho geral. O que tenho por bastante claro é que a communicação do coronel, relativa ao emissario de Rivera existente em Bagé, despertou, no tempo, as desconfianças que eu tive tambem, quando a li. Vide essa passagem.

elucidado por José Mariano, para concluir com o emprego de analogos argumentos, destinados a provar a sua innocencia e ingenuidade:

«Sr. presidente, a idéa de separação da provincia, apresentada hoje pelo ex.^{mo} sr. presidente, não é nova. O redactor da «Sentinella», ou melhor, o seu *Senhor*, a apresentou no anno de 1832, e então dirigia seus tiros ao ex.^{mo} commandante das armas; porém, eu e outros que hoje se vêm calumniados por aquelle ex.^{mo} sr., lhe fizemos mais justiça, e a «Sentinella» deixou de falar em Liga oriental. O redactor do «Correio» começou proximamente a repetir a mesma cousa, dirigindo seus tiros a outras pessoas, ou, para melhor dizer, a seus inimigos. O sr. presidente da provincia, querendo mostrar-se grato áquelle redactor, por elle o querer communicar pela sua folha, [1] repetiu a mesma cousa na sua fala, sem se lembrar que ia cobrir de opprobrio os riograndenses, com uma semelhante falsidade.

Snr. presidente, o plano de separação da provincia só existe na cabeça desses homens que não contentes com haverem assacado a seus inimigos, toda a qualidade de calumnias, accrescentaram-lhe mais esta, e isto sómente porque não concordam com as suas opiniões. Sr. presidente, eu desafio meus inimigos a que apresentem á assembléa, esses documentos com que tanto alardeiam e desde já me offereço a marchar daqui a uma prisão, mesmo sem culpa formada, e ali esperar, não digo dias, mas, mesmo até seis mezes, que se me forme processo, — tal é o estado em que repousa tranquilla a minha consciencia».

Ainda que seja patente o esforço que emprega a principal figura da minoria, não só para corroborar quanto José Mariano tinha articulado, como para infundir na assembléa a impressão que cubiçava deixar-lhe; creio que as anteriores convicções nem soffreram abalo, nem a maioria deu mostra alguma de receber, taes quaes enunciadas, a defeza e a historia entretecidas pelos serenos labios de Bento Gonçalves. Isto se adivinha do impeto com que corre á tribuna, outra vez, o mais talentoso dos auxiliares do coronel de estado maior, disposto a jogar uma cartada mestra e decisiva. José Mariano diz: Como no recinto entram em particulares pouco proprios para este sitio, e procuram sustentar embustes para suggerir vinganças, «seja-me permittido fazer patente á mesma assembléa e á provincia inteira, verdades, amargas, sim, porém de muitos sabidas, e desde já convido alguns deputados a que me contradigam, se puderem.

Dias depois da chegada de Lavalleja a esta capital, fui convidado para fazer parte de uma reunião, que a instancias do marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, commandante das armas desta provincia, devia haver, para tratar-se a respeito de Lavalleja: compareci e ali se esforçou o marechal em mostrar as vantagens

---

[1] Julgo que aqui ha erro na reproducção desta peça: deve ser exaltar ou recommendar, e não communicar.

que resultariam ao Brazil, principalmente á provincia, se Lavalleja aqui encontrasse o apoio de que precisava, para triumphar de seu adversario. Objectei eu e entre outros, dous dignos deputados aqui presentes, Marciano Ribeiro e Martins Bastos, que não via maneira alguma de verificar-se essa protecção, sem compromettimento do Brazil e sérias consequencias. A resposta foi perguntar-me o que havia a temer do Estado oriental? Respondi que quando nada se devesse temer do Estado oriental, havia a temer a quebra da dignidade, decoro nacional; devia-se ter em vista que a Inglaterra era garantidora do tratado preliminar de paz, com aquelle Estado, etc. Não pára aqui, sr. presidente; buscou o marechal comprometter a dignidade do governo central, fazendo persuadir que elle se interessava nesta protecção: que havia nesse sentido escripto para cá, auctorisando-a.

Não me deixei illudir e o mesmo aconteceu a outros, mas julguei prudente calar-me. Apenas concluida a reunião, se chega a mim o marechal e pede com instancia que, visto ter amisade com o redactor responsavel do «Recopilador», tomasse a mim a tarefa de advogar a causa do general Lavalleja, e destarte dispor os animos em seu favor». Neguei-me e a um outro pediu, com igual resultado.

O orador continúa, com uma transparente allusão ao passado e ao presente do commandante das armas: flagello dos homens de bem, exclama, ha quem use a tactica de incrementar partidos no Riogrande do sul, para traíl-os após e convencer a Côrte, sempre illudida, que constitue, aqui, a «mola real e a chave mestra desta heroica provincia».

Como se não bastassem as revelações sensacionaes de seu companheiro politico, tomou a mão de novamente Bento Gonçalves. Seu laconico discurso deve ter produzido uma impressão esmagadora, nos bancos em que se sentava o *leader* da parcialidade contraria. Eil-o: Em tudo de accordo com o que proferiu o deputado José Mariano, disse o coronel, «tenho a accrescentar que existem em meu poder documentos do ex.^{mo} sr. commandante das armas, que bem contra meus sentimentos, eu apresentarei a esta assembléa, quando sejam precisos, para salvar a minha reputação e justificar o que avançou o sr. deputado Mattos».

O marechal Barreto, que imperava nos negocios provinciaes, atravez de Pedro Chaves, sentia-se ferido com as proprias armas com que, alliado ao irmão do presidente, suppuzera munir a este, para a definitiva fulminação de Bento Gonçalves e do partido que o seguia na provincia! Em vez de confundir o coronel e desnortear-lhe os companheiros, era este, com os ultimos, quem do banco dos accusados, passava para as cadeiras da accusação, formulando com audacia um libello de effeito absolutamente infallivel. Porque os malsinadores de havia pouco, perfeitamente sabiam o que já deixou historiado este livro: se viessem a publico as peças de que dispunha o chefe da minoria, a culpa não era delle, nem de seus amigos, e sim das auctoridades civis e militares, que por bem de firmar um triumpho, de caracter faccionario, — este o aspecto

apparente do negocio — tinham contribuido para que ficasse descoberta a coroa, comprovada a falsa fé nacional, patente a deslealdade do Imperio em suas relações com o Uruguay, e nos pactos firmados com esse paiz e Argentina, sob os auspicios da Grã-Bretanha!

O movimento parlamentar operado pelos opposicionistas deu a suas linhas um tal vigor, tão grande força, que o audaz Pedro Chaves nem mesmo tentou o minimo passo, com o fim de resguardar a pessoa do commandante das armas. Percebendo que naquella hora alguem ficaria compromettido aos olhos de nossos visinhos, como de quantos no estranjeiro tivessem noticia da memoravel sessão; percebendo que alguem precisava sacrificar-se e que melhor era coubessem as responsabilidades ao marechal, do que ao governo da regencia: abandonou o alliado aos azares da sorte e manteve-se em silencio, que nenhum outro incidente logrou interromper.

É verdade que a grande tensão nervosa em que a casa se mantivera, abatia-se, succedendo-lhe outro estado de alma: nos governistas, a inercia consequente a todo profundo e irremediavel desconcerto; nos farroupilhas, o augmento de mais alegre disposição batalhadora, com a consciencia de que a partida, naquelle dia, já estava mais que ganha.

Ouvem-se ainda os dous breves discursos de Sá Brito e de Almeida, e, sem outro debate, occorrem as votações. O requerimento de Almeida caíu; mas, o de Calvet — o que mais interessava á opposição, — teve em seu favor quinze cedulas e oito contra. [1] Estava, pois, o presidente obrigado a fornecer provas do que tinha ousado inserir em seu relatorio, ou a confessar-se culpado de uma clamorosa diffamação, pelo menos de uma leviandade imperdoavel em um magistrado, como era elle. E eis porque nos dias subsequentes, se tratou com afinco de manter arrastadamente a discussão, até que se conseguisse apoio para um expediente harmonisador, a cujo influxo ficasse garantida a retirada do dr. Braga, com dignidade e auctoridade, do *impasse* em que se perdera, com o seu irmão e com a grey official. [2]

Bruscamente um novo thema para choques e dissidios, surde no commovido concilio: sabe-se que o governo da Côrte reabrira a cornucopia das graças aos «exaltados», galardoando nada menos que ao chefe ostensivo dos agitadores, com o posto de commandante superior da guarda nacional de toda a provincia, mercê de vulto, que, segundo Rodrigo Pontes, ao passo que acoroçoava sobremodo áquelles, lançava o desanimo entre os situacionistas,

---

[1] Votaram a favor Bento Gonçalves, Calvet, Almeida, padre Chagas, Martins Bastos, José Mariano, Pinto do Rego, Marciano, Sá Brito, Oliverio Ortiz, Xavier Ferreira, Vieira da Cunha, José Maria Rodrigues, Gonçalves Chaves, Vieira Braga. Contra: Pedro Chaves, Maia, Felizardo, Dias de Castro, Mascarenhas, padre Thomé, Americo, Figueiredo Moreira.

[2] Sobre as sessões de 27 e 28 consultar o «Recopilador» de 29 de abril e 9 de maio.

despojando de toda força moral as duas primeiras auctoridades do Riogrande do sul.[1] Desejosos os farroupilhas de realçarem o successo e ao mesmo tempo de exhibirem no Rio-de-janeiro o prestigio de que gosava o nomeado, resolveram servir-se do ensejo para um pronunciamento em que seguramente a nova aragem official disporia a muitos em prol do que tinham cogitado. Levantou-se Calvet, para justificar um voto de agradecimentos á regencia, indicação que obteve perfeitamente o que esperavam seus amigos: a medida foi «apoiada por grande maioria», ainda que adiada por 24 horas, de accordo com uma proposta de Pedro Chaves.[2] No dia immediato, 11 de maio,[3] «entrando em discussão e tendo-se retirado da sala o sr. deputado Gonçalves da Silva, o sr. Fernandes Chaves falou, como era de esperar, contra o requerimento, e entre outras cousas, que expendeu na sua arenga, disse, que o coronel, a favor de quem se propunha a felicitação á regencia, era o chefe da conspiração, o que mostraria com documentos bem capazes de fazer corar a elle, e a outros que tinham assento naquella casa, para serem lançados fóra della; que seu mano presidente não cumpriria o decreto da nomeação, para o que tinha já dado conta ao governo, asseverando-lhe que, ou elle, ou o coronel nomeado não haviam de exercer os seus empregos».[4]

A discussão proseguiu «bastante viva». «Conhecendo o sr. Fernandes Chaves, e alguns seus socios oppositores, que o requerimento do sr. Calvet passava tal qual, um sr. deputado» de quem se não esperava isto «porque pertenceu até aquelle dia á opposição, pediu o adiamento do» debate, para ser continuado «em sessão secreta, e assim se venceu».[5]

Pela noute, alguns bem intencionados medianeiros, que se haviam posto em actividade, pensavam ter conseguido assentar nos termos de um colloquio, de gregos com troyanos, digno para todos; levados a esse engano, os da idéa, pelos conspiradores, qual adiante se explicará. No dia seguinte, 12, realisou-se a primeira

---

[1] «Memoria» cit. Affirma o seu auctor que quando se abriu a assembléa o decreto ainda não era conhecido. Em verdade, Braga sustou a publicação do mesmo, mas, por outro meio os liberaes tiveram sciencia do acto e isto não tardou muito, porque já em 16 de maio os guardas nacionaes das Porteiras, districto rural do municipio do Riogrande, enviavam a Bento Gonçalves, ũa mensagem de emboras, em que lhe significavam ser a sua escolha a unica em termos de apagar «as saudades causadas pelo illustre patriota coronel Theodosio José da Silva». Vide «Recopilador», de 27 de junho.

[2] «Correio official», de 11 de julho de 1835. Collecção em meu archivo.

Vide na minha collecção um exemplar do «Noticiador», que, por dilacerado, não traz n.º, nem data. Deve ser da primeira quinzena de junho, pois rectifica a noticia que imprimiu a «Aurora fluminense», a respeito da sessão de 14 de maio.

[3] Cit. «Correio official».

[4] Citado exemplar, sem data, do «Noticiador».

[5] Ainda o mesmo exemplar do «Noticiador».

das tres sessões secretas: a 13, a segunda, destinando-se a terceira, a 14, para a effectividade do plano a que acima alludo e de que se esperava uma «conciliação»: o de fazer ouvir o presidente, a portas fechadas. Nessa data, pois, na hora regimental, dirigiu-se a palacio a commissão que o devia acompanhar ao recinto das deliberações legislativas. O dr. Braga ia comparecer em attitude mui diversa da anterior; a primitiva disposição batalhadora, assaz imprudente, quanto fugaz, cedera o passo a uma illimitada cordura, talvez mais imprudente ainda, — tanto tinham modificado aquella alma insegura, as advertencias harmonisadoras de muitos homens de responsabilidade, as que implicitamente lhe impunham do Rio-de-janeiro no decreto relativo a seu principal antagonista... ou as subtillissimas insinuações do «Recopilador», glosadas na curia provincial!

Admittido no hemicyclo «s. ex.ª declarou á assembléa que a existencia da conspiração mencionada em sua fala, só lhe constava por cartas e noticias particulares, e nunca por p ças officiaes, mas que elle estava persuadido, á vista do que tinha occorrido, não existir a supposta conspiração». [1] Depois da audiencia do dr. Braga, em que cantava a palinodia, com uma fraqueza symptomatica da situação em que jazia, houve uma troca de explicações que alguns contam ter sido cordial e outros que não muito, acreditando eu haja tido aquelle caracter, depois que os opposicionistas firmaram da maneira mais cabal a inexistencia de provas e quão indiscreta fôra a conducta da auctoridade suprema da provincia; a quem tratariam, por sua parte, com amenidade util aos fins que escondiam, assim terminada a comedia em projecto e... imposta a penosa retractação com que se encerrou o debate nesse mesmo dia. Após ella, Bento Gonçalves, desanuviados os horisontes em todos os rumos, tratou de impedir que seus companheiros esticassem demais a corda, estimulando sentimentos piedosos de que vou falar, e requereu elle proprio, sem consultal-os, [2] a retirada da proposta de Calvet, relativa ao acto que Pedro Chaves capitulou de «imprudente passo do governo». [3]

Convinha-lhe mostrar comedimento. Como succede communmente e consigna o proverbio, ha males que acarreiam bens. Se diante da opinião publica o presidente da provincia se retirava enfraquecidissimo, desse primeiro grande encontro com os seus adversarios; a sua mansueta attitude final grangeou-lhe apoio em elementos dubios da assembléa ou de outros que tinham fortalecido occasionalmente a opposição, nos dias que precederam as explicaçõs de 14. Desta sorte poude haver numero para um passo capaz de represtigiar o governo um poucochinho, a que logo depois se seguiu um outro. Foi, o primeiro, o concertar uma acta, em que se escondesse a verdade, isto é, a nenhuma força moral que

---

[1] «Murmurios do Guahyba», IV, 165.
[2] Cit. exemplar do «Noticiador».
[3] A nomeação para o commando superior.

restava ao dr. Braga, ao fim da sessão da data mencionada; foi o segundo, o praticado no prover-se ao que se tinha assente antes, resolvido pela casa se fizesse circular um manifesto, com o relatorio das occorrencias. [1] Nomeada a commissão para o effeito, scindiu-se ella, e o destino que teve o que fizeram a sua minoria e maioria, deixa patente o novo espirito que reinava no plenario, recomposta e augmentada a parcialidade que escudava o presidente. Surgiram dous projectos, um organisado pelos fieis de Bento Gonçalves e outro pelos que estavam determinados a restabelecer o brilho, assaz embaciado, do poder executivo. Merece ser lido o ultimo, porque revela o esforço empregado pelos seus auctores, no proposito de rematar condignamente para a auctoridade, um conflicto que abalava a provincia inteira; o outro, [2] ao que sei, ainda que moderado na sua redacção, punha a verdade mais em evidencia, aliaz sem definir-lhe muito os contornos, interessados naturalmente os farroupilhas, em não parecerem em cousa alguma os provocadores. Eis o teor do manifesto que teve por si a maioria da commissão: [3]

«Rio-grandenses! Vossos representantes se achavam reunidos em virtude de lei de 12 de agosto do anno p. p., e sollicitos anhelavam pelo momento de mostrar praticamente uma parte dos beneficios que da judiciosa e politica reforma do nosso pacto fundamental, determinada na sobredita lei, ha de necessariamente provir a esta provincia, assim como a todas as outras partes do grande Imperio brazileiro. Cumpriu-se a disposição do art. 8.º da lei das reformas: o administrador provincial veiu instruir a assembléa, do estado dos negocios publicos, e então soubemos que uma conspiração se tramava para fazer eclypsar do pavilhão auri-verde, a estrella riograndense.

Teria o chefe politico da provincia nas leis existentes meios bastantes para fazer abortar tão nefando plano? Precisaria elle de medidas legislativas ao alcance da assembléa provincial? Eis aqui, rio-grandenses, as questões que naturalmente se offereciam á consideração de vossos representantes, em cujo espirito a mais penosa sensação era causada pela terrivel idéa de que houvesse algum brazileiro assaz desnaturado, para tentar tão horroroso crime. Casos extraordinarios exigem medidas fóra do andamento ordinario das cousas. A assembléa convidou o presidente da provincia a depositar pessoalmente em seu seio tudo quanto pensava acerca da indicada conspiração, e o presidente da provincia não hesitou um momento em annuir aos desejos da assembléa. Aqui declarou, que seu zelo e sollicitude pelo bem publico e pela integridade do Imperio, o haviam movido a fazer a assembléa sciente das noticias que da conspiração tinham chegado ao seu conhecimento; que julgava ter nisso obrado com honra e lealdade, cumprindo um dever: e que se persuadia de que no caso de com effeito existir conspiração, o alvitre de a fazer publica era aconselhado pela politica, poisque, de ordinario, conspirações se

---

[1] «Recopilador» de 23 de maio de 1835.

[2] Idem, de 8 de julho seguinte.

[3] «Murmurios do Guahyba», IV, 165. Correu o manifesto com a data de 19 de junho, que é a do encerramento da legislatura. Estes os membros da commissão redactora da peça a dirigir á provincia: Calvet, José Maria Rodrigues e Mascarenhas. Vide «Recopilador» de 3 de junho.

desmancham sómente com a publicidade da existencia dellas. Terminou o administrador provincial asseverando, que em todo o caso achava nas leis existentes os meios de que poderia necessitar, mas que hoje está convencido de que a conspiração não existe; e que jámais poderá tomar vulto algum plano igual, á vista dos briosos e patrioticos sentimentos dos habitantes da provincia do Riogrande do sul.

Alliviados, pois, rio-grandenses, os vossos representantes, dos sentimentos de anciedade e afflicção que os opprimiam, e persuadidos de que iguaes sentimentos terão talvez affectado vossos corações, julgaram de seu dever dirigir-vos o presente manifesto, ou exposição de quanto ha passado a tal respeito, e da convicção em que se acham, com o presidente da provincia, de que a conspiração não existe, exhortando-vos a conservar intactos os sentimentos de união e verdadeiro amor á patria, assim como a necessaria confiança na pureza de intenções, na boa fé e no patriotismo do presidente da provincia».

Submettidos os dous textos, ao julgamento do plenario, a 20, «o mais infausto» dos dias, segundo o «Recopilador», [1] a sala adoptou por um voto de maioria o projecto de manifesto que reproduzi de modo integral, porque se achavam presentes apenas seis deputados opposicionistas, affirma com visivel despeito aquella folha. E tambem, accrescenta, porque os deputados liberaes que defendiam o governo e se conservavam neutros, entre a esquerda farroupilha e a fracção extremo opposta dos retrogrados, «deixaram o centro, para a direita». [2]

Notorio o que o dr. Braga denunciara em solemne papel official, diz Rodrigo Pontes, mas entenderam alguns que fossem vozes disseminadas em virtude de existentes inimisades, «extinctas as quaes, tornaria aos campos daquelle infeliz territorio, a mesma tranquillidade e socego de que elle havia dado poucos annos antes o mais formoso exemplo ás outras provincias do Brazil, agitadas então pelo demonio da anarchia». [3] Sob a influencia dessa idéa, pessoas da maioria e do partido que ella representava, decidiram-se á iniciativa conciliadora de que já tratei. Á maioria juntou-se, com excepção de um, a minoria, [4] que logo vislumbrou a vantagem a tirar do que pretendiam os ingenuos interventores. Entrando no jogo, com a mira em uma cartada de extraordinario lucro, insinuavam os «exaltados» que o presidente se explicaria com Bento Gonçalves, findando tudo da melhor maneira. Era uma farça, para desairar a Braga, affirma Rodrigo Pontes, testemunha de vista, representante liberal do matiz moderado, que por seu procedimento, ultimamente, o «Recopilador» tachava de «versatil». [5] Devia ser um laço, por-

---

[1] N.º de 8 de julho de 1835.

[2] Idem, de 1.º.

[3] «Memoria».

[4] Idem.

[5] N.º de 10 de junho de 1835. Para inculcar que pertencera aos «exaltados», a folha diz que Rodrigo Pontes fôra «liberal de distinctivos, sobrecasaca verde e golla de velludo da mesma côr». (Vide n.º de 22 de julho do mesmo anno). João Luiz Gomes (Apontamentos) affirma que o

que mais que certo estava Bento Gonçalves, do que se podia produzir em juizo quanto a provas materiaes da conspiração, e, portanto, mais que certo de que se o presidente commettesse o erro de entrar em explanações a respeito da mesma, sería constrangido a confessar o que confessou.[1] Não tenho a minima duvida de que os amigos do coronel quando aceitaram o alvitre da sessão secreta estavam segurissimos de que haviam de deixar patente, que Braga, sem fundamentos aceitaveis em um tribunal de juizes austeros, lançara uma tremenda responsabilidade, mui visivelmente, sobre compatricio de incontestaveis serviços ao paiz, maculando «o glorioso nome desse inclyto brazileiro, objecto de amor e veneração, terror dos sectarios da escravidão e consoladora esperança de liberdade da nossa Patria», segundo se dizia na imprensa.[2]

O sabido facto dos liberaes considerarem verdadeira victoria para si, o recuo de Braga e o fazerem disto grande alarde, convence que outra cousa não pretendiam, senão humilhar o delegado do centro, habilmente varrendo a testada do partido farroupilha, que assim apparecia limpo de culpa e pena: que apparecia até com a aureola de victima de uma calumniosa imputação, facilmente desmontada. E não havia da parte dos conspiradores unicamente aquelle intuito, segundo Rodrigo Pontes; havia o de adulterar os factos e apresental-os com um aspecto lisonjeiro ao proposito que recatavam.[3] Assoalhavam, quanto á sessão de 14, que o presidente havia feito um lamentavel transito sob as forcas cau-

---

juiz de direito, «apesar de não ser do partido (o sobredito), por medo, usava de tal uniforme».

Em seu n.º de 27 de junho, adiante citado, o «Recopilador», lamentando a infertilidade e baixeza da assembléa, ainda se volta contra o juiz de direito do Riopardo, por forma que convence haver tido elle grande ou maxima parte na orientação da maioria de seus pares. Disto não é culpado, estampa a folha, «um padre Thomé, cujas virtudes e honradez assaz conhecidas de toda a provincia; culpado não é um Oliverio, que mostrou não servia a vinganças particulares: sim um Pontes».

[1] O «Noticiador», *brincando com a verdade*, tambem chama de «farça» ao combinado entre a minoria e a maioria, para attribuil-a a esta, bem se vê. Eis o historico que publicou: «Na noute desse dia, alguns deputados, ou de boa fé, ou por outro qualquer motivo, andavam convocando para uma sessão particular, dizendo: que o presidente queria congraçar-se com a assembléa, para cessarem as intrigas; que promettia mudar a marcha da administração, e que a assembléa influiria nella; que para isso se verificar, iria á camara em pessoa etc., etc. Alguns deputados da opposição, cujos sentimentos são bons, e alguma cousa credulos, annuiram». «Todo este apparente espectáculo conciliatorio era tactica de certa pessoa para desviar que passasse o requerimento do sr. Calvet». «E os tacticos, depois que se apanharam servidos, continuaram a descompor, e injuriar pelo orgam do *Correio official*, a certos deputados, até mesmo aos que com a melhor tenção, entraram nesta farça». Vide exemplar mutilado que já citei.

[2] «Recopilador», de 19 de setembro de 1835.

[3] «Memoria».

dinas, o que era positivamente verdadeiro, occultando, todavia, tudo o que pudesse favorecer ao primeiro magistrado civil da provincia. Ora, assevera o referido chronista que se é certo que o dr. Braga se mostrou em extremo conciliante, no que foi aliaz censurado por muitos amigos, é porque aceitara o conselho de outros, os quaes diziam ser de conveniencia arredar dos legalistas a accusação de que por teimosia e intolerancia delles continuavam as desintelligencias, causadoras de graves desordens, havidas e por haver. [1] A situação parecia de tal maneira prenhe de successos de incalculavel consequencia, que muito justificada era de facto, a cordialidade presidencial; não faltava quem apregoasse que se usára de outros meios, *verbi gratia*, o adiamento da assembléa, esta se reuniria em qualquer outro sitio da provincia, para deliberar a seu alvedrio... [2]

O certo é que os conspiradores, que suppunham tirar maior proveito da sessão secreta, se disseminavam *urbi et orbe* que o resoluto Quichote da fala inaugural dos trabalhos parlamentares se convertera no cavalleiro da triste figura, vinte-e-cinco dias após; desde que leram o resumo do pensamento depois dahi dominante no gremio legislativo, impresso na acta dos respectivos trabalhos, — deixaram-se dominar por um despeito realmente despropositado, porquanto o que tinham obtido já era em si um famosissimo lucro, no jogo em que estavam empenhados. Em vez de pretenderem manter da sua parte, representantes de matiz moderado com que só transitoriamente podiam contar, o que convinha ao plano revolucionario era explorar o thema fornecido pelo relatorio do presidente e a derrota que padecera por obra dos liberaes-ultras afim de manterem a agitação que havia tanto sopravam. Impossivel lhes foi, porém, occultar o seu desapontamento. [3] No que o desponderava e era grande, o «Ecco portoalegrense» chegou a estampar: «Victoria, victoria, victoria, gritam por estupidez, tolice ou bajulação, inexpertos e illusos brazileiros: grande victoria (dizem elles) alcançou na sessão secreta o partido nacional assaz perseguido pelo inepto presidente». «Nessa acta preparada na escuridade do segredo

---

[1] Idem. Curioso é vêr como o espirito faccionario nos perturba, até fazer com que escriptores da ordem de Rodrigo Pontes, incorram em flagrantes contradicções. Em defeza de Braga, se esforça por inculcar que saiu airosamente do encontro, em sessão secreta. Em outra passagem, porém, confessa que foi para restabelecer a força moral do presidente, que a maioria resolveu dar á publicidade um manifesto...

O que a este respeito allega de importante Rodrigo Pontes, é que se aquelle declarou que a conspiração não existia no momento, tambem declarou antes que o meio efficaz de a destruir era tornal-a patente e conhecida de todos.

[2] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[3] Conta o auctor da «Memoria» citada que foi tamanho o de Marciano, vendo repellido o projecto de manifesto da minoria da commissão, que nesse dia despediu os representantes «com mau humor» e como se fôssem escolares vadios.

ou segundo parece no tenebroso antro de refalsada lisonja e do mais revoltante servilismo, não se encontra mais que a victoria do partido retrogrado». «Nenhum cidadão brazileiro em cujo peito exista amor pela liberdade, poderá lêr com sangue frio a acta da sessão secreta, vendo approvada pela assembléa a terceira base do parecer, que diz: — Se, porém, se convencer a assembléa, em vista de esclarecimentos, que a conspiração não existe e que a declaração foi de boa fé arrancada ao presidente por meio de informações infundadas, se declarará publica a sessão e a assembléa concordará nos meios de fazer saber á provincia e aos poderes publicos do Imperio, que tal conspiração não existe e que só o zelo do presidente pela manutenção da tranquillidade da provincia e integridade do Imperio fez que désse peso a taes informações, reconhecendo e justificando a assembléa as boas intenções do ex.^{mo} sr. presidente». Citada *in extenso* a referida base, pergunta a folha: «Seria boa intenção?» E enumera longamente as chamadas perseguições, feitas por Braga ao partido farroupilha, terminando o editorial com um violento ataque ao corpo legislativo, por motivo da mencionada acta. [1]

Por seu lado, resenha o «Recopilador» tambem com desabono para elle, o tempo que perdia. [2] Observa que se gastaram 27 dias para o debate da fala, e conclue, com um signal de assombro, que se votou alfim que «tudo foi arrancado á boa-fé do presidente!» E ajunta uma expressão de escarneo — «Concluida a farça», — para dar este remate ao seu juizo: «Não espereis, riograndenses, nenhuns bens da assembléa provincial: a gangrena tem damnificado esse corpo, de quem tanto beneficio esperavamos: deputados amigos da provincia jazem succumbidos, sem atinar com que remedio se possa cortar por uma vez tantos desatinos: os malvados tudo perturbam, tudo embaralham e querem levar á borda dos abysmos esta bella provincia». Em numero posterior a folha se manifesta com amargura, sobre o termo dos trabalhos parlamentares. A 20, diz, encerrou-se a primeira sessão. Outras obtiveram bens do seu corpo legislativo; a nossa provincia, «só males sobre males». Nos outros reinava sabedoria, caracter, senti-

---

[1] Recopilador», n.º de 23 de maio de 1835.

A folha enumera as «perseguições» e convem registral-as, porque já por si attestam o nenhum fundamento dos que asseveram ter sido durante as sessões da assembléa que ficou resolvida a guerra civil. Eil-as: portaria de deportação de Caldas; transferencia de João Manuel; processo de José Mariano; suspensão de Bento Gonçalves, do commando; conselho militar imposto a Bento Manuel; demissão de Sylvano e dos commandantes de permanentes; reintegração do «carcereiro da cadeia da capital, demittido pelo juiz municipal, a quem depois o presidente procura fazer mal»; a nomeação de Ferreira de Azevedo para a policia de Riopardo, onde é assistido por Silva Barbosa; o chamar á capital e ahi reter, como em custodia, o alferes Ulhoa Cintra, sem lhe consentir que vá buscar sua familia, — o que o forçou a demittir-se do serviço.

[2] N.º de 27 de maio.

mentos civicos; «aqui a baixeza, estupidez, servilismo e o desejo de vêr anarchisada a mais bella provincia, eram os dotes que possuiam os seus varios membros». «A nossa assembléa, que devia ser o prototypo da moderação e da justiça, se constituiu em uma senzala». [1]

Para o fim do artigo se deixa escapar, no entanto, que era o que mais doía no animo dos farroupilhas. Mostra a folha não esquecer, mostra a folha o rancor que lhe despertam os que haviam impedido mais completo desaire a Braga, fazendo passar o projecto de manifesto que os «exaltados» repudiavam; e exclama, alvejando os que mais contribuiram para isso: insultos, diatribes e outras nojentas personalidades de contínuo dirigidas pelos *deputados do centro* á meza, emquanto paralysados todos os negocios que incumbiam á casa!

O «Ecco portoalegrense», por igual collabora na campanha, tambem elle denunciando a esterilidade da assembléa: — Estão findos os trabalhos da primeira sessão, e praza a Deus que a seguinte se inaugure debaixo de melhores auspicios, disse o presidente. Em verdade (glosa o periodico), foi tumultuaria e della talvez menos haja resultado proveito, que damno. A decretação de um corpo de 700 praças, de uma taxa de 10.000 réis sobre cada legua quadrada de campo de criar e o manifesto que confirma ter havido uma conspiração que o presidente soube fazer abortar, são actos que nada abonam o saber e prudencia dos legisladores. A verdade é que dominou o espirito de partido entre elles.

Mas, a 18, surge o «Continentista», que altera de todo a estrategia até ahi seguida. A obra de propaganda com dissimulo e de trama clandestina, como de excitação velhaca e apparente legalismo, estava feita e terminada; jornal de combate mais franco e desvendado, o que surgia, tratou logo de ir direito aos fins que collimavam os conspiradores. Para isto era mister abater quanto possivel o poder publico existente, e, longe de imitar os collegas da mesma banda politica, lançou a publico o seu audaz commentario sobre a memoravel sessão de 14 de maio, que adiante será reproduzido: affirmava que o triumpho liberal fôra completo e absoluto o rendimento do poder publico, na pessoa de Braga. Não era a delle, a perfeita verdade, que passaria aos annaes; era, no entanto, a que convinha assoalhar, e direi, era a que as paixões queriam admittir e a que por fim admittiram. Em epocas tormentosas, como essa, a rasão publica recebe as cousas conforme quadram ou não ao que os homens desejam: impera a logica dos sentimentos. Baralham-se todos os successos e ninguem percebe a confusão em que andam. Rodrigo Pontes affirma que o imposto sobre «chapeados», que tamanha grita levantou, tivera como iniciador um membro da minoria, servindo aliaz de mote a esta, para seus ataques á maioria. Da mesma sorte informa que os farroupilhas falavam dos muitos crimes e necessidade de os reprimir. Que em conferencia de depu-

[1] N.º de 27 de junho.

tados, Calvet lembrou a conveniencia de uma suspensão de garantias, havendo só um voto discrepante e este da roda governista. Mas, puro engano, a boa-vontade com que os daquelle partido accederam, concordando em que se nomeasse uma commissão especial para «indicar os meios de policiar com mão pesada»... Constava expressamente esta clausula na indicação, que era do dr. Figueiredo Mascarenhas; consultados os amigos de Bento Gonçalves, não desapprovaram, mas, aberto o debate, as medidas propostas foram «todas classificadas de despoticas e tyrannicas»! Tal o clamor, que a maioria recuou e consentiu se retirasse o projecto, conhecendo o dolo com que o pretendiam tisnar, de excessivo no rigor. Fez-se recair, em summa, sobre a maioria exclusivamente a odiosa condição de quanto se alvitrou ou deliberou, fôsse de quem fôsse a idéa: para assim excitar os animos e accelerar a marcha da provincia para a revolta.

Identico processo de combate foi o empregado com relação ao presidente, cujas acções a imprensa habituou o grande publico a divisar atravez de um prisma desfigurador; e tal foi o seu exito que, más ou boas, erradas ou certas, umas e outras irritavam, da mesma maneira e sempre, os que as examinavam, nesse ambito de prevenção universal. Desde que o governo da provincia deu mostras de possuir a chave do velho enygma do Serrito, determinou os conspiradores ao levante immediato, — e curioso é notar que sendo Braga, por isso, o involuntario motor occasional da explosão, o governo do Rio-de-janeiro, por seu lado motor involuntario tambem o fôsse, e do modo mais grave para os interesses que representava.

Havia mandado para o Desterro em virtude de sollicitações do sul, o major José Mariano; mas, em aviso posterior, inesperadamente revogou a ordem. Peor ainda: tinha approvado que as auctoridades provinciaes suspendessem dos commandos de que se achava investido, o chefe visivel, ostensivo, das agitações denunciadas por aquelles, e, entretanto, por decreto de 31 de março reforçava o prestigio de Bento Gonçalves, nomeando-o, como foi dito, commandante superior da guarda nacional da provincia, emprego da maior importancia, observa o marechal Barreto, em officio ao ministro da guerra. [1] A insystematica attitude da regencia contribuia assim para dar aos liberaes a afinação guerreira, augmentada por elle proprio a exaltada confiança que já ostentavam, — especialmente nessa hora, sobremodo recrescidos os brios farroupilhas com a aura favoravel, que de novo bafejava «o chefe do partido desorganisador», conforme o intitulou o commandante das armas, que o via, e a provincia inteira, renascer como a phenix, das proprias cinzas, a que ás vezes parecia reduzido, na combustão das intrigas do tempo.

Cego e inepto foi o governo da Côrte a ponto de ser objecto de vivas suspeitas dos retrogrados. Nada serviu para abrir-lhe os olhos;

---

[1] De 16 de maio de 1835.

debalde o marechal Barreto, ao perceber que sobrenadava nos meios officiaes o nome de Bento Gonçalves, rapido transmittiu quanto lhe constava sobre o coronel. «Passa por certo, dizia, que mandou a Buenos-aires um commissionado, a tratar com Rozas, hoje dictador da mesma provincia, para installar-se no governo oriental o proscripto Lavalleja e auxiliando este a rebellião desta provincia, figurarem ambas nos Estados da Federação argentina». «E fóra de toda a duvida (insistia, referindo-se aos republicanos encapotados) que este coronel é a alma de tal partido, bem como são sabidos quaes sejam os seus planos». [1] Processal-o é inutil, accrescenta-se no officio, tão certo estava o commandante das armas, da força propria do movimento revolucionario, cujo impeto não dependia mais da situação legal do homem que o resumia: medidas, medidas efficazes, eis o que se lhe antolhava de urgencia, unicamente!

Um periodo do officio constitue uma revelação clarissima da gravidade já bem apparente das circumstancias, sabido como é o apego que tinha Barreto aos altos postos de governo, que lhe garantiam, e á familia, o predominio official, unico que podia ter em uma provincia votada, corpo e alma, ao mais fervoroso liberalismo: o commandante das armas, nelle, pede exoneração do cargo, — ao tempo em que Braga fazia o mesmo, depois de referir-se á «progressiva importancia que tem conseguido o partido desorganisador, que breve enlutará este Continente». [2]

Segundo Assis Brazil, ao volver a Portoalegre, o presidente deu ao governo do Rio, informes analogos aos de Barreto, «traçando com côres carregadas o estado tempestuoso das cousas. Denunciou a existencia dum partido separatista. Esse partido, dizia,

---

[1] Idem, idem.

[2] Braga nesse instante teve tão nitida visão das cousas, que ao serem escolhidos os vice-presidentes da provincia, fez as seguintes considerações perante a regencia. Noticiando os que foram eleitos pela assembléa e ponderando que visto a lei incumbil-o de dar parecer ao governo central sobre a collocação dos mesmos; deve dizer que «não julga prudente occupe terceiro lugar, mas sim o ultimo, Marciano, homem de genio arrebatado, sem tino algum para governar, ligado a um partido que se intitula farroupilha e que promove a desordem na provincia: o dr. Marciano envolverá o Continente em um pelago de males, se porventura as redeas do governo recaírem em suas mãos». Americo Cabral de Mello, collocado em quarto lugar, «reune todas as qualidades desejaveis»: «deve ser o primeiro». *De outra sorte é facil que a presidencia caia em mãos daquelle, pois o primeiro mora em Piratiny, a mais de sessenta leguas da capital; o segundo, juiz de direito do Riopardo, a mais de trinta.*

Os vice-presidentes eleitos foram estes: 1.º, Vieira da Cunha, 2.º Rodrigo Pontes, 3.º Marciano, 4.º Americo, 5.º Figueiredo Moreira, 6.º Martins Bastos.

O governo central, não aceitou *in totum* o alvitre de Braga: manteve a lista tal qual, apenas passando Marciano para o quarto lugar, e, para o terceiro, Americo.

Vide no archivo publico, officio de Braga ao ministro do Imperio, de 9 de junho de 1835 e resposta do referido secretario de estado.

tramava de combinação com influentes caudilhos das republicas do Uruguay e Argentina e cogitava annexar o Riogrande a essas republicas. Exigiu remessa prompta de forças militares respeitaveis, e terminou dizendo que, se lhe fossem negados esses recursos indispensaveis, não querendo ser responsavel pelos males da sua provincia, estava disposto a sollicitar a sua demissão dum cargo cujos deveres não poderia bem desempenhar nas occorrentes circumstancias. O governo respondeu-lhe que o estado precario de todo o paiz, onde se alastrava abertamente o incendio revolucionario, não permittia a prompta expedição de forças pedida; que resignasse-se o presidente a manejar, para garantir a ordem, os recursos proprios da provincia; que, emfim, brevemente se providenciaria no sentido de rendel-o na presidencia, enviando-se para esse cargo outro cidadão». [1] Deve aquelle ser o officio n.° 16, que não encontrei no archivo publico, e a que se refere o de 10 de janeiro de 1835, que vou citar, em o qual se percebe que não houve outro, depois do regresso de Braga. Em janeiro [2] havia reiterado algumas das declarações já feitas, assim como requerera o que registra Assis Brazil, ao enviar a representação dos habitantes do Riopardo, para que o governo removesse dali o major José Mariano e a Reis Alpoim. [3] Aquelle, diz o presidente, é o mesmo que figurou nas occorrencias de 24 de outubro, é o réu pronunciado agora em Riopardo como cabeça de sedição, e prosegue: «Na verdade, este homem sombrio, disfarçado, e de um caracter inquieto e turbulento, não convem de maneira alguma ao socego, não digo do Riopardo, mas da provincia em geral». Depois de se referir a José Mariano com esta severidade, ataca o «ambicioso» [4] e o partido «que elle sabe pôr em movimento quando lhe convem»; assim como ainda mais uma vez declara que o commandante das armas já havia pedido a transferencia daquelle militar e a «tinha deprecado» elle proprio. Adverte que Barreto, não attendido, insta pela sua dispensa, visto manter o governo os officiaes amotinadores, nas guarnições em que se acham. Reinsiste, por sua parte, em que sejam retirados, com o que garante a paz. Se não (termina) que o demittam, com o marechal.

Ainda e sempre desouvido, o presidente, depois de 20 de setembro, [5] volve-se para a incauta regencia, com o fim de reclamar o que nunca lhe foi dado obter: «No caso de que a causa da justiça e da rasão triumphe, convem indispensavelmente, que

---

[1] Pag. 68, 69.

[2] Officio de 10 desse mez e anno de 1835.

[3] Com data de 26 de junho de 1835, assignada pelo marechal J. de D. Menna Barreto, por J. J. de Andrade Neves, futuro barão do Triumpho, tenente Silva Barbosa, ex-auctoridade policial, João Luiz Gomes da Silva, auctor de Apontamentos que hei citado, e outros.

[4] Referencia a Bento Gonçalves. As palavras seguintes, de Braga, precisam com rigor o que muitos historiadores não comprehenderam, estudando as agitações da provincia.

[5] Officio de 29 de setembro de 1835, ao ministro da guerra.

sejam removidos da provincia o coronel Bento Gonçalves, que se acha á frente do partido, que pretende desligar a provincia do resto do Imperio, e que arvorou na capital o pendão da anarchia. A mesma sorte deveria caber ao major José Mariano de Mattos, alma da rebellião».

Ficam apreciados de que sorte e em que medida o papel politico do governo central e provincial concorreu para o desencadeiamento da tempestade revolucionaria, como já o foi em outro capitulo desta narrativa, o do commandante das armas. Resta estudar os outros dous elementos que consideram da mesma influencia no computo das causas determinantes do rompimento da provincia com as auctoridades existentes: a obra legislativa da assembléa local e a interferencia de Pedro Chaves na reacção conservadôra do segundo semestre de 1834 e primeiro de 1835. Antes, porém, de abordar o estudo destes factores influentes no abreviamento da crise, seja-me licito medir o valor de outro, que um moço já illustre, Alfredo Rodrigues, considera a causa primordial de quantas concorreram para a explosão revolucionaria. «A mais importante dellas, a que mais pesou no espirito da população, foi a necessidade de reagir contra o elemento portuguez, preponderante em toda a parte e senhor, por assim dizer, de todos os cargos publicos. Os nacionaes não se podiam conformar com a inferioridade de posição a que se viam condemnados. Em breve a prevenção contra os portuguezes devia degenerar em odio, pelas muitas violencias e tyrannias de que elles se tornaram culpados. A Revolução, a par das idéas liberaes, que incontestavelmente a impulsionaram, foi em sua essencia um movimento de nativismo, de jacobinismo, como se diria hoje, taxem-no embora de exagerado, mas em todo caso justificado e necessario». [1]

Ha nesta passagem do distincto contemporaneo mais de um engano de monta. Em primeiro lugar, confunde o caso geral do Brazil, com o caso particular do Riogrande do sul, pensando que ahi preponderava em absoluto o elemento portuguez e que por assim dizer vivia senhor de todos os empregos. Ora, os unicos que teve, podem ser mencionados e ver-se-á que nem pelo numero, nem pela importancia, podiam provocar consequencias que imagina.

Limitavam-se aos seguintes. O dr. Braga, a exemplo de administração anterior, que havia incorporado ao funccionalismo publico o brazileiro adoptivo Lourenço Junior de Castro, redactor da «Sentinella da liberdade»; nomeou para o thesouro provincial, um outro, como escripturario; [2] designando tambem, mais tarde, para o posto de 2.° commandante dos permanentes, a Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto. Estes dous factos não podiam ter in-

---

[1] «Bento Gonçalves, seu ideal», 7. Vide tambem «Notas para a historia da imprensa no Riogrande do sul», no «Almanak», XII, 235.

[2] Francisco José de Andrade Pinto. Vide representação contra Braga.

fluencia, porém, senão para o explosir da mina e nunca para o seu preparo, porque o ultimo tomou posse do cargo quando se produziu a scisão entre os liberaes e o primeiro entrou em exercicio a 2 de julho de 1835, quando a revolta já estava com o dia e hora marcados.

Dominante era, em parte, na provincia, o dito elemento portuguez, porque servia de caixa aos reaccionarios, pesando em favor delles, com o metal e com o prestigio decorrente da fortuna, que traz na dependencia numerosas clientelas. Quanto ao odio que despertava, é preciso que nos entendamos. Este era commum ao paiz e não vejo como possa determinar uma ruptura, do Riogrande, com as outras provincias do Brazil, que tambem se queixavam do ascendente dos lusitanos, e ellas com mais rasão, porque no sul elles immediatamente aceitaram o facto consummado, sem reagir, no minimo. [1] Nada tinha de particular á nossa terra, o jacobinismo de que acima se fala, e accrescentarei, em seguida, prova indiscutivel de que era mais brando e menos pugnaz do que alhures. Xavier Ferreira estampou no seu «Noticiador», uma correspondencia enviada á «Aurora», por pessoa da provincia, que diz ser de «grande conceito» e com a qual devia estar de perfeito accordo o citado farroupilha, pessoa de muita auctoridade neste gremio, pois que não appareceu, delle, commento nenhum em contrario. Eil-a: «Aqui não se nota por ora a infeliz rivalidade entre brazileiros natos e adoptivos, assoladora do Brazil: tanto que ha dias tendo de preencher-se differentes lugares de administração, foram os empregos conferidos, conforme os exames a que se procedeu, sem que se olhasse a lugar de nascimento, e, o que é mais, as folhas publicas não vieram censurar esta conducta ditada pela justiça, e pela Constituição». [2]

Sei que a noticia é de 1832 e que o annalista riograndense objectará haver sido grande a colèra despertada com as campanhas bairristas de Pedro Boticario. Isto, porém, foi lá para o apagar das luzes, quando a Revolução — é licito affirmal-o — já estava nas ruas.

Por isso, entendo que o sobredito rancor, não teve e nem podia ter a força que lhe quer descobrir Alfredo Rodrigues. O abalo no sentimento publico, sob esse aspecto, tão diminuto foi, que nada consta de perseguições especiaes aos filhos da antiga metropole e isto se deprehende da tranquillisadora proclamação de Bento Gonçalves a elles:

«Portuguezes, nada temaes: em vão o principal redactor do *Correio official*, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, corypheu dos retrogrados e

---

[1] Vide a já cit. carta de Felix José de Mattos a Xavier Ferreira, de 12 de outubro de 1822, em que attesta ter havido uniforme acquiescencia dos portugueses, ao acto desse dia. Diz assim o general: «Os pés-de-chumbo foram os primeiros a darem as mãos, que nós lhe aceitamos como generosos *brazileiros*».

[2] N.º de 16 de março de 1832.

causa primaria dos males que pesam sobre a provincia, tem querido alarmar-vos contra os patriotas, appellidando-os barbaros, anarchistas, salteadores, vossos figadaes inimigos e sedentos de vosso sangue. Não; este é um gratuito ultraje ao caracter generoso dos habitantes da provincia.

. . . .

Portuguezes! Nesta lucta recordai-vos de vossa posição; estranjeiros a nossos assumptos, não vos intromettaes nelles; guardai a mais estricta neutralidade, e vossas propriedades e pessoas estarão debaixo da salvaguarda da honra brazileira: vós outros não desconheceis o caracter hospitaleiro e generoso dos filhos desta provincia, e não temaes vêr entre nós outros, renovadas as scenas do Pará.

Tranquillisai-vos, os cidadãos que se acham á frente do povo armado não permittirão que se manche sua gloria com violencias e attentados, que deshonram as nações civilisadas». [1]

Narra Assis Brazil, é certo, o que se vai lêr: «O dia 20 passara-se calmo e sereno, como se não estivesse a cidade entregue á Revolução. Já nos primeiros dias seguintes, porém, algumas scenas desagradaveis se deram, reprimidas felizmente em tempo. Um sacerdote catholico, que se havia feito notavel nos motins da revolução de 7 de abril no Rio, e fôra por isso desterrado para o Riogrande, o famigerado padre Pedro, reunindo uma pequena malta de turbulentos, percorria as ruas, dando expansão ao seu mal entendido patriotismo, aggredindo e desfeiteando alguns membros do partido vencido. Armado duma palmatoria, este furioso padre applicou a muitos portuguezes o barbaro castigo dos *bolos*, obrigando depois os infelizes pacientes a passar *recibo* do que elle chamava *pagamento* das affrontas que o partido nacional havia recebido». [2]

O facto estava previsto na letra da propria mensagem do chefe da Revolução aos portuguezes: «Eu não duvido, escrevia elle, que a prudencia dirigirá vossa conducta; mas se houver entre vós alguns illudidos, que desgraçadamente se deixem arrastar por paixões ignobeis, e ousem oppor-se á vontade do povo, eu não responderei das consequencias de seu erro e dos males que lhes possam dahi sobrevir. O povo é justo, e saberá discernir o innocente do culpado». A parte activa que ainda a 19 de setembro tomavam no resguardo do presidente, explica a revindicta posterior: os magnanimos evitaram-na, mas os violentos lá andaram alguns dias a «discernir» quaes os accesos estranjeiros, que se tinham notabilisado como defensores de uma aborrecida situação politica. Indiscretos,

---

[1] «Murmurios do Guahyba», v, 209.

[2] Pag. 98.

Documento consignado na obra de Araripe («Revista do Instituto», XLV, 84), faz crer que o theatro das endemoninhadas travessuras do padre Pedro foi Pelotas e não Portoalegre. Preso, com outro collega, o padre Antonio Alves Pereira, foram conduzidos á Côrte, onde, depois de pronunciados pelo crime de rebellião, foram soltos em virtude de amnistia. Vide «Relação dos presos» etc., folha solta (typographia do «Despertador»), no meu archivo.

sobremaneira indiscretos no modo como se comportaram, pouco antes e depois do dia referido, desencadeiaram, por essa quadra, grandes odios, na alma de alguns patriotas. Surgiram, entre estes, idéas de vingança collectiva; porém, no terreno pratico, jámais ultrapassaram o que era muito justo, como evidenciarei, e é facil induzir, de uma cousa desde já allegavel, *id est*, que a desaffronta não creou a inquebrantavel, a generalisada solidariedade, que o nacionalismo produz em toda a parte, onde uma raça vivaz se encontra offendida e acalçada. Circumstancias do maior valor descobrem até que a reacção nos filhos do paiz, por não ser excessiva, manteve ao lado delles, elementos que de outra fórma os repudiariam com decidida intransigencia. As que vou expor antolham-se-me de muito merito.

Pedro Boticario — um dos citados patriotas e o terror dos lusitanos [1] — da sua prisão do forte do Mar, escreve a Bento Gonçalves: «A respeito de galegos, cumpri, eu vos rogo, o que ordenastes ao nosso amigo Netto, quando comigo vos achaveis na Lages». [2] Adivinha-se o que podia ser: de certo eram rigores. Mas, em primeiro lugar, o prescrevel-os faz crer que antes se não tinham dado os desafogos nativistas; em segundo, tanto contradiz isto, a tudo o que sabemos do temperamento de Bento Gonçalves, que logo se comprehende que taes inspirações só momentaneamente o assaltavam e estimulavam. Recente experiencia o scientificara das escandalosas demasias a que se tinham entregado os portuguezes, depois da queda de Portoalegre e mormente depois do Fanfa, e o ver-se como se via, numa «hedionda masmorra», em boa parte por obra de gente dessa nacionalidade, como ainda ameaçado por ella em seu destino então actual; cousas eram para irrital-o. [3] Que foram unicamente pensamentos occasionados pela má sorte presente, e que, escapo das garras do despotismo, deu outra vez livre curso á sua magnanima bondade, indicio nenhum indicando o supposto predominio do jacobinismo, nem nelle, nem em outrem; ahi está para attestal-o a historia inteira da guerra e o que vou em breve mencionar. [4] Quanto ao general a quem diz Pedro Boticario que se dirigiu o presidente prisioneiro, esse, em todo o periodo de sua direcção militar longe esteve de admittir outros sentimentos, que

---

[1] «Benemerito patriota a quem deviamos ver esta canalha de cabeça baixa», diz a citada missiva de Codro.

[2] Carta de 10 de fevereiro de 1838. Meu archivo.

[3] Vide carta de Bento Gonçalves a João Antonio, em 6 de julho de 1837. Meu archivo.

O general incita os companheiros a não desistirem da lucta, a manterem-se em concordia, mostrando quanto se tem tornado «melindrosa sua situação» de prisioneiro, e, conclue: «Eu poderei ser victima da ferocidade portugueza, que são os que dominam o governo, mas morrerei contente vendo meus patricios unidos salvarem a Patria (onde deixo nove filhos), das garras desses tyrannos».

[4] Vide esclarecedora carta de Nico de Oliveira, de 27 de fevereiro de 1839, a Bento Gonçalves. Meu archivo.

não fôssem os que pautavam a conducta de Bento Gonçalves. Nem com a pertinacia dos referidos estranjeiros, na intratavel animosidade mostrada contra os liberaes, se desencabrestam as furias da perseguição contra elles, depois que o movimento revolucionario se apossa de quasi toda a provincia. Por esse tempo, Netto lhes dirige uma proclamação, em que mais se lêm conselhos do que ameaças. [1] Sob a Republica — que teve Francisco Moreira da Silva Verde, adoptivo, entre seus fundadores — [2] tudo concorre para desesteiar a these de Alfredo Rodrigues, como para patentear que a má vontade aos antigos dominadores do Brazil, se foi indubitavelmente um factor concorrente do levante, de modo nenhum se lhe pode reconhecer mais do que isso, sem o despreso de tradições de valor incontestavel, que negam, ao nativismo, os caracteristicos de causa por excellencia do pronunciamento.

De facto, ainda não tendo em conta rasões implicitas em toda esta exposição, como admittir outra cousa, em face do apoio que deram ao novo systema politico, muitos individuos originarios da velha metropole? Não só diversos o aceitaram, como lhe prestaram generoso e espontaneo concurso, que desmente de todo a absoluta incompatibilidade, presumivel na hypothese ora debatida e que tem raizes em exame superficial do assumpto. Sufficiente citar os nomes de Xavier Ferreira e Simeão Barreto, morto aquelle no carcere, e este, martyr da idéa revolucionaria, cruamente enforcado em Itapuã, depois de sustentar o fogo, com heroismo, contra a esquadrilha imperial, que o tomou prisioneiro. [3] Posso ainda mencionar o nome do major Luiz Rodrigues, commandante de um corpo de infantaria, que muito se distinguiu pela bravura e disciplina. Manuel Martins Barroso, empregado aduaneiro do Imperio, que foi official maior da repartição do thesouro em Piratiny e depois inspector da mesma. Antonio José de Abreu, professor publico em Piratiny e por algum tempo com o cargo de procurador fiscal. O Menino Diabo tambem era portuguez, convindo notar que o seu esforço teve algum brilho, precisamente nas horas immediatas ao grito revel, que Alfredo Rodrigues inculca destinado sobretudo a dar combate aos lusitanos e ser principalmente adverso a elles.

Se existissem profundas animadversões, capazes de gerar uma reacção armada, como se explicaria a presença de taes pessoas, entre os revoltosos, quando é o melindre nacional um dos mais activos, na alma das creaturas? Imposições da necessidade crearam os laços que os mantiveram sob a bandeira liberal? Não é de crer, porque, no maximo, se mostrariam tolerantes e subordinados, sem jámais cooperarem com o seu braço, e até com o tributo da vida, em lances de dramatico devotamento. Depois, dous exemplos posso

---

[1] «Proclamação aos portuguezes residentes no Continente», de 21 de agosto de 1837, á vista de Portoalegre. Meu archivo.

[2] Alberto Rodrigues, «Almanak popular brazileiro», I, 85. Malaquias Antonio de Oliveira, carta de 6 de janeiro de 1840, a L. Forte Gatto. Meu archivo.

[3] «Povo», de 29 de dezembro de 1840.

eu trazer a publico, de sympathia e concurso moral e politico, de homens independentes. Antonio José Gonçalves Chaves, uma das illustrações da epoca e uma das grandes fortunas da provincia, era brazileiro adoptivo, como tive ensejo de assignalar, e occupou na assembléa provincial uma cadeira, que lhe designou o partido farroupilha. [1] Acceital-a-ia um personagem desta ordem, aceitaria semelhante distincção, se importasse em desdourosa alliança com inimigos figadaes de seus compatriotas de origem? [2]

O outro ainda é caso mais significativo: o avô paterno de Pedro Moacyr, o grande tribuno, que mantêm erguido em nosso parlamento o pendão tricolor dos livres, face a face do bastardo estandarte dos retrogrados de hoje, miserandas sobrevivencias de um tempo que julgaramos para sempre sepulto e mortifera congregação de infernaes purificadores, cuja passagem pelo poder, na antiga terra liberal, não só profana as tradições do passado, como requeima as fecundas sementes do porvir — *semina fecundæ segetis calcata perussit.* [3] A pessoa a quem me refiro, José Gonçalves Vianna, distincto portuguez cujo nome honrado me é grato fixar neste livro, mostrando já muitos annos, e á cabeça, extremamente sympathica, os adornos de venerabilissimas cãs, dizia, com os olhos brilhantes de enthusiasmo, que tivera «a honra de matricular-se entre os cidadãos riograndenses, no Alegrete», a ultima capital da Republica, e completava a menção, em presença do auctor, com estas palavras textuaes: «Aquelles foram os tempos aureos do Riogrande!» [4]

---

[1] Chaves, depois da primeira phase da Revolução, retirou-se para Montevidéo, para onde transferiu sua xarqueada. Antes disso, porém, deu valioso concurso ao partido que appellou para as armas, o que ao meu intento bastara registrar; mas, posso addir que um dos descendentes do illustre homem de letras me informa que seu «avô sympathisava muito com os farrapos». Refiro-me ao que me diz em carta de 21 de fevereiro de 1913, o nosso digno ministro junto ao Vaticano, o dr. Bruno Chaves, irmão dos saudosos riograndenses Alvaro e José Chaves, benemerito propagandista da republica, aquelle, e, este, distincto engenheiro, uma das flores da culta sociedade de Pelotas, que o idolatrava, como quantos o conheciam.

[2] Antes de Chaves, analoga distincção mereceu dos farroupilhas, outro brazileiro adoptivo, o padre Bernardo José Viegas, que foi eleito membro do conselho geral da provincia, além de ter sido designado para outros cargos populares. Vide «Propagador da industria riograndense», de 9 de outubro de 1833 e «Observador», de 2 de fevereiro antecedente. Collecções de um e outro em meu archivo.

Simeão Barreto era tambem homem de cabedaes: fazendeiro, segundo informe que encontro em officio de José Antonio da Motta, de 18 de dezembro de 1838, a João Antonio. Meu archivo.

[3] Lucano, «Pharsalia», VI, 525.

[4] Publicação recente me auctorisa a incluir nesta lista o tenente-coronel Francisco Xavier da Cunha, depois brigadeiro do Imperio. Escreve Lobo Barreto que «caído Braga do poder, Cunha se retirou á sua fazenda na Terradura, exercendo o cargo de juiz de paz; que effectuada a reacção, continuou retraído no seu districto, *dizendo seus inimigos* que elle repro-

Examinarei agora o papel historico da assembléa provincial, no surto do grande acontecimento.

A camara eleita em virtude do acto addicional, foi imprudente. Composta de 7 deputados que haviam figurado na chapa official de Pedro Chaves e de uns 10 «exaltados», contava ainda (entre amigos de Bento Gonçalves, de um matiz menos violento, e amigos do governo, menos incondicionaes do que os primeiros) um grupo relativamente forte, que haveria podido constituir o fiel da balança politica, equilibrando, por algum tempo mais, as forças em discordia. Em vez disso, logo após a explicação de Braga, os campos se discriminaram mais claramente, com decisivo augmento da maioria, á custa do gremio de côr moderada que até alli desinteressadamente tratava de conciliar os animos; contribuindo a nova arregimentação para o transito e victoria parlamentar de um orçamento verdadeiramente provocador, que muito contribuiu para aggravar uma situação, já de si angustiosissima.[1] Em uma somma de despezas que apenas ia a 318.477$000 réis, nada menos de 100 contos eram destinados á manutenção da nova policia, que foi logo considerada um perigoso *odjack* de janisaros. Além do sobresalto que a creação trazia aos conspiradores, irritou a todo mundo, tanto a desmesura da dotação, como o meio de que se serviram os governistas para fazel-a passar: uma simples emenda de Manuel Felizardo, á lei annua, que foi approvada de surpreza, apenas com ũa maioria de dous votos, segundo o «Noticiador».[2] Esta folha, como denuncia que aproveitava ao partido farroupilha, não deixou correr sem os brados precisos, a pressa com que se fazia o recrutamento para o imponente corpo de 700 praças, destinadas a jugular a insubmissa opposição;[3] e outro periodico, o «Recopilador», certo de attrair o odio geral sobre a ordem politica que buscava apoio na força, estampou largo extracto de Dumarsais, condemnatorio do governo militar.[4]

A assembléa não commetteu só esse erro de tactica, já devidamente criticado pela imprensa, como consta de transcripção an-

---

vara tal temeridade e se offerecera a Bento Gonçalves para retomar a cidade». Accrescenta o chronista, porém: «nós, fazendo justiça, não acreditamos». E de crer, entretanto, porque assegura o «Povo», n.° de 29 de setembro de 1838, que se quiz apresentar por duas vezes ás bandeiras liberaes, affirmativa a que dá auctoridade um filho do brigadeiro, o qual nos certifica de que «elle sympathisava com o movimento republicano». Além da tendencia politica, outra circumstancia o approximava do chefe da Revolução: era seu parente por affinidade. Francisco Xavier da Cunha, «Reminiscencias» (o 2.° artigo), no «Jornal do commercio», de 1912. Vide nota em o appendice.

[1] Foi votado definitivamente a 9 de junho.

[2] N.° citado no «Recopilador» de 2 de setembro de 1835.

[3] Acto presidencial de 1.° de agosto de 1835. «Correio official», de 12.

[4] Cit. n.° de 2 de setembro.

terior. Ao passo que prodigalisava um terço, quasi, da renda, com a mencionada verba de despeza [1] e não pequena outra parte com a creação da thesouraria provincial, alvitrada por Manuel Felizardo; pretextando falta de recursos, negava assentimento a propostas mais populares, como, por exemplo, a urgente dragagem do baixio do Cangussú, projecto dos farroupilhas. [2]

Mas, o peor é que não bastando a receita ordinaria para a gravosa lei de despezas, mister foi decretar novos impostos, sempre mal vistos, em hora como aquella, sobretudo; recorreu-se a uma taxa de 10$000 réis sobre legua quadrada de campo de criar e outra de 20°/₀ do valor sobre alcool nacional de consumo. É certo que a assembléa favoneou o sentimento nativista dos riograndenses, votando uma contribuição de 50$000 réis sobre lojas que tivessem empregados estranjeiros, e sobre tavernas ou armazens que negociassem bebidas espirituosas extranhas ao paiz, sempre que vendessem a retalho. Comtudo, o que havia de sympathico para o povo nestas medidas, não chegava a contrabalançar a repulsa que despertavam as outras, principalmente o imposto territorial e o que se fixou no orçamento das camaras municipaes: o dos chapeados de prata, que menciona Bento Gonçalves no manifesto de 1838. [3]

O que recaía sobre as propriedades ruraes levantou brados. Luiz José Ribeiro Barreto, talentoso boticario do Triumpho, que depois teve parte, como ministro, no governo da Republica, assim se manifestava sobre o novo gravame, em carta a Domingos de Almeida: «É admiravel o vêr-se como se conserva na presidencia quem tem perdido toda a força moral, faltando-lhe igualmente a physica; um caso extraordinario o fará agora expirar, e succumbir

---

[1] Sem rasão diz Ramiro Barcellos que era «mais de metade». Pag. 20.

[2] «Recopilador» de 27 de maio de 1835 e «Noticiador» de 21 de setembro do mesmo anno. A adiavel despeza com a thesouraria, accrescenta esta folha, as destinadas «a quilombolas, 12 contos, quando bastariam 4; 5 contos para gratificação de certos e poucos empregados; augmento de ordenados a outros». Ajunta ainda: «Despezas que se fizeram, e continuarão a fazer, sem ser auctorisadas por lei, deram lugar a um *deficit* que foi supprido á pressa, e sem maior reflexão. Aos deputados da opposição a que pertenciamos (diz Xavier Ferreira) nada pesará em suas consciencias, a respeito: lá correm impressas as actas das sessões aonde fizeram suas declarações de voto; e o sr. Antonio José Gonçalves Chaves, que tanto e continuamente bradou contra augmento de despezas, e tantas emendas fez ao orçamento provincial, foi não só achincalhado na assembléa como fóra della, pelos Correistas, que queriam dinheiro, viesse donde viesse, chorasse quem chorasse, arrastando após si alguns deputados incautos».

A segunda proposta era de Marciano, diz o «Recopilador» de 27 de maio, que a 27 de junho glosa factos como esse, affirmando que Pedro Chaves, com seu cunhado Dias de Castro, para tudo empecer, suscitavam questiunculas, gritavam não haver dinheiro para melhoramentos e tratavam de augmentar ordenados.

[3] Era de 2$000 réis.

algum pequeno partido que o rodeava, é isto a sancção da iniqua imposição dos direitos nos campos. Esta medida tem merecido a execração de todos os credos politicos e quando de facto não cair por alguma deliberação legislativa na futura sessão, é certamente inevitavel a desordem na provincia, segundo observo o animo dos povos». «A flexibilidade, e condescendencia, ou melhor, a falta de energia do governo central, é a causa de todos os males que ora soffremos, e temos soffrido. Praza a Deus que um dia se não esgotem os soffrimentos dos riograndenses livres, que, então, adeus despotas infames, adeus tyrannia, tudo succumbirá». [1]

Já o destinatario da irritada carta, já o proprio Almeida, em plena assembléa prophetisara que «ao serem lançados alguns impostos haveria uma Revolução». [2] De accordo com elle quanto ao valor malefico do contingente incautamente accrescido ao publico descontentamento, e em segredo anhelando encaminhar os successos, para o desejado rumo; o destro «Recopilador», nos dias proximos ao levante, retomou como thema dos seus escriptos a obra legislativa. Um delles é de hora já climaterica — 2 de setembro — e por isso o transcrevo quasi integralmente, porque é precioso informe para o estudo da epoca, acontecimentos anteriores e subsequentes. É o seguinte:

«Um clamor geral se tem levantado por toda a provincia contra as atrozes imposições, que a assembléa provincial decretou e que o bom do nosso presidente sanccionou». «Em vez de melhorar, retrogradamos a passos agigantados para um abysmo... Reformado o pacto fundamental, esperava o povo, que seus males se remediassem... Quaes os bens que emanados do corpo legislativo provincial, viessem cicatrizar as chagas que o despotismo, e proximamente o governo que sob Pedro I regeu este rico, porém malaventurado Imperio, tinha feito ao corpo social? Um só acto se rão descobre... Parecia, pois, que o unico obstaculo ao complemento da nossa felicidade era dom Pedro I: elle abdica e os males se duplicam, sem que aquelles de quem o povo esperava, contribuissem para sairmos do cahos», iniciassem «um só melhoramento, uma só economia: antes o desperdicio tem sido a norma pela qual se tem guiado até presente o governo nascido da revolução de abril. Com esta declaração não queremos mostrar-nos saudosos do oppressivo e malvado governo do ex-imperador, mas, sim, mostrarmos que, quer o governo presente, quer o corpo legislativo geral e quer o corpo legislativo provincial, nenhum impulso tem dado ás nossas instituições».

«Se olhamos para os trabalhos do corpo legislativo geral, nada apresenta que mereça a consideração ou ao menos a esperança de que melhorará a nossa sorte: reformas e mais reformas; innovações e mais innovações; augmento de ordenado a uns, mes-

[1] Carta de 15 de agosto de 1835. Meu archivo.

[2] «Os illudidos». Folha solta. Riogrande. Typ. do «Mercantil», 1835. Meu archivo.

quinhez para com outros; e neste contínuo circulo vicioso, gasta-se o tempo, nada se faz... Todos os annos fala-se em reforma do systema monetario, fala-se em reforma dos nossos codigos... e nada até o presente se tem feito, e, com afouteza dizemos, nada se fará, emquanto tomarem assento na camara, homens ou totalmente extranhos aos males por que estamos passando ou alheios aos negocios de que se acham incumbidos, ou, emfim, guiados por sordido interesse»: uma «horda de facciosos, que a coberto do nome» de «moderados, têm levado o desespero e a indignação ao centro» dos lares, «arruinando as finanças, introduzindo a desmoralisação, posta a ladroeira na ordem do dia, santificados os mais enormes delictos e estygmatisada a virtude!»

«Olhando para o governo central e para os bens que tem feito, não se pode, sem manifesta injustiça, deixar de o encarar como automato imbecil e incapacissimo de dirigir as acções de seus delegados: occupado todo de si, arranjando seu bem particular, com detrimento do bem publico. Extranho ao que se passa nas provincias, importando-se pouco com o desarranjo dellas e com os vexames que soffrem os povos, das primeiras auctoridades; nenhum dos remedios tem applicado, já não dizemos para sanar todos os seus males, mas ao menos para em parte evitar o progresso delles».

«Encaremos, por fim, os actos de prudencia emanados do corpo legislativo provincial e com uma simples, porém veridica exposição delles, confirmaremos nosso presupposto. Pela vez primeira se reuniu a assembléa provincial e já principiamos a amaldiçoal-a, por não ter sabido despresar a intriga, suffocando quaesquer resentimentos no altar da Patria, afim de só curar dos males que nos cercam e melhorar a sorte daquelles por cuja causa se reune». Depois de largamente rememorar os actos da assembléa relativamente á denuncia da conjuração, augmento de empregos, e novas tributações, o «Recopilador» assim conclue: «Baldados esforços são os de que usam os inimigos das livres instituições, afim de tornal-as aborrecidas e destarte, mansa e pacificamente acclimatarem na Patria dos Canecas, o oppressivo e vergonhoso jugo do Mandonismo, — embora harpias aurisedentas procurem a escravidão, como unico lenitivo a seus males; e se hoje representam a um povo que os abomina, não dista muito o dia em que serão lançados para o nada, de onde saíram».

Não se pode fazer menos compromettedor e mais decidido ataque á situação politica vigente na provincia e no Imperio, como um mais claro appello á mudança — pois que o disfarce é transparente; — mudança que se annuncía para breve, sendo muito de notar que o articulista mescla na censura aos governos e parlamentos, de casa e de fóra, a formal condemnação dos «moderados». [1] O rompimento com estes, era patente, aliaz, desde que

[1] Curioso é verificar que, quanto á revolução de abril, os mesmos, precisamente os mesmos argumentos reproduz em 1837, o «Republico», o famoso orgam «exaltado» do Rio-de-janeiro. Vide n.º de 19 de janeiro collecção em meu archivo.

a folha dos accesos liberaes do sul, nem ao proprio Evaristo poupava mais! Em seu numero de 29 de abril [1] não se dedignaram elles de dar publicidade a escripto que antes rejeitariam furibundos e em que, com manifesta injuria, se declara «forjado» pelo redactor da «Aurora» o processo de José Bonifacio, quando ninguem «acredita que favorecesse a restauração». [2]

Como a assembléa, Pedro Chaves tem responsabilidades que se prendem ao movimento revolucionario. Muito menos, porém, do que aquellas que lhe distribuem sem exame. Não o quero indultar. Disponho, ao contrario, de seguros dados, para o julgamento desta bravia *psychè;* tres bastam para a caracterisar e a elles me cingirei, no estereotypal-a muito á ligeira. Em 1837, auctor principal da insensata reacção promovida em Portoalegre contra os legalistas moderados, fez aggredir em plena rua a um destes, o major Matheus Gomes Vianna, «escriptor elegante e bom poeta», [3] que muito se distinguia na redacção do «Liberal», da cidade do Riogrande; por suspeitar aquelle possesso, que este seu contemporaneo era o director do «Correio riograndense», orgam que por sua cordura lhe provocava diabolicos frenesis. Ia acabar o infeliz jornalista, ás mãos do assalariado, quando generosa e dignamente interveiu Antonio de Sá Brito, bradando que o matassem e não a.

---

[1] De 1835.

[2] Não conjecturo existissem taes sentimentos, pelo facto da simples transcripção do artigo, que já significa muito, tratando-se de pessoa que os liberaes de todos os matizes, no sul, sobremaneira veneravam antes. Resulta o que expendo, desse facto, e do que consta no proprio editorial, reproduzido antes. Nelle, o «Recopilador» declara que os «moderados» «mais querem perturbar, que consolidar, a grande obra encetada por aquelle a quem se não pejaram de amargurar mais os seus já cansados dias, só para saciar o implacavel odio» que lhe votavam. Qual se vê, a scisão nos elementos que tinham feito o 7 de abril, chegava a tamanho extremo, que os radicaes esqueciam a politica reaccionaria do «patriarcha» e sem a minima referencia a ella, affrontavam os antigos companheiros de jornada, com os inneganveis serviços do talentoso paulista, á causa da independencia.

Descubro outro indicio, este muito anterior, do rompimento dos farroupilhas com os «moderados», em numero da citada folha, de 2 de agosto de 1834. Nesse, transcreve ella uma local do «Defensor do povo», da Bahia, em que se relata a ida para o Recife, do dr. Cypriano Barata, «em virtude de perseguições, que lhe faziam os do partido moderado (*infame peste da sociedade*), deixando saudosos os exaltados».

Não me consta que outro auctor haja tido em conta estas circumstancias, que desvendam assaz o estado de animo dos liberaes riograndenses e o rumo em que marchavam, depois que perderam a confiança de conseguir o que era desejado, por via de uma ampla reforma federativa.

[3] Alfredo Rodrigues, «Notas para a historia da imprensa no Riogrande do sul», no «Almanak», XII, 248. Tambem foi Matheus, diz, secretario do governo provincial, durante a Revolução, fallecendo pelo 5.º anno da guerra, na cidade do Riogrande, para onde se recolhera enfermo.

Matheus, pois era elle e não este o editor e responsavel pelo que apparecia na folha. Ainda assim, o segundo foi barbaramente espancado, assegurando-se que mais tarde veiu a succumbir, de consequencias do traumatismo; e o mandatario do crime, depois da sua negra façanha, correu a acoutar-se na casa de um cunhado de Pedro Chaves, onde o foi prender Osorio, por ordem do presidente da provincia, tangido a isto pelo clamor publico. [1]

De novo deputado, o nosso triste heroe, em meio da assembléa provincial e com abuso da sua herculea força, vibrou tremenda bofetada em um collega respeitavel e inoffensivo, medico de nome, o dr. Ubatuba, que ousara discordar e combater opiniões do prepotentissimo e deshumano personagem, então no auge da fortuna politica. Mais tarde ainda, nomeado para a presidencia da Parahyba, fez uma «justiça trigosa», das que apraziam a um seu real homonymo e ancestral na crua barbaridade, justiça analoga á que por sentença do segundo padeceu Affonso Madeira, quando «este escudeiro se veiu a namorar de Catharina Tosse», «e não podia perder della vista e desejo», «traspassado do seu amor». Como descobrisse que certo rapaz conseguira captar uma de suas mestiças e a deshoras se introduzia em palacio, resolveu preparar-lhe uma cilada. Feito o ingresso do furtivo amante fadado a perder aquillo que as creaturas «em mór preço têm», [2] o brutamonte salta-lhe em cima, como uma féra na arena arremette sobre victima que o destino lhe entrega: tolhida esta, o terrivel Pedro Chaves toma-a nos musculosos braços, como se fôsse um infante, e consumma um acto de atroz monstruosidade. Aproveitando para o improviso de uma prensa mutilatoria, o espaço livre deixado em grande abertura interna, por bisagras de velho modelo; metteu entre a couceira e o aro de uma porta, o orgam considerado mais criminoso, no episodio que tanto enfurecera o presidente, — e de golpe esmagou a fonte das energias do infeliz mancebo, cuja virilidade assim totalmente expirava. *Nullaque sunt subito signa relicta viri!* [3]

Não precisaria juntar mais nada a este quadro teratologico, se não calhasse a primor, para o completo desenho intimo do barão de Quarahy, uma reminiscencia, que devo a um seu contemporaneo e correligionario. [4] Depois do violento erethismo em que se manteve a effeito da sua grande guerra civil, sobreveiu ao Riogrande do sul, o que em geral succede a essas prolongadas crises de suprema

---

[1] Vide «Jornal do commercio», de 25 de agosto de 1837, carta de Portoalegre, de 12; no meu archivo, uma outra de Almeida a Villaça, de 21 de novembro de 1847, e umas notas do proprio punho de Coruja.

[2] Fernão Lopes, «Chronica de el-rei dom Pedro», cap. 8.

[3] Ovidio, Opera, «Fastos», IV, 242.

Ha quem affirme ter intima relação com esta maldade, a tentativa de assassinato, de 21 de agosto de 1841, na Parahyba, em que Pedro Chaves quasi não escapa do bacamarte de cinco pessoas, que lhe fizeram uma espera, a quatro leguas da capital, antes de chegar o presidente ao engenho Tibiry. («Jornal do commercio», de 10 de setembro).

[4] Desembargador José de Araujo Brusque.

energia: os sublimes esforços do povo tiveram como consequencia uma intensa e dolorosa prostração. Privado ainda Pedro II da somma de poder e influencia precisas para contrapesar a malefica preponderancia de odientos e odiosos reaccionarios, desgraçadamente não começara a traduzir em memoraveis feitos o seu papel historico, de firme resistencia ás oligarchias e de nobre amparo aos opprimidos, sobretudo de nimia moralisação administrativa; de sorte que na propria provincia que o repellira, Pedro Chaves poude inaugurar, e manter com grande medra, um predominio indiscutivel, por meio do qual subiu, como se gabava, aos mais altos postos do Imperio. Se a Republica hoje existente não houvesse tido a gloria de crear na terra dos «farrapos», o mais humilhante e funesto dos despotismos, diria a historia que a opprobriosa supremacia do antigo redactor do «Correio official» representou não só a maxima vergonha, como a maxima degradação em que houvera podido caír o Estado, agora captivo dos continuadores do famigeradissimo regulo. Senhor de baraço e cutello, não lhe pareceram bastantes os favores da omnipotencia e quiz saborear o requintado goso de metter o «chicote» na propria face da provincia inteira. Escolhido para o senado, fez uma derradeira visita a Portoalegre e como pessoas gradas do partido conservador e graudos eleitores em que se apoiara, o cercassem, pressurosos em dar-lhe as mais fagueiras demonstrações de apreço; foi com o riso escarninho e com uma affrontosa mofa, que os recebeu e despediu, manifestando aos intimos, o solemne e absoluto despreso em que tinha os seus patricios!

Não creio reclamem os colleccionadores do authentico perfil de almas satanicas, maiores pinceladas, no de que me occupo. Não insisto em aggravar com a repetição de outros, a physionomia moral desta sinistra creatura, que morreu em paz, no remanço de Piza, depois de ser no Brazil tudo o que a sua ambição lhe pediu: com a boa sorte ainda, de deixar traz de si, na terra que o sceptico esquecia e menospresava, alguns descendentes que em nada se lhe assemelharam. [1]

Mas, se tal foi, se tal veiu a ser Pedro Chaves, na quadra que pallidamente historío, pouco mais feio era o seu retrato, do que esse que nos legou, num rapido traço, o primeiro manifesto de Bento Gonçalves — «um joven turbulento e faccioso»—sendo positivamente inexacto, por excessivo, o que gravam na imprensa do tempo os desaffectos. «Quem é Pedro Chaves? (perguntam alguns desses). O

[1] Um delles, o dr. Paulino Chaves, modelo de homem privado e politico honradissimo, cuja memoria acatam quantos o conheceram e estimaram, e o auctor muito venera, com saudade extremosa. Outro, o conselheiro Alfredo Chaves, tambem pessoa muito distincta.

E, entre o primeiro e o segundo, a que depois foi condessa de S. Clemente, um anjo de bondade, cujas azas protectoras abrigaram a muitos desgraçados.

Como se vê, a fada constante, que acompanhara a Pedro Chaves, até nisto lhe foi propicia: esmaltou-lhe, com a excellencia dos filhos, o nome desbotadissimo, ainda que recoberto de brazões.

magistrado prevaricador, o mau cidadão, o homem mais abjecto, o mais indigno, e o que menos conceito gosa em toda a provincia. [1] Mas, fôsse tudo isso! É preciso convir que ainda mesmo tendo em conta as muitas más acções que lhe attribuiram, das quaes algumas correm por provadas, como, entre outras, a de introduzir na urna, a cedula por via da qual votava em si mesmo, para vice-presidente; [2] ainda mesmo tendo em conta quanto delle apontavam: é preciso convir que foi de valor secundarissimo a sua parcella de responsabilidade, nas circumstancias que arrastaram o Riogrande a um pronunciamento armado, visto que no apreço dos successos, a posteridade não pode sanccionar os juizos, sem base, de coetaneos apaixonados.

Não ha duvida de que a nascente ambição de Pedro Chaves, já assaz o desponderava, dizendo-se na imprensa que depois de mostrar inclinações restauradoras em S. Paulo, o titulo de juiz de direito da comarca do Riogrande o convertera em «exaltado» que não poupava exprobrações aos lusitanos, [3] e affirmando Bento Gonçalves que fôra «successivamente anarchista, absolutista, republicano, retrogrado»; pessoa que «num dia excitava o odio, e o furor popular, ou inspirava assassinios contra os adoptivos, e os acariciava insidiosamente no dia seguinte, afim de os fazer servir á vistas de tresloucada ambição e ao furor da vingança». [4] O chefe dos descontentes, porém, nada mais fez que usar da arteirice por elle imputada ao seu contrario, insinuando, depois do juizo que reproduzi, ter sido a unica e exclusiva origem da agitação publica, a polemica entretida por Pedro Chaves com Pedro Boticario. Evidentemente, com a propria «manha» que enxerga no antagonista, o coronel amesquinha as proporções do que occorria, para desviar a attenção dos que lhe não eram favoraveis; mas, quem acredita no effeito prodigioso que encontra nessa contenda jornalistica? Imputava-lhe o milagre de semear todos os males, como a boceta de Pandora, esquecido de que era este o artefacto de um deus e a outra, a obra de um desauctorisado juiz de 26 annos de idade! Certo acirrou velhos odios, certo mais fundo ainda cavou o sulco das divisões civis havia muito conhecidas, certo lhe coube açular mais do que era crivel a sanha que desde annos atraz mantinha em surda guerra duas fracções do povo riograndense. Não nego o que foi a douda campanha sustentada por Pedro Chaves, como factor de progresso na existente e antiga irritação publica. A profunda inexperiencia que tinha, dos processos empregaveis na séria lucta politica, travada no sul, e o desenfreio de monstruoso temperamento, o arrastaram, eu sei, até o insulto collectivo de seus patricios do campo, que intitulava de proletarios sem eira nem beira, invejosos dos que possuiam alguma cousa, «farroupilhas», isto é, pobres que por falta de

---

[1] «Recopilador», de 3 de junho de 1835.

[2] Idem, de 17. Vide tambem A. A. Pereira Coruja, «Memoria sobre a Revolução de 1835», no «Annuario», v, 125, e cit. carta a Villaça.

[3] «Recopilador», de 14 de janeiro de 1834.

[4] «Noticiador», de 26 de fevereiro de 1834.

talento, ou excesso de vicios não puderam ainda melhorar a sua fortuna». [1]

Ao lançar-se um automovel em marcha, de commum a faisca accendedora logo inflamma os vapores da gazolina e giram sem demora todas as peças do engenho. Casos ha, todavia, em que só depois de successivas explosões iniciaes, se consegue vencer a inercia do pesado vehiculo, precipitando-se elle, celeremente, atravez dos espaços, como um turbilhão vertiginoso. Tal se deu com a machina revolucionaria; não foi de golpe que se moveu, para rodar incessante, quasi dez annos. Pois bem, era ouvir-se um desses estrondos frustros ou de calculado ensaio — precursores de um que tería o esperado vigor — e o orgam do destemperadissimo retrogrado, como os que recebiam inspirações de sua furia reaccionaria, gritavam que o fito do ajuntamento era o saque das cidades, grosseiro expediente que, se prevenia os animos para a defeza, radicava o odio e o anhelo de desforra, na alma popular, pondo até em estado de verdadeira e patente rebeldia, muito antes da guerra declarada, os homens da campanha, sobretudo os das circumvisinhanças da capital, onde mais facilmente chegavam as repercursões dos escandalosos aleives.

Não deve esconder, entretanto, a historia sincera, o que em abono de seu ex-redactor e do circulo a que pertenceu, diz o «Correio official», em data proxima do levante: «O novo *Continentista* continúa insultando com todo o descaro a todos aquelles que não concordam com idéas anarchicas, apellidando-os *retrogrados*, *cabelleiras*. Seus socios, o *Recopilador*, e o *venerando Noticiador*, lhe tem prodigalisado todo o elogio; repetindo as maximas do *Campeão da anarchia*. Porém nós não nos dando ora ao trabalho de lhe responder, diremos, que a *retrogradação*, é invenção muito mais futil do que a *restauração;* esta sim, que era punhal de melhor gume para ferir, e desacreditar os amigos do socego, e da lei. Acabou-se com a morte do duque de Bragança aquelle manancial de intrigas; e o povo brazileiro parece que já cansado de soffrer as imposturas dos *charlatães politicos*, *que tudo desacreditam*, *para pescarem nas aguas turvas*, não faz caso de semelhantes calumnias, ouvindo-as com o despreso que merecem. Os suppostos *retrogrados* e *cabelleiras*, como homens, todos terão os seus defeitos; porém uma virtude se lhes não pode negar, qual o serem mais comedidos em suas expressões, e acções, do que os *desordeiros*. Ainda se não leram nos periodicos da Ordem, *insultos* como nas columnas do *Ecco portoalegrense*, *Recopilador*, *Idade de pau*, e *Noticiador*, onde os defeitos da vida privada de varios cidadãos têm sido expostos ao publico, com o descaramento, e insolencia proprios de seus redactores. Concluiremos, pois, que o partido desses apellidados *retrogrados*, não festejou jamais com assuadas e foguetes a prisão de algum cidadão, professe elle *qual dos credos bem quizer;* nem tampouco as noticias desfavoraveis ao partido contra-

[1] «Correio official», n.° de 7 de março de 1835.

rio. Confrontem-se as prisões dos srs. majores Mattos, e Camamú; as suspensões dos commandos dos srs. Ferreira e Sylvano, e outros iguaes acontecimentos; e ver-se-á então qual dos dous partidos se tem portado com mais moderação e delicadeza, nessas occasiões a que os *desordeiros* tratam de Triumpho». [1]

Seja como fôr, entre as desponderações da ambição do novel jornalista e o que se tem affirmado, medeiam modificadores de outro vulto, na producção do phenomeno aqui sujeito a analyse e julgamento. É uma lenda adrede creada pelos que conspiravam, e levianamente repetida atravez de mais de sete decadas, a de que a refrega de imprensa constitue a verdadeira «origem da agitação». Teve inicio, esta, para o fim da campanha dos «patrias» e foi engrossando dia a dia, a partir de 1832, até que estourou, tres annos depois, como uma de muitas trombas de agua, que surgem pelo sul, e que de grau em grau ampliam o bojo no espaço, e emfim rebentam, alagando as terras subjacentes, ora breves, ora duradouros, os effeitos do cataclismo.

Os desvarios faccionarios de Pedro Chaves, que na sessão secreta de 14 declarou retirar-se da provincia, [2] e que de facto nella já não estava muito antes de setembro, tanto motivaram a revolta desse mez, quanto o «despotismo» de seu tranquillo, fraco e inoffensivo irmão. Legitimo o levante contra seu governo, porque se preparava, em torno de sua pessoa, uma defeza da auctoridade que, victoriosa, faria do Riogrande o feudo de um temperamento furibundo, escravo das suas paixões e do egoismo de meia duzia de naufragos politicos de 7 de setembro e de 7 de abril, e precipitaria no Imperio o surto do chamado regressismo. Legitimo tambem foi que os fautores do pronunciamento empregassem uma habil propaganda subversiva, que malquistou de modo absoluto o governante com os governados, arrastando a estes contra aquelle, por via de uma intriga efficaz. Tempo é, porém, de que se restabeleça a verdade historica e cesse a antipathia publica, em seu trabalho de pintar como um tyranno, quem nunca teve as entranhas do irmão.

Já estudei algumas das accusações que lhe faz o manifesto dos dissidentes.

---

[1] N.º de 12 de agosto de 1835.

Ao tempo deste escripto, creio que Pedro Chaves já estava no Rio-de-janeiro. O «Recopilador» de 11 de julho dá o «consta» da partida do referido dr. e de Manuel Felizardo, e tenho informes que foi ella a 15.

Supponho poder affirmar que a redacção do «Correio official» ficou a cargo de Rodrigo Pontes, o que concluo do confronto entre dizeres delle na «Memoria» e os de alguns artigos do periodico, nesta phase.

[2] «Recopilador», de 10 de junho de 1835.

Rodrigo Pontes diz que estava ausente havia mezes. Vide «Memoria» e nota anterior.

As desta peça são as mesmas que compendia, com mais desenvolvimento, a representação da assembléa provincial, ao alto governo do Imperio. [1] A data da remessa convence que os rebeldes não tiveram outro escopo que colorir o facto consummado, insubsistentes todos os motivos que formulam, para justificar o apello á força contra o mandatario do centro, a quem já se nomeara substituto. Ainda que repute assaz aprofundado o exame das circumstancias que antecederam a leva de broqueis contra o dr. Braga; em uma das declarações do sobredito papel se me depara assumpto que julgo digno de meditação e esclarecimento. Dizem os deputados riograndenses que «cinco mezes se não haviam decorrido, quando o ex-presidente, abusando da confiança, com que o governo de s. m. o nomeara para governar-nos, zombando da boa fé com que seus concidadãos lhe haviam dado a força moral de que elle precisava, e sem a qual nenhum governo subsiste; atraiçoando o espirito publico de seus governados; e traíndo seu juramento, e suas promessas, se lançou nos braços de uma facção ambiciosa, que aqui, bem como em todas as provincias do Imperio, tem manifestado suas vistas de retrogradação; tornou-se o chefe dessa facção: esforçou-se com ella em fazer reviver antigas e quasi extinctas dissensões, cimentar a desordem, e violar todas as leis». [2]

Em primeiro lugar, já vimos o atropelo de *todas* estas, a que proporções ficou reduzido. Em segundo, a discordia nunca esteve em caminho de dissipar-se, como se terá verificado na presente e larga exposição, e antes se avoluma num *crescendo* ameaçador, até o desenlace das grandes intrigas politicas, que mediaram entre 1832 e 1835. Em terceiro, o presidente, em vez de esforçar-se com a predita facção, para o fim denunciado, alliou-se-lhe, constrangido pelo imperio das circumstancias e sciente da conjura separatista.

Neste membro da phrase se traem os conspiradores: «cinco mezes se não haviam decorrido...» Ainda que a imprecisão da linguagem por vezes calculadamente disponha a variadas interpretações do pensamento que se exprime, aqui não logra occultar a verdade, e, sem longas exegeses, facil é determinar o espinho que irritou os animos e lançou-os em uma precipitada resolução. De 2 de maio a 1.º de Outubro, permaneceu integra a solidariedade do partido liberal, com a administração da provincia. Não ha duvida que em meiados de agosto, a 16, se deu o rompimento de Pedro José de Almeida com o irmão do presidente, mas isto ainda muito tempo depois se considerou uma simples lucta pessoal. Apesar da theoria que sustentava Bento Gonçalves, relativa a este episodio, para encobrir a trama revolucionaria; o certo é o que exaro antes e a prova nol-a fornece a propria folha dos «exaltados», em um breve retrospecto. A 27 de agosto de 1834, estampou um artigo a que já fiz referencia, em que dirige um appello aos dous riograndenses, para que interrompessem a polemica, em que, diz o «Recopilador»

---

[1] Em 6 de fevereiro de 1836.

[2] «Correio do povo», de Portoalegre, n.º de 21 de julho de 1898.

com muito bom senso, dão goso e esperança aos restauradores, observando a estes, não pensassem, pelo que acontecia, poderem ter comsigo Pedro Chaves. O debate foi amargurando a um e a outro, como foi explorado pelos caramurús, que já em setembro cercavam o contendor de Pedro Boticario, com as suas manifestações de apoio e sympathia, — movimento que fez o circulo opposto cerrar fileiras em torno do tribuno popular, objecto dos odios dos novos amigos do juiz de direito e terror dos absolutistas. A 1.° de setembro sobrevem a conspirata contra Sylvano, em que Pedro Chaves observa equivoca attitude, senão mal encoberta hostilidade, e declaram-se relativamente a elle as suspeitas dos farroupilhas, que não escondem o seu resentimento, contra o irmão do presidente. [1] O dr. Braga, porém, não se mesclava com os successos; fugia até de ter a minima interferencia nos que occorriam, preferindo, no mais grave dos dissidios, pedír a Bento Gonçalves que fôsse aplacar os animos. Isto, creio, é uma boa prova de sua confiança nos liberaes; como é de que os mesmos não o julgavam connivente em cousa nenhuma com os adversarios do partido, o facto citado na propria representação da assembléa, de o chamarem aquelles á capital, «exigindo com instancia a sua vinda», para dissipar os effeitos do que o geral das creaturas tinha por uma simples rivalidade dos dous Pedros.

Fóra desse só um outro incidente se produziu, que os conspiradores poderiam allegar como attestante de que o dr. Braga se havia bandeado para a facção retrograda: a sua tentativa, na verdade impolitica e censuravel, de evitar que o visconde de Camamú fôsse preso na cadeia civil, em vez de o ser na militar; erro aliaz explicabilissimo, se tivermos em conta a categoria do réu e os preconceitos do tempo, que ainda perduram sob a Republica, mais de tres quartos de seculo após. Mas, não se pode acreditar que hajam querido mencional-o em 1836 os deputados, quando era sabido que o presidente cedeu á pertinacia do juiz de paz, ainda que procurasse usar de uma certa sophisteria: e positivamente não o mencionam, por quanto tratam de quebra de harmonia posterior a quasi «cinco mezes» de administração e a exigencia austera de Pedro José de Almeida é de principios de julho, isto é, uns dous mezes depois da posse de Braga. Igualmente não é admissivel se refiram aos desgostos com a inepta e condemnavel acquiescencia á mudança de parada do 8.° de caçadores, porque é de crer se tivessem desvanecido todas as prevenções nascidas com esse facto. Fundo-me para dizel-o em que o desconfiadissimo Pedro Boticario ainda a 26 de agosto expressamente declarava a sua confiança «na innata justiça do presidente», opinião que era a de todo o gremio liberal, pouco antes da partida de Braga para o sul; como tambem me fundo em a circumstancia de que isto se estampou no «Recopilador», sem a nota da minima divergencia, qual se pode verificar em o n.° de 3

[1] Consultar o «Recopilador», de 4 de outubro de 1834.

de setembro. [1] Assim, não só embarcou, aquelle, nos melhores termos com os correligionarios, como foi a 29 de novembro, ao regressar, que appareceu o artigo do mencionado periodico, iniciando as hostilidades. Conseguintemente, é para mim cousa averiguada, que aquillo a que desejam alludir, por alto, os deputados revolucionarios, na parte em questão, de seu libello, é um facto de exclusiva iniciativa de Braga, justamente do periodo a que se referem os sobreditos deputados, isto é, quasi decorridos cinco mezes de governo, e que aconteceu nos ultimos dias do quinto; facto cuja importancia para os conspiradores, caracterisei em outra passagem: a deportação do padre Caldas. Desde ahi, a revolta immediata ficou decidida no espirito de quem havia muito a preparava: já urgido por circumstancia mencionada alhures, esta lhe tirou todas as hesitações e o capacitou de que não tinha tempo a perder.

Quem pode hoje duvidar (documentada como se acha a historia) de que a provincia se não alçaria em armas, positivamente se não alçaria, só e só com o fito de abater a um funccionario que pedira a sua dispensa do cargo e ia ser substituido ? !

Dando outra orientação á campanha da imprensa liberal, o «Continentista» assim gravou o seu pensamento, antes mencionado de leve, a respeito das explicações do administrador da provincia, no dia 14 de maio: «Viu a opposição o presidente a seus pés, bem como a assembléa nacional de França a Luiz XVI. Que mais queria ella ? Não era a sua victoria campleta ?» [2] Buscando humilhar o presidente, em fogoso artigo, o orgam republicano, sem o querer, legou aos vindouros uma antecipação do juizo que formulariam, sobre o personagem cujo papel historico teve remate, como o do *Capeto*, em uma fuga, corrido um e outro pelo anathema da parte mais valida de um povo, a bem dizer de todo o povo em peso: mui acertadamente o compara ao referido monarcha ! De facto, como o delle, o seu governo se inaugurou entre festas e canticos de esperança. Como o infeliz soberano, não soube decidir-se pela corrente dominante, nem a tempo requerer ou promover por si as reformas capazes de canalisar no sentido da paz publica, a fecunda agitação existente, pondo com audacia na balança dos negocios nacionaes a espada de que podia dispor. [3] Como o fraco marido de Maria Anto-

---

[1] De 1834.

[2] Rodrigo Pontes, «Memoria».

[3] Successos, ainda pouco vulgarisados e expostos em outro volume, demonstrarão que o auctor está longe de manifestar um parecer utopico. *Mutatis mutandis*, o dr. Braga podia ter feito em seu tempo, o que em o nosso propuz a Julio de Castilhos: propuz, diante do dr. Borges de Medeiros, que saísse da inacção e á frente de seus compatricios, unidos todos em volta da bandeira regeneradora, impuzesse ao governo federal uma politica sinceramente republicana e reformista dos abusos, sob pena de alçar-se em armas com o Riogrande do sul.

Numa e noutra hypothese, sería de effeito decisivo o lance, porque em 1835, como em fins de 1901, o poder publico central não conseguiria resistir a semelhante eventualidade, manejada com talento a força incon-

nietta cedeu ao pernicioso influxo dos que cercavam esta imprudente, quanto inditosa mulher; o dr. Braga, como liberal que era. não soube resistir á avidez do circulo que lhe absorvera o irmão, e como o principe decapitado se entregou aos reaccionarios, que desejavam instituir uma politica odiosa, a que, no intimo, o chefe do governo nunca daria os seus applausos, como não nos dava o outro.

O parallelo é tão legitimo, que ainda se pode dizer que o dr. Braga, como Luiz XVI, não foi deposto porque nutrisse velleidades ou inclinações tyrannicas: sim, porque o unico meio de salvação para o seu prestigio pessoal, era ou retirar-se ou pôr-se á frente do movimento revolucionario, afim de guial-o e dirigil-o. Como aquelle, porém, não era homem para grandes resoluções: ao contrario, das duas caudaes que se lhe depararam, ao sentar-se na cadeira presidencial, achegou-se por fim á que mais repudiava a sua terra de nascimento, á que pretendia impedir um phenomeno nessa hora inevitavel por via da força, e eis o maximo erro que lhe podem imputar os que entendam haver sido o regimen federal, com ou sem a republica, a solução em 1835, do vasto problema politico-administrativo que sacudia o Brazil até os fundamentos, e considerem insufficientes tanto a que lhe deram em 1824 quanto em 1834.

Um espirito de igual fraqueza, que andou envolto nesse rijo cyclone, arrastado por vezes sem saber para que rumo seguia, e que muito se lhe parece; um outro espirito, que afinal inclinando-se a diverso campo, obedeceu aos mesmos honrados intuitos que Braga teve, para unir-se aos retrogrados: ainda que incoherente nos seus juizos sobre a Revolução, deixou provas de que se lhe faltava um criterio seguro, não lhe faltava o talento para vislumbrar, em suas origens remotas, o motor effectivo do extraordinario evento. Talvez outra fôra a attitude do presidente, se pudesse discernir o que nelle havia de irremovivel pela fórma que imaginou, o que nelle havia de justo e conforme a antecedentes ineluctaveis, e assim define o seu nomeado collega e contemporaneo, pessoa, como Braga, de muita serenidade: «Temos como principal causa disso, escreveu elle, o secular despotismo militar que pesou sobre a provincia, desde a fundação de seu primeiro presidio em 1737, e que, ainda depois de livre e independente o Brazil, não pequeno desenvolvimento teve, durante a guerra com a Confederação argentina, que principiada em 1825, finalisara tres annos depois». [1]

---

trastavel de heroica, prestigiosa terra, hoje sem peso algum na collectividade brazileira e reduzida á misera sorte de outra, que assim retrata Seneca, em o «Hercules furioso»:

> ....*Prosperum ac felix scelus*
> *Virtus vocatur; sontibus parent boni;*
> *Jus est in armis; opprimit leges timor.*
> ....
> ....*Quis satis Thebas fleat?*
> *Ferax deorum terra, quem dominum tremis?*

[1] Sá Brito, Memoria cit. Curioso é que Alfredo Rodrigues, nella apoiando-se, despresasse esta preciosa observação do auctor, e sómente recolhesse um dado secundario, de valor minimo, e nullo até para o ef-

Chronistas amaveis de nosso tempo, descrevem esse outro, como se constasse a vida quotidiana da provincia, do que resam os selectos archivos das secretarías de Estado, os quaes fixam, quasi exclusivamente, o que convinha fôsse conhecido de el-rei nosso senhor, se acaso tivesse a lembrança de mandar á capitania, os seus inquiridores. Assim, abundam nelles os registros de actos insignificativos ou lisonjeiros para a sempre exalçada acção governativa: rarissimamente algum que a pudesse comprometter ou deslustrar. O mais das vezes armazenam com excessivo luxo de pormenores, verdadeiros ou fantasticos, os interesseiros dados que o favor destina aos fastos militares do paiz. Fonte de informes preciosos seriam os autos dos juizos de residencia (sabia instituição da monarchia antiga, sem succedaneo até hoje), mas tinham elles caído em desuso e não ha constancia de nenhum, ao menos na tradição oral. [1] Aqui, ali, entretanto, a historia descobre hoje um rasto de malfeitorias recatadas, mais outro amanhã, com que, juntos aos que respiga a custo, atravez de annos de má colheita; consegue um dia reconstruir a já apagadissima imagem do que foi um scenario de côres carregadas e cruas. Obtemos uma ligeira idéa do que era o nosso, com o depoimento de imparciaes testimunhas coevas, a respeito de tropelias contra o patrimonio dos cidadãos. Mas, o que soffriam estes, na sua pessoa moral, em consequencia do arbitrio dos proconsules, ficára para sempre sepultado no esquecimento, desprovidos de meios de informação os escriptores, por absoluta mingua de periodicos e typographias; se a memoria dos homens

---

feito em que o empregou. Que luzes teria encontrado, se combinasse o pensamento de Sá Brito, com os da mensagem de Marciano á assembléa provincial ou com aquelles da proclamação de Bento Gonçalves aos portuguezes!

O vice-presidente accentua que a prosperidade da provincia fôra interrompida pelos enormes e continuos saques feitos contra o thesouro riograndense, emquanto recaíam sobre a industria, gravosas tributações, favorecedoras da importação do xarque do rio da Prata, no territorio do imperio. Observa que «o barbaro trafico de africanos e a escandalosa introducção de moeda falsa são dous terriveis flagellos com que têm tido de luctar» as populações. Menciona os impostos creados pelo derradeiro orçamento, «quando a producção da provincia mostra um aspecto melancolico». Só depois de referir-se a factores de natureza mais grave é que o illustre medico registra os de categoria propriamente politica: «Se a estes males, senhores, ajuntardes a marcha desregrada, caprichosa e anti-nacional da transacta administração provincial, incuria e continuados desvios daquelles a quem cumpria attender ás necessidades e clamores das provincias, talvez depareis com as principaes causas da convulsão que experimentamos».

Bento Gonçalves nada menos que isto, escreve em já referido papel: «Desde muito tempo os symptomas de descontentamento e insurreição se hão deixado sentir na massa do povo em todos os angulos da provincia; e por muitas vezes, cidadãos amigos da ordem e esperançados em medidas salutares do governo central, hão contido sua tremenda explosão».

[1] Affirma Pereira da Silva que em todo o Brazil «se nullificara com a execução e pratica». «Historia da fundação do Imperio brazileiro», I, 109.

não conservasse alguns episodios summamente expressivos, para os revelar quando possivel publical-os. [1] Notai-me este.

Regendo a capitania, como capitão-general, dom Diogo de Sousa, requereu-lhe pessoa ainda viva (diz o «Recopilador») a mandasse elle soltar, porque estava presa sem crime algum. O regulo traçou o seguinte despacho, ao mais justo dos pedidos: «Sente-se praça em chimango [2] e dê-se-lhe uma roda de pau». [3] Relembrando-o, em

---

[1] Vide appendice.

[2] Corpo de chimangos chamavam ao em que eram recolhidas as praças mais despresiveis do exercito. A auctoridade colonial quiz, de uma só vez, impor um barbaro castigo e a convivencia, ainda mais revoltante, de gente daquelle calibre.

Mais tarde, este mesmo qualificativo davam-no os retrogrados, aos liberaes, aceitando-o estes, com garbo e ufania, como, depois, o de farrapos.

[3] Não é demais juntar a essa reminiscencia, o que recordava um portuguez imparcial; o que «a experiencia lhe tinha mostrado em nove annos que assistiu» na capitania do Riogrande, «respeito á magistratura e justiças da mesma, onde a todos os instantes se estão vendo as maiores violencias e injustiças». Descreve elle o estado do pretorio e chega depois a este ponto: «Os dous juizes ordinarios que serviram o anno passado, um delles de pessimos costumes, ignorantissimo, louco e enfatuado, cheio de dividas, eleito por empenhos; o outro homem cordato e dos bons da terra; o primeiro ficou nesta villa governando, e o fez á maneira dos bachás da Turquia, chegando a ter grossos grilhões nas suas escadas para atemorisar os povos, e os fez botar em algumas pessoas, prendendo e descompondo os povos, e os que vinham á sua casa com a barba mais crescida lha mandava fazer pelo barbeiro, tirar os capotes aos que entravam na sua casa de capote, fazendo pagar dividas com violencias e outras muitas cousas de que eu mesmo sou testimunha ocular.

Enfadados os povos, de semelhantes procedimentos, se queixaram por petição ao meu ex.mo governador, ao que respondeu o fizessem ao ex.mo vice-rei do Rio-de-janeiro, a quem competia, por se não querer embaraçar com jurisdicções alheias, e deste modo o soffreram até o fim do anno, em que representaram á camara desta villa para se lhe não dar a vara de almotacé, ao que a camara assentiu por ter visto e presenciado todos os factos. Este mesmo homem, considerando-se criminoso pelo que tinha feito, tirou logo carta de seguro, e principiando-se em janeiro a chamada devassa da janeirinha, jurando immensas pessoas nella, de vista e facto proprio, contra o mesmo juiz; são passados oito mezes sem ter sido pronunciado, e por consequencia, e de proposito, nulla a mesma devassa, para que, pondo-se-lhe uma pedra em cima, nunca mais se falasse naquillo, ficando por consequencia impune um crime de tanta ponderação». Magalhães, «Almanak da villa de Portoalegre», 59, 61.

E quizesse eu produzir mais modernos factos, para mostrar como se fazem as chronicas absolutistas!...

Um exemplo, entre muitos. As do tempo da Revolução de setembro, fazem grande cabedal de alguns desvarios dos partidarios liberaes, durante o seu dominio em Portoalegre. Não consta, porém, fôssem praticados, ali onde a auctoridade revolucionaria dispunha de meios para os impedir. Pois bem, scenas, como as que ides lêr, occorriam impunemente dentro de um quartel e não conheço vestigios officiaes de semelhantes brutalidades. Ao contrario, dizem as peças governativas, que a 15 de ju-

1835, a folha dos liberaes, [1] talvez sem o notar pela fórma que convinha, marcava na maldade de um dos despotas *(ab uno disce omnes)*, o peccado original do regimen de força, nominalmente morto em 1822 e effectivamente em plena floração muitos annos depois. Contra elle é que ia sublevar-se uma terra victimada, com poucas excepções, por uma geração inteira de governantes, de que o ultimo pagava por todos na animadversão publica, sendo o que menciono, talvez um dos menos culpados e dos mais innocentes.

O absolutismo, que continuava sob apparencias constitucionaes (tal qual hoje !), vivia da violencia, e essa, que trago para exemplo, resume o systema existente. Tenho eu que basta para o desenho do accumulo de crimes — não delle, de outrem — que expiou a seu modo o presidente Braga, como expiou em circumstancias parecidas e com um fado mais severo, o rei Luiz de França.

....

A interpretação contraria á que expuz, falta em absoluto qualquer fundamento historico. Por haver negligenciado o estudo de preciosos antecedentes, impressiona-se Alfredo Rodrigues com os protestos legalistas dos rebeldes, em 1835-1836, e diz que «delles se fez ecco mais tarde, tanto é verdade que esses eram os sentimentos da maioria dos revolucionarios, o manifesto de Bento Gonçalves, em 1838, ao assumir a presidencia da Republica». [2] Havendo antes dado esse colorido á sua empreza, simples coherencia os obrigava a

---

nho tinha findado «o jugo ignominioso de ferozes anarchistas», * sem a minima referencia ao reino angelical destes mansuetissimos representantes da auctoridade legitima:

«Quando a guarnição da cidade voltava de algumas sortidas suburbanas, só se ouviam *vivas* e *morras;* era nessas occasiões que os dous novos alferes ** e com especialidade o *Chaguinhas* entravam pelo quartel ameaçando matar os presos; estes, porém, já prevenidos pela gritaria se acautelavam entrincheirando-se com travesseiros e colchões, alguns por baixo das camas e outros encostados ás paredes». Por fortuna dos numerosos prisioneiros de que estavam atulhadas as prisões do 8.º, os vapores do alcool impediam as pontarias, «de tantos tiros e por tantas vezes», de sorte que nenhum dos farroupilhas foi attingido. A situação delles era de tal risco, entretanto, que «em uma destas vezes o vice-presidente dr. Marciano teve a coragem de se apresentar á grade, pedindo a morte só para si, e que poupassem os outros que eram innocentes. Em outra vez, o capitão Pimentel, não tendo podido alcançar abrigo, precipitava-se de uma janella, na altura de mais de dous andares, sendo arrastado para dentro pela força herculea de Joaquim Gomes dos Santos Marques, com rasgões nas calças e arranhões na pelle». — Vide «Episodios da Revolução de 1835», por Antonio Alvares Pereira Coruja, no «Annuario», IV, 121.

[1] N.º de 28 de agosto.

[2] Já muito antes de o publicar, estava Bento Gonçalves á frente do governo.

* Proclamação de Araujo Ribeiro, de 3 de agosto de 1836.

** Sargentos Sisenando e Chagas, promovidos a alferes em commissão pelo muito que se distinguiram a 15 de junho, na volta da cidade ao poder dos legaes. Eram dous mestiços muito irasciveis e dados á ebriedade.

manter as primitivas rasões com que à tinham justificado;[1] a peça a que se refere o novel historiador, deve ser lida com intelligencia da situação politica e moral vigente. Manuel Alves da Silva Caldeira, veterano da grande guerra liberal, pensava desta fórma: «Pela oppressão que soffria o Riogrande foi que» se «fez a Revolução, e não para depor Braga». «O manifesto de Bento Gonçalves (o de 1838) explica bem os motivos que deram causa para ella apparecer, e não o procedimento de Braga, *porque o desgosto do povo vinha de longa data.* A DEPOSIÇÃO DE BRAGA ERA O PRIMEIRO PASSO QUE BENTO GONÇALVES TINHA A DAR, PARA FICAR DE POSSE DA PROVINCIA...»

Era o passo que ia elle emprehender, na epoca a que chega a narrativa.

«...PARA MAIS TARDE ERGUER-SE O BRADO DA REPUBLICA», accrescenta o respeitavel farrapo.[2] Esta idéa, porém, guardavam-na, Bento Gonçalves e os principaes conspiradores, no fundo do coração.

Tolhia-lhes a palavra, breve desoppressa, a fina corda de linho que cingira, ao alto do patibulo, a turgida garganta de Tiradentes.— horrida lição por certo a revolucionarios incautos, como o grande martyr do seculo precedente!...[3]

---

[1] E outros motivos, que depois serão exarados.

[2] Carta de 13 de setembro de 1894. Tenho deste informante, memorias e epistolas de muito apreço. Como succede, porém, até mesmo a letrados, melhor expunha falando, que escrevendo. As suas confidencias verbaes ainda mais serviram para consolidar no meu espirito, a theoria que espóso ha muito, do que o material que me legou, por aquella maneira. Na confabulação, quem ouve e não é de todo alheio ao assumpto, com uma pergunta ou com uma advertencia, faz dissipar a tempo o que occorre de confuso ou incoherente no exposto,—defeitos que ficam nas largas dissertações, traçadas por pessoas que se perdem, no esforço de vencer as difficuldades da redacção, por vezes ingentissimas para os despreparados.

[3] Vide nota no appendice.

A REVOLUÇÃO

Eu protesto á face dos céus, e dos homens, acabar antes nas ruínas de minha Patria, do que vêl-a escravisada.

Bento Gonçalves.